JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 20 de setembro de 1981 | Ano XCI — Nº 165 | Preço: Cr$ 40,00

Aureliano assume 4ª-feira por dois meses

TEMPO

RIO — Tempo parcialmente nublado a claro; nevoa umida pela manhã. Temperatura estável. Ventos Norte, fracos a moderados, com rajadas ocasionais. Máxima, 38,1 (Bangu); mínima, 18 (Alto da Boa Vista).

O Salvamar informa que a temperatura da água é de 23 graus dentro da baía e de 22,5 fora da barra. O mar está calmo com águas correndo de Leste a Nordeste.

* Temperaturas referentes às últimas 24 horas

(Mapas na página 36)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B**, e **Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo**.

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Rio de Janeiro/ Minas Gerais
Dias úteis .... Cr$ 30,00
Domingos .... Cr$ 40,00

São Paulo/Espírito Santo
Dias úteis .... Cr$ 35,00
Domingos .... Cr$ 40,00

RS, SC, PR, MS, MT, GO, DF, BA, SE, AL, PE
Dias úteis .... Cr$ 50,00
Domingos .... Cr$ 50,00

Outros Estados e Territórios
Dias úteis .... Cr$ 60,00
Domingos .... Cr$ 60,00

O Vice-Presidente Aureliano Chaves assumirá quarta-feira a Presidência da República, por decisão do próprio Presidente Figueiredo, depois de tomar conhecimento do laudo médico que lhe recomendou repouso por um prazo de até oito semanas.

O anúncio foi feito na noite de ontem, às 19h40m, pelo Chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, depois de um dia de intensas consultas a todos os ministros. A nota foi redigida com a participação do Vice-Presidente, dos três Ministros militares e do Chefe do EMFA, que se reuniram à tarde no Othon Palace Hotel.

O Ministro do Exército, Walter Pires, falando ao JORNAL DO BRASIL, disse que o Sr Aureliano "assume porque é o Vice-Presidente. Isso de Vice-Presidente não assumir é uma tradição que tem que ser quebrada". O Vice-Presidente visitou o Presidente Figueiredo às 19h, no Hospital dos Servidores do Estado, onde permaneceu por 1h, e às 20h20m voltou a Brasília. Aureliano manteve a sua programação de viagens: hoje vai a Guaratinguetá, em São Paulo, e amanhã estará em Itajubá, no interior de Minas. Cancelou apenas a visita a Araçatuba.

O porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, afirmou que a substituição temporária do Presidente não deverá levar a alterações de rumos do Governo nem na orientação política, "porque o Presidente e o Vice estão afinados e porque foi do Presidente a decisão de pedir ao Dr Aureliano que o substituísse temporariamente".

Átila informou que um dos primeiros problemas a serem analisados pelo Vice-Presidente é o relacionado com as viagens ao México e ao Canadá, a partir de 22 de outubro, que ficaram automaticamente canceladas pelo impedimento do Presidente da República. A decisão sobre a representação do Brasil na conferência sobre o diálogo Norte-Sul em Cancun, México, será examinada com o Itamarati.

O laudo da junta médica informa que o Presidente foi acometido de "distúrbio circulatório agudo, definindo-se a seguir o diagnóstico de infarto do miocárdio de parede diafragmática". Ressalta que "as condições clínicas gerais do paciente são satisfatórias e a evolução vem seguindo o curso natural da doença, sem qualquer tipo de complicação".

Oito ministros estiveram no HSE. Os da Previdência (Jair Soares) Trabalho (Murilo Macedo) e Saúde (Waldir Arcoverde) garantiram, ao sair, que o Presidente está lúcido. O Presidente andou no quarto, pela manhã, segundo o Ministro Clóvis Ramalhete, do STF.

Dona Dulce Figueiredo chegou ontem à tarde ao Rio e também foi para o HSE. (Páginas 2, 3 e 4 e **Coisas da política** de Marcos de Sá Corrêa)

Aguinaldo Ramos

Enquanto o Ministro Leitão de Abreu lia as notas, Aureliano Chaves visitava Figueiredo

Barco naufraga no Amazonas e 300 morrem

O barco-motor **Sobral Santos II**, transportando mais de 500 pessoas, além de carga, naufragou ontem, às 4h, no rio Amazonas, em frente ao porto da cidade paraense de Óbidos. Foram recolhidos 187 sobreviventes e calcula-se em mais de 300 o número de pessoas que não conseguiram sair da embarcação, porque estavam dormindo quando aconteceu o acidente.

As buscas estão sendo feitas por mergulhadores da Polícia Militar de Santarém, com a ajuda de uma corveta da Marinha e de dois aviões da FAB. Segundo o proprietário, Calil Miguel Mourão, o barco adernou junto à rampa de atracação porque, no momento do desembarque, dezenas de pessoas subiram a bordo, desequilibrando a embarcação. (Pág. 23)

Marcha reúne 200 mil contra Reagan

Mais de 200 mil pessoas na maior manifestação de protesto já realizada em Washington desde a guerra do Vietnam participaram de passeata contra a política econômica e social do Governo Reagan. O protesto foi batizado de Dia da Solidariedade, inspirado no movimento sindical polonês, indicou a AFL-CIO, confederação sindical americana.

— Queremos empregos e não jujubas — dizia uma das milhares de faixas exibidas pelos manifestantes, ironizando a mania de comer jujubas durante reuniões ministeriais do Presidente Reagan. Na Alemanha Ocidental, está sendo preparada a maior manifestação pacifista do pós-guerra, em outubro. Diversas organizações se unirão no já chamado Movimento da Paz. (Página 12)

Flamengo e Vasco é quase uma decisão

Flamengo e Vasco — ainda invictos — fazem uma partida quase decisiva para a sorte de ambos no segundo turno, hoje à tarde, no Maracanã. O vencedor ficará em situação excepcional para conquistar esta fase do Campeonato, o que faz prever o comparecimento de grande público, com arrecadação em torno de Cr$ 30 milhões.

O atacante Silvinho passou no teste físico a que se submeteu na tarde de ontem e garantiu a presença no time do Vasco que assim atuará completo, a exemplo do Flamengo. A rodada terá ainda os jogos Madureira x Botafogo, Serrano x Volta Redonda, Bangu x Olaria e Campo Grande x Americano. Ontem, o Fluminense derrotou o América por 3 a 2. (Páginas 40, 41 e 42)

A foto e a moto para o seu uso

Leves, práticas e pequenas, tão simples que podem ser usadas até por crianças, as máquinas fotográficas para amadores multiplicam-se em marcas e modelos e já existe até a máquina descartável. Para manter sua motocicleta em perfeito estado, o que garante mais segurança, qualquer proprietário já pode fazer a inspeção em casa, reduzindo sua despesa.

Na temporada do alto-verão, em que são lançadas as novidades a serem usadas no resto do ano, os sapatos serão cintilantes, as sandálias virão com frisos dourados e os tamancos terão saltos altíssimos. Uma apostila, com explicações práticas, ensina a transformar em atual o guarda-roupa de verões passados, com toques especiais.

Caderno B

Sol e cor fazem o corpo bonito

A luz e o corpo fazem uma combinação que resulta, se cuidada e bem orientada, em beleza da pele. E a escolha de bronzeadores hoje se amplia com a inclusão dos produtos naturais, com receitas caseiras. A tonalidade natural faz parte, também, do rito secular das taitianas — as nativas que mais têm intimidade com o sol e o mar.

Nem sempre teoria e prática se juntam quando se trata de parto — e a gestante é ginecologista, acostumada a orientar as outras mulheres nos nove meses de gravidez. Mas o confronto é enriquecedor, porque as doutoras acabam dando razão às mulheres que seguem o senso comum — e a maioria defende o parto natural.

Domingo

A Encíclica sobre o trabalho

A Encíclica Laborem Exercens (Mediante o Trabalho), **que publicamos na íntegra, consolida o pensamento da Igreja sobre o trabalho, da sua instância espiritual e divina (é "uma participação na obra de Deus") até as relações sociais, as necessidades da mulher, a justiça salarial, o sindicato, o trabalhador do campo, o emigrante.**

O Papa João Paulo II pretendia que ela fosse publicada em 15 de maio, quando do 90º aniversário da Rerum Novarum, **outro marco do pensamento social da Igreja, mas uma enfermidade o impediu de rever a tempo o texto — claro, sintético e ligado direta e essencialmente a aspectos cruciais da vida brasileira de nossos dias.**

Especial

Era nuclear chega após 10 anos de luta

O Brasil gastou Cr$ 210 bilhões e levou 10 anos para ingressar, esta semana, no clube fechado dos países geradores de energia atômica. O núcleo do gerador da usina Angra-1 está sendo carregado com elemento combustível desde ontem e, terça-feira, começará a produzir o vapor que, em dezembro, estará acionando os seus geradores de energia elétrica.

O acionamento da primeira usina nuclear brasileira ocorre num momento em que o Brasil sequer consome toda a energia gerada pelas suas hidrelétricas. Por isso, o Governo passa a justificar o programa nuclear como uma necessidade estratégica. Mas, para a comunidade científica, se o objetivo é a bomba, existiam soluções mais baratas. (Páginas 28 e 29)

Brasileiro acha desvantajoso acordo atômico

Pesquisa encomendada pela Alemanha Ocidental para avaliar sua imagem entre os brasileiros revela que dois terços da população consideram o acordo nuclear desvantajoso para os dois lados. Diz que 40% dos brasileiros têm imagem negativa da Alemanha e que Adolf Hitler ainda é a personalidade mais conhecida: 21,4% citaram seu nome.

A conclusão geral da pesquisa, realizada há um ano mas só divulgada agora: "Não somos conhecidos nem queridos." As principais críticas aos alemães foram: perfeccionismo, racismo e matança de judeus. O Governo da Alemanha, preocupado com sua imagem no Brasil desde a visita do Chanceler Helmut Schmidt, em 1979, vai agora realizar um trabalho de relações públicas. (Página 15)

Economia tende a reaquecer em outubro

O comércio está-se preparando para as festas do final do ano e fazendo estoques, pois são esperados sinais mais fortes de reaquecimento em algumas áreas da economia a partir do próximo mês. De acordo com o Bradesco, "há um sintoma de maior ânimo na economia, há uma pressão geral para realização de negócios".

O Sindicato da Indústria de Calçados admite que o setor vai muito bem, tendo havido uma adaptação da indústria às necessidades dos consumidores. O diretor da Telefunken, Stephen Bergner, e o Sindicato Nacional de Autopeças acham que o mercado tende "a se esquentar" em outubro. Para a FIESP, a reativação econômica deverá ser um fato normal em 82. (Página 25)

Coluna do Castello

Candidatos não são radicais

Brasília — Uma indagação comum de pessoas que se interessam por política é se quem ganhar a eleição em 1982, leva. O Presidente da República está correndo risco calculado e tem dito que o resultado das urnas será respeitado. Não se pode deixar, todavia, de supor que conforme o volume de uma eventual vitória das oposições, haja objeções a que se entregue o Poder em alguns Estados a candidatos que tragam a reboque agrupamentos de extrema esquerda. Não se pode afastar, liminarmente, a hipótese de uma crise em 1983, decorrente do resultado das eleições, mas, como já lembramos uma vez, a tradição brasileira é contestar os resultados eleitorais, mas assegurar a posse dos eleitos. Essa é a história de 1946 para cá.

Mas há um dado que deve ser levado em conta. As oposições, se ganharem em escala nacional de modo a conquistarem a maioria do Congresso e do Colégio Eleitoral, além dos principais Governos estaduais, não o farão monoliticamente. Elas estão fracionadas e uma ou duas dessas frações poderão aliar-se ao PDS e constituir um sistema alternativo de Poder na base do qual se assegure uma transição menos brusca do atual regime para o regime que o Presidente Figueiredo e a nação desejam implantar. Mas ao lado disso, há a considerar também que as oposições agiram com instintiva prudência. Preferimos dizer instintiva, a supor que eles tenham agido na base de informações, quando selecionaram seus candidatos a governador.

Há dois casos típicos. Em Pernambuco, não se cogitou da candidatura do Sr Miguel Arraes, cuja eleição o IV Exército dificilmente assimilaria. E afastou-se espontaneamente da disputa o Sr Jarbas Vasconcelos, apontado como radical por seus adversários. Apesar das resistências de alguns, o próprio Sr Jarbas, que tem o controle da convenção, consolidou a candidatura do Senador Marcos Freire a governador por saber que, da constelação de estrelas oposicionistas, seria o mais facilmente assimilável pelas forças empresariais e por uma classe média assustadiça. A candidatura do Senador, sob esse aspecto, não oferece riscos e agora, com a perspectiva de se compor com o ex-Governador Cid Sampaio ou com o ex-Ministro Armando Monteiro Filho, ele se torna facilmente assimilável por qualquer grupo influente na vida pernambucana. Os Srs Miguel Arraes e Jarbas Vasconcelos serão deputados federais.

No Rio Grande do Sul, o Sr Leonel Brizola, tendo sofrido o impacto da decisão do Sr Pedro Simon de recusar-se a integrar sua corrente num novo PTB, não se lançou candidato, preferindo deixar no seu lugar o Deputado Alceu Colares, deputado mais votado no último pleito e que se manteve fiel à sua facção, composta na maioria dos cassados e punidos pela Revolução. Instintivamente o Sr Leonel Brizola situou-se no Rio de Janeiro, onde disputará o Governo ou uma cadeira de deputado, conforme as regras do jogo eleitoral. No Rio Grande sua presença seria de difícil assimilação dado o caráter agressivo da sua liderança e os seus compromissos com uma luta que, vitoriosa, iria alterar relações na fronteira que interessam à política de segurança.

O Rio Grande ficou com dois candidatos de oposição ambos moderados e assimiláveis, os Srs Pedro Simon, pelo PMDB, e Alceu Colares, pelo PDT, registrando-se como hipótese de conciliação a candidatura do Senador Paulo Brossard. Mas também no Rio de Janeiro o elenco de candidaturas oposicionistas também não é assustador. Mesmo o Sr Brizola, que criaria problemas no Sul, chegaria sem traumas ao Palácio da Guanabara. Os Srs Roberto Saturnino, que deu um "chega pra lá" nos grupos extremistas que o apóiam, também não é problema e muito menos a senhora Sandra Cavalcanti.

Em Minas Gerais as hipóteses da Oposição são o Senador Tancredo Neves, o Senador Itamar Franco, o Deputado Magalhães Pinto, o Deputado Hélio Garcia, o ex-Deputado José Aparecido, todos com trânsito tranqüilo nas diversas áreas de segurança. Em São Paulo, o Senador Franco Montoro é o menos radical dos candidatos, apesar de sofrer a pressão dos bolsões radicais que se alojam no PMDB e que o sustentam na sua batalha para evitar o ingresso do Sr Jânio Quadros no Partido como candidato em sublegenda. O Sr Olavo Setúbal e o ex-Presidente da República também são assimiláveis sem qualquer problema. E Lula pode ter candidato, mas não será candidato por ter até mesmo problemas de registro da candidatura dada a atual lei de inelegibilidades.

Na Bahia, as oposições oscilam entre o ex-Governador Roberto Santos, um tranqüilo professor universitário, obstinado na ação política, mas liberal por formação, e o Sr Waldir Pires, que já disputou o Governo do Estado pelo velho PSD. A hipótese Francisco Pinto, que poderia gerar problemas, foi afastada. Na área do Governo é que se criam problemas mas de outra natureza, com a candidatura do Senador Lomanto Júnior, em dissidência aberta com o Governador Antônio Carlos Magalhães e aparentemente sustentado por um esquema que dispõe de cobertura financeira para sua campanha. O objetivo dessa tentativa de conquistar uma sublegenda seria truncar as aspirações presidenciais do Sr Antônio Carlos Magalhães, por inspiração que quem quiser identifique.

Carlos Castello Branco

Doença cancela as viagens ao México e Canadá

Brasília — Cancelamento da participação na conferência de chefes de Estado do diálogo Norte-Sul em Cancum, no México, e da visita oficial que faria em seguida ao Canadá são as duas conseqüências imediatas de maior importância, na área diplomática, do infarto sofrido pelo Presidente João Figueiredo, segundo opiniões ouvidas ontem no Itamarati.

Esses dois compromissos estavam previstos para a terceira semana de outubro — a reunião de Cancum para os dias 22 e 23 e a visita a Otawa para 25 e 26 — e, ainda que experimente uma recuperação acelerada do acidente de sexta-feira, o Presidente da República não terá condições de saúde para realizar uma viagem dessa envergadura dentro de pouco mais de um mês.

Surpresa

O acidente com o Presidente Figueiredo surpreendeu o Chanceler Saraiva Guerreiro em plena visita oficial ao México, quando aguardava o regresso de seu colega mexicano Jorge Castaneda, da reunião que o seu Presidente, Lopez Portillo, tivera com Ronald Reagan e com o **Premier** canadense Pierre Trudeau durante a tarde, nos Estados Unidos.

As informações foram transmitidas ao México pelo Ministro interino das Relações Exteriores, Embaixador Baena Soares, logo ao final da tarde, seguindo-se pela noite adentro uma sucessão de telegramas confidenciais em que o secretário-geral do Itamarati mantinha o Ministro Guerreiro e sua comitiva informados da evolução do caso, do internamento do General Figueiredo na unidade de terapia intensiva do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio.

A presença do Chanceler brasileiro no México, de certa forma, segundo os cálculos do Itamarati, já poderá facilitar o processo de justificação da ausência do Presidente da República na conferência de Cancum, onde o Brasil participaria, juntamente com a Venezuela e o México, representando todo o bloco latino-americano.

Receio

O Itamarati ainda não arriscava ontem qualquer previsão do modo com que a falta do Presidente da República em Cancum pudesse ser suprida. Havia um indisfarçável receio entre os diplomatas em fazer previsões sobre o papel que caberá ao Vice-Presidente Aureliano Chaves na atual situação, desde que, na caracterização de um impedimento real do General Figueiredo para o exercício do cargo, caberia a ele assumir a chefia da delegação brasileira, qualquer que seja a forma de acomodação do comando do Governo no plano doméstico.

Já quanto ao Canadá, o que irá ocorrer é o adiamento, pura e simples, da visita oficial programada para 25 de outubro. Desde o começo da elaboração do projeto da viagem presidencial, os diplomatas do cerimonial da Presidência da República e do próprio Itamarati já viam com preocupações a exaustiva jornada que o General Figueiredo teria de cumprir num espaço de tempo relativamente curto, saindo de Brasília com destino ao México, chegando a Cancum, que está no nível do mar, para viajar três dias mais tarde, num outro longo percurso aéreo até Otawa, onde, embora sendo outono, a temperatura oscila em torno de 10 graus centígrados durante o dia.

Experiência

Para o Presidente João Figueiredo, a conferência dos Chefes-de-Estado em Cancum representaria sua primeira experiência de conversações multilaterais em nível mais alto. Até agora, embora tendo realizado visitas oficiais à Argentina, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Alemanha, França e Portugal, ele nunca participou de reuniões coletivas de Chefes-de-Governo, a exemplo do que iria ocorrer em outubro no México.

O Presidente Costa e Silva, também vítima de um acidente circulatório em pleno exercício do Governo, chegou a participar de uma conferência de Presidentes em 1967: foi em Punta Del Este, no Uruguai, quando dela participaram Lyndon Johnson, dos Estados Unidos; General Juan Carlos Ongania, da Argentina; o atual Presidente peruano, Fernando Belaunde Terry; Eduardo Frei, pelo Chile, e Alfredo Stroessner, pelo Paraguai.

Médicos sugerem licença de Figueiredo

No início da noite de ontem, laudo assinado por cinco médicos — Aloysio de Salles Fonseca, Clementino Fraga Filho, Raymundo Dias Carneiro, Marciano de Almeida Carvalho e Newton Pereira — declarou o impedimento do Presidente João Figueiredo por um prazo estimado de até oito semanas.

O laudo médico, em papel timbrado do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, explica que o prazo de até oito semanas é necessário para que o Presidente, em repouso, se recupere do infarto do miocárdio, de parede diafragmática, que sofreu na última sexta-feira.

NO HSE

Pela manhã, no HSE, onde o Presidente está internado, o Ministro da Saúde, Waldir Arcoverde, que o visitou, assegurou que ele estava "passando muito bem". O Ministro previu a permanência do General Figueiredo no hospital por um período de sete a dez dias.

Entre 7 e 13 horas, oito ministros foram ao HSE para saber do estado de saúde do Presidente. Depois do Sr Waldir Arcoverde, que foi o que mais demorou, chegaram os Generais Octávio Medeiros (SNI) e Danilo Venturini (Gabinete Militar) e os Srs Leitão de Abreu (Gabinete Civil), Murilo Macedo (Trabalho), Amauri Stábile (Agricultura), Jair Soares (Previdência Social) e Ibrahim Abi-Ackel (Justiça).

O Vice-Governador do Estado do Rio, Hamilton Xavier, e os Senadores José Sarney, Luís Vianna Filho e Amaral Peixoto, também estiveram no HSE, pela manhã, mas não tiveram acesso ao 11º andar, onde o Presidente se encontra internado. Ficaram no 2º andar conversando com diretores do hospital.

Do diretor do HSE, Aloysio Salles, o Vice-Governador Hamilton Xavier recebeu uma informação que transmitiu aos jornalistas: a de que o Presidente estava bem e que a área atingida pelo infarto era muito pequena.

Sem falar com os jornalistas, o General Eyclides Figueiredo — acompanhado de sua mulher — e o escritor Guilherme Figueiredo, irmãos do Presidente, também foram ao HSE, pela manhã.

Na madrugada de ontem, no Hospital dos Servidores, só alguns curiosos ficaram nas imediações de sua entrada. Três pessoas quiseram subir ao 11º andar. Uma delas foi o Deputado Édson Guimarães, do PDS do Estado do Rio, que chegou até a entrada principal, por volta de 1 h, sendo convidado a se retirar por guardas de segurança.

Os doentes que ainda permaneciam no 11º andar do HSE foram removidos no final da noite de sexta-feira e início da madrugada de ontem, à exceção de um: o Cônego Alfredo, ex-Capelão do Hospital, de 94 anos, que se encontra naquela ala há vários anos.

BOLETIM

A Empresa Brasileira de Notícias divulgou um único boletim médico, ontem, às 15h:

"O Presidente João Figueiredo passou a noite tranqüilo. Suas condições cárdio-vasculares são satisfatórias. Permanece em repouso e continua recebendo visitas somente de familiares e assessores imediatos."

O Palácio do Planalto já providenciou a instalação no HSE de serviços de assessoria. Transferiu de Brasília gabinetes completos, com os respectivos funcionários. Todo o corpo de segurança da Presidência da República está no Rio, dividido entre o HSE e a casa da Gávea Pequena, onde ficará Dona Dulce.

A partir de amanhã, a equipe médica que atende ao Presidente começará a emitir regularmente boletins sobre a evolução do seu estado de saúde. Os boletins substituirão os comunicados, que apenas registram informações sumárias, para apresentar diagnósticos mais precisos e completos.

MAIS VISITAS

O Ministro Murilo Macedo deixou o hospital às 19h, afirmando que estava tranqüilo diante dos bons prognósticos sobre o estado geral do Presidente Figueiredo. Logo depois chegava o Vice-Presidente Aureliano Chaves.

— Conversei com vários Ministros e médicos, mas não estive com o Presidente. E a conversa girou em torno apenas do estado de saúde do Chefe do Governo — disse o Sr Murilo Macedo.

O Governador Francelino Pereira, que esteve às 15h no hospital, saindo uma hora depois, afirmou:

— Soube que o Presidente está se alimentando normalmente, mas não estive no quarto dele, onde só é permitida a presença de familiares e assessores.

Às 16h20m, a pé, deixou o HSE o empresário João Fortes, amigo pessoal do Presidente, atestando que ele estava lúcido e que os prognósticos médicos sobre o seu estado de saúde eram bons. O escritor Guilherme Figueiredo, que já havia estado com o irmão pela manhã, voltou às 17h30m.

Um dos últimos Ministros a deixar o HSE, ontem, foi o da Desburocratização, Hélio Beltrão, revelando que o Presidente continuava "lúcido". O escritor Guilherme Figueiredo, logo depois, confirmava a informação. O movimento de visitas começou a declinar às 22h.

INSTITUTO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA MÉDICA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

LAUDO MÉDICO

O Senhor Presidente da República foi acometido, na tarde do dia 18 de setembro, de distúrbio circulatório agudo, definindo-se a seguir o diagnóstico de ENFARTE DO MIOCÁRDIO, de parede diafragmática.

As condições clínicas gerais do paciente são satisfatórias e a evolução vem seguindo o curso natural da doença, sem qualquer tipo de complicação.

O tratamento exige repouso, por prazo estimado de até oito semanas.

HSE, 19 de setembro de 1981

Prof. Aloysio de Salles Fonseca — Prof. Clementino Fraga Filho

Dr. Raymundo Dias Carneiro — Dr. Marciano de Almeida Carvalho

Dr. Newton Pereira Mattos

Laudo saiu no início da noite assinado por cinco médicos

Discurso pregava otimismo

"Olho com otimismo para o futuro", teria dito o Presidente João Figueiredo, ontem à noite, em Curitiba, onde estaria se não tivesse sofrido o infarto no Rio. No discurso escrito, encerraria pedindo "apoio político efetivo, que garanta a continuidade da obra social, econômica e política em que estou empenhado. Em que todos nós, afinal, estamos, de coração, empenhados".

Embora dizendo-se confiante na compreensão da opinião pública sobre suas limitações, Figueiredo "gostaria de poder legislar sobre o tempo, para desviar do nosso horizonte as calamidades de toda a ordem, que nos tem visitado com terrível freqüência".

O discurso do Presidente reconhecia as dificuldades no campo econômico, mas conteria um apelo por apoio político: "É preciso que o povo, o eleitorado, participe de modo ativo e firme do projeto social e político do Governo, prestando ao Partido que o sustenta a sua indispensável solidariedade".

— É preciso, ainda — acrescentava o pronunciamento — que o próprio Partido, coeso em torno do Governo, se apreste para os comícios eleitorais, sem dar trégua aos que, sem oferecer sugestões válidas para os problemas nacionais, responsabilizem o Governo por acontecimentos gerados fora das fronteiras do país, ou pretendem minimizar o que o Governo está fazendo para enfrentar as enormes dificuldades na hora presente. (...) Estou seguro, porém, de que os paranaenses, como os brasileiros em geral, saberão repelir, nas urnas, a censura dos negativistas de todas as procedências.

O jantar em que o Presidente Figueiredo discursaria seria oferecido pelo Diretório Regional do PDS, no restaurante Velho Madalosso, no bairro de Santa Felicidade às 20h30m, para 1 800 convidados.

Infarto vira tema de cordel

O infarto do Presidente Figueiredo já virou verso de cordel: chama-se **Abertura ou Morte... mas não do Presidente**, custa Cr$ 10 e foi escrito em poucos minutos, num ônibus entre Madureira e Praça XV, por um dos mais famosos cordelistas do Rio, o paraibano Raimundo Santa Helena.

Ele só soube que o Presidente sofrera um infarto ontem pela manhã. Eram 7h45m, ele se preparava para sair, rumo à feira de artesanato da Praça XV, quando escutou a notícia no rádio. Teve a idéia de escrever alguns versos sobre isso, "pois na verdade eu sou um poeta-repórter e faço cordel em cima de notícias de jornal": pegou uma foto do Presidente num jornal antigo, recortou e levou no bolso. Na viagem de ônibus, fez o rascunho do texto, e ao chegar ao Centro passou a limpo e mandou fazer cópias heliográficas, acrescentando a fotografia de Figueiredo.

— Lá mesmo, na casa de cópias, eu vendi cinco — diz ele. Já passava das 10h quando comecei a vender aqui na Praça e, apesar do movimento fraco de todo sábado, até às 14h já tinha vendido 50 cópias. Isso mostra que o povo se interessa pelo que está acontecendo e concorda com a luta do Presidente pela nossa liberdade. A TV Bandeirantes veio aqui, há meia hora, para me entrevistar e o repórter perguntou a várias pessoas que compraram o cordel a sua opinião sobre os meus versos: todas disseram que é isso mesmo, que tem de prender quem for contra a abertura.

Os versos:

"No enfarte, Dr João Figueiredo,
Peço ajuda do Céu a Deus chorando!
O poeta do povo vai versando
É por isso que não faço segredo:
Presidente, quem saiba és honrado.
No Brasil repercute o teu brado.
Quem for contra ser livre vai ser preso
Liberdade tem preço e tem peso...
Meu povão não será acorrentado!
O que disse nos versos lá em riba
Sai da boca de todo brasileiro!
João Pessoa nasceu em Umbuzeiro
No sertão lá da minha Paraíba
—
Democrata morreu levou a fibra,
Liberdade andou logo pra trás,
Um a um, mutilaram nossos país!
Figueiredo, és contra a ditadura —
Meu irmão, nessa triste conjuntura.
Se for preciso, matar! Morrer jamais!

Aureliano assume 4ª-feira a Presidência da República

O Vice-Presidente Aureliano Chaves assumirá quarta-feira, dia 23, o cargo de Presidente da República, por decisão tomada ontem pelo próprio Presidente João Figueiredo, após ter conhecimento do laudo médico que lhe recomendou repouso de até oito semanas, e depois de consultas a todos os ministros, conduzida pelos Chefes dos Gabinetes Civil e Militar e do Serviço Nacional de Informações (SNI), Sr João Leitão de Abreu e Generais Danilo Venturini e Octávio Medeiros.

O anúncio da decisão foi feito às 19h40m de ontem, num dos salões do 2º andar do Rio Othon Palace Hotel, pelo Ministro Chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, com voz pousada e sem dar sinais de nervosismo. Ao ler a nota oficial e o conteúdo do laudo assinado por cinco médicos, sem permitir qualquer pergunta esclarecedora, o Ministro, tendo ao lado o porta-voz Carlos Átila, encerrou um dia de intensa expectativa e de muitas versões cruzadas, sem confirmações ou desmentidos.

A nota foi redigida com o conhecimento e a participação pessoal do Vice-Presidente Aureliano Chaves, dos três ministros militares — Exército, Marinha e Aeronáutica — e do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). O Vice-Presidente deixou o hotel às 18h40m, afirmando que qualquer informação só seria dada pelo Chefe do Gabinete Civil. Disse também que visitaria em seguida o Presidente Figueiredo, no Hospital dos Servidores do Estado, e que ainda ontem à noite seguiria para Brasília. Dez minutos depois, acompanhando a atitude de silêncio do Vice-Presidente, deixaram o hospital os três ministros militares, com fisionomia grave e passos rápidos.

A divulgação da nota, embora anunciada para poucos minutos depois por assessores da Secretaria de Imprensa da Presidência da República, somente foi lida pelo Ministro Leitão de Abreu 50 minutos após. No clima de intensa movimentação de jornalistas e de indiferença dos turistas, no **hall** do hotel, o porta-voz Carlos Átila tentou e obteve da gerência uma sala em que o Ministro Chefe do Gabinete Civil pudesse dar a versão final da mudança transitória de Governo.

O Ministro pretendia ler sentado, sobre um tablado e uma mesa de forro vermelho, o texto da nota oficial, mas isso foi impossível porque os jornalistas, em pé, impediam a visão do Ministro, que desistiu da cadeira. Sua participação no ato começou e terminou pela leitura da nota. Na saída, atropelou os jornalistas que insistiam em fazer perguntas.

Apenas o porta-voz Carlos Átila permaneceu no salão, mas também evitou acrescentar informações à nota. Respondeu sucessivamente que não era constitucionalista, nem médico, para dar maiores explicações a uma nota auto-explicativa, segundo ele. Alguém se aproximou com um microfone, o que o irritou. E ele resolveu então abandonar a sala. No calçadão do hotel, o Assessor de Imprensa aceitou dar alguns esclarecimentos, mas também desistiu quando novamente se viu diante de um microfone. Permaneceram no hotel os Ministros-Chefes do SNI e do Gabinete Militar. O Ministro Leitão de Abreu, embora hóspede, deixou o hotel, seguindo para o hospital.

A nota oficial

"A Presidência da República, por intermédio da Secretaria de Imprensa, comunica:

Junta Médica, constituída pelo professor Aloysio de Salles Fonseca, pelo professor Clementino Fraga Filho, pelo Dr Raymundo Dias Carneiro, pelo Dr Marciano de Almeida Carvalho e pelo Dr Newton Pereira de Mattos emitiu o seguinte laudo:

"O Senhor Presidente da República foi acometido, na tarde do dia 18 de setembro, de distúrbio circulatório agudo, definindo-se a seguir o diagnóstico de enfarte do miocárdio, de parede diafragmática.

As condições clínicas gerais do paciente são satisfatórias e a evolução vem seguindo o curso natural da doença, sem qualquer tipo de complicação.

O tratamento exige repouso, por prazo estimado de até oito semanas.

HSE, 19 de setembro de 1981."

Em face dos termos desse laudo, o Vice-Presidente da República, Dr Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, assumirá quarta-feira próxima, dia 23, em hora a ser determinada, o cargo de Presidente da República, na condição de substituto constitucional do Presidente e durante o período a que se refere o mencionado laudo.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1981."

Planalto garante continuidade

O assessor de Imprensa da Presidência da República, Carlos Átila, afirmou ontem à noite que a substituição temporária do Presidente Figueiredo pelo Vice Aureliano Chaves não deverá levar a alterações de rumo nos programas de Governo e na orientação política imprimida até agora pelo Palácio do Planalto. E justificou: "Não vejo sentido na dúvida, porque o Presidente e o Vice estão afinados, e porque foi do Presidente a decisão de pedir ao Dr Aureliano que o substituísse temporariamente."

O porta-voz ressaltou que estava perfeitamente assegurada a estabilidade e a normalidade do regime, e que o Governo agiu como um todo no processo de mudança eventual no comando do Executivo. Todos os Ministros foram consultados pessoalmente, no curso do dia, começando pelo Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, quando visitou o Presidente no hospital, e terminando pela reunião realizada no começo da noite no Othon Pálace Hotel.

Esclareceu que o laudo médico foi concluído no meio da tarde, quando a equipe que o assinou teve os resultados finais nos exames cardiológico e de sangue. Nenhuma decisão poderia ou deveria ser tomada antes dos exames e do laudo médico, dentro do princípio de que há um mínimo necessário de 24 horas para o estabelecimento de um quadro, após o infarto.

O porta-voz admitiu que um dos primeiros problemas a serem analisados pelo Presidente interino Aureliano Chaves está relacionado com as viagens ao México e ao Canadá, a partir de 22 de outubro, e que ficaram automaticamente canceladas pelo Presidente Figueiredo. A decisão de o Brasil ir ou não à reunião sobre o diálogo Norte-Sul, em Cancun, será decidida em estudos com o Itamarati.

Vice visita Figueiredo

O Vice-Presidente Aureliano Chaves estava sorridente, ao sair ontem, às 20h, do Hospital dos Servidores do Estado, onde visitou o Presidente Figueiredo, durante uma hora. Contrariando seu hábito, não quis falar com os jornalistas.

Quando saía, no banco traseiro de um Galaxie oficial preto, evitou baixar o vidro, para responder às perguntas dos repórteres que se amontoavam encostados à janela. Lá dentro, explicava que não podia falar naquela ocasião. O carro partiu, seguido por um Opala com agentes de segurança, para a Base Aérea do Galeão, onde o Vice-Presidente embarcou imediatamente para Brasília, às 20h20m.

Solidariedade

O Vice-Presidente decidiu viajar ao Rio para visitar o Presidente Figueiredo na manhã de ontem, após contato telefônico com o Ministro Danilo Venturini. Seria uma "visita de solidariedade" ao Presidente e amigo.

Antes da viagem, que fez em companhia do Coronel Vinícius Alves da Cunha, chefe do gabinete e ex-Secretário da Segurança Pública no seu Governo de Minas, o Sr Aureliano Chaves fez seus exercícios diários. Nos contatos telefônicos com o Rio, foi informado de que o Presidente continuava sob vigilância médica, com o estado de saúde estacionário.

De roupa esporte e boné vermelho, o Vice-Presidente não quebrou a sua rotina dos fins de semana, realizando passeio de barco pelo Lago Paranoá com D Vivi. Além de manter contatos com o assessor de imprensa, João Baptista, e do chefe de sua segurança, Coronel Deuzito (da PM-MG), conferenciou com o Coronel Vinícius, acertando detalhes de sua ida ao Rio.

Desde a tarde de sexta-feira, o Vice-Presidente manteve numerosos contatos telefônicos e pessoais com autoridades do Governo e lideranças políticas.

Os Generais Venturini e Medeiros o mantiveram informado do quadro do país e do estado de saúde do Presidente.

O último contato pessoal do Sr Aureliano Chaves com o General Figueiredo ocorreu há uma semana, na inauguração do Memorial JK, dia 12. Depois eles conversaram pelo telefone algumas vezes.

A. Dorgivan

Carlos Átila levou Leitão de Abreu até o carro após a leitura da nota oficial

Decisão é apoiada por argumentos políticos

Villas-Bôas Corrêa

A decisão política e militar de licenciamento do Presidente João Figueiredo para a interinidade de oito semanas do Vice-Presidente Aureliano Chaves assentou rápida e naturalmente no consenso a partir do instante em que, quebrado o constrangimento do seu exame, foram impondo-se os argumentos do bom senso e da conveniência.

A recomendação médica do repouso tranqüilo para assegurar as plenas condições para a recuperação completa do Presidente Figueiredo impõe-se como a razão decisiva, a causa determinante.

Mas ela pousa numa série de raciocínios que desde a véspera, com a discrição que se exigia, alimentava a especulação que, dentro e fora do Governo, na área fardada e entre os paisanos com liderança política, procuravam ansiosamente a melhor solução para o curto período delicado de transição, a completar-se quando o Presidente Figueiredo retomar em suas mãos o processo não interrompido de abertura democrática.

A simples operação de passagem simbólica da faixa, marcada para quarta-feira, com a antecedência sem pressa e sem atropelos, projeta para o exterior a imagem de um país adulto, que caminha para a plena formalidade de um regime consolidado. Pois que a democracia às vezes se resume num ato simbólico e singelo: um Presidente que adoece e o Vice que assume o Poder, como a Constituição determina. E nem sempre foi assim, como a nossa curta memória recorda.

O Vice-Presidente Aureliano Chaves, no exercício interino da Presidência, assegurará a rotina indispensável do Governo, não deixando os vazios perigosos, que se preenchem com a surda disputa interna de fatias do Poder. O Governo mantém o seu centro, não se pulveriza.

Certamente que foi medida e pesada a conveniência de resguardar as boas relações entre o Presidente e o seu Vice, de reconhecida lealdade, poupando-o da embaraçosa posição de um enfeite constitucional, inutilmente decorativo: um Vice que não assume com o Presidente impedido transitoriamente de exercer na plenitude o cargo.

O procedimento do Vice não causa cuidados. Nem ao Governo, nem à Oposição, que já se mobilizava, numa precipitação de suspeitas infundadas, para reclamar o direito que não estava sendo contestado por qualquer autoridade responsável.

Mas há uma consideração estritamente política e de importância relevante: os projetos da reforma eleitoral estão iniciando a tramitação parlamentar. Dois deles — e o único realmente polêmico, que estende as sublegendas para a eleição de governador, foram encaminhados com o selo da urgência, com prazo de 40 dias para a decisão do Congresso. Mesmo a aprovação pelo expediente do decurso de prazo encerra os seus riscos e reclama as atenções de uma liderança, de um comando. Ora, o Vice-Presidente Aureliano Chaves está talhado na exata medida para a tarefa. Trata-se de um antigo parlamentar, com amizades, influências e trânsito no Congresso. E que apreciará prestar ao país o serviço de conduzir as reformas eleitorais, pavimentando os caminhos das eleições de 82, numa hora delicada e que necessita ser aproveitada, quando todo o Congresso revela a plena consciência do instante e se oferece à conciliação.

É fácil prever que o Vice-Presidente Aureliano Chaves concentrará os seus melhores esforços à articulação das reformas, ao fortalecimento e à recomposição da base parlamentar do Governo: uma tarefa que se completa nas oito semanas da sua interinidade. O seu maior desafio e sua mais urgente missão.

Pires explica razões da decisão

— Assume porque é o Vice-Presidente, disse ao JORNAL DO BRASIL o Ministro do Exército, General Walter Pires, quando lhe perguntaram ontem à noite porque é que se tinha resolvido empossar na Presidência da República o Sr Aureliano Chaves.

— O Presidente tem que ficar em repouso durante cerca de oito semanas, e o país não pode ficar acéfalo durante todo esse tempo. Isso de Vice-Presidente não assumir é uma tradição que tem que ser quebrada — concluiu.

Um técnico com gosto pela política

Tido nos meios políticos mineiros como um homem "sincero, franco e leal", uma espécie de equilíbrio entre o técnico e o político, por ser um engenheiro eletricista e mecânico e ter iniciado sua carreira política na antiga UDN, o Vice-Presidente Aureliano Chaves teve voltada para ele as atenções, quando após as eleições de 1978, disse que não se podia "tapar o sol com a peneira", referindo-se à derrota da Arena para o MDB.

Mineiro de Três Pontas, 52 anos, três filhos (Maria Guiomar, Antônio Aureliano e Maria Cecília), Aureliano Chaves, é um homem que faz amigos com facilidade, embora não seja daqueles que permitem intimidades.

Lê diariamente livros dos mais variados gêneros, mas afeiçoa-se mais a livros técnicos sobre energia, economia, geologia. Lê muito também sobre ciência política e tem especial predileção por biografias. Outra predileção de Aureliano Chaves é por mamão do tipo "papaia". Se não for controlado pela sua mulher, Dona Vivi, dois ou três não são suficientes.

120 quilos

É um homem até certo ponto metódico. Acorda sempre muito cedo e antes das 8 horas está-se exercitando. Halterofilismo e natação são os esportes preferidos. Capaz de levantar 120 quilos tem no filho, o acadêmico de agronomia Antônio Aureliano seu parceiro preferido na queda de braço. Fuma pouco e de preferência cigarros dos amigos, sem distinção de marca. Raramente toma bebida alcoólica e quando o faz prefere um bom vinho.

Nos encontros informais no Palácio Jaburu, enquanto seus amigos bebem uísque, o Vice-Presidente conforma-se com água mineral ou suco. Mas na mesa é considerado um bom garfo, principalmente com carne e ovos, para preocupação do seu irmão, José Vieira Mendonça Filho, cardiologista, que mantém sob controle o colesterol do Vice-Presidente.

A carreira política começou pelas mãos de Bilac Pinto, que o ajudou a eleger-se para a Assembléia Legislativa mineira, em 1961. Ainda deputado, em 1964, foi Secretário da Educação do Governo Magalhães Pinto e, no ano seguinte, Secretário da Viação e Obras Públicas. Na Assembléia, foi líder da UDN e do Governo. Em 1966, foi eleito Deputado federal, reelegendo-se em 1970.

Em 1967, o recém-chegado Aureliano Chaves fez o melhor discurso da Câmara, ao abordar problemas educacionais. A crise gerada em 1968 pelo discurso do Deputado Márcio Moreira Alves o encontrou ao lado do Congresso, defendendo a não punição do parlamentar do MDB.

Na Câmara foi membro das comissões de Educação, de Ciência e Tecnologia, de Poluição Ambiental. Em 1970, ocupou a presidência da Comissão de Minas e Energia e, em 1972, foi considerado pela imprensa o melhor deputado do Congresso, porque, num de seus discursos, alertava o Governo para a crise energética mundial e propunha alternativas.

Moral e política

Definida a candidatura Ernesto Geisel, em 1973, o Deputado Aureliano Chaves, já candidato escolhido para o Governo de Minas, foi o orador responsável pela saudação ao novo Presidente na Convenção da Arena. Neste discurso lembrou: "Nada do que já foi construído ergueu-se sem que alguém tenha sonhado com isso, alguém tenha acreditado que isso fosse possível e alguém tenha querido que isso acontecesse. Penso que todos sonhamos, acreditamos e queremos o Brasil cada vez maior, humano, cristão, feliz e democrático."

Neste discurso, dizia ainda: "Paciência, tolerância e energia devem assegurar ao homem público o firme propósito de fazer repousar a ordem democrática dentro do conteúdo ético. A moral está na base da política." Então, já estava escolhido para suceder Rondon Pacheco no Governo de Minas.

Como Governador de Minas destacou-se, além dos planos administrativos, na articulação política com os Governadores Paulo Egídio Martins, de São Paulo, e Sinval Guazzelli, do Rio Grande do Sul, como defensor da abertura política. A admiração do Presidente Geisel para o então Governador de Minas era patente e aumentou quando, em 12 de outubro de 1977, ligou para o Palácio do Planalto, garantindo o apoio de Minas à demissão do General Sílvio Frota do Ministério do Exército.

É atribuído a Aureliano Chaves, quando Governador, a pacificação entre os blocos remanescentes da UDN e PSD. Essa demonstração de habilidade política, a competência administrativa e o conhecimento do problema da área energética fizeram com que, no início de janeiro de 1978, recebesse um telefonema do Presidente Geisel, informado-o de sua escolha para a Vice-Presidência da República.

Lealdade

Sempre leal ao Presidente Figueiredo, o Vice-Presidente Aureliano Chaves jamais avançou em declarações que não estivessem ou versassem sobre problemas de sua área. Nunca fez declarações sobre energia nuclear, alegando que esta área não se encontra afeta à Comissão Nacional de Energia, que preside.

Nas discussões sobre extensão da sublegenda a governadores, sempre demonstrou ser contrário à idéia, afirmando porém que acatava a decisão por ser um homem disciplinado. Como Vice-Presidente, teve que defender uma composição pacífica do Diretório mineiro do PDS, evitando que o Governador Francelino Pereira ficasse em posição de inferioridade.

Em abril deste ano, em entrevista, em Belo Horizonte, ele afirmava que a classe política teria que evitar "através de um esforço solidário de todos os Partidos políticos, qualquer tentativa de prorrogação de mandatos, porque a prorrogação e abertura política são incompatíveis".

Defendeu um revigoramento dos Partidos através de um entendimento entre as lideranças políticas, para se conseguir a consolidação do processo democrático. Essa consolidação, no seu entender, "está-se cristalizando não apenas entre as lideranças políticas do país, mas em todo o povo brasileiro".

Ele considera que o sucesso eleitoral do PDS ajuda a abertura, "mas não a condiciona". Quando perguntado se o Presidente ou quem detém o Poder está preparado para passar o Poder caso a Oposição vença a eleição, respondeu: "Escrevam isso, o Poder hoje chama-se Presidente João Batista Figueiredo. Não existem detentores do Poder. Existe um Presidente da República que se chama João Batista Figueiredo e que o exerce na sua plenitude. A autoridade do Presidente da República não se reparte com ninguém."

O repórter insistiu: "nem com as Forças Armadas?"

— O comandante supremo das Forças Armadas — respondeu enfático o Sr Aureliano Chaves — é o Presidente da República e nisto os Ministros militares têm sido de uma correção irrepreensível.

Vidal da Trindade

O cantor e compositor Jards Macalé estava ontem, desde cedo, nas imediações do Hospital dos Servidores do Estado, alegando que o povo — no caso, ele mesmo e um colega, não identificado, que usava uma camisa do Flamengo — precisava visitar o Presidente João Figueiredo. Fez várias tentativas, sem sucesso, de ultrapassar a portaria do hospital, numa delas levando junto seu copo de cerveja. Ele chegou a dizer que estava "com o espírito de Glauber Rocha". Diante de sua insistência, acabou sendo recolhido por uma rádiopatrulha do 5º Batalhão de Polícia Militar (número 52-1204), às 10h45m, protestando que era o povo. Os soldados da PM informaram, no local, que ele seria conduzido para uma delegacia policial. Na 1ª DP, o cantor disse ao delegado Alexandre Magalhães que queria apenas "saber qual era o estado de saúde real do Presidente da República do Brasil". Jards Macalé foi mandado ao Instituto Afrânio Peixoto para fazer um exame de embriaguez, constatando-se que ele havia ingerido bebida alcoólica, mas não estava embriagado. E foi então liberado.

Reprodução do "Diário Oficial"

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL
ESTADO:
MUNICÍPIO:
ZONA: SEÇÃO
PRESIDENTE
MESÁRIOS:
1º SECRETÁRIO
2º SECRETÁRIO

1	PARA GOVERNADOR NOME: PARTIDO	Legenda	Sub-Legenda 1 2 3
2	PARA SENADOR NOME: PARTIDO	Legenda	Sub-Legenda 1 2 3
3	PARA DEP. FEDERAL NOME: PARTIDO		Nº
3	PARA DEP. ESTADUAL NOME: PARTIDO		Nº
4	PARA PREFEITO NOME: PARTIDO	Legenda	Sub-Legenda 1 2 3
5	PARA VEREADOR NOME:	Legenda	Número

O modelo de cédula única é bem simples

PDT do Rio vai ao TRE apresentar cédula única para evitar dois turnos

O PDT fluminense vai encaminhar ofício ao Tribunal Regional Eleitoral para apresentar o modelo de cédula única desenhado pelo Sr Jofre Teixeira, filiado ao Partido, e que dispensa a necessidade da realização das eleições do próximo ano em duas etapas, como deseja o Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Ministro Leitão de Abreu.

O desenho foi exibido na Assembléia Legislativa e agradou aos parlamentares. O Deputado Elias Camilo Jorge, do PP, chegou a elogiar o modelo da cédula única da tribuna, apontando o desenho do Sr Jofre Teixeira como "subsídio à democracia". O modelo, considerado por todos como criativo, divide a cédula única em cinco blocos horizontais, de modo a facilitar a tarefa do eleitor na hora de votar.

CÉDULA ÚNICA

A parte superior da cédula tem o timbre do Tribunal Regional Eleitoral e os espaços correspondentes para a inscrição da zona e seção eleitoral e assinaturas do presidente e mesários. No primeiro bloco, ainda na parte superior, o eleitor vota para governador, havendo espaço também para votar apenas no Partido ou, então, ao invés de escrever o nome do candidato, marcar a sublegenda correspondente.

No segundo bloco, logo abaixo, o eleitor vota para senador, tendo as mesmas opções de marcar apenas a sublegenda do candidato e o seu Partido.

No terceiro bloco, vota para deputado federal primeiro, escrevendo o nome ou o número do candidato, e depois para deputado estadual, podendo ainda votar apenas na legenda do Partido.

O quarto bloco é para a eleição de prefeito. O eleitor também terá a opção de votar apenas na sublegenda, sem necessidade de escrever o nome do candidato. Neste caso, porém, terá obrigatoriamente que votar na legenda do Partido. No quinto bloco, na parte inferior da cédula, o eleitor votará para vereador, tendo a opção de escrever o nome do candidato ou o seu número ou de votar apenas na legenda do Partido.

Jânio promove reunião em sua casa para saber como está a situação política

São Paulo — O ex-Presidente Jânio Quadros fez ontem de manhã uma reunião de políticos na sua casa no Guarujá, para saber detalhes dos acontecimentos políticos ocorridos no país durante os dois meses que permaneceu no exterior.

O ex-Presidente retornou anteontem de Londres e teve um encontro de 50 minutos com o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, na residência do ex-Deputado Mendonça Falcão. Apesar de os assessores do Sr Jânio Quadros tentarem despistar a imprensa, dizendo que ele estaria num sítio, o ex-Presidente está na sua casa na praia de Pernambuco.

ENTREVISTA

O Sr Jânio Quadros, que segundo seus assessores daria uma entrevista amanhã, está disposto a somente fazer uma análise da situação política na próxima sexta-feira, data de inauguração do movimento popular que leva seu nome, instalado na Avenida Angélica e que tem como presidente o jurista Viana de Moraes.

No entanto, correspondentes dos jornais da Baixada Santista estão "montando guarda" na porta da residência do ex-Presidente. Há informações de que ele deverá encontrar-se com políticos do PDS, para discutir a possibilidade de ingressar no Partido do Governo.

Além do Deputado Erasmo Dias, também o líder do Governo na Assembléia Legislativa, Deputado Fauze Carlos, propôs ao ex-Presidente o ingresso no PDS.

O escritório do Deputado Rafael Baldacci não sabia que o ex-Presidente retornaria a São Paulo sexta-feira. Nesse dia, o Deputado Rafael Baldacci viajou para o Vale do Paraíba, seu principal reduto eleitoral, e, segundo informações de assessores, ele só se encontrará com o Sr Jânio Quadros se a iniciativa do convite partir do ex-Presidente.

Maciel insiste na sublegenda

Amaury Mattos

Recife — A entrada de Cid Sampaio no PP, após muitos meses de **suspense** e aparente indefinição, não alterou o pensamento do Governador Marco Antônio Maciel sobre a sublegenda que ele considera ter caráter de transitoriedade, permitindo que diferentes grupos possam ter vez dentro do mesmo Partido.

Embora as regras do jogo não estejam definidas, o simples fato de já se conhecer o pensamento do Governo sobre a questão indica que a oposição terá mesmo que conviver com o fantasma da sublegenda.

Bom para uns, muito mal para outros, o quadro delineado de alguma maneira poderá estimular a tão decantada capacidade de articulação do Sr Marco Maciel. Mas ele terá que ser um mágico para manter as rédeas do poder e um hábil serzidor para disfarçar as imperfeições que a roupagem do PDS começa a mostrar.

COM MOURA

O Governador, agora mais do que antes, tem conversado muito, e sempre procura incluir na série de gestões que vem desenvolvendo o ex-ocupante do cargo, José Francisco de Moura Cavalcanti, que, dono de um temperamento profundamente explosivo e irritadiço vez por outra, ameaça virar a mesa e provocar um racha no Partido. Por isso, é que o Sr Marco Maciel tem tentado mostrar que Moura Cavalcanti está recebendo o tratamento que reivindicava. Ele sempre disse que queria era ser ouvido.

O ex-Governador, desde que deixou o Palácio do Campo das Princesas, cercou-se de um reduzido, mas aguerrido grupo de amigos e não tem deixado que o PDS possa viver tranqüilo enquanto não definir como vai enfrentar as eleições de 82.

Chamando para conversas ao pé do ouvido, o Governador ganha tempo, induz seu interlocutor a pensar que as coisas lhe serão fáceis, mas na realidade os planos do PDS não o incluem como candidato nem para uma sublegenda.

Mas Moura Cavalcanti não pensa assim e já admitiu publicamente que não quer abrir mão de candidatura do Governo do Estado, e ela nunca esteve condicionada à possibilidade de o Sr Cid Sampaio inscrever-se no PDS.

O ex-Governador, que já tem escritório eleitoral montado e atulhado de cartazes sobre sua campanha, anuncia que vai arregaçar as mangas antes que alguém parta na frente para falar ao povo e explicar seu programa de Governo.

A DIPLOMACIA

O Governador, cujo curso de diplomacia não foi feito nas salas do Instituto Rio Branco, mas nas lutas por diretórios e entidades universitárias, tem-se portado com diplomática cautela.

Que ele não gostou do ingresso de Cid Sampaio no PP todo mundo sabe, mas as versões do serviço de imprensa do Estado e de alguns poucos parlamentares de seu grupo, garantem que ele não está abalado e não considera um grande desfalque para o peso eleitoral do seu Partido, o reforço que o time da Oposição acaba de receber. Esta é posição para o público, pois Cid Sampaio, apesar de sua formação elitizada (ele é oriundo dos quadros da antiga UDN), é muito bom de palanque e ótimo de urna.

Marco Maciel vai custar muito a abrir as cortinas para mostrar toda a ação que vem desenvolvendo, mas já se sabe que suas preferências voltam-se nitidamente para o jovem Prefeito do Recife, Sr Gustavo Krause, cujo carisma pode engrossar uma candidatura bem trabalhada, ultrapassando as estreitas fronteiras dos nove municípios que compõem o grande Recife e alcançar os cafundós do sertão, onde o peso político da família do Senador Nilo Coelho é capaz de lhe garantir votos capazes de alterar a vantagem que a Oposição parece exibir, em todo o Estado.

Bom jogador político, Marco Maciel tem usado de todos os truques para transformar o Prefeito numa figura conhecida. O Prefeito o acompanha em muitas viagens, e elas são freqüentes, ao interior do Estado.

Governo desaconselha o "distritão"

Brasília — A vantagem da antiga Arena sobre o antigo MDB seria de apenas nove cadeiras na Câmara dos Deputados, se em 1978 as eleições parlamentares fossem pelo sistema majoritário e não pelo proporcional, como deseja o Deputado Nilson Gibson (PDS-PE) com a sua emenda do **distritão**.

O Governo tem estudos precisos que concluem pela inutilidade da emenda do **distritão**, como instrumento de fortalecimento de sua base parlamentar. Dentro do Congresso, porém, a proposta do Sr Nilson Gibson ganhou corpo, porque, se aprovada, ele facilitará a reeleição dos atuais deputados, sejam deputados federais ou estaduais.

Estudos

Os estudos para se medir a eficácia ou não do **distritão**, baseados nos resultados das eleições de 1978, não chegam a se amparar em grande precisão. Os Partidos, naturalmente, se o voto de legenda não estivesse vigorando, alterariam toda a estratégia usada e evitariam concentrar grandes votações num único candidato, como ocorreu com o Sr Miro Teixeira, que levantou 523 mil votos pelo MDB fluminense.

A aprovação ou não do **distritão**, dentro do PDS, será colocada como questão aberta, segundo informou o secretário-geral do Partido, Deputado Prisco Viana. Ele observou que, no momento, cada parlamentar pedessista procura fazer suas próprias estimativas e decidir se do seu ponto-de-vista pessoal interessa votar contra ou a favor da emenda.

O PDS encomendou ao Centro de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) um estudo mais amplo sobre o **distritão**, que permita avaliá-lo sob o ângulo do pluripartidarismo. Já o Deputado Nilson Gibson, por iniciativa própria, realizou uma pesquisa, que envolveu 13 Estados, calcando suas projeções nos resultados das eleições de 1978.

Pela pesquisa do Sr Nilson Gibson, o PP de Pernambuco para fazer dois deputados terá de levantar 200 mil legendas. Com o **distritão**, qualquer um de seus candidatos que venha a obter 40 mil votos estará eleito. A mesma equação é válida para o Partido dos Trabalhadores. Tanto o PP como o PT pernambucanos correm o risco, pelo sistema tradicional do voto proporcional, de ficarem sem representação parlamentar no Estado.

Arquivo — 12/9/79

Nilson Gibson

Lá e cá

Nenhum estudo técnico, para se medir a exata repercussão do **distritão** como instrumento de ajuda ao PDS, oferece, na verdade, maior precisão. É que se o MDB se beneficiou, por exemplo, em 1978, com as grandes votações levantadas pelos Deputados Miro Teixeira (Rio) e Samir Achoa (São Paulo), a Arena, ao mesmo tempo, elegeu a metade de sua bancada de Alagoas porque teve no ex-Governador Divaldo Suruagy (102 mil votos) um eficiente puxador de legenda.

A grande incógnita hoje é saber se o PP, Partido para o qual foi o Sr Miro Teixeira, encontrará um puxador de legenda tão bom quanto ele, hipótese que tem de ser levantada, também, no caso de Alagoas, onde o Sr Divaldo Suruagy não disputará a reeleição. Cabe, também, a indagação, se o Sr Samir Achoa, hoje no PDS, manterá os votos que conquistou como cabeça de chapa no MDB.

As migrações partidárias atrapalham os cálculos feitos em cima de votações obtidas por candidatos do MDB e Arena e jogam por terra qualquer previsão que se proponha à exatidão. Como prever, em outro exemplo de bons puxadores de legenda, o quadro de Minas Gerais, onde o Deputado Magalhães Pinto, com 139 mil votos, foi o Deputado mais votado do Estado, concorrendo pela Arena. Hoje, o ex-Chanceler está no PP e o Deputado Prisco Viana observa que os seus votos não estão mais na área do PDS. Mas não se pode adivinhar se o presidente de honra do Partido Popular levou consigo todos aqueles eleitores que o consagraram há três anos.

O **distritão** cria, ainda, o problema da execração dentro de um mesmo Partido, de candidatos que possam ser vistos como ameaça para outros de menor lastro popular. Caso dos Srs Jarbas Vasconcelos e Miguel Arraes, no PMDB de Pernambuco. Ou, no mesmo Estado, do Governador Marco Maciel, caso ele se disponha a concorrer a uma cadeira de deputado federal pelo PDS.

Informe JB

Transportes

O metrô já vai do Estácio a Botafogo. Esta estação, localizada entre as Ruas Voluntários da Pátria e São Clemente, é a primeira de integração tarifária com os ônibus; e deverá aliviar o problema de transporte urbano da Zona Sul.

O pré-metrô, voltado para a Zona Norte, deverá estar em funcionamento em fins do próximo ano.

Parece que tudo vai bem no setor de transportes urbanos do Rio. Mas essa não é verdade. Notadamente se se levar em conta que o problema envolve uma região metropolitana onde há várias autonomias municipais gerindo sistemas próprios, próximos e, às vezes, paralelos.

Urge que os Governos federal, estadual e as prefeituras municipais do Grande Rio compatibilizem esforços para resolver o problema social angustiante do transporte urbano.

E quando se diz urge, não é a força de expressão. É a força dos fatos.

Sobe o pedágio da ponte Rio—Niterói e cresce a procura das barcas. A classe média está sem dinheiro. Pois neste momento, a Conerj retira de circulação a barca Itapuca, com problemas no eixo da manivela e defeitos no motor. E não há cálculo do tempo necessário para os reparos. As filas nos guichês da Praça 15, na sexta-feira, hora do rush, eram imensas.

E perigosas. Um pequeno acidente poderia provocar um grande tumulto.

Na caixa do Ministério dos Transportes estão guardados Cr$ 365 milhões para a construção de estações em São Gonçalo e na Ilha do Governador. Estão lá guardados porque foram devolvidos pelo Estado do Rio de Janeiro. E foram devolvidos porque o Estado foi obstado, por mandado de segurança impetrado por uma empresa, de construir aquelas estações.

É preciso solucionar o problema. Antes que a barca vire.

Calma no país

Todos os políticos estão preocupados com a saúde do Presidente Figueiredo. Mas, o país está em calma.

• O Senador Luís Vianna Filho conversou com os Generais Venturini e Medeiros e viajou tranqüilo, ontem, para participar, como delegado, da Assembléia-Geral da ONU, em Nova Iorque.

• O Senador Passarinho jogou voleibol ontem de manhã e deu umas braçadas na piscina da sua casa em Brasília.

• O Vice-Pesidente Aureliano Chaves passeou de barco, ontem de manhã no lago Paranoá, com sua mulher.

• O Deputado Nélson Marchezan passou o dia em casa, conversou descontraidamente com jornalistas e está informado de que o Presidente se recupera dentro de uma semana.

Otimismo

É hora e vez de lembrar Guimarães Rosa em *Tutaméia*: — "Toda tempestade é navegável a barquinhos de papel."

Yaciretá

Duas financeiras e dois bancos brasileiros estão instalando-se no Paraguai.

Objetivo: participarem de operação triangular — Argentina, Paraguai, Brasil — para compor o *pacote* financeiro necessário à construção da usina hidrelétrica de Yaciretá.

Novo calendário

Anteontem, dia 18, a Embaixada do Chile em Brasília preparara uma grande festa para comemorar o Dia das Forças Armadas Chilenas.

Com a doença do Presidente Figueiredo, a festa esvaziou.

■ ■ ■

No dia 7 de agosto, a Embaixada do Chile também preparara uma grande festa para recepcionar o novo Embaixador do Chile em Brasília.

Nesse dia, o General Golbery demitiu-se do Governo, a festa esvaziou.

■ ■ ■

As festas da Embaixada do Chile começam a fazer parte do calendário político em Brasília.

Salário

A reformulação da lei salarial voltará breve ao proscênio. Nos bastidores, já se discute a mudança.

O Senador Murilo Badaró disse que já ouviu do Ministro do Planejamento a seguinte frase: "Ou muda a política salarial, ou quebram as empresas e quebra o país".

■ ■ ■

Sabe-se que o Ministro Camilo Pena preconiza uma inversão na distribuição de renda. E o Ministro Delfim Neto só admite reajuste semestral automático sobre até três salários mínimos.

O resto fica por conta do mercado.

Antípoda

O ex-Ministro das Relações Exteriores do Japão, Saburo Okida, está no Rio e falou sobre o sucesso econômico japonês (não falou em milagre, falou em sucesso).

— O segredo do desenvolvimento econômico do Japão é que só apostamos nos setores vencedores.

E contundente:

— Lá, empresa em dificuldade ou sai do buraco sozinha ou desaparece de vez.

■ ■ ■

Não só geograficamente o Brasil é antípoda do Japão.

Lixo e luxo

Não havia taxa de lixo no Distrito Federal.

Foi aprovada em agosto, pelo Congresso, para vigir a partir de julho do próximo ano. Cálculos feitos demonstram que, em seis meses, vai render Cr$ 300 milhões. Que serão aplicados na construção de usina de beneficiamento do lixo.

■ ■ ■

A taxa do lixo de Brasília é *sui generis*: cria ônus e mordomia.

Será paga por 200 mil imóveis de pessoas físicas, os mesmos contribuintes de sempre.

Estão isentos do pagamento da taxa do lixo os órgãos e residências oficiais, as embaixadas e as igrejas do Distrito Federal.

Precisamente onde a produção de lixo é maior e mais cara, e o lixo é de luxo. Beneficiado, talvez possa reverter para os 200 mil contribuintes mais pobres.

Previsão

Brasileiro recém-chegado da Europa, homem atento aos fatos e com boas fontes de informação, acha que ninguém deve se surpreender se, dentro de pouco tempo, a União Soviética resolver, a seu modo, o problema da Polônia, e os Estados Unidos resolverem, a seu modo, o problema de El Salvador.

E o mundo continuará o mesmo. Cada país dentro de sua área de influência.

Maluf vai parar

Ao ser informado do problema cardíaco do Presidente da República, o Governador Paulo Maluf anunciou que, a partir de agora, não trabalha mais nos fins de semana:

— Essas coisas fazem a gente pensar. Há dois anos e meio não paro, não tenho gozado um só momento de lazer.

■ ■ ■

O Governador de São Paulo acha que, dentro de uma semana, o Presidente estará despachando no hospital, pois teve um problema benigno.

— Não estou pensando em ir, no momento, ao Rio, visitar o Presidente — disse o Governador — porque o General Venturini me informou de que ele está recebendo apenas visitas de parentes. Espiritualmente, estou lá. Materialmente, estou representado pelo grande médico Adib Jatene, que está à cabeceira do Presidente.

Dr Jatene é o Secretário de Saúde de São Paulo e um dos mais famosos médicos de coração do Brasil.

Detran cruel

Já é tempo de o Detran se definir: é um Departamento de Trânsito ou um órgão punitivo dos motoristas?

Muitos motoristas estão recebendo duas, três multas pela mesma infração cometida no mesmo dia, na mesma hora e no mesmo local.

Mais: estão recebendo em setembro multas de infrações ocorridas em março.

Para Departamento de Trânsito, o Detran está engarrafando demais as suas contas.

E esquecendo-se de que contribuinte, agora, é eleitor.

Lance-livre

• Esta semana, o Governo federal anuncia a decisão de entregar ao BNH os terrenos públicos ociosos. Serão utilizados para a construção de conjuntos habitacionais.

• As divergências políticas entre o Governador Alacid Nunes e o Senador Jarbas Passarinho, que já se estenderam até ao futebol, agora atingem o setor de saúde. O diretor do Hospital dos Servidores do Estado, Délio Gulhon (ligado ao Governador), ameaça ingressar na Justiça para receber do Instituto Ofir Loyola (ligado ao Senador) parte dos recursos de convênios com o INAMPS e o Funrural.

• A grande preocupação do Ministro Leitão de Abreu, no momento, é a migração interna. É o seu assunto predileto todas as vezes que encontra o Ministro Mário Andreazza.

• Do Ministro Hélio Beltrão a um grupo de empresários, lembrando que o problema da burocracia não é exclusivamente do Brasil: Nos Estados Unidos, o hambúrger, que é uma instituição nacional, sofre a influência de 40 mil regulamentos.

• Está sendo organizada, em Brasília, homenagem ao Senador Luiz Fernando Freire, no próximo dia 23. O Senador completará 43 anos.

• O líder do Governo na Assembléia Legislativa fluminense, Cláudio Moacir (PP), apresentou projeto criando, através da FEEMA, os Grupos de Amigos do Meio-Ambiente (GAMA), nas comunidades municipais.

• Um dado em poder do Governo: a mortalidade infantil cai pela metade nas cidades brasileiras que ganham sistema de abastecimento de água.

• No dia 26, às 14h, a Fundação Casa de Rui Barbosa, comemorando a chegada da Primavera, fará um tapete floral, a fim de promover a interação da comunidade com o Museu da Fundação.

• O Ministro Camilo Pena e o Sr Miguel Colasuonno reuniram-se no Rio. Ao Ministro, o presidente da Embratur lembrou que o orçamento da empresa que preside foi igual em 1980 e 81, sem ao mesmo ser brindado com a correção monetária. Em resposta, o Ministro prometeu: dará a máxima cobertura dentro do mínimo que lhe apresentarem.

• O Vice-Governador do Rio Grande do Sul, Otávio Germano, retorna terça-feira de Tóquio. E logo será vez do Governador Amaral de Souza viajar. Irá à China e ao Japão.

• O economista Wander Batalha Lima, que preside o Fename, garante que este ano o órgão do MEC vai atender, no setor de nutrição pré-escolar, a 25 milhões de crianças. E distribuirá 52 milhões de cadernos, 20 milhões de lápis e 5 milhões de réguas.

• Será lançado amanhã, a partir das 20h, na Livraria Xanam, no Shopping Cassino Atlântico, o livro **Realidade Brasileira**, de J. C. de Macedo Soares.

• "Para o PP a sublegenda só interessa em Minas Gerais, onde há necessidade de se acomodar o PSD e a UDN. Nos demais Estados, não". Esta é a opinião do Deputado Thales Ramalho, líder do PP, sobre a mensagem do Governo que cria sublegendas para a eleição de Governador em 82.

• O candidato do Governador Virgílio Távora a sua sucessão é o Sr Aécio de Borba Vasconcelos, coordenador de sua assessoria especial. A última vez em que o Sr Aécio de Borba Vasconcelos esteve em Brasília foi para apitar um jogo de futebol de salão.

Assembléia se transforma em agência de empregos

Os deputados estaduais do Rio de Janeiro estão alarmados com o desemprego. A Assembléia Legislativa, principalmente nos últimos seis meses, virou uma grande agência de emprego, onde diariamente centenas de pessoas formam filas às portas dos gabinetes, à procura de trabalho.

São profissionais de todas a categorias, com incidência crescente de mão-de-obra especializada de nível superior, que não aparecia antes. "É um flagelo", define o líder do Governo, Deputado Claudio Moacyr (PP), que como veterano político garante nunca ter visto situação igual no Estado.

OPOSIÇÃO

A Deputada Heloneida Studart, do PMDB, diz que foi muito assediada nos seis primeiros meses de mandato. Depois, cansada das explicações pessoais, pôs um cartaz na porta do seu gabinete, avisando que era oposicionista e, portanto, endereço desaconselhável para os interessados em empregos na administração estadual, controlada pelo PP, ou federal, reduto do PDS.

Enfrentando o mesmo problema, o representante do PTB, Jorge Roberto Silveira, decidiu ser mais paciente. A todos dá aula sobre a reforma partidária, explicando sua condição de oposicionista, incapaz de arranjar trabalho na administração governamental. Esporadicamente, arranjava colocações em empresas de amigos. Jura que, este ano, não arranjou emprego para ninguém.

— Até amigos empresários, que antes ofereciam vagas, agora estão demitindo.

Em seu gabinete, no anexo da Assembléia, recebe em média três pedidos de emprego por dia, feitos "por todos os tipos de pessoas, desde o semi-analfabeto até o possuidor de três faculdades".

O líder do PMDB, Deputado Paulo César Gomes, está assustado com o comportamento dos que o procuram:

— As pessoas pedem emprego para ganhar Cr$ 10 mil, aceitam trabalho de servente. Talvez por isso nunca vi tanta gente à toa nas favelas. Tento colocações, mas não está fácil, porque as empresas não estão admitindo; estão jogando na rua. De uma coisa eu estou certo: esta política salarial não agüenta até 1983.

Os que mais nomeiam

O Deputado Romualdo Carrasco, ainda indefinido partidariamente, mas bem relacionado com o Deputado federal Miro Teixeira, candidato do PP ao Governo estadual em 1982, tem influência no setor educacional, onde atua há 20 anos. Admite que participou da nomeação de "mais de 100" funcionários, "carregadores de piano" na área administrativa de educação, através de indicações "a pedido do Miro e do Governador Chagas Freitas". Foram técnicos para cargos com comissão gratificada ou direção e assessoramento superior. Nos últimos dois meses, Carrasco notou uma diferença no tipo de público pelo qual era procurado.

— Antes, 80% me procuravam para pedir orientação sobre processos de enquadramento, transferência, coisas assim. Os 20% restantes queriam emprego. Hoje ocorre o inverso, com um agravante: aparecem professores pedindo qualquer emprego. Antigamente os portadores de diploma universitário não aceitavam ocupações de nível médio. Agora aceitam até de terceiro nível.

Do PP, o político mais assediado é o ex-líder do Governo e atual Presidente da Assembléia, Deputado Jorge Leite, que está sendo preparado para substituir o Sr Miro Teixeira como maior estrela do esquema chaguista, na eleição para a Câmara. Deverá obter 300 mil votos, meta do Palácio Guanabara que o Deputado Romualdo Carrasco considera exagerada, por achar o colega eleitoralmente muito pesado. Faz até uma comparação:

— Ele é um Jumbo com motor de DC-3.

SUBEMPREGO

Semanalmente o Sr Jorge Leite recebe em média 200 pessoas, fora as que seus assessores atendem no anexo da Assembléia e num escritório no subúrbio de Quintino Bocaiuva. Tem observado que os desempregados, antes maciçamente mão-de-obra não especializada, foram substituídos em parte por integrantes da classe média.

— Não é à toa — associa — que este ano a rede oficial de ensino primário recebeu um acréscimo de 120 mil crianças. Certamente são filhos de pessoas que não puderam mais colocá-las nas escolas particulares, pagas.

As filas nos gabinetes do Sr Jorge Leite são as maiores, em toda a Assembléia. Quando não procuram emprego, as pessoas pedem licença para ser feirantes ou vendedores de pipoca.

— Estão vendendo o que podem, engrossando a faixa de subemprego — justifica o Deputado, tido entre colegas como o Martim Afonso de Souza das "capitanias hereditárias" em que o Governo transformou a administração estadual, distribuída entre os chaguistas por área de influência. Outros considerados grandes "donatários" são os Srs Claudio Moacyr, Átila Nunes, Gilberto Rodrigues e José Pinto.

Todos, no entanto, asseguram que conseguem a maior percentagem de colocações em empresas particulares, de amigos, que avisam quando surgem vagas. Mesmo assim, o Sr Claudio Moacyr diz que se acha "impotente", diante do volume de desempregados em relação à oferta de emprego.

SOCORRO

O líder do PDS, Deputado Jorge David, mantém em Nilópolis, seu reduto eleitoral na Baixada Fluminense, um escritório onde atende em média 60 pessoas, três vezes por semana. Notou muitas mudanças nos últimos seis meses.

— Antigamente apareciam pessoas de baixo nível de instrução, que nunca haviam trabalhado e apenas buscavam complementação salarial para a família. Ou então eram jovens que tentavam custear o próprio estudo. Mais recentemente surgiram os profissionais de nível superior, médicos, engenheiros, advogados, que perderam seus empregos e pedem qualquer serviço. Outra diferença: nós conseguíamos empregar menores, de família numerosa e pobres; agora as empresas não aceitam, preferem contratar adultos. Isso deve ter reflexos sociais terríveis.

Analisando o seu atendimento, o Sr Jorge David acha que há crises específicas em vários setores, afetando os médicos, empregados da construção civil, motoristas de ônibus, técnicos em manutenção de elevadores. O líder do PDS entende que presta apenas um "socorro social". Impressionado com o volume cada vez maior de desempregados, pediu ajuda à Delegacia Regional do Trabalho, que há dois meses instalou uma agência de emprego em Nilópolis.

— O meu medo — diz — é que a situação continue a piorar. Espero que isso não ocorra.

Classe média encurralada sensibiliza os Partidos

Henrique José Alves

Encurralada pela crise econômica e quase proletarizada no curto espaço de poucos anos — a classe média conseguiu sensibilizar as correntes ideológicas de todos os Partidos políticos, desde já mobilizados no Estado do Rio para conquistar o seu voto na campanha eleitoral do ano que vem.

O presidente nacional do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Leonel Brizola, fazendo uma autocrítica amadurecida durante o longo exílio após a Revolução de 1964, considera que "sem o decisivo concurso das classes médias, o trabalhismo nunca chegará ao Poder e, se admitida esta hipótese, jamais conseguirá exercê-lo, pois nos dois momentos históricos em que não contamos com o apoio desta faixa da sociedade brasileira — em 1954 e 1964 — nós, trabalhistas, entramos pelo cano".

PDS

Dentro de 60 dias, o PDS fluminense vai instalar em sua sede no Centro da cidade, o Instituto Brasileiro de Ciências Políticas (Ibracip), que, além de ministrar cursos específicos, terá a tarefa de realizar um amplo levantamento dos principais problemas enfrentados pela classe média no Estado. O projeto visa a promover estudos junto aos órgãos do Governo federal e a institutos de pesquisa e será executado por professores e estudantes universitários.

O Ibracip, cuja coordenação está entregue ao professor Newton Moreira e Silva, pretende identificar todas as causas do esvaziamento do Partido junto a esta fatia do eleitorado fluminense. Dirigentes do PDS estão preocupados com o fato de que a classe média — eleitora da antiga Arena — dá sinais de rejeição à legenda — perspectiva que poderá agravar-se à medida em que se aproximam as eleições do próximo ano.

Concluído o estudo pelo Ibracip, o PDS fluminense vai elaborar um minucioso projeto político oferecendo soluções aos problemas vividos pela classe média no Estado e entregá-lo ao Presidente João Figueiredo com vistas a sua implantação pelos órgãos do Governo federal. Os dirigentes pedessistas estão convencidos de que este programa trará dividendos eleitorais ao seu Partido em 1982.

Entre os planos do Ibracip, está o de submeter aos presidentes de clubes esportivos um programa pelo qual estes cederiam suas dependências um horários disponíveis para o funcionamento de cursos profissionalizantes — a serem realizados em convênios com universidades particulares e a custos baixíssimos. Segundo líderes do PDS, este projeto obterá repercussão junto à classe média no Estado. A sugestão foi apresentada pelo professor Neilor Gonçalves Araújo.

O PDS está ultimando os trabalhos de conclusão do instituto e pretende convidar o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, ou o presidente nacional do Partido, Senador José Sarney, para dar a aula inaugural.

PDT

O presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, considera "lei" para o seu Partido incorporar os valores e aspirações da classe média, "fundamental ao nosso projeto de transformações que desejamos realizar na sociedade brasileira". Ele tem colocado insistentemente esta questão nos debates partidários e vai, às vésperas da campanha eleitoral, orientar os candidatos trabalhistas no sentido de tentar atrair o voto do eleitor da classe média.

Depois de ressaltar que "a base social do trabalhismo abriga o povo trabalhador e as classes médias inferiores," e de lembrar que "a maioria dos militantes do PDT pertencem a este extrato social" o ex-Governador gaúcho afirma que todas as atividades promovidas pelo Partido se destinam a ter uma grande repercussão na classe média.

O dirigente trabalhista relaciona quatro pontos que "caracterizam a preocupação do PDT de associar a classe média ao projeto do socialismo democrático":

— Os valores da liberdade e da democracia, a decisão de eliminar o radicalismo dos nossos processos de ação, a participação da mulher em quadros dirigentes do PDT e o fato de sermos uma instituição nacional permanente são exemplos de que queremos contar com a confiança das classes médias.

O Sr Leonel Brizola explicou que o PDT vai cada vez mais se ingajar nas lutas do dia-a-dia da classe média — que agora começa a participar politicamente com grande vigor da vida do país. E acrescenta que "surgirão deste segmento social os quadros técnicos que vão operar as propostas trabalhistas para as classes mais oprimidas do povo brasileiro".

— Podemos demonstrar nitidamente a importância deste papel a ser desempenhado pelas classes médias na medida em que é delas que, por exemplo, vão surgir os topógrafos, agrônomos, professores de educação rural e médicos que vão implantar a reforma agrária que pretendemos realizar no país, caso cheguemos ao poder pelo voto do povo. Como poderemos educar e assistir as crianças marginalizadas, sem o concurso dos professores e demais especialistas que delas serão retirados?

PT

Desprezada ideologicamente e considerada conservadora do **status quo**, a classe média será alvo de "uma política agressiva" até mesmo por parte do Partido dos Trabalhadores, que vai retirar de lá muitos candidatos aos cargos eletivos que serão postos em jogo nas urnas de 82.

Segundo o presidente regional do PT, Deputado estadual José Eudes, "a classe média é fundamental a qualquer projeto político-eleitoral e o PT é a soma dos trabalhadores oprimidos do campo e das cidades e de amplos setores das classes médias das cidades". O Partido considera a classe média como "aliada natural", pois "ela não se alia para cima, mas sim para baixo".

Após lembrar que o PT está fortemente estruturado em regiões com predominância de classe média — como em bairros da Zona Sul da cidade — o dirigente **petista** entende que "esta camada da sociedade está expurgando o pecado que cometeu ao apoiar o golpe de 1964". Julga que a retomada de sua luta política se dá em três campos:

— A classe média fluminense participa politicamente, hoje, através das inúmeras associações de bairros, dos sindicatos rurais e urbanos e dos Partidos políticos. E estamos colocando em prática uma política de agregação à sua luta contra o Governo federal, responsável pelo desemprego e pela retração de seus salários.

PDR

"A grande proposta que oferecemos à classe média é a do cooperativismo, única salvação para o Estado do Rio", diz a candidata do Partido Democrático Republicano (PDR) do Governo do Estado, Sandra Cavalcanti, para quem "a saúde de um país depende essencialmente da existência de uma classe média robusta e extensa — coisa que não existe hoje no Brasil".

A Sra Sandra Cavalcanti garante que tem estimulado iniciativas cooperativistas que lhe tem sido levadas no âmbito do Estado do Rio, citando como exemplo uma experiência realizada por agricultores de Natividade — município do Norte fluminense — 'com o cultivo do feijão.

PTB

O Partido Trabalhista Brasileiro — afirma sua presidente nacional, Ivete Vargas — incorpora amplas faixas da classe média em sua base social, na medida em que considera como trabalhadores "todos aqueles que retiram do seu salário o seu sustento e o de seus dependentes".

A ex-Deputada paulista aponta a defasagem salarial e o excepcional aumento do custo de vida como fatores responsáveis pelo processo de proletarização por que passa a classe média. O PTB vai buscar também nas eleições de 1982 o seu apoio para a viabilização de seu projeto político.

PMDB

O candidato do PMDB à sucessão do Governador Chagas Freitas, Senador Roberto Saturnino Braga, alinha três pontos que serão levantados pelo Partido na campanha para as eleições do próximo ano, com o objetivo de conseguir o voto da classe média fluminense.

— Em primeiro lugar, julgo que a democratização do Estado e da sociedade, abrindo o Governo à participação popular, é uma bandeira destinada a interessar fundamentalmente à classe média, na medida em que ela está mais organizada politicamente para influir nas decisões do Poder.

Outro ponto importante para o Senador pemedebista, é "a mudança da estrutura dos gastos públicos no Estado do Rio, pois pretendemos gastar muito menos com viadutos e vias paralelas em favor do componente social dos investimentos estatais. Esta alteração vai provocar imediatamente uma melhoria na qualidade de vida da classe média".

PP

Já o PP não pensa em articular qualquer estratégia eleitoral para conquistar a expressiva votação da classe média, segundo garante o candidato do Partido ao Palácio Guanabara em 82, Deputado Miro Teixeira. "Isto é uma demonstração de que os fantasmas de 64 continuam a pairar sobre nossas cabeças."

Segundo ele, "o Partido Popular e seus candidatos devem ser julgados pela sua plataforma e suas idéias, não cabendo formular esquemas para atingir esta ou aquela camada da sociedade, pois isto significa eleitoralismo".

Miro prega união para atender ao povo

Para eliminar de vez "a figura da elaboração de programas de Governo, a partir de uma visão tecnoburocrática", o secretário nacional do PP, Deputado Miro Teixeira, convidou as forças democráticas, agrupadas nos Partidos oposicionistas, a organizar programas mínimos de Governo nos planos federal, estaduais e municipais.

Os programas que passam pelos tecnoburocratas, na opinião do dirigente do Partido Popular, "quase sempre se dissociam das expectativas populares e da realidade sócio-econômica do país". Julga o Deputado fluminense que os Partidos oposicionistas têm, inclusive, "antes de pensar em candidatos", de eleger os seus programas de Governo em todos os níveis, "livres de interesses eleitoralistas".

Evitar brechas

Numa conversa, no Rio, o secretário nacional do PP condenou, ainda, os projetos pessoais, por considerá-los divisionistas: "Acabariam provocando ruturas das forças democráticas e abrindo brechas por onde acabariam passando as forças do Governo no caminho da vitória".

— A classe política e, em especial, os Partidos políticos, no período mais crítico do arbítrio, perderam inteiramente a qualidade de representantes da sociedade civil. Foi da OAB, da ABI, da CNBB, dos sindicatos e de outros segmentos que partiram as campanhas pelo restabelecimento das liberdades e defesa dos direitos humanos — observou o Sr Miro Teixeira.

Segundo o Deputado, "a nação não reconheceu nos Partidos da época (Arena e MDB) os instrumentos necessários ao êxito dos projetos que a sociedade reclamava. Com o pluripartidarismo entregaram-se as novas agremiações às tarefas burocráticas de sua organização, enquanto a classe política, na média, cultivava suas preocupações eleitorais a discutir sublegendas, domicílio eleitoral, voto distrital e tantas outras quinquilharias de difícil percepção para a classe trabalhadora".

Em sua censura aos Partidos, incluindo-se o seu, o parlamentar do Estado do Rio disse que, até aqui, "a classe política continua a discutir a maneira de conquistar o próximo mandato, sem uma grande percepção de que aumenta a dívida externa do país, cresce a inflação, o desemprego e o subemprego, a fome e a imprevidência social".

Arquivo—27/5/80

Miro quer programa unitário

A proposta

O Deputado Miro Teixeira firmou o ponto-de-vista de que os Partidos — e a classe política no seu todo — não podem continuar mais incorrendo nos erros do que chama "de passado recente". E sugeriu:

— Para formarmos Partidos políticos de oposição, que não se caracterizem como agremiações preocupadas, exclusivamente, com a vitória eleitoral de seus quadros, é que acho chegado o momento de partirmos para a eleição, isto sim, das propostas oposicionistas unitárias nos planos federal, estaduais e municipais.

Detalhando a idéia, o parlamentar do Estado do Rio salientou que "nos últimos anos, por força das circunstâncias políticas, os investimentos públicos se têm processado de uma forma autoritária sem a audiência das diversas entidades representativas dos segmentos da sociedade brasileira". E continuou:

— As eleições diretas de 1982 abrem a expectativa de organização democrática dos programas de Governo. Governadores eleitos pela Oposição poderão formar uma frente com vistas a restabelecer, por exemplo, a federação e o municipalismo, através da reforma do sistema tributário nacional. As aplicações resultantes dessa reforma devem ser feitas, ao mesmo tempo, mediante prioridades organizadas pela própria sociedade.

Inoportuno

O Sr Miro Teixeira acredita que só os programas de Governo organizados com a audiência da sociedade "poderão impedir a impraticabilidade da tomada de posições, para atender a cada problema que surgisse, já no curso dos Governos oposicionistas". Insistiu, por isso, na tese de que "o planejamento prévio é indispensável". E afirmou:

— O planejamento prévio tem de estar contido nos programas de Governo que proponho, e essa tem de ser a grande luta da Oposição. Como a proposta do PP é unitária reconheço, como única fórmula legítima de conformar tais programas, a audiência de associações de moradores, sindicatos, entidades empresariais, clubes de serviço etc., em convenções específicas que poderão canalizar e ordenar estas demandas de forma democrática.

Julga o Deputado Miro Teixeira que "nenhuma proposta de Governo será válida, se sair de um pequeno grupo de pessoas, por mais dotadas que sejam". E acrescentou:

— Este processo múltiplo que propomos contém como vetor principal as conclusões tiradas das convenções representativas dos diversos setores da população. Tais conclusões, obviamente, sofrerão acréscimos, modificações. Tudo indica, contudo, que existem condições para chegarmos a um patamar comum onde estejam incorporadas as reivindicações mínimas das forças democráticas".

Pacto

O virtual candidato do PP à sucessão fluminense defendeu, também, a tese de que os Governos eleitos pela Oposição "devem buscar ampliar, depois da vitória eleitoral, as suas bases, incorporando as forças democráticas, sem exceção, inclusive aquelas que tenham sido derrotadas nas urnas".

No caso específico do Estado do Rio, o Sr Miro Teixeira sustentou que "o futuro governador terá de saber incorporar às suas realizações a comunidade fluminense, suas organizações e lideranças, fazendo-as participar, efetivamente, do Governo e dos assuntos de Estado".

CEB lança cartilha de orientação político-eleitoral

Embora as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) neguem envolvimento na política partidária, três cartilhas — pela Diocese de Juazeiro, Bahia, pela Prelazia de Balsas, Maranhão, e pela Comissão Pastoral da Terra Centro-Sul — e o boletim de agosto da Prelazia de Coari, no Baixo Solimões, Amazonas, identificam os Partidos políticos, definem seus programas e orientam a preferência dos eleitores. As CEBs alegam estar apenas fornecendo educação política.

O PT é o Partido recomendado por todas as cartilhas, por "abraçar a luta dos trabalhadores" e ter sido criado "de baixo para cima". O PDS é o mais criticado, por "defender os interesses das grandes empresas, dos latifundiários e militares" e "querer a todo custo se manter no Poder". O PP é "o Partido dos banqueiros", a "Oposição de confiança do Governo". O PMDB é "a Oposição", o "herdeiro do MDB". O PTB é "muito simpático ao Governo". E o PDT é "herdeiro de Getúlio" e "quer uma sociedade mais justa governada pelos grandes".

Imagem de Goiás funde Brasil a trabalhadores

Juazeiro: "Espelho da situação"

Criticada pelo Senador Jarbas Passarinho, pelo Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães e pelo Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, D Avelar Brandão Vilela, a cartilha de orientação política elaborada pela Diocese de Juazeiro "pretende ser um espelho da situação em que vive a população local, insatisfeita com o PDS, única forma de Governo que conhece e que não modificou o quadro de miséria da região" — explicou o Bispo D José Rodrigues de Souza, responsável pela publicação.

D José nega que sua cartilha pregue a violência, como denunciou, da tribuna, o Senador Jarbas Passarinho. "O que se reconhece na cartilha" — afirma o Bispo — "é a violência institucionalizada que pesa há 400 anos sobre o povo do sertão: a violência da fome, da falta de empregos, dos salários irrisórios, da falta de estradas e escolas."

O Governador da Bahia discorda de D José. Na sua opinião, cartilhas como esta são feitas "por quem não está interessado em servir a Deus e sim ao demônio. A Igreja não pode tomar partido político. Assim como estão procedendo, os padres deviam tomar coragem de fundar um Partido político para serem derrotados nas urnas, com ou sem batina".

Mais cauteloso, D Avelar admite que, de um modo geral, as cartilhas "insinuam uma tomada de posição a favor de determinado Partido e a indicação da sigla é extremamente perigosa". Prevê também que as cartilhas políticas possam provocar "um acirramento de ânimos entre Igreja e Estado".

"O melhor"

Intitulada **Política: a Luta de um Povo**, a cartilha de Juazeiro já chegou ao sertão pernambucano e invadiu as comunidades de base, que desde a semana passada a estão utilizando como tema de debates nas reuniões. Com uma linguagem bem popular (comum a todas as cartilhas) distingue a Política com **P grande** — "a luta pelo bem comum" — da política com **p pequeno**, que seria a "política partidária". E adverte:

"Na política partidária, a tarefa dos bispos, padres e freiras tem limites. Não é tarefa do padre ser prefeito, nem do bispo ser governador. Na política partidária, a tarefa deles é dar força, ajudar o povo a refletir, a descobrir por si mesmo o que é melhor".

Na verdade, ao identificar os partidos, a cartilha de Juazeiro aponta o que "é melhor": o PT, que "quer acabar com a ditadura e dar liberdade para todo o povo, permitir que o povo tenha voz na política, fazer com que os trabalhadores decidam o que fazer com a riqueza que produzem e construir uma sociedade sem exploradores nem explorados".

Ferramentas

Dedicada aos trabalhadores "até agora enganados pelos políticos e demais pessoas que mandam na sociedade", a cartilha **Conquistando o que É Nosso**, da CPT Centro-Sul, publicada em maio, é a única que circula em Goiás. Seus cinco capítulos tratam da constituição da sociedade, da ideologia das classes dominante, média e trabalhadora, das diferenças entre política e politicagem e dos Partidos políticos.

Ao definir a política como "uma água que molha tudo, um ar que a gente respira sem vê-lo", a cartilha alerta: "O padre que fica calado acaba fazendo a política dos patrões, porque deixa o povo nas escuras, aceitando a situação."

A cartilha da CPT Centro-Sul define os Partidos como ferramentas criadas por uma parte da sociedade para cuidar dos seus interesses. Apresenta a reformulação partidária que extinguiu a Arena e o MDB como a "grande liquidação de Partidos", com o objetivo de "conter o povo" e "dividir e despedaçar a Oposição".

Ao explicar os tipos de sociedade, afirma: "Se são só uns que mandam e desmandam, teremos uma sociedade injusta, uma ditadura de uns poucos em cima da maioria do povo. Se quem manda é o povo, se prevalecem os interesses do povo, teremos uma democracia."

Cabresto

No Maranhão, política chama-se politicagem, de acordo com a **Cartilha Política à Luz do Evangelho**, da Prelazia de Balsas: "Tudo não passa de uma briga de galos, onde os galos são famílias ricas sempre se bicando, a raia são os municípios, e o prêmio o poder."

Apresentada pelo Bispo comboniano D Rino Carlesi, a cartilha distingue três tipos de voto: o **voto de cabresto** — "comum ainda hoje no interior, é quando um fazendeiro obriga seus empregados e colonos a votar num candidato que ele apóia" — o **voto comprado** — "quando alguém vota num candidato em troca de emprego, dinheiro e favores pessoais" — e o **voto consciente**, que "tem um objetivo bem definido: fortalecer a organização do povo".

Para a Prelazia de Balsas, "o bom político, para lavradores e operários, trabalhadores do Brasil, é aquele comprometido com um programa que contenha as aspirações das classes populares e que esteja disposto a sofrer todo o tipo de pressões para defender aquele programa". E "o mau político", de acordo com a cartilha, "é fácil de conhecer, mesmo porque ele é a maioria entre os nossos políticos, é aquele que só aparece no tempo de eleições".

Símbolos

Nem todas as cartilhas identificam as siglas dos Partidos políticos, e seus programas. Há as que apenas sugerem, com metáforas, os objetivos dos Partidos e, por vezes, a associação é muito clara. É o caso de **Fé e Política**, um manual que acompanha 150 **slides**, lançado em agosto pela Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo.

Preparado durante seis meses pela equipe do Instituto de Ação Cultural (IDAC) — liderado pelo educador Paulo Freire — o trabalho foi classificado pela arquidiocese como "subsídios de reflexão" e já está em discussão nas CEBs de São Paulo.

Entre a data do lançamento e a entrega às comunidades, houve uma alteração, determinada pelo Cardeal D Paulo Evaristo Arns: diante das reclamações de vários políticos, foram apagadas todas as siglas de um dos **slides** (uma encruzilhada com várias setas, indicando os diversos Partidos, com destaque para o PT e com o PDS em último lugar). As setas, agora, aparecem em branco — mas só no **slide**, porque o manual já tinha sido impresso.

No manual, os **slides** são reproduzidos e acompanhados por legendas classificadas de "meramente indicativas", podendo ser abandonadas pelos monitores que orientam os debates. O trabalho conta a história da caminhada do povo por um "desfiladeiro escuro", a partir de 1964, e os Partidos são simbolizados por pontes.

Sem referência a siglas, são feitas nas legendas críticas indiretas ao Partido do Governo — "grandes viadutos onde não tem lugar para o povo" — e a alguns Partidos de oposição — "vias de acesso disfarçadas ao Partido do Governo" ou pontes que "não levam **pro** lado de lá". Há ainda as pontes que, de acordo com o manual, servem para o povo: "Umas prontas, outras sendo construídas com a experiência que foi acumulada."

A cartilha apresenta o movimento popular como "um rio caudaloso". E acrescenta: "O Governo viu lá de cima esse rio crescendo e ficou muito preocupado. E se pensou num plano para dividir e canalizar esse rio. O plano mostra que é importante para o Governo que a Igreja só se ocupe de religião, que os sindicatos só existam para discutir salário e que a política fique só com os Partidos".

Na apresentação do manual, com visto do Cardeal Arns, a Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo diz: "Para a Igreja, falar de política não é enfrentar tema profano, de outra esfera, nem é exceder sua missão divina. Entre os poderes que o Cristo lhe atribuiu, essenciais ao cumprimento do seu mandato, está a missão profética de denunciar o injusto e anunciar a justiça".

Democracia

Adotando uma posição mais neutra, a cartilha da Arquidiocese de Fortaleza adverte, logo no prefácio, que "a Igreja não favorece a nenhum Partido em especial". Afirma, porém, que a Igreja está "profundamente comprometida com a instauração e consolidação da democracia e, como tal, denunciará todas as formas de regulamentação eleitoral que distorçam a autenticidade da representação popular, sejam quais forem os seus beneficiários".

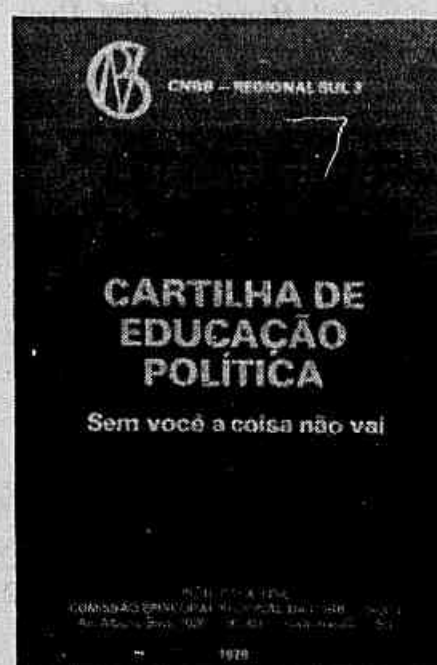
A cartilha será definitivamente impressa e distribuída logo que a Arquidiocese receber das dioceses do interior os comentários e análises sobre o seu texto base. Aborda, principalmente, o chamado "voto de favor". Fala sobre a crise econômica de 1929, quando "os grandes proprietários de terra perderam parte do poder". E acrescenta: "Os donos das fábricas aproveitaram a crise e assumiram o poder, com a revolução de 30, colocando Getúlio Vargas na Presidência".

Comenta a extinção dos antigos Partidos, a criação da Arena e do MDB, e diz que o Governo achou por bem acabar com os dois, como resposta ao crescimento do Partido de oposição. E, por isso — de acordo com a **cartilha** — criou novamente o pluripartidarismo. Cita os Partidos atuais, mas não dá nenhuma indicação de preferência por qualquer um, aconselhando o cristão a "estudar o programa de cada".

Classes

Já a cartilha da Arquidiocese de Vitória abstém-se completamente de mencionar os Partidos políticos. A cartilha — cuja novidade é ser uma história em quadrinhos — leva o nome **Bate-Papo sobre Política** e, entre seus temas, estão as diferenças entre as classes: "Aqui na roça a gente tem muitos problemas. As crianças estão cheias de vermes, a escola, longe, não dá boa instrução... mas o **seu** Carlos não tem nenhum desses problemas. Os seus filhos estudam na Capital. Olhe só que casa **chic** ele tem!"

A cartilha fala ainda sobre o lucro — "os patrões só têm um objetivo: aumentar cada vez mais seus lucros para aumentar seu capital, pagando sempre o **mínimo** aos trabalhadores" — o Estado — "o Estado é como se fosse uma espécie de juiz na briga dos exploradores com os explorados, só que o juiz puxa **pro** lado dos exploradores; o juiz é comprado por eles" — e conclui com uma pequena história sobre a dominação dos países ricos, em que o país mais visado são os Estados Unidos.

Bem modesto, com poucas páginas, a capa escrita à mão, o **Decálogo da Pastoral Partidária**, da Prelazia do Acre e Purus, recomenda que se evite "dentro das CEBs toda a espécie de propaganda partidária". Mas aconselha aos membros das comunidades a preferência por Partidos "que sejam populares mesmo, defendam os direitos dos oprimidos, que tenham uma orientação socialista, isto é, que visem a colocar a economia nas mãos do Povo organizado". A prelazia defende uma reforma agrária "radical" e apóia práticas "socializantes, como mutirões e compras comunitárias".

Sem desenho na capa, a Regional Sul é a mais sofisticada

Juazeiro denuncia "violência de 400 anos", diz seu bispo

Vitória apela para uma comunicação direta e descontraída

Balsas, das mais pobres, se liga à literatura de cordel

A radiografia dos Partidos

O PDS é "o Partido do Presidente João Figueiredo; tem comerciantes, fazendeiros, **bate-paus** (capatazes) de grandes" (Juazeiro, Bahia). É o "herdeiro da Arena; o Partido da burguesia, dos donos das fábricas e dos latifundiários" (CPT Centro-Sul/ Goiás). É o "filho legítimo da antiga Arena; um Partido para obedecer a todas as ordens e garantir a continuação do regime. Nele estão os conservadores, aqueles que querem mudar uma coisinha para que tudo continue igual" (Balsas, Maranhão).

Para a Prelazia de Coari, no Baixo Solimões, Amazônia, o PDS é o Partido que "defende o regime iniciado em 1964 e que colaborou com a exploração dos trabalhadores, com a falta de liberdade democrática, com o achatamento dos salários; acelerou a entrega do Brasil às multinacionais e, por seus envolvimentos militares, prendeu opositores políticos".

O PP é a "armadilha", "o Partido dos donos de banco, do pequeno e médio empresariado nacional; Oposição até certo ponto. Não tem interesse no **povão**" (Juazeiro, BA). "Está do lado do Governo" (Goiás). É o "Partido de centro, (Balsas, MA). Tem "na sua direção os testas-de-ferro do capital multinacional" (Baixo Solimões, AM).

O PMDB é "Oposição, Partido de classes populares e médias, espécie de guarda-chuva que tem todo tipo de classe embaixo dele" (Juazeiro, BA). É o "herdeiro do MDB, tem representantes da burguesia, classe média e classe trabalhadora; defende a democracia, a melhoria de vida para os trabalhadores" (Goiás). Sua "luta principal é pela Assembléia Constituinte" (Balsas, MA, e Baixo Solimões, AM).

O PTB "dificilmente irá se firmar; dizem que está amarrado ao PDS" (Juazeiro, BA). Está "do lado do Governo. Nele, entram os mais conservadores do antigo PTB de Brizola" (Goiás). É "muito simpático ao Governo" (Balsas, MA). "Tenta fazer reviver as velhas teses populistas do ex-ditador Getúlio Vargas, e parece ser controlado pelo PDS, por meio de Golbery do Couto e Silva" (Baixo Solimões, AM).

O PDT é "formado de líderes e intelectuais de esquerda. Atrás tem a burguesia nacional e classes populares e trabalhadores" (Juazeiro, BA). Quer "uma sociedade mais justa governada pelos grandes" (Goiás). Tem "ligações com a social-democracia da Europa" (Balsas, MA). Como o PTB, "tenta lançar a bandeira do getulismo, acreditando que os trabalhadores brasileiros ainda não possuem uma consciência crítica" (Baixo Solimões, AM).

O PT é "formado por líderes sindicais, operários, camponeses, intelectuais, artistas e minorias oprimidas. Vem de baixo, da base" (Juazeiro, BA). "Não foi criado pelo Governo, nem foi previsto. Foi a criança inesperada. Dá a maior força para as lutas populares, defende um sindicalismo autêntico não amarrado ao Governo" (Goiás). É o Partido que "quer abraçar as lutas dos trabalhadores" (Balsas, MA).

Para a Prelazia de Coari (AM), o PT "aponta para uma mudança na sociedade, recusando o modelo capitalista que forma exploradores e explorados". A proposta do PT é "formar, pela primeira vez na história do país, um Partido amplo dos trabalhadores, dirigido pelos trabalhadores e voltado para fortalecer a luta dos trabalhadores".

Recife pesquisa trabalhador rural

Recife — Partindo do princípio de que a pesquisa é um instrumento para se conhecer a realidade, a Animação dos Cristãos no Meio Rural — ACR — da Arquidiocese de Olinda e Recife, iniciou um amplo levantamento junto aos trabalhadores rurais para saber o que eles entendem por Partidos políticos. O resultado será analisado de 18 a 25 de outubro próximo, numa grande assembléia a se realizar no Seminário de Olinda.

Para isso, foram distribuídos, em todo o Nordeste, 4 mil questionários, onde se indaga sobre a existência de Partidos políticos na área de cada grupo a ser entrevistado, como eles influenciam na vida das pessoas, onde os políticos mais se destacam, quais suas promessas, se eles oferecem dinheiro ou não aos eleitores e como se relacionam com a Igreja.

O objetivo

A ACR é dirigida, no Nordeste, pelo Padre José Servat, que assim explica a pesquisa: "Ela tem a finalidade de preparar a nossa assembléia-geral que todos os anos analisa uma realidade. E essa realidade, agora, são os Partidos políticos, em conseqüência da reforma partidária. Dependendo dos resultados, vamos imprimir um livreto que levará ao povo do meio rural a nossa orientação a partir do que ele mesmo falou no levantamento que fizemos".

Ele diz que a pesquisa tem, ao mesmo tempo, o objetivo de fazer uma sondagem para conhecer o que o povo pensa e sente em relação aos Partidos políticos.

— Claro — explica Padre Servat — que é uma sondagem informal que vai servir como subsídio para o encontro.

Para preparar a pesquisa, o jornal **O Grito do Nordeste**, editado pela ACR, vem publicando, desde o início do ano, artigos sobre os Partidos políticos, dando uma primeira orientação ao meio rural sobre as várias siglas existentes e o que elas representam.

Eleição

Em um dos números de **O Grito do Nordeste** a reforma partidária é explicada numa linguagem simples, e todos os Partidos são citados. O jornal afirma, logo no início: "O Governo está garantindo que haverá eleições em 1982. Em muitos lugares se fala nisso, pois o povo gosta de votar. Dia de eleição é dia de festa do povo. Mas é bom lembrar que eleição não é brincadeira. Votar é uma coisa muito importante que pode ajudar ou atrapalhar mais ainda a vida do povo."

Depois desse alerta, o artigo diz que a situação fica mais difícil, agora, com todos os Partidos que apareceram e passa a explicar todas as agremiações políticas.

Diz que a Arena, "onde estavam os sustentadores e aproveitadores do regime militar, só fez mudar de nome. Passou a chamar-se Partido Democrático Social (PDS). Continua do mesmo jeito, apoiando o Governo e sendo um obstáculo às reivindicações populares. Ao PDS se devem a aprovação da Lei dos Estrangeiros, que expulsou o Padre Vito do Brasil e a não a aprovação de projetos que teriam apressado a plena restauração da democracia no país".

Oposição

Com relação à Oposição, diz que ela se dividiu em cinco novos Partidos: o PMDB, o PP, o PT e o PDT e afirma: "Todos se dizem de oposição. De fato, não são todos de oposição verdadeiramente. O PP nasceu de descontentes da Arena e do MDB. É formado por donos de bancos e de fábricas. O PTB e o PDT são duas correntes que se dizem herdeiras do antigo PTB de Getúlio Vargas.

E oposição pra valer são os setores do PMDB, do PDT e PT (nascidos das lutas metalúrgicas em São Paulo). Por causa de limitações impostas pelo Governo militar, muitas outras tendências políticas se abrigaram nestes três Partidos. Umas mais fortes, mais radicais e outras mais moderadas.

Em seguida ressalta que, apesar de assumirem, às vezes, as reivindicações populares, "estes Partidos ainda surgiram de cima para baixo, não saíram das bases. Estão aí, tentando convencer as pessoas, conseguir votos, tomar o Poder, objetivo de todo Partido político".

Por fim, diz que o cristão não pode ficar indiferente à atividade político-partidária: "Ele pode vir a ser instrumento de libertação do povo. Contudo, deve ficar bem consciente do que quer e do que faz para deixar-se instrumentalizar. Para não se tornar joguete nas mãos dos donos do Poder político."

E acrescenta: "Além disso, ele precisa ter o sentido do que é mais viável, mais possível dentro de um processo de mudança dentro do país. Aí está um campo onde toda escolha, toda decisão só podem ser feitas e tomadas com muito discernimento e responsabilidade. Está em jogo o futuro do povo que, aos poucos, deve ir-se conscientizando, se organizando no sentido de uma participação cada vez mais consciente, mais verdadeira, mais popular."

Plágio em arquitetura tem provas

Recife — As provas de que houve plágio na tese de doutorado que o professor Max Luterman apresentou na Universidade de Madri para obter o título de doutor em Arquitetura já foram reunidas pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e enviadas à sua Reitoria desde junho para que sejam remetidas à Espanha. O objetivo é a cassação do título, já que o autor da tese copiou integralmente 80% do livro **Espaço da Arquitetura**, do professor Edvaldo Bezerra Coutinho.

O diretor do curso de Arquitetura, professor Zildo Sena Caldas, informou que "desde que foi feita a constatação da irregularidade — em 1979 — procedeu-se a uma análise comparativa entre a fundamentação teórica da tese e o livro — publicado há muitos anos — do professor Edvaldo Bezerra Coutinho. Embora a conclusão do trabalho tenha sofrido um atraso, em junho a Reitoria recebeu o relatório e agora esperamos que solicite à Universidade de Madri o cancelamento do título, conseguido indevidamente".

O PLAGIADO

O professor Evaldo Bezerra Coutinho é um intelectual de 70 anos, muito lúcido, íntegro e educado, conforme declarações dos seus alunos e contemporâneos. Vive atualmente no seu apartamento da Avenida Boa Viagem, à beira-mar. Aposentado, dedica-se aos estudos, à leitura e a preparação dos seus livros, de conteúdo filosófico.

Referindo-se ao caso, procurou ser sutil e delicado "para não ferir um ex-aluno".

— Quando Max chegou da Espanha me mostrou a sua tese o que não deixa de ser uma atitude muito estranha. Verifiquei então que 80% do texto foram traduzidos literalmente do meu livro, sem sequer uma citação do meu nome nas páginas e páginas que copiou, colocando-o apenas na bibliografia consultada. Não quero incriminá-lo; não sei explicar o seu gesto. Era um dos meus bons alunos da turma de 70, da qual fui paraninfo. Acho que não quis me prejudicar, embora tenha-se aproveitado do meu trabalho para conseguir o título de doutor em Arquitetura, raro aqui no Brasil.

O professor Evaldo Bezerra Coutinho, formado em Direito pela turma de 1933; mestre dos mais respeitados nos cursos de Arquitetura e de Letras da Universidade Federal de Pernambuco; especializado em Filosofia da Arte e da Estética; é autor de sete livros que exprimem sua concepção filosófica, editados pela Perspectiva de São Paulo.

INAMPS tira ajuda de 11 sanatórios

São Paulo — Por se considerar destratado pelo Ministro da Previdência Social, Jair Soares, o Prefeito de Campos do Jordão, Fausi Paulo, ameaça renunciar caso não seja encontrada uma solução para a crise que envolve os 11 sanatórios para tratamento de tuberculosos do município, que tiveram cortados os convênios que mantinham com o INAMPS e estão prestes a fechar suas portas.

O Prefeito Fausi Paulo denuncia uma crise social sem precedentes no município, que já tem 800 desempregados e cerca de mil leitos — dos 1 mil 450 existentes na cidade — ociosos e uma perspectiva de fechamento de todos os sanatórios. "Vamos retornar ao tempo dos tuberculosos dormindo nos bancos dos jardins", acentuou.

CRISE

A crise começou no primeiro trimestre deste ano, quando o INAMPS extinguiu os convênios que mantinha com os sanatórios, para tratamento de tuberculosos, e transferiu esse tipo de tratamento para os centros de saúde. Sem recursos, pois dos 1 mil 450 leitos, apenas 200 são destinados a particulares, os sanatórios começaram a dispensar seus funcionários, chegando neste mês a um total de 800 desempregados e com a ameaça dos estabelecimentos de demitirem mais 700 num curto espaço de tempo.

Campos do Jordão tem uma população de 30 mil habitantes e, além dos 1 mil 500 que estão empregados diretamente nos sanatórios, eles geram mais 6 mil empregos na cidade. Por isso, o Prefeito Fausi Paulo (PDS) acusa o Governo de se mostrar insensível com um problema social tão grave.

Ele explica que foi a Brasília falar com o Ministro Jair Soares, que se mostrou "como um incompetente e mal-educado" pois quando solicitou que os convênios não fossem extintos, recebeu como resposta a afirmação do Sr Jair Soares de que ele era um "mau prefeito" porque o Município de Campos do Jordão não paga o que deve à previdência social.

Sindicatos rejeitam "pacote"

A retirada pura e simples do pacote previdenciário, "porque sentem que as medidas nele preconizadas são simplistas e carecem de um estudo aprofundado", está sendo defendida "intransigentemente" por 32 sindicatos de trabalhadores, associações e departamentos de aposentados de Santos, num documento divulgado ontem.

Esse documento será lido durante concentração pública no dia 1º próximo, na Praça Mauá.

Arquiteto se diz incompreendido

O arquiteto pernambucano Max Luterman, acusado de plagiar sua tese de doutorado, que defendeu em Madri, considerou-se incompreendido e, mesmo sem desejar falar sobre a acusação, pediu que primeiro se leia seu trabalho. Ele conseguiu registrar sua tese na Universidade Federal de Alagoas, onde é responsável pela construção do Parque Zumbi.

— Não sei do que você está falando. Oficialmente, não tomei conhecimento de nada. Se vierem a mim, saberei o que responder. Primeiro pedirei que leiam meu trabalho. Só isso — completou, quando foi procurado para responder à acusação de plágio.

Luterman morou algum tempo em Maceió e depois de sua tese ser rejeitada em Recife, sob a acusação de plágio levantada pelo professor Edval Coutinho e comprovada pela direção da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco — cerca de 80% do seu trabalho, traduzido para o espanhol, é cópia do livro do professor Coutinho — voltou logo a Alagoas.

Conseguiu registrar sua tese na UFAL e ganhou imediatamente a coordenação do Projeto Zumbi, que vem cuidando do estabelecimento do Parque Zumbi na serra da Barriga, a 85 km de Maceió. Ele vem trabalhando com um grupo de estudantes de arquitetura e é orientado pelo professor espanhol Javier Segui, contratado pela UFAL por um ano.

Reitor da Universidade Federal de Alagoas, professor João Azevedo, defendeu a tese do arquiteto Luterman e também elogiou seu trabalho profissional. "É um rapaz competente e dedicado. Um excelente técnico e até agora só posso fazer elogios a seu trabalho.

O Reitor disse que sua tese foi aceita plenamente pelo Conselho de Ensino e Pesquisa "e devidamente registrada como recomenda a legislação", sem querer discutir a questão do plágio.

— Não sei. Sobre essa acusação não posso falar nada. Li o trabalho do professor Nax e considero-o revolucionário. Acho que está havendo uma questão pessoal. A tese dele é muito boa. Ela revoluciona a arquitetura, a partir de quando passa a modificar os padrões tradicionais, exigindo que o projeto seja pensado e analisado em todos os seus aspectos — disse o Reitor.

Max Luterman procurou demonstrar tranqüilidade, mas quis saber como tinha sido localizado. Não aceitou gravar a entrevista — "prefiro bater um papo", disse — enquanto deixava claro que a acusação de plágio "era uma questão pessoal e intelectual".

— O fato de a Universidade Federal de Alagoas aceitar minha tese não significa nenhuma vitória. É uma questão de trabalho. Considero-me um arquiteto em formação. Antes de mais nada é preciso saber que minha tese é aceita na Europa. Só isso — concluiu.

// JORNAL DO BRASIL

Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura

Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Dignidade do Trabalho

Desde o Concílio Vaticano II, do *agiornamento* de João XXIII, até os dias confusos que correm, em que teologias discutíveis são indebitamente apropriadas por políticos e ideólogos dentro da própria Igreja, tornou-se comum a prática da exegese de documentos e encíclicas papais a partir das habituais dicotomias direita-esquerda, progressismo-conservadorismo. Há mesmo quem procure situar Papas e Bispos a Leste ou a Oeste de Roma.

A carta encíclica *Laborem Exercens*, que o JORNAL DO BRASIL está publicando na íntegra no *Caderno Especial* desta edição, provoca naturalmente a sofreguidão dos analistas apressados e a postura clássica dos que não leram e não gostaram e dos que não leram e gostaram.

Para a leitura honesta da extraordinária enciclíca de João Paulo II, sua interpretação e aplicação a situações concretas, é preciso ter em mente o sentido da exortação que o Papa reinante fez aos Bispos brasileiros, na sua carta de 10 de dezembro de 1980, a propósito da herança deixada pelo último Concílio:

"Fazer conhecer seus textos, inculcar seus ensinamentos, transmitir seu espírito é um dever. Será também algo de essencial evitar de um lado a resistência temerosa à sadia renovação que o Concílio propõe e, de outro lado, os abusos e desvios graves cometidos em nome dele, mas a partir de uma leitura superficial senão do desconhecimento de sua autêntica doutrina".

Na introdução à nova Encíclica, João Paulo II a enquadra "na linha do desenvolvimento orgânico da ação e do ensino social da Igreja", e deixa claro que prega "segundo a orientação do Evangelho, para extrair *do patrimônio do mesmo evangelho "coisas novas e coisas velhas*" (grifo da própria encíclica).

A *Laborem Exercens*, do mesmo modo histórico em que deve ser vista a *Quadragesimo Anno* de Pio XI em relação à *Rerum Novarum*, seguindo "a linha principal de desenvolvimento dos documentos do supremo magistério da Igreja", procura aplicar a doutrina patrimonial da Igreja ao que o atual Papa chama de "novos adiantamentos nas condições tecnológicas, econômicas e políticas, o que — na opinião de muitos peritos — irá influir no mundo do trabalho e da produção, em não menor escala do que o fez a revolução industrial do século passado".

Entre esses novos fatores estão a introdução generalizada da automação em muitos campos da produção; o aumento do custo de energia e das matérias-primas; a crescente tomada de consciência de que é limitado o patrimônio natural e do seu "insuportável inquinamento"; e o "virem à ribalta, no cenário político, povos que, depois de séculos de sujeição, reclamam o seu legítimo lugar no concerto das nações e nas decisões internacionais".

A nova e histórica encíclica contém dois capítulos particularmente polêmicos no mundo profano da política e dos negócios: "o trabalho e o homem" e "o conflito entre trabalho e capital na fase atual da história". São temas propícios a pinçamentos interesseiros dos que, de um lado, promovem a luta de classes e, de outro, não querem reconhecer a "*prioridade do trabalho humano no confronto com aquilo que, com o tempo, passou a ser habitual chamar-se de "capital*".

A encíclica sublinha mais uma vez a doutrina evangélica: "*o sujeito próprio do trabalho continua a ser o homem*". Por isso, volta a condenar, com ênfase especial, a "ameaça à hierarquia de valores" que constitui o tratamento do trabalho "como uma mercadoria sui generis" ou como uma "força anônima necessária para a produção", no capitalismo e no socialismo ou comunismo.

O que a Igreja deseja é que a "dimensão objetiva do trabalho não tome o predomínio sobre a dimensão subjetiva, tirando ao homem ou diminuindo a sua dignidade e os seus direitos inalienáveis". Daí a preocupação expressa na *Laborem Exercens* com o indesejável acirramento do conflito entre trabalho e capital.

"Este conflito — diz o Papa —, interpretado por alguns como conflito sócio-econômico com caráter de classe, encontrou a sua expressão no conflito ideológico entre o liberalismo, entendido como ideologia do capitalismo, e o marxismo, entendido como ideologia do socialismo científico e do comunismo, que pretende intervir na qualidade de porta-voz da classe operária, de todo o proletariado mundial".

Continuam a errar, portanto, os que querem pensar ter a Igreja simpatia pela "ideologia do capitalismo" ou pela "ideologia do socialismo científico ou do comunismo". É cristalino que sua opção pelos pobres inclui os que assim são por serem tratados como mercadoria ou como força anônima necessária para a produção, no Leste ou no Oeste, no Norte ou no Sul.

Ao tratar do trabalho e propriedade, João Paulo II reafirma a doutrina simétrica da Igreja, cujo símbolo é a cruz, já exposta na *Rerum Novarum* e na *Mater et Magistra*:

"O princípio a que se alude, conforme foi então recordado e como continua a ser ensinado pela Igreja, *diverge* radicalmente do programa do *coletivismo*, proclamado pelo marxismo e realizado em vários países do mundo, nos decênios que se seguiram à publicação da encíclica de Leão XIII. E, ao mesmo tempo, ele difere também do programa do *capitalismo*, tal como foi posto em prática pelo liberalismo e pelos sistemas políticos que se inspiram no mesmo liberalismo."

E o Papa sublinha, quanto à propriedade, que "a tradição cristã nunca defendeu tal direito como algo absoluto e intocável; pelo contrário, sempre o entendeu no contexto mais vasto do direito comum de todos utilizarem os bens da criação inteira: *o direito à propriedade privada está subordinado ao direito ao uso comum*, subordinado à destinação universal dos bens".

Contudo adverte que, se a posição do capitalismo "rígido" tem de ser continuamente submetida a uma revisão, "no intuito de uma reforma sob o aspecto dos direitos do homem, entendidos no seu sentido mais amplo e nas suas relações com o trabalho, então, sob o mesmo ponto-de-vista, deve afirmar-se que estas reformas múltiplas e tão desejadas não podem ser realizadas *com a eliminação apriorística da propriedade privada dos meios de produção*" (grifos da própria encíclica).

Nesta crítica ao socialismo de Estado, a encíclica esclarece bem o sentido da palavra "socialização", muitas vezes pinçada de textos do supremo magistério da Igreja pela "teologia engajada". Diz o Papa que "o simples fato de os meios de produção passarem para a propriedade do Estado, no sistema coletivista, não significa só por si, certamente, a "socialização" desta propriedade. Poder-se-á falar de socialização somente quando ficar assegurada a subjetividade da sociedade, quer dizer, quando cada um dos que a compõem, com base no próprio trabalho, tiver garantido o pleno direito a considerar-se co-proprietário do grande "banco" de trabalho em que se empenha juntamente com todos os demais".

No capítulo dos "direitos dos homens do trabalho", a *Laborem Exercens* revela a "importância dos sindicatos", com base na doutrina pacífica da Igreja de enfatizar o direito de associação, com a finalidade de "defender os interesses vitais dos homens empregados nas diferentes profissões". Mas alerta: "os sindicatos não têm o caráter de "Partidos políticos" que lutam pelo poder, e também não deveriam nunca estar submetidos às decisões dos Partidos políticos, nem manter com eles ligações muito estreitas. Com efeito, se for esta a situação, eles perdem facilmente o contato com aquilo que é o seu papel específico, que é o de garantirem os justos direitos dos homens do trabalho no quadro do bem comum de toda a sociedade, e, ao contrário, tornam-se um instrumento da luta para outros fins".

Uma encíclica é uma carta-circular emanada do supremo magistério da Igreja. Seu conteúdo deve ser pregado e aplicado pelos pastores e seguido pelo rebanho.

Há bispos, como os da Polônia, que já começam a pôr em prática os ensinamentos da nova e histórica encíclica, aplicando-os à atual situação de confronto entre os trabalhadores do Solidariedade e o Governo comunista de Varsóvia. Destacaram que "os justos esforços dos trabalhadores devem ter sempre em conta as limitações impostas pela situação econômica do país".

É inevitável a comparação com o que ocorre no Brasil.

Espera-se que a Igreja do Brasil, trabalhadores, políticos e empresários recebam e assimilem os conselhos e exortações da *Laborem Exercens* em toda a sua organicidade, procurando aplicar a cristalina orientação papal às graves situações concretas existentes no país, sem preconceitos e sem os "desvios graves" a que se referia João Paulo II na sua carta ao episcopado brasileiro.

Sucessos Peruanos

Pouco mais de um ano depois da posse do Governo civil de Fernando Belaúnde Terry, o Peru está de volta aos mercados internacionais, desfeita a imagem de país à beira da falência que não merecia crédito porque o Governo alterava constantemente as regras do jogo econômico. A balança comercial, em 1980, fechou com um pequeno superávit; e a inflação, que era de 80% em 1978, baixou para cerca de 50%.

O ano de 78 foi também o da ida ao FMI — prestação final de contas de uma revolução ambiciosa que pretendera tornar o país *autônomo*, e conseguiu apenas desarticular as bases da produção. A dívida externa ia, então, a 7 bilhões de dólares; e com o declínio progressivo das exportações, não havia como pagar o serviço desta dívida.

Recorrendo ao FMI, depois de negociações acaloradas, e sob pressão dos bancos internacionais, o Governo peruano concordou em reduzir o crédito bancário, deixar que as taxas de juros acompanhassem aproximadamente as da inflação, desvalorizar o sol — a moeda nacional — e reduzir o volume de subsídios e de gastos com obras públicas.

O aumento da produção de petróleo melhorou, certamente, a situação interna. De 200 milhões de dólares importados em 1978, o país passou a ter um pequeno excedente exportável. Mas há amplos indícios de que a boa administração pesou mais que a conta petróleo na recuperação dos músculos econômicos. Ao lado disso, a Petroleos del Peru, depois de descobrir poços produtivos, ofereceu a companhias internacionais até a metade do petróleo que pudessem descobrir por sua conta.

Nada parece mais antigo, agora, do que os planos do militarismo *doutrinário* que assumiu o Poder em 1968, depois de derrubar o mesmo Belaúnde Terry a quem terminou por devolver o mandato. Esses planos centravam-se nas nacionalizações, nas obras públicas, num grande programa armamentista e em generosos subsídios. Muito mais eficaz parece ter sido o Plano Tupac Amaru, que postulava a necessidade de devolver o Poder aos civis — e que, ao contrário dos outros, foi cumprido com êxito.

Chico

Cartas

Hora de renovação

Ultimamente, tendo lido e observado no noticiário dos jornais, notadamente no JORNAL DO BRASIL, uma série de alusões e reportagens focalizando figuras políticas de ex-Presidentes da República, ex-Ministros etc, dando ênfase maior ao ex-Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Sr Golbery do Couto e Silva.

Não sei por que essa insistência em focalizar tais nomes. Eles já cumpriram os seus papéis no jogo político nacional. Não vejo motivo para se continuar falando e escrevendo a respeito deles. Eles foram aposentados ou exonerados e pronto. Bola pra frente. A hora é de renovação, vamos dar oportunidade aos políticos jovens. Precisamos de sangue novo no Congresso Nacional, almejamos um Presidente da República jovem, queremos um Ministério criativo, defendendo os interesses do povo. Não agüentamos mais essas figuras biônicas, não suportamos mais os tocadores de piano do Senado (votação eletrônica). Deixem eles irem em paz para os seus sítios, suas mansões.

A maioria dessas figuras já morreu e não sabe. Aplausos ao Sr Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, que não aceitou o ingresso do ex-Presidente Jânio Quadros naquela agremiação, aliás, os espaços cada vez mais se encurtam para o Sr Quadros. Outros ficam em cima do muro, não se decidem se se filiam nesse ou naquele Partido. Essas raposas velhas têm que se conscientizarem que já estão sepultadas nas urnas e escrutínios do TSE. O eleitor já conhece de sobejo suas manhas e arengas. Nós eleitores é que vamos fazer à hora. Em 1982 haverá eleições, e o voto ainda é a arma do povo. Tenho dito. **Wilson Longobucco — Rio de Janeiro.**

Ensino carente

É melancólico o que está ocorrendo neste país, que se julga em desenvolvimento. Refiro-me às redes de ensino do Brasil. Os colégios particulares estão, simplesmente, um absurdo, em termo de mensalidades. Nos públicos nem aula se tem, faltando material escolar, professores e, podem crer, salas de aula — em muitos estabelecimentos.

Entretanto, estudando em rede particular ou pública, o aluno vai para o Vestibular deixando muito a desejar. Muitos não acertam nem as 84 questões, o mínimo exigido pelo Cesgranrio, para não serem eliminados. E todo ano, mais de 50 mil pessoas tiram conceito C na redação, mostrando-se incapazes de expor o raciocínio em um papel, de forma ordenada e clara.

Se o nosso sistema de ensino não for reformulado, tão cedo não sairemos do "em desenvolvimento". Não é incentivando o povo a fumar mais, assim como tirar dinheiro de bobo (cassinos), que se vai para frente. A alma do negócio denomina-se uma boa educação escolar. **João Fernando Kassa — Rio de Janeiro.**

A neta assaltada

O nosso Rio de Janeiro está-se transformando em verdadeiro centro de assaltos, a maioria deles não levados ao conhecimento de nossa polícia, porque não adianta, nada acontece. Vou citar um exemplo: as linhas de ônibus números 583 e 584, Cosme Velho — Leblon, todos os dias, **mas todos os dias mesmo**, os seus passageiros indefesos são assaltados e roubados em suas jóias e dinheiro. Os funcionários que neles trabalham, isto é, motoristas e cobradores, assistem a esses assaltos calmamente, sem socorrer os pobres coitados dos passageiros, a maioria das vezes estudantes menores que voltam das escolas. No dia 4 corrente, a minha neta com 17 anos vinha da escola no célebre ônibus 584, quando se sentou a seu lado um homem que, com um revólver, tirou-lhe o relógio e um cordão de ouro de seu pescoço, arrebentando-o, debaixo do choro da pobre menina que ainda tentou reagir dizendo ser o cordão de muita estimação. Pois bem, ninguém dentro do ônibus tentou reagir indo em seu socorro, inclusive o motorista e cobrador. Pelo contrário, o motorista abriu-lhe a porta para a fuga. **Pagamos impostos pesados** e a nossa polícia não toma providência em defesa dos contribuintes, porque naturalmente essa polícia só anda em seus carros oficiais comodamente conduzidos... Deus nos acuda por Amor de todos nós. **Joubert Fontes — Rio de Janeiro.**

O trigo

É difícil compreender como ainda estamos importando trigo. Este país já devia produzir para o seu consumo e para exportar em grande escala. Já devia ser classificado como um dos maiores exportadores do mundo.

Lembro-me que na gestão do Presidente Getúlio Vargas, o Governo incentivou o plantio do trigo, milho etc. e chegamos a produzir, segundo as estatísticas, um terço do consumo anual. O Governo realmente incentivou o plantio, mas não deu condições para o recolhimento das safras. Na última grande safra de produção de trigo, se o Exército não pusesse os seus caminhões à disposição do escoamento, seria um desastre, com a perda total do cereal, razão pela qual os agricultores foram perdendo o interesse e o Governo também. O pior foi o Governo ter enviado um emissário aos Estados Unidos para fechar a compra das chamadas sobras de suas safras, para serem pagas em 40 anos. Destarte, como se vê, acabou-se com a produção nacional. Em teste realizado no decorrer das safras, chegou-se à conclusão de que o cereal que melhor se adaptou ao nosso clima nas terras do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina era também de paladar excelente, melhor que o importado. A produção nacional de trigo, a curto prazo, ficava mais cara porque nossa lavoura não era mecanizada, de forma que nossa produção ficasse a preço de competição.

Hoje, porém, que já temos tudo, é só por mãos à obra, preparando silos nas fontes de produção etc... Esta imensidão de terra "nela em se plantando tudo dá", já afirmado por Pero Vaz de Caminha, possui solo riquíssimo, com grande variedade de minérios, inclusive ouro. Portanto, nada falta. O que falta mesmo realmente é... **Ilidio de Oliveira Costa — Rio de Janeiro.**

Castigo injusto

Mais uma vez o Governo procura impor a toda a nação um grande castigo. Foi punida a classe trabalhadora do Brasil que, após contribuir com sacrifício com seus esforços para o progresso da nação, depois 30/35 de trabalho árduo, foi penalizada pelo famigerado **Pacotão da Previdência Social**. Por que esse castigo? O trabalhador, de qualquer maneira, de alguma forma, foi responsável pelo descalabro da Previdência Social? A classe trabalhadora foi consultada alguma vez sobre a desorganização desse órgão? Qual o interesse do Governo em marginalizar tantos milhões de brasileiros? A aposentadoria, após 30 ou 35 anos de trabalho, é um direito alienável que todos têm, não se trata de qualquer favor do Governo em concedê-la aos que completam esse tempo de serviço. Aliás, o Governo não deveria ter qualquer ingerência na Administração da Previdência Social, uma vez que o **bolo** de sua receita é quase todo formado pelas contribuições dos trabalhadores e das empresas privadas. A parte do Governo geralmente não é recolhida aos cofres da Previdência e, muitas vezes, o Governo desvia sua arrecadação para financiamento de obras que não dizem respeito à finalidade social da Previdência. Com as medidas recomendadas pelo Governo do bojo do **Pacotão** a nação assistirá revoltada a mais uma grande leva de desempregados. Considera o Governo pequeno o atual número de desempregados? Por que somente aos empregados das atividades privadas será exigido esse sacrifício? Por que os militares, os funcionários civis das esferas federais, estaduais e municipais ficarão fora do sacrifício exigido pelo Governo para a salvação da Previdência Social? Todos, afinal de contas, considerando que a Previdência é um órgão federal, não mamam da mesma teta? As fontes pagadoras não são uma só: o erário? Não entendem os trabalhadores essa discriminação... O Govérno não pensou ainda que o aposentado, impedido de trabalhar, não contribuirá mais com a sua parte de 8% para a Previdência, bem como as empresas privadas também com 8% mais outros encargos? O Leão deixará de arrecadar a sua parte e a Caderneta de Poupança logicamente não terá mais a contribuição dos aposentados-trabalhadores, visto que os pequenos depósitos por eles destinados à Poupança, na nova situação, deixarão de ser efetuados. O próprio programa de Habitação Popular será afetado por essas medidas preconizadas pelo Governo. Acresce ainda a circunstância de ser afetado também o aprendizado do novo contingente de trabalhadores que iniciarão as suas atividades no seu primeiro emprego. Quem transmitirá a esses elementos os conhecimentos técnicos e a experiência adquirida em tantos anos de trabalho aos novos trabalhadores? Ao Congresso Nacional, na apreciação da Mensagem do Governo, cabe, por medida de Justiça e mesmo por interesse social, não acolher a famigerada pretensão do Governo em levar ao desespero milhões de famílias pela perda dos empregos de seus chefes. Não basta o atual desemprego que se abate sobre centenas de milhares de trabalhadores que se encontram marginalizados pela política desumana adotada pelos **técnicos** do Governo, cujos resultados se revelaram incompatíveis na atual conjuntura do país? O grande chefe dessa política de recessão, por falta de maior consistência em suas últimas declarações, resolveu brincar com o sentimento dos brasileiros fazendo piadas nas reuniões com a classe empresarial do país. A classe trabalhadora exige, esse é o termo exato, que o Congresso Nacional, por intermédio de seus membros mais ativos e fiéis representantes da nação, recusem a pretensão do Governo em marginalizar esses milhões de brasileiros, não aceitando também a supressão dos 10% concedidos aos trabalhadores que percebem até três salários mínimos e que também atentem para a injustiça de o Governo excluir das medidas propostas para a salvação da Previdência Social os funcionários públicos civis e militares. Se houver eleições em 1982 (já se fala em prorrogações de mandatos), terão os atuais congressistas de dar conta à nação das suas realizações durante o último mandato. Aos congressistas, o povo brasileiro, neste momento, entrega a grande procuração para a defesa de seus mais lídimos interesses. Conclamamos a todos os interessados a, por intermédio de cartas, telegramas, abaixo-assinados, enfim, por todos os meios, fazer chegar aos congressistas a revolta da nação pelas infelizes medidas propostas pelo Governo inseridas no **Pacotão da Previdência Social. Pedro Calamari — Rio de Janeiro.**

Retratação

A signatária não conhece pessoalmente o Sr Cussy de Almeida, não podendo, assim, fazer qualquer afirmativa desabonadora do seu caráter. Aliás, isto, já foi afirmado, pessoalmente, pela própria signatária durante a audiência de instrução processual perante o eminente Magistrado presidente da causa, através do órgão da defesa, daí se originando a decisão judicial para que fosse feita retratação "formal, expressa e espontânea", o que ora cumpre através desta solicitação de publicação, já que a queixa em causa teve origem em carta publicada dia 16/1/80, no **Caderno B. Gladys Paixão — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

JORNAL DO BRASIL LTDA — Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1981

Avenida Brasil, 500 — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 23.100 — S. Cristóvão — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Telefone — 264-4422 (PABX)
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

Sucursais
Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — telefone: 225-0150 — telex: (061) 1011
São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 15º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone: 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21061, (011) 23038
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30000 — B. Horizonte, MG — telefone: 222-3955 — telex: (031) 1262
Paraná — Rua Presidente Farlon, 51, Cj 1.103/1 105 — CEP 80000 — Curitiba, PR — telefone: 24-8783 — telex: (041) 5088
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1 960/Morro Sta Teresa — CEP 90000 Porto Alegre, RS — telefone: 33-3711 (PBX) — telex: (051) 1017
Bahia — Rua Conde Pereira Carneiro, s/n — Pernambués — CEP 40000 Salvador, BA — telefone: 244-3133 — telex: (071) 1095
Pernambuco — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista — CEP 50000 — Recife, PE — telefone: 222-1144 — telex: (081) 1247

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Santa Catarina, Sergipe.

Correspondentes no exterior
Beirute (Líbano), Bonn (Alemanha Ocidental), Buenos Aires (Argentina), Lisboa (Portugal), Londres (Inglaterra), Moscou (URSS), Nova Iorque (EUA), Paris (França), Roma (Itália), Tóquio (Japão), Washington, DC (EUA).

Serviços noticiosos
ANSA, AFP, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, UPI.

Serviços especiais
BVRJ, Le Monde, The New York Times, Unicon.

RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS
Entrega Domiciliar — Telefone: 228-7050
1 mês .... Cr$ 870,00
3 meses .... Cr$ 2.480,00
6 meses .... Cr$ 4.700,00
SÃO PAULO — ESPÍRITO SANTO
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 2.650,00
6 meses .... Cr$ 5.100,00
SALVADOR — JEQUIÉ — FLORIANÓPOLIS
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 3.750,00
6 meses .... Cr$ 7.250,00
BRASÍLIA — DISTRITO FEDERAL
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 3.250,00
6 meses .... Cr$ 6.000,00
ESPÍRITO SANTO — RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS — SÃO PAULO
Entrega Postal
3 meses .... Cr$ 3.250,00
6 meses .... Cr$ 6.000,00
DEMAIS ESTADOS
Entrega Postal
3 meses .... Cr$ 5.100,00
6 meses .... Cr$ 9.700,00

Classificados por telefone 284-3737

Coisas da política

A campanha sem Figueiredo

Marcos Sá Corrêa

O Presidente João Figueiredo está fora da campanha eleitoral de 1982. O infarto de sexta-feira apanhou-o em pleno esforço de empurrar sozinho para a boca das urnas o país desconfiado e relutante — no meio, aliás, de uma viagem que passava por palanques de comício no Rio de Janeiro e chegaria, se chegasse ao Paraná, a mais um discurso de compromisso solene. Pois Figueiredo estava convencido de que todo o resto viria a reboque desse exemplo de devoção às eleições — seu Partido, os governadores, a própria Oposição e, enfim, os adversários dissimulados ou ostensivos do voto popular.

O laudo médico divulgado ontem encaminhou esse plano ao gordo arquivo das intenções frustradas do Governo. Por melhor que venha a ser a recuperação do Presidente da República, o limite político de seu restabelecimento é desde já notório: depois de um ataque cardíaco, ele não irá carregar uma eleição nas costas, batendo estradas do interior atrás de bicas d'água a inaugurar, enfrentando sol, fadiga e poeira como animador polivalente do PDS. Resta saber que efeito trará essa mudança para as eleições.

À primeira vista, as conseqüências são assustadoras. Nas semanas que precederam o infarto, só duas coisas pareciam crescer na política brasileira: a denúncia de que um surto de agitação popular se alastrava pelo país, atiçado pelo radicalismo católico ou laico, e a hegemonia no Governo da comunidade de informações — em cujas entranhas já era possível enxergar os contornos cada vez mais claros da candidatura do general Octávio Medeiros, chefe do SNI, à Presidência da República.

A convalescença de Figueiredo deixaria muitos espaços baldios no Governo. A iniciativa de ocupar esses buracos foi tomada ontem com a entrega provisória da função ao Vice-Presidente Aureliano Chaves, que guardará provisoriamente as fronteiras internas da política brasileira até a volta do titular. Sem Figueiredo nem Aureliano, o Governo poderia mergulhar num período de disputas pretorianas pelo poder de decisão. E dele sair com a turma de informações instalada, de uma vez por todas, no centro de controle do país. Nesse caso, tanto as eleições quanto a abertura entrariam em eclipse.

Mas o infarto de Figueiredo tende também a amansar a futura campanha eleitoral e isso, passados os perigos políticos imediatos, talvez seja uma garantia inesperada para as eleições. Figueiredo não estava empenhando apenas sua palavra no compromisso com as urnas. À medida em que ocupava o front da briga entre os Partidos, ia entregando como penhor das eleições sua própria figura e seu Governo. Era inevitável, portanto, que as baterias da Oposição se assestassem sobre ele. A campanha do ano que vem prometia um bate-boca público entre o Presidente e todos os oposicionistas à cata de votos pelos Estados. Pode-se fazer idéia da escalada de tensão que marcaria a temporada eleitoral, dois anos antes da sucessão presidencial. Ele mesmo vinha pedindo que o povo o julgasse pelo voto. Queria ser o estuário de todas as derrotas possíveis do PDS.

Coisas assim sempre fizeram parte do estilo do General João Figueiredo que por formação ou temperamento, desde sua aparição como candidato, em 1978, traduzia todos os desafios da política em provas de bravura pessoal, quase de coragem física. Até a abertura ele transformou numa espécie de feito de armas, prometendo prender e arrebentar quem atravancasse seu programa político. Depois, na breve tentativa de dar a seu Governo certo charme populista, novamente ele pôs a pele a serviço desse projeto — posando de sunga como atleta, tomando cafezinho em bares de esquina e mergulhando de cabeça na multidão. Em seguida, veio o problema do terrorismo. Figueiredo achou que devia encará-lo como um caso pessoal e mandou que os terroristas jogassem bombas sobre ele. Foram encarnações da mesma imagem — uma imagem que pode ter até atraído simpatias para a sinceridade do Presidente, mas que também o transformou num acumulador das tensões nacionais e produziu desgastes desnecessários em seu Governo.

Figueiredo quis tomar tudo a peito. O peito, humano, não agüentou. Deteve-o em tempo de preservá-lo de mais uma aventura arriscada e inútil, como protagonista solitário das eleições de 1982. Ele poderá ser ainda o avalista do calendário eleitoral, sem precisar ser o vértice de uma fase de radicalização. Isso talvez faça as eleições mais fáceis, porque todos os Partidos tratarão de resguardá-lo. E o Presidente chegará ao outro lado das urnas em melhores condições de promover uma reconciliação nacional.

Marcos Sá Corrêa é editor da revista Veja.

Velas pandas

Fernando Pedreira

COM dois ou três grãos de sal, talvez, se possa dizer que os governos sucessivos dos Generais Ernesto Geisel e João Figueiredo têm, em comum, um mesmo traço, uma mesma divisa: abertura a prazo e desastre (econômico-financeiro) à vista.

Desde abril de 1974, essa tem sido, por assim dizer, a tônica dominante da ação governamental. É bem verdade que, com o correr do tempo, o processo tomou impulso e a determinação dos que o conduzem revigorou-se. Aquilo que era, no começo, um esforço apenas lento e gradual, sistemático mas cauteloso e medido, ganhou velocidade e desembaraço crescentes, até atingir ritmos mais do que satisfatórios (algumas vezes até assustadores), especialmente nos dois ou três últimos anos.

Talvez se possa dizer que essa fase de andamento mais rápido, depois do **adagio** dos primeiros tempos, inaugurou-se com a defenestração do Ministro Sílvio Frota, em fins de 1977, e com os eflúvios (econômicos) da vitoriosa campanha eleitoral da Arena no ano seguinte. Mas, a verdade é que só mesmo sob a batuta do General Figueiredo as coisas iam (nos dois sentidos da divisa comum) alcançar um impulso decisivo e realmente arrebatador.

Abertura a prazo, desastre à vista. Não é preciso dizer que a divisa, assim formulada, é um híbrido que reúne conceitos tirados da economia e da navegação. A abertura (política) é a prazo, ainda que sem juros e sem correção monetária. Quanto ao desastre (administrativo), não há dúvida que ele tem estado constantemente à vista, às vezes mesmo perigosamente próximo, mas o fato é que o barco não encalhou e, Deus ajudando, talvez não encalhe nunca, embora a quantidade de escolhos e recifes na rota nos obrigue hoje a navegar em marcha lenta, com as velas pandas e os fogos apagados.

Nem por isso, entretanto, se dirá que tripulantes e passageiros tenham perdido a fé na determinação do comandante e na sua boa estrela. As dificuldades diante do país são grandes, mas já há administradores e empresários dizendo que chegamos ao fundo do poço, isto é: que, apesar de enterrados até as orelhas, podemos confiar em que as coisas não vão ficar muito piores do que já estão. É uma esperança, embora uma esperança que não parece montada sobre fundamentos especialmente sólidos.

Em termos econômicos, pois, o que se pode supor é que o desastre, na melhor das hipóteses, continue à vista ainda por algum tempo. Quanto à outra parte do quadro, a parte política, que é a da abertura propriamente dita, aqui as perspectivas parecem menos sombrias. Ao contrário do que se poderia supor, temos cada vez menos motivos para crer que os prazos venham a ser descumpridos ou os compromissos desonrados.

Com efeito, no caminho da abertura, a próxima grande etapa são as eleições gerais de 1982. Ora, essas eleições, embora ponham em risco as posições do partido do Governo em diversos Estados, na verdade representam, para o General Figueiredo e seu sistema político, a melhor (ou a menos má) das alternativas possíveis. A prorrogação de mandatos facilitaria as coisas e satisfaria a muita gente, mas desmoralizaria o Governo e desacreditaria o Presidente. A **fechadura** pura e simples, no estilo argentino, uruguaio ou chileno, é impensável numa hora em que mesmo os nossos vizinhos mais radicais se esforçam para sair da entaladela em que se meteram.

As eleições de 1982, seja qual for o seu resultado, representam uma etapa crucial no projeto político do General Figueiredo e na consolidação do regime. Elas vão legitimar as lideranças políticas intermediárias (governadores, prefeitos, representantes do povo), vão renovar as bancadas do Congresso e, **last but not least**, vão dar substância e realidade aos novos partidos políticos, desde o PDS governista até o PT sindicalista e socialista, apoiado pelas organizações de base da Igreja Católica.

> **"A prorrogação de mandatos facilitaria as coisas e satisfaria a muita gente, mas desmoralizaria o Governo e desacreditaria o Presidente. A "fechadura" pura e simples, no estilo argentino, uruguaio ou chileno, é impensável numa hora em que mesmo os nossos vizinhos mais radicais se esforçam para sair da entaladela em que se meteram"**

Não é pouco, mas ainda não é tudo. Essas eleições, na verdade, serão as primeiras, **nos últimos vinte anos**, que terão mais do que um simples caráter de plebiscito ou referendo. Certamente, o descontentamento popular, a irritação de camadas muito amplas da população diante da incompetência do governo, vão reforçar enormemente o sentimento oposicionista da maioria do eleitorado e influir sobre o resultado do voto. Mas, isto não impedirá o pleito, desta vez, de ter conseqüências **construtivas** importantes, de médio e longo alcance.

O povo não vai apenas julgar o Governo ou exprimir o seu descontentamento. Ele vai **eleger** seus governadores, vai optar entre partidos diversos (um do Governo, vários da Oposição) e determinar a medida da força de cada um deles. Em outras palavras, o povo vai começar a construir um quadro político real, um sistema de lideranças, que provavelmente não será nem muito estável nem muito perfeito, mas que será o primeiro passo para a representação (e a ordenação) democrática do país.

Por outro lado, o caráter majoritário e regional das eleições de 1982, naquilo que elas vão ter de mais decisivo e imediato (a escolha de governadores e prefeitos), tende a **poupar** o Governo Federal e a tornar o voto dos cidadãos menos maniqueísta. Em cada Estado e em cada cidade, as fidelidades, as simpatias e as questões locais ou regionais devem predominar, uma vez que estará em jogo o poder local ou estadual, disputado por gente da terra.

Conforme se tem podido ver do resultado das diversas pesquisas de opinião feitas até agora, todos esses fatores concorrem para dar às eleições do próximo ano um caráter fortemente personalizado, marcadamente pessoal. Assim é que, no Rio de Janeiro, o partido mais forte é o PP, dotado de uma máquina eleitoral poderosíssima e rica; mas isso não impede de dona Sandra Cavalcanti de aparecer como a preferida, entre os candidatos a governador.

Do mesmo modo, em Minas, provavelmente o PDS é o partido mais forte e mais numeroso, embora os dois líderes do PP, Tancredo e Magalhães, estejam até agora, longe na frente, como eventuais candidatos ao governo. Em todo o país, essa personalização do quadro eleitoral é hoje inegável e nem sequer há sinais de que o prestígio dos líderes esteja irremediavelmente subordinado à sua posição diante do Planalto.

Ainda agora, em Pernambuco, o ex-Governador Cid Sampaio trocou de trincheira e levou consigo (ao que se supõe) a sua trouxa de votos. Na Bahia, o Governador Antônio Carlos pode ter perdido pontos pela sua posição na crise dos ônibus de Salvador, mas não pelo seu sólido governismo. No seu Estado, assim como no Ceará e em diversas outras unidades da Federação, o PDS oficial só perde se não souber escolher o candidato certo, ou se não puder manter unidos (em torno do pudim federal) os seus numerosos e poderosos caciques locais. No Rio Grande do Sul, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, provavelmente se poderia dizer coisa semelhante das perspectivas da Oposição e dos seus vários partidos.

Mesmo em países dotados de agremiações políticas antigas e fortemente enraizadas, como os Estados Unidos, as eleições majoritárias decidem-se muito mais pela força dos candidatos do que pelo peso dos partidos. Os democratas são quase duas vezes mais numerosos do que os republicanos, mas isso não impediu Nixon (em 1968 e 1972) e Reagan (em 1980) de se elegerem. E, mesmo em um reduto democrático tão "fechado" quanto Nova York, John Lindsay elegeu-se mais de uma vez, há alguns anos, lançado por um pequeno partido virtualmente inexistente, o Liberal.

Anuncia agora o Palácio que o nosso bravo General Figueiredo vai lançar-se à luta e empenhar-se pessoalmente, nos próximos meses, na batalha eleitoral do seu partido. Esperemos que ele consiga fazer isso sem subverter as características naturais do pleito de 1982, apoiando os seus candidatos onde isso for apropriado ou conveniente, mas sem pretender transformar as eleições, outra vez, num grande confronto nacional entre governo e oposição. Com tanto desastre à vista, para que conjurar mais um?

Uma nova "Questão Religiosa"

Barbosa Lima Sobrinho

NUNCA tive dúvida de que foi uma felicidade Jesus Cristo haver nascido ao tempo do Império Romano, pois, pelo menos, pôde chegar aos 33 anos de idade, na sua vida terrena. Já imaginaram se ele, saindo da Galiléia, viesse pregar no Brasil o Sermão da Montanha? Dir-se-á que o Papa João Paulo II não fez outra cousa, nos discursos que foi semeando por tantos Estados, perante multidões incalculáveis. Mas era um visitante, com data marcada para o regresso ao Vaticano. Se em lugar dele tivesse vindo o próprio Jesus Cristo, ainda com cheiro de manjedoura, de sandália aos pés, cercado de pescadores e de criaturas humildes, não daria nada pelo seu destino, imaginando o tamanho de sua ficha no SNI. É claro que, fora do AI-5, acredito piamente que não chegaria ao Calvário. Mas também suponho que não alcançaria o Domingo de Ramos, enquanto se iria preparando, minuciosamente, o decreto de expulsão. E ai de quem tivesse vocação para cireneu!

Não se deve esquecer que o Cristianismo surgiu como opção pelos pobres, e bastaria, para chegar a essa conclusão, ter os olhos abertos para o lugar em que nasceu, no fundo de uma aldeia da Galiléia. E por que uma manjedoura e não um palácio? Foi necessária uma queda do cavalo, para a conversão de um homem do **status** social de Paulo de Tarso. Daí a importância de sua adesão ao credo que foi propagar pelo mundo afora. Mesmo assim, começou como religião de escravos e da gente humilde. Aí estão, para demonstração e documento, as catacumbas de Roma, e as ruínas do Coliseu, onde os cristãos eram atirados às feras, para o divertimento de ricos e poderosos.

Verdade que pouco a pouco o Cristianismo foi crescendo e conquistando o mundo, insinuando-se nos lares abastados, conquistando palácios imperiais. Houve tempo em que o domínio espiritual reivindicava também o poder temporal. Fases em que se satisfazia com o apoio irrestrito do poder temporal, na longa sucessão dos séculos, identificando-se, de tal forma, com os poderosos, que não faltou quem o acusasse de se haver transformado em "ópio do povo", para abafar o clamor da pobreza, e até para entender, na doutrina de um de seus ramos heréticos, que a miséria se confundia com os castigos divinos, pois que a riqueza e a prosperidade eram bênçãos de Deus. Quantas e quantas vezes não foi o materialismo a doutrina necessária, para solapar os alicerces de um poder desumano?

Até que foi crescendo de tal forma a multidão dos descrentes e dos revoltados, com a industrialização estimulando a bipolarização da humanidade, que a Igreja se sentiu na necessidade de uma espécie de autocrítica de posições anteriores. Não que se houvesse aprofundado a defasagem entre ricos e pobres. Apenas, com o crescimento dos meios de comunicação, aumentara a coesão do proletariado desamparado. Era o momento de uma opção definitiva, entre a seita de alguns e a religião da humanidade. Tanto mais que não era difícil a decisão. Bastava reler o Sermão da Montanha. Voltar aos Evangelhos, inspirar-se nos apólogos de Jesus Cristo, reagindo, isto sim, contra aquela outra Igreja, que até proibia, ou desaconselhava, a leitura dos textos sagrados. Não era, afinal, uma nova Igreja. Era, apenas, o Cristianismo que voltava às suas origens, para meditar na escolha da manjedoura como berço de um Deus que iria sacrificar a sua própria vida terrena, para a remissão de pecados alheios. Que havia sido o Cristianismo, desde as suas origens, senão uma opção pelos pobres?

Apenas não se deveria datar de Puebla o início dessa marcha de retorno às origens remotas, e por tanto tempo esquecidas ou afastadas como lembranças inoportunas. Puebla é afinal de ontem. Como é de hoje a ação do Papa João Paulo II. De ontem foi também a ação contagiante, e quase revolucionária, de João XXIII, a quem o báculo e a tiara não conseguiram tirar o aspecto de um camponês sorridente e feliz na sua missão de servidor da humanidade. Como não é necessário recordar o ensinamento de tantos escritores fiéis à doutrinação de Jesus Cristo. Porque o início desse caminho de retorno às origens ficou, para sempre, marcado com uma Encíclica Papal, a **Rerum Novarum**. Até o título é significativo, pois tratava de problemas que estavam surgindo, com a questão operária. É verdade que combatia o socialismo, na sua versão marxista, fundada na luta de classes e na abolição da propriedade privada. Mas só encontrava, como remédio ou solução, uma fórmula essencial, que era, justamente, a opção pelos pobres. Isso há 90 anos, a 15 de maio de 1891.

Mesmo no **Syllabus**, que tantas polêmicas havia provocado, já se falava em conciliação com as novas necessidades, trazidas pelo progresso e pela civilização moderna. Mas a **Rerum Novarum** era explícita, ao exigir que "a autoridade pública tivesse cuidado com o proletariado, fazendo com que lhe caiba alguma cousa do que lhe toca na utilidade comum, com uma casa em que more, roupa com que se cobrir, e justiça com que se defendesse de quem atentasse contra ele, e pudesse, com menor dificuldade, suportar a vida que lhe foi destinada. De onde se segue que se há de ter cuidado de fomentar todas aquelas cousas que possam aproveitar à classe operária. Pois que esse cuidado, longe de prejudicar a quem quer que seja, aproveita a todos, pois que interessa ao Estado que não sejam de todo ponto desprezados aqueles de quem, de algum modo, provêm esses bens de que o Estado tanto necessita".

Não está aí, muito antes de Puebla, e até do nascimento de D Helder Câmara, a opção pelos pobres? Mas — e aqui está a sabedoria da Igreja — não como hostilidade, ou combate, aos ricos, pois que a opção se enquadra num programa de eqüidade. Por isso mesmo, a **Rerum Novarum** adverte que "com o proteger os direitos dos particulares, deve-se ter em conta, principalmente, a classe ínfima e pobre. Porque a classe dos ricos se defende com os seus próprios meios, e precisa menos da tutela pública; mas o povo pobre, na falta de recursos que o protejam, está peculiarmente confiado à defesa do Estado. Portanto, o Estado deve abraçar, com cuidado e providências próprias, os assalariados que fazem parte da classe pobre em geral".

Na essência, mais uma função de equilíbrio do que parcialidade ou preferência especial, mas tão-somente o meio de compensar o poder econômico das classes ricas, para obter a isenção da justiça. Sempre entendi que essa atitude seria a única que pudesse evitar, ou atenuar, os males do acirramento da luta de classes. Não será esse o meio para servir aos interesses reais de um Estado democrático? Que também procura conciliar interesses antagônicos? Se o Estado não aceita a mesma orientação, passa a ser aliado ou instrumento do poder econômico, o que vale dizer que não está fazendo outra cousa do que intensificar a luta de classes, abrindo espaços a **praxis** marxista, que não deseja outra cousa.

Não serão esses sacerdotes humildes, perdidos no deserto ou na solidão, êmulos daqueles primeiros missionários, a que tanto deve o Brasil? O pleito das terras vem desde as origens do povoamento. Tive oportunidade de me arriscar à tradução do livro memorável do Padre, também francês, o capuchinho Martinho de Nantes, que enfrentara o poder econômico de Francisco Dias de Ávila, em defesa das aldeias de índios, nas margens pernambucanas do rio São Francisco. Que lutas tremendas! Quanta mentira forjada numa campanha implacável! E a Justiça, a Razão, os sentimentos humanos estavam com o Padre francês, batalhador e heróico.

É curioso este nosso Brasil. Há terras imensas, totalmente devolutas. Mas basta que surja o povoador para ocupá-la como posseiro, e logo começam a brotar títulos de domínio nas mãos de proprietários que vieram depois do posseiro. Na maior parte títulos falsos, títulos fabricados, com a conivência de cartórios sem maiores escrúpulos, e de juízes que, quando não sejam cúmplices, não encontraram meios para apurar a falsidade desses diplomas. E os posseiros que se mudem e entreguem aos afortunados donos dos títulos todo o longo trabalho acumulado em anos e anos de esforço e de sacrifício, pois que o Brasil prescreve, nas suas leis, a usucapião, mas não a respeita e não a protege, preferindo o pleito do proprietário ao direito do posseiro.

Marcha de 200 mil ataca política econômica de Reagan

Sílio Boccanera

Washington (Sílio Boccanera) — Numa das maiores manifestações de protesto já realizadas nesta Capital, mais de 200 mil pessoas desfilaram em passeata ontem contra a política econômica e social do Governo Reagan e suas conseqüências negativas para trabalhadores e grupos menos privilegiados da sociedade.

Apesar do tom dramático do protesto — reclamando do desamparo governamental e da falta de empregos numa sociedade tão rica — a passeata ocorreu também sob clima festivo em dia ensolarado de final de verão, com balões coloridos, bandas escolares e uma série de apresentações musicais. O destaque foi o veterano cantor de protesto Pete Seeger — membro do Trio Pete, Paul e Mary — liderando a platéia em coro no já clássico **If I Had a Hammer**.

DIA DA SOLIDARIEDADE

Sob inspiração do movimento trabalhista independente polonês, o evento de Washington, reunindo participantes de todo o país, foi batizado de "Dia da Solidariedade" pelos organizadores, a AFL-CIO (American Federation of Labor — Congress of Industrial Organizations), maior confederação sindical do país.

O propósito, segundo os promotores, foi reunir trabalhadores e membros de organizações defensoras de grupos minoritários, bem como entidades feministas, todos em protesto contra a política governamental.

— Queremos empregos e não jujubas — dizia uma das milhares de faixas exibidas pelos manifestantes, referência tanto à política econômica recessiva de Reagan quanto à sua mania de comer jujubas durante reuniões ministeriais.

Outros cartazes faziam críticas específicas ao Governo por suas diretrizes econômicas de austeridade em relação a programas sociais, contrastando-as com os amplos benefícios concedidos ao setor militar.

— Quer ser mais esperto do que os russos, Presidente? Então fabrique menos bombas de nêutrons e apoie mais a área educacional — proclamava um anúncio nas costas de uma criança de mãos dadas com a mãe durante a marcha. O programa econômico de Reagan ampliou gastos militares e — a se confirmarem notícias de primeira página aqui esta semana — o Presidente está pronto para acabar com o Departamento de Educação.

PROTEÇÃO DA POLÍCIA

A passeata se deslocou em calma, sob proteção da polícia, seguindo desde as vizinhanças da Casa Branca até as proximidades do Congresso, separados por cerca de 15 quarteirões. Mas as platéias para as quais as mensagens se dirigiam, certamente não eram essas das instituições de Poder, pois os parlamentares não estavam trabalhando ontem e o Presidente Reagan passava o fim de semana descansando em Camp David, a 100 quilômetros da Capital.

Interessava mais aos organizadores do protesto atingir o público em casa, através dos meios de comunicação, bem como os próprios participantes do evento, na esperança de inspirar unidade para ações posteriores.

— Somos um só — proclamavam cartazes idênticos carregados pelos líderes sindicais que encabeçaram a marcha, ao lado do presidente da AFL-CIO, Lane Kirkland. A frase representava um desejo expresso da liderança trabalhista americana diante do que considerava ameaças sem precedentes do Governo para reduzir o poder dos sindicatos nos Estados Unidos.

— O Governo Reagan está envolvido num amplo ataque contra as leis e regulamentos que protegem os trabalhadores — disse Lane Kirkland. — O objetivo é acabar com os padrões já existentes nos livros.

Reagan e os ideólogos conservadores de seu Governo nunca esconderam suas poucas simpatias pelo que chamam de excesso de poder obtido pelos sindicatos neste país. No episódio recente da greve dos controladores de vôo, o Presidente mostrou que estava disposto a manter uma linha-dura num confronto trabalhista: demitiu todos os grevistas e já tomou providências legais para dissolver o Sindicato dos Controladores (PATCO).

FORÇA CONTRA REAGAN

O movimento trabalhista nacional se limitou a manifestações retóricas de solidariedade com os grevistas demitidos, protestou sem muita ênfase pela imprensa, mas essencialmente se revelou chocado pela ação — e o sucesso — de Reagan no ataque ao sindicato, seus líderes e afiliados.

O Dia da Solidariedade surge assim como a primeira grande tentativa de mostrar de público um protesto contra a política de Reagan em relação não apenas aos sindicatos, mas também dirigida à eliminação de toda uma estrutura de programas sociais criados nos últimos 50 anos para proteger os grupos menos favorecidos da sociedade.

— É incrível como este Governo ousa reduzir a merenda de crianças em escolas primárias públicas, alegando que precisa economizar, e ao mesmo tempo entope o Pentágono (Ministério da Defesa) de verbas — comentou durante a concentração pré-passeata a jovem Lynn Rosiwck, que trabalha para o Sindicato de Empregados Estaduais, Municipais e de Condados (AFSCME).

Washington/UPI

Na maior passeata desde a Guerra do Vietnam, 200 mil vão da Av. da Constituição até o Capitólio protestar contra o Governo Reagan no Dia da Solidariedade

Pacifistas protestam em Bonn

Bonn (do Correspondente) — A Alemanha Ocidental se prepara para assistir a maior manifestação pacifista do pós-guerra, capaz de deixar no esquecimento as passeatas promovidas por sindicatos e pelos social-democratas nos idos dos anos 50, quando os alemães resolveram de novo formar um Exército. Será no dia 10 de outubro, em Bonn.

As mais diversas organizações estão para se fundir num bloco pacifista e neutralista, já apelidado de Movimento da Paz, imitando o exemplo dos 73 grupos populares que lutam contra a energia atômica. "Eu sempre disse que a luta contra os reatores nucleares se dava num teatro secundário. A verdadeira luta é contra o potencial atômico militar", declara o Pastor Henrich Albertz, ex-Prefeito de Berlim durante a revolta estudantil de 68.

Protesto organizado

Há uns quatro meses a voz do Pastor Albertz deixou de ser solitária. Enquanto o protesto pacifista era conduzido pelos mesmos grupos mal organizados e fracionados da esquerda não havia motivo para maiores receios por parte dos Partidos político, em especial o Social-Democrata (a Oposição democrata-cristã apóia as decisões dos Estados Unidos).

Os primeiros sinais de que as tendências pacifistas poderiam tornar as coisas difíceis para o Governo surgiram no mês de maio, quando o Congresso da Igreja Evangélica, em Hamburgo, reuniu mais de 75 iniciativas diferentes contra o armamentismo nuclear. Brandindo o Sermão da Montanha e exigindo que a Alemanha, se necessário inicie voluntária e unilateralmente o desarmamento, grupos da Igreja Evangélica surgidos em todo o país emprestaram extraordinária dinâmica ao movimento pacifista.

O Presidente Karl Carstens e o Chanceler Helmut Schmidt, ambos protestantes, participaram de debates públicos em igrejas e saíram com a mesma opinião: padres e pastores não deveriam se intrometer em política. Mas o contrário é o que acontece. A Ação Gesto de Conciliação, que já enviava em 1958 voluntários alemães para trabalhar em kibutzes israelenses, está organizando agora em mais de 400 cidades alemãs diferentes promoções sob o lema Paz sem Armas.

Diferentes organizações das Igrejas Católica e Protestante encheram o país e os jornais de ações semelhantes. O movimento pacifista oficial católico Pax Christi, durante muito tempo mal tolerado pela hierarquia eclesiástica, ganhou agora novo impulso com uma corrente de jovens participantes.

A União da Conciliação, dirigida por um pastor protestante, está reunindo milhares de assinaturas para o documento Cristãos Pedem o Desarmamento. Um grupo de trabalho católico em Stuttgart intitulado Viver Sem Armamentos já conseguiu que mais de 20 mil pessoas assinassem uma declaração comprometendo-se a viver "sem a proteção de arsenais".

No âmbito da Igreja a lista de iniciativas semelhantes ainda poderia ir longe, mas há também os novos ecologistas e os sindicalistas. A relativa força dos **Verdes**, já testada com sucesso em algumas eleições regionais nos dois últimos anos, está agora a serviço do pacifismo. Nos parlamentos estaduais e municipais a briga entre **Verdes** e políticos dos Partidos tradicionais já não tem mais a ver com a derrubada de árvores ou construção de aeroportos.

"Acabem com a dupla resolução da OTAN", é a palavra de ordem. Mesmo nos cautelosos e moderados sindicatos alemães a efervescência pacifista não passou sem seqüelas. Um pouco tarde e aos trancos a poderosa Central Sindical Alemã (DGB) resolveu no dia 1º de setembro (aniversário do início da 2ª guerra) lançar também um apelo por paz e desarmamento. Os termos desse documento, mais um entre os incontáveis que circulam pela Alemanha, não são tão fortes como esperava a juventude sindical. De qualquer maneira, a iniciativa mostra que a DGB — um dos pilares do movimento pacifista dos anos 50 — não quer ser arrastada sem fazer alguma coisa.

Eugen Loderer, líder dos metalúrgicos, já se pronunciou abertamente contra a bomba de nêutrons. O sinal mais claro acabou da própria DGB. Seu presidente, Oskar Vetter, embora não quizesse patrocinar a marcha pacifista do dia 10 de outubro, disse que nenhum sindicalista sofrerá sanções se tomar parte dela.

"Tanta agitação teria de acabar chegando ao SPD. A **ostpolitik** de Willy Brandt deu ao Partido a auréola de digno representante do movimento pacifista, mas essa fama foi esquecida logo com a política de defesa do Chanceler Schmidt. Foi o Chefe do Governo alemão que advertiu, em 1977, que os soviéticos estavam construindo um enorme potencial baseado em mísseis de alcance médio — os SS-20 — contra os quais a OTAN nada teria a oferecer.

A denúncia, calculada como maneira de aumentar a responsabilidade dos norte-americanos pela defesa do continente europeu, acabou virando contra o próprio bruxo: hoje é grande o número de políticos social-democratas convencidos de que os americanos estão empenhados em localizar uma guerra nuclear apenas na Europa, para salvar o próprio território.

Já foi difícil para Brandt e Schmidt convencer os delegados ao último congresso do Partido Social-Democrata sobre a necessidade de apoiar a dupla Resolução da OTAN, de dezembro de 79, que estipula a modernização e estacionamento de novos mísseis nucleares em território da Alemanha, ao mesmo tempo em que são iniciadas negociações de desarmamento com os soviéticos.

Após a decisão da produção da bomba de neutrôns, aumentou ainda mais o número dos que acham que os Estados Unidos querem implantar sobretudo a primeira parte da dupla resolução, enquanto apenas neutralistas pensam na segunda parte (negociações). A política de defesa do SPD vem sendo criticada não só pela esquerda mas, recentemente, por uma série também de militares.

Movimento une japoneses

Tóquio (do correspondente) — Não é difícil identificar um esquerdistas em cada pacifista japonês, muitos deles confessos, por sua própria vinculação partidária. Outros se misturam aos liberais, eufemismo bastante útil na sociedade japonesa para definir os que, de alguma maneira, se opõem ao **establishment**, aqui mais duro e mais arraigado do que em qualquer outro país.

Lutar por qualquer meio em favor da paz no Japão é se opor à bomba atômica. E nisso se engajam até políticos situacionistas, de linha conservadora e declaradamente beligerantes. Suas "crises" pacifistas acontecem em agosto de cada ano, quando Hiroxima e Nagasaqui lembram o bombardeio. Depois, passam o resto do período legislativo apoiando o rearmamento do Japão e a supressão de cláusulas antibélicas da Constituição.

Minoria

Deve-se aos Partidos Comunista e Socialista a sustentação dos movimentos pacifistas no Japão. O frágil e quase conformista movimento feminino mantém o outro. Os três grupos só há pouco tempo começaram a entender que seus objetivos coincidiam, embora partissem de caminhos e formações diversas.

Assim, se pode dizer que o Japão tem três grupos pacifistas quase rivais, minoritários e, por esta razão, menos notáveis que os ativos grupos fascistas que não deixam de percorrer as ruas de todas as cidades, a cada dia, com a bandeira do Exército Imperial, a proclamar, por potentes alto-falantes, a necessidade de se restabelecer o Japão como potência bélica.

Por divergirem ideologicamente, esses grupos mantiveram, até há dois anos, posições distintas nos movimentos pela paz. E mesmo quando decidiram trabalhar juntos, não puderam evitar algumas escaramuças, que ocorrem a cada ano, quando planejam o momento maior de sua existência: os dias 6 e 9 de agosto, aniversário dos bombardeios atômicos em Hiroxima e Nagasáqui.

Quando chega agosto, é tempo de se falar em paz no Japão. E os três grupos se esmeram. Apesar das iniciativas teatrais de outros tempos, agora já se preocupam em se aliar a movimentos estrangeiros e até promovem conferências internacionais, trazendo ao Japão nomes famosos na luta pela causa da paz. Sir Philip Noelbaker foi um dos que vieram aqui, para horrorizar-se com as tragédias de Hiroxima e Nagasáqui, que museus, fotos e livros perpetuam. Embora não se faça referência ao massacre de Xangai ou às chacinas do Sul asiático.

Holanda reage a toda ameaça

Heloísa Castello Branco

Amsterdã — Não se trata de antiamericanismo ou de pró-sovietismo. O holandês tem tradição pacifista e reage a qualquer ameaça de sua sobrevivência por parte das superpotências exigindo: "Abaixo as armas nucleares a começar pela Holanda". Em torno deste **slogan** convivem desde liberais de direita e comunistas até grupos religiosos e membros das Forças Armadas.

Suas manifestações — passeatas de até 60 mil pessoas e abaixo-assinados de até 1 milhão de assinaturas — são amplamente cobertas pela imprensa e as questões que o movimento levanta são cada vez mais discutidas no Parlamento. Segundo pesquisa de opinião, mais de 60% da população holandesa são contra a existência de armas nucleares.

Tradição

A Holanda tem um passado rico em movimentos pacifistas. Há quem chegue a atribuir o não uso de uma segunda bomba atômica americana durante a Guerra da Coréia à pressão exercida pelos movimentos europeus pela paz dos anos 50. Menos improvável, é a influência que tiveram os movimentos dos anos 60 e 70 na decisão americano-soviética de se sentarem para negociar os tratados SALT.

O movimento atual nasceu em 1977, assim que o Presidente Carter se decidiu pela bomba de nêutrons. O Comitê Ecumênico pela Paz (IKV), a organização católica Pax Christi e o grupo criado para este fim e chamado Abaixo a Bomba Nuclear, Abaixo a Corrida de Armamentos são os grandes coordenadores das manifestações em todo o país.

Para não dispersar, para poder congregar o maior número de indivíduos e, sobretudo, para obter resultados, a tática da campanha é dirigir sua energia sobre um só item, sem detalhar estratégias ou associar esta luta a modelos ideais de sociedade. A esta conclusão chegou o IKV em 1977, depois de 30 anos de militância pela paz, associada à promoção da emancipação do Terceiro Mundo e à defesa do meio-ambiente, mas incapaz de interferir no processo da escalada armamentícia.

O holandês tem ainda fresca a memória da ocupação nazista. Ele não quer saber de guerra e muito menos quer que a Holanda seja o teatro de operações da guerra dos outros.

As publicações relativas às armas nucleares se multiplicam. Nas ruas, nos mercados, nas janelas de lojas e residências, os **posters** antibomba já pertencem à paisagem de Amsterdã, e os dispositivos são constantes no vestuário de jovens e até crianças.

Violência mata mais 54 no Irã

Teerã — Mais 47 opositores ao regime iraniano foram executados nos últimos dias e sete guerrilheiros morreram em tiroteios com a polícia. Houve 21 fuzilamentos em Teerã, 12 na cidade santa de Qom, 10 em Arak (centro do país), um em Borazdjan (Golfo Pérsico) e três em Guilan e Mazandaran, ao Norte. Quatro guardas revolucionários, dos militantes do Partido Republicano Islâmico e um membro de um comitê islâmico morreram em atentados em várias regiões do país.

O Conselho da Revolução escolheu cinco entre os 44 candidatos à Presidência do Irã que disputarão a eleição no dia 2 de oututro. O Primeiro-Ministro Mohamed Reza Mahdavi Kani e o hojatoleslã Ali Khamenei, líder do PRI, estão entre os cinco. Os outros três são o Ministro da Educação Ali Akbar Pervaresh e os Deputados Reza Zavarei e Hassan Ghaffori Fard. O anúncio, feito pela Rádio de Teerã, não esclareceu se outros nomes poderiam ser endossados mais tarde.

Grécia antecipa eleições

Atenas — O Presidente da Grécia, Constantino Caramanlis, dissolveu o Parlamento e anunciou que as eleições legislativas serão realizadas antecipadamente dia 18 de outubro. A proclamação da data das eleições constituiu a inauguração formal do período pré-eleitoral, embora vários candidatos já tenham iniciado suas campanhas.

O Primeiro-Ministro Georgios Rallis, conservador moderado, permitiu a antecipação das eleições através da demissão do seu Governo terça-feira passada. Hoje Rallis inicia sua campanha com um discurso em Salônica. Seu principal opositor, Andreas Papandreu, dirigente do Pasok (Movimento Socialista Pan-helênico), iniciou sua corrida eleitoral a 5 de setembro.

MELINA MERCOURI

Os dois principais Partidos, o Pasok e a Nova Democracia (maioria no Poder), chegaram a um acordo para antecipar as eleições de modo a evitar que os comícios para as eleições anteriormente previstas para 20 de dezembro fossem prejudicados pelo inverno e pela proximidade das festas de Natal.

A atriz Melina Mercouri, deputada do Movimento Socialista Pan-helênico, espera ser reeleita e ocupar algum cargo executivo se o Pasok vencer as eleições.

La Paz tira vantagem de militares

La Paz — O Presidente da Bolívia, General Celso Torrelio Villa, anunciou que os militares com cargos no Governo, desde a Presidência da República até a pequenos escritórios regionais, não poderão mais receber salários do Estado, limitando seus ganhos aos honorários pagos pelas Forças Armadas.

A resolução começou com o próprio Torrelio, que "renunciou" publicamente a seu salário. Quase imediatamente, o Ministro da Educação, Coronel Juan Vera, e o Ministro do Tesouro, General Antonio Ovando, também renunciaram a seus vencimentos. Em agosto passado, foi aprovado um projeto (não observado) proibindo dois salários aos empregados do Estado.

AVIÕES

O Governo boliviano acusou de traição à pátria, embora indiretamente, a publicação **Informação Política e Econômica (IPE)**, dirigida por Lopez Munoz, por ter revelado a compra de 52 aviões destinados à Força Aérea.

Americano debate Namíbia com sul-africano na Suíça

Washington, Moscou e Salisbury — Secretário de Estado Assistente dos EUA, Chester Croker viajou para Zurique, onde deverá manter conversações com oficiais sul-africanos sobre um plano para a independência da Namíbia, informou um oficial do Departamento de Estado.

O oficial disse que as conversações atendem a uma solicitação do Governo da África do Sul. Na Cidade do Cabo, o Ministro do Exterior, Pik Botha, evitou comentar as notícias de que a delegação sul-africana nas conversações já havia deixado o país e viajado para a Europa.

Em 1983

O oficial disse que Chester Croker espera uma solução para a questão da Namíbia até o final do ano. A Namíbia está atualmente sob controle da África do Sul, mas a ONU reconhece como representativa a organização guerrilheira que luta pela independência do território, a SWAPO.

O oficial não negou notícias procedentes da África do Sul de que o pacote de resoluções relativas à Namíbia que resultará das conversações possa incluir desde já a data da independência, que seria o dia 1º de janeiro de 1983.

Croker deverá voltar aos Estados Unidos a tempo para um encontro, em Nova Iorque, na quinta-feira, com os Ministros do Exterior do chamado "grupo de contato" das nações ocidentais que negociam a independência namibiana. O Secretário de Estado americano, Alexandre Haig, representará os EUA neste encontro com os ministros do Canadá, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e França.

Oficiais Soviéticos

A União Soviética exigiu ontem, através de uma declaração publicada pela agência Tass, que a África do Sul libere um militar soviético capturado no começo do mês durante a invasão sul-africana a Angola e devolva os restos mortais de mais quatro soviéticos mortos nos combates. A exigência foi o primeiro reconhecimento por parte do Governo soviético da presença de seus militares em Angola.

Brasil e México condenam racismo

Os Chanceleres do Brasil, Ramiro Saraiva Guerreiro, e do México, Jorge Castaneda, condenaram todas as manifestações de colonialismo e discriminação racial, em especial o **apartheid** na África do Sul, defenderam uma solução justa para a questão da independência da Namíbia e repudiaram a recente agressão de Angola por parte de "forças estrangeiras".

O comunicado conjunto, assinado ontem no fim da visita oficial de Saraiva Guerreiro ao México, defende o desarmamento geral e completo, especialmente o nuclear, sob um eficaz controle internacional. Os dois chanceleres concordaram sobre a necessidade de aumentar a influência e participação da América Latina nos processos mundiais de decisão mediante a intensificação dos contatos e intercâmbio de pontos-de-vista entre os países latino-americanos.

Saraiva Guerreiro e Castaneda ressaltaram a importância da Reunião Internacional sobre Cooperação e Desenvolvimento, a celebrar-se em Cancum, México, nos dias 22 e 23 de outubro, quando serão debatidos os meios de se instaurar uma ordem econômica internacional justa e eqüitativa.

Assinalaram, nesse sentido, que a participação cada vez mais ampla e dinâmica dos países em desenvolvimento em todas as áreas da economia internacional constitui fator necessário à reativação desta nova ordem.

Os dois Chanceleres formularam votos de que os salvadorenhos encontrem uma solução política adequada à crise que atravessa o país, inspirada nos princípios da democracia e do pluralismo e que se evite o agravamento do conflito interno e sua internacionalização. Dentro desta abordagem da questão, rejeitaram qualquer tipo de intervenção estrangeira nos assuntos de El Salvador.

Foram analisados amplamente os principais assuntos de interesse entre México e Brasil, e avaliadas as perspectivas para incrementar as relações entre os dois povos.

Paraguai ainda procura os assassinos de Somoza

Rosental Calmon Alves

Buenos Aires — O atentado a bazuca, realizado com precisão militar, que resultou na morte do antigo ditador nicaraguense Anastasio Somoza, completou um ano quinta-feira sem ficar claro quem foram os autores. Até hoje a polícia política paraguaia continua procurando os assassinos e realizando suas investigações que incluem verdadeiras operações militares de rastreamento, às vezes casa a casa, consideradas "algo que tranqüiliza um pouco a população".

O **bazucazo**, como os paraguaios costumam referir-se ao atentado, teve um tremendo efeito psicológico no país, submetido há 27 anos ao Governo autoritário do General Alfredo Stroessner, que não se cansa de vangloriar-se de que a nação goza de paz e tranqüilidade, enquanto o resto do mundo vive angustiado em meio a convulsões sociais. Desde que se recuperou do tremendo susto inicial, a polícia paraguaia procura demonstrar que descobriu tudo sobre o seqüestro, mas até hoje não apresentou provas.

Suspeito morto

Na calorosa e úmida manhã do dia 17 de setembro do ano passado, um comando supostamente integrado por oito ou nove pessoas que se comunicava com **walk-talkies**, executou o atentado com precisão matemática: primeiro, o Mercedes em que o ex-ditador viajava foi metralhado e teve seus vidros despedaçados, depois um tiro certeiro de bazuca passou por cima de Somoza (já morto, no banco traseiro do automóvel) e dilacerou o motorista, provocando a explosão da cabina e arrancando o teto do carro. Ao lado de Somoza, morreu um advogado que cuidava de propriedades do ex-ditador e tinha três passaportes: italiano, colombiano e norte-americano.

Os policiais e as mais altas autoridades do Governo Stroessner, especialmente da área de segurança, caminhavam atônitas pelo trecho da Avenida Espanha, por onde se espalharam pedaços do automóvel e do corpo do motorista. Como num passe de mágica, naquela tarde mesmo a polícia paraguaia conseguia dar uma demonstração tranqüilizadora à população e insinuar que já tinha elucidado o caso.

Algo que seria exagero esperar das polícias de países desenvolvidos mais acostumadas e até especializadas em investigar atentados terroristas, tinha sido conseguido em cinco ou seis horas pela polícia de um país onde nunca tinha havido um atentado terrorista de um grupo organizado como o que matou Somoza. A temível polícia política paraguaia divulgou naquela tarde, as fotos dos terroristas, seus nomes, seus codinomes, seus currículos, enfim, a ficha completa de cada um.

Por coincidência

Ninguém entendeu direito como se chegara a tal proeza, mas ali estavam as fotos, aparecendo na televisão insistentemente. No dia seguinte, a polícia procurou à noite os jornais para informar que tinha conseguido prender um dos assassinos de Somoza. Outra incrível proeza: por coincidência o suspeito preso era um dos que tinham sido identificados e nada menos que o líder do comando terrorista.

Só que, ao ser apresentado à imprensa, o ex-integrante da organização guerrilheira argentina, Exército Revolucionário do Povo, Hubo Yrurzun, não podia coroar o êxito policial com um depoimento público pois jazia numa fria prateleira do necrotério de Assunção, com o corpo cheio de balas.

Começaram então as suspeitas de que na realidade Yruzun, embora tenha sido terrorista argentino, poderia não ter nada a ver com o atentado. Enquanto isso, a ofensiva policial continuava por todo o país e aviões pequenos não podiam decolar do Paraguai. Muitos estrangeiros foram presos e a polícia admite oficialmente que foram expulsos do país "uns 100 argentinos e vários outros de distintas nacionalidades, uruguaios, chilenos, brasileiros, etc".

Filmaram tudo

Procurado pela imprensa de Assunção esta semana, o chefe do Departamento de Investigações (a polícia política paraguaia), Pastor Coronel, afirmou que o caso do atentado a Somoza "não está encerrado", porque ainda faltam depoimentos e alguns esclarecimentos. Mas revelou que, antes de morrer, Hugo Alfredo Yrurzun "confirmou sua participação no atentado". Acrescentou que "para nós não cabe dúvida de que as armas vieram da Nicarágua".

— As armas foram identificadas plenamente. São as que os sandinistas usavam. Têm características especiais que foram confirmadas — disse Pastor Coronel.

Explicou que ainda não mandou para a Justiça comum o processo de um suspeito atualmente preso porque "faltam dados".

— O acusado seria libertado imediatamente e isso é o que nós não queremos.

Esse suspeito é o chileno Alejandro Mella Latore, que, segundo Pastor Coronel, esteve filmando todas as cenas do atentado. O filme ou as fotos tomadas durante a ação na Avenida Espanha em Assunção foram divulgadas, de acordo com o chefe da polícia, mas se assim ocorreu o material não teve repercussão internacional.

O chileno preso no Departamento de Investigações da polícia paraguaia não só esteve com lentes registrando para a posteridade todo o atentado, mas atuou como agente secreto duplo na Nicarágua, durante a guerra civil, como conta Pastor Coronel:

— Ele era agente do Chile. Foi para a Nicarágua como agente do Chile, segundo declarou. Os chilenos parece que queriam saber o que havia com o Presidente Somoza e depois parece que os outros quiseram saber a outra parte.

"Esse é marxista"

Por isso, Pastor Coronel acha "claro, lógico" que a imprensa chilena tenha interesse de fazer Alejandro Mella aparecer como um farsante. Para mostrar que Mella estava mesmo no atentado, o policial cita em sua entrevista à imprensa de Assunção que o chileno denunciou um companheiro de atentado que também está preso, o jornalista Hernando Sevilla.

— Esse é marxista. Esse também esteve. Ele também recebeu missões tais como a de vigiar a casa do General Somoza — diz Pastor Coronel.

Até hoje, desde o atentado, está fechado o porto de Ita Enramada, em Assunção, onde podiam chegar passageiros vindos do outro lado do rio Paraguai, ou seja, da Argentina. A polícia concluiu, devido à morte de Somoza, que havia muitas entradas internacionais no país e resolveu fechar definitivamente o porto.

Também prosseguem periodicamente grandes operações policiais, que os paraguaios chamam de **operativo rastrillo**, que consistem em buscas intensas de suspeitos, revistando veículos e até casas. Como se ainda hoje houvesse esperança de encontrar os terroristas que há um ano mataram Somoza.

— A operação de rastreamento tranqüiliza um pouco a população. Tratamos também de que nosso pessoal de segurança se mantenha treinado. Penso que nos convém a todos o quanto mais se faça pela tranqüilidade das pessoas para tratar de evitar esse tipo de coisas — disse Pastor Coronel.

Frente árabe de Rejeição defende boicote aos EUA

Beirute — Os países árabes integrantes da chamada Frente de Rejeição — Argélia, Líbia, Iêmen do Sul e Síria — defenderam o boicote petrolífero dos Estados Unidos em represália aos acordos de cooperação estratégica assinados com Israel. Em comunicado conjunto, assinado no final de uma reunião na Líbia, defenderam a aproximação com a União Soviética.

O homem forte da Líbia, Moahmar Kadhafi, disse que o acordo entre Estados Unidos e Israel leva o mundo à beira de uma Terceira Guerra Mundial. "Não há agora qualquer desculpa para que os árabes deixem de combater a América com todas as suas armas", declarou.

Cabeleireiro de Belfast é morto em área católica

Belfast — Um cabelereiro de 23 anos foi abatido a tiros ontem de madrugada quando se encaminhava para sua residência num bairro predominantemente católico de Belfast, e em Ballygawley, Condado de Tyrone, um policial da reserva, de 59 anos, foi ferido a tiros ontem em frente à sua casa. Operado, já está fora de perigo.

Eugene Mulholland, o cabeleireiro, levou vários tiros nas costas disparados de um automóvel em movimento, e uma bala, fatal, na cabeça. Morreu instantaneamente, segundo a polícia. O agente policial, que não estava de uniforme nem a trabalho, foi baleado pelas costas. Levado às pressas para um hospital, foi operado com êxito.

Polonês diz que crítica russa não muda ação sindical

Estocolmo, Cidade do Vaticano e Varsóvia — O Solidariedade prosseguirá sua ação sem levar em consideração as críticas que se fazem, disse o vice-presidente do sindicato independente da Polônia, Ryszard Kalinowski, em Estocolmo, onde participa do 20º Congresso da Confederação do Trabalho da Suécia, aberto ontem.

Os bispos da Polônia pedirão plena liberdade de imprensa e de expressão para que possa amadurecer uma "liberdade responsável" entre o público dos meios de comunicação, na pastoral que será lida hoje em todas as igrejas polonesas. Em carta publicada no jornal católico **Slowo Powszechne**, o presidente da Associação de Jornalistas Poloneses, Stefan Bratkowski, pede um compromisso para evitar que o país afunde numa catástrofe.

Kalinowski se negou a fazer outros comentários sobre a carta dos líderes soviéticos aos líderes poloneses, exigindo repressão ao anti-sovietismo na Polônia. Em Varsóvia, chegaram a surgir rumores de que a direção nacional do Solidariedade se reuniria para examinar a carta soviética ontem, mas aparentemente isso só deverá ocorrer na reunião semanal de segunda-feira, em Gdansk.

Segundo a agência italiana ANSA, o líder do Solidariedade, Lech Walesa, se reuniu na sexta-feira à noite com o Primaz da Polônia, Arcebispo de Varsóvia, Josef Glemp, que recebeu ontem o porta-voz da direção nacional do sindicato, Janusz Onyszkiewicz. Não foram divulgados detalhes das conversações. Nos próximos dias, Glemp deverá reunir-se com o Primeiro-Secretário do POUP, Stanislaw Kania, encontro que deveria ter ocorrido na sexta-feira, como indicaram fontes extra-oficiais.

— É inadmissível a limitação da liberdade de palavra, só porque as opiniões proclamadas podem conter verdades incômodas para alguns, ou não se conformam aos monopólios de um grupo social ou de uma ideologia de divulgar suas opiniões, através dos meios de comunicação, que são uma propriedade social e devem servir a toda a sociedade — indica a pastoral para a Jornada da Comunidade Social, promovida pela Igreja, que foi divulgada ontem pela representação polonesa no Vaticano.

Já em sua carta o jornalista Bratkowski pediu que os poloneses busquem um compromisso e advertiu para a possibilidade de que o país se afunde numa catástrofe. Ele exorta a liderança política do país a "compreender que não se pode seguir governando como se fazia até agora, pois a população não renuncia a sua exigência de participação no Poder e que, sem participação da população nas responsabilidades do país, não haverá um Estado que funcione, nem uma economia que renasça".

Mas ele não deixou de atacar o Solidariedade, pedindo que os líderes sindicais não esqueçam de que "mais de meio milhão de pessoas, integradas no aparelho de Poder estatal, possuem força suficiente para, vendo ameaçado seu próprio destino, empurrar o país à catástrofe.

URSS e Hungria rejeitam apoio a sindicatos livres

Moscou e Bucareste — Os dois presidentes dos sindicatos oficiais da União Soviética e da Hungria, Aleksei Scibaev e Chandor Gaschpar, rejeitaram categoricamente o apelo do sindicato independente da Polônia aos Trabalhadores do Leste Europeu, no qual garante apoio àqueles que quiserem formar sindicatos livres em seus países.

Único país do Pacto de Varsóvia que desde o início da crise na Polônia nunca criticou o Solidariedade e sempre sustentou que o POUP e o Governo podem controlar a situação, a Romênia — através do jornal do PC, **Scinteia** — destacou ontem a existência de um "aventureirismo político" do Solidariedade.

REUNIÃO

A agência Tass informou que, após reunião em Moscou, os dois líderes sindicais soviético e húngaro consideraram que o apoio do Solidariedade "tende a uma consciente desorientação e se baseia no falso conhecimento da realidade e na alteração dos fatos. Não se distingue em nada das calúnias divulgadas pelos inimigos da classe operária".

— Com este apelo, os dirigentes do Solidariedade desmascararam completamente seus objetivos e propósitos — disseram os sindicalistas, manifestando confiança em que "os trabalhadores poloneses e os que na Polônia acreditam na causa do socialismo terão força e decisão suficientes para defender o socialismo e fazer com que a Polônia saia da crise".

A imprensa soviética divulgou amplamente a carta-ultimato de Moscou a Varsóvia e reproduziu a crítica de Praga, citando trechos das acusações contra o Solidariedade, publicados pelo jornal do PC tcheco, **Rude Pravo**, na sexta-feira. Para os tchecos, os líderes poloneses não estão combatendo com a devida energia "essa quinta-coluna do imperialismo" que se incrustou na organização sindical independente.

Já o **Scinteia**, jornal romeno, divulgou trechos da resolução do Politburo do POUP, que promete defender o socialismo polonês por todos os meios que a situação exigir.

Moscou estuda a conjuntura

Noênio Spínola

Moscou — O caldeirão polonês continua a se aquecer como resultado do congresso do Sindicato Solidariedade, mas ninguém aqui com um bom nível de informações espera que ele transborde antes da queima de várias etapas. A despeito do clima pessimista, Moscou continua aguardando o resultado do diálogo Haig-Gromyko, e, sem confessar, vai alimentando a esperança de uma lenta dissolução dos focos mais graves de crise por pressão dos social-democratas, trabalhistas, socialistas e comunistas em benefício da distensão ou détente.

Enquanto o circo não pega fogo, a palavra de ordem no momento parece ser a de bombardear Varsóvia com protestos estridentes, ameaças veladas e o roncar dos motores dos tanques nas fronteiras. No fundo, trata-se de um consenso que deve emergir dos santuários e dos guardiões da segurança dentro das muralhas do Kremlin. Só o que não se negocia é o conceito estratégico do território polonês para o Pacto de Varsóvia. O resto pode seguir seu destino, dentro do princípio de que "muitos são os caminhos para o socialismo" nos diferentes países que formam a constelação soviética, ou comunista, com um grau maior ou menor de proximidade e intimidade com Moscou.

Guerra de palavras

No âmbito da pressão verbal, os fatos na Polônia passaram aqui a se constituir em notícia. É uma mudança sensível. Antes, o bloqueio era de tal ordem que os estrangeiros vivendo nesta cidade tomavam conhecimento do desenrolar dos fatos no país vizinho apenas por intermédio das rádios estrangeiras. A imprensa soviética ia passando em silêncio e se limitava a publicar os fatos mais importantes ou reproduzir comentários de outros jornais do bloco socialista europeu alinhados com as posições internas da URSS nesse caso.

Em parte isso se explica porque Moscou não queria dar a impressão de estar interferindo nos assuntos domésticos poloneses. Mas em parte reflete também a filosofia do próprio regime e uma orientação central, no sentido de não importar turbulências externas que possam contribuir para disseminar vírus sociais indesejáveis. Eis porque Lech Walesa, por exemplo, a despeito de ser uma das figuras mais famosas no Ocidente, é um grande desconhecido aqui para os operários ou o homem comum.

No estágio atual, refletindo o que a televisão e os jornais têm publicado, a imagem que os soviéticos têm da Polônia é de um país mergulhado na desordem, na anarquia sindical, com seu processo econômico corroído pelas greves (inicialmente chamadas de paradas do trabalho) e com uma liderança merecedora de receber periódicas advertências.

Nessa linha é que todos os jornais centrais apareceram ontem com informações destacadas nas páginas internacionais sobre a visita do Embaixador em Varsóvia, B. I. Aristov, a Stanislaw Kania e Wojciech Jaruzelski, levando, segundo instruções da liderança soviética, um protesto pelo fato de que forças anti-revolucionárias estão realizando impunemente em larga escala uma flagrante campanha de calúnias e mentiras contra a URSS.

Segundo a Tass, "a liderança soviética manifestou a convicção de que a direção do POUP e o Governo polonês tomarão sem demora medidas firmes para frear a maliciosa propaganda anti-soviética e as ações hostis contra a URSS". No contexto do mesmo noticiário, os jornais trouxeram também com destaque uma carta dos trabalhadores da fábrica Arsenal de KIEV aos operários poloneses, manifestando sua "indignação com as atividades dos testas-de-ferro do imperialismo na Polônia".

Abertura de diálogo

Conquanto o que se pode chamar de "caso polonês" não figure no contexto imediato da abertura de um diálogo entre a União Soviética e os Estados Unidos, qualquer movimento direto de interferência da URSS (ou do Pacto de Varsóvia) na Polônia destruiria definitivamente os fiapos que ainda restam da détente entre o Leste e o Oeste. Este é portanto um passo que Moscou somente daria na última hipótese, isto é, de uma radical virada política interna capaz de eliminar o controle do aparelho estatal pelo Partido Comunista na Polônia e pôr em risco a aliança militar onde as tropas deste país ocupa lugar fundamental para o controle de um hipotético teatro de guerra europeu.

Os soviéticos, neste momento, se beneficiam das pressões sobre os Governos europeus para que negociações de rearmamento sejam reabertas, e, na semana passada, promoveram por isso mesmo em grande estilo a visita da liderança do Partido Trabalhista inglês a Moscou. O Presidente Brejnev aproveitou a presença de Michael Foot e Denis Healey aqui para fazer mais uma abertura tática. Ele declarou que a União Soviética "não vai insistir em manter todos os mísseis colocados em suas regiões ocidentais e poderia concordar em reduzi-los, certamente, desde que os americanos assumam uma posição razoável, e retirem a questão do cumprimento da conhecida decisão da OTAN".

Retirar a "bem conhecida decisão da OTAN" significa, para o bloco dos países europeus da Organização do Tratado do Atlântico Norte, deixar de modernizar o arsenal de mísseis nucleares de acordo com uma resolução tomada em dezembro de 1979, anterior à intervenção militar da URSS no Afeganistão.

Poucos analistas acreditam que os termos da barganha sejam assim tão fáceis, mas a verdade é que politicamente os soviéticos conseguiram colocar-se na posição do "tudo em princípio é negociável", desde o 26º Congresso do Partido Comunista, em fevereiro passado, enquanto o Ocidente, sob a liderança americana, é apresentado em uma posição de intransigência.

Alguns analistas ocidentais baseados aqui acham que não se pode esperar nenhum rápido relaxamento a curto prazo e certos comentários soviéticos também refletem isso. O Izvestia, jornal do Governo, é claro neste sentido, ao analisar a visita do Secretário de Estado Alexander Haig a Bonn. "A visita" — disse o Izvestia — "foi planejada para amortecer os sentimentos antiamericanos na República Federal da Alemanha e instilar na mente do público a idéia de que os Estados Unidos estão prontos para um diálogo sobre a limitação da corrida armamentista. Mas os convidados do outro lado do Atlântico não dão muita importância ao cenário de Bonn. (...) Haig uma vez mais confirmou que a decisão da OTAN têm apenas um significado para os Estados Unidos: pressionar pela colocação dos novos mísseis e, concomitantemente, impor uma política de posição de força e diktat."

Solidariedade avança na ação contra o Governo

Bonn — (do correspondente) — Antes mesmo da segunda etapa de seu Congresso, que terá lugar apenas no final do mês, os líderes do Solidariedade já avançaram bastante na sua ação contra o Governo. O sindicato decidiu assumir o papel que já representava como gigantesco movimento político e social e agora quer apresentar também um projeto de salvação nacional.

Diante da incapacidade do Governo de solucionar os principais problemas do país, o sindicato irá elaborar uma estratégia própria para salvar a economia — diz o programa de ação lido na abertura do Congresso pelo líder Lech Walesa. Nos cinco primeiros dias de discussões — em princípio deveriam ser apenas três — questões formais e a reforma dos estatutos ocuparam a maior parte do tempo, mas a declaração de sete pontos aprovada na primeira fase do Congresso enumera claramente onde o sindicato quer concentrar sua luta.

AUTOGESTÃO

Os 900 delegados do Solidariedade querem assegurar controle sobre a produção de gêneros de primeira necessidade, introduzir a autogestão nas indústrias, o controle público sobre os meios de comunicação, realizar eleições livres regionais e para o Parlamento, garantir um poder judiciário independente e melhorar o sistema de previdência social.

Em especial, os itens relativos aos meios de comunicação de massa e a reforma econômica através da autogestão são os que vêm causando sérias controvérsias com o Governo desde pelo menos novembro do ano passado. Se a disputa sobre a cobertura da televisão sobre o Congresso do Solidariedade em Gdansk chegou à quase ruptura entre Governo e sindicato, isto deve-se ao novo esforço que o Partido está fazendo no setor de propaganda.

A **Primavera de Varsóvia** no setor da imprensa durou pouco tempo, mais exatamente até o dia 5 de junho em que o Politburo do POUP recebeu uma carta do Comitê Central do PC da URSS, na qual os camaradas de Moscou acusam os meios de comunicação poloneses de estarem servindo aos objetivos da contra-revolução. A fase de contenção e aumento da censura interna nos jornais foi intensificada depois do congresso extraordinário do POUP, em julho, e hoje muitos jornalistas de prestígio na Polônia afirmam que está em curso uma "campanha de desinformação" sobre o Solidariedade. O que mais espanta os líderes do sindicato é que as acusações de extremismo, antes dirigidas contra alguns dissidentes, hoje abarcam a cúpula do Solidariedade e são repetidas até por moderados como o Vice-Primeiro-Ministro Mieczyslaw Rakowski.

Dois pontos fundamentais na controvérsia sobre os meios de comunicação permanecem sem solução: o acesso do sindicato aos meios eletrônicos e a Lei da Censura, que está sendo protelada no Parlamento e no Ministério da Justiça há pelo menos nove meses.

Não sem razão, os líderes trabalhistas afirmam que esses itens do acordo de Gdansk, de 1980, não foram cumpridos pelo Governo, mas as autoridades esbarram aqui num elemento essencial da doutrina marxista-leninista da função dos meios de comunicação como propagandistas e agitadores na sociedade.

Mais difícil e intricada ainda é a questão da autogestão. No Governo e no Solidariedade não há acordo sobre qualquer projeto relativo à reforma econômica. Mais de seis deles já foram apresentados à opinião pública, e o único que vem tendo aplicação prática é justamente o mais radical, desenvolvido por uma organização de base que é inclusive independente do Solidariedade. Ao aprovarem durante o Congresso uma resolução exigindo autogestão nas indústrias, os delegados do Solidariedade ainda não disseram como, quando e com que meios.

ANARCO-SINDICALISMO

De qualquer maneira, a briga entre Governo e sindicato na questão da autogestão se reduziu a duas perguntas: a nomeação do diretor das empresas e a definição jurídico-ideológica da propriedade. O Solidariedade exigiu expressamente em sua última resolução que seja rompido o monopólio do Partido para a nomeação de diretores, o que se constituiria em mais uma maneira de retirar do POUP o controle sobre a economia. Os altos escalões do Partido não estão dispostos a aceitar esse modelo, conforme já deixaram claro durante o último Congresso Extraordinário, e acusam o Solidariedade de pretender a instauração de um regime de propriedade **anarco-sindicalista**, ao preferir a noção de "propriedade social" em vez da "propriedade estatal" dos meios de produção. Diversos oradores no Congresso exigiram do Solidariedade a passagem da defensiva à ofensiva.

— Restringir-se a atividades sindicais em sentido estrito é possível apenas em regimes democráticos — dizia um deles. Outro resumia as tarefas do Solidariedade na quebra de três monopólios: a dos meios de coerção, dos meios de doutrinação e dos meios econômicos, que estão nas mãos de um só grupo (o Partido).

— Apenas o Exército e a Polícia deveriam permanecer sob suas ordens, para garantir à Polônia aquela coloração vermelha que nos protege de coisas piores — dizia esse delegado.

A intenção do Solidariedade em representar realmente seu papel como movimento social fica clara também na exigência de criar um sistema de educação paralelo ao estatal, com a intenção declarada de "estudar melhor nossa história após 1939".

Nem mesmo o tom extraordinariamente combativo e até arriscado de algumas proposições, como as que apóiam movimentos semelhantes nos países vizinhos ou pedindo eleições livres, com candidatos que não necessitem ser sancionados pelo Partido, foi suficiente para quebrar o que já se chama de "crise de esperança" na Polônia.

Depois de 14 meses de constante e ininterrupta confrontação social, com provas de força, desafios, ameaças, discursos sobre a iminente catástrofe nacional e as promessas de salvação, mesmo o sindicato Solidariedade sabe que a dose de confiança depositada em seus líderes após a impressionante vitória de agosto de 1980 não é ilimitada. Além disso, muitos reconhecem que, em parte, a tentativa do Governo de atribuir responsabilidade aos sindicatos pela catastrófica situação econômica tem dado alguns resultados.

A saída dessa situação depende não só da atitude das autoridades, mas, ainda mais do que no princípio, de Lech Walesa e seu reduzido círculo de assessores ligados à Igreja. Walesa conseguiu durante a primeira parte do Congresso uma importante vitória tática, se bem que à custa de fortes ressentimentos: o Congresso revidou uma resolução proibindo que os líderes das organizações regionais do Solidariedade fossem ao mesmo tempo membros da direção nacional.

Essa questão era vital sobretudo para o próprio Walesa, alvo de fortes críticas por acumular três cargos: o de presidente do Comitê Sindical do Estaleiro Lênin, o de presidente da seção de Gdansk (uma das mais fortes do país) e o de presidente nacional do Solidariedade. Walesa conseguiu que o Congresso revidasse também outra decisão anterior, obrigando a eleição de dois de seus vice-presidentes pela totalidade dos delegados. Desta maneira, teria sido possível às facções de oposição a Walesa pelo menos controlar seus passos com a eleição de vice-presidentes — alguns dos assessores diretos de Walesa, como seu secretário particular e **de facto** presidente executivo do Solidariedade, Andrzej Cielynski, têm baixíssima popularidade entre os delegados.

DITADURA DE WALESA

— Eu quero uma pequena ditadura por dois anos — disse Walesa. — Trata-se de uma luta que está começando e não podemos organizar nosso sindicato segundo princípios estritamente democráticos. Necessitamos de uma forte liderança enquanto o outro lado estiver forte, possuir exército e polícia.

Uma vez que o papel de liderança do Partido Comunista, segundo decidiram os delegados, não merece ser riscado dos estatutos do Solidariedade, é provável que a **ditadura Walesa** dure bastante tempo.

Os participantes do congresso do Solidariedade voltaram para casa e agora há intensas discussões com as bases para a próxima etapa, dia 26 de setembro, que terminará provavelmente uma semana depois com a aprovação de um programa e a eleição (direta) do presidente pelos 900 delegados. Pouca gente duvida da eleição de Walesa como presidente do Solidariedade, mas têm sido cada vez mais fortes as críticas sobre sua conduta pessoal. Seus adversários mais ferrenhos estão tentando derrotá-lo agora dentro do Estaleiro Lênine, onde Walesa teria chegado a uma espécie de compromisso com o diretor (que é o mesmo das greves de 1980) visando a controlar os grupos oposicionistas.

Intrigas à parte, durante o congresso do Solidariedade está também patente o dilema básico dos poloneses: a economia precisa de reformas se quiser atender às necessidades básicas da população, mas essas reformas exigem tempo e sacrifícios. A questão é saber se o Solidariedade ainda reúne forças para captar as simpatias da população e obter sacrifícios.

Passageiros aproveitam seqüestro e se asilam

Berlim Ocidental e Varsóvia — Seis poloneses, passageiros do avião Antonov seqüestrado sexta-feira para Berlim Ocidental, pediram asilo político às autoridades da Alemanha Ocidental, informou a agência PAP. O avião regressou a Varsóvia com apenas 29 passageiros e quatro tripulantes. Quando foi seqüestrado estava com 53 pessoas a bordo.

A polícia alemã ocidental, a quem os 12 estudantes, nove homens e três mulheres, foram entregues pelas autoridades militares americanas, após o pouso do avião no aeroporto de Tempelhof, não divulgou a identidade dos seqüestradores, nem dos passageiros que pediram asilo. Segundo o jornal **Bild Zeitung**, há menor de idade entre os seqüestradores.

A agência PAP disse que ficaram também em Berlim Ocidental, além de três suecos e uma americana, dois húngaros. Mas não explicou se os húngaros também pediram asilo político, o que também não foi esclarecido pela polícia alemã ocidental.

Economia agrava crise em Portugal

Juarez Bahia

Lisboa — O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão obteve a confiança do Parlamento para o seu segundo Governo (o terceiro da centro-direita), averbando uma vitória política contra os duros do Partido Social Democrata do qual é presidente, mas não se pode dizer que conseguiu debelar a crise de regime que a Aliança Democrática no poder enfrenta desde a morte do seu fundador, Sá Carneiro.

O novo gabinete é o mais forte que a centro-direita poderia ter formado. Pela primeira vez desde que ganhou as eleições gerais de 2 de dezembro de 1979, os três partidos da coligação — PSD, CDS e PPM — estão representados no Ministério pelos seus líderes.

SOMBRA PERIGOSA

A crise que derrubou o anterior gabinete Pinto Balsemão foi gerada pela própria sombra da centro-direita. Vetando a abertura da economia à iniciativa privada, o Conselho da Revolução — o discreto órgão que tutela a democracia portuguesa — ajudou a enterrar o Governo. Mas, agora, a sombra perigosa que se levanta com o novo gabinete é o Fundo Monetário Internacional.

Portugal está em dificuldades: a inflação (18%) é maior que a prevista. A dívida externa cresce assustadoramente. As exportações caem, principalmente os têxteis. As remessas dos emigrantes, em preciosas divisas, estagnaram. O desemprego aumenta (atualmente, 15% da força de trabalho de 3 milhões de pessoas). Os preços ao consumidor subiram 19,8% em relação ao primeiro semestre do ano passado. A reforma agrária está interrompida no Alentejo. Os sindicatos exigem reajustes salariais duas vezes acima da taxa de inflação.

Para contornar esses problemas o Governo Pinto Balsemão, por enquanto em segredo, negocia um acordo com o Fundo Monetário Internacional pelo qual receberá 1 bilhão 300 milhões de dólares para pôr a casa em ordem.

— Não precisamos do FMI para nada — adverte o ex-Ministro das Finanças e Planejamento, Victor Constâncio, um dirigente socialista com boa receptividade no empresariado. As confederações da indústria e da agricultura não condenam o empréstimo, mas fazem restrições à adesão de Portugal à Comunidade Econômica Européia, uma posição que se assemelha à das duas centrais sindicais — CGT (comunista) e UGT (social-democrata-socialista).

Disse Constâncio:

— Em 1978, numa situação bem mais desgraçada, sem acesso ao crédito internacional, com os países que então nos fizeram um grande empréstimo a empurrarem-nos para a negociação prévia com o Fundo Monetário Internacional, apesar de todos os esforços que fizemos para disso os demovermos, fomos obrigados a celebrar um acordo de estabilização. Mas, agora, não. Temos ouro, divisas e crédito. Não se justifica perante o país um acordo com o FMI.

No entanto, o Ministro das Finanças e Planejamento, João Salgueiro advoga a realização do acordo e preconiza um consenso entre patrões e empregados pelo qual os sindicatos de trabalhadores abririam mão de vantagens da legislação trabalhista.

Pinto Balsemão venceu a resistência dos seus aliados democrata cristãos e monárquicos e introduziu no programa aprovado pelo Parlamento a idéia de cooperação, isto é, um período de convivência civilizada com o Presidente Ramalho Eanes.

GRATA CONCEPÇÃO

A cooperação com Ramalho Eanes é no momento confortável para a Aliança Democrática, que perde prestígio para os socialistas nas sondagens eleitorais. O Presidente é o político mais popular de Portugal e sua solidariedade ao Governo de Pinto Balsemão imobiliza uma vasta corrente de opinião que nas urnas votou contra a centro-direita. Mas, o Primeiro-Ministro paga no interior da coligação um preço alto pelo conforto político de ter Eanes ao seu lado.

As últimas manifestações das confederações da indústria e da agricultura abalaram a fé de Pinto Balsemão no apoio incondicional dos empresários ao seu Governo. Industriais e agricultores estão fazendo chegar à liderança da Aliança Democrática sua inquietação e desencanto pela demora de Pinto Balsemão em promover a mudança da sociedade portuguesa, a principal promessa da centro-direita desde o tempo de Sá Carneiro, francamente endossada por Balsemão

A mudança consiste na revisão da Constituição para suprimir o prólogo e os capítulos de tendência socialista, a liquidação do Conselho da Revolução, a reforma da legislação de greve, a desnacionalização, numa primeira etapa, dos bancos, seguros e adubos, e posteriormente dos outros setores da economia nas mãos do Estado e pagamento das indenizações aos proprietários de bens nacionalizados em 1975.

A Aliança Democrática espera fazer um acordo com Mário Soares para acelerar a votação da revisão constitucional. Apesar desse compromisso, se o Partido Socialista mantiver a sua atual posição de moderada censura ao Governo, a centro-direita poderá até chegar ilesa a 1984.

Pesquisa mostra imagem negativa da Alemanha no Brasil

William Waack

Bonn — Adolf Hitler é o alemão mais conhecido no Brasil. Dois terços da população brasileira não acham o acordo nuclear vantajoso para os dois lados, e a 40% só ocorrem associações negativas ao ouvir a palavra Alemanha. Estes são alguns dos resultados de uma pesquisa de opinião pública encomendada pelo Governo alemão para saber qual a imagem de seu país no Brasil. A conclusão geral do relatório: "Não somos conhecidos nem queridos."

Embora realizada há mais de um ano, a pesquisa continua trancada nas gavetas. Sua existência foi confirmada oficialmente apenas na semana passada, quando o porta-voz do Governo, Kurt Becker, teve de responder a uma interpelação parlamentar do Deputado democrata-cristão Norbert Lammert sobre a imagem da Alemanha no Brasil. Sem entrar em detalhes, Becker limitou-se a declarar que "o Governo alemão vai intensificar seu trabalho de relações públicas no Brasil".

REFLEXÃO

Becker recusou-se a admitir que a pesquisa trouxe apenas decepções ao Governo alemão. Na verdade, os resultados colidem frontalmente com o acentuado desenvolvimento das relações políticas e econômicas entre Brasil e Alemanha. As respostas "apagam ilusões e dão motivos para reflexões", diz a análise feita pela Embaixada alemã no Brasil, que viu na pesquisa a primeira oportunidade dos alemães saberem exatamente qual sua imagem, "livre da habitual amabilidade brasileira".

Um instituto paulista entrevistou durante os meses de março e abril de 1980 um total de 1 mil 832 pessoas em São Paulo, Campinas, Rio, Porto Alegre, Recife e Brasília, utilizando um questionário de 26 perguntas sobre a Alemanha. Dos entrevistados 339 foram qualificados de formadores de opinião, isto é, jornalistas ou personalidades conhecidas, e suas respostas foram consideradas à parte.

A República Federal da Alemanha é muito menos conhecida do que se pensa, e o interesse no Brasil pelos alemães é limitado. Há ignorância sobre assuntos e problemas alemães, e a pesquisa confirmou a existência daquilo que os alemães chamam de fortes preconceitos resultantes da Segunda Guerra Mundial (nazismo) e da maciça presença de seriados americanos na televisão brasileira.

A pesquisa mostra que no Brasil, assim como em outros países, ainda dominam estereótipos, disse o porta-voz do Governo, Kurt Becker. Hitler é o alemão mais conhecido: 21,4% dos entrevistados mencionaram seu nome ao serem solicitados a dizer de qual alemão se recordavam. O ditador nazista só perde mesmo para os que nem sequer conseguem se lembrar de nenhum alemão: 30% da população.

Em Porto Alegre, Hitler tem a maior popularidade, com 31,2%. O segundo alemão mais conhecido é o Chanceler Helmut Schmidt, com 9,9%, seguido de seu colega de Partido, Willy Brandt, com 5,8%. Nomes tradicionais da cultura germânica, como Göethe, são conhecidos de apenas 1,6% da população brasileira, enquanto Schiller sequer foi mencionado.

Praticamente o único assunto conhecido nas relações entre o Brasil e a Alemanha é o acordo nuclear. A pesquisa encomendada pelo Governo alemão revelou que 83% da população brasileira pelo menos já ouviram falar do problema, mas só um terço acha que o acordo é vantajoso para os dois lados. E 40% criticam a cooperação nuclear com a Alemanha, índice que sobe para até 53% quando se trata dos formadores de opinião.

Para averiguar qual a simpatia que existe pela Alemanha no Brasil, a pesquisa utilizou duas perguntas. A primeira sobre o país que os brasileiros gostariam de conhecer. A grande decepção para os alemães: tem mais gente querendo ir a URSS (11,6%) do que para a Alemanha (9,8%). Os campeões de simpatia são os Estados Unidos e a Itália, pela ordem. A segunda pergunta pedia ao entrevistado que dissesse qual país, em sua opinião, era o mais simpático. A Alemanha ficou em quinto lugar, com 7,2%, atrás dos EUA (21,6%), Itália (18,7%), França (15,8%), e Portugal (15,3%).

Do ponto-de-vista dos diplomatas alemães, o mais grave foi o baixo grau de simpatia pela Alemanha sobretudo em São Paulo (5,8%) e no Rio (4,2%), onde os alemães ainda perdem dos soviéticos em popularidade.

"Esse resultado fraco causa preocupação sobretudo porque Rio e São Paulo são os centros políticos e culturais", diz a análise alemã. Os piores resultados foram registrados na faixa etária entre os 18 e 34 anos, principalmente entre estudantes, professores e mulheres. Quarenta por cento dos entrevistados só conseguem associar símbolos negativos ao ouvir a palavra Alemanha, e ao serem perguntados sobre o que gostam na Alemanha ou nos alemães, 13,5% responderam "nada".

PREPOTÊNCIA E RACISMO

No Rio, os resultados ainda são piores do que a média nacional. O que os brasileiros criticam nos alemães? A prepotência, o perfeccionismo, o racismo, a frieza e a matança de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. As qualidades apreciadas nos alemães são a disciplina, a organização e a educação.

As respostas permitiram aos alemães observar que, no Brasil, "não existe o tão propagado antiamericanismo". Essa conclusão deverá provocar novos debates sobre a atuação política da Alemanha na América Latina e no Brasil em particular, pois já pertence ao repertório tradicional de diplomatas alemães dizer que seu país tem boas chances de penetração no subcontinente, "já que não somos vítimas de sentimentos nacionalistas ou anti-americanistas".

A pesquisa teve origem durante a viagem que o Chanceler alemão Helmut Schmidt fez ao Brasil no princípio de 1979. Naquela época, acompanhado de sindicalistas alemães e do presidente da Volkswagem mundial, Schmidt ficou preocupado com a imagem que a Alemanha estava ganhando em decorrência dos conflitos entre a Volkswagem brasileira e os metalúrgicos do ABC.

Em seus contatos com Lula e com o Cardeal Evaristo Arns, entre outros, Schmidt ficou convencido de que a Alemanha realmente corria o risco de ser carimbada como potência imperialista, interessada apenas em proteger os interesses de suas multinacionais. Dois anos depois da viagem do Chanceler, a Alemanha atravessa nova crise de imagem.

Esta é a opinião do Deputado conservador Norbert Lammert, que já fez algumas viagens ao Brasil (na última adotou uma criança em Duque de Caxias). Ele acha que a simples expansão do comércio, dos laços econômicos e dos investimentos alemães no Brasil não contribuem para melhorar a imagem de seu país. Lammert, critica seu Governo pelo apego ao lema Basta Investir, o Resto não Interessa ou Vem por si".

G. Campista

Belize/UPI

Reivindicado pela vizinha Guatemala, o território de Belize é controlado por cerca de 2 mil soldados britânicos bem armados

Belize fica independente da Inglaterra amanhã

Washington (Sílio Boccanera) — Sob protestos da Guatemala, mas com a aprovação das Nações Unidas, Belize — última colônia do Reino Unido no Continente americano — ganha independência amanhã após dois séculos de controle político britânico. A Guatemala insiste em reivindicar seus direitos sobre os 22 quilômetros quadrados, reduto de piratas há 300 anos.

Apesar de conceder independência a Belize agora, a Inglaterra manterá um número não especificado de tropas no país, por um período que considere apropriado, conforme anunciou em julho o **Foreign Office**. Há vários anos os britânicos mantêm cerca de 2 mil militares bem armados em Belize para defender a colônia e seus 150 mil habitantes de esporádicos ataques guatemaltecos.

Conflitos políticos

A independência de Belize ocorre num momento delicado, em vista dos conflitos políticos na vizinhança, afetando em diferentes graus Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua. Como as crises nestes países são vistas pelos Estados Unidos como subproduto do confronto Washington-Moscou, o surgimento de um novo país na área passa a merecer maior atenção do que o tamanho de Belize, sua população e área, bem como seus limitados recursos naturais inspirariam em outra época. O que interessa, no momento, é sua localização estratégica.

Na vizinha Guatemala, por exemplo, atua um movimento guerrilheiro que nos últimos anos vem expandindo sua área de ação e popularidade entre camponeses e índios, no combate a um Governo militar classificado pela Anistia Internacional como "dos mais criminosos no Continente" devido ao assassinato de milhares de guatemaltecos.

A possibilidade de que estes guerrilheiros se aproveitem da densa floresta tropical entre Guatemala e Belize para se esconder, manter bases de operações e ocasionalmente fugir através da fronteira certamente preocupa os estrategistas militares guatemaltecos. Num quadro hipotético mais catastrófico — embora sem qualquer evidência no momento — temem ver Belize infiltrada por Cuba, que não fica muito distante.

Uma foto publicada na imprensa internacional no ano passado, mostrando o atual Primeiro-Ministro belizenho, George Price, ao lado de seu colega cubano Fidel Castro, durante as comemorações do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, na Nicarágua, provocou arrepios no alto comando guatemalteco.

Ajuda militar

O Governo de Belize já manifestou preocupação diante da política americana para a região, sobretudo planos já sugeridos de fornecer ajuda militar à Guatemala, a fim de ajudar os dirigentes deste país a combater o movimento guerrilheiro.

— Se houver um rearmamento dos Estados Unidos à Guetemala — disse em entrevista recente o Ministro da Justiça belizenho Said Musa — os guatemaltecos poderão dizer que é para segurança interna. Mas certamente poderá ser usado externamente contra Belize.

Musa é considerado um dos membros mais à esquerda no Governo de Belize, dominado pelo Partido Povo Unido, que ele próprio já classificou de moderadamente socialista. Mas Musa e outros temem uma recepção hostil por parte da administração Ronald Reagan.

— Os Estados Unidos podem deixar a democracia que existe aqui florescer ou podem matá-la tornando-se vítimas da propaganda guatemalteca e adotando uma linha dura contra Belize — disse Musa.

O Partido Povo Unido tem sido a força política dominante no país desde 1950 e seu principal expoente é o Primeiro-Ministro George Price, intransigente defensor da independência. A Oposição, agrupada em torno do Partido Democrata Unido, alega que os belizenhos não estão preparados para sobreviver sozinhos, principalmente diante do Exército guatemalteco.

— Nenhuma nação colocaria em perigo sua própria segurança nacional, mas isso é o que Belize parece estar fazendo — disse recentemente o líder da Oposição, Theodore Aranda. E acrescentou: — Se os guatemaltecos esperaram mais de 100 anos para tomar conta, por que não esperariam mais dois ou cinco?

Os oponentes da independência chegaram a se rebelar com a violência em abril deste ano, saindo às ruas e provocando greves, quando Inglaterra e Guatemala assinaram o acordo. A maneira inglesa de convencer os guatemaltecos então foi prometer-lhes acesso ao Atlântico através de território belizenho.

As conversações entre Londres e Guatemala fracassaram quando as delegações tentaram acertar os detalhes deste acesso guatemalteco a território belizenho. Os ingleses concederam "uso e aproveitamento" dos recifes Ranguaga e Sapodilla, no Sul de Belize, mas negaram exigências guatemaltecas de soberania e utilização militar do local.

Duas vezes maior do que a Jamaica, Belize estende mais de 200 km de costa na parte oriental da península de Iucatan, junto ao México. A maior cidade é Belize City, fundada por piratas há mais de 300 anos e hoje ocupada por cerca de 50 mil pessoas. A Capital e centro administrativo é Belmopan, com 3 mil habitantes.

Ao estilo britânico, Belize vem mantendo um governador-geral que representa a Coroa — e um Primeiro-Ministro, que se encarrega do Governo. Há uma Assembléia-Geral e um Senado.

A língua oficial é o inglês, falado ao estilo caribenho, e a população de 140 mil em todo o país é em grande maioria de origem africana (60%) e européia, com pequena influência maia. Estes traços deixam claro para um visitante as enormes diferenças culturais entre Belize e a predominantemente indígena Guatemala.

A economia é de base agrícola, com açúcar não refinado e melado à frente dos produtos de exportação, vendidos principalmente aos Estados Unidos e à Inglaterra.

Japão encerra buscas a soldados imperiais na selva das ilhas Salomão

Anilde Werneck

Tóquio — Foi a oitava tentativa, em cinco anos, sem sucesso e, por esta razão, o Governo japonês deu por encerradas as buscas a ex-soldados imperiais que, supostamente, continuam vivendo nas selvas da ilha Vella Lavella, do Grupo Salomão. A expedição oficial retornou a Tóquio esta semana, mas 12 ex-oficiais, que ali combateram até o fim da guerra do Pacífico, resolveram ficar e procurar pelos companheiros.

Rumores sobre a presença de ex-soldados imperiais no Sudeste asiático e em ilhas do Pacífico chegam com regularidade a Tóquio e, ainda recentemente, se disse que 12 deles foram vistos na ilha de Mindore, nas Filipinas. Mas, desde que a guerra acabou, em 1945, apenas três foram encontrados e resgatados. Um deles, o ex-Segundo-Tenente Hiroo Onoda, é agora um próspero pecuarista em Mato Grosso, no Brasil.

GUADALCANAL

Logo depois do ataque a Pearl Harbor, os japoneses ocuparam as mais estratégicas das ilhas Salomão, incluindo Guadalcanal — onde fica Honiara, a Capital — e Vella Lavella. A guarnição de Vella Lavella era, no início de 1943, de cerca de 2 mil homens, com as tripulações de três destróires japoneses que ali se refugiaram depois que seus barcos foram postos a pique.

Mas a 6 de outubro daquele ano, após a derrota em Guadalcanal e de seguidos bombardeios americanos, esse número caíra para pouco mais de 750. Foi, então, realizada uma evacuação apressada e 150 soldados foram deixados para trás — mais tarde declarados "mortos em combate".

As primeiras informações sobre a presença de soldados japoneses nas selvas de Vella Lavella chegaram a Tóquio em 1976 e diziam que tinham sido vistos por nativos. O caso mais concreto foi contado por um habitante local que disse ter encontrado um ex-soldado que lhe ofereceu carne de porco crua.

A partir de então, o Governo e grupos de ex-combatentes iniciaram buscas na ilha, mas não encontraram nem indícios da existência de japoneses na região. A 8ª expedição partiu de Tóquio no início de agosto.

HINOS MILITARES

Com 22 membros, incluindo funcionários do Ministério da Previdência Social, a missão se estabeleceu numa aldeia de Vella Lavella, antes de se dividir em nove grupos que vasculhariam as selvas da ilha. A operação foi iniciada com o lançamento de panfletos, por avião, informando, em japonês, que a guerra acabara e que todos deveriam deixar seus esconderijos.

A seguir, os grupos começaram a percorrer a selva, emitindo mensagens por megafones, tocando hinos militares da época da guerra e conduzindo a antiga bandeira imperial do Japão. Na última quinta-feira, os funcionários do Governo voltaram a Tóquio, afirmando que nada encontraram

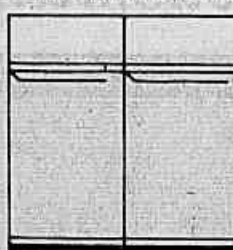
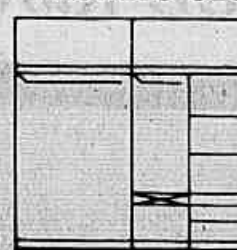
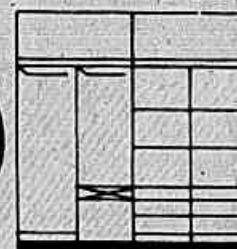
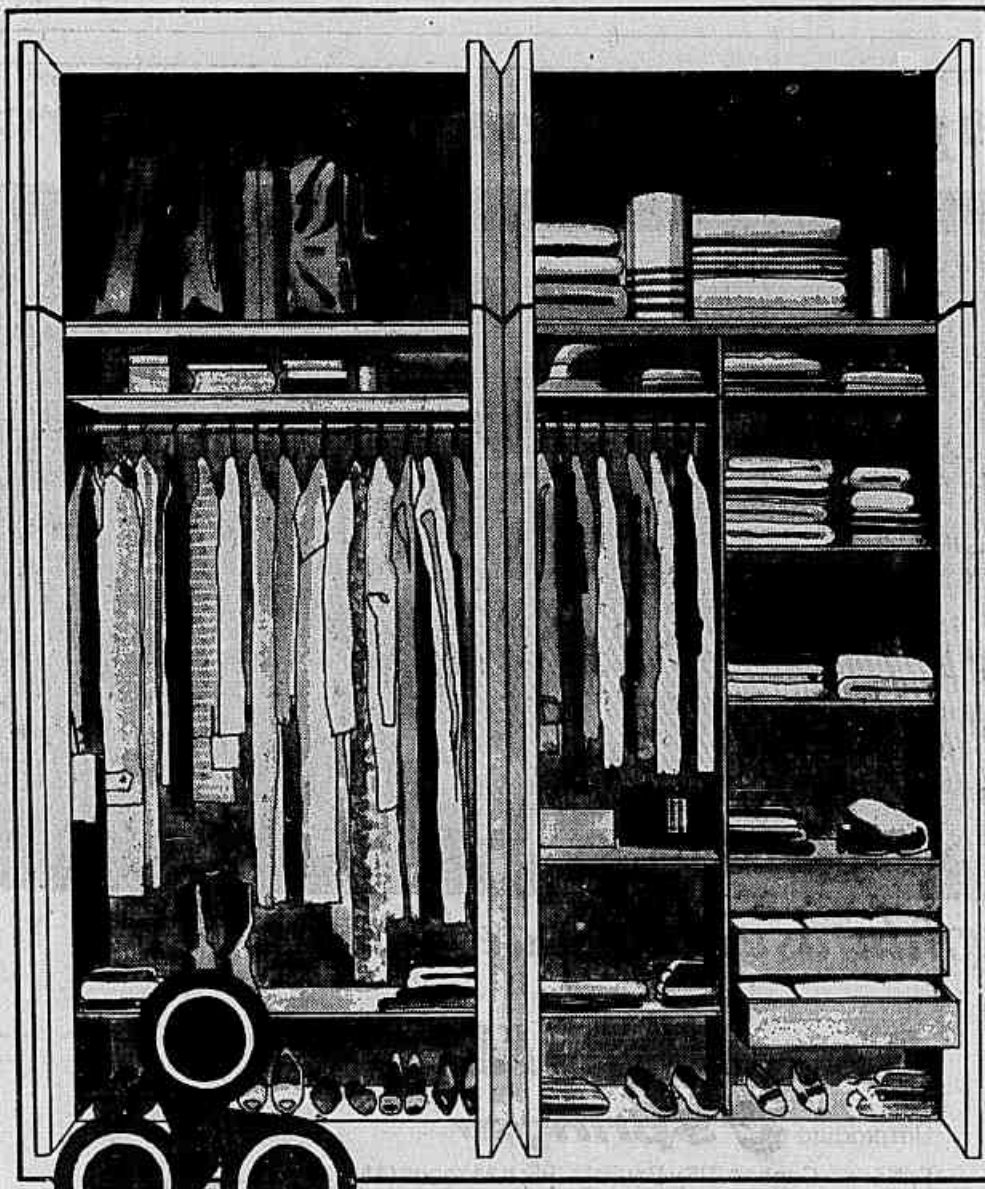
Até hoje nenhuma expedição oficial teve sucesso nas buscas a ex-soldados que ainda acreditam que estão em guerra. Os três que retornaram foram encontrados por acaso. O primeiro deles foi o ex-sargento Shoichi Yokoi, que viveu durante 28 anos na ilha de Guam, contando o tempo através da Lua — errou por apenas seis meses.

Aclamado como herói por 5 mil pessoas que o esperavam no antigo aeroporto de Haneda, Yokoi desembarcou, em Tóquio a 2 de fevereiro de 1972, com 56 anos. Em sua primeira entrevista, disse não entender porque o Japão perdera a guerra, se seus soldados tinham um tão elevado espírito de luta.

PESCANDO NO RIACHO

Em seu livro, **O Caminho Para o Amanhã**, contou que estava pescando camarão num riacho quando se viu cercado por um grupo de nativos armados. Tentou lutar, mas foi dominado. Entregue às autoridades americanas, foi reconduzido ao Japão.

Dois anos mais tarde, era a vez do Segundo-Tenente Hiroo Onoda retornar ao Japão, depois de viver 30 anos nas selvas da ilha Lubang, nas Filipinas. Onoda foi encontrado pelo estudante japonês Norio Suzuki, que fora acampar na região. Mas só concordou em deixar a selva depois que seu ex-comandante, o Major Yoshimi Taniguchi, foi até lá para informar que a guerra terminara.

O terceiro ex-soldado resgatado foi o chinês de Formosa Lee Kuang-Huei, também encontrado por nativos da ilha de Morotai, na Indonésia.

Empresários franceses tentam impedir nacionalizações

Arlette Chabrol

Paris — A verdadeira batalha em torno das nacionalizações apenas está começando. O projeto definitivo do Governo deverá ser apresentado quarta-feira próxima ao Conselho de Ministros, mas corre o risco de provocar uma série de recursos jurídicos, promovidos por acionistas que para isso estão-se organizando.

As sondagens de opinião demonstram que os franceses, por ampla margem (cerca de 60%), são favoráveis às nacionalizações. Mas pode-se afirmar que nos meios econômicos e financeiros essa decisão — considerada antes de mais nada ideológica — tem quase unanimidade contra ela. E tudo leva a crer que o Governo vai enfrentar sérios obstáculos na sua aplicação.

BANCOS ESTRANGEIROS

As primeiras objeções foram levantadas quinta-feira pelo Conselho de Estado, ao qual o projeto das nacionalizações foi submetido e onde deverá receber parecer sobre sua constitucionalidade. Três pontos importantes já foram destacados por essa alta corte.

Para começar, o "caráter arbitrário" dos tratamentos diferentes reservados aos bancos franceses e estrageiros, iguais no entanto perante a lei. Como não encontra amparo legal, poderá ser contestado. Se o Governo pretende na realidade retirar da área das nacionalizações os bancos estrangeiros, sem dizê-lo abertamente, basta que fixe um teto para os depósitos — de 3 a 4 bilhões de francos — além do qual esses bancos passariam para o Poder Público.

Deste modo, todos os bancos estrangeiros serão eliminados automaticamente da lista dos nacionalizáveis. Mas, evidentemente, por essa mesma razão, alguns bancos franceses escapariam também da lista. Seriam 11, segundo estimativas, entre os quais o Banco Rotschild, o Banco Hervet e o Banco da Bretanha. Isso deixaria ainda sob controle do Estado 90% dos estabelecimentos de crédito, mas o impacto político seria bem menos forte, pois sobrariam ainda uns 20 bancos não encampados pelo Poder Público.

Pode-se imaginar a revolta do Partido Comunista, e mesmo de certos militantes do Partido Socialista — que já achavam que o atual projeto não vai suficientemente longe — se o Governo optar por essa solução. Mas haverá maneira de fazer de outro modo? Se o Governo preferir manter como critério o teto de 1 bilhão de francos de depósito, e não fizer discriminação entre bancos franceses e estrangeiros, neste caso serão cerca de 135 novos estabelecimentos de crédito a serem nacionalizados. Mas, se assim acontecer é quase certo que irá colocar-se à margem da comunidade bancária internacional, inclusive com a possibilidade de que os bens bancários franceses no exterior sejam postos sob seqüestro.

Outra questão discutível, do ponto-de-vista do Conselho de Estado: o princípio de territorialidade. Em Direito Internacional, uma nacionalização só tem efeito no país em que a decisão foi tomada. Se o Governo mantiver seu projeto inicial, poderá logo se encontrar diante de numerosos processos no exterior.

Terceiro ponto, e não o menor, a reversão ao setor privado das ações de duas empresas nacionalizáveis: a Compagnie Finacière de Paris e des Pays Bas (Paribas) e a Compagnie Financière de Suez. Pelo projeto do Governo, está previsto que os ativos industriais desses dois grandes bancos comerciais retornarão ao setor privado dentro de um ano.

O Conselho de Estado considera que não há lógica nacionalizar hoje o que será amanhã novamente remetido ao mercado financeiro. Além disso, de acordo com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, retomada nas Constituições de 1946 e 1958, a nacionalização só deve intervir em caso de evidente necessidade pública, o que, na situação presente, não poderia ser comprovada.

Diante de tais circunstâncias, o Conselho de Estado sugere que da redação final do projeto, a ser submetido nas próximas semanas ao Parlamento, sejam retiradas as participações industriais de Suez e de Paribas, previstas para serem nacionalizadas.

Há ainda outro problema com o qual o Governo terá que se confrontar também dentro de pouco tempo: o valor das indenizações. Os acionistas já começaram, há poucos dias, a se reunirem em associações de defesa, e se mostram muito decididos a não se deixarem espoliar. René Monory, o último Ministro de Economia e Finanças do Governo Barre, assumiu a direção de uma dessas associações, que nascem todos os dias atualmente.

Algumas delas estão propondo a criação de uma comissão nacional de conciliação que poderá ser orientada por especialistas renomados, por todos respeitados — Antoine Pinay e Pierre Mendes France — para encontrar soluções aceitáveis pelas duas partes.

Acionista quer indenização justa

O projeto governamental prevê indenizar os acionistas dos títulos nacionalizáveis na base de uma média das cotações na Bolsa nos três últimos anos (de 1º de janeiro de 1978 a 31 de dezembro de 1980). O Conselho de Estado não contestou a constitucionalidade de tal cálculo, mas um dirigente da entidade dos agentes financeiros, Yves Flornoy, repeliu essa solução.

— Os acionistas — disse ele — desprovidos de seus títulos, serão roubados se o reembolso for inferior ao valor médio das cotações dos três primeiros meses de 1981, aumentado de 54,4%.

Esse último número, obtido por um cálculo complexo, teria o grande inconveniente de aumentar as indenizações a pagar, de 20% a 50%. A Comissão de Operações da Bolsa concorda com essa hipótese, pois estima que uma indenização baseada apenas nas cotações da Bolsa "não seria justa nem equitativa". Sugere, em troca, tomar vários critérios — capitalização, ativo da empresa, resultados da empresa — para estabelecer uma base de cálculo mais justa. Aqui também — acredita-se — haverá um acréscimo expressivo no preço da nacionalização.

Mas esses não são os únicos obstáculos que se levantam diante do Governo Pierre Mauroy. Os deputados da oposição estão, eles também, decididos a tudo fazer para impedir que as coisas se desenrolem de acordo com o roteiro previsto no projeto. Pretendem enviar uma petição ao Conselho de Estado, para verificar se esse capítulo está realmente de conformidade com a Constituição. Acreditam que poderão demonstrar que a necessidade política das nacionalizações não é evidente e que as indenizações previstas não são suficientes.

Em resumo, o Governo, que quis agir rápido e forte nessa área, a fim de cumprir as promessas eleitorais de François Mitterand, vai ter muito que agir para levar a bom termo sua operação.

E os propósitos anunciados esta semana por um antigo ministro de Giscard d'Estaing, Jean Pierre Soisson, não são tranqüilizadores: prometeu para os próximos meses o retorno de seus amigos políticos ao Poder.

Mitterrand se vale da anistia

Paris — O Presidente da França, François Mitterrand, foi beneficiado pela anistia que ele próprio concedeu ao assumir a chefia do Estado. Graças a essa anistia, encerrou-se o processo judicial contra Mitterrand que, em 1979, foi acusado de violar o monopólio radiofônico estatal por ter participado da transmissão de uma estação "pirata", a Rádio Resposta, de tendência socialista. A anistia, beneficiou, além de Mitterrand, o atual Ministro do Orçamento, Laurent Fabius.

Nova legislação dará o 13º aos militares

Brasília — A Presidência da República enviará ao Congresso, no final de outubro, o anteprojeto da nova lei de remuneração dos militares que, entre outras alterações, inclui a criação do 13º salário ou remuneração adicional e o aumento dos proventos do pessoal da ativa e da reserva. A despesa anual da União com as Forças Armadas aumentará em cerca de Cr$ 4 bilhões.

O anteprojeto da lei de remuneração foi enviado há meses à Presidência, pelo Estado Maior das Forças Armadas, mas só será encaminhado ao Congresso com o Estatuto do Servidores Civis da União, que também estabelece a criação do 13º salário. Como a Secretaria de Planejamento só admite 13º salário para servidores civis e militares a partir de 83, é provável que a lei de remuneração seja aprovada para vigorar em 82 com a exclusão provisória do artigo sobre remuneração adicional.

Inativos

A atual lei de remuneração dos militares, de nº 5 787, aprovada a 27 de junho de 1972 e sancionada pelo ex-Presidente Médici, regula tanto a parte de vencimentos, como os proventos e indenizações. Sua reformulação está sendo estudada há vários anos, a nível de Estado Maior das Forças Armadas, com a colaboração de cada Força.

Ela visa, principalmente, beneficiar o pessoal da reserva, que poderá ter seus salários reajustados em até 22%, embora cada caso seja estudado individualmente. Isto porque, ao ser transferido para a reserva, o militar chega a perder até 60% de seus proventos, equivalentes a gratificações e outras indenizações.

O pessoal da ativa poderá ser beneficiado com aumento de 5%, o que implica acréscimo de aproximadamente 10% na despesa mensal com o pessoal militar, ou seja, Cr$ 800 milhões 400 mil. A despesa mensal com as Forças Armadas, na parte de pessoal (alimentação, transporte, soldo, gratificações, pensões, etc), é da ordem de Cr$ 8 bilhões 400 milhões.

Ressalva

Todos estes cálculos excluem o 13º dos militares, por ser assunto polêmico na área econômica e contar com a oposição do Ministro Delfim Neto. Ele deixou claro que só concorda com a introdução desta despesa no orçamento da União, tanto para civis quanto para militares, a partir de 1983.

Assim, acredita-se que o Congresso aprovará em novembro a lei de remuneração, para vigorar em 1982, mas trazendo ressalva quanto ao artigo referente à criação da remuneração adicional, transferindo-a para 1983 ou para quando a Seplan achar mais conveniente.

DASP limita gasto público

Brasília — A elevação desproporcional das despesas com a manutenção dos órgãos públicos, em relação aos gastos com pessoal, levou o DASP a realizar estudos para restringir a contratação de mão-de-obra indireta, através de empresas prestadoras de serviço (como agências de vigilância, segurança e zeladoria). Serão instituídas, provisoriamente, tabelas especiais para limitar despesas.

Levantamento feito pelo DASP mostrou que as despesas com pessoal civil e militar absorvem, em média — incluindo inativos e pensionistas — 31,8% do seu orçamento geral. Em 1980, esses gastos representaram 28,7%, quando chegaram a Cr$ 342 bilhões, enquanto as despesas com manutenção de Ministérios e autarquias elevaram-se a 37,1% do total, atingindo Cr$ 442 bilhões.

Evolução

De acordo com o levantamento, em 1977, as despesas com pessoal civil e militar representavam 33,1% do orçamento do DASP, isto é, Cr$ 55 bilhões 700 milhões, para um total de Cr$ 168 bilhões 200 milhões, enquanto os gastos com a manutenção dos órgãos absorviam 27,1%, ou seja, Cr$ 67 bilhões.

As despesas com pessoal civil evoluíram de Cr$ 14 bilhões, em 1977, para Cr$ 56 bilhões 500 milhões, em 1980, registrando um aumento nominal (incluindo a inflação no período) de 300%, quadruplicando. As despesas com pessoal militar, no mesmo período, aumentaram de Cr$ 16 bilhões 300 milhões para Cr$ 66 bilhões 700 milhões, o que representa, em termos percentuais, elevação de 309%.

As despesas com inativos passaram de Cr$ 12 bilhões 800 milhões, em 1977, para Cr$ 63 bilhões, em 1980, aumentando 392%, enquanto os gastos com pensionistas aumentaram de Cr$ 5 bilhões 120 milhões para Cr$ 28 bilhões 600 milhões, isto é, 460%.

O levantamento feito pelo DASP registra, ainda, a defasagem (perda) salarial de um grupo de servidores públicos beneficiados pelo Plano de Classificação de Cargos, devido à inflação de 1974 (ano de implantação do Plano) até abril deste ano. Esse levantamento abrangeu 70% dos servidores.

Um contador, arquiteto, engenheiro, agrônomo ou técnico de administração que ganhasse Cr$ 4 mil 080 mensais em 1974, excluídas quaisquer vantagens, inclusive por tempo de serviço, deveria ganhar Cr$ 73 mil 550 em abril deste ano, caso tivesse o salário atualizado pela inflação. Como isso não ocorreu, o salário desses servidores, correspondente ao início da carreira, era de Cr$ 35 mil 832 em abril deste ano, registrando-se uma perda (defasagem) de 51,2% no nível de vencimento.

O maior nível de perda registrado foi o da classe de enfermeiro: 58,7% em relação ao salário atualizado pela inflação. Um enfermeiro em início de carreira deveria ganhar, caso o salário fosse atualizado pela inflação, Cr$ 69 mil 764, em abril deste ano. Na realidade, ganhava Cr$ 28 mil 777.

Outras categorias incluídas na amostragem, que tiveram os salários corroídos pela inflação e não foram compensados no mesmo nível, são: auxiliar de enfermagem (38,5%), agente administrativo (33,6%), datilógrafo (25,9%), motorista (29,6%), telefonista (40,8%), técnico em contabilidade (46,9%), auxiliar operacional de serviços diversos (0,9%), inspetor de trabalho (51,2%) e agente de mecanização de apoio (36,8%).

Na amostragem, a única categoria que não sofreu defasagem salarial é a de agente de portaria, pela obrigatoriedade legal de acompanhar o salário-mínimo, o que resulta na aplicação de reajuste semestral.

Governo contraria promotores

Brasília — O projeto em tramitação no Congresso que fixa normas para a organização do Ministério Público Estadual, embora apresentado pelo Governo como uma medida de aprimoramento da instituição, não atendeu a uma das mais antigas e importantes reivindicações dos promotores públicos de todo o país, que é a de ter seu chefe, o Procurador-Geral, eleito pela classe.

Na mensagem de encaminhamento do projeto ao Congresso, o Governo eleva o Ministério Público à categoria de magistratura especial, estabelecida como representante do Estado junto ao Judiciário, integrado no Poder Executivo, fórmula que mantém a secular subordinação da instituição aos Governo estaduais e federal.

Crítica

A discussão sobre a verdadeira função do Ministério Público — que a maioria dos estudiosos considera viciada pela demissibilidade do Procurador-Geral — ressurgiu recentemente com a crítica à atuação de integrantes da instituição, implícita na representação do Corregedor da Justiça Militar, Célio Lobão, contra o arquivamento do IPM do Riocentro.

Em conferência no Instituto dos Advogados do Distrito Federal, o corregedor, em resposta a uma intervenção, considerou a demissibilidade do Procurador Geral tecnicamente incompatível com a essência do Ministério Público, por ter o órgão a competência de fiscalizar a aplicação da lei e de promover a justiça.

Mas, antes das divergências entre o Corregedor Célio Lobão e o Procurador Geral da Justiça Militar, já havia debates sobre a matéria, a partir da proposta de emenda à Constituição do Estado de São Paulo, nº 21, de 22 de junho de 1981. Esta emenda visa assegurar a independência do Ministério Público, estabelecendo que o Procurador Geral da Justiça não mais será demissível sem justa causa, mas eleito pelo colégio de procuradores, entre seus integrantes, com mandato de dois anos.

Trata-se a medida de antiga reivindicação da Associação Paulista do Ministério Público, da Ordem dos Advogados do Brasil — seção de São Paulo —, da Associação dos Advogados de São Paulo e de outras entidades de classe preocupadas em evitar que a instituição, defensora do interesse público, continue comprometida pela intervenção do Estado em seus assuntos.

Coincidência

A tramitação da proposta de emenda do Legislativo de São Paulo coincidiu com a remessa ao Congresso da mensagem encaminhando projeto de lei complementar fixando as normas a serem adotadas na organização do Ministério Público Estadual. A proposição deixou aos Estados a liberdade de legislar sobre a instituição, de acordo com as peculiaridades locais.

Mas, quanto ao Procurador Geral da Justiça, estabeleceu que este seria nomeado pelo Governador do Estado, como ocorre com o Procurador Geral da República, nomeado pelo Presidente da República. Como o poder de nomear implica o de demitir, parece que não será desta vez que o Ministério Público Estadual poderá eleger seus procuradores gerais e ver afirmada sua independência.

Enquanto o Governo disciplina situações estaduais, no plano federal persiste intocada, há 30 anos, a lei nº 1 341, de 20 de janeiro de 1951, que organizou o Ministério Público da União, e cujo artigo 29 consagra o princípio da nomeação do Procurador Geral da República pelo Presidente. Estabelece, igualmente, a atribuição do Procurador Geral como representante da União e da Fazenda Nacional em diversas situações, nas quais, como advogado, deverá defender interesses do Estado, nem sempre em harmonia com o interesse público.

Curitiba/Chuniti Kawamura

A passeata ocupou o Centro da cidade de manhã

Secretário é vaiado por grevistas no bar

Curitiba — Cerca de 1 mil 500 professores em greve, ao final de uma passeata feita ontem pela manhã, no centro de Curitiba, cercaram e vaiaram o Secretário de Recursos Humanos, Sr Segismundo Morgestern. O Secretário, que estava num café no calçadão da **Boca Maldita**, ponto de encontro tradicional na cidade, ao ver os grevistas se aproximarem tentou sair, mas não teve tempo.

Os professores estão em greve desde o dia 14, reivindicando piso de dois e meio salários mínimos, reajustes semestrais e 13º salário. Além da passeata realizada ontem, o Movimento Educação e Justiça havia previsto uma concentração para receber o Presidente Figueiredo, que visitaria Curitiba neste fim de semana. O abaixo-assinado e o documento que seriam entregues ao Presidente serão, agora, enviados ao Palácio do Planalto.

Aumento e férias

Segundo a Associação dos Professores do Paraná, a greve do magistério alcança 80% dos 53 mil professores estaduais. O Secretário da Educação, Sr Édson Machado, que anunciara decretar recesso escolar se o movimento atingisse 50% dos estabelecimentos de ensino, afirmou que vai colocar em recesso e até mesmo em férias antecipadas as escolas paralisadas a partir de amanhã.

Repetindo a mesma situação do ano passado, quando os professores ficaram em greve 22 dias com as mesmas reivindicações, o Governo pretende dar uma antecipação de 30% do aumento de janeiro, com percentuais de abono para os que ganham o salário básico (Cr$ 11 mil 500), a fim de que os vencimentos alcancem o equivalente a dois salários mínimos. Esta antecipação não satisfaz aos professores, que prometem permanecer em greve. O Governador Ney Braga argumentou com a situação financeira do Estado: — "Não posso dar um aumento que não possa pagar amanhã".

Empresários pedem novos índices

São Paulo — A mudança nas negociações salariais conduzidas pela FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) foi pedida, através de documento, por empresários do interior que argumentam que o atual processo não pode ser feito com base nos índices e valores equivalentes aos da Capital, sob o risco de as empresas ficarem sujeitas a uma deformação na estrutura sócio-econômica.

Apresentado pela Delegacia Regional de Marília do Centro das Indústrias do Estado (CIESP), os empresários do interior afirmam no documento que todas as negociações salariais com sindicatos de classes, nos dissídios coletivos, têm sido feitas pelos grupos compostos por empresários que representam, de fato, as indústrias da Capital mas com poderes e atribuições para negociarem em nome das empresas sediadas no interior do Estado.

Reivindicações

Em suas reivindicações encaminhadas à FIESP, durante reunião preparatória para o 1º Congresso da Indústria Paulista, realizada em Presidente Prudente, os empresários apontam o fato de que "não se pode conceber que o piso salarial, no caso o dos metalúrgicos, seja negociado no mesmo nível de valor — interior e Capital — dando-nos a entender que o custo de vida esteja no mesmo patamar. Isto é uma falha indiscutível", destacou o empresário João Marion, de Marília.

Os empresários procuram mostrar à FIESP que "inexiste no interior aquela mão-de-obra em quantidade e qualidade suficientes que podemos considerar qualificada, como, por exemplo, o caso dos metalúrgicos, onde as indústrias são obrigadas a admitirem um contingente de pessoal bem maior, dar treinamentos, verificar aptidão de cada um, e, no fim, fazer a seleção daqueles que conseguirem alcançar um nível de produtividade compatível com o salário a ser pago".

Diante deste quadro, os empresários solicitaram a Federação das Indústrias do Estado que as negociações salariais passem a ser feitas diretamente por um grupo de empresários do interior, pois são eles que podem avaliar, na medida certa, as negociações. "Há que fazer uma mudança no sistema de negociações, o mais urgente possível, sob o risco desse processo desencadeado, chegar a um ponto irrecuperável, indo contra uma das metas do Governo, que é a interiorização das indústrias", acrescenta o documento.

Política salarial

Embora tenham deixado claro que a política salarial não é a grande culpada pelo "péssimo comportamento" apresentado pelas indústrias do exterior, os empresários dirigiram algumas reivindicações à FIESP com o objetivo de atenuar o impacto que os reajustes semestrais apresentam, hoje, como conseqüência dos altos custos financeiros que, segundo eles, "inviabilizam a prática da semestralidade".

E em sugestão à FIESP, os empresários pedem que "mantendo ou não o reajustamento semestral, todos os dissídios de reajustamento sejam unificados para um único mês do ano, que por tradição poderia ser o mês de maio ou 1º de janeiro, que coincide com o início do ano civil, para todas as categorias indistintamente".

Outra proposta apresentada sugere que "continuando a sistemática de reajustamento semestral, que o índice aplicado (INPC) recaia sempre sobre a data base, isto é, no reajustamento do segundo semestre o índice seria calculado sobre o salário da data base e o resultado adicionado ao salário recebido". Os empresários pedem, ainda, a eliminação do índice de produtividade, substituindo-o por anuênio, conferido ao empregado por tempo de permanência na mesma empresa. "Não queremos dizer que o índice de produtividade seja injusto", assinala o empresário João Marion, "mas se faria maior justiça se houvesse um aumento, um prêmio, pela permanência do empregado dentro da empresa", destacou.

Essas sugestões dos empresários do interior não foi muito bem recebida pelo seu colega Paulo Francini, diretor da FIESP, que, sobre a unificação dos dissídios, afirmou que "seria a forma, através da qual, seriam eliminadas, na realidade, as diferenças existentes entre os diversos setores da economia, particularmente o industrial e seus subsetores, que o compõem, já que a unificação levaria a uma unificação de tratamento".

Quanto à mudança de aplicação do INPC, o empresário Paulo Francini considerou que "isto simplesmente redundaria numa diminuição do salário real, o que em princípio não se cogita". Sobre a eliminação do índice de produtividade, Francini argumentou que esta prática eliminaria o espaço atualmente existente em negociações coletivas, "o que não é desejável".

Bispo afasta religiosos que davam apoio a colonos

Porto Alegre — O Padre Arnildo Fritzen e a Irmã Aurélia — acusados de "arquitetos de caos" pelo Tenente-Coronel Sebastião de Moura, o **Curió**, do SNI — e que eram os principais assistentes religiosos do acampamento dos colonos sem terra, de Ronda Alta, deixaram o acampamento por determinação do Bispo de Passo Fundo, D Cláudio Colling, que será também o novo bispo arquidiocesano de Porto Alegre, em substituição de D Vicente Scherer.

As missas no acampamento de Encruzilhada Natalino, celebradas sempre pelo Padre Arnildo, passaram a ser rezadas pelo vigário do Município de Sarandi, Padre Ênio Botan, que também presta assistência religiosa a mais de 200 famílias que lá permanecem. Elas insistem no reassentamento em terras gaúchas e não no Mato Grosso do Sul, como oferece o Governo federal.

REUNIÕES

Desde o início do acampamento dos colonos, em março deste ano, o padre Arnildo Fritzen dava assistência religiosa aos agricultores. Ele e a Irmã Aurélia foram acusados pelo **Major Curió**, do SNI, de levarem os colonos a recusarem terras em outros Estados (insinuando seu possível enquadramento na Lei de Segurança Nacional). Depois que os representantes do Conselho de Segurança Nacional, SNI e Polícia Federal deixaram o acampamento, ainda há mais de 200 famílias em Ronda Alta que insistem em terras no Rio Grande do Sul.

O Bispo D. Cláudio Colling, na época das acusações do **Major Curió**, defendeu os dois religiosos. Agora determinou que a assistência religiosa fosse prestada pelo Padre Ênio Botan. Também manteve contatos com a Congregação da Irmã Aurélia, sugerindo seu afastamento de Ronda Alta.

SOLIDARIEDADE

Manaus — Os 13 bispos e outros religiosos que participaram da Assembléia do Regional Norte I da CNBB divulgaram, ontem, nota de solidariedade aos padres franceses presos no Pará, na qual proclamam "mesmo diante de todas as represálias e acusações contra a Igreja e particularmente contra as CEBs, o firme propósito de continuar sem medo as opções assumidas por Puebla e pela Igreja do Brasil".

No documento, os religiosos do Regional Norte I dizem repudiar o modo como é conduzido o processo, "restringindo o contato livre dos incriminados com seus advogados".

Posseiros dizem que fome de terra é grande em Papucaia

Numa nesga de terra dos 4 mil 800 hectares da fazenda São José da Boa Morte, em Papucaia, a 80 quilômetros do Rio, 50 famílias amontoam-se em 16 lotes de familiares e amigos, posseiros há cinco, seis, sete anos. Desapropriada duas vezes pelo INCRA, no início de 64 e em janeiro deste ano, a fazenda deverá ser finalmente ocupada por parte dos 2 mil trabalhadores de Cachoeiras de Macacu à espera de terra.

— É assim como se fosse uma festa — compara Magno da Silveira Couto, um dos mais antigos posseiros. Fica todo mundo olhando para o bolo, só esperando a dona da casa cortar. Mas a fome é tanta que, se ela não der logo os pedaços, todo o mundo avança. Aqui é a mesma coisa e o pessoal está doido pra entrar de qualquer jeito nas terras. Fica só o Sindicato e a Federação e nós pedindo pelo amor de Deus pra eles **esperar** o INCRA fazer o assentamento.

À ESPERA DO INCRA

A fazenda São José da Boa Morte, com uma entrada pela Estrada Rio — Cachoeiras de Macacu e outra por Papucaia, na estrada de Niterói para o Município, está, atualmente, dividida em quatro partes. Numa delas, vivem os posseiros e as outras três são, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeiras, João de Jesus Pereira, de pretensos proprietários, dentre os quais a Agro-Brasil e o Sr João Lemos.

A parte ocupada pelos posseiros foi dividida por eles próprios em 16 lotes, cada um medindo de quatro a cinco alqueires, mas a vitória do processo movido pelo Sindicato, de desapropriação pelo INCRA, fez com que parentes e amigos dos posseiros corressem para o local. A vontade deles, segundo Magno, é de invadir as outras partes da fazenda, fechadas por cercas.

— Tá tudo encostado num barraquinho esperando eles abrir a fronteira para atravessar a cerca porque senão, se eles for agora, eles vêm e **mata, bate, o diacho**. Quem fala é Magno da Silveira Couto que, com o restante da família (mais de 50 pessoas, entre adultos e crianças), tem, para o trabalho na roça, um caminhão, um trator e duas carretas.

O produto das plantações — aipim, milho, arroz, feijão, abóbora, limão, jiló — é vendido para centros de abastecimento do Rio e de Niterói e, só de milho verde, a produção da parte da terra ocupada por eles chega a 5 mil sacas por mês.

"SÓ PICADA DE BURRO"

Os posseiros explicam que, quando chegaram no local onde o INCRA pretende criar brevemente um pólo hortigranjeiro, "só tinha picada de burro, era tudo lama, era um panto só". Eles conseguiram financiamento de um banco para a compra de equipamentos, prepararam e plantaram toda a terra, abriram três quilômetros de vala e quase outros tantos de estrada.

Quando da primeira desapropriação da fazenda, contam eles, o INCRA chegou a dividir a fazenda em 400 sítios para serem ocupados por igual número de famílias. No entanto, sob o argumento de que não havia, em Cachoeira do Macacu, quem ocupasse e trabalhasse as terras, elas foram devolvidas e só agora, no dia 22 de janeiro deste ano, dois anos depois de começado um processo de iniciativa deles e com o apoio do Sindicato, é que o INCRA voltou a desapropriar a fazenda.

Para se instalarem na fazenda, que tem um total de 4 mil 828 hectares, há, além das 70 famílias que já estão no local, 800 inscritas no Sindicato de Cachoeira de Macacu, 600 inscritas no de Itaboraí e 400 no de Magé. A disposição destes homens é invadir as terras, segundo os atuais posseiros, mas eles têm feito reuniões para tentar convencê-los a esperar até que o INCRA faça o assentamento.

FOME DE TERRA

— Aqui, a fome da terra tá demais — desabafa o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeiras de Macacu. Ele diz que, no início de 64, o INCRA chegou a desapropriar no Município, além da fazenda São José da Boa Morte, as de Maraporã, Soarém, Quizanga e Vecchi. A situação dos posseiros, em todas elas, ainda não foi regularizada e há lotes desocupados em todas elas.

Na Vecchi, segundo ele, há uma área do IBDF, vaga; na de Quizanga, seis lotes desocupados, além de uma área da qual a Cedae se diz proprietária; em Soarém, o INCRA fez uma grande sede e não ocupou, sendo que hoje a casa está até destelhada. A área, segundo ele, foi invadida por "pessoas de fora, sem assentamento". Resultado: "Fica todo o mundo trabalhando por pouco quando tem tanta terra sem produzir e as pessoas querendo produzir."

João de Jesus Pereira frisa que a campanha pela posse das terras da fazenda São José da Boa Morte começou em maio de 79, no 3º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais. Pouco depois, o INCRA levantou o número de posseiros da região, 44 famílias. Em janeiro do ano passado, houve uma invasão do local e, um mês mais tarde, a polícia expulsou muitos e chegou a prender 89 homens.

ESPERANDO PELO INCRA

— Nesse tempo que eles ficaram aí — ressalta ele — eles roçaram a terra para plantar cinco sacos de semente de milho e, quando eles foram expulsos, veio o administrador da fazenda, um senhor João Alves, e ficou com tudo e também com a madeira que eles derrubaram para fazer a roça.

Embora acredite que a fazenda não consiga abrigar a metade dos trabalhadores que se candidataram a um pedaço de terra no local, João de Jesus Pereira diz acreditar um pouco mais na paciência deles e espera que o INCRA chame o sindicato para discutir os termos do assentamento e fazer a demarcação, o que ele acredita que possa concretizar-se em 90 dias.

Cachoeiras de Macacu/RJ — Luiz Morier

Só uma família recolhe 5 mil sacas de milho verde por mês

Prefeitura aplicará até o fim do ano Cr$ 500 milhões em remodelação de escolas

Até o fim do ano, quando mais duas novas escolas tiverem sido inauguradas e 122 reformadas quase que totalmente, a Prefeitura do Rio de Janeiro já terá investido, na melhoria de ensino no Município, aproximadamente Cr$ 500 milhões, revelou, ontem, o Secretário Municipal de Obras, Renato de Almeida.

Na quarta-feira passada, 15 escolas reformadas, localizadas em diversos pontos da cidade, voltaram a funcionar, sendo que, em apenas duas delas — a Antônio de Oliveira Salazar e a Álvaro Alvim — a capacidade foi aumentada para 2 mil alunos, do jardim de infância à oitava série. Para novembro, está prevista a inauguração da Escola Municipal Itália.

AS REFORMAS

O plano de recuperação e de construção de escolas, explicou o Secretário Renato de Almeida, foi iniciado no começo do ano, prevendo a construção de seis novas escolas e a reforma de 122. Até agora, 69 já passaram por obras que incluíram pintura, reforma do telhado, ampliação e melhoria das instalações. As 33 restantes ficarão prontas até o fim do ano.

Quanto às novas escolas, quatro delas estão funcionando desde meados do primeiro semestre: Frederico Trota e Margarida Glória de Faria, no Conjunto Residencial Barra Sul, na Barra da Tijuca; Leonel Azevedo, na Ilha do Governador; e Nelson Rodrigues, na Estrada dos Bandeirantes, em Jacarepaguá. Antes de dezembro, outras duas deverão ser inauguradas.

Mas, segundo informou o Secretário Renato de Almeida, o programa de recuperação de escolas da rede municipal teve de ser alterado, para beneficiar a mais duas escolas, uma em Vaz Lobo e uma no Centro, cujas concorrências para obras de reformas ocorrerão nos próximos dias. Os estabelecimentos a serem recuperados são a Escola Municipal Irmã Zélia, na Rua Ministro Edgar Romero, e a Escola Municipal Rivadávia Correia, na Avenida Presidente Vargas. Tais obras custarão Cr$ 12 milhões 300 mil.

AS NOVAS

A Secretaria Municipal de Obras, no momento, está terminando a construção da Escola Itália, na Avenida dos Italianos, em Rocha Miranda, na qual a Prefeitura do Rio de Janeiro está fazendo investimentos da ordem de Cr$ 45 milhões 500 mil. A sua construção foi iniciada no ano passado.

A escola tem três andares, ocupando uma área construída de quase quatro mil metros quadrados, com 27 salas de aula. Destas, adiantou o Secretário Renato de Almeida, sete foram reservadas para aulas especiais, que exigem conhecimentos práticos, tais como educação artísticas, educação para o lar, atividades múltiplas, laboratório de ciência, técnicas comerciais e agrícolas, além de artes industriais.

Além disso, a Escola Itália possui um ginásio coberto para a prática de diversas modalidades de esportes, dotado de modernas instalações. Na parte lateral das quadras polivalentes, fica uma arquibancada toda em concreto armado, com capacidade para 200 pessoas. Os vestiários, para atender a atletas de dois sexos, foram divididos entre alunos e professores, de forma a seguir a disciplina educacional.

A outra escola também em final de construção é a Cardeal Leme, na Praça Padre Sousa, em Benfica. Tem quatro andares e, além de uma quadra polivalente de esportes, possui um estacionamento do subsolo com capacidade para 30 carros. Com uma área construída de 4 mil 300 metros quadrados, ela tem 24 salas de aula, sendo oito destinadas ao ensino de atividades especiais, além de uma biblioteca. Na sua construção, a Prefeitura do Rio de Janeiro está gastando Cr$ 52 milhões desde o ano passado, quando as obras foram iniciadas.

Lindoso dá terrenos a moradores

Manaus — Uma área de quase dois milhões e 500 mil metros quadrados situada em um dos mais populosos bairros da cidade foi desapropriada ontem pelo Governador José Lindoso, que determinara a transferência dos terrenos aos seus atuais ocupantes, em número de 30 mil famílias.

O Governador amazonense disse que, apesar das graves dificuldades porque vem passando o país e o Estado, já desapropriou terras beneficiando a outras mais de cinco mil famílias em diferentes bairros de Manaus, "atendendo sempre ao princípio constitucional de respeito à propriedade privada, mas sensível ao problema social dos que não têm casas".

Depois de acentuar que em seu Governo o problema fundiário do Estado do Amazonas foi considerado prioritário, o Sr. José Lindoso lembrou que durante muitos anos não se fez nenhum plano que ordenasse a ocupação do solo urbano de Manaus, que "cresceu com invasões constantes de áreas do domínio público e particular, gerando inquietações ante a gravidade do problema social".

SBPC quer repetir sucesso do "Seis e Meia da Ciência" com aula sobre os vírus

Amanhã, ao anoitecer, quem estiver passeando sem programa pelo Centro da Cidade "está convidado para uma pitada de ciência durante uma palestra nada enfadonha e até divertida" — informaram ontem, à noite, o professor Maurice Bazin e a pesquisadora Solange Timm, que promovem o ciclo de palestras Seis e Meia da Ciência.

A conferência de amanhã, às 18h30m, no Teatro Glauber Rocha (Av. Rio Branco, 179), é sobre O que É um Vírus e caberá ao professor Fernando Portela Câmara, do Instituto de Biofísica da UFRJ, que depois responderá às perguntas do auditório. A palestra não dura mais de 45 minutos "e versa ainda sobre célula e esse agente transmissor de algumas doenças" — disseram os promotores em nome da SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

ÊXITO

O grupo de oito pessoas que está divulgando o ciclo Seis e Meia da Ciência está surpreso com o interesse do público, "que ainda não se pode definir" e que apareceu na última segunda-feira para ouvir a palestra sob o título Vida e Morte das Estrelas. Quem falou foi o professor Augusto Daminelli Neto, do Observatório Nacional do Rio. Uma hora depois, terminada a palestra, dezenas de pessoas ainda faziam perguntas sobre as estrelas.

Segundo o secretário regional da SBPC, Ennio Candotti, que reforça o convite, "grande público animou os debates" e aquele primeiro sucesso é "um bom indicador do interesse do público em informações científicas".

O projeto, que já está sendo conhecido como Ciência às Seis e Meia, à semelhança de outro que se realiza no João Caetano, vai estender-se até o final do ano com temas sobre o uso popular das plantas medicinais, a cultura dos índios, biologia etc. A Funarte e o CNPq apóiam a iniciativa e a entrada no Teatro Glauce Rocha é franca.

1º Caderno □ domingo, 20/9/81 □ JORNAL DO BRASIL

Parque garantirá a preservação da fauna do Pantanal

Pantanal mato-grossense — O decreto da criação do Parque Nacional do Pantanal de Mato Grosso, que seria assinado amanhã pelo Presidente da República, representará um passo decisivo para a preservação e conservação da flora e da fauna pantaneira, em que algumas espécies, como a onça-pintada, a ariranha e o cervo pantaneiro, estão em vias de extinção.

Com a extensão de 137 mil hectares — 67 mil hectares de Reserva Biológica de Cará-Cará (homenagem ao gavião pantaneiro) e 70 mil hectares de uma área contígua, adquirida pelo IBDF por Cr$ 100 milhões — o Parque terá como objetivo principal a preservação da fauna da região, vindo depois os aspectos educacionais, científicos e turísticos.

AUMENTO

O presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Mauro Reis, disse que a intenção é aumentar a área do Parque, de acordo com a disponibilidade financeira do órgão. Informou que o IBDF já está negociando a compra de Fazenda Doroxé, de 45 mil hectares, pertencente a Raul Natividade, e que está sendo estudada a criação de unidades de conservação no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Embora não confirmem os números divulgados sobre a matança de animais silvestres — 50 mil jacarés por mês — os diretores do IBDF reconhecem que existe a eliminação indiscriminada destes animais, o que, na medida de suas disponibilidades, tentam coibir.

O delegado do IBDF em Cuiabá, Paulo Benedito de Siqueira, chega a perder a calma quando diz que o caçador clandestino mata o cervo pantaneiro apenas para ficar com o troféu, a galhada, com seis a sete pontas: "Uma pessoa que faz isso só pode ser um imbecil, um predador desumano."

Como exemplo da situação de algumas espécies, ele informou ao presidente do IBDF, durante visita de inspeção ao Pantanal, ter descoberto num rio próximo a Cuiabá, o aricá, três exemplares de ariranha. Seu reaparecimento, depois de longo período, foi comemorado com entusiasmo, sendo afixada uma placa no local: "A ariranha voltou. Vamos protegê-la."

PROTEÇÃO

O delegado do IBDF diz que a proteção da fauna brasileira é um trabalho patriótico e se considera um apaixonado pelo que faz. Na sua opinião, o grande problema é a falta de consciência das pessoas sobre o que representam os animais para o homem.

Como resultado da batida mensal feita por agentes do IBDF, com apoio da Polícia Federal, estão guardadas na delegacia do órgão em Cuiabá, catalogadas como peças do inquérito policial, 413 peles de onça-pintada, 2 mil 148 peles de jacaré, 10 peles de sucuri, 27 peles de lontras e ariranhas, algumas galhas de cervo pantaneiro e peles de animais menores.

Num cálculo preliminar, Mauro Reis calcula que o valor das peles apreendidas em todo o Brasil atinge Cr$ 50 milhões. Acrescentou que a legislação brasileira não permite a caça e, conseqüentemente, a comercialização de peles. As que foram apreendidas pelo IBDF deverão ser queimadas, mas há pessoas do órgão que defendem a venda dessas peles, revertendo os recursos para a proteção de outros animais.

O presidente do IBDF informou que, no próximo ano, o órgão vai dar prioridade à preservação e conservação da fauna. No orçamento de Cr$ 10 bilhões, para 1982, Cr$ 3 bilhões serão utilizados neste setor, contra os Cr$ 700 milhões aplicados este ano.

Além da preservação e conservação, anunciou que o IBDF está estudando a realização de um programa de manejo de animais silvestres em criatórios naturais, visando, além do controle da população, a uma atividade econômica. Dois animais do Pantanal, o jacaré e a capivara, já foram selecionados para o programa.

Disse que, no caso da capivara, com base no que é feito na Venezuela, onde existem programas semelhantes, pode-se obter uma taxa de aproveitamento de 40% ao ano a partir do sétimo ano. A capivara apresenta rendimento quilo/hectare/ano superior ao do gado bovino. O IBDF já montou um centro de estudos de animais silvestres em Manaus.

Visando proteger a onça pintada, um dos animais mais ameaçados de extinção no Pantanal, devido ao grande valor de sua pele, o IBDF também está realizando pesquisas para conhecer os seus hábitos alimentares, de reprodução e a área mínima para sua sobrevivência. As pesquisas com a onça parda (sussuarana) e a onça pintada estão sendo realizadas na Fazenda Miranda, no Pantanal, por meio de convênios com a New York Zoological Society e o World Wildlife Fund.

Mauro Reis explicou que a criação do parque atende a uma antiga reivindicação de entidades científicas e conservacionistas brasileiras e internacionais. Para dirigir o parque, que será automaticamente instalado depois da criação, já foi indicado o biólogo Francisco Bréa, atualmente trabalhando em pesquisas no Pantanal.

VARIEDADE

De acordo com levantamento realizado pela diretora do Departamento de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes do IBDF, Maria Tereza Jorge Pádua, a fauna do Pantanal é uma das maiores do mundo, tanto em termos de concentração quanto de variedade. Seus principais representantes, entre as aves, são: cabeças-secas, garças, colhereiros, jaburus ou tuiuius, martins-pescadores, papagaios, araras-azul, araras e maracnas, seriemas, cará-cará, mutuns e jacus.

Entre os répteis, felinos e roedores, se destaram os jacarés, sucuris, capivaras, cervos do Pantanal, antas, caitetus e queixadas, cachorros do mato, lontras, ariranhas, onças pardas e pintadas.

Caçadores de peles usam até aviões

O grande problema do pantanal de Mato Grosso é o da caça clandestina de animais silvestres, estimulada por contrabandistas e traficantes de cocaína, que se localizam no Paraguai e na Bolívia. Além do uso de pequenos aviões, muito fáceis de manejar no pantanal, os contrabandistas e caçadores clandestinos utilizam o rio Paraguai como via de escoamento.

O presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento florestal, Mauro Reis, diz que a presença de contrabandistas de peles de animais, associados sempre ao tráfico de drogas nas áreas de fronteira, extrapola a fiscalização pura e simples do órgão florestal, passando a ser um assunto da responsabilidade da Polícia Federal, das Forças Armadas e do Itamarati.

Fiscalização

Com estrutura de fiscalização deficiente, tanto em material quanto de pessoal, o IBDF não tem condições de concorrer com as organizações dos contrabandistas de peles, que utilizam, às vezes, 60 pessoas e equipamentos sofisticados, incluindo barcos potentes, rádios e aviões. Para todo o Estado de Mato Grosso, abrangendo parte do pantanal, a Delegacia Regional do IBDF em Cuiabá dispõe apenas de 25 agentes de defesa florestal.

Para fiscalizar a Rodovia Transpantaneira, com 147 quilômetros de extensão, de Poconé às margens do rio São Lourenço ou Cuiabá, o IBDF tem apenas dois postos fixos, com um agente em cada posto. O delegado regional do IBDF em Mato Grosso, engenheiro florestal Paulo Benedito de Siqueira, reconhece que a fiscalização é deficiente, mas afirma que a presença fixa de guardas tem dado resultados positivos no combate aos caçadores clandestinos.

— Nós procuramos suprir a deficiência de pessoal e material assinando convênios com os Governos dos Estados, para que eles executem a fiscalização. No caso de repressão aos contrabandistas, o IBDF sempre conta com a participação da Polícia Federal, do Exército e da Marinha.

Segundo o presidente do órgão, Mauro Reis, o objetivo dos convênios com os Estados é buscar a co-participação na responsabilidade de preservação e conservação da natureza. Para estimular essa co-responsabilidade, ele está tentando criar nas organizações policiais-militares dos Estados batalhões de defesa florestal. Já existe um em São Paulo e, recentemente, foi criado um em Minas, com 860 homens.

Também para suprir as carências materiais, o IBDF tem buscado apoio dos fazendeiros para sua política de preservação e conservação da natureza, por meio de um trabalho de conscientização. Objetivando aumentar e melhorar as ações de fiscalização, o IBDF já encaminhou ao Ministro da Agricultura um plano de localização dos postos de fiscalização do órgão, especificando também as necessidades de material e pessoal.

Fazendeiro quer mais fiscalização

Poconé, MT — Estão acabando com a fauna do Pantanal. As últimas onças pintadas estão indo e parece que o IBDF não olha para essas coisas.

O desabafo é do fazendeiro José Lito Dorileu, dono de uma fazenda na região do Pantanal mato-grossense, que alerta para a necessidade de se preservar a fauna pantaneira.

Considerando a fiscalização do IBDF deficiente, "porque nunca se matou tanto como agora", José Dorileu acha qua a atividade conservacionista no Pantanal não prejudica os criadores de gado. O fazendeiro teme que a caça e a pesca predatória provoquem desequilíbrio biológico na região e, conseqüentemente, prejuízos para os criadores de gado.

Segundo o fazendeiro José Lito Dorileu, existe hoje entre a grande maioria dos fazendeiros do Pantanal mato-grossense a consciência da necessidade de proteger a flora e a fauna silvestres. Por isso, não permitem a caça, mesmo amadora, em suas fazendas. Observou, porém, que alguns, com dificuldades financeiras ou problemas de crédito, não têm como recusar propostas de pessoas que querem adquirir peles de animais.

Ele confirma a presença de organizações de contrabandistas de peles na região e acha que a ação fiscalizadora do IBDF deveria atingir, além dos caçadores clandestinos, os receptadores de peles.

— Como pode o IBDF exercer uma fiscalização eficiente no Pantanal se tem apenas dois guardas na Rodovia Transpantaneira? Não basta a consciência dos fazendeiros e a intenção do IBDF. É preciso haver ações efetivas de fiscalização para combater o caçador clandestino e o contrabandista de peles.

Com relação à pesca nos rios e lagos do Pantanal, José Lito Dorileu diz que os fazendeiros da região estão sendo lesados.

— Estamos vendo eles levarem tudo. São caminhões diários carregando peixes e nunca se matou tanto jacaré e onça-pintada como agora. Do jeito que está indo, vão acabar levando até o gado da gente.

Ele informou que a maior concentração de caçadores clandestinos é na Reserva Biológica de Cara Cara, área que vai formar o Parque Nacional do Pantanal, porque ali só existe um guarda do IBDF.

População promove missa pelo Paraíba

São Paulo — Missa in memoriam a um rio morto. Esse é o protesto que a população do Vale do Paraíba faz hoje, às 17h, em Caçapava, contra a falta de providências governamentais para reduzir os altos índices de poluição do rio Paraíba, que abastece 152 municípios dos Estados do Rio, Minas e São Paulo.

A região, cansada de promessas não cumpridas, está esperando desde setembro do ano passado que se concretize a do Ministro do Interior, Mário Andreazza, que anunciou a liberação de Cr$ 20 bilhões para despoluir o rio Paraíba. Como as providências não surgem, a população resolveu organizar missa campal às margens do rio.

Esgoto

O Ceeivap — Comitê de Estudos Integrados da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba — foi criado há cerca de dois anos para dirigir os estudos necessários à concretização de obras para recuperar o rio Paraíba. Durante este tempo, preparou uma série de projetos específicos para despoluir o rio, sem que nenhum deles fosse levado adiante.

Os técnicos do Ceeivap garantem que, se medidas urgentes não forem tomadas, em pouco tempo ele estará transformado em um "grande esgoto". Isto porque recebe a carga diária de 130 toneladas de DBO (Demanda Bioquímica de Oxigênio): 40 oriundas do território paulista, 30 do mineiro e 60 do fluminense. Projeções do órgão indicam que, em 1985, estarão sendo lançadas 160 toneladas diárias e, em 1990, o rio estará recebendo 190 toneladas.

Ainda segundo o Ceeivap, apenas 14% da população do Vale do Paraíba, estimada em 2,7 milhões de habitantes, têm seus esgotos tratados antes do lançamento no rio. A poluição provocada pelas usinas de açúcar e álcool da região de Campos responde, em termos de matéria orgânica lançada às águas, pelo dobro de toda a contribuição dos esgotos domésticos. A poluição industrial, ao longo de todo o Paraíba, é estimada em valor semelhante ao da poluição dos esgotos domésticos.

Segundo o Ministério do Interior, o que está atrasando a liberação dos recursos são as cidades da região que não têm convênio com a SABESP, como Jacareí, Taubaté, Cruzeiro, Aparecida e Guaratinguetá. Mas os prefeitos dessas cidades argumentam que não passarão os serviços de água e esgoto sem alguma compensação.

◉ Prefeito de Taubaté, Waldomiro Carvalho (PDS), enviou projeto à Câmara de sua cidade, solicitando autorização para transferir os serviços para a SABESP, recebendo como pagamento Cr$ 200 milhões em dinheiro e o restante em ações da SABESP. Isto criou grande polêmica, porque o Saae (Serviço de Água e Esgotos) tem patrimônio avaliado em Cr$ 2 bilhões.

Uso indevido

Os técnicos do Ceeivap garantem que são necessárias obras urgentes para despoluir o rio Paraíba, porque as análises estão mostrando que, em grandes trechos do Paraíba e de seus afluentes principais, as características de suas águas já se afastam do mínimo exigido a um rio de classe II (uso para abastecimento público mediante tratamento convencional).

Em São Paulo, os principais usos da água da bacia do Paraíba estão nos setores de abastecimento urbano e industrial e em irrigação. Os levantamentos realizados e as projeções sobre os usos da água demonstraram a predominância do setor de abastecimento urbano dos três Estados. Seguem-se em importância a água necessária para a agricultura e a pecuária e a destinada ao parque industrial, havendo ainda o desvio para o reservatório do Guandu, que abastece o Grande Rio.

Os técnicos do Ceeivap garantem também que, a preços atuais, despoluir o rio ou, pelo menos, evitar que o progresso aumente ainda mais a sua poluição, representará uma economia anual de mais de Cr$ 1 bilhão. Segundo o Ceeivap, algumas medidas básicas devem ser tomadas para viabilizar a implementação do programa. A primeira é a ampliação da área de atuação do Planasa na bacia do Paraíba "como forma prática e efetiva de permitir o tratamento global exigido pelo problema dos esgotos urbanos da região".

Além disso, é necessária, segundo o Ceeivap, a revisão da legislação nos três Estados, de forma a permitir unidade de ação política no que se refere aos despejos de natureza industrial, e a revisão de seus mecanismos de muitas penalidades, objetivando favorecer soluções conjuntas para esgoto urbano e despejo industrial, procurando melhorar a viabilidade econômico-financeira dos sistemas públicos de esgotos.

Os estudos do Ceeivap detalham também intervenções na ocupação do solo e controle das fontes de poluição industrial, como meios práticos para evitar o agravamento da situação.

Otimismo

No entanto, a Cetesb — Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental — vê com otimismo o futuro do rio Paraíba e garante que em 1982 o rio deverá estar em condições consideradas ótimas dentro dos padrões. Essa afirmativa é feita pelo gerente regional da Cetesb, engenheiro Ivens Telles Alves, que acentua ser a poluição das águas do Paraíba a prioridade número um do órgão na região.

Segundo ele, a Cetesb recolhe água para amostra em três pontos do Paraíba — Jaguari, São José dos Campos e Queluz — que são estratégicos, e não aprova a instalação de indústrias onde o rio já apresenta alta concentração de poluição.

Ivens Telles afirmou também que a Cetesb está atacando os focos de poluição e que todas as indústrias recebem sistemáticas visitas dos técnicos do órgão. Em 1980 foram lavradas 89 multas e 132 advertências e somente no primeiro semestre deste ano o número de multas já ultrapassou o do ano passado. Em sua opinião, o maior problema da poluição do Paraíba continua sendo os esgotos domésticos das cidades, que são jogados **in natura** nas águas do rio e seus afluentes.

Enquanto providências não são tomadas, grupos ligados à proteção ao meio-ambiente, as Câmaras municipais e até os prefeitos denunciam o agravamento da situação. E o primeiro protesto está sendo organizado pelo Grupo Consciência, de Caçapava, e será realizado hoje, naquela cidade. A missa campal será celebrada às margens do Paraíba e será divulgado o documento "Em Defesa do Meio-Ambiente", assinado por figuras representativas da região.

Usina pernambucana pede desculpas

Recife — Em nota oficial de 60 linhas publicada ontem em todos os jornais da Capital pernambucana, a usina de açúcar e destilaria de álcool Petribu pediu desculpas e compreensão à população dos Municípios de Lagoa de Itaenga, Carpina e Paud'alho, por ter despejado, segundo ela em decorrência de falha de seu pessoal, vinhaça no rio Capibaribe, o que provocou esta semana um pequeno desastre ecológico no rio, matando milhares de peixes.

A Usina Petribu, que segundo a Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos, já foi multada em Cr$ 105 mil e é reincidente nesse tipo de delito ecológico, explica na sua nota que o lançamento nesse tipo de delito ecológico, explica na sua nota que o lançamento de vinhaça não foi proposital e sim porque um funcionário da empresa que abriu a válvula de um dos tanques de decantação no mês de março, para o lançamento da vinhaça (o que é permitido pelo CPRH), esqueceu de fechá-la, fazendo com que no começo da moagem da safra deste ano, a vinhaça fosse lançada diretamente no Rio.

A empresa diz que para melhor segurança de seu equipamento antipoluição, mandou construir proteções especiais de concreto para as válvulas, e diz que não havia necessidade de ser provocado qualquer tipo de lançamento irregular no rio Capibaribe, pois a usina tem duas bacias de decantação, suficientes para a vinhaça de duas safras seguidas.

A empresa lembra que conforme a própria CPRH determina, as usinas vêm acumulando a vinhaça em bacias de decantação especiais até que no período de inverno possa gradativamente jogar a vinhaça no rio sem que haja grande prejuízo ecológico.

O presidente do CPRH, Sr Genaro Albuquerque, entretanto, informou esta semana que parte das usinas e destilarias de Pernambuco ainda não tomaram consciência de que o inverno desse ano foi pequeno e não permitiu o despejo de toda a vinhaça. Assim, com o início da safra de 1981, as usinas estão lançando os resíduos do ano passado nos rios para esvaziarem suas bacias de decantação. Esse tipo de acidente já ocorreu pelo menos três vezes.

Lagoa em Niterói seca e é ocupada

Niterói — A lagoa de Piratininga — três vezes maior do que a Rodrigo de Freitas, no Rio, e com problemas também triplicados — só terá sua orla definida pela Serla (Superintendência Estadual de Rios e Lagoas) quando forem concluídos os levantamentos no local, realizados desde janeiro. Enquanto isso, à medida que a lagoa seca, as terras de seu leito são conquistadas, ora por posseiros, ora por uma empresa imobiliária — a Upisa — que se diz dona da área "por uma cadeia sucessória de 158 anos".

O superintendente da Serla, Antônio Sampaio, informou que os estudos na lagoa incluem levantamentos topográficos, ponto de sólidos e evaporação e efeitos relativos ao canal de Camboatá. Tambê se pesquisa se a lagoa de Itaipu deve jogar água na de Piratininga ou vice-versa, ou se devem funcionar separadas. Os estudos só ficarão prontos em janeiro e, segundo Antônio Sampaio, "quem estiver ocupando a zona da orla terá de sair de qualquer maneira, ou provar que a área lhe pertence, o que nunca conseguirá".

Posseiros

Há vários anos, a Upisa, empresa loteadora de Piratininga, está às voltas com os posseiros. Mas já provou, em ação possessória da Ilha do Modesto — que fica na lagoa — "por uma cadeia sucessória de 158 anos, a partir de 1822, que as terras em litígio, primeiramente, foram outorgadas por carta de sesmarias de 16.04.1822, pelo Capitão e Governador da Cidade e Capitania do Rio de Janeiro, Francisco Fajardo, a Diogo Martins Mourão", como consta da sentença de novembro do ano passado da Juíza Mariana Pereira Nunes, da 3ª Vara Cível de Niterói.

As 16 famílias de posseiros que vivem em pedaços de terra que dizem ter conquistado com a seca da Lagoa — mas cuja propriedade também é reclamada pela Upisa — foram notificadas liminarmente, esta semana, pelo Juiz da 4ª Vara Cível, José Ignacio Biolchini da Silva, para abandonarem a área, acusados de esbulho. Em liminar em mandado de segurança, concedida pela 8ª Câmara Cível do II Tribunal de Alçada, os posseiros conseguiram o direito de permanecer onde estão, até o julgamento do mérito.

Na ação de reintegração de posse contra Sebastião Alves — que ocupou a Ilha do Modesto e ali construiu três casas, em 1968 — a Upisa teve de enfrentar até o Estado, que reclamou a posse da ilha, baseado nos Artigos 4º e 5º da Constituição e no Código das Águas.

Com base no exame da cadeia sucessória apresentada pela Upisa para provar a posse da fazenda e da lagoa de Piratininga, vendidas a José Francisco da Cruz Nunes em 16 de outubro de 1931 e depois loteadas por seus herdeiros, a Juíza Mariana Pereira Nunes registrou, em sua sentença, que as duas ilhas existentes na lagoa — do Modesto e do Pontal — são de propriedade privada e que, em sentença de 2.09.1908, foram avaliadas em 150 mil réis.

Dona de loteamento que inclui lotes subaquáticos, desde 1976 considerados **non aedificandi** pela Prefeitura de Niterói, que pretendeu proteger a orla da lagoa, a Upisa foi acusada pela Procuradoria Geral de Justiça do Estado de abandonar a área, "ensejando sua ocupação por terceiros, que agora reivindicam seus direitos de posse". A Juíza Mariana Pereira Nunes não considerou a denúncia, advertindo que a empresa imobiliária ingressou com a competente ação possessória, provando que, no caso da Ilha do Modesto, o esbulho ocorreu há menos de um ano e dia.

Demagogia

A Procuradoria do Estado reclamou do fechamento do canal que liga a Lagoa de Piratininga ao mar, considerando-o criminoso, e também protestou contra o que chamou de "violentos aterros da Lagoa de Piratininga, a serviço da especulação imobiliária".

A Juíza afirmou, então, que "a realidade demonstra que não se pode impedir o progresso e o desenvolvimento de uma região, embora muitos preguem que o ideal seria o homem viver em seu estado primitivo, sem agredir de qualquer maneira a natureza: nada da casas, edifícios, lojas, fábricas, máquinas, usinas, automóveis, caminhões, asfalto, gasolina, luz elétrica, gás, roupas, jornais, rádios, televisão, revistas, etc".

Considerando tudo isso uma utopia, ela menciona uma série de casos em que as obras de urbanização do rio e da Baía de Guanabara implicaram a alteração das condições naturais:

— O que se vê é a Baía de Guanabara aterrada da Praça XV até a igreja e o convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca. É a lagoa Rodrigo de Freitas aterrada para a construção de rodovias, ciclovias e áreas de lazer. É a lagoa Rodrigo de Freitas poluída pelos objetos provenientes dos milhares de edifícios e apartamentos que a circundam, o seu canal de ligação com o mar periodicamente obstruído e as suas águas estagnadas matando milhares de peixes. É uma das ilhas da lagoa ocupada pelo Clube Piraquê o seu canal natural aterrado para permitir melhor fruição daquele aprazível e selecionado clube recreativo. É a poluição das lagoas de Camorim e Marapendi pelos espigões da Barra da Tijuca, Nova Ipanema e Novo Leblon. É o aterro das lagoas e rios da Baixada de Jacarepaguá para a construção de aeroportos, supermercados e implantação de novas indústrias de sustentação do município. É a destruição da aprazível e belíssima Praça Saens Peña para dar lugar às obras do metrô, etc.

E concluiu:

— Não vejo por que os legítimos donos não possam construir naquilo que compraram, pagando pesados impostos, e aventureiros possam ocultar livremente, sem qualquer ônus, terras sabidamente de outrem, levantando barracos e iniciando favelas. Acho que o espetáculo deprimente das favelas e mocambos polui mais do que as construções modernas, feitas com respeito às normas do Código de Obras e Saneamento, fiscalizadas pela municipalidade e carreando impostos para o Erário (...) O resto é demagogia, sob a capa de proteção à ecologia.

Moradores pressionam Coutinho

A Associação de Moradores de Lauro Müller (Alma) fez ontem uma manifestação em frente do prédio da Rua Xavier Sigaud, 225, onde funciona a 3ª Divisão da Secretaria Municipal de Obras. O objetivo foi pressionar o Prefeito Júlio Coutinho para que crie uma escola no lugar onde funciona a repartição, conforme pedido feito pela associação há cinco anos. O terreno já foi doado com esse objetivo.

Há seis meses, a Alma enviou à Secretária de Educação, Lucy Vereza, pesquisa demonstrando que cerca de 400 crianças usariam a nova escola, desde que nas proximidades não há outra. Até agora não houve resposta. O presidente da Famerj, Jó Resende, foi à manifestação e disse que vai encampar a luta da Alma, iniciando um movimento em favor de melhores condições de ensino.

REIVINDICAÇÃO

O presidente da Alma, Pedro Porfírio, em folheto distribuído durante a ocupação simbólica do prédio da 3ª Divisão de Obras, explica que o Decreto de Zoneamento 8 671 deixa claro que as instalações da Secretaria Municipal de Obras e da Comlurb ocupam "terrenos doado para escola, conforme termo de cessão assinado em 13 de setembro de 1946, e de acordo com o termo aditivo de retificação assinado em 9 de dezembro de 1952".

Em 1978, a comunidade de Lauro Muller pressionou o então Prefeito Marcos Tamoyo a respeito da escola, mas este optou pela desapropriação de outro terreno, na encosta do Morro da Babilônia, por ser complicada a retirada da 3ª Divisão de Obras do prédio da Rua Xavier Sigaud. Consultado em 1979, o Prefeito Israel Klabin disse que nada poderia fazer por falta de dinheiro. Há um ano, a Alma encaminhou ao Prefeito Júlio Coutinho memorial com 1 mil 500 assinaturas.

Depois procuraram a Secretária Municipal de Educação, Lucy Vereza, sem conseguirem solução prática. Em conseqüência disso, resolveram, ontem, fazer a manifestação que constou, de manhã de criatividade (para as crianças), almoço em mutirão, apresentação de grupo teatral e de cantores. Uma radiopatrulha e uma joaninha do 2º BPM ficaram perto das entradas da 3ª Divisão.

Os policiais explicaram que tinham recebido ordens de permanecerem no local até o fim, mas alegaram desconhecer o porquê dessa ordem.

Estudantes abrem no Parque do Flamengo Semana do Trânsito

Desfiles de 600 alunos das escolas de primeiro e segundo graus, supletivo, alfabetizandos do Mobral, carros antigos, bandas de música e patrulhas escolares de segurança abrem hoje, às 10h, a Semana Educativa de Trânsito, no Parque do Flamengo, perto da Cidade das Crianças, em frente à Rua Buarque de Macedo.

A programação se estende a todos os municípios do interior do Estado e da Cidade, até o próximo dia 15, e será encerrada no auditório do DER-RJ, na Avenida Presidente Vargas, 1 100. Estarão presentes os Secretários de Estado de Educação e Cultura (Arnaldo Niskier), Transportes (Adhyr Veloso), Municipal de Educação e Cultura (Lucy Vereza), presidente do Mobral (Cláudio Moreira), diretores do DNER, Comando da PM-RJ e outras autoridades.

Cento e vinte e seis prêmios serão dados a alunos vencedores nos concursos de cartazes e **slogans** da Semana, sobre o tema Trânsito É Vida. De 2 milhões de estudantes que concorreram, foram escolhidos 28: 11 de **slogans**, 10 do primeiro grau dos municípios e sete dos alfabetizandos do Mobral (cartazes).

Técnicos do DNER e do DER-RJ explicaram que o objetivo das Semanas Educativas de Trânsito é difundir a segurança e educar para o trânsito, através de programas que levem à salvação de milhares de vidas por ano, mostrando que a maior parte dos grandes acidentes de trânsito — com mortos ou mutilados — ocorre devido à inobservância das normas de trânsito nas ruas, estradas, pontes, viadutos e elevados.

Mutirão de moradores do Jardim Botânico limpa o Parque Laje

A Associação de Moradores e Amigos do Jardim Botânico realizou, ontem, o segundo mutirão para limpar o Parque Laje, que está abandonado. O IBDF e a Secretaria Estadual de Educação e Cultura decidiram, anteontem, firmar convênio para cuidar do local, e, "se for verdade, será a solução ideal que preconizávamos", afirmou o presidente da associação, Márcio Leal de Meireles.

A decisão foi considerada, pela direção da Associação, uma vitória e uma demonstração do que as associações de moradores são capazes de fazer quando encaminham seriamente suas reivindicações. Os moradores querem também que o Parque Laje seja transformado num centro cultural e nele haja a biblioteca regional do Jardim Botânico. Participaram do mutirão, principalmente, muitas crianças que, com disposição, retiraram o lixo das alamedas do Parque.

Para facilitar o trabalho dos participantes do mutirão (no ano passado houve um, no início da primavera) o Departamento de Parque e Jardins mandou carrinhos, ancinhos, pás e vassouras, conforme pedido dos moradores feito ao Prefeito Júlio Coutinho. Mas houve quem improvisasse, com galhos secos, uma vassoura e pegasse só com as mãos as folhas e galhos secos existentes em grande quantidade nas alamedas.

As 80 crianças, de dois a seis anos, da Casa Maternal Melo Matos, foram ao Parque Laje apenas para passear. Mas quando a Irmã Cecília soube do mutirão, colocou-as também para ajudar. Entre os participantes estavam ainda representantes de 45 escolas do Jardim Botânico que, amanhã, às 9h, plantarão árvores no local. Junto de cada uma delas será colocada uma plaqueta, com o nome da árvore e da escola. A sugestão foi da presidente da movimento Crianças em Defesa da Natureza, Manuela Pinho, que está na Iugoslávia representando o Brasil em seminários sobre ecologia.

Mas nem tudo foi trabalho: para divertir as crianças, o grupo Lua Nova apresentou a peça **Te Amo, Amazônia** e depois percorreu algumas alamedas, cantando músicas de roda. Além disso, havia os brinquedos do **play-ground**. Os adultos que não ajudaram na limpeza aproveitaram para descansar à sombra das árvores, nos bancos (muitos estão quebrados) ou passear pelo local, como fizeram o psiquiatra Hélio Pelegrino e o ex-Vice-Presidente da República do Governo Geisel, General Adalberto Pereira dos Santos. Ele mora na Rua Araucária, vai todo o dia ao local que considera o seu "quintal". Em sua opinião o Parque Laje "está muito descuidado".

Apoio

O IBDF e a Secretaria Estadual de Educação e Cultura resolveram firmar um convênio pelo qual o primeiro preservará as áreas florestais e o segundo fará a manutenção do prédio da Escola de Artes Visuais, no Parque Laje. O presidente e o diretor da Associação dos Moradores e Amigos do Jardim Botânico, Márcio Leal de Meireles e Israel Boloch, afirmaram: "Isto será o atendimento de nossas reivindicações". Sugeriram ainda que o Parque seja aberto às escolas para que possam realizar várias atividades no local, que dispõe de mais espaço.

Evandro Teixeira

Com batucada, cerveja, refrigerantes e banhos de lata, foi inaugurado, ontem à tarde, um reservatório de água na favela de Santa Marta, em Botafogo, com capacidade para sete mil litros, usando-se uma nascente do próprio morro. A obra foi feita pelos moradores, em mutirão, com recursos da comunidade, ajuda da João Fortes Engenharia e da Empresa Brasileira de Engenharia e assessoria técnica da Ação Comunitária do Brasil. Com iluminação de gambiarras, os homens, revezando-se a cada meia hora, trabalharam num túnel irregular, de 45 metros de comprimento, dois metros de altura e 60 centímetros de largura, até encontrar a nascente. Depois da inauguração do reservatório, os moradores participaram de um churrasco, ao som da bateria do Bloco Carnavalesco Império de Botafogo

Primavera começa terça com ninhos e azaléias em flor

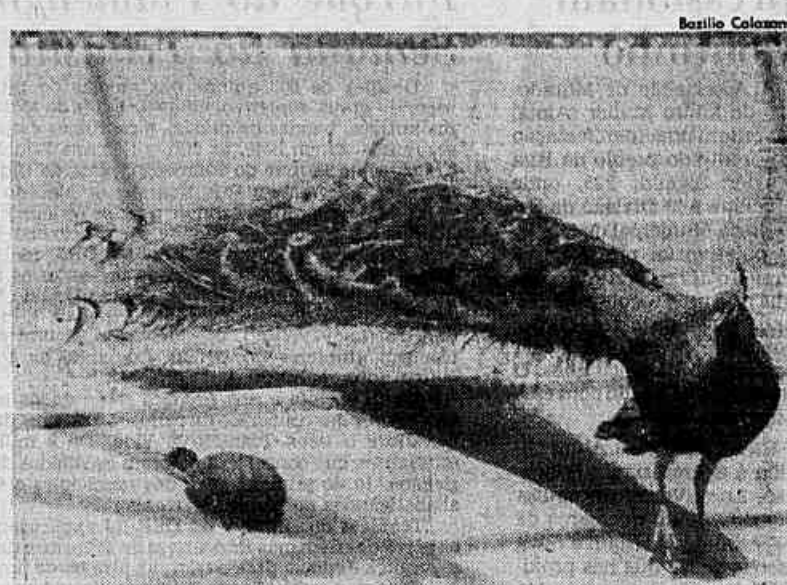
Os pavões do Zoológico estão no auge da vaidade, ostentando orgulhosamente seus leques, em atitude de corte. As emas chocam 12 ovos, as garças lotaram a copa de uma tamarineira com seus ninhos e os faisões arrastam as asas ao redor das fêmeas. No Jardim Botânico, os ipês e azaléias já estão cheios de flor, e os sabiás fazem seu chamado nupcial. São os prenúncios da primavera, que começa na terça-feira.

—A estação das flores tem início às 0h5m do dia 23, com o fenômeno do equinócio, momento em que o dia e a noite têm exatamente a mesma duração. Nesse horário, o sol atravessa o Equador, passando do hemisfério Norte para o Sul, e à medida que o verão se aproximar, os dias se tornarão mais longos e as noites mais curtas. A temperatura média deste período oscila entre 27 e 32 graus.

Reprodução

A Natureza já está manifestando seus reflexos com a mudança de estação. No Zoológico, um dos exemplos mais marcantes são os pavões, que começam a desfilar de leque aberto — com mais pose que os grandes destaques das escolas de samba — para fazer a corte às fêmeas. As aves são a espécie que mais se transforma com a entrada da primavera, graças ao aumento da luminosidade. Fora do período de reprodução, os testículos dos machos diminuem, e voltam a crescer quando os dias começam a ficar mais longos. Passam então a produzir células reprodutoras e há um aumento da atividade hormonal, que gera mudança na penugem, acentuando as cores. O macho utiliza tudo isto para atrair a fêmea, e cada espécie se comporta de maneira diferente.

Os faisões começam a arrastar a asa ao redor das fêmeas, que daqui a alguns dias já terão uma falha no pescoço. Eles precisam subir no corpo da fêmea para acasalar, e se apóiam com o bico nas penas do pescoço. As garças, que voam em liberdade, escolhem a tamarineira que fica no viveiro dos marabus para reproduzir, e a fêmea do urubu-rei — espécie que raramente se reproduz em cativeiro — está chocando um ovo. Os mamíferos, que copulam em qualquer época do ano, também têm exemplares esperando filhotes: Chiquita, a hipopótamo fêmea, que é considerada pelo pessoal do Zoológico uma mãe de primeira qualidade. Entre os mais complicados para a reprodução estão os camelos e dromedários. Cortejar, para eles, é sinônimo de tantas mordidas, que após a cópula os veterinários são obrigados a entrar em ação, com muito mercuriocromo, pomadas e curativos.

Basílio Calazans

No Zôo, os pavões mostram vaidosamente as suas cores

O Zoológico divide o ano em duas etapas: a proteção contra o frio e a reprodução. Como explicou Carmem Lúcia Silveira, diretora da divisão de Zoologia, os ninhos são preparados no inverno para ficarem prontos nesta época. Com a chegada do calor, as caixas-abrigo são recolhidas, para que seu Jorge, o carpinteiro, as conserte ou refaça, se necessário. A partir deste mês, a alimentação dos animais passa a ser mais leve, com base em frutas e verduras, e aqueles que entram em período de reprodução já foram vacinados, receberam tratamento contra parasitose e suplementação alimentar, com ovos e complexos de vitaminas.

"Black tie"

No Jardim Botânico, o prenúncio mais flagrante da primavera também é dado pelas aves — que se preparam para a reprodução — já que o lugar é um parque florestal, e portanto tem pequena quantidade de flores. Segundo o professor Honório Monteiro Neto, engenheiro-agrônomo e pesquisador do Jardim Botânico há 37 anos, as espécies de ciclo anual plantadas durante o inverno estão entrando em floração, como as malváceas, ibiscos e bombocácias.

— Com a primavera, as plantas acordam para a reprodução — explicou o professor — e as 83 espécies de aves que vivem aqui — sabiás, saíras, cambachirras, marias-pretas — entram em plena faina de povoamento, ensaiando os chamados nupciais.

De acordo com o professor, como existem espécies de todas as partes do mundo no Jardim Botânico, há árvores em flor durante o ano inteiro. Este mês começam a florescer as diferentes espécies de ipês, como o roxo, o amarelo e o branco, os imbirucus, os tachis, as palmeiras nativas, o pau-brasil, as azaléias (que atingem seu clímax, já que florescem durante o ano inteiro) e, com o aumento do calor, haverá uma "explosão" de orquídeas, como afirmou.

Honório Monteiro lembrou que as zonas serranas — Friburgo, Teresópolis e Barbacena — estão com a produção de flores plenamente desenvolvida nesta época.

— Pela posição do Sol em relação ao Hemisfério Sul, passamos a receber uma cota maior de raios infra-vermelhos e vermelhos, que fazem os vegetais fixarem a energia e provocam assim a multiplicação vegetativa e o amadurecimento das gemas reprodutivas dos vegetais.

O professor comentou ainda o hábito adquirido no Brasil desde colônia, "quando se fixou o conceito de que plantas boas eram só as que vinham do exterior".

— Muitas plantas brasileiras foram para o velho continente, sofreram melhoras genéticas e tornaram-se plantas **black tie**, como a gluxínea. Flor brasileira é mato, por isso não serve. E ao mesmo tempo que o brasileiro acha **bem** as plantas ornamentais vindas do exterior, os americanos e europeus estão interessadíssimos nas espécies tropicais. Tanto que existe um grande movimento de exportação de orquídeas e bromeliáceas — concluiu.

Óbidos, PA/O Liberal

Desde cedo, milhares de pessoas deixaram o porto de Óbidos em outros barcos tentando encontrar sobreviventes do naufrágio

Barco naufraga e mata mais de 300 no Pará

Belém — O barco-motor **Sobral Santos II**, que afundou ontem de madrugada no Rio Amazonas, em frente à cidade paraense de Óbidos, conduzia de 400 a 500 pessoas, segundo informação de 30 dos 187 sobreviventes, que depuseram na delegacia. Clacula-se, por isto, que mais de 300 pessoas estão presas na embarcação, entre elas mais de 30 turistas americanos e europeus que viajavam para Manaus.

O comandante do barco, David Pereira, preso pelo delegado Hélio Palhares, disse que, no momento em que o barco virou, estava dormindo num camarote e que a manobra de atracação foi feita pelo imediato Antônio Vasconcelos. Segundo os sobreviventes, a causa do acidente foi o excesso de carga e de passageiros.

Excesso

O tripulante Luís Martins da Silva Freitas, responsável pela venda de passagens, informou que, somente no andar superior, havia mais de 200 pessoas. Já o sobrevivente Pedro Martins de Oliveira, que ia para Manaus, disse que, ao ir ao banheiro no porto de Santarém, antes da saída, ficou surpreso porque a água chegava ao meio de sua canela. Comunicou o fato ao comandante, que respondeu: "Não há perigo. Este barco tem o casco de aço".

Pedro, que mora em Parintins e fazia sua segunda viagem fluvial, disse que vários passageiros abandonaram a embarcação ao ver a água no banheiro, constatando a superlotação. Contou que ajudou alguns a retirarem suas bagagens, mas não fez o mesmo por acreditar que realmente não havia perigo.

Um dos motivos para o excesso de carga e de passeiros foi o fato de duas outras embarcações, a **Miranda Dias** e a **Emerson** terem cancelado suas viagens para Manaus. Todos os passageiros e a carga desses dois barcos foram transferidos para o **Sobral Santos II**, sendo mais de 80 pessoas e pelo menos 100 volumes de carga do **Miranda Dias**.

Em Santarém, o fiscal Edilson Fróes, do Sindicato dos Estivadores, informou que o barco recebeu no cais de arrimo 150 sacos de farinha e 7 mil 600 engradados de cerveja e refrigerantes, depois de ter sido embarcada muita carga no porto.

O **Sobral Santos II** saiu de Santarém às 18 horas de sexta-feira, com destino a Manaus, sendo a cidade de Óbidos a primeira escala. Logo que circulou a notícia do acidente, a corveta **Roraima**, da Marinha, foi deslocada de Santarém para o local, onde chegou às 13 horas e passou a ajudar na busca aos desaparecidos. Também foi enviada para Óbidos uma equipe do Instituto Médico-Legal de Santarém, chefiada pelo médico Edilson Monteiro.

O barco se teria chocado com uma balsa que estava no porto, naufragando rapidamente. A população de Óbidos se mobilizou para socorrer os sobreviventes e ajudar no resgate dos corpos. Também estão colaborando nas buscas mergulhadores da Polícia Militar de Santarém e da Empresa de Navegação Jonasa, bombeiros do batalhão sediado em Oriximiná e dois aviões da FAB.

O Prefeito de Oriximiná, Raimundo Oliveira, foi para Óbidos com cinco carros, levando alimentos, roupas e remédios para os sobreviventes. No Hospital de Óbidos estão internadas 53 pessoas e também estão ajudando os estagiários do campus avançado da Universidade Federal Fluminense.

Até a noite, só haviam sido resgatados os corpos de duas mulheres e duas crianças. Naufrágio semelhante ocorreu em janeiro deste ano, quando o barco **Novo Amapá** afundou no rio Jari, no Amapá, matando cerca de 300 pessoas.

Proprietário nega superlotação

Manaus — O proprietário do barco **Sobral Santos II**, Calil Miguel Mourão, assegurou, ontem, que o número de passageiros a bordo no momento do acidente era de no máximo 150, apontando como causa do naufrágio a entrada de dezenas de pessoas, depois da atracação. Até o início da tarde, ele fora informado de apenas quatro mortes.

Calil Mourão estava recebendo informações de hora em hora, transmitidas de Óbidos pelo comandante do barco. O **Sobral Santos II** adernou junto à rampa de atracação e, em seguida, afundou, ficando a pouco mais de um metro da superfície da água. O proprietário informou que nem as cargas nem o barco estavam no seguro.

A viagem

De acordo com o proprietário, o **Sobral Santos II** saíra de Santarém, às 18h, rumo a Manaus, cumprindo a rota que fazia uma vez por semana. Quando o barco chegou a Óbidos, por volta das 3h15m de ontem, o comandante ordenou a amarração dos cabos de popa e proa, desligou a máquina e ficou esperando o desembarque da carga e dos passageiros, para ordenar a entrada de outros volumes e pessoas.

No barco havia 400 sacos de cereais, 300 caixas de refrigerantes e dezenas de caixas de tomate, além de cerca de 150 passageiros. O proprietário disse que, segundo o comandante, os passageiros de bordo se movimentaram em direção ao lado de desembarque, ao mesmo tempo em que entraram mais de 100 pessoas sem esperar o momento exato.

— O barco pendeu para o lado pesado, as caixas de tomate, que estavam amarradas na parte superior com cordas de nylon, começaram a cair, e a correria provocou a adernagem — informou o proprietário. Acrescentou que o **Sobral Santos II** tem 27 camarotes e comporta 500 passageiros, a maioria dos quais, como ocorre nas embarcações típicas da região, viaja dormindo em redes.

O comandante Durval Ferreira, que trabalha há oito anos na empresa havia mantido contato com o proprietário momentos antes do acidente, informando que atracara em Óbidos. Calil Mourão disse ser dono de outros três barcos do porte do que afundou e que, em quase 30 anos no ramo da navegação fluvial, o acidente de ontem foi o primeiro ocorrido com uma embarcação sua.

Como em frente a Óbidos havia alguns mergulhadores tentando retirar outro barco que fora ao fundo, o proprietário do **Sobral Santos II** os contratou para tentar abrir os camarotes da embarcação, na tentativa de encontrar passageiros que não tivessem conseguido sair. O navio — patrulha **Roraima**, que estava em Santarém, informado do acidente, se dirigiu a Óbidos.

Igreja denuncia despejo de 400 famílias no Araguaia

Belém — Quatrocentas famílias de posseiros estão sendo expulsas em massa de uma área em litígio com a fazenda Tupa-Ciretan, a 40 quilômetros da localidade de Xinguara, no município de Conceição do Araguaia. Um lavrador de 70 anos, Ângelo Ribeiro da Silva, que correu assutado ao ver o desembarque de soldados da Polícia Militar, foi baleado nas costas e passa mal, no hospital de Xinguara.

A informação foi dada ontem pela Regional Norte II da CNBB, que recebeu comunicação da Comissão Pastoral da Terra do Araguaia-Tocantins, através da agente pastoral Ana Maria Guimarães. A informação acrescenta que o despéjo está sendo orientado pelo oficial de justiça Maurício de Abreu Castro, que diz ter mandado judicial, mas não o mostra a nenhuma das pessoas interessadas.

Aborto

A CPT do Araguaia-Tocantins, sediada em Conceição do Araguaia, foi procurada ontem por Maria Rocha Alves, Mestina Francisca Vieira e Marli dos Santos Macedo, mulheres de lavradores expulsos da área. Contaram que cerca de 200 policiais, divididos em grupos de 50 e comandados pelo Tenente Silvano, realizam a Operação **Despejo** desde segunda-feira passada. As violências, segundo elas, são freqüentes. Além de o septuagenário Ângelo Ribeiro da Silva ter sido baleado, o motorista Rubens, dono de um caminhão, foi preso e espancado porque transportava os posseiros para longe do local. Segundo a informação, ele foi obrigado pelo oficial de justiça a identificar os posseiros da área. No meio da confusão do despejo, uma mulher, Edna Serra, grávida, abortou e passa mal no hospital de Xinguara.

Quarta-feira, uma comissão de 20 mulheres esteve na sede do GETAT em Conceição do Araguaia, para pedir providências, mas o funcionário que lá se encontrava, e não se identificou, disse que o GETAT não tem nada com o caso, porque se trata de um despejo autorizado por juiz (não citou o nome do magistrado). Disse também que as terras da Tupa-Ciretan têm título fornecido pelo Governo do Estado e que o GETAT não interfere nesse caso. Afirmou ainda que, nessas condições, os lavradores são invasores, embora a maior parte dessas 400 famílias more no local há muitos anos. A fazenda Tupa-Ciretan pertence a Flávio Pinto de Almeida, do Grupo Comind.

Em São Geraldo do Araguaia estão, desde ontem, o Senador Teotônio Vilela e os Deputados Federais Jáder Barbalho e Cristina Tavares, todos do PMDB, que foram ver de perto a situação dos posseiros da região. Chegaram exatamente no momento em que um avião soltava palfletos contra Oneide Lima, viúva do líder camponês Raimundo Ferreira Lima, o Gringo, assassinado este ano. Os parlamentares recolheram alguns panfletos, que continham uma foto de Gringo e outra de Oneide. No panfleto estava escrito: "O Gringo morreu pobre. O Padre Aristides consola a viúva Oneide, que está gastando o dinheiro dos pobres". Os panfletos, segundo a CNBB, são parte de uma campanha de difamação contra a viúva de Gringo.

Projeto protege flora amazônica

Brasília — A nova política florestal para a Amazônia, cujo projeto de lei já se encontra no Palácio do Planalto para aprovação, deverá observar as características próprias e naturais da região, dentro dos seus vários ecossistemas. Isso significa que projetos agropecuários e florestais só serão permitidos em áreas de cerrado e campos naturais, sendo vedado o uso de áreas de terra firme ocupadas pela floresta tropical.

Esse disciplinamento na utilização da floresta amazônica tem como objetivo evitar a instalação de projetos agropecuários de grandes dimensões, estabelecidos por empresas estrangeiras em áreas inadequadas, como os da Volkswagen e Jari. A idéia é o aproveitamento e manejo de recursos da flora da própria região, como a seringueira, o guaraná, o cacau, a pimenta do reino etc. A política florestal da Amazônia criará o programa de Zoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Brasileira.

Proibição de queimadas

Dentro dessa nova ordem, não mais se poderão promover queimadas para o plantio de pasto ou para o reflorestamento que não sejam condizentes com o tipo de flora da região. O Plano Diretor de manejo florestal, a cargo do IBDF, indicará os critérios de corte, arrasto, transporte, proteção e administração das florestas.

A nova política florestal, que teve alterações, inclusive nas questões fundiárias, vetará o reflorestamento com uma única espécie de árvore. Essa proibição atingirá diretamente as indústrias de celulose, que têm como matéria-prima principal madeira de pinus, eucaliptos e gmelina — árvore introduzida no Brasil e que tem crescimento muito rápido.

Para os técnicos do IBDF, no entanto, esse disciplinamento não significa que as atividades de reflorestamento serão proibidas. Elas serão instaladas em áreas próprias para que não atinjam o equilíbrio ecológico.

Congresso de Biologia e Medicina Nuclear reúne no Rio 500 especialistas

Com um coquetel no Hotel Nacional, começa hoje, às 20h, o VIII Congresso da Associação Latino-Americano de Biologia e Medicina Nuclear, que se prolonga até dia 25. Reúne mais de 500 especialistas, entre eles algumas das maiores autoridades mundiais. Além de quatro cursos, 10 mesas-redondas, 15 conferências e 180 trabalhos com tema livre, haverá exposição de equipamentos técnicos e científicos, avaliados em cerca de Cr$ 300 milhões.

— A utilidade do congresso é a de divulgar uma técnica usada largamente no exterior, mas que entre nós é pouco utilizada, e ainda não bem interpretada — disse o presidente do congresso, professor Villela Pedras, que acrescenta: "Estes métodos são, embora caros, extremamente econômicos, pois diagnósticos que levam semanas para serem concluídos, determinando internações longas e caras, com o método nuclear demoram apenas algumas horas."

A ASSOCIAÇÃO

O professor Vilella Pedras disse que isto proporciona uma "tremenda rotatividade de pacientes hospitalares". Além do mais, acentuou, o método não é perigoso: até hoje, não houve nenhum acidente. Não tem contra-indicação, a não ser para gestantes, informou.

A Associação Latino-Americana de Sociedades de Biologia e Medicina Nuclear — Alasbimn — foi criada na cidade de São Paulo, a 21 de setembro de 1964, por iniciativa de Tede Eston. A Alasbimn congrega todas as sociedades de Biologia e Medicina Nuclear da América Latina (a Espanha é membro associado). Dela fazem parte médicos, físicos, químicos, farmacêuticos, bioquímicos, entre outros. Seu objetivo é desenvolver as aplicações da energia nuclear em Medicina, Biologia e ciências afins.

O 8º Congresso da ALASBIMN — o 7º foi em Punta del Leste — começa hoje, às 20h, com a sessão solene de instalação e um coquetel no Hotel Nacional. As inscrições para o Congresso também começam hoje, das 9h até às 18h, no Centro de Convenções do Hotel.

Participarão cerca de 500 especialistas de todo o mundo, especialmente França, Alemanha, EUA, Espanha e países da América Latina. Dois dos maiores especialistas estarão presentes: o presidente do 2º Congresso da Federação Mundial de Associações de Biologia e Medicina Nuclear, realizado em 1978 em Washington, Dr Henry Wagner, e o atual presidente do 3º Congresso Mundial da Federação, a ser realizado em 1982 em Paris, Dr Claude Kellershohn.

PROGRAMAÇÃO

Foi preparada, para os congressistas, uma programação social: amanhã chá, com desfiles de jóias da H. Stern, às 16h30m, no Hotel Intercontinental; na terça-feira, o coquetel **Mini Carnaval Nuclear**, no restaurante Rio's, Parque do Flamengo, com **show** e desfile de 200 integrantes da Escola de Samba Unidos de Nilópolis; quarta-feira, sessão solene na Câmara Municipal, em homenagem aos participantes do congresso, com a presença do corpo diplomático, entidades científicas e autoridades do Poder Executivo, Judiciário e Legislativo, e coquetel no Salão Nobre do Palácio Pedro Ernesto. Na sexta-feira haverá coquetel e jantar de confraternização no Clube Caiçaras.

O presidente do congresso, professor Villela Pedras, informou que a Secretaria de Segurança dará apoio e tomará providências para a segurança dos congressistas. Disse que desde o início, as autoridades municipais, estaduais e federais apoiaram o congresso.

O programa científico do congresso começa amanhã e continua todos os dias, até sexta-feira, dia 25, sempre das 8h às 18h. As mesas-redondas serão sobre tomografia por emissão; seleção, controle e assistência médica emergencial aos trabalhadores na indústria nuclear; gastroenterologia; radiofarmácia; controle de qualidade; ósteo-articular; radioimuno; cardiologia; pediatria e rim. Terão sempre coordenadores especialistas, nacionais e estrangeiros.

CURSOS E TEMAS

Nos cinco dias da programação científica do congresso serão realizados quatro cursos sobre a aplicação das técnicas de Medicina Nuclear em cardiologia, pediatria, radiofarmácia e radioimuno. Quinze conferências serão feitas, na maioria, por especialistas estrangeiros. Entre os temas, alguns como Progressos na Aplicação da Metodologia da Medicina Animal, Legislação Brasileira para Uso de Materiais Radiativos em Medicina Nuclear e O Presente e o Futuro da Medicina Nuclear.

As 180 apresentações de temas livres serão sobre assuntos ligados à aplicação da Medicina Nuclear a várias especialidades médicas, como instrumentação, radioproteção e radioquímica, pulmão, aparelho urinário, coração e vasos, aparelho digestivo, radiobiologia e hematologia, endocrinologia, radioimunoensaio, sistema nervoso, oncologia e agricultura e veterinária.

Evandro Teixeira

O metrô viveu atmosfera de playground

Metrô no Morro Azul e em Botafogo foi uma festa no 2º dia de funcionamento

No segundo dia de funcionamento do metrô com as estações de Morro Azul, Catete e Botafogo, o movimento foi grande ontem, com famílias inteiras vestidas descontraidamente — camisas esportivas, calções coloridos, camisetas, tênis e sandálias — andando, na maioria das vezes, pela primeira vez. Das 6h até as 14h, 42 mil 570 pessoas circularam pelas 11 estações.

A estação de maior movimento foi a da Central, com 10 mil 57 passageiros. A estação de Botafogo, inaugurada sexta-feira, foi a segunda de maior movimento, com 6 mil 22 passageiros. Nas estações novas — Catete, Morro Azul e Botafogo — o aspecto era de ponto turístico. Pipoqueiros, sorveteiros e baleiros vendiam suas guloseimas a montes de crianças excitadas pelo primeiro passeio de metrô.

COMPORTAMENTO

A composição das 15h34m, com seis carros, que saiu da estação de Botafogo, estava cheia, principalmente de crianças. Subindo nos ferros feitos para quem viaja em pé, ou sobre os bancos com o nariz colados nos vidros, a maioria não prestava atenção nas explicações maternas sobre a construção do metrô.

Mesmo com a excitação pela novidade, o comportamento das crianças foi exemplar, só causando problemas antes do embarque. É que mesmo com os cuidados dos pais para que os filhos não atravessassem a lista amarela, muitas crianças a ultrapassavam, obrigando o controlador da estação a chamar atenção pelos alto-falantes.

Os considerados usuários do metrô, pessoas empregadas na Zona Sul e moradores nas Zonas Norte e Rural, mostravam-se satisfeitos com a inauguração das novas estações, apesar de algumas não estarem habituadas e se atrapalharem um pouco nas roletas, onde esperavam os mais habituados passarem para só então sair, e na hora do embarque de desembarque, passando correndo pela porta, com medo que ela se fechasse enquanto ainda estivessem passando.

Para um sábado, quando o movimento é muito menor que nos dias de semana, a freqüência de ontem foi considerada excepcional pelos controladores da Companhia do Metropolitano.

Excepcional abre mostra na Tijuca

Foi inaugurada ontem, no Clube Municipal, a primeira mostra livre de criações artísticas de excepcionais, organizada pela Secretaria Estadual de Educação. São cerca de 1 mil trabalhos — entre desenhos e esculturas — realizados com tinta, argila, papel e madeira, que ficarão expostos até segunda-feira, das 13h às 18h.

Participam da exposição alunos excepcionais da APAE, Sociedade Pestalozzi e Escola de Surdos Nossa Senhora de Lurdes. O pintor Augusto Rodrigues esteve presente na abertura da mostra e falou sobre o sentido da expressão livre na educação e, após percorrer a exposição, emocionado, fez um desenho que doou aos organizadores da exposição.

NECESSIDADES

Uma das organizadoras da mostra, a coordenadora do Ensino Especial do Estado, Marta Luvisaro do Nascimento, disse que "o objetivo da exposição é sensibilizar as pessoas para a possibilidade do aproveitamento dos trabalhos do excepcional e conscientizar o professor da importância de uma educação voltada para a liberdade de expressão".

Dentre os vários trabalhos expostos, despertava a atenção dos presentes um motel com uma luz vermelha piscando e uma piscina improvisada numa lata de sardinha, feitos pelo excepcional João Carlos da Silva Barros, de 15 anos. Bastante elogiados, também, foram os trabalhos em cerâmica, realizados por Cláudio D'adazzio, de 12 anos.

Batida de ônibus não pega bêbado

Um mendigo embriagado que parou na pista da Avenida Presidente Vargas, na curva próximo à descida do Viaduto dos Marinheiros, no Centro, causou uma colisão entre dois ônibus, na tarde de ontem. Em conseqüência do acidente, 16 pessoas ficaram feridas e foram medicadas no Hospital Sousa Aguiar, com contusões e escoriações.

O motorista do ônibus da linha 474 — Jacaré—Jardim de Alá — placa XM-9406, Genessir Miranda, ao ver o bêbado, parou para não atropelá-lo. Nesse momento, entrou na curva, desenvolvendo certa velocidade, o coletivo placa XM-6172, da linha 498 — Penha—Cosme Velho — dirigido por Severino Rodrigues de Albuquerque, que bateu na traseira do outro ônibus. Enquanto ambulâncias do HSA eram mobilizadas para atender as vítimas, o bêbado, que estava sem documentos, sentou-se na calçada e dormiu.

DOPS e polícia paraguaia procuram cúmplice do seqüestro de Mofarrej

São Paulo — Danilo José Rodrigues, cúmplice de Salim Yacoub Nehme no seqüestro de Miguel Mofarrej Neto, está sendo procurado pelo DOPS paulista no Paraguai, com auxílio da polícia local. Os policiais brasileiros também aceleram as investigações na Baixada Santista, onde ele morava.

A informação foi dada ontem pelo delegado que preside o inquérito, Alcides Singilo, que disse: "Pouco a pouco estão sendo desfeitas as mentiras de Salim Yacoub Nehme em seus depoimentos. Por exemplo: ele disse que na operação do recebimento dos 2 milhões de dólares pagos como resgate utilizou seu Mercedes-Benz, quando, na verdade, a polícia descobriu que o carro usado foi o Dodge Polara de Danilo".

CONTRABANDISTA

— Não temos necessidade de contar com a colaboração de Salim Yacoub Nehme para identificar o terceiro elemento que participou do seqüestro, o pistoleiro paraguaio, que Salim insiste chamar-se Eduardo. Já temos condições de saber quem é esse pistoleiro e quem transportou Danilo na lancha para recebimento do resgate nas próximas horas — disse o delegado que preside o inquérito sobre o seqüestro de Miguel Mofarref Neto.

— Danilo José Rodrigues, que participou do seqüestro de Miguel Mofarrej Neto com Salym Yacoub Nehme é um contrabandista de bebidas bastante conhecido na área santista e, entre seus companheiros de contrabando é chamado de **Promessinha**.

O DOPS chegou a ele através de um informante ligado à área portuária santista. O Departamento já vinha realizando varias diligências no setor, à procura de um homem que conhecesse bastante a região, de forma a pegar o dinheiro do resgate, utilizando os vários canais de mar que entram pelo mangue, e que, ao mesmo tempo fosse associado ou frequentasse o Caiçara Clube, local onde Salim disse ter conhecido o outro seqüestrador, o Eduardo **Brasileiro**.

Danilo José Rodrigues, além disso, possui negócios em Ponta Porã, ligados à sua atividade de contrabandista e uma fazenda em Presidente Prudente, no interior de São Paulo. O Eduardo **Castelhano**, segundo as autoridades policiais, foi contratado por Danilo e deve manter com ele relações devido aos "negócios" que realizam em Ponta Porã.

Cerqueira nos Lagos afasta capitão de Cabo Frio e prende o tenente de Búzios

O afastamento do Comandante da Companhia da PM em Cabo Frio, um 2º-tenente, preso por omissão, e três soldados punidos por motivos diversos, foi o resultado da visita do Comandante da Polícia Militar, Coronel Nilton Cerqueira de Albuquerque, ontem, na Região dos Lagos, quando esteve em Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo.

O Comandante da PM constatou a falta de policiamento naquelas cidades e a primeira providência foi afastar o Capitão Gil do Comando da PM em Cabo Frio. Após visitar as obras do novo quartel do 19º Pelotão de Cabo Frio, o Coronel Nilton Cerqueira esteve em Búzios, onde também sentiu a falta de policiamento adequado naquela localidade.

PUNIÇÕES

Além de afastar o Capitão Gil, o Comandante da PM puniu o 2º-Tenente Joaquim Coelho dos Santos Lobo, por omissão de socorro. Três soldados, por estarem com uniformes inadequados, não respeitarem o horário e por trazerem munição não adequada à Polícia Militar foram também punidos pelo Coronel, que esteve nas três cidades acompanhado do Major Elbo.

A visita do Coronel à Região dos Lagos durou cinco horas e um almoço foi oferecido ao Comandante da PM no Hotel Acapulco, patrocinado pela Arlagos, que mantém convênio com o Lions Clube, Associação Comercial de Cabo Frio e a OAB. O Prefeito de Cabo Frio, José Bonifácio, acompanhou o militar em sua visita. O Coronel Nilton Cerqueira pretende em breve reduzir o número de policiais burocráticos, para colocá-los nas ruas.

A. Carlos ameaça deter manifestante

Salvador — Os líderes do Movimento Contra a Carestia serão presos "e ficarão por muito tempo na prisão", caso se realize a concentração pública marcada para hoje à tarde, no Largo da Lapinha, ameaçou ontem o Governador Antônio Carlos Magalhães.

A reunião, marcada para a Lapinha, no bairro da Liberdade — onde o Presidente Figueiredo teve seu primeiro contato com o povo baiano, em 1979 — tem o objetivo de promover um debate sobre o aumento de 61% nos preços das passagens de transportes coletivos, que deu origem à depredação de ônibus há algumas semanas.

CARAVANAS

Pelos menos duas mil pessoas sairão dos bairros populares para a Lapinha, em caravanas, segundo previsão do Movimento Contra a Carestia, que organiza a manifestação. Para impedir a concentração, será enviado forte contingente policial, mas o Governador não precisou quantos homens serão mobilizados.

Antônio Carlos Magalhães não acredita que se repitam os recentes conflitos entre policiais e a população, argumentando que a polícia tem ordens para impedir a realização da reunião, mas não para praticar violências "salvo se houver provocação, liderada pelo PC do B e pelo MR-8, como das vezes anteriores".

Segundo o Governador, a concentração é ilegal por não ser organizada por nenhuma entidade conhecida legalmente. Disse que permitiria a manifestação se o pedido à Secretaria de Segurança Pública fosse feito, por exemplo, por um Partido político, "mas nenhum quis assumir."

Os líderes do Movimento Contra a Carestia, entretanto, dizem que estão exercendo um direito previsto no artigo 27, parágrafo primeiro da Constituição brasileira, que garante a todo cidadão o direito de se reunir pacificamente em praça pública. Segundo eles, uma emenda constitucional de 1964 determina que as autoridades policiais devem fixar anualmente os locais onde podem ser realizadas concentrações públicas. No caso de Salvador, a Lapinha é um deles. Daí terem enviado dois ofícios à Secretaria de Segurança Pública solicitando a liberação do local, ambos rejeitados.

Reaquecimento econômico tende a crescer em outubro

Milton F. da Rocha Fº

São Paulo — Os sinais mais fortes do reaquecimento de algumas áreas da economia ligadas à indústria e ao comércio deverão se fazer sentir com maior intensidade a partir do próximo mês. O comércio está-se preparando para as festas do final do ano e fazendo estoques, como é o caso do Grupo Pão de Açúcar, que adquiriu Cr$ 450 milhões em brinquedos, e que espera comercializá-los ao final de 81. A indústria de calçados também em outubro reativa suas exposições para a Rússia, segundo anunciou o empresário Sebastião Bourbulhan, presidente do Sindicato Industrial de Calçados.

O presidente do Bradesco, Sr Lázaro de Mello Brandão, é de opinião que "há uma pressão geral para realização de negócios. Há um sintoma de maior ânimo na economia. Sente-se isso nos contatos com os empresários". Dirigentes de outra instituição, o Banco Itaú, também são de opinião que "a indústria e o comércio mostram leve reativação. Parou de cair". O Sr Brandão, do Bradesco, disse ainda que "os bancos estão seguros com a determinação de expansão do crédito rural (resolução 69). Hoje a lavoura está sendo atendida com recursos para o custeio".

Previsão do Bradesco

O presidente do Bradesco disse ainda que "no momento não dá para se reduzir mais as taxas de juros, mas a estabilidade já é um grande progresso". De um modo geral, os bancos comerciais hoje estão cobrando de 4,5 a 5% as taxas de juros de duplicatas; e de 5,5 ao mês as de notas promissórias. No caso de financiamento há a inclusão de 0,6% ao mês de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF).

O diretor do Grupo Pão de Açúcar, Sr Silvio Luis Bresser Pereira, não concorda que ocorra um reaquecimento na economia. "Trata-se de comparar o primeiro semestre de 1980 com o de 1981; e os segundos semestres respectivamente. Dizer que o segundo semestre está sendo melhor do que o primeiro, é uma redundância, porque ele sempre apresenta esse comportamento".

— A situação está melhorando em relação ao primeiro semestre, somente — disse.

Um levantamento realizado pelo departamento econômico do Pão de Açúcar mostrou os seguintes índices:

Setor	Queda em relação aos 8 primeiros meses de 1980
Alimentos	(−10%)
Bens duráveis	(−10%)
Equipamentos de lazer	(+7%)

O presidente do Sindicato da Indústria de Calçados, Sr Sebastião Bouburlhan, admitiu que o seu setor vai indo muito bem, e que houve uma adaptação da indústria às necessidades dos consumidores. Os artigos de luxo foram deixados de lado. Procurou-se fazer produtos mais baratos.

— A produção física de 1981 será idêntica à de 1980, isto é, ficaremos com 105 milhões de pares de calçados de couro e 315 milhões de calçados com outras matérias-primas (tênis, sandálias e outros), afirmou.

Anunciou ainda que "as exportações de calçados deverão chegar aos 600 milhões de dólares contra os 387 milhões de 1980. Somando-se calçados com exportaçao de couros e artigos de couro em geral, poderemos chegar aos 800 milhões de dólares. E, além do mais, vamos reativar as vendas para a URSS, que fracassou devido à má atuação da Interbrás. Vamos exportar através da Comexport que tem tradição no Leste Europeu.

Como diretor da FIESP (Federação das Indústrias do Estado), o Sr Boubulhan admitiu que os setores de vestuário, confecções e roupa em geral também estão caminhando bem, "o setor não pode queixar-se".

O diretor da Telefunkenn, Sr Stephen Bergner, admitiu que com a entrada no mercado de Cr$ 33 bilhões do Imposto de Renda, em outubro, o mercado tenderá a se esquentar. Essa também é a opinião do presidente do Sindicato Nacional de Autopeças, Sr Carlos Fanuchi de Oliveira, que vê na liberação de recursos do IR um possível catalisador do mercado. O Sr Bergner é de opinião que as vendas de televisores a cores se reativarão em 1982, principalmente por causa da Copa do Mundo da Espanha e das eleições.

A reativação da economia, de acordo com o departamento de economia da FIESP, deverá ser um fato normal em 1982, e que hoje alguns setores já o sentem, como o da linha branca, na área eletroeletrônica, de calçados, roupas (principalmente malharias).

Estoques atuais são adequados

Hoje tanto a indústria quanto o comércio estão trabalhando com estoques suficientes para atender à demanda. Os empresários se adequaram ao novo ritmo da demanda e, através de redução de produção e de estoques, cortaram custos operacionais.

Segundo o prof. Yuichi Tsukamoto, da Fundação Getúlio Vargas, onde é o responsável pela cadeira de Finanças e Empresas, "as empresas se adequaram ao momento. O empresário deixou de ser um negociante e se transformou em um administrador. Sabe perfeitamente que o Governo deseja acabar com subsídios e incentivos. Os empresários estão procurando trabalhar em cima do binômio eficácia e eficiência".

— Procuram também a exportação para aliviar seus custos e também para conseguir recursos mais baratos. Com a busca de economia de escala se encontrou também uma melhor produtividade. Creio que a indústria nacional pela primeira vez realmente procurou melhorar sua produtividade para equilibrar seus custos, afirmou.

O prof. Tsukamoto, que é muito procurado por empresários em São Paulo, elaborou as seguintes sete normas para o planejamento financeiro no Brasil de hoje:

São Paulo — Wilson Santos

Yuchi Tsukamoto

- Não basta fazer certo a coisa; é fundamental fazer a coisa certa. Há limites para **working harder**, mas não há limites para **working smarter**.

- **Em tempos turbulentos, a liquidez é mais importante que os lucros. Uma empresa pode sobreviver longos períodos de lucros baixos ou receitas pequenas se o seu fluxo de caixa for adequado e se for financeiramente sólida. Mas o inverso não é verdade. Em tempos turbulentos, o balanço patrimonial torna-se mais importante que a demonstração de lucros e perdas. Ou seja, em tempos turbulentos, a administração deve colocar o fortalecimento financeiro antes dos lucros.**

- A primeira tarefa da administração numa era de turbulência é assegurar a sobrevivência da sua empresa. Isto significa que os fatores básicos têm que ser bem administrados. Os fatores básicos geralmente são "óbvios". Mas aquilo que é necessário para administrá-los implica em enormes alterações, requerendo uma prévia discussão das novas e peculiares exigências dos fatores básicos de sobrevivência.

- **Antes de administrar algo, é preciso saber o que se vai administrar. A realidade da sua organização fica obscurecida, distorcida e deformada pela inflação. Antes que os fatores básicos possam ser administrados é preciso ajustar para a inflação os "fatos" de um negócio: suas vendas, sua posição financeira, seu ativo e passivo e seus lucros.**

- A administração dos fatores básicos inclui ganhar hoje o suficiente para cobrir os custos de se manter em atividade — os custos dos riscos, das mudanças, das inovações e, sobretudo, da manutenção — daqueles empregados que se tornariam necessários no futuro próximo. Uma empresa que não obtiver este mínimo está fadada a ir se debilitando até desaparecer.

- **Tornar os recursos produtivos é a tarefa específica da administração. Os administradores devem, portanto, administrar separadamente a produtividade de cada um dos quatro recursos chave: capital, recursos naturais básicos, tempo e conhecimento. Mas, no final, o que vale é a produtividade global de uma instituição na utilização dos seus recursos. Sempre que "mão-de-obra" significar pessoas especializadas e pessoal profissional, não haverá economia alguma. Nesse caso, o único modo de aumentar a produtividade da "mão-de-obra" é aumentando a produtividade das pessoas, ou seja, a produtividade do tempo e dos conhecimentos.**

- Os tempos turbulentos exigem que uma empresa abandone sistematicamente o passado. Pouquíssimas empresas estão dispostas a descartar o passado. Como resultado, há uma carência de recursos disponíveis para o futuro. Em épocas turbulentas, uma empresa precisa superar golpes súbitos e severos; e precisa também saber aproveitar oportunidades repentinas e inesperadas. Para tanto, a concentração dos recursos nos resultados e o abandono de um passado improdutivo e devorador de recursos são requisitos sine **qua non**."

BIRD e FMI entram em contradição

Washington — Enquanto, para o FMI, 1980 foi um ano de crescimento decepcionante para os países em desenvolvimento, sua entidade irmã — o Banco Mundial — considerou que "o índice de crescimento de 4,6% pode ser considerado notável, quando comparado com a taxa de 1,3% registrada pelos países industriais e em função do clima econômico desfavorável". Ambas as entidades têm reunião conjunta em Washington a partir do dia 29.

O relatório anual do BIRD para 1981, que acaba de ser divulgado, destaca que a América Latina e o Caribe mantiveram o ritmo de sua atividade econômica no ano passado, apesar da deterioração do panorama internacional. O PNB da região avançou, em 1980, 5,4%, mantendo-se praticamente no mesmo nível de 1979 (5,5%). Contudo, o ritmo se reduziu no primeiro semestre deste ano, assinalou o documento.

EM DECLÍNIO

O relatório destacou também os resultados da maioria dos países da África do Norte e do Oriente Médio, principalmente Síria e Egito, ambos beneficiados pelo aumento dos preços do petróleo. E saudou o desempenho da região da Ásia Meridional e a "explosão econômica" da Índia em 1980, com a agricultura recuperando-se plenamente das más colheitas de 1979.

Mas não deixou de assinalar o Banco Mundial que os maciços déficits em conta corrente sofridos pelos países em desenvolvimento importadores de petróleo ameaçaram frustrar programas de investimento indispensáveis para o futuro desenvolvimento. Apesar de bem superior ao das nações industrializadas, o crescimento dos subdesenvolvidos no ano passado foi inferior à média do período 1974-1979, a qual, por sua vez, fora já abaixo da obtida em 1966-73.

Para ilustrar a instabilidade do panorama econômico internacional, o BIRD — que financiou 13 bilhões de dólares ao 3º Mundo em 1980 — alude às maciças alterações de resultados nos saldos em conta corrente — o balanço dos bens, serviços e transferências privadas. Em 1978, por exemplo, o déficit em conta corrente dos países em desenvolvimento importadores de petróleo era de 26 bilhões de dólares. No fim de 1980, havia pulado para 70 bilhões. Da mesma forma, em 1978 os industrializados tinham um superávit de 30 bilhões de dólares, que se havia transformado num déficit de 40 bilhões no fim de 1980. O anverso da moeda: os seis países exportadores de petróleo com excedentes de capital — Iraque, Kuwait, Líbia, Qatar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos — registraram em 1978 um saldo positivo de 19 bilhões de dólares em cuas contas correntes. No final do ano passado, tinham-no ampliado para mais de 100 bilhões.

Segundo o Banco Mundial, muitos países em desenvolvimento procuraram compensar as dificuldades com a intensificação dos esforços para expandir a exportação. Na América Latina e no Caribe, por exemplo, o valor das exportações subiu em 1980 de um terço em relação ao ano anterior — para 94 bilhões de dólares.

Marcovan usa debêntures contra crise

Para conseguir recursos, caros e escassos no sistema bancário, a Marcovan S.A. recorreu recentemente ao mercado de capitais, emitindo, pela primeira vez nos seus 35 anos, debêntures simples no valor total de Cr$ 500 milhões. Segundo o vice-presidente da empresa, Mário Gustavo Basbaum, hoje, esse é o caminho mais viável e rápido para se captar recursos.

Integralmente colocadas no mercado, as debêntures vão permitir que a Marcovan complemente o financiamento de seus produtos, amplie as vendas no varejo, e prossiga no seu processo de expansão horizontal, abrindo novas unidades a custo baixo.

Mário Basbaum explicou que a Marcovan, por sua tradição, não encontra sérios problemas para captar recursos a taxas de juros menos violentas do que para algumas empresas, com menores garantias a dar. Mesmo assim, disse, como tem que repassar parte dos empréstimos aos seus clientes, corre o risco de ficar fora do mercado caso os juros subam mais. Atualmente a Marcovan tem um custo financeiro de aproximadamente 8% ao mês, o que, apesar de não ser alto, induziu à emissão de debêntures, forma de endividamento mais barata para a empresa.

Tendo como produto principal material de acabamento para construções, a Marcovan está executando um trabalho voltado para vendas no varejo, mudando o **layout** das lojas e ampliando a sua faixa de mercadorias (cerca de cinco mil produtos diferentes). Mário Basbaum informou que o nível de vendas está dentro do projetado pela empresa, já que foi levada em consideração a fase recessiva da economia.

Acha os produtos comercializados pela Marcovan como essencialmente dinâmicos, sejam participando do processo de desenvolvimento da construção civil ou na sua reação negativa (reformas de casas). Por isso, a empresa está desenvolvendo o mercado de produtos para reforma. "É a temática da Marcovan diante da crise", afirmou Basbaum.

Forçar o aumento das vendas, através de novas frentes — com 16 lojas espalhadas no Rio, São Paulo, Minas, Espírito Santo e Brasília, quer abrir filiais no Sul do país — e de preços mais acessíveis, é a meta da Marcovan. Basbaum considera viável um faturamento no ano de Cr$ 7 bilhões, principalmente porque pode vender produtos de acordo com as condições do mercado: azulejos desde Cr$ 400 a Cr$ 1 mil 200, por exemplo, sempre permitindo ao cliente optar, bem de acordo com seus recursos.

Mesmo diante de um quadro recessivo, é mais interessante, segundo Basbaum, para a Marcovan aplicar seus recursos em investimentos, apesar de fazer algumas aplicações financeiras para complementar o lucro de forma mais viável. Explicou que a opção de investimento da Marcovan deve-se à margem de crescimento que ainda tem, principalmente porque o empecilho que enfrentavam — certa escassez de recursos — foi contornado com a emissão de debêntures, que deverá ser repetida assim que o mercado de capitais se mostrar favorável.

Lojistas de S. Paulo alertam para grande número de falências

São Paulo — A despeito dos indícios de uma recente recuperação, a queda acentuada das vendas do comércio varejista no Estado de São Paulo elevará o número de falências e concordatas, principalmente das microempresas do setor, nos próximos dois meses, alertou o presidente da Federação dos Diretores Lojistas do Estado, Salim Phelippe Maluf.

Na sua opinião, apesar de sofrerem também os efeitos da queda das vendas, somente as grandes empresas estão em condições de superar a crise atual. As médias, pequenas e microempresas são as mais afetadas, salientou, lembrando que os proprietários têm como renda apenas o suficiente para as despesas domésticas.

Explicou que a situação está levando os comerciantes a repensar sua participação no processo político. A Federação está recomendando o máximo de cuidado na escolha dos candidatos às próximas eleições. Para o Sr Salim Maluf, os comerciantes terão o cuidado de escolher, em suas regiões, apenas os políticos que se comprometerem a defender de fato o setor.

Foto J. França

O crescimento de 5% nas vendas do comércio de Brasília é bom indicador quando comparado à queda de 10% no Rio e S. Paulo

Altos salários evitam que recessão atinja Brasília

Carlos Max Torres

Brasília — A recessão econômica, que vem afetando de maneira acentuada as atividades industriais e comerciais em todo o país, ainda não chegou ao Plano Piloto de Brasília. Dados extra-oficiais indicam que nos primeiros sete meses de 1981 as vendas globais do comércio na Capital Federal cresceram cerca de 5% em termos reais (descontada a inflação), comparadas com igual período do ano passado.

Enquanto isso, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo apresentaram no mesmo período quedas significativas nas vendas do comércio, que oscilaram entre 10% e 15%. Duas razões fundamentais explicam o bom desempenho de Brasília: a estabilidade do nível de emprego, devido ao grande contingente de funcionários públicos, e o fato de a cidade ter o maior índice **per capita** de salários de todo o Brasil.

Dados significativos

Alguns dados ilustram bem o estado de espírito das grandes redes de lojas de todo o Brasil com respeito ao comércio de Brasília. A Brastel abriu recentemente três grandes lojas na cidade e nos primeiros 60 dias superou em 30% sua expectativa de vendas. A Sears do Conjunto Nacional Brasília, o maior **shopping center** de Brasília, é considerada a segunda maior loja de vendas do grupo, superando inclusive a de São Paulo.

Um outro dado importante com relação ao termômetro das vendas em Brasília: o Grupo Pão de Açúcar, que tem sete grandes lojas na Capital Federal, adquiriu um espaço de 22 mil metros quadrados para a instalação de outra filial a partir de 1982 num novo centro comercial, que será inaugurado, o Conjunto Baracat. Ainda com relação à Sears, em dezembro de 1980 a loja do Conjunto Nacional bateu o recorde de comparecimento de pessoas — 120 mil, o maior de toda a América Latina.

Como atestam os dados da Associação Comercial do Distrito Federal e da Federação do Comércio do DF, apesar de as vendas continuarem crescendo, o aumento ficou além da expectativa prevista pelas duas associações de classe no início deste ano. Para efeitos comparativos, Brasília tem uma situação excepcional em termos de redistribuição de renda. Os dados oficiais indicam que Brasília tem 46,6% da população economicamente ativa ganhando até dois salários-mínimos mensais, e 36,5% ganhando três salários-mínimos por mês.

Comparada com o Rio de Janeiro, por exemplo, a situação de Brasília é excepcional em termos de salários, o que contribui de maneira direta para o dinamismo das vendas na cidade. No Rio, 30% ganham acima de três mínimos por mês e 50% percebe até dois salários-mínimos mensais. Se comparada com Recife, a situação é ainda mais favorável: apenas 16,9% da população economicamente ativa ganha acima de três mínimos mensais.

No DPC

O Departamento de Proteção ao Crédito — DPC — de Brasília informa que, no período de janeiro a julho de 1981, prestou 50 mil 196 informações negativas às lojas comerciais, contra 53 mil 943 do mesmo período do ano passado. Segundo os dados do Sistema Nacional de Empregos — Sine/DF — o setor de serviços apresentou uma variação positiva de 2,05% no período abril/ 1980 a abril/ 1981, vindo o comércio com 1,34% a mais em relação ao mesmo período e uma retração de 8,28% para os empregos da área da construção civil e de 5,59% para a industrial em geral.

A Federação do Comércio explica que os índices negativos da construção civil e da industrial em geral são conseqüência direta da "desativação, redução ou paralisação da construção de grandes edifícios públicos ou de apartamentos para funcionários do Governo Federal".

Mesmo com os índices negativos da construção civil, a economia de Brasília não foi muito afetada porque, na Capital Federal, cerca de 78,4% da população ocupada está no setor terciário.

De acordo com o presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Lindberg Aziz Cury, só as empresas que não acompanharam a "evolução do mercado, não se modernizaram", tiveram quedas de vendas. Tal situação teria afetado apenas as pequenas e médias empresas e não as grandes lojas e departamentos.

Devido à total falta de acompanhamento estatístico sobre as vendas do comércio em Brasília, a Companhia de Desenvolvimento do Planalto — Codeplan — que deveria se encarregar disso, não tem dados. Todos os números relativos às vendas de eletrodomésticos e produtos alimentícios são obtidos através de amostragens, e não de pesquisas.

Mesmo assim, segundo o Sr Aziz Cury, a campanha desencadeada pela associação com o **slogan** Passe o Natal em Brasília, em 1980, permitiu se saber que no último trimestre do ano passado o crescimento das vendas ficou entre 180% e 220%, comparado com 1979. É bom notar que Brasília, tradicionalmente, se esvaziava no final de ano, com a população passando o Natal fora com familiares, provocando quedas vertiginosas nas vendas do comércio.

Período atípico

Ainda de acordo com o Sr Aziz Cury, de meados de janeiro até meados de março, o comércio de Brasília sofre forte retração, tendo em vista as férias escoles, o recesso do Legislativo e Judiciário e a própria "ressaca" provocada pelo **boom** de vendas de final de ano. Aliás, devido à presença em Brasília das grandes lojas como o Jumbo, Sears, Casas da Banha, Brastel e Carrefour, entre outras, os pequenos e médios comerciantes foram obrigados a adotar uma estratégia nova de **marketing** para enfrentar a concorrência dos grandes.

Com a chegada do Carrefour a Brasília, em 1978, e a grande concorrência que trouxe em termos de preços para com o varejista, surgiram as chamadas cadeias voluntárias, o embrião da atual Rede Somar de Abastecimento. As cadeias voluntárias classificavam pequenos e médios comerciantes que, através de uma central de compras, conseguiam trabalhar com preços mais estáveis e atendiam às populações mais pobres das cidades-satélite.

Mas a 25 quilômetros do Plano Piloto, na cidade de Taguatinga, o presidente da Associação Comercial e Industrial — Acit — José Maria Gonçalves Coelho, afirma que a situação é catastrófica, porque 80% do comércio local está nas mãos dos pequenos e médios empresários. Lembra a brusca queda nos índices da construção civil, um índice negativo de 50% no ritmo das obras, e salienta que "o comércio está apresentando quedas assustadoras de vendas".

Taguatinga tem 23 anos de fundação, 675 mil habitantes, 800 estabelecimentos industriais, 6 mil 500 firmas comerciais e 18 agências bancárias. Explica o Sr Gonçalves Coelho que os empresários locais pararam de comprar e estão **desovando** estoque e "muitas pequenas firmas fecharam sua portas por absoluta falta de capital de giro". Além disso os bancos fecharam os empréstimos ao comércio, estando o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco da Amazônia, entre outros, com suas carteiras de crédito totalmente paralisadas.

Outro lado importante diz respeito ao comportamento das vendas de automóveis em Brasília. Ao contrário das demais regiões metropolitanas do país, as vendas de carros caíram entre 25% e 30% nos primeiros meses de 1981 em comparação com 1980, embora a Volkswagen tenha apresentado uma queda bem maior. A General Motors e Ford conseguiram superar melhor os problemas, ante o relativo sucesso do carro à álcool. Mantiveram índices negativos de no máximo 30%.

Política foi tema central no Congresso das Empresas

Menos que na descoberta de fórmulas esotéricas ou já surradas de capitalização, o 3º Congresso das Empresas Abertas, realizado esta semana, no Rio, centrou suas discussões em conceitos como participação, mobilização, liberdade. A Abrasca cumpriu o que havia prometido: fez um encontro eminentemente político, mostrando que crescimento econômico anda de mãos dadas com democracia, que progresso social só virá com liberdade.

Uma personalidade-chave — o Ministro Camilo Pena, da Indústria e do Comércio — foi além da encomenda: disse aos empresários que eles próprios e a sociedade devem repensar a função social do lucro, sob pena de que as tensões aumentem e todos façamos uma "melancólica viagem de volta".

Como era de esperar, meia dúzia de empresários mais esclarecidos gostou, o resto não. Pode-se generalizar, afirmando que à maioria desagradou a referência ao "cortejo dos humildes, 2/3 de brasileiros que não têm suas necessidades básicas atendidas e estão pagando pelo erro das elites"; como desagradou aos paulistas a meta de descentralizar o crescimento econômico, pois "o Governo não está aí para sustentar o crescimento de São Paulo".

O Ministro Hélio Beltrão, da Desburocratização, teve seu discurso interrompido pelas palmas dos que se identificaram com "os que se endividam cada vez mais", enquanto os banqueiros permaneciam de braços cruzados à menção do termo "agiota", ao alerta de que "o Brasil não pode ser um país absurdo de emprestadores de dinheiro". Se não chegaram a acabar com o apetite dos que jantavam no Gávea Golf, as palavras de Beltrão tiveram de ser amargamente digeridas com o sorvete flambé na sobremesa.

Vitório Bhering Cabral, presidente da Abrasca, conseguiu o que queria: discutir, levantar questões. Reuniu um grupo de quatro professores, para que conceituassem didaticamente conceitos como sistema, regime, capitalismo, marxismo, neocapitalismo. A José Paschoal Rossetti (Mackenzie), Maria José Vilaça (USP/FGV), Claudio Contador (UFRJ) e Renata Zoudine (USP/Mackenzie) coube fixar noções sobre as formas de coordenação dos sistemas econômicos, via mercado ou grupos sociais, analisando os elementos que os diferenciam e caracterizando os pólos do liberalismo e do socialismo.

A idéia de Vitório Cabral era chegar aos fundamentos e valores de uma economia de mercado, à conceituação do neocapitalismo "como um sistema onde está implícito o livre arbítrio", desembocando, finalmente, naquilo que interessa ao empresariado: o crescimento conduzido pela iniciativa privada.

Não faltou, é claro, a receita de como canalizar recursos para as empresas: o ex-Ministro Simonsen, os empresários Jorge Gerdau Johannpeter e Roberto Teixeira da Costa incumbiram-se de falar em abertura de capital, em diagnosticar falta de incentivos quando os há em demasia para a renda fixa, em sugerir modificações nas políticas fiscal e tributária a favor das ações. Os cofres do PIS/Pasep mais uma vez foram olhados com cobiça.

O grande ausente foi o Presidente Figueiredo. Os empresários esperavam poder dar seu recado de viva voz, e viram-se frustrados. Na mensagem lida pelo Ministro Galvêas — que novamente prometeu apoiar o mercado mobiliário — o Presidente foi ao encontro dos propósitos de atuação da platéia, mostrando que é fundamental sua "participação na ordem institucional e na revisão dos mecanismos econômicos".

Se o desejo está expresso pelos dois lados, e for posto em prática, certamente o empresariado alcançou seus objetivos e não gastou tempo e dinheiro em vão.

Coca-Cola dobra exportação e compensa queda de vendas

A Coca-Cola Indústrias Ltda. está vivendo uma situação inédita nos últimos 20 anos: vender menos que no ano anterior. Excluídas as sazonalidades características do mercado de refrigerantes, a empresa calcula apurar esse ano entre 12% a 15% menos que os 400 milhões de dólares faturados em 1980.

Mas, se o mercado interno não apresentou o crescimento tradicional, as exportações de Coca-Cola, fruto de uma política de diversificação que tende a crescer, dobraram: dos 100 milhões de dólares obtidos durante 1980 com venda de peixe **in natura**, produtos cítricos e café, o movimento saltou para 53 milhões de dólares nos cinco primeiros meses de 1981, o que justifica a previsão de faturar 200 milhões de dólares até o final do ano.

Menos mal

Embora a experiência seja inédita para Stanley James Clark, presidente da Coca-Cola há 20 anos, vender menos que no ano anterior não lhe parece qualquer fato assustador. Lembrando a diferença entre medo e pânico, ele comenta que não só o Brasil, mas o mundo, vive um reajustamento da economia: "O petróleo ajudou. Mas, depois dos anos 70, com todas as economias vivendo uma superprodução, o mundo caminhava para uma recessão."

Nos oito primeiros meses de 1981, a Coca-Cola registrou uma queda nas vendas em torno dos 5%. Calcula a empresa que, em termos de mercado total, deverá faturar em 1981 entre 12% a 15% a menos que no ano passado e, ainda assim, se considera "menos mal" que os concorrentes.

Desde 1967, quando pela primeira vez desde que instalada no Brasil, em 1942, a Coca-Cola enfrentou a primeira queda sensível de vendas, foi adotada uma política de diversificação. O ponto de partida foi a fabricação de leite extraído da soja, quando ainda não se cogitava na utilização da oleoginosa como substitudo para alimentos cada vez mais enobrecidos, como o leite e a carne.

O Saci, como foi batizado o leite de soja da Coca-Cola, não conquistou bons resultados. De valor nutritivo comprovado, seu sabor entretanto não contribuiu para o sucesso, deixando ao Saci o papel de componente de merendas escolares onde o aspecto nutritivo ganha do sabor.

Mas as pesquisas prosseguiram e, recentemente, conseguiu-se uma formulação para o leite produzido da soja que, segundo Stanley James Clark, tem tudo para agradar. Agora o plano é reapresentar Saci ao mercado através de uma **joint venture** que está sendo negociada com uma empresa brasileira, além das exportações para África e Oriente Médio.

Dos outros itens da pauta de exportação da Coca-Cola, é o peixe vendido **in natura** — é apenas congelado — o maior sucesso de vendas da empresa. Desde a partida inicial, em agosto do ano passado — 75 toneladas de atum para Porto Rico — abriram-se sucessivamente outros mercados para um negócio que promete: já seguiram 15 toneladas de peixe-espada filetado para os Estados Unidos, e negocia-se com Espanha e Israel a possibilidade de negócio.

Stanley James Clark

Finalmente com produtos cítricos, em óleo ou suco, e café, em grão e solúvel, todos produzidos exclusivamente para a exportação, completa-se a atividade exportadora da Coca-Cola.

No Brasil

Explica Stanley James Clark que a Coca-Cola Indústrias — quem produz e distribui o xarope do refrigerante — é talvez, das empresas brasileiras, a que maior número de fábricas reúne para produzir um único produto, coca-cola.

São 60 fábricas, com capital de Cr$ 5 bilhões 300 milhões, imobilizações que somam Cr$ 11 bilhões 900 milhões, que pagaram Cr$ 2 bilhões 600 milhões em salários e recolheram Cr$ 6 bilhões 700 milhões em impostos, todos números de 1980.

As medidas tomadas para enfrentar a redução nas vendas envolvem todo o universo da produção: "A empresa estava um pouquinho gorda." Demitir, não se demitiu — mas vaga aberta não é preenchida. A racionalização de custos envolveu basicamente três dos itens maiores responsáveis por despesas: energia, açúcar e vidro.

Com energia, o sucesso é considerado absoluto: gasta-se hoje menos óleo combustível que em 1979. A frota — 4 mil 700 veículos — foi adaptada para o consumo de álcool. O vidro — 112 milhões de garrafas — sofreu a vigilância da racionalização e, também, proporcionou corte nos custos. Finalmente o açúcar — Cr$ 2 bilhões 300 milhões em 1980 — está sendo otimizado e obteve-se redução em torno dos 10% do gasto convencional.

Clark confia em Delfim e na baixa da inflação

— O Brasil não tem o monopólio da crise. O Delfim não é burro e não será alteração de Ministros que vai resolver os problemas brasileiros.

E com essa perspectiva que Stanley James Clark, um escocês com 30 anos de Brasil, 20 de Coca-Cola, encara a situação econômica daquele que considera o maior mercado potencial para a empresa, nos próximos 20 anos.

Que a inflação vai cair, disso ele não tem dúvida. Duvidou, isto sim, se durante o ano passado o Governo já se dera conta da avalanche inflacionária que estava por vir. Afinal desenvolver a economia a 8,4% no contexto recessivo das principais economias internacionais não poderia ter outro desfecho.

A engrossar o caldo das dificuldades econômicas brasileiras, o presidente da Coca-Cola responsabiliza, hours concours, *a dívida externa. E, em seguida, considera restringir a emissão de moeda e conter os gastos públicos prioridades "número um". Manter elevadas as taxas de juros, "infelizmente", também se faz necessário, comenta Stanley Clark, lembrando de passagem a promessa de Mr Volcker, presidente do banco central americano.*

O volume dos gastos públicos brasileiros impressionam o presidente da Coca-Cola: "Itaipu e projetos semelhantes são prioritários mas não se pode atacá-los ao mesmo tempo", considera. A privatização, para ele, é um acerto pois "o empresário privado é sempre mais eficiente". Mas, para Stanley James Clark, é na agricultura e na cabotagem que está reservado o futuro do Brasil.

Telefunken registra prejuízo de Cr$ 500 milhões no 1º semestre

São Paulo — Os baixos preços de venda e as altas taxas de juros, que impedem a tomada para formação de capital de giro, são, entre outros, os principais motivos que levaram a Telefunken do Brasil a apresentar um prejuízo, estimado entre Cr$ 400 milhões e Cr$ 500 milhões, no primeiro semestre, embora a empresa não realize o fechamento de seu balancete na metade do ano.

Apesar da aguardada recuperação do mercado este semestre — em agosto as vendas aumentaram — o diretor-geral para a área eletro-eletrônica, Stephen Bergner, informou que o problema não é localizado e tanto na matriz na Alemanha, como as outras subsidiárias, deverão fechar o ano com prejuízo. "Uma recuperação de todo o conglomerado é esperada somente para 1982", assinalou.

No prazo médio de dois a três anos, a Telefunken do Brasil estará lançando várias novidades do setor eletrônico, que fazem parte da nova estratégia da empresa. Computadores domésticos, que permitem tocar discos de cinco a seis centímetros de diâmetro, com músicas gravadas para duas a três horas, denominados minidiscos, deverão estar no mercado brasileiro em 1983.

Outro lançamento no Brasil e que no momento está sendo apresentado na Feira Internacional de Berlim, será o vídeo-fone, ou seja, um aparelho de TV acoplado ao telefone, que permite à pessoa ver, através de um vídeo, com quem está conversando. Também o vídeo-cassete, conhecido no país, e a TV-estéreo, que permite ao telespectador ouvir um concerto com som estereofônico, deverão ser lançados pela Telefunken.

Escalada nuclear já custou ao país Cr$ 210 bilhões

Jorge Oliveira

Dez anos e Cr$ 210 bilhões depois de dar início ao que para uns não passa de aventura temerária e para outros a reafirmação da soberania nacional, o Brasil ingressa esta semana no seleto clube dos países geradores de energia atômica. O núcleo do reator de Angra-1, central Álvaro Alberto, começou ontem a receber a sua carga de elemento combustível. Terça-feira, a primeira usina nuclear brasileira começa a produzir o vapor que em dezembro estará acionando os seus geradores.

Anunciada em 1967, em pronunciamento feito pelo então Presidente Costa e Silva em Punta del Este, a disposição brasileira de compensar uma suposta impossibilidade de suprir as suas necessidades dos anos 80 com energia de origem hidráulica materializou-se, quatro anos depois na compra, à americana Westinghouse, de uma única usina — esta que agora está sendo carregada.

Hoje, porém, por força de um acordo assinado com a Alemanha Ocidental em 1974, o Brasil ambiciona contar com oito usinas nucleares até 1995. Para tanto, dispõe-se a desembolsar entre 18 bilhões de dólares, segundo a Nuclebrás, o gigante que se criou para implementar esse programa. Mas, outros cálculos endossados pela Eletrobrás, estimam o custo final dessa empreitada em nada menos de 26 bilhões de dólares, quase metade da atual dívida externa líquida do país.

Ironicamente, o acionamento da primeira usina nuclear brasileira ocorre num ano em que, por força de um desaquecimento econômico principalmente ditado pelo seu elevado endividamento externo, o Brasil sequer consome toda a energia gerada pelas suas hidrelétricas. E mais: num momento em que o país tem a certeza de contar com energia elétrica para suprir as suas necessidades até o final desta década. Ainda que o consumo de energia volte a crescer a taxas anuais de 10%.

Mas agora o ambicioso Programa Nuclear Brasileiro reveste-se de nova roupagem: passou a ser apresentado pelo Governo como o elemento que assegurará ao país o completo e indispensável domínio da tecnologia nuclear, sem a qual se apresentaria em desvantagem perante seus vizinhos, particularmente a Argentina. O argumento, de fato, tem lá seus fundamentos. Mas não entrou em qualquer ponto do discurso com que o ex-Presidente Geisel defendia o acordo que assinara com a Alemanha, cujo grande inspirador teria sido o espetacular aumento do preço do petróleo.

No Livro Branco que distribuiu na tentativa de explicar os pormenores do acordo, o então Presidente previa que a usina 1 de Angra dos Reis, comprada em 1972, à Westinghouse norte-americana, com índice de nacionalização de apenas 8%, estaria operando em 1978. As duas alemães, em 1982 e 1983.

Seis anos depois, nenhuma das previsões do ex-Presidente se concretizou. O consumo de petróleo caiu de 1 milhão 122 mil 848 barris/dia em 1979 para 1 milhão 131 mil 226 em 1980 (até maio deste ano, era de 979 mil 211 barris/dia). A produção interna de petróleo cresceu de 165 mil 825 barris/dia em 1979, para 191 mil 512 barris em 1980 (em maio deste ano estava em 224 mil 687 barris/dia, quadro que se mantém inalterado).

A crise do petróleo, depois dos sensíveis aumentos de preços a partir de 1973, provocou uma grande corrida de países em desenvolvimento e dependentes quase que totalmente de fontes externas em busca de fontes alternativas, caso do Brasil.

O Brasil, por exemplo, foi buscar no álcool o substituto para a gasolina, o que provocou uma queda no consumo desse combustível nos últimos dois anos de 30% para 18%. Atualmente, para se ter uma idéia, o consumo de álcool carburante é de 300 milhões de litros por mês. O consumo registrado em 1979 foi de 2 bilhões 235 milhões de litros e em 1980 foi de 2 bilhões 648 milhões de litros.

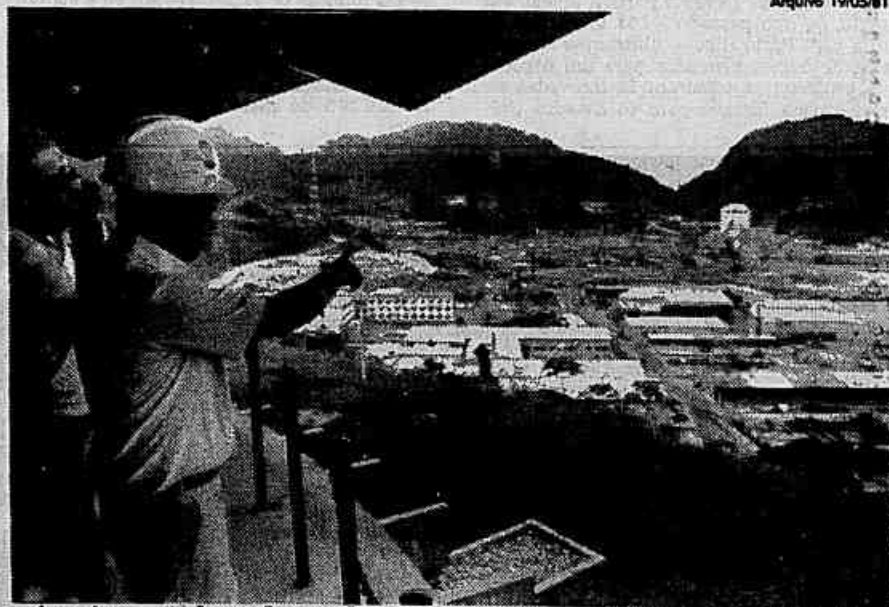
Energia elétrica

O ritmo de crescimento do consumo de energia elétrica estimado para este ano pela Eletrobrás será inferior em 50% ao registrado o ano passado: deveria crescer, pelas previsões, 10% ao mês e o registrado tem sido pouco mais de 5%.

A produção energética do país no ano passado foi o equivalente a 9 bilhões de dólares, correspondentes às importações de petróleo. Segundo o relatório de 1980 da Eletrobrás, o consumo nacional de energia em 1980 atingiu 120 mil 720 GWh, dos quais 92,4% de origem hidráulica, equivalentes a 751 mil barris/dia de petróleo.

A capacidade instalada em geração foi acrescida de 11,8% em 1980, passando de 28 mil 386 megawatts para 31 mil 735 megawtts.

Os números que comprovam uma queda no ritmo do crescimento da demanda de energia em 1980 e 1981, aliados ao aumento da produção interna de petróleo e de álcool carburante, explicam porque o programa nuclear tem que ser revestido de um novo conceito: não basta justificá-lo como uma fonte indispensável de produção adicional de energia.

Arquivo 19/05/81

A usina nuclear 1 recebeu os primeiros elementos combustíveis

Domínio na Nuclen é dos alemães

A transferência de tecnologia nuclear é um dos pontos mais discutidos do acordo nuclear do Brasil com a Alemanha. É polêmica quando se constata que, na principal subsidiária da Nuclebrás, a Nuclen, responsável pela engenharia de reatores, as duas principais diretorias — Técnica e Comercial — são representadas pela KWU, empresa alemã associada à Nuclen.

Mesmo detendo apenas 25% do capital, os sócios minoritários têm poder de veto e, ainda a seu favor, o fato de as decisões importantes da empresa serem obrigatoriamente tomadas por unanimidade. E mais: há um conselho técnico, do qual apenas um brasileiro participa. Assim mesmo, sem direito a voto.

Falta de poder

Esta desproporção de domínio na empresa brasileira é que teria levado alguns reconhecidos técnicos do setor a deixar a superintendência da Nuclen, caso de Sérgio Brito, David Simon e Joaquim de Carvalho, este, hoje, um dos mais severos críticos do Programa Nuclear Brasileiro e do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha.

Quanto à transferência de tecnologia, a discussão levantada por analistas do setor continua irrespondível pela Nuclebrás. Uma pergunta é o sobrepreço que o Brasil estaria pagando pela compra dos reatores alemães, considerando que os custos pagos por serviços de engenharia nas usinas 2 e 3 de Angra dos Reis atingem quase 800 milhões de dólares.

Esta quantia significa 320 dólares por quilowatt instalado. Este preço — 800 milhões de dólares — estaria sendo pago à Nuclen por Furnas, mas não se sabe que parte do total será transferido para A Alemanha, e que parte ficará no Brasil.

Ainda analisando o sobrepreço, alguns cientistas nucleares admitem que o Brasil pagará 20 bilhões de dólares, dos 30 bilhões que será pagos pelas oito usinas alemães, porque consideram que o Brasil gastaria 10 bilhões de dólares para gerar a mesma energia das usinas nucleares, a um preço de 1 mil dólares por quilowatt instalado, contra os 3 mil dólares do nuclear. Os analistas citam o Japão para dizer que os 32 mil contratos de aquisição de tecnologia nuclear, feitos entre 1950 e 1978, custaram ao país 9 bilhões de dólares.

Alguns ex-diretores da Nuclebrás também fazem restrições aos acordos de tecnologia alemã que o Brasil pretende obter. O General Dirceu Coutinho, por exemplo, ao deixar a superintendência da Nuclen, denunciou o fato de o Brasil ter adotado o processo do jatocentrífugo, quando a opção seria a da ultracentrifugação, ainda que desenvolvendo a tecnologia no Brasil.

Segundo o General, o preço do enriquecimento por jatocentrífugo atingiria mais de 400 dólares por unidade de trabalho, enquanto o preço mundial estava em 100 dólares por unidade de trabalho separativo. O processo denunciado por Coutinho, além de caro, é grande consumidor de energia elétrica.

O Brasil, lembram os cientistas, desenvolvia, através do Instituto de Engenharia Nuclear, o processo de ultracentrifugação. O grupo foi desmantelado, depois do acordo nuclear com a Alemanha. Os cientistas lembram que o Brasil poderia até ter desenvolvido o processo de jatocentrífugo junto com os alemães. O grupo, que também trabalhava com química de plutônio, foi dissolvido, o que fez com que as pesquisas de reatores rápidos desaparecessem.

Há ainda no Governo quem esteja temeroso quanto à transferência de tecnologia. O Secretário de Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas, acha, por exemplo, que a concepção do reator até o circuito primário do trocador de calor, ou seja, a filosofia do projeto — como é freqüentemente chamada — não está aberta à discussão.

Todas as confrontações econômicas e técnicas dessa fase vêm lacradas. Não são necessariamente um segredo, mas estão fora do alcance prático razoável. O que delas transparece são os aspectos exteriores, mais de marketing do que tecnológicos.

Objetivo militar comporta opções

A comunidade científica brasileira acha que, se o Brasil fez o acordo nuclear com a Alemanha para a compra de oito usinas nucleares, visando com isso a transferência de tecnologia para fabricação da bomba atômica, fez a opção errada.

O Brasil, para chegar à bomba, teria dois caminhos: enriquecer urânio a uma percentagem de isótopo 235 muito alta, quase 100%, usando o processo de jatocentrífugo, opção muito difícil, porque o processo, comprado à Alemanha, funciona precariamente no país; e utilizar o plutônio obtido no reprocessamento do combustível queimado, o que seria o processo mais factível, mas ainda não há usina de reprocessamento nem combustível irradiado.

Índia e Argentina

Os cientistas brasileiros também fazem algumas observações quanto à questão da obtenção da bomba atômica. Dizem, por exemplo, que, mesmo quando tiver o combustível irradiado, haverá o problema de salvaguardas, caso esse combustível tenha sido enriquecido fora do Brasil, o que ocorrerá até que o jatocentrífugo funcione.

Pelo acordo entre Furnas e a Westinghouse, o Brasil teria de enriquecer o urânio nos Estados Unidos e mandá-lo para a Alemanha, através da Nuclebrás, onde será feito o elemento combustível.

O professor Luiz Pinguelli Rosa, da UFRJ, acha que o Brasil poderia chegar à bomba mais rapidamente se tivesse adotado a tecnologia do urânio natural, isto é, sem precisar do enriquecimento. Esta opção foi feita pela Argentina e pela Índia, que compraram tecnologia do Canadá. A Índia, inclusive, há cerca de quatro anos, surpreendeu as grandes potências, quando anunciou ao mundo sua primeira experiência com a bomba atômica desenvolvida em seu território.

A experiência indiana sofreu drásticas restrições dos Estados Unidos e provocou rompimento do acordo com o Canadá, país responsável pelo fornecimento de tecnologia à Índia.

Arquivo 19/05/81

O Presidente de Furnas, Licínio Seabra, garante que a usina 1 opera em dezembro

Governo venderá energia mais barata

São Paulo — A estratégia do Governo para a elevação das tarifas de energia elétrica será alterada em 1982. Elas deverão ter seus aumentos em percentuais inferiores aos praticados este ano. É que ficou provado que os aumentos acima da taxa de inflação, ao contrário do que o Governo imaginava, não devolveram a rentabilidade às empresas concessionárias de energia elétrica, pois o consumo apresentou sensível diminuição.

Diante deste quadro, o Governo venderá a energia elétrica a preços mais baratos, em 1982, procurando, desta forma, uma adequação à realidade do mercado. "Vender mais energia, mas a preços inferiores à taxa de inflação, deve ser a solução para que as empresas do setor obtenham maior rentabilidade", afirmou o secretário-geral do Ministério da Fazenda, Carlos Viacava.

Retomada da economia

Ele confirmou que no empréstimo concedido pelo Banco Mundial à Eletrobrás, no valor de 500 milhões de dólares, ficou condicionado na operação que as empresas do setor apresentem, nos próximos anos, uma taxa de retorno superior às registradas. "Assim" — ressaltou — "fica mais evidente que o negócio certo não é vender pouca energia a preço alto e sim o contrário, maior demanda e preços menores".

A visão que o secretário do Ministério da Fazenda tem da atual situação econômica do Brasil não difere muito da de outras autoridades governamentais. Ele também considera que "o país deverá crescer lentamente nos próximos dois anos, pois o maior objetivo agora é vencer os problemas do balanço de pagamentos".

Carlos Viacava afastou a hipótese de um reaquecimento na economia ainda este ano e afirma que, na sua opinião, não houve uma recessão grave no país. Admitiu que persiste o problema na indústria automobilística, mas deixou claro que "é um fato isolado e atinge o mundo inteiro".

Para Viacava, uma coisa precisa ficar clara: "A indústria automobilística nacional permanecerá estagnada por mais três ou quatro anos e só a partir daí é que poderá voltar à produção de 1980. Isso posto, a única saída é a busca de novos mercados no exterior, pois a exportação é, hoje, a alternativa para este e outros setores da economia".

Mas o quadro atual, poderá, conforme o secretário-geral do Ministério da Fazenda, ter seus "pigmentos negros" aliviados com a conclusão de alguns grandes projetos, entre eles, Itaipu, Tucuruí e a Ferrovia do Aço, possibilitando um desafogo no endividamento externo e, portanto, abrindo "um espaço para um crescimento um pouquinho mais forte".

Duas mudanças no Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) estão sendo estudadas e poderão ser aprovadas na próxima reunião do Conselho Fazendário (Confaz), em outubro.

Viacava adiantou que a primeira é um projeto de Emenda Constitucional que visa permitir tributar a importação de bens de capital. "Hoje, quando a empresa importa diretamente e o produto chega ao porto e é levado para o seu destino, esse transporte não caracteriza circulação de mercadorias. Isso está sendo analisado e o objetivo é que o transporte seja caracterizado como circulação de mercadorias. Além de gerar recursos, essa mudança permitiria proteger a balança comercial e também a indústria nacional".

A outra alteração, segundo Viacava, seria tributar, pelo menos alguma coisa, nos projetos de interesse nacional. "Nesses projetos, existe um certo exagero, e estamos estudando um corte. Há opiniões divergentes dentro do próprio Confaz, mas na verdade esse corte tornará mais difícil a vida das estatais, fato que o Governo vê com bons olhos".

Custos são a grande controvérsia

Hexafluoreto de urânio enriquecido
Usina de enriquecimento
Hexafluoreto de urânio natural UF6
Usina de converção a UF6
Mineração e concentração de mineração de urânio
Pesquisa de urânio
Prospecção de urânio
Tratamento de rejeitos
Reprocessamento dos combustíveis irradiados
Projeto e construção
Fábrica de componentes pesados
Fábrica de elemento combustível
Central Nuclear

O presidente da Nuclebrás, Embaixador Paulo Nogueira Batista, em depoimento na CPI do Senado Federal sobre o Acordo Nuclear, se propôs a "tentar corrigir a tendência perversa do debate". Suas alegações sempre começaram — como em entrevista em março de 1980 — refutando as críticas ao custo do quilowatt instalado nas usinas de Angra dos Reis.

Na entrevista, o presidente da Nuclebrás disse que o custo seria de 1 mil 570 dólares. Por seus números, a usina 2 estaria orçada em Cr$ 80 bilhões 430 milhões (1 bilhão 915 milhões de dólares) na cotação média da moeda norte-americana em 1980, Cr$ 53,60. Esses números foram considerados irreais por Furnas e pelo diretor de planejamento da Itaipu Binacional, engenheiro John Cotrin, que em depoimento na CPI nuclear estimou o custo em mais de 3 mil dólares.

Furnas, responsável até então pela construção das unidades nucleares, dizia que o preço do quilowatt instalado, já computado, estava em 2 mil 600 dólares, incluindo os custos financeiros (juros e reajustes durante a construção da usina 2).

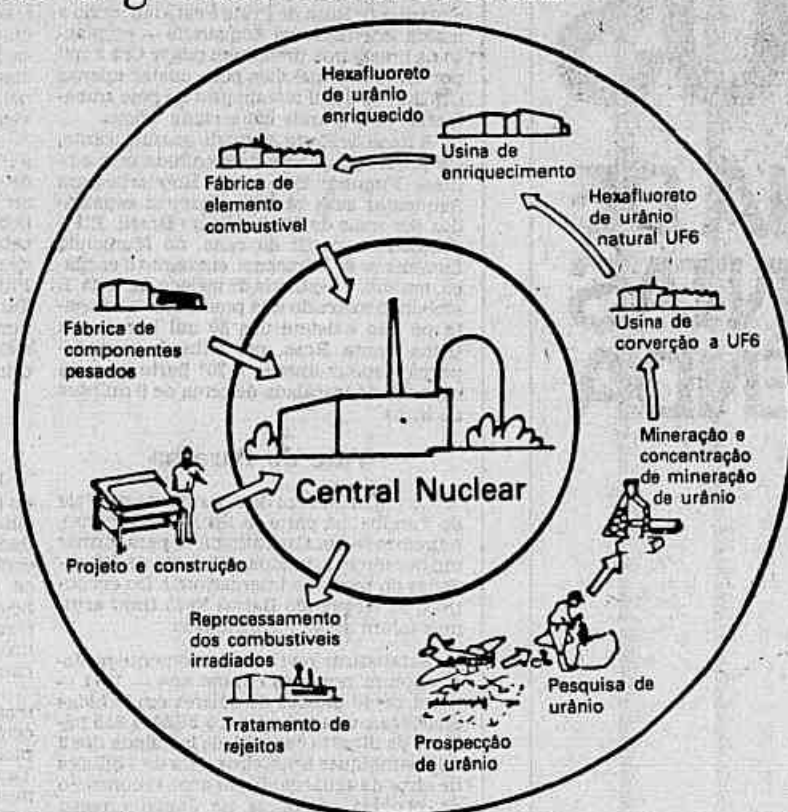
Assim, a segunda usina nuclear brasileira — que ainda não saiu das fundações em Angra dos Reis — tinha um custo avaliado, em 1980, em Cr$ 133 bilhões 224 milhões (3 bilhões 172 milhões de dólares). Seu preço isoladamente era de Cr$ 98 bilhões 500 milhões, mas Furnas acrescentava a esse total o pagamento pelo serviço da dívida, avaliado em Cr$ 35 bilhões 500 milhões (846 milhões de dólares). Nessa soma, Furnas também incluía os Cr$ 14 bilhões 500 milhões (326 milhões de dólares) adicionais aos custos da usina, provocados pelo atraso de dois anos nas obras.

Sempre que questionado sobre o preço da usina, o Sr Paulo Nogueira Batista omite seu custo indireto. No primeiro depoimento à CPI, a 13 de outubro de 1978, disse, entre outras coisas, que "o investimento total do Programa Nuclear Brasileiro — 13 bilhões de dólares em usinas geradoras de eletricidade e 2 bilhões nas instalações do ciclo do combustível, moedas de 1978, repito — está, por outro lado, perfeitamente ao alcance da forma econômico-financeira do país".

Os argumentos político-econômicos nenhuma vez foram questionados — e até foram subestimados — pelo Sr Batista para justificar a compra das usinas nucleares alemãs. Ele não analisou, por exemplo, a fragilidade do cruzeiro diante do dólar, e o prenúncio de uma recessão econômica. E assim é que, não passaram dois anos depois do seu pronunciamento e os preços das usinas, se compradas, custariam ao Brasil Cr$ 1 trilhão 185 bilhões. Ou seja: 26 bilhões de dólares, com a cotação, em maio do ano passado, a Cr$ 45 — quase a metade da dívida externa brasileira e um quarto dos investimentos da Eletrobrás, **holding** do sistema elétrico brasileiro, para os próximos 10 anos.

O entusiasmo do embaixador Paulo Nogueira Batista e sua estreita ligação com os alemães vem desde 1975, quando chefiava o Departamento Econômico do Itamarati. Nesta posição, segundo confessa, esteve envolvido com as negociações "desde o primeiro instante", até se tornar presidente da Nuclebrás.

Das suas previsões — a conclusão da primeira usina nuclear, comprada aos alemães, para 1982 — nada se concretizou. Esta unidade, em Angra dos Reis, já sofre um atraso de três anos. Os problemas com as obras custaram a Furnas, antes responsável pela construção das três usinas nucleares (uma delas comprada à Westinghouse, só agora com previsão de prazo para operar), Cr$ 14 bilhões 500 milhões.

Este atraso foi provocado pela Nuclen, subsidiária da Nuclebrás, e sua parceira alemã, a KWU. As empresas erraram nos cálculos sísmicos da área para a instalação da unidade 2, o que provocou um reforço de mais 88 estacas, além das 202 existentes. Furnas, em 1979, admitiria processar a Nuclen, responsabilizando-a pelo prejuízo, mas foi impedida pelo então presidente da Eletrobrás, Maurício Schulman.

Ainda em sua defesa do acordo nuclear brasileiro, o Embaixador Paulo Nogueira Batista alegava, por exemplo, que o país caminhava para um caos energético, depois que os países da OPEP resolveram cobrar mais pelo barril de petróleo.

O Embaixador dizia, também, que em 1980 a situação energética do Brasil — na falta de alternativa — seria de calamidade. Acontece, que os primeiros sintomas da crise econômica do país afloraram de tal forma no setor de energia elétrica que o Governo pretende reduzir as tarifas de energia na indústria pela metade para aumentar o consumo, atualmente menor 50% em relação ao ano passado e às previsões deste ano.

O Sr Batista acreditava que, no final desta década, "as necessidades globais de eletricidade do país, como um todo, excederão substancialmente, na última década do século, o potencial hídrico, mesmo que o total de 150 megawtts seja completamente utilizável". Mas, ao assumir a presidência da Eletrobrás em 1979, o Sr Maurício Schulman divulgou um novo estudo sobre as bacias hídricas inventariadas. Nele consta que a potencialidade hídrica do país saiu dos 120 mil megawatts avaliados em 1967 para 209 mil. E dois meses depois, em março de 1979, outro relatório feito por técnicos da empresa aumentava esse número para 213 mil megawtts, com o inventário da Bacia do Xingu, do trecho nacional do Rio Paraguai, e da revisão do Rio Uruguai.

Esta é uma das razões pela qual os técnicos defendem a desaceleração da construção das usinas nucleares. Mas o embaixador Paulo Nogueira Batista rebate as críticas. Segundo ele, "na realidade, os novos números não alteram os dados básicos do problema. O aumento do potencial hídrico verificou-se fundamentalmente na Bacia Amazônica e, em termos de recursos estimados, não representa por tanto aumento da disponibilidade a curto prazo".

— Permanece sem modificações maiores o panorama da região Sudeste, que representa 70% do consumo brasileiro de eletricidade e onde o potencial disponível estará esgotado antes do fim da presente década, segundo último relatório da Eletrobrás.

O Ministro das Minas e Energia, César Cals, admite que apenas 13 mil megawatts, dos 213 mil do país, estão à margem esquerda do Amazonas e são atualmente inviáveis economicamente. Acha, porém, que 70% do potencial hídrico brasileiro, a exemplo do que ocorre em outros países, serão aproveitados. Isso representa o aproveitamento de cerca de 150 mil megawatts. No momento, o país só aproveitou 30 megawatts.

Além disso, segundo técnicos da Eletrobrás, houve uma reversão das perspectivas. O país iniciou esta década, pelo menos são esses os números atuais da Eletrobrás, com um crescimento do consumo, que chegará até o final deste ano a 5%, ao contrário dos 10% previstos.

— O que a Nuclebrás sustenta é que as usinas nucleoelétricas, mais caras agora que as hidrelétricas em construção, já poderão ser competitivas com as usinas hidrelétricas ainda a serem iniciadas para entrada em operação no final desta década e no princípio da década de 90 — contra-argumenta o Sr Nogueira Batista.

— Apenas, a curto prazo, até 1990, o programa nuclear significará um pequeno adicional líquido. A partir de 1991, como a tendência do custo das hidrelétricas, em virtude principalmente do fator distância, quanto mais usinas nucleares forem construídas, menor será o investimento global em geração de eletricidade — acrescenta.

Ele acha, ainda, que "tamanha é a paixão de alguns opositores, que já se chegou, até mesmo no plenário da Câmara dos Deputados, a se dizer que o programa nuclear representaria um dos focos mais importantes da inflação e de sobrecarga da dívida externa. A esse propósito, bastaria lembrar que o investimento no Programa Nuclear Brasileiro em 1981 representa somente 1% do dispêndio global das empresas estatais, e que a dívida externa contraída pela Nuclebrás não chega a 1% do total do endividamento brasileiro em moeda estrangeira".

Alguns analistas dizem não estar surpreendidos com esses números, até porque o agente financeiro dos empréstimos externos e internos para investimentos nas nucleares até o ano passado foi a Eletrobrás, cuja dívida externa total hoje chega à casa dos 9 bilhões de dólares. Também não se alarmaram com os dispêndios de 1%, porque mesmo que tivesse recursos disponíveis, a Nuclebrás não teria onde aplicar, porque as usinas de Angra dos Reis ainda não saíram nem das fundações e Furnas teve de renegociar a compra dos equipamentos — pagando inclusive juros altos — porque a usina está com um atraso de quase quatro anos do seu cronograma inicial. Eles acham que ela se tornará altamente inflacionária no momento em que o próprio Governo começar a bancar sua construção e a compra de equipamentos, o que deverá ocorrer este ano, com recursos do Tesouro Nacional.

Um gigante com 7 subsidiárias

As Empresas Nucleares Brasileiras S/A — Nuclebrás, em operação desde dezembro de 1974, têm atualmente 5 mil empregados em sete subsidiárias. A Eletrobrás, **holding** do sistema energético do país, criada a 11 de junho de 1962, tem 2 mil 16 empregados, segundo estatísticas de 1980.

A Eletrobrás, para administrar todo o sistema brasileiro de eletricidade, tem apenas quatro subsidiárias: Eletronorte, Chesf, Furnas e Eletrosul. Esta empresa, responsável pelo planejamento do sistema elétrico do país, teve um orçamento, para investimento ano passado, de Cr$ 227 bilhões 100 milhões.

As subsidiárias

Nos últimos cinco anos, a Nuclebrás criou sete subsidiárias para administrar o Programa Nuclear Brasileiro. A mais recente, a Nucon, foi criada em dezembro do ano passado. Sua função, pelo estatuto de 4 de outubro de 1980, é a "de administração e gerenciamento da construção e montagem de usinas nucleoelétricas e do suprimento de equipamentos para elas" (participação da Nuclebrás é de 100%).

A Nuclemon — Nuclebrás de Monazita e Associados Ltda. é responsável pela produção de ilmenita, zircônio, rutilo, terras raras e monazita; e, como subprodutos da industrialização, urânio e tório. A Nuclen — Nuclebrás Engenharia S/A foi criada para os trabalhos de serviços de engenharia para o projeto básico, construção, montagem e comissionamento de usinas nucleoelétricas no Brasil. (participação: Nuclebrás, 75% do capital; KWU, 25%).

A Nuclei — Nuclebrás Enriquecimento Isótipo S/A — foi criada para projetar, desenvolver, fabricar e vender componentes pesados para usinas nucleoelétricas e outros projetos para geração de energia (Nuclebrás, 75% do capital; Steag, 15%; Interatom, 10%).

A Nuclep — Nuclebrás Equipamentos Pesados S/A — é a responsável por projeto, desenvolvimento, fabricação e venda de componentes pesados para usinas nucleoelétricas e outros projetos para geração de energia (Nuclebrás, 75% do capital; KWU, 8 1/3%; Voest, 8 1/3%; GHH, 8 1/3%). Esta fábrica custou ao país 400 milhões de dólares e, pelo estatuto, admite a participação de empresas privadas brasileiras, o que não ocorreu até hoje. A Nuclebrás acha que, nos próximos 10 anos, terá o capital investido de volta.

A Nuclam — Nuclebrás Auxiliar de Mineração S/A — tem a responsabilidade da prospecção, pesquisa e desenvolvimento de lavra de depósitos de urânios; e beneficiamento até a produção de concentrados. A Nuclam, segundo a Nuclebrás, executa cerca de 10% do total do esforço de prospecção e pesquisa de urânio no país; o restante é executado pela Nuclebrás. A Nuclam atua em áreas previamente cedidas pela Nuclebrás (Nuclebrás, 51% do capital; URAN G, 49%).

A Nustep é uma empresa sediada na República Federal da Alemanha com 50% de capital pertencentes à Nuclebrás e 50% à firma alemã Steag. É a detentora da patente do processo de enriquecimento isotópico de urânio pelo **jato centrífugo**. Esta empresa tentará executar os programas de pesquisa e desenvolvimento tecnológico com ele relacionados.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DMF/RJ — DELEGACIA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CPLOC/COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÕES DE OBRAS E CONCURSOS

AVISO DE EDITAL DE TOMADA DE PREÇOS DMF/RJ Nº 03/81/CPLOC

O presidente da CPLOC/Comissão Permanente de Licitações de Obras e Concursos da DMF-RJ leva ao conhecimento das firmas interessadas, que serão recebidos às 15 (quinze) horas do próximo dia 07 (sete) de outubro de 1981, na sala 727 do Edifício-Sede das repartições fazendárias no Estado do Rio de Janeiro, na Av. Presidente Antônio Carlos nº 375, propostas para execução dos serviços referentes à Tomada de Preços DMF-RJ/Nº 03/81/CPLOC (Serviço nº 01/81) relativo à RECUPERAÇÃO DO SISTEMA DE AR CONDICIONADO DA AGÊNCIA DA RECEITA FEDERAL IPANEMA/RJ.

O custo oficial para a corrente obra (exclusive BDI) é de Cr$ 785.868,00 (setecentos oitenta cinco mil oitocentos sessenta oito cruzeiros) e o capital social mínimo exigido para participar é de Cr$ 150.000,00 (cento cincoenta mil cruzeiros) integralizado até 90 (noventa) dias corridos antes desta Tomada de Preços.

Não serão admitidos consórcios e firmas individuais.

Aos interessados, munidos de carimbo da Firma, comprovantes do capital social e do competente registro cadastral (expedido por qualquer órgão da Administração Pública) serão fornecidos, no horário das 13:00 (treze) às 16:00 (dezesseis) horas, no mesmo local, o Edital e demais informações necessárias ao exato conhecimento das obras a serem realizadas e das exigências relativas à presente licitação.

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1981
(as.) GERALDO LUIZ C. CARDOSO DE OLIVEIRA
Presidente da CPLOC

(P

Cachaça supera vinho nas exportações mas cerveja ainda lidera

A aguardente de cana ultrapassou o vinho na exportação, este ano, mas a pauta brasileira de bebidas alcoólicas segue liderada pela cerveja em lata, segundo a Cacex — Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil.

No ano passado o país exportou cerca de 11 milhões de dólares de bebidas alcoólicas, com a cerveja em lata respondendo por 5 milhões 688 mil dólares, seguindo-se-lhes o rum, com 2 milhões 83 mil, vinho, com 1 milhão 715 mil, a aguardente de cana, 711 mil, a vodca, 643 mil, e o uísque, com 48 mil dólares, principalmente.

De janeiro a junho deste ano, entretanto, a aguardente de cana, com exportação de 735 mil dólares — maior do que nos 12 meses do ano passado — saltou para a quarta posição, abaixo da cerveja em lata, com 2 milhões 373 mil dólares, do rum, com 2 milhões 148 mil dólares, e da vodca, com 1 milhão 278 mil dólares. Acima do vinho, com exportação de 235 mil dólares.

Foto Rogério Reis

A pinga Rosa de Prata será exportada com o nome de Acquarella

Uma festa com apenas Cr$ 200

O Brasil vende álcool neutro à indústria de bebidas européia a Cr$ 50 o litro. Um litro de álcool neutro de cana, misturado à água da Escócia, dá dois litros de uísque, vendidos no mínimo a Cr$ 10 mil, nas boas casas noturnas. Para o diretor da Usina Santa Rosa, Reginaldo Barros Neto — ele faz a aguardente Rosa de Prata e está lançando a marca internacional Acquarella — enquanto os brasileiros preferirem pagar Cr$ 2 mil por um porre que lhes pode custar apenas Cr$ 200, os 3 mil alambiques do país trabalharão com grande capacidade ociosa.

A Rosa de Prata, segundo seu fabricante, é a primeira aguardente escolhida pela empresa Frigobar Serviço de Hotelaria para freqüentar suas 28 mil geladeiras espalhadas por mais de 350 hotéis no Brasil. Ela é destilada a partir da cana, no Município fluminense de Miracema, enquanto a cachaça, mesmo, é destilada de melaço de cana. E embora o mercado seja promissor — somente no Rio existem uns 30 mil bares — a Usina Santa Rosa, por falta de matéria-prima, produz apenas a 20ª parte de uma capacidade instalada de cerca de 6 milhões de litros.

Vale do Paraíba

Os exportadores de aguardante do Vale do Paraíba, na parte paulista e fluminense, reuniram-se em Guaratinguetá para formar um consórcio e, unidos, enfrentar as dificuldades do mercado internacional. Do encontro o Sr Reginaldo Barros Neto tirou algumas informações e conclusões:

Estatísticas revelam que somente no Japão foram vendidas em um ano — 1977 — cerca de 40 bilhões de dólares em bebidas alcoólicas, equivalentes a 5 bilhões 855 milhões de litros (a capacidade instalada dos 3 mil alambiques brasileiros seria de 2 bilhões de litros de aguardente por ano). O consumo de bebidas alcoólicas no Japão cresceu 400% desde o fim da II Guerra Mundial, e neste mesmo ano, 1977, somente em coquetéis promovidos por empresas os japoneses gastaram 7 milhões 600 mil dólares — mais do que o orçamento de defesa do Japão. E em Tóquio funcionam 80 mil bares.

Um litro de álcool neutro vale meio dólar no mercado internacional; um litro de aguardente pode chegar a cinco dólares. O Governo deveria incentivar a exportação do produto industrializado, em lugar da matéria-prima, induzindo os grandes distribuidores mundiais de bebidas a comprar aguardente para garantir quotas de álcool. Cada milhão de litros de aguardente engarrafado dá emprego a 30 pessoas no alambique e 200 pessoas na lavoura de cana.

A Interbrás, a **trading company** da Petrobrás, pode apoiar o esforço de exportação de aguardente, como vem fazendo nos EUA, Alemanha, Bélgica e Bulgária, onde colocou a Rosa de Prata; e a Cobec, a **trading company** do Banco do Brasil deve entrar com suas instalações portuárias ociosas, como em Havre, de forma a permitir associações com engarrafadores tradicionais da Europa, interessados em **joint-venture**.

— No mercado externo é preciso manter a regularidade do fornecimento, a quantidade e a qualidade do produto. E um ponto a ser explorado é que a aguardente é a única bebida destilada fermentada que conserva o sabor da matéria-prima, a cana. As marcas de maior produção no país são a Tatuzinho, Pitu, Praianinha, Ipyoca e Serra Grande. Também empresas multinacionais entraram na aguardente, e a Seagrans engarrafa a São Francisco, e a Martini, a Samba — diz o industrial Reginaldo Barros Neto.

Qualidade

Ele acha que antes de crescer no mercado externo a aguardente deve conquistar o Brasil. E para isso precisa melhorar a qualidade, atingindo o padrão internacional. A cachaça de má qualidade — afirma — provoca cirrose, leva o alcoólatra à perda de neurônios, ao embotamento, pois coloca no sangue de quem a bebe partículas acima dos limites toleráveis pelo organismo humano.

— O preço da aguardente está liberado, mas sobe menos do que a inflação, pois os consumidores de maior poder aquisitivo preferem produtos de rótulos estrangeiros. Também no sentido de conquistá-los devemos conscientizar os donos de supermercados, os atacadistas, os donos de bares da necessidade de preservar a saúde do nosso povo, oferecendo aguardente de melhor qualidade. E fortalecer o produtor nacional interessado em elevar a sua marca.

O Sr Reginaldo Barros Neto considera muito importante, nesse sentido, as normas técnicas destinadas a estimular a produção de aguardente de qualidade, em uso pelo Banco do Brasil na concessão de financiamento e aguardenteiros. Entre as exigências está a de que as unidades produtoras tenham escala econômica para, no mínimo, 5 mil litros por dia, e as lavouras de abastecimento estejam situadas a distâncias razoáveis.

Brasileiro bebe mais aguardente

São Paulo — Os brasileiros beberam no ano passado 1 bilhão e 500 milhões de litros de cachaça — um consumo **per capita** de 12,5 litros. O setor movimentou aproximadamente Cr$ 120 milhões, metade dos quais foi para os cofres públicos através do recolhimento de impostos.

Essas estimativas foram feitas pelo gerente geral de vendas da Tatuzinho-3 Fazendas, Vicente de Tommaso, com base no preço da bebida e no volume de produção conhecidos — 1 bilhão de litros. Os restantes 500 milhões de litros são atribuídos à produção dos pequenos alambiques. Ele calcula também que no Brasil tenham existido 10 mil marcas de **pinga**, mas agora, ativas, deve haver apenas 1 mil e 500.

O mercado de cachaça surpreendeu os especialistas ao apresentar um crescimento atípico este ano. No final de 1980, a exemplo de todo setor de bebidas, os fabricantes de cachaça previam um ano duro para 1981, com crescimento zero. A crise econômica começava a atingir contornos mais firmes e a fila dos desempregados engrossava.

Contrariando as expectativas, as vendas de cachaça deram um salto. O crescimento este ano ficará em 10%, uma taxa não obtida nem em tempos áureos, quando ficava nos 5%.

A explicação para o fenômeno passa pela política salarial e pelas características da crise de emprego. O Sr Tommaso acredita que o desemprego não tenha assombrado aqueles que ganham até três salários mínimos. São as classes D e C os maiores consumidores da cachaça, exatamente as mais beneficiadas pela política salarial.

Essas pessoas teriam sofrido uma decepção com outras bebidas. Animadas com a possibilidade de adquirir novos símbolos de **status**, elas abandonaram, com a política salarial, a **pinga** para consumir vodca ou uísque. Foi quando o CIP resolveu liberar os preços das bebidas. Da cachaça jamais esteve sob a vigilância do órgão e por isso pode acompanhar de perto a evolução dos custos de produção. Os demais segmentos operaram durante o controle do CIP no vermelho e, livres deste controle procuraram recuperar a rentabilidade.

A diferença entre os preços de uma cachaça boa e uma vodca popular de cachaça acabou voltando ao antigo hábito. "Nos supermercados, se vendíamos três litros, passamos a vender 12", conta Tommaso. Um salto de tal ordem que chegou a surpreender a direção da empresa. "Ou estávamos trabalhando mal ou alguma coisa tinha acontecido. Fizemos uma pesquisa e vimos que a mesma coisa aconteceu com outras marcas".

Nos bares também a cachaça deslocou outras preferências. Quando o cafezinho custava Cr$ 3, a **pinga** estava em Cr$ 12 e a cerveja em Cr$ 20. Com a extinção do controle CIP, o café pulou para Cr$ 12, em São Paulo, a cerveja para Cr$ 70 e a **pinga** subiu, nos últimos seis meses, para Cr$ 15.

Ao contrário do que acontece na moda, que deve ser lançada no topo das classes sociais para atingir os patamares inferiores, a cachaça está sofrendo o processo inverso. Divulgada pelas classes mais baixas, começa a freqüentar a mesa da classe média. "É evidente que dificilmente você a encontrará na mesa de um banqueiro", diz Tommazo

Se no mercado interno a **pinga** galga degraus mais altos, no **front** externo a situação parece diversa. Não há estimativa segura sobre as exportações. A Tatuzinho 3 Fazendas tem procurado manter uma venda regular. Para tanto trabalha junto a uma **trading company** e encaixou um departamento de exportação na sua estrutura organizacional. As vendas sistemáticas são apenas para os países fronteiriços, como Uruguai, Paraguai e Bolívia. O Sr Tommaso estima, inclusive, que os paraguaios, pela própria influência brasileira na região, venham a ser, dentro de cinco anos, grandes consumidores de **pinga**.

O gerente de Tatuzinho-3 Fazendas reclama do Itamarati.

O Governo, através do Itamarati, incentivou. Fizemos a Tropicana e, iludidos com toda a conversa, chegamos aos Estados Unidos. Chegamos lá e a cachaça não existe.

De qualquer forma, diz, a Tatuzinho-3 Fazendas, com a marca Velho Barreiro, coloca no exterior 60 mil caixas de **pinga** por ano, o que representa um faturamento de 400 mil dólares.

MINISTÉRIO DA FAZENDA
ESAF
Escola de Administração Fazendária
Coordenadoria de Recrutamento e Seleção

CONTROLADOR DA ARRECADAÇÃO FEDERAL
CONCURSO PÚBLICO
COMUNICADO ESAF/CRS/Nº 13/81

O Diretor-Geral da ESAF comunica que a relação dos candidatos aprovados no Concurso para Controlador da Arrecadação Federal, foi publicada no D.O.U. do dia 16/09/81 (Edital DASP/ESAF/MF/Nº 22/81). Os interessados, além do D.O.U., poderão dirigir-se aos NESAFs, onde se encontram listagens contendo os resultados gerais dos candidatos de suas respectivas jurisdições. Comunica, ainda, que será dada vista das provas de Conhecimentos Especiais (2ª Prova) e Conhecimentos Conexos (3ª Prova), no dia 23/09/81, no expediente das 8: 00 às 12: 00 h e das 14: 00 às 18: 00 h, no NESAF Brasília - DF., localizado no Setor de Autarquias Sul, Edifício do Ministério da Fazenda, Órgãos Regionais, 10º andar.

Brasília - DF., em 14/09/81
ROBERTO BARBOSA DE CASTRO
Diretor-Geral

Brasil teve maior avanço do mundo na área agrícola

São Paulo — O Brasil foi o país que apresentou maiores avanços na área agrícola e de produção de alimentos no mundo, segundo estudo do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, no período de 1975 a 1980. No ano passado, sua produção de alimentos apresentou uma evolução de 66%, e a produção **per capita** de alimentos de 26%, ultrapassando países do Leste europeu, da América Latina, África e Estados Unidos.

O estudo do Departamento de Agricultura norte-americano está sendo divulgado no Livro do Ano, da Enciclopédia Britânica que já circula no país. O mesmo Livro do Ano analisa a situação econômica do Leste europeu e África em relação à produção de alimentos e em especial à decisão dos Estados Unidos no último ano de fazer um bloqueio na venda de grãos para a Rússia em decorrência da invasão do Afeganistão.

SURPRESA

Setores agrícolas e governamentais consultados a respeito do levantamento do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos mostraram-se surpresos. O estudo agora divulgado, de forma completa, foi feito pela rede de informações do Departamento de Agricultura norte-americana, formado por computadores, satélites e técnicos altamente especializados.

A evolução do Brasil no campo agrícola, segundo o levantamento, começou a partir de 1975, com um acréscimo de 27%. O Irã, na ocasião, crescia a 42%, o único país que ultrapassava o Brasil; em 1976, o Brasil repetia os 27% de evolução, empatando com os países da Ásia; em 1977, o Brasil chegava a 38% de evolução, superando os asiáticos; em 1978, a evolução chegava a 36%; em 1979, 44%; e, em 1980, 56%, não sendo superado por nenhum país.

O estudo do Departamento de Agricultura norte-americano foi dividido em duas áreas: a dos países desenvolvidos, que apresenta Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão, Oceania e África do Sul. A outra parte diz respeito às nações menos desenvolvidas e cita: Ásia, Indonésia, Filipinas, Coréia do Sul, Tailândia, Bangladesh, Índia, Paquistão, Irã, Turquia, Egito, Etiópia, Nigéria, México, Argentina e Brasil.

Na produção de alimentos, a evolução do Brasil a partir de 1975, foi a seguinte: 75, 29%; 76, 42%, 77,48%; 78, 43%; 79, 50%., e 80, 66%. Em 1980, o Brasil foi líder do mercado na produção de alimentos. A Rússia cresceu 15%; os Estados Unidos e Canadá, 17% cada um.

A produção de alimentos **per capita** também apresentou a maior evolução entre as nações analisadas pelo Departamento de Agricultura norte-americano, alcançando 26% de crescimento, contra 5% da Rússia; 8% dos Estados Unidos e 3% do Canadá.

Em 1975, o Brasil apresentou um crescimento de 12%; na produção **per capita** de alimentos; em 1976, 21%, em 77, 22%; mas em 1978, caiu para 15%; em 79, se elevou para 17%; e em 1980, chegou aos 26%, índice máximo e a maior evolução no setor em todo o mundo.

O estudo do Departamento de Agricultura norte-americano excluiu a China, e a época base para análise é 1969—71 igual a 100%.

PRODUÇÃO TOTAL DE ALIMENTOS

Região ou país	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Países desenvolvidos	109	109	118	117	119	117
Estados Unidos	110	113	117	119	125	117
Canadá	106	117	119	122	120	118
Europa Ocidental	109	107	109	116	117	122
Japão	104	100	109	109	110	103
Oceania	117	122	119	130	121	111
África do Sul	113	116	124	127	124	127
Países menos desenvolvidos	116	119	123	127	126	129
Ásia Oriental	122	129	133	109	142	141
Indonésia	120	122	125	133	135	142
Filipinas	125	132	134	137	137	143
Coreia do Sul	128	145	157	163	171	147
Tailandia	123	145	157	163	171	147
Sul da Ásia	113	111	120	124	118	122
Bangladesh	114	105	116	116	111	129
Índia	113	111	120	125	117	121
Paquistão	106	116	126	123	133	141
Ásia Ocidental	125	137	136	143	139	145
Irã	145	158	155	165	153	140
Turquia	119	126	127	132	129	138
África	108	110	108	110	111	113
Egipto	115	117	116	119	121	123
Etiópia	76	73	69	63	68	64
Nigéria	108	110	110	112	113	115
America Latina	120	126	130	135	138	142
México	126	122	125	133	130	140
Argentina	109	120	122	137	142	128
Brasil	129	142	148	143	150	166

PRODUÇÃO DE ALIMENTOS PER CAPITA

Região ou país	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Países desenvolvidos	101	104	107	110	111	108
Estados Unidos	106	107	111	112	116	108
Canadá	99	108	108	109	106	103
Europa Ocidental	105	103	105	111	113	117
Japão	87	92	100	99	99	92
Oceania	108	109	106	115	105	96
África do Sul	99	99	104	104	99	99
Países menos desenvolvidos	103	103	104	105	102	101
Ásia Oriental	108	113	114	116	116	113
Indonésia	107	107	107	112	111	115
Filipinas	110	113	112	112	109	111
Coréia do Sul	117	130	139	142	147	124
Tailândia	107	108	102	117	105	111
Ásia do Sul	101	97	103	104	97	98
Bangladesh	101	91	97	95	88	100
Índia	102	98	104	106	98	99
Paquistão	91	97	102	97	101	105
Ásia Ocidental	109	117	112	115	109	110
Irã	127	135	129	133	120	106
Turquia	105	109	108	109	104	108
África	94	93	88	88	86	85
Egito	103	102	99	99	99	97
Etiópia	67	62	57	52	54	50
Nigéria	93	92	89	88	86	85
América Latina	105	107	107	108	109	109
México	106	99	98	101	95	99
Argentina	102	111	111	123	126	111
Brasil	112	121	122	115	117	126

OIC admite acordo até terça-feira

Araújo Netto

Londres — No fim da tarde de ontem, nesta Capital, descontraídos e até bem-humorados, delegados de países produtores e consumidores de café admitiam que está muito próximo um acordo bastante razoável sobre o rateio de cotas e a fixação de novos preços. Todos concordando com o encerramento provável da conferência da OIC na próxima terça-feira.

As boas perspectivas surgiram depois de duas longas reuniões, uma na sede da OIC, outra num grande hotel da cidade. A primeira, uma nova reunião do grupo de contatos. A segunda, entre os chefes das delegações dos três maiores produtores: Brasil, Colômbia e Costa do Marfim.

Embora insistisse em considerar os numeros mencionados e discutidos ontem "ainda estratosféricos", o presidente do IBC, Octávio Rainho, reconheceu que eles foram mais razoáveis do que se esperava. Bem abaixo daquilo que se vinha atribuindo como pretendido pela Costa do Marfim e pela Colômbia — 6 milhões e 9 milhões de sacas, respectivamente.

Banqueiros se opõem ao reescalonamento da dívida do Brasil

Armando Ourique

Washington — Os banqueiros internacionais estão dispostos a "reestruturar" e dilatar o prazo de vencimento dos empréstimos brasileiros em operações de **roll-over**, mas se opõem ao reescalonamento da dívida, decisão essa que se fosse tomada traria "conseqüências muito graves", afirmou anteontem o chefe do Departamento de Economia Internacional do Bankers Trust, Lawrence Brainard.

As taxas de juros de empréstimos em dólar deverão permanecer elevadas nos próximos anos, criando assim uma pressão adicional sobre o balanço de pagamentos e sobre a dívida brasileira. Os banqueiros estão conscientes disso. Eles acham que o Brasil deve prosseguir em seu empenho de reajustar a economia, buscando melhorar a balança comercial e reduzir a inflação. Diante desse curso, acrescentou o Sr Brainard, os banqueiros continuarão a atender as necessidades de crédito externo brasileiro.

INCÓGNITA

Com as altas taxas de juros, a dívida externa nos próximos anos crescerá em percentuais superiores ao aumento das exportações. Por isso, os banqueiros estão dispostos a realizar operações de **roll-over** e "reestruturar" o vencimento dos empréstimos brasileiros. Dessa forma, disse, "ô onus da dívida" seria postergado "por decisão voluntária pela parte dos banqueiros". Eles assim adiariam o vencimento dos empréstimos e concederiam novos financiamentos para o Brasil ter condições de pagar o serviço da dívida, isto é, os juros.

O Sr Brainard disse que esse **roll-over**, ou "reestruturação", dos empréstimos "terá o mesmo efeito de um reescalonamento" da dívida. O economista do Bankers Trust afirmou que as autoridades financeiras brasileiras "estão fazendo o que é preciso" para melhorar a situação econômica do Brasil. Os banqueiros, no ano passado, vinham criticando com veemência a política de expansão econômica do Governo e para mudar aquela política econômica recomendaram diversas vezes que o Brasil recorresse ao FMI. Eles, entretanto, mudaram de atitude desde que, no fim do ano, foi adotada uma política econômica de austeridade.

O Sr Brainard disse que reconhecia as dificuldades e aflições que estão sendo causadas por essa política econômica, que produz queda no crescimento econômico e aumenta o desemprego. Ele afirmou ainda que tanto no Brasil como nos Estados Unidos, que também enfrentam suas dificuldades, permanece uma incógnita quando os resultados positivos desse período de austeridade começarão a aparecer. O Brasil entretando deve insistir no reajustamento econômico porque "o preço de negligenciar (essa necessidade) seria muito maior". Nesse sentido, ele se referiu ao caso polonês, onde disse que está ocorrendo uma queda muito acentuada no padrão de vida pelo fato de o Governo não ter adotado medidas de ajustamento em tempo.

Se houvesse no Brasil uma "mudança de política" que se despreocupasse com a balança comercial e a inflação para favorecer um crescimento econômico acentuado, o Sr Grainard afirmou que os banqueiros "voltariam a se preocupar" com o Brasil e novamente ficariam relutantes em expandir o crédito ao país.

Uma decisão brasileira de convocar os banqueiros para reescalonar a dívida seria, entretanto, segundo o Sr Brainard, um acontecimento que criaria "grande preocupação" na comunidade financeira. O reescalonamento implicaria adiar o vencimento de toda a dívida brasileira. O Sr Brainard disse que isso "mataria a galinha dos ovos de ouro", no sentido de que o Brasil perderia o acesso a empréstimos futuros da comunidade financeira. Ele disse que "sabia que existe alguma discussão" sobre a alternativa de reescalonamento no Brasil. Acrescentou que isso traria "conseqüências muito graves".

Afirmou que a solução brasileira deve ser fazer uso mais eficiente de seus empréstimos externos, aumentar as exportações e estimular atividades produtivas intensivas em mão-de-obra como a agricultura. Destacou a necessidade de se induzir o aumento de produtividade sobre as atividades financiadas com recursos externos.

Disse que espera que as taxas de juros nos Estados Unidos permanecerão altas nos próximos cinco anos. Na sua opinião, ocorreu "uma mudança fundamental" no mercado de capitais norte-americano em relação à década passada, que manterá elevado o custo dos empréstimos. Por isso, acrescentou, "a penalidade por um país recorrer a financiamentos externos está sendo maior". Ele acha que as taxas de juros nos Estados Unidos só cairão para em torno de 15% (dos 20% atuais), se a inflação consolidar-se abaixo dos 10%, o que não está certo que acontecerá.

O Sr Brainard afirmou que ainda não havia analisado em detalhe a acumulação de depósitos de cerca de 8 bilhões de dólares no Banco Central do Brasil em empréstimos não utilizados por causa da diferença entre as taxas de juros em cruzeiros (que diminuiu) e em dólares (que continua alta). Ele disse entretanto que, apesar desses depósitos serem onerosos para o Tesouro brasileiro, eles eram úteis por serem equivalentes a um "seguro". Comentou que qualquer seguro tem um custo para quem subscreve uma apólice mas que ao mesmo tempo traz tranqüilidade.

Banco da França muda sua política de intervenção para estabilizar o franco

Paris — O Ministério das Finanças anunciou ontem que o Banco da França (Banco Central) vai alterar sua política de intervenção no mercado financeiro interno, com o objetivo de defender a estabilidade do franco nas transações cambiais e manter inalteradas as taxas de juros.

O comunicado do Ministério das Finanças informou que as pessoas ou entidades que importarem mercadorias para a França não poderão, por um período ainda não definido, cobrir essas aquisições com divisas estrangeiras adquiridas no mercado de câmbio. Não forneceu maiores detalhes.

"As medidas são destinadas a estancar fluxos de capital provocados pela extrema volatilidade dos mercados e pela pressão exercida por taxas de juros muito elevadas, que afetam a estabilidade de nossa moeda", informou o comunicado.

Acrescentou que o Governo francês considera a estabilidade do franco essencial em sua política econômica e exortou o empresariado a fazer um esforço para revitalizar a economia. Estimou que essa meta foi facilitada "pela recente queda do dólar e de outras divisas que usamos para comprar boa parte de nosso suprimento de combustíveis e matérias-primas". As medidas se destinam a restabelecer a confiança no franco — abalado pelo programa econômico do Governo socialista, sobretudo na parte referente às nacionalizações de empresas.

Publicitário renova o compromisso com o desenvolvimento

Salvador — Em documento divulgado no final do Encontro Nacional de Propaganda, realizado semana passada em Salvador, os dirigentes das principais entidades do setor afirmam que o potencial da economia brasileira não permite o pessimismo ou o desânimo quanto ao compromisso histórico que se tem com o desenvolvimento econômico e a prosperidade, "dentro de um indispensável quadro de justiça social".

Os empresários de propaganda reconhecem a necessidade de maior investimento na área para incrementar cada vez mais o padrão de eficiência da atividade publicitária em todos os setores. Entendem que o papel da publicidade não pode ser limitado apenas a servir de apoio no escoamento do produto excedente ou supérfluo. A propaganda, segundo eles, deve ser um fator de agilização de negócios, dinamizando a economia, evitando o desemprego, garantindo salários e gerando novas oportunidades.

Elaborado com a participação dos mais expressivos representantes do setor, a **Declaração de Salvador** é subscrita pela Associação Brasileira de Agências de Propaganda (ABAP), organizadora do encontro, e por várias outras entidades: Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Associação Nacional de Jornais (ANJ), Conselho Nacional de Associações de Propaganda, Associação Paulista de Propaganda, Associação Brasileira de Propaganda (ABP), Central de Outdoor e Central de Rádio. O documento é o seguinte, na íntegra:

Declaração de Salvador recomenda sobriedade

"Reunidos no Encontro Nacional de Propaganda em Salvador, Bahia, de 17 a 19 de setembro de 1981, agências, veículos e os profissionais de propaganda, com o objetivo de discutir o papel da propaganda no atual momento sócio-econômico do país, reafirmam e declaram:

1. É indiscutível que o Brasil passa por um momento difícil. Embora não se trate de uma crise exclusivamente brasileira, os problemas com que nos defrontamos configuram, senão uma recessão, pelo menos um momento de reflexão e sobriedade dentro de um quadro recessivo.

2. Numa sociedade que optou historicamente pelo sistema de economia de mercado, a propaganda tem um papel essencial a desempenhar. Sem ela não pode haver livre concorrência, nem tem o consumidor meios para exercer o seu direito de escolha que constitui a base de funcionamento do próprio sistema.

3. É a propaganda uma das garantias de sobrevivência do próprio sistema democrático como tal, pois não apenas ela assegura a liberdade de escolha econômica no que se refere à crucial atividade de aquisição de bens e serviços que caracterizam o sistema, como também é ela que viabiliza a existência de uma imprensa verdadeiramente livre. Sem desejarmos recorrer a uma figura de retórica, é, entretanto, como se tem evidenciado através da história, a imprensa livre uma das garantias essenciais de continuidade e sobrevivência do sistema democrático.

4. Na expectativa de uma recessão, são, muitas vezes, os próprios empresários que não ousam utilizar o poderoso instrumento da propaganda como fator de agilização de negócios, ou, o que é pior, tomam a iniciativa de limitar ou cortar as suas verbas de propaganda, como se a atividade publicitária servisse apenas para escoar o excedente ou vender o supérfluo.

5. São hoje por demais conhecidos os estudos efetuados sobre os efeitos econômicos da propaganda. Já em 1927, na revista econômica da Universidade de Harvard, a estatística revelava claramente que mais perdiam em participação de mercado as empresas que deixavam de anunciar. Parcelas que não mais se recuperavam nas fases de euforia, quando todos, então, voltavam a anunciar.

6. O potencial da economia brasileira — hoje uma das maiores nações do Globo e um dos mais importantes mercados em todo o mundo de bens e serviços — não permite o pessimismo ou o desânimo quanto ao compromisso histórico que temos com o desenvolvimento econômico e a prosperidade, dentro de um indispensável quadro de justiça social.

7. Neste momento, os profissionais e empresários de propaganda reconhecem a necessidade de investir mais no próprio negócio, para, através de encontros como este, em Salvador, caracterizado por um diálogo franco e produtivo, assim como na melhoria dos recursos humanos e técnicos, incrementarem cada vez mais o padrão de eficiência e a produtividade da atividade publicitária em todos os seus setores.

8. Além disso, deve a publicidade brasileira procurar dar o bom exemplo, baseado no princípio de que "as melhores soluções nascem de um sistema livre, onde as boas idéias são recompensadas". Na nossa atividade, como nas demais, mais do que nunca, a criatividade é necessária — é indispensável.

9. O papel da publicidade não se pode limitar apenas a tentar escoar vastos estoques de bens que o consumidor não pode — ou não quer — adquirir. A publicidade tem um papel importante — único mesmo — na formação e sustentação da própria auto-imagem do povo brasileiro, na confiança em sua própria capacidade e no futuro do país. Dinamizando a economia, ela evita o desemprego, garante salários e gera novas oportunidades.

10. A crise de mercado, ou o ajuste de consumo, nesta perspectiva histórica mais ampla — que é, sem dúvida, otimista — deve levar a um melhor conhecimento da realidade do consumidor brasileiro e a atitudes criativas de comercialização por parte da economia como um todo, mas em particular dos produtores de bens e serviços e, de forma especial, da indústria de comunicação, onde a propaganda se insere como força viva e atuante.

A propaganda brasileira se coloca à disposição das classes produtoras, das empresas e dos órgãos da administração pública — como valioso instrumento que é para enfatizar as iniciativas positivas, para alterar e inverter tendências, se necessário — para que não faltemos ao importante compromisso que temos com o futuro, como grande nação."

Informe Econômico

Mau tempo

Se os agricultores do Paraná, como já anunciam, optarem pela solução americana de plantar mais soja ao invés de milho, por causa da estiagem, muito mau tempo pode prever-se para a economia agrícola do país:

1. O excesso de soja no mercado mundial vai derrubar ainda mais os preços;

2. O milho vai faltar, pois o Paraná sozinho produz 25% do total brasileiro e tem os mais altos índices de produtividade: 2 mil 650 quilos por hectare;

3. Faltando milho (nos Estados Unidos também se prevê uma safra menor) não vai sobrar para exportar. Remember *os acordos de Moscou (500 mil toneladas a partir de 83);*

4. Em decorrência disto, vai sobrar ainda mais soja no mercado interno, pois a capacidade de moagem das fábricas de ração é definida pela quantidade de milho, que participa de 65% a 80% como matéria-prima.

Se Deus é brasileiro, está na hora de livrar dessa cruz a balança comercial do país.

Na "bica"

Segundo fontes da Petrobrás, está praticamente confirmada a vitória das construtoras Andrade Gutierrez e Queiroz Galvão na concorrência para os serviços de perfuração de novos poços de petróleo.

O resultado deve ser homologado nos próximos dias. Cada uma das companhias assinará um contrato de 20 milhões de dólares. Um belo empurrão no atual período de vacas magras.

Conforme a música

Não foi só a captação de recursos externos pelo país que ficou subitamente muito mais difícil a partir de agosto. A obtenção de notícias sobre o fato, também.

Até julho, quando a captação era bastante satisfatória, o diretor da área externa do Banco Central, José Madeira Serrano, se apresentava a informar o volume obtido no mês anterior através dos diversos instrumentos, as taxas de juro e o spread.

Quando a situação engrossou, *várias perguntas ficaram sem resposta e, por isso, ignora-se a causa da súbita redução da tomada de empréstimos tanto pelos bancos — Resolução 63 — como pelas empresas — Lei 4 131.*

■ ■ ■

A captação via esses dois mecanismos, que atingira média superior a 1 bilhão 400 milhões de dólares de janeiro a julho, caiu para 791 milhões em agosto. O volume de empréstimos que os bancos tomaram e foram obrigados a depositar no Banco Central, por não conseguirem repassar às empresas, também permanece sob o mais absoluto sigilo.

Indexação "sui generis"

Com a passagem do metrô a 1 mil 300 pesos e um cafezinho de 3 mil 500 a 6 mil pesos, prefeituras argentinas se viram na contingência de escrever, nas placas de Estacionamento Proibido, que a multa "equivale a 100 litros de gasolina comum".

Pela absoluta impossibilidade de caber na placa o número de zeros necessário para expressar isso em moeda argentina.

Enlatando a crise

Do alto de seu cacife, a Coca Cola já tem a receita para sacudir a crise do mercado: deve antecipar para este ano, ainda, o lançamento da sua embalagem em lata.

Cercado, como não poderia deixar de ser, de grande promoção.

Quem aplaudiu

Do presidente da Abrasca (Associação Brasileira das Empresas Abertas), Vitório Cabral, que representa nada menos de 204 companhias, sobre o recado do Ministro Camilo Pena:

— Quem foi contra o discurso do Ministro tem concepções arcaicas, profundamente desligadas da realidade brasileira de hoje e do futuro. O discurso foi extremamente relevante, pelas sinalizações sobre o futuro e pela abertura e clareza compatíveis com a profundidade desse congresso.

Vitório garante que a maioria dos associados da Abrasca gostou. Mas acabou admitindo o que entende por maioria: uma fatia pequena mas qualitativamente expressiva, em termos de liderança e de posições menos conservadoras.

Pé na tábua

O Grupo Supergasbrás já recebeu da Susep — Superintendência de Seguros Privados, a patente para montar a sua empresa de previdência privada, que estará funcionando até o final do ano.

Da Superprev — Previdência Privada S/A, sabe-se até agora apenas que será uma empresa "bem capitalizada". Afinal, o Grupo Supergasbrás é um dos poucos que, atualmente, ao ser perguntado sobre como vão os negócios, responde "tudo bem, obrigado".

Comércio não arribará

O feeling *das lideranças do comércio é que o setor, em que pese a ligeira reativação das vendas do início do semestre, a aproximação do final do ano e a antecipação da correção do IR na fonte, fechará o ano com desempenho negativo.*

Para igualar a performance *do ano passado, por exemplo, o comércio paulista precisaria vender mais 16% ao mês até dezembro, o que é praticamente impossível.*

Novo processo eleva 200 vezes preço de exportação do quartzo

Belo Horizonte — Maior produtor mundial de quartzo, com 95% do comércio de matéria-prima, o Brasil poderá em breve exportar o quartzo cultivado, por valor 200 vezes maior do que o das lascas que exporta atualmente, cotadas a um dólar o quilo. A Fundação Centro Tecnológico de Minas já desenvolveu a tecnologia de cultivo e existem três empresas, uma delas carioca, interessadas em empregá-la.

Segundo o coordenador do Projeto de Tecnologia Industrial do Quartzo e Materiais Hidrotérmicos, Eustáquio Gomes de Carvalho, nos próximos seis meses o **know-how** estará sendo repassado pelo Cetec às empresas interessadas. O projeto começou a ser desenvolvido em 1977, quando o Cetec era presidido pelo cientista José Israel Vargas, hoje secretário de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, órgão financiador.

O Sr Eustáquio de Carvalho, engenheiro eletricista com especialização na área nuclear, negou-se a revelar o nome da empresa carioca interessada na obtenção do projeto e disse que há outras duas, de Minas e São Paulo, que já manifestaram interesse. Acha que a tecnologia será repassada a uma delas apenas.

Informou que os equipamentos para a produção do quartzo cultivado poderão ser montados em seis meses. Calcula que já em 1983 o Brasil estará exportando o novo produto. Já existe uma empresa produzindo o quartzo cultivado no país, a X-Tal do Brasil, com tecnologia da norte-americana Motoreola, mas em volume — 10 toneladas anuais — consumido no próprio país.

A partir do processo hidrotérmico, que permite a síntese de 100 cristais, no mínimo, entre os quais safira, rubi, sulfeto de cádmio, granadas de terras raras e materiais usados na indústria eletrônica, os técnicos do Cetec conseguiram desenvolver a tecnologia para a produção do quartzo cultivado, investindo na pesquisa Cr$ 8 milhões.

O processo hidrotérmico ocorre em cilindros de alta pressão, denominados autoclaves, onde a temperatura é levada a 400 graus centígrados e a pressão a 2 mil atmosferas. As lascas de quartzo são colocadas na parte inferior do autoclave e 80% do espaço são preenchidos com hidróxido de sódio. A operação encerra-se num prazo de 30 dias e cada autoclave pode produzir até uma tonelada de quartzo cultivado por ano.

O coordenador do Programa de Projetos Especiais do Cetec, Rubem Braga, informou que o projeto está em sua fase final, faltando ainda um estudo sobre o custo total da produção, incluindo a avaliação do consumo de energia elétrica necessário. O custo do autoclave industrial é estimado em Cr$ 1 milhão 200 mil.

Explicou que o quartzo cultivado é largamente utilizado na indústria eletrônica, fundamental para as telecomunicações e necessário à indústria da informática. É usado em rádios, televisores, telefones e computadores.

O físico Rubem Braga entende que a indústria eletrônica brasileira crescerá com a disponibilidade de quartzo cultivado nacional, já que contará com total assistência técnica. O Brasil exporta hoje quartzo em lascas para os Estados Unidos, Rússia, Alemanha e Japão. Possui uma reserva de cerca de 4 milhões de toneladas e atende à demanda internacional, de cerca de 1 mil toneladas por ano.

Brasil cria técnica que valoriza topázio em 200%

São Paulo — Aumentar em quase cinco vezes o quilate de um topázio incolor, que se transforma em azul e assim tem seu valor elevado na mesma proporção. Este é em síntese o processo de indução de cor, por irradiação, em cristais de topázio, desenvolvido pela primeira vez no país em laboratórios do IPEN — Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, de São Paulo.

Após pouco mais de um ano e de uma forma quase inesperada, os técnicos do instituto obtiveram a transformação por irradiação atômica, começando a dominar uma tecnologia conhecida apenas pelos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha Ocidental. O superintendente do IPEN, Hernani Amorim, disse que a aplicação prática da descoberta deverá ter um grande impacto no mercado de gemas semipreciosas, uma vez que o país tem grandes reservas de topázios incolores na região de Teófilo Otoni, em Minas Gerais.

José Carlos Brasil

Antonio C. Castagnet

PESQUISAS

Em 1904, Sir William Crookes constatou que alguns diamantes incolores adquiriam uma tênue coloração verde, após terem sido expostos à radiação de uma fonte intensa de rádio 226. A partir dessa primeira experiência do gênero, foram feitas inúmeras outras tentativas de otimização da irradiação, colocando-se pedras imersas em sais de cloreto ou brometo de rádio, em banhos que duravam vários meses e, na maior parte das vezes, contaminavam quem manipulava o processo.

Posteriormente, com o desenvolvimento da energia atômica, foram adotadas modernas técnicas de irradiação, utilizando-se ciclotrons e outros aceleradores de partículas. Com esses recursos, passaram a ser obtidas cores mais intensas, mas persistia o problema da limitada penetração das partículas responsáveis pela indução de cor. Finalmente, há 30 anos, com a disponibilidade de fontes intensas de radiação gama e de reatores nucleares de pesquisa, abriram-se novas perspectivas de aperfeiçoamento das técnicas de coloração, estendendo-se esse tratamento a outras variedades de gemas, além dos diamantes.

O processo resume-se no bombardeio do diamante com nêutrons (partículas sem carga existente no núcleo da maioria dos átomos), dando uma cor verde à pedra. Esses diamantes podem ter sua cor alterada para amarelo-canário ou amarelo-junquilho, através do aquecimento, sob condições controladas. As pedras anteriormente tratadas com ciclotrons adquiriam apenas uma película verde e não podiam ser relapidadas, enquanto, ao serem processadas em reatores, ganhavam uma coloração verde em toda a massa.

Desde 1957, nos primeiros anos de funcionamento de seu reator, o IPEN ensaiou algumas experiências voltadas para a mudança de cor em minerais, como o quartzo e espodumênio, além de pérolas. Em meados do ano passado, com a notícia espalhada na literatura de que o topázio incolor brasileiro adquiria uma cor azul artificial, quando bombardeado em reatores de pesquisa, o instituto resolveu voltar a pesquisar o assunto.

Tecnicamente, a operação consiste em irradiar as pedras protegidas por um invólucro de ferro, revestido internamente de cádmio. Os neutrons térmicos absorvidos no ferro e no cádmo dão origem a raios gama de captura, com altas energias. E os nêutrons que ultrapassam essa barreira provocam defeitos na rede cristalina, que são convertidos em novos centros de cor, através de processos posteriores de ionização.

Os tempos de irradiação variaram entre 8 e 16 horas e, nos experimentos, cerca de 90% dos topázios adquiriram uma cor azul classificada como "boa" ou "muito boa". Porém, as pedras devem possuir, originalmente, os defeitos e impurezas que as tornem susceptíveis de adquirir cor.

Resultado rápido causa surpresa

Não foi por acaso, pois havia uma pesquisa específica, mas os resultados das pesquisas de indução de cor nas gemas surpreenderam os técnicos do IPEN, pela rapidez com que foram alcançados. Segundo o Sr Antônio Carlos Castagnet, gerente do centro de aplicações de radioisótopos e radiações na engenharia e indústria, daquele instituto, "no momento, somente conseguimos descrever tecnicamente o fenômeno e não cientificamente".

Os testes se concentraram em processar o topázio e o cristal de quartzo, mas este último acabou sendo relegado, devido ao seu baixo valor comercial. O topázio incolor, depois de ganhar a cor, tem o seu número de quilates e, conseqüentemente o valor, quintuplicados ou sextuplicados, dependendo das condições de comércio. Como explica o Sr Castagnet, "pelo fato de o topázio azul ter as mesmas características de uma água-marinha, ele acaba sendo comercializado como água-marinha, já que depois de entregarmos aos clientes perdemos o controle sobre as pedras".

— Normalmente, trabalhamos três dias por semana, purificando cerca de 1 mil 500 quilates. Trabalhamos com o reator durante um turno diário, devido à nossa escassez de urânio enriquecido. Mas, mesmo que tivéssemos combustível à vontade, não poderíamos trabalhar maciçamente com as gemas, pois temos outros serviços mais nobres, como a produção de radioisótopos para fins medicinais e inúmeras pesquisas avançadas — explicam Castagnet.

Empresário japonês ainda faz restrição a Carajás

Brasília — Uma parcela do empresariado japonês — principalmente do setor siderúrgico — está opondo resistências à concessão do financiamento de 500 milhões de dólares ao projeto de minério de ferro de Carajás, mas o Governo brasileiro acredita na superação destas resistências, prevendo mesmo que até o início de 1982 se firme o acordo para o empréstimo.

Segundo integrantes da missão que solicitou o financiamento em Tóquio, no início do mês, chefiada pelo secretário-geral do Ministério do Planejamento, José Flávio Pécora, a raiz do movimento é, sobretudo, política: o Governo japonês não deseja, por uma questão de estratégia política, depender apenas da Austrália como grande fornecedor de minério de ferro ao país, mas as empresas, que no Japão independem do Governo, estão mais preocupadas com a relação endividamento/capital próprio em seus balanços.

PRAZOS E CUSTOS

— Se dependesse exclusivamente do Governo, o acordo para o crédito de 500 milhões de dólares estaria, talvez, até assinado. Algumas empresas, contudo, estão encarando a questão apenas do ponto-de-vista econômico-financeiro: analisam os custos e se perguntam sobre a reação de seus acionistas — relata um dos participantes da missão brasileira que esteve em Tóquio.

Outro integrante da missão revela que um dos principais focos do questionamento à concessão do empréstimo está nas siderúrgicas, que, embora tenham assinado o contrato de compra de 13 milhões de toneladas anuais de ferro de Carajás, foram aconselhadas pela Nippon Steel, segundo comentários que circulavam na Capital japonesa, a não firmarem o acordo de financiamento.

Afora a questão política em si, outro importante fator a pesar na resistência de alguns segmentos empresariais do Japão ao empréstimo é o prazo, que o Governo brasileiro deseja longo, entre 10 e 12 anos, e os japoneses, naturalmente, querem médio.

Como, contrariamente ao que vem sendo noticiado, os 500 milhões de dólares pretendidos não virão somente do Eximbak, mas provavelmente de uma operação sindicalizada, envolvendo não apenas bancos, mas também siderúrgicas e outras empresas com interesse em Carajás, que tomariam empréstimos e os repassariam no pacote dos 500 milhões, a questão dos prazos do financiamento e dos seus custos junto às empresas está no centro das discussões.

— As empresas que vão tomar dinheiro nos bancos para participar da operação estão preocupadas com a relação endividamento/capital próprio nos seus balanços — constatam integrantes da missão que esteve em Tóquio.

QUEIXAS

Outros dois fatores subjacentes à resistência de uma parcela do empresariado japonês à concessão do empréstimo são menos importantes, mas não deixam de ser considerados, dizem os integrantes da missão: a obrigatoriedade do crivo do Legislativo aos recursos a serem colocados na operação pelo Eximbank, que é instituição governamental; e as queixas em relação ao andamento de alguns investimentos japoneses no Brasil.

O Governo brasileiro não vê riscos na aprovação da operação do Eximbank pelo Legislativo, mas não menospreza os cuidados que devem cercar a instituição. Afinal, por uma mera questão protocolar, de natureza diplomática, o Eximbank chegou a se recusar a participar das reuniões que, amanhã e terça-feira, em Paris, analisarão o projeto de minério de ferro, alegando não ter recebido comunicado oficial do Governo brasileiro ou da Companhia Vale do Rio Doce. Desfeito o senão, acabou mudando de posição e sentará à mesa das reuniões, com os financiadores europeus de Carajás.

Dos encontros de Paris, aliás, a partir de amanhã, não devem ser esperadas assinaturas de acordos de empréstimos externos ao Carajás-Ferro: a importância das reuniões, cruciais para o Brasil, está na apresentação de estudo do Banco Mundial declarando ser viável o projeto, com o que se avaliza definitivamente o empreendimento ao capital externo, que deu mostras de boa vontade, acenando, por enquanto, com 600 milhões de dólares.

O segundo fator subjacente ao movimento de questionamento, dentro do empresariado japonês, ao financiamento de 500 milhões de dólares — as queixas ao andamento de investimentos japoneses no Brasil —, está praticamente superado. Mas ainda assim foi lembrado durante a visita do Sr José Flávio Pécora a Tóquio.

As idas e vindas recentes de autoridades e delegações japonesas e brasileiras no eixo Tóquio-Brasília atenuaram o problema, mas ainda há empresários japoneses que tocam na ferida cicatrizada: Usiminas, em que os investimentos do Japão foram prejudicados pela intensificação das minidesvalorizações cambiais, e onde a rentabilidade é baixa, inclusive pelo forte controle de preços que se exerceu no passado sobre o aço; Tubarão, onde houve atrasos, pela parcimônia dos gastos governamentais na liberação da contrapartida dos recursos do Governo brasileiro na infra-estrutura.

Governo quer bancos sócios nos projetos

Brasília — No front interno, o Governo estuda, no momento, uma fórmula para atrair os bancos de investimentos e os bancos comerciais a participarem como sócios nos projetos do Grande Carajás e não apenas como meros financiadores, tendo em vista a conjuntura de escassez de recursos nas empresas privadas nacionais.

A fórmula ainda não amadureceu, segundo o secretário-executivo do Conselho Interministerial do Grande Carajás, Oziel Carneiro, mas está praticamente descartada, por colocar em risco a condução da política monetária, a redução do depósito compulsório dos bancos, atualmente de 35%, como mecanismo para incentivá-los a se associarem nos empreendimentos do Grande Carajás.

O chefe da Assessoria Econômica do Ministério do Planejamento, Akihiro Ikeda, lembra, por sua vez, que a empresa nacional só é viável no Grande Carajás em projetos de média e pequena dimensão, por não exigirem grandes volumes de capital.

A indústria de bens de capital já tem asseguradas, até o final do ano, encomendas de 1 bilhão 200 milhões de dólares só do projeto de minério de ferro e do porto de Itaqui, não se computando, aí, os projetos Albrás/Alunorte e Alcoa/Shell e a hidrelétrica de Tucuruí, em plena construção, os três de elevada demanda de equipamentos.

É perfeitamente viável, portanto, na sua opinião, o programa de encomendas estáveis por três anos ao setor de bens de capital proposto na quarta-feira passada ao Ministro Delfim Neto pelos empresários Luiz Eulálio Vidigal, Cláudio Bardella e Paulo Francini, como fórmula para se recuperar a indústria paulista.

Oziel Carneiro revela que, considerando-se apenas o porto e a infra-estrutura de Barcarena, no Pará, apenas um dos vários distritos industriais a serem implantados no Grande Carajás, indústria de bens de capital e de equipamentos, terá encomendas de Cr$ 16 bilhões 755 milhões ainda neste e no próximo ano.

O porto e a eclusa — cuja licitação estará concluída no final do mês — terão este ano, só do orçamento fiscal, Cr$ 3 bilhões, que passarão a Cr$ 12 bilhões 355 milhões em 1982. As obras de infra-estrutura urbana de Barcarena receberão do Tesouro, até dezembro, Cr$ 550 milhões e, em 1982, mais Cr$ 850 milhões.

Siderurgia enfrenta a redução na demanda

Além de uma queda de 20%, em relação a 1980, esperada na produção deste ano e de uma perspectiva nebulosa de recuperação da demanda no mercado internacional, o setor siderúrgico enfrenta outro obstáculo: a redução no peso dos veículos prevista pela indústria automobilística, que sem dúvida agravará ainda mais a crise da siderurgia.

Este é o principal enfoque do Congresso Latino-Americano de Siderurgia, que tem início hoje na Argentina, onde o vice-presidente da Aços Villares S/A, André Musetti, defenderá a tese de que "não é lícito esperar novas e sensíveis reduções de peso dos veículos, que certamente comprometeriam a segurança do automóvel de passageiros".

— O setor siderúrgico — disse o Sr Musetti — visando à eliminação do desperdício energético e à conservação de materiais, deverá ser mais agressivo em termos de antecipar-se às transformações e de adiantar-se aos problemas do setor automobilístico, a fim de oferecer soluções para alguns dos mais importantes problemas do setor, considerado um dos principais consumidores de seus produtos.

Apesar de o Comitê de Mercado, formado pelo Consider, Instituto de Siderurgia—IBS, Siderbrás e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico—BNDE, ter previsto para este ano uma demanda de aço de 16 milhões 455 mil toneladas, a demanda real até este mês dá indícios de que haverá uma queda de 20% em relação à do ano passado, que atingiu cerca de 14 milhões 700 mil toneladas.

Segundo o Sr André Musetti, nos últimos 10 anos, o setor automobilístico foi responsável por 20% da demanda de aço laminado consumido no Brasil. Para o mesmo período, enquanto o consumo total de aço cresceu 11,4% ao ano, a produção da indústria automobilística registrou um crescimento de 10,8%.

Embora com uma sensível queda de consumo registrada este ano, o setor automobilístico continua o maior responsável pela demanda de aço no país, mas o Comitê de Mercado prevê que este índice de participação deverá cair todos os anos. E, numa projeção bem otimista, espera que em 1985 a participação do setor no consumo global de aço seja de 17,7% e, em 1990, de 15,9%.

Falecimentos

Rio de Janeiro

Lino Neiva de Sá Pereira, 79 anos, de insuficiência respiratória, no Hospital dos Servidores do Estado. Carioca, advogado, casado com Julia Matheus de Sá Pereira, morava na Praia do Flamengo.

Georgette Ivone Goetz, 70, de edema pulmonar, no Hospital do IASERJ. Francesa, solteira, morava em Copacabana.

Cândido da Silva Valente, 76, de hemorragia cerebral, em casa, em Copacabana. Português, comerciante, casado com Ermelinda Valente, deixou duas filhas.

Antônio de Souza Silva Filho, 73, de infarto do miocárdio, em casa, no Catete. Carioca, era militar reformado da Aeronáutica.

Odilon Francisco de Paiva, 45, de insuficiência hepática, no Hospital dos Servidores do Estado. Fluminense, funcionário público, casado com Nely de Almeida Paiva e morava em Duque de Caxias.

Eugênio dos Santos, 75, de parada cardíaca, em casa, no Caju. Português, era carpinteiro, viúvo.

Waldemar Vieira, 65, de parada cardiorrespiratória, em casa, no Irajá. Fluminense, era porteiro, aposentado.

Adolfo Rodrigues Piedade, 68, de insuficiência hepática, no Hospital do Andaraí. Carioca, era pescador, solteiro e morava no Caju.

Maria Isabel Machado Dias Colonna, 75, de infarto do miocárdio, em casa, no Catete. Portuguesa, era divorciada.

Diamantina Libório Alves, 60, de infarto agudo do miocárdio, no Hospital do Andaraí. Carioca, viúva de Manoel Alves, estava aposentada e morava na Piedade.

Joaquim José Ribeiro, 66, de broncopneumonia, no Hospital de Bonsucesso. Mineiro, carpinteiro, casado com Percilina das Neves Ribeiro, morava em Bonsucesso.

Manoel de Souza Paulo, 50, de fratura craniana, na Ilha do Governador. Mineiro, motorista, era casado com Norma Mathias de Souza Paulo.

Universal em Sampaio é roubado

Quatro homens armados de revólveres assaltaram, na tarde de ontem, o Supermercado Universal, na Rua Ana Néri, 2 058, no Sampaio, levando Cr$ 100 mil. Na fuga, um dos ladrões, Moacir Pereira da Silva, 20 anos, não conseguiu entrar no Volkswagen azul, chapa 3360, e foi preso por policiais da 23ª DP, com Cr$ 5 mil.

O assalto ocorreu por volta de 15h, quando os assaltantes renderam o gerente do Supermercado, Sr Luís da Silva, e cerca de 20 clientes. O assalto durou menos de cinco minutos e os ladrões fugiram em direção ao Jacarezinho. Na 23ª DP, Moacir Pereira da Silva contou que foi forçado a participar do assalto, e que não conhece os outros assaltantes.

Seqüestrador mata-se em Campinas

São Paulo — Paulo Manoel de Lima, o seqüestrador do Boeing da Varig, na rota Curitiba—São Paulo, no último dia cinco de setembro, cumpriu o que havia prometido no depoimento no DOPS e suicidou-se ontem em uma casa de saúde de Campinas. Ele estava sendo vigiado e, segundo a polícia, deve ter ocorrido algum descuido.

No seu depoimento no DOPS, Paulo Manoel de Lima, desequilibrado mental, havia prometido que se não fosse para Jerusalém se suicidaria. Ele queria ir para Jerusalém para acabar com seus problemas mentais, principalmente o cabalismo em relação ao número sete. Ele disse que desejava ir a Brasília, durante o seqüestro do Boeing, para se avistar com "João Batista", não especificando se seria o Presidente da República.

A confirmação de sua morte foi dada pelo DOPS em São Paulo, enquanto a casa de saúde procurava evitar fornecer qualquer tipo de informação. Paulo Manoel de Lima tinha 30 anos e nasceu no interior de São Paulo.

Assaltantes assassinam padeiro

Dois homens armados de revólveres — um branco e um moreno — assaltaram na manhã de ontem a Padaria Santa Cruz, na Rua Vianna Drumond, 59, em Vila Isabel, e mataram o proprietário, Francisco Alberto, 51 anos, que tentou reagir.

Os dois assaltantes bebiam cerveja no balcão da padaria, e, por volta de 12h, sacaram as armas e o moreno mandou que todos deitassem no chão e pediu as chaves da caixa registradora e do cofre. O proprietário reagiu, entrou em luta corporal com o moreno, quando o branco, a curta distância, acertou um tiro na cabeça do Sr Francisco Alberto.

Em seguida, os assaltantes prenderam o empregado e um freguês no banheiro, enquanto recolhiam o dinheiro, e fugiram a pé. O Sr Francisco Alberto morreu ao receber os primeiros socorros no Hospital Pedro Ernesto. A 20ª DP, em Vila Isabel, registrou a ocorrência.

Loteria premia o nº 44 285

A extração nº 1824 da Loteria Federal premiou com Cr$ 3 milhões o bilhete 44 285 e o de número 11 717 com o segundo prêmio, de Cr$ 1 milhão. O 3º prêmio, de Cr$ 500 mil, foi para o bilhete 07 903; o 4º para o de número 69 248, com Cr$ 400 mil; o 5º prêmio, de Cr$ 200 mil, foi para o 29 437.

O bilhete de número 50 125 foi premiado com Cr$ 180 mil; o de número 51 800, com Cr$ 160 mil; o de número 32 453 com Cr$ 140 mil; o 40 435 com Cr$ 120 mil e o de número 72 993 com Cr$ 100 mil. Os bilhetes terminados com o milhar do 1º prêmio — 4 285 — foram premiados com Cr$ 52 mil 600.

Contraventor morre em tiroteio com a polícia na Cidade Alta

Um dos soldados do Núcleo de Operações da Companhia de Polícia Especial da PM, em operação com agentes da Delegacia de Entorpecentes mataram com um tiro, na madrugada de ontem, o contraventor Amadeu de Castro Filho, o **Dico**, de 31 anos, durante uma **batida** na Rua Cinco Rios, bloco 225, aptº 404, na Cidade Alta, em Cordovil, quando jogaram uma bomba de efeito moral.

Segundo os policiais, o contraventor reagiu a tiros e eles revidaram, acabando por matá-lo. As testemunhas, porém, afirmaram que Amadeu não estava armado e acusaram a polícia de arbitrariedade. O delegado Félix Rebouças, da 22ª DP, na Penha, abriu inquérito para apurar o fato.

Durante a madrugada, o Núcleo de Operações da Companhia de Polícia Especial da PM recebeu um telefonema anônimo denunciando que havia tráfico de drogas no apartamento. Seis policiais do Núcleo e seis agentes da Delegacia de Entorpecentes, então, partiram para o local, ond estavam, além de Amadeu de Castro Filho, oito pessoas, entre as quais, quatro crianças.

Os policiais cercaram o prédio e deram ordens para que todos saíssem do apartamento. Como não foram obedecidos, jogaram uma bomba de efeito moral, o que fez com que as pessoas se retirassem, com exceção do contraventor que, segundo a polícia, resolveu reagir e atirou duas vezes. Os policiais revidaram os tiros e Amadeu foi baleado pelo soldado Isaías, caindo morto no sofá da sala.

As pessoas que se encontravam no apartamento foram detidas e encaminhadas à 22ª DP. São elas: Laurita dos Santos Machado, a proprietária, Robson Goulart, de 20 anos, Welington Goulart, de cinco, Anderson Goulart, de um, André Luís, de quatro, Loiola Goulart, de cinco, Regina Goulart, de 27 e Roberto dos Santos, de 25. Ouvidas em cartório, afirmaram que o contraventor não estava armado, porém, os policiais apresentaram um revólver calibre 38, que disseram pertencer a ele, e alegaram que atiraram para se defender e que estavam à procura de traficantes e assaltantes de bancos. O delegado Félix Rebouças abriu inquérito e apreendeu a arma do soldado Isaías, que foi encaminhada a exame de balística. Após os depoimentos, todos foram liberados.

Polícia apreende carabinas e maconha com "Nei Urubu"

Duas carabinas usadas por guardas de segurança, quatro revólveres, uma escopeta e cigarros de maconha foram apreendidos, na madrugada de ontem, no Morro do Urubu, em Tomás Coelho, por policiais da 24ª DP, no Encantado, depois de uma troca de tiros com traficantes que integram a quadrilha chefiada por **Nei Barbudo**.

O bando é responsável pela morte, na madrugada de terça-feira, do vigia Antônio Francisco de Souza, de seu filho Antônio Márcio, de 11 anos, e de ferimentos graves em Rita de Cássia, de 13 anos, também filha de Antônio Francisco. Os criminosos invadiram a casa do vigia, no alto da Rua Frei Camilo, em Tomás Coelho, para expulsá-lo com a família e transformar a residência em ponto de venda de entorpecentes.

Sexta-feira, foram presos Antônio Araújo dos Santos, o **Cara Preta**, Adílson Mendes, o **Totinha**, e Cosme Ribeiro da Silva, o **Miminha**, que, além de confessarem participação no duplo homicídio, forneceram ao delegado Vanderley José da Silveira o apelido dos demais criminosos. São eles, **Zé Vigia**, **Nem** e **Nei Barbudo**, que estão foragidos, e que na madrugada de ontem trocaram tiros com os policiais.

As armas e a maconha foram encontradas no telhado de um barraco, que servia de esconderijo da quadrilha. O inspetor Nelson Duarte, que supervisiona as investigações, soube, no morro, que do bando fazem parte mais de 20 delinqüentes, que controlam a venda de tóxicos nos morros do Urubu, Cavalcante, Caixa Dágua e Engenho da Rainha.

Sobre a morte do vigia, os traficantes disseram que quando invadiram a casa, já foi com a intenção de assassiná-lo, porque por várias vezes ele ameaçou denunciá-los à polícia. **Nei Barbudo** foi acusado de ter sido o autor dos disparos que mataram o vigia e o menino. Por determinação do delegado Hamilton Gigante a residência de Antônio Francisco — que está abandonada porque a família fugiu aterrorizada — continua sob severa vigilância para que os quadrilheiros não instalem no local ponto de venda de tóxicos.

Os criminosos presos, durante o interrogatório, confessaram roubo de material das obras do pré-metrô no trecho entre Inhaúma e Irajá, que foram vendidos a receptadores no Morro do Juramento e em Coelho Neto. **Cara Preta** disse que por causa do material roubado um receptador conhecido por **Maluco** matou um outro na Estrada Vicente de Carvalho.

Tempo

INPE/CNPq — 6h17m (19/9/81) — Via Rio-Sul

As áreas brancas nas regiões Centro-Oeste e Norte indicam nebulosidade e chuvas isoladas. As demais regiões do Brasil aparecem com área escura, indicando ausência de nebulosidade e temperaturas elevadas. Uma frente fria está localizada entre Buenos Aires e Montevidéu, estendendo-se pelo interior da Argentina.

Uma linha de instabilidade pré-frontal está localizada sobre o oceano Atlântico, atingindo o litoral e a região Sul do Rio Grande do Sul. A massa de ar polar que acompanha a frente está provocando declínio de temperatura no Sul do continente.

As imagens do Satélite Meteorológico SMS são recebidas diariamente, pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe/CNPq), em São José dos Campos — SP. As imagens do Satélite são transmitidas em infravermelho. As áreas brancas indicam temperaturas baixas, e as áreas pretas temperaturas elevadas.

Conhecendo-se a temperatura das áreas brancas e das áreas pretas, podemos com uma escala cromática determinar as temperaturas da superfície da Terra, das massas de ar e do topo das nuvens.

NO RIO

Parcialmente nublado a claro. Névoa úmida pela manhã.
Temperatura — estável.
Ventos — Norte fracos a moderados com rajadas ocasionais. Máx. 38.1 (Bangu); mín. 18 (Alto da Boa Vista)

O SOL

Nascer	05h45m
Ocaso	17h48m

AS CHUVAS

Precipitação (mm)

Últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	7.0
Normal mensal	53.2
Acumulada este ano	515.2
Normal anual	1075.8

MAR

MARÉS

Rio de Janeiro: Preamar: 02h38m/0.5m; 09h37m/0.9; Baixamar: 07h23m/0.9m; 11h56m/0.9m;
Cabo Frio: Preamar: 0h47m/0.5; 14h27m/ 1.0m Baixamar: 06h27m/0.7m; 17hh44m/0.9m;
Angra dos Reis: Preamar: 05h21m/1.1m/09h45m/1.0m Baixamar: 01h47m/0.5; 14h46m/0.6m

VENTOS

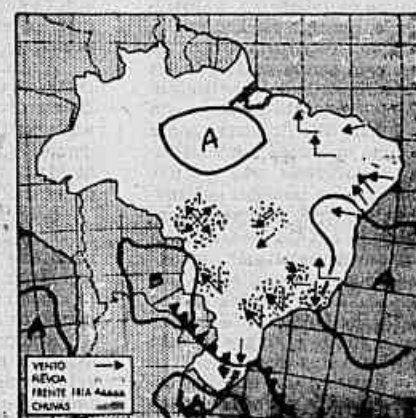
Leste a Nordeste

A LUA

MINGUANTE até hoje — NOVA 28/9 — CRESCENTE 6/10 — CHEIA 13/10

NOS ESTADOS

Amazonas — Nub. chvs. Claro a pte. nub., nas demais reg. Temp.: estável. Máx. 31.7; min. 24.5. **Roraima/Amapá** — Pte. nub. a nub. c/chvs. esparsas. Temp.: estável. Máx. 31.4; min. 23.8. **Acre/Rondônia** — Claro a pte. nublado. Temp.: estável. Máx. 32; min. 23. **Pará** — Pte. nub. a nub. chvs. esparsas. Demais reg., pte. nub. Temp.: estável. Máx. 31.9; min. 22. **Piauí/Maranhão** — Claro a pte. nub. Temp.: estável. Ventos: E/NE fracos a moderados. **Ceará** — Pte. nub. Temp.: estável. Máx. 32.4; min. 25. **Rio Gde. do Norte** — No Leste, pte. nub. a nub. chvs. esparsas. Temp.: estável. Máx. 28.5; min. 21.9. **Paraíba/Pernambuco** — No litoral, pte. nub. a nub. chvs. esparsas. Demais reg., pte. nub. Temp.: estável. Máx. 28.2; min. 23.1. **Alagoas/Sergipe** — Pte. nub. a nub. chvs. esparsas. Temp.: estável. Máx. 27.2; min. 21.7. **Bahia** — No litoral Norte, pte. nub. a nub. chvs. esparsas; no Leste pte. nub. Demais reg., claro a pte. nub. Temp.: estável. Máx. 26.8; min. 22.9. **Mato Grosso** — No Sul, pte. nub. Demais reg., claro a pte. nub. nvs. Temp.: estável. Máx. 35; min. 20. **Mato G. do Sul** — Claro a pte. nub. c/névoa seca. Temp.: estável. **Goiás** — Claro a pte. nub. Temp.: estável. Máx. 34.2; min. 19.2. **Distrito Federal/Brasília** — Claro a pte. nub. nvs. Temp.: estável. Máx. 31; min. 27. **Minas Gerais** — Claro a pte. nub. Névoa úmida p/manhã e seca à tarde. Temp.: estável. Máx. 30.6; min. 17. **Espírito Santo** — Pte. nublado a claro. Temp.: estável. Máx. 28.5; min. 21.2. **São Paulo** — Claro a pte. nublado c/névoa seca. Temp.: estável. Máx. 32.6; min. 17.8. **Paraná** — Claro a pte. nub. c/névoa seca. Temp.: estável. Máx. 30.6. **Stª Catarina** — Pte. nub. passando a nublado e sujeito a instab. no Sul e Oeste. Temp.: estável. Máx. 24.4; min. 16.4. **Rio Gde. do Sul** — Nub. passando a instável c/chvs. e trv. no Norte. Instável c/chvs. e possíveis trv., nas demais reg. Temp.: em declínio. Máx. 22.7; min. 16.3.

VENTO — NÉVOA — FRENTE FRIA — CHUVAS

ANÁLISE SINÓTICA DO MAPA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA: frente fria com fraca atividade a Nordeste de Minas Gerais, Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo. Massa de ar tropical no Atlântico.
Aviso meteorológico especial persistem baixos índices de umidade relativa, no período 19 a 22 de setembro, nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste.

NO MUNDO

Atenas, 29, claro; **Barbados**, 30, claro; **Beirute**, 28, claro; **Berlin**, 19, chuvoso; **Bogotá**, 19, nublado; **Bruxelas**, 20, claro; **Buenos Aires**, 21, nublado; **Caracas**, 28, nublado; **Curitiba**, 23, claro; **Chicago**, 15, claro; **Frankfurt**, 24, claro; **Genebra**, 24, chuvoso; **Helsinqui**, 12, claro; **Jerusalém**, 25, claro; **Johannesburgo**, 28, claro; **La Habana**, 31, nublado; **Lima**, 18, nublado; **Lisboa**, 24, claro; **Londres**, 18, nublado; **Los Angeles**, 34, claro; **Madri**, 29, claro; **Miami**, 30, chuvoso; **Montevidéo**, 19, nublado; **Montreal**, 17, nublado; **Moscou**, 9, nublado; **Nassau**, 32; nublado; **Nova Iorque**, 20, nublado; **Paris**, 19, nublado; **Rio de Janeiro**, 30, claro; **Roma**, 27, nublado; **San Francisco**, 18, nublado; **San Juan**, 31, nublado; **Santiago**, 14, nublado; **São Paulo**, 24, nublado; **Sydney**, 22, nublado; **Tóquio**, 22, chuvoso; **Viena**, 15, nublado.

AVISOS RELIGIOSOS

MARIA CARDOSO DE SOUSA

(7º DIA)

† Sua família e demais parentes agradecem as manifestações de pesar e carinho pelo seu falecimento e convidam para a Missa de 7º Dia a ser celebrada dia 21, 2ª feira, às 10 horas, na Igreja do Carmo, na rua 1º de Março. A família agradece e pede dispensa de pêsames.

MARIA CARDOSO PALMEIRA

MISSA DE 7º DIA

† Seus filhos: Luiz e Alvaro Palmeira, Julieta e Celeste Palmeira, Carmen Lopes, demais parentes agradecem penhorados as manifestações de pesar, que receberam de amigos e Instituições, e convidam para a Missa de 7º Dia, na Igreja de São Jorge, na Praça da República, às 11 horas, 2ª feira, dia 21.

MARIA THEREZA DE LIMA CÂMARA

MISSA DE 7º DIA

† Gen. Aristóteles de Lima Câmara, Eduardo Waddington, Mariza Waddington, Maria Eugênia Lee, Alexandre Waddington, Marcelo Waddington, Leonardo Lee de Macedo, Mário Tavares da Silva e Sra., Jessé de Paiva e Judith Moraes Rego, agradecem as manifestações de pesar pelo falecimento de sua esposa, mãe, avó, bisavó, irmã e cunhada, e convidam para a Missa de 7º Dia, a ser celebrada amanhã, 2ª feira dia 21, às 12 hs., na Igreja da Santa Cruz dos Militares, à rua 1º de Março nº 36. (P

DIRCEU MILLI

(MISSA DE 7º DIA)

† Maria Laura Cristina e família agradecem manifestações de pesar e convidam para Missa de 7º Dia a ser celebrada segunda-feira, às 18 hs, na Igreja Nossa Senhora do Líbano, à Rua Conde de Bonfim.

CAETANA CARIELLO ALBANO

(MISSA DE 7º DIA)

† Os filhos, Nicola e Lucio Albano e família agradecem as manifestações de pesar recebidas e convidam para a Missa de Sétimo Dia em sufrágio da alma de sua querida e boníssima mãe, a realizar-se no dia 21 de setembro, amanhã às 8:30 horas na Igreja do Carmo, na Rua 1º de Março.

Dr. RODRIGO ULYSSES DE CARVALHO

(MISSA DE 1 ANO)

† Sua família convida parentes e amigos para a Missa a ser celebrada amanhã, 2ª feira, dia 21, às 11.30h na Igreja da Candelária — Pç. Pio X - Centro.

Almirante-de-Esquadra

NEWTON BRAGA DE FARIA

(MISSA DE 7º DIA)

† Yara Prado Maia de Faria; Vera Lúcia de Faria Benchimol, marido e filhas; João Afonso Prado Maia de Faria, senhora e filho; João do Prado Maia, senhora e filha Dinah do Prado Maia; Célio do Prado Maia, senhora, filhos, genro e neto; Aldo do Prado Maia, senhora e filhos, — esposa, filhos, netos, sogros, cunhados e sobrinhos do querido e saudoso NEWTON — agradecem as homenagens prestadas por ocasião do seu sepultamento, e convidam os demais parentes, colegas e amigos para a Missa que, em intenção de sua boníssima alma, será rezada na próxima terça-feira, dia 22 do corrente, às 11 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Candelária.

ANTONIO JAIME GAMA JOBIM

† Os professores, pesquisadores, alunos e funcionários da Faculdade de Economia e Administração e do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, consternados com o falecimento de seu querido ANTONIO JAIME, convidam parentes e amigos para a Missa que se fará celebrar amanhã, dia 21, às 11 horas, na Capela da Reitoria da UFRJ, à Av. Pasteur, 250.

WALDIR FERREIRA MORAES

(30º DIA)

† A família comunica aos amigos e parentes para a Missa de 30º Dia a ser realizada dia 21/09 na matriz de São Francisco Xavier, Rua São Francisco Xavier, nº 75 - Tijuca, às 10:00 horas.

ORLANDO DA COSTA È SILVA

ESC. DO 18º OF. DE NOTAS
MISSA DE 7º DIA

† Esposa e filhos convidam todos seus amigos, parentes e clientes, para Missa que será rezada pelo seu eterno repouso, dia 21/9, às 11,30hs, na antiga Catedral da Praça XV, Rua 1º de Março 6.

GENERAL DE BRIGADA

DJALMA MIDUEL DE MENEZES

7º DIA

† Lucila Miranda Menezes (Didi), Clecy Menezes de Carvalho esposo e filhos, Itagibe A. de Souza, Archias de Menezes e família, Agenor de Menezes, Zelia Menezes Martins e família, Hélio de Menezes Santos e família agradecem as manifestações de carinho recebidas pelo falecimento de seu querido esposo, pai, sogro, avô, padrinho, irmão, cunhado e tio DJALMA e convidam para a Missa de 7º Dia que será celebrada segunda-feira, dia 21 de setembro, às 10:30h na Igreja da Candelária (Praça Pio X).

ANTÔNIO JAIME GAMA JOBIM

(MISSA 7º DIA)

† Seus pais, irmã, cunhado, tios e primos, comunicam seu falecimento, e convidam para Missa de 7º Dia às 11:00 horas do dia 21 de setembro (segunda-feira) na Capela da Reitoria (UFRJ) Av. Pasteur, 250 — Praia Vermelha.

ALMIRANTE-DE-ESQUADRA

NEWTON BRAGA DE FARIA

MISSA DE 7º DIA

† O Comandante de Operações Navais e Diretor-Geral de Navegação convida os companheiros, amigos e parentes para a Missa de 7º Dia que será celebrada, às 11:00 horas do dia 22 do corrente, na Igreja da Candelária (P

IDEL PASCOWITCH

✡ A família Pascowitch convida para a cerimônia religiosa em homenagem ao seu querido e inesquecível IDEL PASCOWITCH a se realizar às 19,30 horas do dia 21.09.81, na Congregação Isrealita Paulista, à Rua Antônio Carlos nº 653 — São Paulo. (P

Demócrates derrota o favorito Zirkel após uma bela reta

Em belo final, Demócrates (Felicio em Mendoza, por Alipio), criação e propriedade dos Haras São José e Expedictus, bem trazido por Gabriel Meneses e muito bem apresentado por Francisco Saraiva, venceu o semiclássico preparatório para o próximo Grande Criterium, grande clássico Linneo de Paula Machado (Grupo I). Invicto em duas apresentações (anteriormente havia estreado levantando o Prix Juingé, simplesmente clássico Manoel Mendes Campos), o filho de Felicio exibiu outro padrão de carreira na pista de grama e, após muita luta, dominou o favorito Zirkel (St. Chad em Nuza, por Waldmeister), criação de Fazenda Mondesir e propriedade do Stud Ponte Nova que, igualmente, correu muito bem. O descendente de St. Chad veio um tanto cedo assumir a primeira colocação e, além disso, vinha de correr há uma semana prova na milha. O tempo de Demócrates foi ótimo, 2m 01s 2/5.

Na prova seletiva para a milha internacional peruana, a vitória, fácil, por sinal, pertenceu a Cedron (Millenium em Marseillaise, por Alipio), também de criação e propriedade dos Haras São José e Expedictus (que venceram mais uma carreira através de Desert Sun). O tempo, em pista de areia leve, para os 1 mil 600 metros, foi de 1m 39s 2/5.

Resultados

1º PÁREO — 1300 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Miss Tambourine, E. Santos	51	3,90	11	8,10
2º Draw Gate, R. Marques	57	4,70	12	3,40
3º Flying To Paris, J. Pedro	57	6,00	13	3,60
4º Tsu-Ki, J. Ricardo	55	15,30	14	4,70
5º Ear, T. B. Pereira	57	3,20	22	20,00
6º Alagrissi, G. F. Almeida	57	4,90	23	4,80
7º Iapygia, P. Vignolas	55	6,40	24	9,10
8º Cubanacan, F. Lemos	57	22,30	33	11,70
9º Chibatada, E. Freire	56	7,90	34	7,80
			44	14,60

Dupla exata (03-05) Cr$ 19,80. Dif. 2 Corpos — Tempo — 1'22" — Venc. (3) Cr$ 3,90 — Dup. (23) Cr$ 4,80 — Placê (3) Cr$ 2,20 e (5) Cr$ 2,90 — Mov. do Páreo Cr$ 1.687.650,00 — Miss Tambourine — F. C. 4 anos — RJ — St. Ives e Floresta Negra — Criador — Haras Sete Voltas — Propr. — Haras São Dimas — Treinador — G. L. Ferreira.

2º PÁREO — 1300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 101.000,00

1º Latagana, D. F. Graça	57	6,50	12	8,30
2º Bariska, E. Freire	55	3,50	13	3,80
3º Apinayé, J. Pinto	57	5,10	14	15,80
4º Barletta, R. Silva	55	5,50	22	12,70
5º Agenda, C. Xavier	56	6,50	23	1,90
6º Ichulata, J. M. Silva	57	8,20	24	12,20
7º Great Conclusion, J. Ricar	56	1,60	33	4,60
			44	47,30

Dif. 2 Corpos e Pescoço — Tempo — 1'19"2 — Venc. (2) Cr$ 6,50 — Dup. (24) Cr$ 12,20 — Placê (6) Cr$ 3,70 e (3) Cr$ 3,00 — Mov. do Páreo Cr$ 1.920.065,00 — Lagatona — F. T. 5 anos — SC — Sillage E My Own — Criador — Haras Cidade de Blumenau — Tr. A. M. Caminha.

3º PÁREO — 1600 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 150.000,00 (Prova Preparatória — (Peru)

1º Cedron, G. Meneses	59	2,40	11	13,30
2º Dutchman, J. Pinto	59	11,10	12	12,20
3º Piz Buin, W. Gonçalves	60	3,20	13	4,10
4º India Manso, J. Pedro	60	13,30	14	2,80
5º Ivan Flauto, P. Cardoso	59	15,90	22	58,40
6º Scort, J. Machado	60	5,50	23	10,00
7º Brighton, J. Ricardo	60	6,10	24	8,90
8º Royal Silk, J. M. Silva	60	4,60	33	14,10
9º Heaven Quiz, J. Escobar	59	32,40	34	2,60

Dif. Vários Corpos e 2 1/2 Corpo — Tempo — 1'39"2 — Venc. (8) Cr$ 2,40 — Dup. (24) Cr$ 8,90 — Placês (8) Cr$ 1,70 e (3) Cr$ 3,20 — Mov. do Páreo Cr$ 2.508.100,00 — Cedron — M.C. 4 anos — SP — Millenium e Mareillaise — Criador e Propr. — Haras São José e Expedictus — Treinador — F. Saraiva.

4º PÁREO — 1500 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 101.000,00

1º Gerald, F. Lemos	56	4,70	11	52,00
2º Enadido, E. Marinho	55	8,50	12	9,90
3º I'll Be Lucky, J. Queiroz	57	3,10	13	3,60
4º Sporobulus, J. Ricardo	58	8,50	14	12,40
5º Brandenburg, G. F. Almeida	57	2,10	22	36,00
6º Crommyon, A. Ramos	57	10,00	23	2,80
7º Tio Firmo, J.B. Fonseca	52	14,40	24	14,60
8º Tiê-Sangue, C. Xavier	56	28,60	33	3,70
9º Al Pique, Jz. Garcia	56	4,80	34	2,80
10º Huygens, L. Correa	58	40,60	44	54,20

Dupla Exata (04-09) Cr$ 64,20 N/C Brix. Dif. 1 1/2 Corpo e 2 Corpos — 1'31"2 — Venc. (4) Cr$ 4,70 — Dup. (24) Cr$ 14,60 — Placês (4) Cr$ 2,90 e (9) Cr$ 5,40 — Mov. do Páreo Cr$ 2.912.270,00 — Gerald — M.T. 5 anos — RJ — Arquelino II e Crisálida — Criador — Haras Nacional — Propr. — Stud Yonne — Treinador — D. Netto.

5º PÁREO — 2000 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 150.000,00 (Prova Preparatória)

1º Demócrates, G. Meneses	56	2,80	12	3,70
2º Zirkel, J. Queiroz	56	2,20	13	3,10
3º Zaibo, A. Ramos	56	2,70	14	6,70
4º Klarito, J. Escobar	56	10,50	22	49,20
5º Tremendo, E. Ferreira	56	7,30	23	4,80
6º Dervish, J. M. Silva	56	2,80	24	5,00
7º Zeyger, A. Oliveira	56	7,30	33	6,40
8º Uranides, W. Gonçalves	56	22,40	34	5,50
9º Limbo Tree, G. F. Almeida	56	9,20	44	23,70

N/C. Afterwards. Dif. 1/2 Corpo e Vários Corpos — Tempo — 2'10"2 — Venc. (5) Cr$ 2,80 — Dup. (13) Cr$ 3,10 — Placês (5) Cr$ 1,50 e (1) Cr$ 1,50 — Mov. do Páreo Cr$ 3.069.700,00 — Demócrates — M. C. 3 anos — SP — Felicio e Mondoza — Criador e Propr. — Haras São José Expedictus — Treinador — F. Saraiva.

6º PÁREO — 1400 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 147.000,00

1º Desert Sun, G. Meneses	54	6,50	11	17,00
2º Torpid, J. Pinto	54	1,60	12	1,30
3º Fiduco, J. Ricardo	54	11,60	13	13,60
4º Patalin, E. R. Ferreira	54	24,50	14	4,00
5º Zolfo, G. F. Almeida	54	14,60	23	10,30
6º Zonar, J. Machado	54	13,10	24	4,50
7º Vismonte, E. Ferreira	54	7,60	33	90,80
8º El Sauce, J. M. Silva	56	2,70	34	20,50

N/C. Mister dos Pampas. Dif. Cabeça e 2 1/2 Corpo — Tempo — 1'22"2 — Venc. (7) Cr$ 6,50 — Dup. (24) Cr$ 4,50 — Placês (7) Cr$ 2,20 e (3) Cr$ 1,30 — Mov. do Páreo Cr$ 2.990.600,00 — Desert Sun — M. A. 3 anos — SP — Kublai Khan e Soissons — Criador e Propr. — Haras São José e Expedictus — Treinador — F. Saraiva.

7º PÁREO — 1500 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Offenhauser, J. Ricardo	55	2,70	11	33,90
2º Estol, J. Pinto	56	4,20	12	3,80
3º Flamar, P. Cardoso	55	7,80	13	5,40
4º Vingo, W. Gonçalves	56	31,00	14	10,20
5º Clear Day, G. Meneses	54	2,10	22	1,90
5º Verniz, G.F. Almeida (*)	55	8,30	23	5,00
7º Habilitada, J. Machado	52	13,50	24	9,00
8º Beau Ardan, E. Marinho	56	50,80	33	21,50
9º Randon, J. M. Silva	55	13,60	34	13,40
10º Ástamo, J. Escobar	55	39,80	44	70,30
11º Rovano, E. R. Ferreira	57	7,80		

Dupla Exata (01 — 06) Cr$ 13,00. (*) Empatados na 5ª Colocação. Dif. 3/4 de Corpo e 3 Corpos — Tempo — 1'29"2 — Venc. (1) Cr$ 2,70 — Dup. (13) Cr$ 5,40 — Placês (1) Cr$ 1,80 e (6) Cr$ 2,40 — Mov. do Páreo Cr$ 3.664.850,00 — Offenhauser — M.C. 4 anos — SP — Earlom II e Crown Case — Criador — Haras Guayaçara — Prop. — Stud Seguro — Treinador — A. Palm Filho.

8º PÁREO — 1600 metros — Pista — AL — Prêmio Cr$ 101.000,00

1º Paraúna, A. Oliveira	58	1,70	11	2,10
2º Utilidade, A. Machado	52	2,60	12	3,60
3º Jesse Jane, A. Pinheiro	56	19,90	13	13,90
4º Lagoa do Abaeté, L. Maia	56	7,10	14	2,10
5º Bilu Tetéia, I. Agostinho	55	3,10	22	48,40
6º Piing, A. P. Souza	52	3,10	23	28,30
7º Estilha, R. Marques	58	15,30	24	9,40

N/C. Eau D'Argent. Dif. Paleta e Vários Corpos — Tempo — 1'43"3 — Venc. (2) Cr$ 1,70 — Dup. (11) Cr$ 2,10 — Placês (2) Cr$ 1,10 e (1) Cr$ 1,20 — Mov. do Páreo Cr$ 2.540.750,00 — Paraúna — F.C. 5 anos — RS — Kamel e Araúna — Criador — Haras Santa Ana do Rio Grande — Propr. — Stud Monteiro — Treinador — U. J. Piotto.

9º PÁREO — 1300 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 87.000,00

1º Kelso, Jz. Garcia	54	3,90	11	15,70
2º Trifle, G.F. Almeida	58	2,70	12	3,80
3º Farec, J.M. Silva	55	7,00	13	7,40
4º Jack Boy, J. Ricardo	57	10,30	14	4,60
5º Colaborador, J. Pinto (*)	54	6,60	22	4,20
5º Aliano, P. Vignolas (*)	54	6,10	23	6,10
7º Banacek, E.R. Ferreira	55	6,70	24	3,90
8º Dead Shot, J. Queiroz	54	11,80	33	47,10
9º Songor, J. Pedro	56	7,00	34	7,20

(*) Empataram no 5º colocação. Dif. 1 1/2 Corpo e 2 Corpos — Tempo — 1'22" — Venc. (1) Cr$ 3,90 Dup. (12) Cr$ 3,80 — Placês (1) Cr$ 1,70 e (3) Cr$ 1,60 — Mov. do Páreo Cr$ 3.044.750,00 — Kelso — M.A. 6 anos — SP — Gastão e Excelsa — Criador — Haras Pajoca — Propr. — Lois Aline Tully — Treinador — A. Orcinoli.

10º PÁREO — 1600 metros — Pista — NL — Prêmio Cr$ 87.000,00

1º Fankaro, J. Ricardo	55	2,10	11	16,50
2º Limão Galego, I. Agostinho	49	44,20	12	4,30
3º Boc, A.P. Souza	50	15,40	13	8,80
4º Aurel, E. Ferreira	56	4,10	14	3,50
5º Querir, F. Lemos	56	8,90	22	12,30
6º Monjolo, J.R. Oliveira	55	3,10	23	8,50
7º Aducan, G.F. Almeida	58	4,30	24	2,90
8º El Caramelo, P. Vignolas	53	19,00	33	74,40
9º Rampsar, A. Ramos	55	56,90	34	3,40
10º Anfitrião, J. Pedro	56	77,70	44	48,50

N/C. Ciril. Dupla Exata (09-07) Cr$ 63,10. Dif. 1 1/2 Corpo e Var. Corpos Tempo — 1'42"3 — Venc. (9) Cr$ 2,10 Dup. (34) Cr$ 3,40 — Placês (9) Cr$ 1,80 e (7) Cr$ 14,40 — Mov. do Páreo Cr$ 3.489.690,00 — Fankaro — M.A. 6 anos — RS — Providencial II e Filatrice — Criador — Agro-Pastoril Haras Itaipui Ltda — Prop Stud Guaxe — Treinador — A. Ricardo.

Mov. Geral de Apostas: Cr$ 32.230.415,00 — Poules: Cr$ 38.085,00

José Camilo da Silva

Vada retorna como a favorita absoluta da milha e meia do GP Oswaldo Aranha e Valka pode fazer mais uma dobradinha Mondesir

Vada é a grande atração do GP de hoje

1º PÁREO — às 14h00 — 1300 metros — Caroatá — 1m15s 4/5 — (Grama) DUPLA EXATA

1—1	Pearl, J. Pinto	8	56	3º (6) Ziska e Nizza Monferrato	1400	AL	1m30s3.	A. P. Silva
"	Polvarina, J. C. Castilho	10	56	4º (13) Djedda e Cristalete	1000	AP	1m03s1.	A. P. Silva
2—2	Nera Di Tacco, J. M. Silva	6	56	4º (6) Pábia e Djedda	1300	AL	1m22s2.	R. Tripodi
3	Voiture, W. Gonçalves	2	56	7º (13) Djedda e Cristalete	1000	AP	1m03s1.	J. P. Oliveira
3—4	Failaka, E. B. Queiroz	4	56	3º (12) Guele-Di-Bois e G. Elegance	1400	GL	1m25s	O. Ulloa
5	Crolly, A. P. Souza	9	56	Estreante Grey Thunder e Quelopa				A. Orciuoli
6	Go Beauty, G. Meneses	7	57	9º (11) Ficção e Águia Carolina	1400	GL	1m25s	P. Labre
4—7	Dzeta, J. Machado	3	56	4º (7) Zandia e Cristalete	1000	NP	1m03s	A. A. Silva
8	Donara, Juarez Garcia	5	56	6º (8) Prelude e Doridia	1000	NL	1m02s3.	R. Carrapito
9	Esbelteza, J. Ricardo	1	56	11º (13) Djedda e Cristalete	1000	AP	1m03s1.	G. L. Ferreira

2º PÁREO — às 14h30 — 1200 metros — Zoliz — 1m10s 1/5 — (Grama)

1—1	Inaluar, R. Freire	1	58	3º (7) Belenita e Flower Doll	1000	NP	1m03s3.	J. E. Souza
2—2	Coroado Skiddy, J. M. Silva	6	58	3º (5) La Noticia e Madame Lu	1000	GL	1m01s3.	R. Nahid
3	Kaminari, G. F. Almeida	3	57	5º (7) Belenita e Flower Doll	1000	NP	1m03s3.	P. Morgado
3—4	Pussuca, J. Ricardo	2	58	1º (7) Linha Reta e Tafanela	1000	NP	1m04s3.	A. Ricardo
5	Juruaia, P. Rocha Fº Jr	5	58	4º (7) Belenita e Flower Doll	1000	NP	1m03s3.	C. Rosa
4—6	Hablado, G. Alves	4	57	4º (12) Franklin e Querir	1300	NL	1m22s4.	S. Morales
7	Bagnanza, J. Pinto	7	53	6º (12) El Sunbi e João	1400	GL	1m24s4.	W. Aliano

3º PÁREO — Às 15h00 — 1500 metros — Tirofogo — 1m31s 4/5 — (Areia)

1—1	Capitol, E. R. Ferreira	6	55	1º (12) Gaddi e Trifle	1600	NL	1m41s4.	C. H. Coutinho
2	Olden Times, J. Pinto	7	56	4º (6) Aristarco e Vol-Au-Vent	1600	NL	1m41s	P. Morgado
2—3	Fang, P. Cardoso	4	55	5º (7) Grand Ville e Aristarco	1600	NP	1m41s3.	O. Cardoso
4	El Mercurio, J. Malta	8	56	3º (6) Aristarco e Vol-Au-Vent	1600	NL	1m41s	A. P. Silva
3—5	Baleine, J. M. Silva	2	56	6º (6) Aristarco e Vol-Au-Vent	1600	NL	1m41s	S. Morales
6	Beagle, A. Luiz Jr.	1	58	6º (7) Berlinez e Baleine	1600	NL	1m44s3.	A. Garcia
4—7	Escardillo, J. Ricardo	3	54	6º (8) Escamoso e Bod-Man	1600	GL	1m35s4.	Z. D. Guedes
8	Compromisso, M. Andrade	5	57	1º (11) Kelso e Blu	1300	NL	1m21s2.	W. G. Oliveira

4º PÁREO — Às 15h30 — 1400 metros — Il Trovatore, Demi-Tour e Tzarina — 1m22s 2/5 — (Grama) DUPLA EXATA — INÍCIO DO CONCURSO

1—1	Great End, J. M. Silva	11	56	2º (7) Bluk e Zumel	1400	GL	1m24s3.	A. Nahid
2	Margalfo, C. Xavier	2	56	Estreante Matador e Matha Hari				J. E. Souza
3	Quilate, E. Santos	8	56	7º (7) Delphicus e Alássio	1300	AL	1m22s2.	O. Ribeiro
2—4	Zumel, A. Ramos	9	56	3º (7) Bluk e Great End	1400	GL	1m24s3.	J. L. Pedrosa
5	Uzen, J. Malta	14	56	9º (13) Dervish e Bluk	1500	GL	1m30s3.	W. Aliano
6	Prime Minister, J. Machado	1	56	8º (9) Vismonte e Bluk	1500	AP	1m35s	R. Costa
3—7	Dalton, G. Meneses	5	56	6º (11) Five e Vismonte	1300	NU	1m21s3.	Z. D. Guedes
8	Artesano, J. Ricardo	7	56	7º (13) Columbé e Gotta Be	1000	NP	1m03s	A. Garcia
9	Maholo, A. Machado Fº	3	56	5º (13) Dervish e Bluk	1500	GL	1m30s3.	S. França
10	Frade, L. Maia	6	56	Estreante Sabinus e Gas Mask				H. Tobias
4—11	Master Piece, E. Ferreira	12	56	5º (7) Bluk e Great End	1400	GL	1m24s3.	L. Coelho
12	Figurone, T. B. Pereira	10	56	Estreante Adam's Pet e Glaude				L. Coelho
"	Four, J. Pinto	4	56	Estreante St. Chad e Odita				L. Coelho

5º PÁREO — Às 16h00 — 2400 metros — Sunset Janus II e Lorongrin — 2m25s1/5 — (GRAMA) GRANDE PRÊMIO OSWALDO ARANHA (Gr. II)

1—1	Vada, G. F. Almeida	4	59	1º (13) Valka e Doucette	2000	GL	2m00s3	G.F. Santos
2—2	Valka, J. Pinto	3	59	2º (9) Vat e Haretha	2000	GP	2m05s1	A. Morales
3—3	Haretha, E. Ferreira	5	59	3º (9) Vat e Valka	2000	GP	2m05s1	J.G. Vieira
4—4	Chi-lo-sa, G. Meneses	1	59	5º (9) Vat e Valka	2000	GP	2m05s1	F. Saraiva
5	La Faby, E.R. Ferreira	2	61	3º (8) Matelat e Kazan	1600	GL	1m35s3	A. Orciuoli

6º PÁREO — Às 16h30 — 1200 metros — Zoliz — 1m10s1/5 — (GRAMA)

1—1	Agua Prata, G. F. Almeida	8	58	4º (11) Farnésia e Boleive-Me	1200	AP	1m16s4	O. Ribeiro
2	Saramandaia, J. Queiroz	6	58	7º (11) Apinayé e Cabuia	1300	GL	1m19s4	G. Ulloa
4	Gileno, E. B. Queiroz	1	58	4º (6) Partage e Elevage	1000	NL	1m04s	R. Marques
3—5	Madame Itú, I. Agostinho	5	56	6º (11) Apinayé e Cabuia	1300	GL	1m19s4	G. Ulloa
6	Ibicuiba, A. Machado Fº	7	58	3º (11) Apinayé e Cabuia	1300	GL	1m19s4	L.C. Soares
4—7	Iadele, R. Freire	9	58	5º (6) Partage e Elevage	1000	NL	1m04s	S.P. Gomes
8	Miss Patricia, E. Santos	2	58	5º (11) Apinayé e Cabuia	1300	GL	1m19s4	J. Borloni
"	Ginjinha, U. Meireles	4	58	8º (11) Apinayé e Cabuia	1300	GL	1m19s4	S. França
2—3	Cabuia, R. Marques	3	58	6º (7) Barletta e Ichulata	1300	NP	1m24s2	S. França

7º PÁREO — Às 17h00 — 1200 metros — Iatagan — 1m12s 2/5 — (Areia) DUPLA EXATA

1—1	Cahill, J.M. Silva	9	57	4º (9) High Score e Scrap Book	1100	NL	1m08s1.	W. Penelas
2	Bedouin, J. Pinto	14	57	3º (9) Galiat e Scrap Book	1100	NL	1m08s2.	A. Orciuoli
3	Bicolor, E. Freire	13	55	8º (9) Alce Veloz e Cahill	1000	NP	1m02s3.	J. C. Marchant
2—4	Beaumont, G. Meneses	11	54	5º (9) High Score e Scrap Book	1100	NL	1m08s1.	F. Saraiva
5	Bernachi, P. Cardoso	10	57	11º (12) Matelat e Dence	1600	AP	1m40s3.	L. C. Borloni
6	Dignio, A. Machado Fº	2	54	8º (9) Ox-Tail e Scrap Book	1000	NL	1m01s	R. Nahid
3—7	Izizo, J. Pedro Fº	7	58	8º (9) High Score e Scrap Book	1100	NL	1m08s1.	W. G. Oliveira
8	Todavia No, J. Ricardo	8	58	3º (8) Jamestown e Tádelas (BH)	1000	NL	1m03s1.	Z. D. Guedes
9	Brulot, E. Santos	12	54	8º (9) Izizo e Beaumont	1300	NP	1m23s	G.L. Ferreira
10	Alandez, J. Queiroz	6	55	6º (9) Alce Veloz e Cahill	1000	NP	1m02s3.	O. Ulloa
4-11	Good Kiddy, J. Malta	5	55	5º (8) Go Marching e Rango (BH)	1400	AL	1m32s2.	I. Antônio
12	Argozol, P. Rocha Fº	1	58	4º (11) Cadenciado e Indio Manso	1300	NL	1m20s2.	C. Rosa
13	Connors, Juarez Garcia	4	55	7º (14) Marliton e Dence	1600	AP	1m41s2.	R. Carrapito
14	Queco, J. Machado	3	56	7º (9) High Score e Scrap Book	1100	NL	1m08s1.	O. M. Fernandes

8º PÁREO — Às 17h30 — 1600 metros — Farinelli — 1m37s 2/5 — (Areia)

1—1	Recuado, A. Oliveira	9	57	4º (14) Marliton e Dence	1600	AP	1m41s2.	A. Morales
"	Frei Nodito, R. Freire	10	54	1º (11) Candy's Pet e Aguchito	1600	NP	1m44s	A. Morales
2—2	Blitzkrieg, G. Meneses	4	54	2º (11) Keaton e Effendi	1600	AL	1m42s1.	F. Saraiva
3	Rocard, J. Malta	3	54	2º (10) Belpasso e Tes-sina (BH)	1600	AL	1m44s	A. Hodecker
3—4	Effendi, G. F. Almeida	8	58	3º (11) Keaton e Blitzkrieg	1600	AL	1m42s1.	G. F. Santos
5	M. Pescador, E.B. Queiroz	1	56	1º (10) Biborg e Zinder	1300	NP	1m22s3.	A. A. Silva
6	Bangalore, J. Ricardo	6	54	5º (11) Keaton e Blitzkrieg	1600	AL	1m42s1.	J. C. Marchant
4—7	Murillo, J. Escobar	7	55	4º (11) Keaton e Blitzkrieg	1600	AL	1m42s1.	A. P. Silva
8	Alarife, J. Machado	5	56	6º (11) Keaton e Blitzkrieg	1600	AL	1m42s1.	W. Aliano
9	Cananor, J. M. Silva	2	56	11º (13) Dence e Busilis	1500	GL	1m30s1.	A. Araújo

9º PÁREO — Às 18h00 — 1100 metros — Atop Sin e Galego — 1m06s 2/5 — (Areia)

1—1	Alsacien, A. Machado Fº	3	58	2º (7) Joanico e Doodle	1000	AL	1m02s	O. J. M. Dias
"	Duqueville, E. Barbosa	1	55	7º (7) Ilozone e Escalon	2000	NL	2m08s1.	O. J. M. Dias
2—2	Satol, E. R. Ferreira	8	55	4º (7) Joanico e Alsacien	1000	AL	1m02s	C. H. Coutinho
3	Bas Fond, J. M. Silva	5	57	4º (10) Allez e Joanico	1300	NP	1m22s3.	L. C. Soares
3—4	Doodle, J. Ricardo	6	56	3º (7) Joanico e Alsacien	1000	AL	1m02s	E. P. Coutinho
5	Dead Shot, J. Queiroz	4	54	1º (15) Fabino e Sine Die	1000	NL	1m03s1.	Daniel Neto
4—6	Andros, P. Queiroz	JR1	56	1º (14) Escudo Real e Gapur	1000	NL	1m02s3.	J. Q. Souza
7	Banacek, F. Lemos	2	55	6º (10) Allez e Joanico	1300	NP	1m22s3.	J. B. Silva

10º PÁREO — Às 18h30 — 1300 metros — Right Now e Yard — 1m18s3/5 — (Areia) DUPLA EXATA

1—1	Skylon, G. F. Almeida	5	56	4º (6) Contraventor e Contravento	1200	NL	1m17s1.	G. L. Ferreira
2	Iléa, C. Xavier	13	56	4º (7) Iucatã e Fanagran	1200	GL	1m13s1.	P. Durdnti
3	Favorecido, J. Pinto	4	56	3º (8) Empreendedor e Gimmick	1300	NP	1m23s	P. Labre
2—4	Abubé, T. B. Pereira	7	56	7º (7) Entam e Gimmick	1500	NL	1m35s4.	S. Morales
5	Blessed Jester, J. B. Fonseca	3	56	9º (9) Aurel e Gimmick	1200	NU	1m16s4.	G. Feijó
6	Badaui, M. G. Santos	1	56	2º (4) Sir Man e Noveiro	1200	NL	1m17s	J. B. Silva
3—7	Fura Bolo, F. Lemos	12	56	3º (6) Helium dosPampas eB.Bear (CP)	1300	NL	1m22s3.	B. Silva
8	Fanamto, J. Queiroz	11	58	7º (7) Iucatã e Fanagran	1200	GL	1m13s1.	G. Ulloa
9	Ballard, E. R. Ferreira	2	56	5º (6) Contraventor e Contravento	1200	NL	1m17s1.	E. P. Coutinho
4—10	Fanagram, J. Malta	6	56	4º (6) Aguchito e Bookville	1600	NL	1m42s2.	A. P. Silva
11	Half Day, L. Maia	9	56	10º (10) Don Gilberto e Benubio (CJ)	1300	AL	1m24s1.	A. P. Lavor
12	Inatang, R. Marques	10	56	8º (10) D. Lido e Strong (CJ)	1400	NL	1m29s3.	S. França
"	Doblete, C. Pensobem Jr	JR8	56	8º (9) Izizo e Apus	1300	NL	1m21s3.	S. França

Retrospecto

1º páreo Crolly — Nera di Tacco — Failaka
2º páreo Bagnanzà — Hablada — Ynaluar
3º páreo Capitol — El Mercurio — Fang
4º páreo Master Piece — Zastre — Dalton
5º páreo Vada — Valka — Haretha
6º páreo Cabuia — Iadele — Madame Itu
7º páreo Todavia No — Argozol — Cachill
8º páreo Blitzkrieg — Effendi — Murillo
9º páreo Alsacien — Doodle — Bas Fond
10º páreo Badaui — Fanagram — Skylon

Vada, por Waldmeister em Exarque, é a força absoluta do importante clássico Osvaldo Aranha (Grupo II), na distância de 2 mil 400 metros, com uma dotação de Cr$ 350 mil a vencedora. Égua de indiscutível superioridade sobre os demais, deve conseguir a sua terceira vitória consecutiva nas pistas.

Valka, por Waldmeister em Wichery, é a principal candidata à formação da dupla, já que é a única outra ganhadora de prova clássica. Haretha vem subindo de produção e pode ser a surpresa da competição.

Muita fé

Há muita fé na estreante Crolly, égua que tinha um trabalho de 1 mil 300 metros em 1m24s, antes de ser acometida de dores-de-canela. Seu treinador acha que vai ganhar com este filha de Grey Thunder, logo na primeira apresentação. A dupla deve ser com Nera de Tacco, que vem de um quarto lugar, na turma de uma vitória. Das outras, falam bem de Failaka e Voiture.

Correu bem

Mesmo enfrentando adversários fortes, não foi má a última apresentação de Bagnanza. Agora, retorna a sua verdadeira turma e deve ganhar porque corre muito bem na grama. Hablada estreou na Gávea, regularmente, mas melhorou durante a semana e pode aparecer muito bem. Ynaluar, cada dia chega mais perto do vencedor, não sendo de todo impossível deste feita.

Cada vez melhor

As vitórias de Capitol estão cada dia mais fáceis. Continua sendo força destacada aqui. El Mercurio chegou perto no páreo vencido por Aristarco o que lhe dá muita chance agora. Fang, animal irregular, pode ser a terceira opção da prova, apesar da superioridade do conduzido de E. R. Ferreira.

Estreante

O estreante do Haras Santa Maria de Araras, Master Piece, é tido em boa conta por seus responsáveis e acreditamos que possa vencer logo. Zastre, outro estreante tido em boa conta, tem chance aqui, deixando o mais aguerrido Dalton, montaria de G. Meneses, como o tertius da competição.

Bem na grama

As maiores possibilidades de Cabuia nesta carreira estão no fato de ter boa adaptação da pista de grama. Vem de quarto para Partage e Elevage mas, agora, tem tudo para uma total e completa reabilitação. Sua maior adversária é Iadele, que trás uma atuação regular na última vez. Melhorou muito, porém, na semana. Madame Itu, muito veloz, pode-se agigantar na pista de grama e pregar uma surpresa.

Páreo duro

Carreira difícil a sétima do programa, já que estão presentes os animais Todavia No, Argozil, Cahill e Beaumont que regulam entre si. Vamos ficar com a ordem mencionada, pois, Todavia No parece ser algo superior à turma. Argozol já correu bem em prova especial contra Atop Sin e outros.

Corrida ingrata

Blitzkrieg vem de perder uma corrida realmente ingrata para Keaton, ficando como a força destacada desta prova. Normalmente, é um ponto certo este conduzido de G. Meneses. Seu maior obstáculo é Effendi, que, na mesma carreira, chegou em terceiro muito prometedor. Vai dar trabalho ao favorito. Chance relativa ainda para Murillo que, às vezes, atropela forte.

Progrediu

Realmente não poderia ter sido melhor a última apresentação de Alsacien, animal que saiu de um sexto lugar para um segundo surpreendente mas muito prometedor frente a Joanico. Tem muita chance. A dupla pode ser com Doodle, ficando Bas Fond com um ótimo azar, já que baixou muito de turma.

Prova final

A carreira final desta tarde deve ter um ganhador muito tranqüilo em Badaui, caso não repita sua última exibição quando ficou parado, dando mais de 100 metros de vantagem aos seus rivais. Neste caso, a dupla passará a ser disputada entre Fanagram e Skylon, com uma ligeira vantagem para o conduzido de J. Malta.

Montarias para 5ª-feira

1º PÁREO — às 20 horas — 1.000 metros Cr$ 101.000,00

			Kg.
1—1	Ramagem, J.M Silva	3	57
2	Eau D'Argent, L. Maia	6	57
2—3	Abática, J. Queiroz	2	58
4	Portage, I. Agostinho	1	58
3—5	Águia da Pátria, J.B. Fonseca	7	58
6	Dasô, J. Pinto	4	58
4—7	Farnésia, J. Escobar	5	58
8	Blessed Irony, J. Malta	8	57

2º PÁREO — às 20h30m — 1.000 metros — Cr$ 87.000,00 — (1ª DUPLA-EXATA)

			Kg.
1—1	Sarrazani, R. Silva	7	58
2	Larsen, J.M Silva	4	58
2—3	Cafayate, J. Ricardo	10	56
4	Ferus, J. Queiroz	11	57
5	Bimotor, J. Machado	8	56
3—6	Escudo Real, D.F. Graça	6	56
7	Viva-Vida, E. Freire	9	55
8	Benefactor, C. Xavier	3	57
4—9	Metauro, E. Santos	5	55
10	Amadeu, M.C. Porto	2	56
11	Avel.e, Jz. Garcia	1	56

3º PÁREO — às 20h55m — 1.600 metros — Cr$ 101.000,00 — (Início concurso 7 pontos)

			Kg
1—1	Fronte, P. Alves	4	55
2—2	Komm, J. Queiroz	3	57
3	Bi-Cobalt, R. Silva	6	56
3—4	Nietzsche, G. Meneses	5	55
5	Laêag, J. Ricardo	7	58
4—6	Geller, J.M. Silva	1	58
7	Keaton, P. Cardoso	2	57

4º páreo — Às 21h20m — 1.000 metros — Cr$ 101.000,00

			Kg.
1—1	Linda Selma R. Silva	1	58/6
2	Effervescenza J. Pinto	6	57
2—3	Sweet Pat W. Gonçalves	5	57
4	Sparkana J. M. Silva	8	58
3—5	Naceja E. R. Ferreira	9	56
6	Ma Fleur J. Ricardo	10	55
7	Estrelitzia J. Queiroz	4	55
4—8	Gremista E. Santos	7	56/2
9	Date Vite A. Machado Fº	3	57/3
9	Dinha Só I. Agostinho	2	54/1

5º páreo — Às 21h50m — 1.200 metros — Cr$ 147.000,00 — (2ª Dupla - Exata)

			Kg.
1—1	Catauro M. Andrade	14	56
1	Cale Pino F. Lemos	10	56
2	Favera City J. Queiroz	8	56
2—3	Fob T. B. Pereira	3	56
3	Fulmineo A. Almeida	13	56
4	Intrepidus C. Pensabem	12	52
3—5	Ben Lacris R. Freire	2	56
"	Tufão A. Oliveira	4	56
6	Corey J. Pinto	1	56
7	Kazanca E. Ferreira	9	56
4—8	Funileiro J. Ricardo	5	56
9	Berbarbarão G. F. Almeida	11	56
10	Konditor J. Machado	6	56
10	Leonildo P. Vignolas	7	56/4

6º PÁREO — Às 22h15m — 1.000 metros — Cr$ 101.000,00

			Kg.
1—1	Graziano, G. F. Almeida	10	56
2	Bold To Run, L. Januário	5	56
2—3	Bright Day, E. Freire	6	56
4	Lengo-Lengo, D. F. Graça	7	56
3—5	Contravento, L. Maia	4	56
6	Big Stick, W. Gonçalves	9	56
"	Half Day, R. Marques	1	56
4—7	Jenkin, M. Vaz	2	58
8	Nurburbring, A. Machado Fº	8	56
9	Jerimum, Jz. Garcia	3	56

7º PÁREO — Às 22h45m — 1.100 metros — Cr$ 124.000,00

			Kg.
1—1	Doorla, E. R. Ferreira	6	57
2	I Love Lucy, I. Agostinho	4	57
2—3	Camaçari, A. Machado Fº	8	57
4	Reza Forte, O. Ricardo	5	57
3—5	Zin-Zan-Zoan, D. Guignoni	3	57
6	Jesse Girl, J. C. Castill	7	57
"	Lamedy, M. Monteiro	10	57
4—7	Carbonila, R. Freire	9	57
8	Huinco, J. B. Fonseca	2	57
9	Hicate, E. Santos	1	57

8º PÁREO — Às 23h15m — 1.000 metros — Cr$ 101.000,00

			kg.
1—1	Zé do Pito, A. Abreu	4	57
2	Chano, A. Machado Fº	3	56
2—3	Green Money, G.F. Almeida	6	56
4	Alfil, J. Malta	9	56
3—5	Hestesia, S. Silva	5	57
6	Abu, J.C. Castillo	8	55
4—7	Tico-Tico-Rei, F. Lemos	1	57
8	Concentrado, M. Peres	2	55
9	Atchin, R. Marques	7	58

9º PÁREO — Às 23h45m — 1.300 metros — Cr$ 124.000,00 — (3ª DUPLA-EXATA)

			kg.
1—1	Holster, G.F. Almeida	13	55
2	Siete Estrellas, J.F. Fraga	4	55
3	Kibunganzá, Jz. Garcia	11	55
2—4	Sapporo, A. Oliveira	1	55
5	Talgo, W. Gonçalves	10	55
6	Hurdler, L. Caldeira	5	55
3—7	John Bee, E.R. Ferreira	9	57
8	Great Defiance, I. Agostinho	12	53
9	Esthoura, J. Esteves	3	55
4-10	De Sordi, J.M. Silva	6	56
11	Lampeiro, J. Pinto	7	55
12	Emanuel, R. Marques	8	55
13	Hitter, J. Ricardo	2	55

Jorge faz pista limpa e ganha prova de hipismo

Curitiba — O carioca Jorge Carneiro, montando **Bernard**, venceu ontem a segunda prova do Campeonato Brasileiro de Saltos de Seniores que se disputa na Sociedade Hípica Paranaense, dentro do Copa Atlântica Boavista de Hipismo. O conjunto vencedor foi o único a zerar a pista, de obstáculos a 1,50m x 2m, impedindo que houvesse outras passagens.

Elizabeth Assaf, também do Rio de Janeiro, montou **Parabellum** e ficou em segundo lugar com quatro pontos juntamente com José Roberto Reynoso Fernandes, com **Noa Noa**, e Luiz Felipe de Azevedo, com **Tambo Nuevo**, ambos de S. Paulo. Luiz Felipe está liderando esse campeonato, com 27 pontos, seguido por Elizabeth Assaf, com 24, e Jorge Carneiro, com 23 pontos.

PRELIMINAR

Jorge Carneiro ficou também com o quinto lugar na prova, montando **Aramis** — cavalo com que lidera o Campeonato — com 7 pontos e 1/4. Em sexto lugar, com oito pontos, empataram Ricardo Gonçalves Filho, com **Mar Sol**, Nestor Llambre, com **Condor**, e Justo Albaracin, com **Luck Man**.

Na prova preliminar, disputada com obstáculos a 1,30m x 1,80m, a vitória ficou com Avelino Artur Junior, do Rio, com **Overtime**, sem faltas no desempate com o tempo de 45s21. Em segundo classificou-se Ney Boghossian, com **Puma** — 0 em 45s41 — seguido de Vitor Alves Teixeira, com **Natural** — 0 em 47s51 — Marcos da Silva Fernandes com **Ruban Bleu** — 4 em 51s28 — Jorge Carneiro, com **Gelatina** — 4 em 59s22 — e Nestor Llambre, com **Rony** — 8 em 54s49.

O Brasileiro de Seniores se encerra hoje com o Grande Prêmio João Batista Figueiredo, tipo Brasil, com dois percursos, o primeiro a 1,50m x 2m e o outro a 1,60m x 2m. Pelo Concurso de Adestramento Nacional Oficial, José Scheleder, com **Jerez**, venceu ontem a Reprise São Jorge e Diana Osward, com **Art Nouveau**, venceu a Reprise Jaraguá.

Pirelli abre vôlei em São Paulo contra equipe do Bohemios

São Paulo — A equipe do Pirelli, campeão brasileiro, abre hoje, em Santo André, a Copa Sul-Americana de Voleibol Masculino, enfrentando o Bohemios, do Uruguai, em partida programada para às 15h, no ginásio municipal "Pedro Del Antonia". O Paulistano, o outro representante do Brasil no torneio, estréia amanhã, às 21h, contra o Expor Venezuela, do Paraguai.

A competição, que termina no próximo sábado, conta ainda com Ferrocarril Oeste, da Argentina, e que tem possibilidade de chegar ao título, já que está em boa fase. O técnico do Pirelli, José Carlos Brunoro, relacionou os seguintes jogadores: Clóvis, Reno, Flávio, Montanaro, Antônio Carlos Moreno, Marcos, Emerson, Manoel Pedro, José Roberto, Willian, Ronaldo, Denis, Auri, José Maurício e Mário Reis, e está otimista, alegando que a equipe está bem preparada.

O Paulistano, quatro vezes campeão do torneio — a última em 1979 — é apontado como a grande força da Copa Sul-Americana e o técnico Paulo Sevciuc contará com os jogadores Fulvio, José Henrique, Roque, Paulo Silva, Edson Alba, Celso, João Carlos Toledo, Fernando, Wanderley, Santi, Sanches, João Antônio, Mauro Grasso, Francisco e Wolff.

A solenidade de abertura da competição será programada para às 14h e um grande público deverá comparecer ao ginásio "Del Antonia".

Torneio de praia tem PM Turismo x Itatiaia

Quatro jogos pelas quartas-de-final dão seqüência esta manhã ao 1º Torneio de Quadras de Voleibol que está sendo disputado em Copacabana, Posto 5, com a presença de vários jogadores de seleções brasileiras. A equipe do PM Turismo, líder do Grupo III, faz o jogo mais importante da rodada, enfrentando o Itatiaia Turismo a partir das 10 horas.

Outro jogo que promete grandes lances de emoção será realizado entre a equipe do Paulo César de Almeida, o líder do Grupo I, invicto, com seis pontos ganhos, e o Prátika I.

Na terceira rodada do Torneio ontem, os resultados foram os seguintes: Paulo César de Almeida 2 x Fiesta Motel 0; Óculos Camargue 2 x Varese 0; Prátika-1-2 x Metropolitana Amarela 1; Special Concord 2 x Prátika 0; Itatiaia 2 x Prátika 0; Prática III-2 x Le Coq II-1; PM Turismo 2 x Le Coq I-0; Hygia 2 x Metropolitana Azul 0..

Os jogos de hoje são: **Rede 1**: Paulo César de Almeida x Prátika I, Óculos Camargue x Hygia; **Rede 2**: Itatiaia Turismo x PM Turismo, Varese x Special Concord.

Barcelos é o novo campeão estadual da Classe Laser

José Paulo Barcelos é o novo campeão estadual de Laser. Ao vencer, ontem, na raia da Escola Naval, a última regata. Ele terminou o campeonato com apenas 7,25 pontos perdidos contra 14 do vice-campeão, Pedro Bulhões. Em terceiro lugar, terminou Christoph Bergmann, com 15,25 pontos, seguido de Nélson Alencastro, com 24 e de Ricardo Stäbile e John King, com 31.

Na regata de ontem, disputada com vento fraco de Nordeste que, depois do primeiro triângulo, rondou para Sul, atrás de José Paulo cruzaram Pedro Bulhões, Ricardo Stäbile, Fernando Bello, Otto de Assis, Luís Oliveira Neto, Christoph Bergmann, Luís Marcelo Maia, Ronaldo Senfft e Norman McPherson.

PINGÜIM

Márcio Chebar, atual campeão brasileiro de Pingüim, venceu ontem o Estadual desta classe, com mais uma vitória na raia da Escola Naval, tendo como proeiro Luís César Maia. Chebar terminou o Campeonato com 3,75 pontos perdidos, seguido de Luís Antônio Evangelista, com 11,75, de Francisco Freire com 16, de Luís Paulo Gonçalves com 20, Júlio Sass com 23, Antônio Carlos Pantaleão com 25 e de Francisco Mendes com 32.

Na regata de ontem, vencida por Chebar, Luís Evangelista ficou em segundo seguido de Francisco Freire, Antônio Pantaleão, Francisco Mendes e Ronaldo Fernandes.

A Regata Independência, da Classe Star, também corrida na Escola Naval, foi vencida por Harry Adler. Em segundo cruzou Willy Werner, seguido de Geraldo Bandeira de Mello, Carlos Alberto Jardim, Roberto Pamplona e Isio Strada. Para hoje, na raia da Escola Naval, está programada a Regata Cidade do Rio de Janeiro, para todas as classes. A largada de Oceano é às 13h e a das outras classes às 13h30m.

São Paulo/Ariovaldo dos Santos

Kirmayr e Hocevar cansaram a partir do 3º set e chegavam à rede com lentidão

Delfim Vieira

Rony Lima foi o melhor na Prainha

Interclubes de Surfe faz final entre os 28 melhores do Rio

Alguns dos melhores surfistas do Rio disputam hoje a final do Interclubes Itaquá 81, que começa às 8 horas, em Itacoatiara, oferecendo uma passagem Rio—Lima—Rio e mais Cr$ 30 mil ao vencedor. Pelas condições do mar sexta-feira e ontem, a previsão é de excelentes ondas, o que proporcionará uma disputa bastante técnica.

Entre os finalistas (28) estão Daniel Friedmann, Frederico D'Orey, Valdir Vargas, Cauli Rodrigues, Roberto Valério, Silvinho, Marré e outros nomes da primeira linha deste esporte. O mar tem favorecido tecnicamente a competição, pois o **tubo**, manobra raramente conseguida, tornou-se quase vulgar nas águas de Itacoatiara, em Niterói. A competição é organizada pela Associação de Surfe de Niterói, cujo presidente, Élvio da Silva, o Yutrik, vem lutando pela divulgação do esporte.

Na Prainha, com ondas de 1,30m, para a direita e esquerda, Rony Lima venceu sua primeira competição importante: conquistou o título do 3º Campeonato Interno do Bahiense, apresentando manobras audaciosas que lhe deram o primeiro lugar e uma prancha Russo como prêmio. Rony é um dos principais surfistas da nova geração e derrotou Marco Toledo na final. O campeonato foi organizado por Renato Castro e teve apoio das Noites Cariocas e Calções Tico, distribuídos aos seis primeiros.

Antônio Neto domina na classe 350 o Continental de Motociclismo no Chile

Santiago — O brasileiro Antônio Neto se consagrou como um dos principais pilotos da América do Sul, ao vencer a categoria 350cc do Campeonato Continental de Motociclismo (velocidade), ganhando cinco das seis provas disputadas. Neto acabou com 81 pontos, na frente do venezuelano Eduardo Aleman, segundo, com 75.

A atuação de Neto provocou vários comentários elogiosos a seu respeito e Kurt Horta, experiente piloto chileno, chegou a afirmar que ele tem um futuro de grande projeção e em mais dois anos estará entre os melhores do mundo. A categoria 125cc foi vencida pelo argentino Hugo Vigneti.

Em Jacarepaguá, o Campeonato Estadual de Velocidade prossegue hoje, a partir das 10 horas, e a novidade é a prova de Fórmula-Rio, para motos de 125cc. A categoria é nova mas já atraiu bom número de participantes (32), pois a mecânica é livre, o que proporciona várias opções aos pilotos.

Zeca Giaffone é o mais rápido e larga na frente da prova de "stock car"

Porto Alegre — O paulista José Giaffone foi o mais rápido nos treinos de tomadas de tempo, realizados ontem no Autódromo de Tarumã, em Viamão, a 24km desta Capital, e é o **pole position** da sexta etapa do Campeonato Brasileiro de Stock-Car, cuja largada será às 13h30m de hoje, em bateria única, de uma hora de duração.

José Giaffone ganhou a **pole position** com o tempo de 1m19s77, correspondendo à média de 136 105 km/h. Reinaldo Campello, que nos treinos de sexta-feira conseguiu **virar** em 1m19s71, largará ao lado de Zeca Giaffone. Nas tomadas de tempo, ele ficou apenas dois centésimos de segundo atrás do líder.

Estão inscritos 22 carros para a prova, que poderá ser disputada com chuvas, já que esta é a previsão da meteorologia. A classificação, até o quinto lugar, dos treinos é: 1º José Giaffone, 1m19s77; 2º Reinaldo Campello, 1m19s79; 3º Ingo Hoffmann, 1m19s93; 4º Paulo Gomes, 1m20s07; 5º Alencar Júnior, 1m20s13.

Marrese pode ser campeão na F-Fiat

São Paulo — Victor Marrese e Janjão Freire obtiveram ontem respectivamente os melhores tempos da Fórmula-Fiat e Fiat 147, que contam pontos para a quinta e última etapa dos Campeonatos Paulista e pela penúltima etapa do Coca Cola Rio/São Paulo Novotel. As corridas serão no autódromo de Interlagos a partir das 10h30m de hoje.

Marrese, largando em primeiro, não deverá encontrar dificuldades para conquistar o título paulista, já que necessita de uma décima colocação. Poderá também ganhar o Coca Cola, desde que Maurício Gugelmin, que sai em segundo, não termine a corrida numa posição melhor que um quinto lugar.

Entre os pilotos de Fiat 147, Renato Conill será o campeão com um quinto lugar e está tranqüilo para obtê-lo, pois o **pole**, Janjão Freire, não disputa o título. Conill larga e tem tudo para chegar em primeiro porque é da mesma equipe de Janjão, que lhe dará cobertura.

Brasileiros na final do Mundial de Kart

Parma, Itália — Os brasileiros Airton Senna e Paulo Carcasci estão entre os 34 pilotos que disputam hoje a final do Campeonato Mundial de Kart. Mário Sérgio Carvalho e Élcio Paiva foram eliminados na etapa de ontem, pois não conseguiram acertar o ponto do motor de seus karts.

Airton Senna, campeão do Campeonato Inglês de Fórmula-Ford deste ano, obteve a quinta colocação, enquanto Carcasci ficou na 11ª, tornando-se a surpresa entre os brasileiros, pois tem apenas 18 anos e esperava apenas adquirir experiência. Os 34 finalistas disputam três baterias, valendo os dois melhores resultados.

Geraldo Viola

Barcelos andou bem e correu sempre na frente, vencendo por boa margem

Brasil precisa vencer os dois jogos da Davis

São Paulo — Derrotado ontem por 3 a 1 na partida de duplas, o Brasil precisa vencer hoje os dois jogos de simples, contra a Alemanha Ocidental, para obter uma vaga na divisão principal da Copa Davis de Tênis de 1982. Carlos Alberto Kirmayr enfrenta, às 11h, Ulrich Pinner e Thomas Koch joga em seguida com Peter Elter, com transmissão pela televisão.

A dupla alemã, formada por Christophe Zipf e Hans Dieter Buetel, ganhou ontem com parciais de 6/8, 6/4, 6/3, 13/11 dos brasileiros Kirmayr e Marcos Hocevar. O pequeno público que compareceu ao Ginásio Poliesportivo do Ibirapuera, onde estão sendo os jogos, passou a maior parte do tempo tenso, especialmente no quarto **set**, muito equilibrado e só definido depois de longa disputa. A partida durou 3h40m.

SEM ESPERANÇAS

Com a vitória de ontem, a equipe alemã ficou em vantagem de 2 a 1. Para hoje, Kirmayr é favorito contra Pinner mas Koch, que se apresentou muito mal no primeiro dia de jogos — foi facilmente derrotado por 3 a 0 por Pinner — não dá grandes esperanças ao público e ao técnico Paulo Cleto. Este, porém, acredita numa melhoria de produção do tenista gaúcho.

No jogo de ontem a dupla brasileira ganhou o primeiro **set**, mantendo o seu serviço, mas já apresentando alguns defeitos, especialmente no jogo de fundo de quadra. Os alemães, porém, cresceram de produção e ganharam, sem maior dificuldade, os dois **sets**, sendo que no terceiro Kirmayr e Hocevar pareciam cansados, chegando à rede com certa lentidão.

Mas, no quarto **set**, a dupla brasileira melhorou seu rendimento mas acabou tendo seu serviço quebrado e perdeu por 13/11 depois de um acirrado equilíbrio — chegou a estar 11 x 11.

A entrada de Marcos Hocevar na disputa de duplas já estava prevista antes do início dos jogos, mas o técnico Paulo Cleto deixou para anunciar os dois jogadores brasileiros uma hora antes do início da partida de ontem, alegando que o treinador alemão adotara a mesma tática. De qualquer maneira, dificilmente ele colocaria Koch na quadra, pois este se apresentara de maneira decepcionante contra Pinner. Ontem porém, para surpresa geral, Kirmayr também esteve irregular e Hocever se apresentou num nível apenas razoável.

Em Moscou, os soviéticos encerraram ontem a eliminatória da Zona B européia da Davis com uma vitória de 5 a 0 sobre a Holanda. Serguei Leonyuk derrotou Mark Albert por 4/6, 9/7, 6/4, 4/6, 6/4 e Alexander Zvetev venceu Eric Wilbot por 6/1, 6/3.

Em Avila, a Espanha marcou ontem 2 a 1 sobre a Hungria pela final da Zona A européia. José Luís Maeso venceu Robert Machan por 6/1, 4/6, 6/1, 9/7 e a dupla Angel Gimenez-Sérgio Casal marcou 4/6, 8/6, 10/8, 6/3 sobre Balaz Tarocsy-Socke. No primeiro jogo, na sexta-feira, Taroczy marcara o ponto húngaro vencendo Fernando Luna por 6/4, 6/3, 6/3.

EM PALERMO

Palermo, Itália — Pedro Rebolledo, do Chile, e Manuel Orantes, da Espanha, fazem hoje a final do 36º Torneio de Tênis de Palermo. Rebolledo venceu ontem o italiano Corrado Barazzuti por 6/3, 7/6 e Orantes derrotou seu compatriota José Higueras por 6/2, 6/3.

Em Tóquio, a norte-americana Ann Kiyomura venceu ontem sua compatriota Kathy Horvath por 6/4, 6/1 e a alemã ocidental Bettina Bunge derrotou a iugoslava Mima Jausovec por 6/2, 1/6, 7/6. Kiyomura e Bunge fazem hoje a final. Quem vencer receberá um prêmio de 34 mil dólares — cerca de Cr$ 3 milhões 400 mil.

Baltar e Cordeiro chegam juntos na Corrida da Tijuca

Sem primar pela organização, mas muito animada, a primeira Corrida Rústica da Tijuca teve ontem dois vencedores: José Baltar e Jorge Cordeiro, que cruzaram o funil de chegada na Praça Saens Peña de maõs dadas, gesto que foi aplaudido pela massa que os esperava.

A prova teve início no Maracanã, em frente ao portão principal, com 1 mil 200 inscritos, entre homens, mulheres e crianças. Baltar e Jorge Cordeiro logo se destacaram e tal era a facilidade com que corriam, que combinaram ultrapassar a chegada juntos. Aluísio Celestino foi terceiro e o quarto foi Ernani de Sousa. Entre as mulheres, Dalvirene Paiva ganhou e Lucilene de Sousa fico em segundo.

CALOR FORTE

Com muito tumulto, pois ninguém se entendia, às 15h10m foi dada a largada, seguindo os corredores pela Avenida Maracanã. Durante o percurso até a Praça o sol estava muito forte, fazendo com que muitos parassem logo. Mais destacados na frente do pelotão, corriam Baltar, Jorge Cordeiro e Aluísio Celestino, que logo foi cedendo terreno.

Quando chegaram à Praça Saens Peña, Baltar e Jorge Cordeiro, sozinhos na frente, diminuíram o passo e mais 400 metros cruzaram a linha de chegada. A explicação para o ritmo lento é que hoje os dois farão outra corrida de 10Km, de São Conrado ao Arpoador.

PROVA DE HOJE

Um total de 1 mil 300 pessoas participam hoje, com largada às 8h de São Conrado, de uma prova de 10 quilômetros que servirá como treinamento para as mulheres que disputarão, dia 4 de outubro, a 3ª Corrida Avon. Entre os homens, os favoritos são José Baltar e João Alves de Sousa, o Passarinho, e, entre as mulheres, Ivanise Lins e Barros e Eleonora Mendonça.

O vencedor dos 10 quilômetros deve fazer o percurso até o Arpoador em 30 minutos, dependendo do ritmo que o primeiro pelotão impor à prova. Para as mulheres, o percurso será excelente, pois é o dobro do da Corrida Avon e servirá para avaliar a capacidade de resistência. Já estão inscritas 600 mulheres (240 de São Paulo) e a intenção dos organizadores é bater o recorde da prova passada, quando 1 mil 700 pessoas participaram.

Roteiro

Water pólo

O tijuca manteve sua posiçõ de terceiro colocado na competição, ao golear ontem, em sua piscina, o Fluminense por 12 a 4, na principal partida da quinta rodada do returno do Campeonato Estadual de Pólo Aquático, categoria júnior. Na preliminar, o Guanabara também venceu fácil o Vasco, por 14 a 2. Gama Filho e Botafogo são os líderes do Campeonato e ainda faltam cinco rodadas para o final.

Golfe

Isabel Lopes e Ingrid Pacey fazem hoje, no Campo do Gávea, a final feminina do Torneio Atlântica-Boavista de **Match Play**. Nas semifinais de ontem, Isabel derrotou Ana Luiza Bertaso por 4 a 3 enquanto Ingrid passava por Cláudia Bertaso — 3 a 2.

Pelo torneio masculino, o argentino Luís Carbonetti e os brasileiros Rafael Gonzales, Ismar Brasil e Ricardo Mechereffe venceram suas partidas de ontem e passaram às semifinais de hoje da categoria **scratch**. Na categoria 0-9 os semifinalistas são James McGowan, Stephan Osward, Guilherme Gondin e Vicente Galliez Filho.

RESULTADOS

Os resultados de ontem da Taça Atlântica-Boavista foram estes: **Scratch**: Luís Carbonetti 1 **up** Roberto Gomes; Rafael Gonzales 5 a 4 Robert Hughes; Ismar Brasil 3 a 2 Ricardo Rossi; Ricardo Mechereffe 4 a 3 Lauro de Lucca.

0-9: James McGowan 7 a 6 Anthony Talbot; Stephan Osward 6 a 5 Fritz Bosseijon; Guilherme Gondin 1 **up** Carlos Eduardo Cortes; Vicente Galliez Filho 2 **up** Raul Fernandes Davis.

10-17: Caio Sylla 4 a 3 Ademar Faria; James Hutchinson 2 a 1 Eudes de Oriens e Bragança; Sérgio Vilela 1 **up** Mário Ineco Filho; Hélio Flores 2 **up** Neville Firebrother.

18-24: Nilo Gomes de Lemos 3 a 2 Alexandre Vieira; Hélio Andrade 2 a 1 Gonçalo Dias; Adolfo Maia 3 a 2 Silvio Fraga; Carlos Freire 2 a 1 César Farias.

Juvenil: Jean Paul Van Tilburg 2 **up** Pietro Pedrinola; Rodrigo Fiães 3 a 1 Ricardo Bertaso.

Pólo

Leões e Santa Cruz fazem hoje, às 14h, no campo do Itanhangá, a final do Torneio Plínio de Carvalho de pólo. Os Leões classificaram-se ontem ao vencerem os Panteras por 8 a 5 com gols de Hector Silva (3), Argemiro Baudson (3) e Vidal Algranti (2) com Eduardo Secco completando a equipe.

Pelos Panteras, que receberam quatro gols de **handicap**, marcou Antônio Bocaiúva Cunha com Rui Barreto, Charles Tang e Odair dos Santos completando o time. O Santa Cruz joga hoje com José Luís Lopes, Luís Quatroni, William Pretyman e Ricardo Pacheco.

Tiro

Belgrado — A equipe soviética bateu ontem o recorde mundial de tiro livre de pistola com 2 358 pontos contra os 2 353 obtidos pelos Estados Unidos em Cáli, em 1971. A marca soviética foi conseguida no quarto dia do Campeonato Europeu de Tiro que se realiza em Titogrado, na Iugoslávia. O recorde foi com pistola de pequeno calibre — 60 disparos de 50 metros.

Fluminense facilita no fim e vence só de 3 a 2

Preparador salva gol no Paraná

Curitiba — O Colorado vencia o Toledo por 1 a 0 quando, a três minutos do final, o zagueiro Quaresma, improvisado de centroavante, escapou pelo meio do ataque, entre dois adversários, e chutou com o goleiro Joel Mendes caído. Seria o empate se o preparador físico do Colorado, Luis Roberto Mater, não tivesse entrado em campo e chutado a bola pela linha de fundo.

Em seguida, saiu correndo e fugiu pelo túnel, em direção ao vestiário, de onde desapareceu. O juiz Célio Laudelino da Silva paralisou a partida e, depois de muita confusão, resolveu reiniciá-la com bola ao chão. O Colorado manteve assim o resultado de 1 a 0, obtido aos sete minutos, através de um gol de cabeça de Caxias, que escorou um córner cobrado por Aladim.

Ao final da partida, a diretoria do Colorado recolheu rapidamente os jogadores e fechou as portas do vestiário. Diretores do Toledo anunciaram que vão entrar com um recurso para anular a partida. Um representante da Federação Paranaense de Futebol garantiu que os pontos da partida estão em suspenso até o julgamento, que será marcado na segunda-feira.

O Colorado totaliza nove pontos no returno e precisa da vitória para se classificar à fase final. A situação do Toledo é dramática: em 16º lugar na classificação geral, depende de um resultado favorável nesta partida, para evitar o rebaixamento.

Palmeiras empata com gol no fim

São Paulo — Um gol de Pedrinho, aos 37 minutos do segundo tempo, evitou a derrota do **Palmeiras** para a Francana, ontem à tarde, na cidade de Franca. A partida terminou 1 a 1. Zé Guimarães, de falta, marcou o gol do time local, aos 20 minutos da fase complementar. Oscar Scolfaro foi o juiz, tendo a renda somado Cr$ 1 milhão 932 mil 400, com 9 mil 827 pagantes.

A Francana dominou grande parte das ações e só não chegou à vitória por causa das excelentes defesas de Gilmar, a maior figura do jogo. Equipes: **Francana** — Valdeir; Gasparzinho, Wilson Campos, Zé Mauro e Bassi; Jean, Machado (Pavan) e Dau; Zé Guimarães, Lívio e Zito. **Palmeiras** — Gilmar; Jaime Boni, Luís Pereira, Deda e Pedrinho; Adauto, Célio (Freitas) e Aragonez; Osni, Enéas e Marquinhos (Esquerdinha).

Corintians e São Paulo, duas equipes que ainda não têm presença assegurada na próxima Taça de Ouro — estão com 39 pontos, em sétimo lugar na classificação geral — fazem, no Morumbi, às 16 horas, o jogo mais importante da rodada de hoje, pelo returno do Campeonato Paulista.

Os demais jogos são: Portuguesa de Desportos x São José, no Canindé; Juventus x Comercial, na Rua Javari; São Bento x Santos, em Sorocaba; Ponte Preta x Noroeste, em Campinas; XV de Jaú x Internacional, em Jaú; Botafogo x Taubaté, em Ribeirão Preto; Ferroviária x Guarani, em Araraquara.

FLUMINENSE 3 X AMÉRICA 2 — **Local**: Maracanã, **Renda**: 1 milhão 834 mil 300; **Público**: 10 mil 091; Juiz: Luís Carlos Félix. **Cartões amarelos**: João Luís e Edevaldo. **Fluminense**: Paulo Vítor, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Gálaxe; Gilberto, Afonsinho e Delei; Roberinho, Cláudio Adão e Zezé (Zezé Gomes) **América**: Ernâni, Vilmar, Osmar, Eraldo (Everaldo) e Alcir; João Luís, Manuel e Pires; João Carlos, Luisinho e Jurandir (César). **Gols**: no 1º tempo, Claudio Adão (11 e 14m) e Edinho (19); no 2º tempo, Luisinho (6 e 42m)

Marcando três gols antes dos primeiros 20 minutos de jogo, o Fluminense desarmou completamente o time do América, dominou todo o tempo, perdeu pelo menos três outros gols, mas facilitou no fim e quase deixa escapar uma fácil vitória.

Ao América, que se sentiu prejudicado com o primeiro gol, reclamando posição ilegal de Cláudio Adão, usou muito mal a tática de impedimento, culpada pelos três gols, mas teve o mérito de não se entregar, lutando e conseguindo fugir de uma derrota que poderia ter sido arrasadora.

Gols decisivos

O Fluminense foi, na verdade, superior todo o tempo. Os primeiros minutos já mostravam que era o melhor em campo, até mesmo na condição física: seu time corria o dobro que o do América. Este procurava marcar de perto, mas seus jogadores se viam quase sempre batidos nas disputas de bola.

Jogando na frente, procurando o gol, o Fluminense pressionou desde o início e a defesa do América começou a aplicar a velha tática de avançar para deixar o adversário em posição ilegal. É uma tática sabidamente perigosa entre outras razões porque tem de ser feita com uma perfeita coordenação. Um descuido e um impedimento deixa de existir. A outra razão importante é que os nossos juízes, ou pelo menos a maioria deles, marcam dois, três impedimentos, mas no quarto, já sob vaias e xingamentos, deixam o lance passar.

Sandro Moreyra

Ontem, o primeiro gol do Fluminense, feito por Cláudio Adão num lance muito rápido de Zezé pela esquerda, deu a impressão de erro do árbitro. Quanto aos outros dois, foram perfeitos. Edinho entrou livre para fazer o terceiro, justamente porque houve uma indecisão dos zagueiros do América no momento de se adiantarem e o zagueiro, vindo de trás, ganhou condição.

O fato é que com três gols marcados aos 11, 14 e 19 minutos de partida, o Fluminense acabou com qualquer tática do adversário. Passou a jogar com grande precisão, acertando a maioria dos passes, principalmente no meio-campo, onde Gilberto, Afonsinho e Delei fartaram-se de criar condições de gol para os três atacantes. Estes, tendo os dois ponteiros bem abertos e Cláudio Adão sempre buscando as finalizações, eram uma permanente ameaça ao gol do América. Se o primeiro tempo terminasse com mais gols, seria perfeitamente normal.

No segundo tempo, porém, o América conseguiu salvar-se da goleada. Primeiro porque teve muita garra, lutando com vontade, sem desanimar nunca. Depois porque o Fluminense, além de perder uma série de gols fáceis — a um metro do gol vazio, Cláudio Adão quase derruba a trave com um chute violentíssimo — facilitou nos 10 minutos finais, enfeitando jogadas e com isso permitindo ao América deixar o campo com um placar honroso: 3 a 2.

Luisinho, um dos que mais lutaram, marcou o primeiro gol logo aos 6 minutos, batendo com raiva um pênalti de Tadeu em Pires. Depois, teve outra chance na metade do tempo e acabou fazendo o segundo, após uma bola totalmente perdida pela defesa tricolor, com um forte chute da entrada da área.

Com esse resultado, o Fluminense está prestes a conseguir a classificação para a Taça de Ouro, já tendo igualado-se ao Bangu. E seu time parece ter vencido de vez a fase negativa do início do turno, aparecendo com uma força nova para o turno final do Campeonato.

Ari Gomes

Edinho, o melhor do time contra o América, comemora seu gol, o terceiro do Fluminense

Edinho, o maior destaque

Paulo Vítor — Tranqüilo, sem muito trabalho e sem culpa nos gols, os dois de erros de sua defesa.

Edevaldo — Não tomou conhecimento de Jurandir e apoiou com eficiência, fazendo uma boa partida.

Tadeu — Teve trabalho em conter Luisinho, sendo o mais empenhado dos zagueiros. Apesar disso e do pênalti que cometeu, foi bem.

Edinho — Uma excelente exibição de classe e garra. Tomou conta do seu setor e várias vezes foi ao ataque. Fez um gol e teve outro, numa cabeçada sensacional, evitado por Ernâni.

Gálaxe — Discreto, sem se projetar muito, já que estava preocupado com o ponta João Carlos, que lhe deu grande trabalho.

Gilberto — Caiu menos e jogou mais. Está voltando à forma.

Delei — Muito boa atuação, defendendo e apoiando. Também vem melhorando a cada jogo.

Afonsinho — Muita categoria no trato da bola, sempre presente às jogadas e passando com rapidez e acerto. É um dos responsáveis pela melhora do time.

Robertinho — Centrou muita bola para os companheiros, mas depois quis fazer o seu gol e aí andou desperdiçando bolas.

Cláudio Adão — Grande figura na tarde de ontem. Marcou dois gols e podia ter feito pelo menos mais dois. Sempre atento nas lutas de área, brilhou os dois tempos.

Zezé — Fez boa partida, criando várias situações de gol. Foi substituído no final por **Zezé Gomes**, um lutador, mas dispersivo.

Luisinho, o lutador isolado

Ernâni: — Os gols que tomou foram mais por culpa da tática de impedimento mal executada. Nos três, os adversários entraram livres.

Vilmar: — Entrou à última hora e não se saiu mal, mas com os rápidos 3 a 0 não teve muita chance, ficando plantado em seu setor.

Osmar — Como os outros zagueiros, perturbou-se com o primeiro gol e não soube evitar os outros dois, colocando-se mal. Depois, firmou-se e no segundo tempo foi bem.

Eraldo — Igual a Osmar, perturbou-se com os três gols relâmpagos do Fluminense, somente voltando a jogar bem no segundo tempo. **Everaldo**, que entrou em seu lugar, pouco fez.

Alcir: — Outro que foi vítima da tática do impedimento. Custou a acertar, melhorando, como os outros, no segundo tempo.

Manuel: — É um bom jogador, mas ontem não conseguiu impedir o domínio do Fluminense no meio-campo. Valeu pela luta.

João Luís: — Perdido no início, salvou-se como todo o time pelo empenho em campo.

Pires: — Fez um bom segundo tempo, quando foi mais para a frente. Conseguiu o pênalti. Antes também foi envolvido.

João Carlos: Jogou bem, conseguindo várias vezes passar por seu marcador, mas chutou pouquíssimas vezes em gol.

Luizinho: — O herói isolado do América. Luta como se o jogo estivesse igual. Do seu esforço constante resultaram os dois gols, que impediram a goleada desenhada de início.

Jurandir: — Muito limitado, foi substituído por **César**, que nada acrescentou.

Botafogo joga em Niterói com Madureira

BOTAFOGO X MADUREIRA — **Local**: Caio Martins. **Horário**: 16h. **Juiz**: Aluísio Felisberto da Silva. **Botafogo**: Paulo Sérgio, Perivaldo, Zé Eduardo (Osvaldo), Gaúcho e Lima; Rocha, Ademir Lobo e Mendonça; Édson, Jairzinho e Jérson. **Madureira**: Gilson, Romiro, Celso, Miguel e Lima; Luís Carlos, Antônio Carlos e Édson; Chiquito, Tita e César.

O Botafogo joga hoje contra o Madureira, em Caio Martins, com a atenção voltada para o clássico Vasco x Flamengo do Maracanã, já que do seu resultado vai depender a sua condição de candidato a ganhar o segundo turno.

O time, no entanto, precisa vencer em Niterói e, embora favorito, já que o Madureira ocupa uma das últimas colocações, o técnico Paulinho de Almeida voltou a declarar, ontem, que vai manter o mesmo esquema defensivo que vem adotando desde o início do Campeonato.

A escalação do Botafogo ainda não foi definida e vai depender de um teste de campo que o zagueiro Zé Eduardo fará antes de seguir para Niterói. Se não for aprovado, Osvaldo entrará em seu lugar. Nas demais posições, porém, todos os titulares estão garantidos, inclusive Jérson, que ontem passou na revisão médica.

O Madureira também mantém o time que vem jogando e, tal como o Botafogo, também joga fechado na defesa, procurando os contra-ataques. Sua preocupação maior é não perder.

Internacional

INGLATERRA

Birmingham 3 x 0 Manchester City
Brighton 2 x 2 Coventry
Leeds 0 x 0 Arsenal
Liverpool 0 x 0 Aston Villa
Manchester United 1 x 0 Swansea
Notts County 1 x 4 Ipswich
Southampton 2 x 0 Middlesbrough
Stock 1 x 2 Nottingam Forest
Sunderland 0 x 0 Wolverhampton
Tottenham 3 x 0 Everton
West Bromwich 0 x 0 West Ham

CLASSIFICAÇÃO

	Pontos
1 — West Ham Tpswich	11
3 — Southampton	10

ALEMANHA OCIDENTAL

Bayer Leverkusen 1 x 0 Eintracht Braunschweig
Werder Bremen 4 x 0 Fortuna Duesseldorf
Bayern Munich 4 x 2 KA Iserslautern
Arminia Bielefeld 1 x 1 Borussia Dortmund
Borussia Moenchengladbach 4 x 2 Nuremberg
VFB Stuttgart 1 x 1 Cologne
MSV Duisburg 4 x 2 Eintracht Frankfurt
Darmstadt 2 x 6 Karsruhe
VFL Bochum 2 x 1 Hamburg

ESCÓCIA

Aberdeen 1 x 0 Hibernian
Airdrie 2 x 1 Dundee United
Dundee 3 x 0 St. Mirren
Morton 1 x 0 Partick Thistle
Rangers 0 x 2 Celtic

RODADA

RIO
Flamengo x Vasco, no Maracanã
Madureira x Botafogo, em Caio Martins
Bangu x Olaria, em Moça Bonita
Campo Grande x Americano, em Ítalo del Cima
Serrano x Volta Redonda, em Petrópolis

SÃO PAULO
São Paulo x Corintians, no Morumbi
Portuguesa Desp. x São José, no Canindé
Juventus x Comercial, na Rua Java
Ponte Preta x Noroeste, em Campinas
Botafogo x Taubaté, em Ribeiro Preto
São Bento x Santos, em Sorocaba (de manhã)
Ferroviária x Guarani, em Araraquara
XV de Novembro x Internacional, em Jaú

MINAS
América x Cruzeiro, no Mineirão
Guarani x Uberaba, em Divinópolis
Tupi x Caldense, em Juiz de Fora
Democrata x Uberlândia, em Gov. Valadares
Guaxupé x Valeriodoce, em Guaxupé

RIO GRANDE DO SUL
Grêmio x Caxias, no Olímpico
São Paulo x Inter, em Rio Grande
Brasil x Inter/SM, em Pelotas
Novo Hamburgo x Juventude, em N. Hamburgo
Guarani x São Gabriel, em Bagé
Armour x São Borja, em Livramento

PARANÁ
Pinheiros x Atlético, em Curitiba
Maringá x Coritiba, em Maringá
Cascavel x Operário, em Cascavel
U. Bandeirante x Paranavaí, em Bandeirante
Londrina x Matsubara, em Londrina

SANTA CATARINA
Figueirense x Rio do Sul, em Florianópolis
Chapecóense x Criciúma, em Chapecó
Inter x Blumenau, em Lajes
Joaçaba x Paissandu, em Joaçaba
Joinville x Avaí, em Joinville
Carlos Renaux x Marcílio Dias, em Brusque

ESPÍRITO SANTO
Vitória x Ordem e Progresso, em Vitória
Guarapari x Desportiva, em Guarapari
Colatina x Estrela do Norte, em Colatina
América x Rio Branco, em Linhares

BRASÍLIA
Brasília x Gama, em Brasília
Taguatinga x Guará, em Taguatinga
Tiradentes x Sobradinho, em Gama

GOIÁS
Atlético x Goiânia, em Goiânia
Anápolis x Goiás, em Anápolis
Goiatuba x Monte Cristo, em Goiatuba
Itumbiara x Vila Nova, em Itumbiara
Rio Verde x Anapolina, em Santa Helena

BAHIA
Catuense x Leônico, em Alagoinhas

PERNAMBUCO
Santa Cruz x Comercial, em Arruda
Esporte x América, na Ilha do Retiro
Central x Santo Amaro, em Caruaru

CEARÁ
América x Guarani (J), em Fortaleza
Ceará x Tiradentes, em Fortaleza
Guarani (S) x Fortaleza, em Sobral
Icasa x Ferroviário, em Juazeiro

R. G. NORTE
ABC x Ferroviário, em Natal
América x Atlético, em Natal

SERGIPE
Sergipe x Confiança, em Aracaju

ALAGOAS
CRB x Capelense, em Maceió
Ferroviário x CSA, em Porto Calvo
ASA x Penedense, em Arapiraca
CSE x São Domingos, em Palmeiras dos Índios

PARAÍBA
Botafogo x Nacional (C), em João Pessoa
Santa Cruz x Treze, em Campina Grande
Guarabira x Santos, em Guarabira

PIAUÍ
Piauí x Flamengo, em Teresina
Parnaíba x Auto Esporte, em Parnaíba
Comercial x River, em Campo Grande

PARÁ
Paissandu x Remo, em Belém
Pinheirense x Esporte Belém, em Belém

MARANHÃO
São José x Boa Vontade, em São Luís
Moto x Sampaio Correia, em São Luís

AMAZONAS
América x Nacional, em Manaus

MATO GROSSO
Operário x Dom Bosco, em Cuiabá
União x Misto, em Rondonópolis

MATO GROSSO DO SUL
Tavei ópolis x Aquidauana, em Campo Grande
Comercial x Corumbaense, em Campo Grande

Tim, a volta do herói peruano

Oldemário Touguinhó

Feliz por ter classificado o Peru para a Copa e achando que no Brasil só se preocupam em chamá-lo de bebedor de vinho sem reconhecerem que de futebol poucos entendem como ele, Tim chegou ontem pela manhã junto com a sua mulher Tomires. Vestido com uma camisa Espanha/82, disse estar cansado com a série de homenagens que recebeu nesses últimos dias, desde o mais simples torcedor até o Presidente do Peru.

— Se o Roberto Carlos é famoso no Brasil, eu sou muito mais que ele em comparação lá no Peru. No aeroporto em Lima, fui obrigado a parar várias vezes na pista, a fim de saudar o povo que estava na varanda e nos muros. Isso é apenas o começo. O melhor virá na Copa do Mundo, porque enquanto no Brasil a Seleção joga um futebol para trás, deixando apenas um ponta-de-lança isolado lá na frente, na minha equipe a ordem é jogar sempre para o ataque, porque é atacando que se defende a vitória — disse Tim cheio de entusiasmo.

A chegada do técnico foi uma festa no aeroporto do Rio de Janeiro. Todos os funcionários da Alfândega o cercavam com o maior carinho, tentando resolver seus problemas, pois as várias malas de bagagem traziam apenas troféus e presentes que ele havia recebido da torcida peruana. Entre lenços, camisas, vestidos para sua mulher, Tim ganhou até mesmo um violão, que ele teve que trazer em mãos apesar de não saber tocar.

Os primeiros abraços foram para sua filha Valéria e os netos Roberta (nove anos), Fernanda (cinco anos) e João Paulo (dois anos e meio). Depois chegaram os amigos e entre eles o antigo técnico Ondino Viera, que vai auxiliar Tim em Lima, e Luís Carlos, seu jogador no tempo em que dirigiu o Bangu.

"Passei dois meses entre a concentração e o campo de treino sem ter tempo para nada. Finalmente, depois da classificação, não voltei mais ao campo e só recebo homenagens, sempre na base do vinho, muito vinho."

Antes de viajar para o Peru, Tim, que tem 65 anos, estava treinando a equipe do São José dos Campos.

— Já naquela ocasião o que eu queria era descansar em Rio das Ostras, mas a pedido de amigos que haviam comprado o título do clube resolvi ajudá-los. Coloquei a equipe em primeiro lugar e só saí porque também tive que servir à Seleção do Peru. Os dirigentes vieram de Lima para me contratar e só tiveram boas referências, inclusive de Giulite Coutinho. No início pensei que seria mais fácil, mas, quando vi o time, fiquei perdido.

— No entanto, não perdi a tranqüilidade porque sabia que os peruanos confiavam em mim e não podia decepcioná-los. Passei alguns dias assistindo a videotapes da Copa de 78 e vi os que me interessavam. Estudei o estilo de outros jogadores e dali fui para o campo. Sete treinos de conjunto e tudo bem. O futebol não tem segredo para quem sabe e, modéstia à parte, o velho aqui manja alguma coisa. Logo nos treinos mostrei aos jogadores que sabia bater na bola como eles, apesar de bem mais velho.

— O Uribe, apesar de sua técnica, não sabia cobrar pênalti. Fui com ele para a área e disse. "Olha, meu filho, a bola vai entrar naquele caninho, perto da trave." Corri e Quiroga foi buscar a bola lá dentro. Coloquei a bola outra vez na marca e disse: "Agora vou jogar ali, à meia altura, do outro lado." Toquei e só restou ao goleiro apanhá-la novamente nas redes. Mostrei a ele que o jogador tem que saber onde vai jogar a bola e com alguns treinos ficou perfeito.

— Sobre o esquema tático, pedi que cada um ocupasse um setor. Disse ao Velázquez que, se ele ficasse correndo atrás de seu adversário, cansaria cedo. Devia ficar no meio do caminho. Entre o adversário e a sua baliza. Alertei que, assim, enquanto o uruguaio iria correr 15 metros para chegar perto da área ele só andaria cinco. No fim do jogo, estaria descansado e o adversário, esgotado. O importante não é correr o campo todo mas cercar o campo todo e isso se torna mais fácil se cada um cuidar de sua zona de trabalho. Foi assim que acabamos montando um conjunto, e a classificação ficou garantida. Quando armo uma equipe é para vencer e não para garantir empate. Foi assim em Montevidéu e só não ganhamos em Lima por falta de sorte.

— A verdade é que o Peru festejou a sua classificação com orgulho de ter sido o melhor. Por isso é que só parei de trabalhar nesse dia. Deixei o futebol de lado e entrei na festa. Em casa uma alegria maior que a outra e por mais que me dessem uísque, pisco, etc, eu só fazia uma exigência: vinho tinto, muito vinho, para compensar os dias de recesso.

Delfim Vieira

Tim, a volta vitoriosa

"O peruano é um povo sensacional e eles ficaram desconfiados com aquela derrota da equipe para a Argentina na Copa de 78. Mesmo que não declarem abertamente reclamam do comportamento de alguns jogadores. Do Quiroga não, ele é um sujeito espetacular"

— Quando convoquei a Seleção, deixei alguns jogadores de 78 de fora. É melhor prevenir do que reclamar depois. Posso garantir que na equipe atual temos jogadores e homens do maior respeito. O Quiroga estava gordo e na amizade fiz com que ele perdesse oito quilos. O Chumpitaz é um veterano de alta qualidade. O Díaz é um zagueiro tão sensacional que para ele nem dava instruções. Falava com os outros e quando ele perguntava o que devia fazer eu respondia que ficasse à vontade. O que adiantava querer ensinar a um **cobrão**, que garantia tudo atrás? Com isso ele crescia de entusiasmo e não passava nada. Quando alertaram sobre o Victorino, que era muito perigoso, um goleador, apenas respondia. "Não sei quem é esse cara. Só conheço o Díaz, que também não sabe quem é ele". Isso funcionou plenamente. Com jogador não adianta querer complicar. O que interessa é ele confiar na gente. E isso aconteceu comigo. Eles viram que não sou desses de falar uma coisa e acontecer outra.

— Antes dos jogos, dizia o que cada um ia fazer e se saísse certo a vitória era nossa. Na hora não dava outra coisa. Por isso é que o time cresceu. Eu do lado de fora dando as ordens e eles no campo acabando com os adversários. No fim da classificação, acabaram me transformando em ídolo. Todos esqueceram o desastre de 78 e de outras Seleções Peruanas. Agora é força total para esse time. Uma confiança que nunca vi igual.

"Uma charrete sem burro não anda. Por isso o burro é peça importante. Num time de futebol a peça importante devia ser um técnico que entendesse de futebol. No entanto, o que todos exigem é que ele fale bem, conheça preparação física e seja disciplinador. Conhecer de bola que é bom não vale nada. Esse é o meu caso."

— Sou um técnico vitorioso. Sempre ganhei títulos e também como jogador fiz o meu nome. Os antigos se lembram do Tim. Quando vou treinar os mais novos sou obrigado a comprovar que já fui bom, que jogava a bola onde queria. No drible, bem, no drible até hoje isso é comentado, era o meu forte. Mas estou sempre sendo desafiado com treinador. A maioria se preocupa em dizer que não sou disciplinador, que gosto de beber vinho e que dou muita liberdade ao time. O certo é que futebol é para quem entende e nessa profissão aparecem muitos curiosos.

— Quando vou dirigir uma equipe, em pouco tempo ela tem o seu esquema tático armado. Seja na defesa, meio-campo ou ataque. Preparo jogadas com os botões e dali vamos buscar as vitórias. Sou a favor de um time consciente, porque se todos sabem onde vão correr isso diminui o campo e um não atrapalha o outro. Esse negócio de fazer correria o campo inteiro é bobagem. O mais inteligente encontra sempre um caminho mais curto. Não se pode querer que uma estrela deixe de ser aproveitada dentro de um time. O importante é armar jogadas para esse craque se destacar no conjunto.

— Infelizmente, apesar de ter sucesso nos clubes que dirijo, quase sempre se preocupam mais em reclamar contra o meu comportamento. Sou um homem normal que aprendeu a dirigir time de futebol e para exercer essa função desafio qualquer um. Quanto aos outros requisitos que passaram a querer do treinador, não é comigo. Não sou preparador físico e nem orador. Só sei conversar mesmo é com jogadores. Perguntem aos que já trabalharam comigo. O jogador entende tudo o que quero e sabe como executar no campo. Isso para mim é o suficiente. O que adianta falar bem nos jornais e complicar na hora de dialogar com o time?

— Sou um técnico que trabalha muito. Cheguei ao Peru e não parei até o último dia da classificação. Não tive tempo nem mesmo de dar uma volta pela cidade. Era do hotel para o campo. Duvido que em algum clube que passei tivesse deixado, algum dia, de exigir dos jogadores uma preparação. Só não gosto mesmo de falar é nos dias de decisão. Nesse dia bato papo com o time. Falo sobre a família, cinema, jogos de outras seleções e tudo mais. Só não coloco na cabeça deles os problemas do jogo que vão fazer. Se já temos a semana toda para falar, na hora da guerra o melhor é tranqüilizar porque isso demonstra a nossa confiança no grupo. O jogador fica sabendo que já temos tudo certo e que o único problema é executar o que foi aprendido nos botões e nos testes de campo. O resto é fantasia de treinador.

"Não tive tempo para cozinhar mas em compensação ganhei um bom dinheiro fazendo propaganda de um molho especial para as donas-de-casa peruanas, o Gino-Moto, que dá um sabor especial de vitória"

— Normalmente gosto de cozinhar. Sempre que estou em um clube, faço meus pratos. Já no tempo de jogador era assim. Não quero ser melhor que ninguém mas sou considerado também nessa função. Só que no Peru o trabalho era tanto que somente uma vez aprontei uma pequena feijoada com alguns salgados levados por minha mulher. Foi na casa de um amigo milionário. Aliás, conheci grandes famílias no Peru.

— Mesmo não tendo tempo para cozinhar acabei conseguindo fazer publicidade de um molho especial que está agradando bastante as donas-de-casa.

— Após o time se classificar, não tive mais tempo para nada. Eram festas e mais festas. Na rua, nem podia andar direito. Todos queriam convidar-me para jantar. Tive um trabalho muito grande para poder atender a maioria e recusar outra grande parte. Os peruanos são alegres e num momento como esse as famílias se unem e não dá para explicar tanta felicidade. Eu me sentia ainda muito mais realizado por saber que havia concorrido para essa alegria.

"Se receber homenagem de autoridade é prestígio, posso ser considerado um homem importante. Se receber homenagem de torcedor é ser ídolo, acho que também sou. E logo eu que só pensava em pescar e descansar em Rio das Ostras."

— Fui recebido pelo Presidente do Peru e conversamos com a maior intimidade. Senadores, prefeitos, governadores, que faziam grandes festas para me receber. Parti para o Norte, atravessando as cidades de Trujillo, São Pedro, Guadalupe, Chichui e Piúra, onde recebia homenagens de manhã à noite.

— Em alguns lugares procuraram me dar presentes e eu já nem sabia como carregá-los. Tomires, minha mulher, estava sempre ao meu lado e nós dois éramos os reis onde chegávamos. Confesso que me emocionei muito. Tanto que agora já sinto que é uma obrigação ajudar o time a tirar um bom lugar na Copa do Mundo.

— Meu contrato vai ser renovado. O presidente da Federação vai-se encontrar comigo em Rio das Ostras para fazermos um plano para a Copa. Algumas empresas peruanas vão-se cotizar, para trazer de volta os jogadores que estão atuando no exterior. Quero os melhores. O próprio Cubillas pode se integrar, apesar de ser outro veterano em 82. Mas quero contar com ele no banco, a fim de entrar em qualquer momento importante da partida. Os jogadores para mim são peças a serem usadas de acordo com a necessidade de uma partida. Se a defesa erra, coloco um para acertar. E se o problema é na frente, vamos estudar uma forma e esse que entrar vai fazer o que eu mandar. Se obedecer, é gol certo.

"A Seleção Brasileira joga apenas com um homem isolado lá na frente e desse jeito é muito difícil ganhar uma Copa do Mundo. Sou patriota, mas num Mundial qualquer adversário é japonês. E tomem cuidado porque o meu ataque é o melhor da América do Sul".

— Não quero criticar a Seleção Brasileira. Acho que cada treinador tem uma maneira de trabalhar. Eu sou a favor de se organizar jogadas armadas taticamente para o time atacar. Sempre fiz isso e deu certo. Não posso admitir uma Seleção Brasileira deixar isolado o ponta-de-lança na frente. Assisti a vários jogos, inclusive o contra o Chile, em Santiago. Pode entrar quem quiser na frente que vai custar a acertar. Sozinho, só o Pelé podia resolver alguma coisa. Não pretendo inclusive ser treinador de Seleção no Brasil, pois é um sacrifício muito grande. Se envelhece demais em pouco tempo.

— Sou a favor do futebol conjunto e com jogadas armadas desde trás, e ainda não vi isso na nossa Seleção Brasileira. Torço por ela e só mesmo se jogar contra o Peru é que a coisa muda, pois sou profissional e isso é coisa do ofício. Só posso garantir que Barbadilho, La Rosa e Oblitas, juntos com Uribe, fazem do Peru o ataque mais forte da América do Sul. Até a Copa vai ficar muito melhor ainda. Pretendo viajar à Europa a fim de ver algumas seleções e depois acertar a concentração. Estou tranqüilo. Acho que vai dar para se conseguir um bom resultado. Pelo menos os jogadores e o povo peruano confiam em mim. Por isso, não posso falhar.

Tim chegou às 7h45m pela Varig. Às 9h15m deixou o Aeroporto Internacional a caminho de Rio das Ostras, levando debaixo do braço um belo violão.

— Isso é que é vida. Uma pescaria, um bom violão, algum seresteiro, muito vinho tinto, e seja o que Deus quiser.

---

82 — Rede Bandeirantes — JORNAL DO BRASIL

O jogo contra o Peru, pelas quartas-de-final, serviu para o time brasileiro mostrar entre muitas coisas que está disputando esta Copa do Mundo com seriedade, simplicidade e aplicação.

Durante os 90 minutos, os jogadores brasileiros demonstraram que possuem cadência de jogo para qualquer adversário e impuseram aos peruanos o ritmo que quiseram.

Nesta partida o Brasil mostrou como impor seu padrão de jogo ao adversário e forçou só quando necessário. Mesmo sendo o time peruano formado por muitos valores individuais, de primeira categoria, os brasileiros marcaram seus gols nos momentos mais importantes. Fizeram dois a zero e por medida de precaução pouparam-se visivelmente. O Peru, levado, principalmente, pelo entusiasmo de alguns jogadores e a categoria de outros descontou fazendo dois a um. Isto serviu apenas para que a equipe brasileira, como que despertando, marcasse com certa naturalidade seu terceiro gol logo no início do segundo tempo.

Mas, novamente, a habilidade dos peruanos que possuem uma equipe de nível técnico muito bom em todos os sentidos marcaram seu segundo gol. Não demorou para que novamente os jogadores brasileiros fizessem mais um gol, e isto aconteceu seis minutos depois, quando Jairzinho finalizou muito bem — após bela jogada de Tostão, Rivelino e dele próprio.

A esta altura a Seleção Brasileira já não tinha Gérson, o homem responsável pela personalidade com que a equipe atuava, pois Zagalo vendo que o jogo estava a seu modo, substituiu-o por Paulo César. O Brasil deu uma demonstração de obediência tática e inteligência, durante todo o jogo, mostrando que a equipe era formada de 11 jogadores, e todos eles conscientes de que a vitória era certa e que não havia necessidade de um desperdício de energias a esta altura do campeonato.

Mas a grande alegria desta partida foi o reencontro de Tostão com o gol. Já que sabia que, mais cedo ou mais tarde, Tostão voltaria a ser o artilheiro.

No primeiro tempo, Tostão mostrou toda sua malícia e categoria ao chutar sem ângulo, exatamente no lugar onde ninguém esperava, deixando o goleiro Rubiños sem ação.

No segundo, ele foi todo raiva, emoção e alma, ao concluir forte, após receber ótimo passe de Pelé. Naquela jogada, ele colocou toda sua alegria e paciência, contida a muitos jogos, e acabou caindo dentro do gol numa explosão, que mostrou a volta do artilheiro e que contagiou a todos seus companheiros, que o arrastaram até o meio de campo em abraços dos mais sinceros e emotivos.

RESUMO TÉCNICO

Brasil 4 x 2 Peru

LOCAL: Estádio de Jalisco (Cidade de Guadalajara)

JUIZ: Virgil Loraux (Bélgica)

AUXILIARES: Roger Machin (França) e Gyula Emsberger (Hungria)

PÚBLICO: 70 mil pessoas

TIMES: **Brasil** — Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo e Gérson (Paulo César aos 20 minutos do segundo tempo); Jairzinho (Roberto aos 35 minutos do segundo tempo), Tostão, Pelé e Rivelino. **Peru** — Rubiños, Elói, Fernandez, Chumpitaz e Fuentes; Chale e Miflin; Baylon (Sotil, aos sete minutos do segundo tempo), Perico León (Eládio Reyes, aos 15 minutos do segundo tempo), Cubillas e Gallardo.

GOLS: Rivelino aos 11 minutos, Tostão aos 15 e Gallardo aos 27 minutos do primeiro tempo. Na etapa final marcaram: Tostão aos seis, Cubillas aos 23, e Jairzinho aos 29.

Carpeggiani espera um jogo de muitos gols

Um jogo de muitos gols, em que ambas as equipes procurarão assegurar a vitória logo, é o que o técnico Paulo César Carpeggiani acha que vai acontecer na partida entre Flamengo e Vasco, hoje. Carpeggiani revelou que não crê que o adversário exerça marcação especial sobre Zico, nem pretende orientar Júnior para ficar vigilante na marcação a Wilsinho.

Segundo o técnico, o Flamengo vai atuar com seriedade. Contudo, não considera o jogo decisivo para as pretensões dos dois clubes no segundo turno, especialmente porque os adversários que restam para Flamengo e Vasco não são dignos de muito respeito.

MESMO ESQUEMA

— Tenho ouvido muitos comentários dando conta da disposição de Vasco e Flamengo em assegurar um empate. Por nosso lado, não creio que isto ocorra. Aliás, minha equipe nunca, em circunstância nenhuma, jogará pensando no empate. Acho que quem age assim geralmente perde.

— Não tenho dúvidas de que o jogo terá muitos gols — continuou Carpeggiani — e se o Vasco tiver um homem cuidando exclusivamente da marcação sobre o Zico, a vantagem será nossa, já que ele atrai o marcador e tiraremos proveito da situação. Na verdade, temos alternativas de conjunto para jogar de outra forma, caso Zico seja impedido de atuar com liberdade. O mesmo ocorre de nossa parte, com relação ao Júnior. De maneira nenhuma o prenderia para colar no Wilsinho. Ele atuará como habitualmente e a marcação ficará a cargo da cobertura. Aliás será sempre assim. Mas a torcida pode ficar descansada que o Flamengo jogará ofensivamente e procurando o gol incessantemente.

Para o técnico, a vantagem de um ponto que separa o Flamengo do Vasco pode virar hoje, ou no meio da semana, quando o adversário enfrentará o Americano. Mas aponta nos clássicos de sábado e domingo próximos, quando o Flamengo jogará com o Botafogo e o Vasco com o Fluminense, a definição do segundo turno.

Os dirigentes conseguiram liberar o campo da Gávea ontem — está interditado para obras no gramado — para o técnico orientar os preparativos finais para o jogo. Sem problemas de ordem médica e com o grupo mostrando muita disposição de treinar, Carpeggiani, então, liberou os jogadores para uma **pelada** de que ele próprio participou. Ao final do exercício, Zico comentou que nos últimos anos tem sido uma constante as decisões entre Vasco e Flamengo. Mas lembrou que o Flamengo tem saído vitorioso sempre.

— Realmente, têm sido uma constante as decisões de turno e de campeonato entre os dois times. Como são dos melhores do Brasil, não existe favorito. Mas acho que quem ganhar terá dado um grande passo para a conquista do segundo turno, embora Botafogo e Fluminense sejam adversários de nível, capazes de atrapalhar os planos de Vasco ou Flamengo.

Indagado sobre seu rendimento, caso se confirmem as notícias da disposição do técnico Antônio Lopes de colocar Serginho acompanhando-o por todo o campo, Zico respondeu que não se preocupa com isso.

— O problema é do adversário. Eu não me preocupo mais com isso. Se o Vasco fizer está marcação, jogo de forma diferente e serão eles quem terão alguma coisa a perder.

O goleiro Raul concorda com o atacante, especialmente quanto ao aspecto decisivo da partida.

— Este jogo não decide nada. Tanto o Vasco como o Flamengo têm adversários difíceis pela frente e a situação pode mudar já no meio da semana. Portanto, cabe-nos apenas tentar a vitória para assegurar uma vantagem nos jogos seguintes.

Para a reserva, Carpeggiani relacionou o goleiro Cantarele, o zagueiro Figueiredo, o apoiador Lico, o ponta-direita Chiquinho e o atacante Reinaldo. E foi exatamente com o novato que o técnico mais se preocupou durante o treinamento. E ao revelar que o fato de figurar no banco sugere a possibilidade de vir a ser aproveitado, deixou transparecer que se Nunes não estiver bem ele terá a chance de mostrar seu futebol à torcida do Flamengo.

—Lan—

Lopes teme que prêmio atrapalhe

Apesar da seriedade que normalmente envolve jogos como o de hoje, a ponto de dirigentes oferecerem prêmios altíssimos para que o Vasco vença o Flamengo, para um treinador como Antônio Lopes, que baseia sua filosofia de trabalho no espírito de luta e preparo físico de seus jogadores, o importante é manter o clima de tranqüilidade. Nem mesmo o fato de a diretoria oferecer um prêmio de Cr$ 20 mil pela vitória, atitude que ele considera perigosa, abala a calma de Lopes.

Na preleção de ontem, o tema principal foi a forma como o Vasco deve jogar: igual, rigorosamente igual aos outros dias, sem deixar que prêmios mirabolantes ou o clima de rivalidade envolvam o seu time. Antônio Lopes disse que não há motivo para mudar a fórmula que vinha usando no Vasco e com sucesso só porque o adversário é o Flamengo, considerado o melhor do Rio.

Prêmio preocupa

Analisando a partida, o treinador acha que o Vasco pode ficar em posição muito confortável na tabela ganhando hoje, mas uma conquista antecipada do segundo turno só pode ser encarada como fato concreto na próxima rodada:

— Se ganharmos ficaremos numa boa posição, teremos vantagens, mas título mesmo só se vencermos o Americano, na quarta-feira. Aí sim posso considerar o Vasco campeão do segundo turno e com a vaga garantida no final do Campeonato Estadual. Até lá, é bom não sonharmos muito.

Sobre o Flamengo, os elogios habituais:

— Vai ser um jogo excepcional, o Flamengo é um time ganhador, com tantos craques que nem é preciso enumerar. Tem o Carpeggiani, que é um treinador inteligente e todo profissional inteligente leva vantagem sobre os outros, mas não encaro a partida como um desafio ou jogo de vida ou morte para mim. É um trabalho como outro qualquer, não há por que ficar pensando num desafio que não existe.

No treino tático em que exercitou sua equipe para usar marcação por pressão, lançamentos longos de Dudu para Roberto e também treinou seus zagueiros para que se livrem de uma eventual pressão, Lopes notou o empenho dos jogadores, todos motivados para o clássico. A premiação de Cr$ 20 mil prometida pela diretoria deixou em Lopes um comentário não tão otimista.

— É uma faca de dois gumes, às vezes um prêmio alto pode levar um jogador a um desespero desnecessário, podendo até levá-lo a cometer algum ato de indisciplina ou violência. E na conversa com o grupo, falei que o mais importante é que mantenhamos nossa filosofia. Vamos correr, lutar, morder o tempo todo e comer grama como de hábito. Não vamos mudar nossa forma de jogar só porque enfrentaremos o Flamengo, não é necessário. O segredo é a simplicidade. Vamos jogar como sempre, sem novidades.

Silvinho vence o teste rigoroso

Depois de se submeter a rigorosos testes que começaram ainda com dia claro e terminaram já na penumbra, o ponta-esquerda Silvinho acabou garantindo sua presença no clássico desta tarde contra o Flamengo. As dores que sentia na coxa direita cederam e os exercícios provaram que Silvinho, artilheiro do time com 10 gols, está em perfeitas condições, livrando o técnico Antônio Lopes de um desfalque importante.

Silvinho participou de todo o treinamento dirigido por Antônio Lopes, além de ter-se submetido a uma série de movimentos que mostraram ao médico Clovis Munhoz a recuperação do jogador. Toda a expectativa que envolvia a escalação de Silvinho não parecia envolver o treinador do Vasco que, tranqüilo, já tinha antecipado que Renato Sá seria o substituto caso o titular fosse vetado.

Zagalo x Lopes

O Vasco, segundo Antônio Lopes, não mudaria seu estilo de jogo mesmo que Silvinho não jogasse. O técnico, como costuma definir sua equipe, voltou a afirmar que a simplicidade e espírito de luta são as armas que têm levado o time ao sucesso no segundo turno. E Silvinho, mais tranqüilo após o teste, afirmou:

— Fiz todos os exercícios e nada senti. A perna é a direita, que normalmente não uso para o chute, e não há mesmo problema para jogar, embora tenha feito muitos gols de direita ultimamente. Estava com medo de não ter tempo para me recuperar, mas tudo acabou bem.

No treinamento de chutes a gol que fez com Ademar Braga, após o exercício tático dirigido por Lopes, Silvinho bateu com a perna machucada. O médico, observando seus movimentos, disse:

— Está tudo bem, estamos com a consciência tranqüila. Fizemos os testes mais rigorosos e tudo está confirmado, ele pode jogar. Só não queria que fizesse teste de vestiário porque isso nada revela.

E Silvinho, entusiasmado com a fase do Vasco, confia numa vitória sobre o Flamengo:

— Nosso time tem usado um sistema coletivo, jogando à base de entusiasmo, espírito de luta e subimos de produção nos últimos jogos. Apenas diante do Bangu não fomos bem e contamos com a sorte. Mas, dentro do nosso tipo de jogo, com muito preparo físico, acho que podemos vencer o Flamengo, que é considerado o melhor time do Rio.

A explicação para a fase do Vasco também pode ser a forma como o time vem sendo dirigido, na opinião de Silvinho, que traça um paralelo entre Zagalo, o ex-treinador, e Antônio Lopes, o atual.

— Zagalo estava muito acomodado, deixando que o time também se acomodasse, estava devagar demais. Já Antônio Lopes tem atuado muito mais no aspecto psicológico, sempre afirmando que nós podemos chegar ao título, que nós somos os melhores e temos que batalhar para chegar aonde queremos. Isso dá ânimo e o time se entusiasma.

Cristina Paranaguá

Apesar de o treino ser recreativo, Zico e Carlos Alberto se empenharam, pois a ordem é ter seriedade

Campo Neutro

José Inácio Werneck

NÃO vi nenhuma notícia na imprensa brasileira, mas na semana passada, na França, aconteceu simplesmente a Primeira Copa Européia de Maratonas, refletindo a popularidade cada vez maior da competição. A Copa, nas categorias masculina e feminina, reunia equipes de 19 países entre homens e de sete para as mulheres. A Federação Internacional de Atletismo antecipou-se assim ao Comitê Olímpico Internacional, fazendo realizar uma maratona para moças, coisa que, no plano olímpico, só acontecerá pela primeira vez nos Jogos de Los Angeles em 1984.

As equipes favoritas eram as da União Soviética e da Grã-Bretanha, pelo renome dos inscritos (cada país podia inscrever quantos atletas quisesse, mas contando apenas os pontos dos quatro mais bem colocados). Entre os soviéticos, o campeão europeu Moyseev, acompanhado de Dzumanazarov e Kotov (eles ficaram em terceiro, quarto e quinto lugares nas Olimpíadas de Moscou), além de Yefimov e de Arjikov, o novo campeão do país. Entre os britânicos, John Graham, Dave Cannon e Malcom East, todos corredores para 2:10 e 2:11, sendo que John Graham ganhou a Maratona de Rotterdam com 2:9:28. Havia outros grandes nomes nas demais equipes, mas a grande atração seria sem dúvida o reaparecimento do alemão oriental Waldemar Cierpinski, homem a dividir com Abebe Bikila a glória dos únicos bicampeonatos olímpicos de maratonas.

Greta Waitz não correria entre as mulheres, com o que a luta se estabeleceria sobretudo entre a soviética e as alemãs — não as orientais, mas as ocidentais, pela presença da ex-recordista mundial Christina Vahlensiek.

No Brasil, o Campeonato de Atletismo vai pela primeira vez ter uma prova de maratona. Vitória sem maiores problemas para São Paulo se competirem Elói Schleder, Édson Bergara e José Antônio Ferreira — todos os três sem concorrentes no Rio de Janeiro. Já João Alves de Souza, o Passarinho, caiu muito de forma, a julgar por seus recentes desempenhos na Maratona Atlântica-Boavista (quando fez 2:55:12) e na Maratona da Printer.

Mas os cariocas ficarão com o segundo lugar. É difícil apontar qual o nosso melhor representante. Na Maratona Atlântica-Boavista a vantagem foi de Palmireno Benjamin, com 2:25:27 contra 2:26:28 de Boanerges Cordeiro.

■ ■ ■

MUDANDO-SE para São Paulo e jogando pelo Coríntians, Rondinelli faz definitivamente jus à mudança de seu apelido de "Deus da Raça" para "Deus da Roça".

■ ■ ■

O futebol nos Estados Unidos, passada a fase de euforia com Pelé no Cosmos, vai diminuindo, diminuindo e já é possível prever que, pela segunda vez, a experiência tende ao fracasso, sem chegar a sensibilizar o grosso da população do país.

Nos Estados Unidos o futebol é diferente até nos nomes dos times: são os strikers *daqui, os* surfers *dacolá, refletindo o fato de que não há verdadeiramente clubes e, sem clubes, não pode haver tradição.*

As empresas que dominam o futebol no país estão dispostas a jogar sua última cartada em 1986 e, se a Colômbia desistir mesmo, vão fazer muita força para realizar a Copa do Mundo.

■ ■ ■

DE PRIMEIRA: O Vasco está pintando como campeão do segundo turno, até pela sorte. Mas há também inegável competência e um bom discernimento tático do treinador Antônio Lopes, que pretende impor-se ao Flamengo hoje, dominando o setor onde o time rubro-negro é mais forte: o meio-de-campo. /// A Corja vai realizar um simpósio sobre corrida quinta-feira, dia 24, no auditório da Universidade Cândido Mendes, com início às 20h30m. A partir de amanhã, o clube estará aceitando inscrições para a Corrida Alegre, do próximo domingo, no Aterro do Flamengo, com a distribuição de muitos prêmios. O preço das inscrições (Visconde de Pirajá 207, sala 203) é de Cr$ 200 para os não sócios e grátis para os sócios.

Flamengo e Vasco jogam em clima de decisão

FLAMENGO X VASCO — **Local**: Maracanã. **Horário**: 17h. **Juiz**: Wilson Carlos dos Santos. **Flamengo**: Raul; Carlos Alberto, Leandro, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Baroninho. **Vasco**: Mazaropi; Rosemiro, Nei, Ivan e João Luís; Serginho, Dudu e Amauri; Wilsinho, Roberto e Silvinho.

Um clima de decisão envolve a partida de hoje à tarde no Maracanã, entre Vasco e Flamengo — ainda invictos — pois quem vencê-la ficará em situação excepcional para conquistar o segundo turno do Campeonato Estadual de 1981. Este fato, aliado à circunstância de que se enfrentam justamente os dois clubes de maior torcida no futebol carioca, cria a possibilidade de o espetáculo ser presenciado por grande público, com uma arrecação em torno dos Cr$ 30 milhões, o que representará novo recorde regional.

O Vasco leva a vantagem de se beneficiar com o empate, resultado que o mantém na liderança por pontos perdidos e dependendo somente dos próprios méritos para alcançar o título da segunda fase. Então, precisará apenas de três pontos nos dois jogos que lhe restam — contra Americano e Fluminense — para pelo menos terminar junto com o Flamengo (se este derrotar o Botafogo) ou como vencedor do segundo turno (se o Flamengo empatar ou perder para o Botafogo).

Ao Flamengo só a vitória interessa, pois assim assume a liderança absoluta — pontos ganhos e perdidos — do Campeonato e passa a depender também exclusivamente de um resultado positivo na partida que lhe faltará disputar, contra o Botafogo. O empate não tira de todo as suas chances, mas aí fica na dependência de um tropeço do Vasco contra Americano ou Fluminense. Caso seja derrotado, a situação do Flamengo torna-se muito delicada: distanciado três pontos do Vasco, necessitará que este perca três ou quatro pontos nos últimos dois jogos.

O noticiário de Flamengo e Vasco está na página 41

João Saldanha

Meia hora do Brasil

NEM pensei que desse tanta repercussão. Explico: no dia de Flamengo e Boca, falei com o Toguinhó: "Acho que não vai dar tempo para escrever sobre o jogo. Toma esta coluna aqui de stand-by *porque vou sair muito tarde do Maracanã. E escrevi exatamente sobre a questão dos jogos noturnos. Saí muito tarde. Uma hora mais ou menos. Pois bem, tinha gente desde o viaduto e até a Praça da Bandeira esperando condução. Falei com o Valtinho e ele me disse que a São Francisco Xavier, por onde ele passa, estava preta de gente. E se o Flamengo perde? Todo o mundo pulvério da vida. Mas nem pensei que desse tanta repercussão. E de dois lados. Um de um amigo do rádio. Virou fera. É amigo mesmo, senão lhe daria uma resposta. Ele pensa que todos dependem dele e que depois, o mundo acabou. Um verdadeiro Luís XV, o cara. Escreveu uma carta, meio bilhetão, furibundo. Trabalha como eu em transmissões esportivas. Parece que também vende programas. Tudo bem. Mas estrambela aos berros, como se fosse "goooooooool do Brasil", que eu estaria abrindo a porta para que os clubes fizessem jogos às sete e meia ou oito horas, sem transmissão. Pois que façam. É um direito que lhes cabe. Nós lutaríamos para que pelo menos o* Projeto Minerva *mudasse de hora. E que a* Hora do Brasil *ficasse "Meia hora" do Brasil. Tem mais: mesmo que só transmitíssemos meio tempo de um jogo em meio de semana, teríamos mais audiência mais cedo do que quando terminamos à meia-noite, uma hora, acordando um bairro inteiro na hora de retransmitir um gol. Todos sabem que a audiência dos veículos de comunicação cai vertiginosamente depois das nove da noite. Fantasticamente, se quiserem. A cidade dorme. Em cada meia hora noturna, a audiência cai mais de o dobro da hora anterior. E depois da meia-noite, somente plantão, vigia noturno, chofer de táxi da madrugada, chofer de caminhão nas estradas (10%, a maioria encosta para dormir porque não é besta de dirigir cansado), turma de velório e outros noctívagos. Tudo dividido com os excelentes programas noturnos que são bolados especificamente para a turma da noite e que dão de 10 a zero nos nossos berros. Se entrássemos no ar às oito horas, mesmo com bola rolando depois de meia hora, estaríamos falando para mais gente e chateando menos gente. Isto em termos de audiência radiofônica. E em termos do torcedor? Não merece consideração? Ora, não me chateiem. De problemas comerciais realmente sou uma nulidade. Mas de sensibilidade popular, me desculpem. Eu costumo falar e perguntar.*

Campeonato do Rio

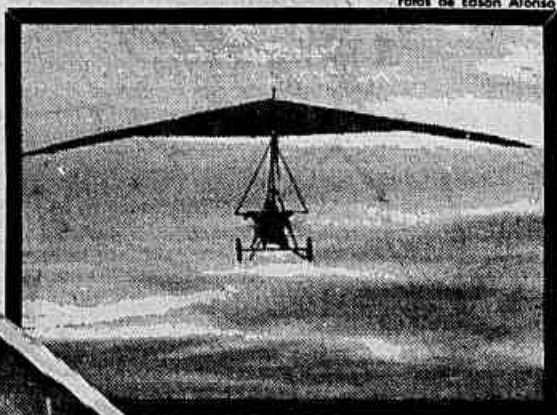
	J	PG	V	E	D	GP	GC	TP
1 — Flamengo	9	16	7	2	0	19	3	33
2 — Vasco	8	15	7	1	0	17	5	29
3 — Botafogo	9	14	6	2	1	15	5	29
4 — Fluminense	10	13	6	1	3	16	12	22
5 — América	10	11	4	3	3	12	10	27
6 — Bangu	9	10	4	2	3	8	11	22
Campo Grande	10	10	4	2	4	9	11	21
8 — Volta Redonda	9	6	1	4	4	8	14	14
9 — Serrano	10	5	1	3	6	4	10	12
10 — Americano	8	4	1	2	5	7	7	14
11 — Olaria	9	3	0	3	6	2	13	10
12 — Madureira	9	3	0	3	6	4	20	9

TP = Total de pontos acumulados no primeiro e segundo turnos (artigos 3º a 7º do Regulamento).

JORNAL DO BRASIL

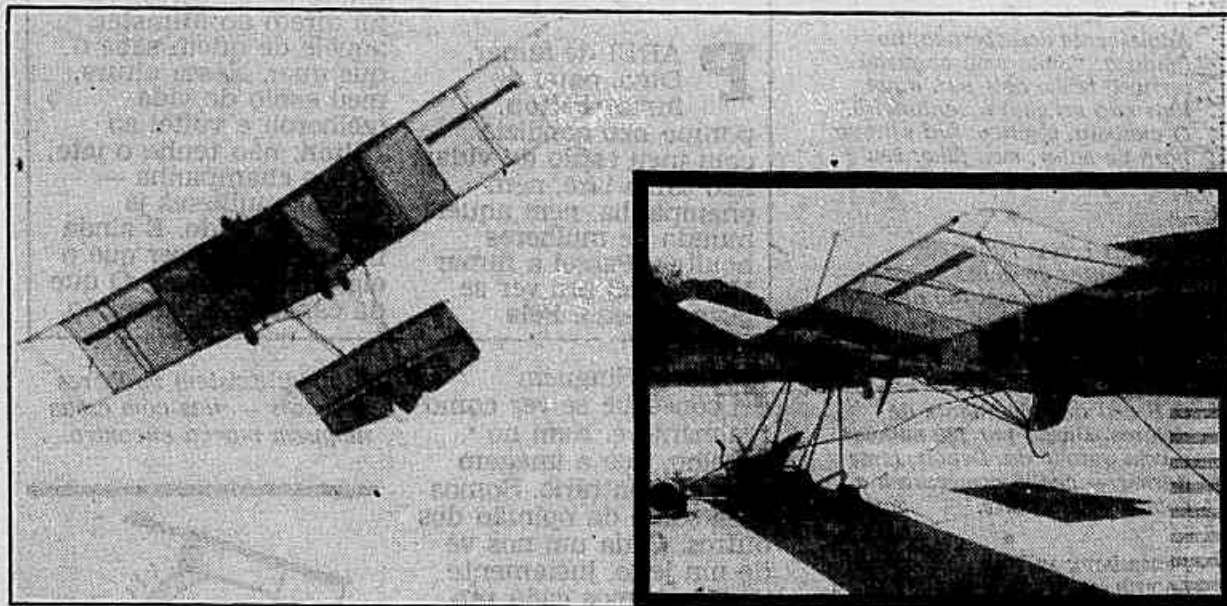
Rio de Janeiro — Domingo, 20 de setembro de 1981

caderno B

Fotos de Edson Alonso

Apontados como o transporte individual do futuro, os Ultra Lights são econômicos e decolam em espaço mínimo

ULTRALEVES

AS AVIONETAS QUE DÃO NOVA DIMENSÃO AO PRAZER DE VOAR

Pequenas aeronaves que decolam em espaço curto, voam lentamente, silenciosas e seguras, os ultraleves começam a ser difundidos no Brasil. Como um novo esporte, esses aparelhos conquistaram os Estados Unidos e a Europa. Começaram com as experiências feitas com asas deltas motorizadas. Hoje, os **ultra lights** são uma categoria à parte e, segundo seus admiradores, trouxeram de volta o prazer de voar.

Invisíveis ao radar, eles já estão sendo utilizados em operações e treinamento militar

Patrick Bredel deu a partida quando importou dos EUA um Trike pesando 70 quilos e equipado com motor de 16 hp

Mário José Sampaio

NUMA época em que os aviões se sofisticaram muito e tornaram-se demasiado caros, os ultraleves apresentam-se como uma nova opção para aqueles que gostam de pilotar. O baixo custo de operação, a menor quantidade de regras a serem obedecidas, aliadas à simplicidade e à sensação de liberdade, foram os principais fatores de sucesso dos **ultra lights** em todo o mundo.

Estes pequenos aparelhos têm uma estrutura tubular em ligas de alumínio e suas superfícies de sustentação e comando são cobertas por tela de dácron. Sua aparência lembra mais a de aeronaves antigas, tais como o **Demoiselle**, de Santos Dumont, e outros seus contemporâneos, do que as modernas máquinas de voar atualmente existentes. Entretanto, um exame mais detalhado mostra que sua construção usa algumas soluções bastante sofisticadas. O limite estrutural é de 6 G, permitindo acrobacias.

Embora eles tenham aparecido recentemente, a moda pegou nos Estados Unidos onde mais de 30 mil dos minúsculos aviões já estão em operação. A legislação que governa o vôo dos **ultra lights** é ainda incipiente devido à pouca experiência acumulada.

O FAA americano exige que os aviões possam ser lançados no ar pela força humana. Na Inglaterra, pede-se a licença de piloto privado. A França obriga a que os tripulantes tenham pelo menos o exame teórico de piloto privado ou de planador. No Brasil, as autoridades estão estudando a criação de uma regulamentação para o assunto. Entretanto, em qualquer conjunto de regras que se tente estabelecer, é necessário que além da segurança de vôo seja mantida a essência do esporte, que é a simplicidade.

A popularização dos ultraleves tem sido enorme e, por isso, todos os dias surgem novos tipos e marcas. As fábricas americanas têm uma gama mais ampla de modelos, mas existem também projetos europeus. Os entusiastas dos **ultra lights** são pilotos comerciais e privados que procuram através do novo esporte um maior contato com a natureza. Nota-se também que pilotos de asas deltas e neófitos em aviação procuram iniciar-se no vôo destas avionetas.

No Rio, está sendo formada a ABUL-Associação Brasileira de Ultraleves. A entidade procurará supervisar as operações, funcionar como órgão normativo das atividades esportivas do gênero e servir de elo de ligação entre os praticantes desta modalidade de vôo e as autoridades aeronáuticas. Foi criada também por um grupo de pilotos uma firma denominada Ultra Leve Comércio e Indústria visando representar a Eipperformance, americana, e vender seus produtos. Numa segunda fase, a empresa pretende fabricar em nosso país o modelo **Quick Silver**.

O núcleo inicial carioca é formado por cinco pessoas, pilotos comerciais, engenheiros e pilotos privados que procuram dedicar parte de seu tempo a este esporte. Carlos Luis Martins é um piloto de **airbus**, que nas horas vagas dirige-se para a Pedra de Guaratiba para voar de **Ultra Light**. Luis Vieira Souto, dono de restaurante e que tem um T-6, avião anteriormente usado pela Esquadrilha da Fumaça, agora diverte-se praticando **stalls** a baixa velocidade e pousando em pouco menos de 20 metros de pista. Fernando Abs, engenheiro e piloto de planadores, procura diminuir, a cada pouso, a distância percorrida no solo. Os demais membros deste grupo dedicam-se com o mesmo afinco a aprimorar suas qualidades nos **Ultra Lights**. É crescente o número de pessoas interessadas em adquirir as avionetas. Esta semana chegaram três aparelhos e existem mais nove encomendas para ser entregues nos próximos dias.

Em Pedra de Guaratiba, os primeiros praticantes de vôo em ultraleve conseguiram com um grande proprietário de terras do lugar uma área para decolar, pousar e efetuar hangaragem. Lá estarão um centro de treinamento de pilotos e a sede de um clube que congregará os entusiastas.

Embora os aviões do gênero necessitem de apenas 20 metros para decolar, a região oferece grandes extensões para que sejam criadas pistas em várias direções, de até 300 metros de comprimento. Segundo um dos diretores da ABUL, durante o período de treinamento, os pilotos têm que ter maiores alternativas, para serem mantidas margens de segurança convenientes. As pistas, em diferentes direções, permitem que os aviões mantenham proas afiladas com o vento mesmo que este mude constantemente.

No dia em que o JORNAL DO BRASIL esteve presente ao local de vôos, foi feita uma decolagem com um **Quick Silver MX** de um campo de futebol de apenas 58 metros de extensão. Entretanto, o **ultra light** ao passar pela metade do campo já se encontrava a cerca de 10 metros de altura.

A decolagem impressiona a quem estiver desprevenido. O motor é acelerado e seu ruído de motocicleta aumenta subitamente. O avião corre poucos metros e dá um verdadeiro salto no ar. Em poucos segundos, encontra-se a vários metros de altura.

Os comandos dos ultraleves são de duas formas distintas. Em alguns modelos, a mudança do centro de gravidade exercida pelo piloto com seu próprio peso altera a direção e altitude, conforme desejado. Este tipo de controle assemelha-se ao das asas deltas. As versões mais sofisticadas de ultraleves já contam com um manche como nos aviões convencionais. No **Quick Silver MX** o manche comanda o profundor e, com movimentos laterais, o leme direcional. Os pedais são usados para controlar os **spoilerons** das asas, servindo para variar sua inclinação e para aumentar a razão de descida.

Um dos itens mais interessantes são os freios. Em geral, o piloto tira os pés dos pedais e exerce pressão com os mesmos sobre o solo, para parar o avião durante a corrida de pouso. É importante lembrar que estes aviões aterrissam a apenas 29 Km/hora.

OS **Quick Silver MX**, iguais aos já em uso no Rio, têm um motor de 2 tempos, 430 cm³ de cilindrada e 30 HP. Sua velocidade de cruzeiro é de 75 km/hora e a aproximação para pouso é feita a 40 km/hora. O teto máximo de serviço é de 4 500 metros. Ele basicamente não tem instrumentos mas pode ser equipado de contagiros, velocímetro, altímetro e variômetro. Existem versões que contam com flutuadores para operar a partir de lagos ou outras superfícies de água.

Os **ultra lights** são desmontáveis, podendo ser transportados em automóveis. As juntas usadas não usam soldas (só parafusos e porcas) facilitando a manutenção e montagem. Sua estrutura tubular é principalmente em alumínio, mas o motor é suspenso sob um chassis de aço cromomolibdênio. As Forças Armadas americanas fizeram encomendas de ultraleves visando aos serviços especiais. Estas avionetas são quase invisíveis ao radar e prestam-se a lutas contra insurgências. Seu armamento pode incluir metralhadoras e foguetes.

O mais importante para os interessados é provavelmente o preço de aquisição e o consumo horário. O modelo **Quick Silver MX**, que está à venda no Rio, custa nos Estados Unidos cerca de 5 mil dólares, o que é pouco em relação ao preço de um avião normal. Este valor não inclui opções, nem o custo de transporte até o Brasil. O notável, além da própria operação e simplicidade do vôo, é o consumo de gasolina de apenas 6 a 8 litros por hora.

Os ultraleves, por suas características, chamam a atenção do público, interessado em ver uma pequena aeronave que decola curto, voa lento, é silenciosa e inspira segurança.

A Associação de Ultraleves conta com vários membros e pede para comunicar que seu endereço provisório é na Rua Gen. Venâncio Flores, 365. Brevemente, vários ultraleves já estarão em vôo e seguindo a evolução verificada em outros países. Esta poderá se tornar a única forma realmente barata para se voar.

Leon Eliachar

DIVAGAR e SEMPRE

Homens-Aranhas, calma! Se todos os desempregados resolverem subir nos edifícios pelo lado de fora, a coisa piora: começam a demitir os cabineiros dos elevadores.

INPS. Na "Passeata dos Aposentados" quase não tinha velhinho: a metade não ganha pra condução e a outra metade nem anda.

•

PRIMAVERA

Nascem as flores
Florescem os vendedores
Desabrocham os preços
Murcham os compradores

•

Estou lançando um novo troféu: o "Golpinho de Ouro". Primeiro candidato: Casa da Moeda — pelos seus últimos papéis.

•

Adolescente desesperado, no analista: "Sinto uma angústia terrível, tenho dois pais e até hoje não sei qual o verdadeiro." O analista, objetivo: "Já está na hora de saber, meu filho: seu pai sou eu."

•

As duas coisas mais barulhentas do mundo: casal-que-se-dá-mal (no andar de baixo) e casal-que-se-dá-bem (no andar de cima).

•

O Brasil deve 60 bilhões de dólares. Divida por 120 milhões e veja quanto dá. Depois, tente dormir — que já começaram a cobrar a sua parte.

•

Pense bem: se você ganhar na Loteria parte o prêmio com a mulher ou simplesmente parte sem a mulher?

•

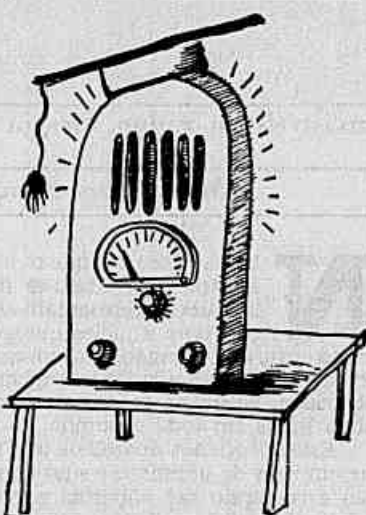
Progresso: a janela é a lata de lixo do homem civilizado.

PAREI de fumar. Digo, parei de fumar **Hilton**, porque não condizia com meu estilo de vida: não tinha iate, nem champanha, nem aquele mundo de mulheres bonitas. Passei a fumar **Hollywood** pra ver se fazia sucesso. Pela quantidade de cigarros que eu tragava, o sucesso foi muito relativo. Tomei então uma decisão inteligente: passei para o **Galaxie**. Minha maior dificuldade foi encontrar aquelas guilhotinas e aqueles floretes afiados pra cortar o maço ao meio. Não durou muito. Freqüentei reuniões e jantares com uma idéia na cabeça: o importante é ter **Charm**, pelo menos nos lábios. Mas percebi que os meus lábios tinham mais **charme** sem o cigarro. E eu precisava levar vantagem em tudo, certo? Veio então o **Vila Rica**, que não me deu nenhuma vantagem. Então parei, certo? Aí fui direto ao **Minister**, aquele de quem sabe o que quer. Nessa altura, meu estilo de vida melhorou e voltei ao **Hilton**: não tenho o iate, nem o champanha — mas as mulheres já estão pintando. E ainda insistem em dizer que o cigarro dá câncer. O que dá câncer é a indecisão.

É claro. Ninguém consegue se ver como realmente é. Nem no espelho, que a imagem vem ao contrário. Somos uma soma da opinião dos outros. Cada um nos vê de um jeito, justamente porque vemos cada um de um jeito. Portanto, não somos; nos fazem ser. Em suma: não suma. Assuma.

Prática: existem mulheres pontuais — mas com essas ninguém marca encontro.

Teoria: o homem é um macaco passado a limpo — mas nem todos.

Novo tipo de investimento: com a crise que as artes plásticas estão atravessando, muitos quadros já estão valendo menos que as molduras.

ATENÇÃO para a hora certa. Você sabia: que o Lobo da Tasmania é exclusivo das regiões inóspitas e é o maior dos carnívoros marsupial?... Você sabia: que os Lotófagos eram legendários habitantes do Norte da África e viviam do fruto das flores do Lotus?... Você sabia: que a Galha é uma formação anômala de cor e forma variáveis que ocorre em vegetais como resposta ao ataque de insetos ácaros, nematoides, fungos e bactérias?... Você sabia: que o nosso relógio hoje não está funcionando? Pois fique sabendo.

Classificado

PRECISA-SE de gêmeas **pra** trabalhar dia-sim-dia-não.

PRESOS NA ITÁLIA ABREM CAMPANHA: "FAZER O AMOR PARA CONTINUAR VIVOS"

Araujo Neto

ROMA — "Fazer o amor para continuar vivos" — foi o **slogan** de um movimento que durante este mês agitou todas as prisões da Itália e se transformou em tema de grande debate público, relançando a discussão de uma nova reforma carcerária e propondo à consideração do Governo Spadolini a urgência de medidas para humanizar a vida dos reclusos e conter a violência dentro das penitenciárias.

A explosão de violência foi caracterizada por 10 casos de assassínios e suicídios de presos e detidos à espera de julgamento. O movimento, lançado por homens e mulheres encarcerados, e difundido por seus parentes, parte de uma "exigência da afetividade" e reclama o direito e condições necessários ao exercício dos "colóquios para amor".

O movimento reivindica para os presos oportunidades, espaço e condições para, regularmente, encontrarem-se e conviverem intimamente com os seus "queridos", acentuando que esses colóquios não seriam destinados exclusivamente à prática do sexo.

— Porque — explicou a mulher de um preso e condenado por terrorismo — a nossa carência e exigência de afetividade e amor não é só uma questão de sexo. É também o poder falar-se, poder ouvir bem o que o outro diz. Essa relação humana, que atualmente não é possível estabelecer, uma hora por semana, no limitado, caótico e controlado espaço de um parlatório, ou através de um interfone, separados por espessas lâminas de vidro, numa hora em que se concentra tudo: as notícias de casa, olhares, palavras, lágrimas e sorrisos, gestos de ternura e até a discussão sobre a manutenção dos filhos.

Em resposta aos que dizem que essas são reivindicações de privilégios feitas por pessoas que se demonstraram incapazes de conviver civilizadamente, de seguir as regras do respeito à dignidade e aos direitos dos outros, os reclusos e tantos que se mostram compreensivos e solidários com as suas reivindicações de afetividade dizem que pedem e esperam apenas um modo para continuar vivendo com alguma normalidade. Sustentam também que o reconhecimento desse seu direito pode ser um modo inteligente e eficaz de combater a violência e o desajustamento que, nas condições atuais das prisões italianas, só podem ser agravadas.

Argumentam que a exigência de afetividade não significa uma fuga da realidade carcerária. "Desta não se escapa tão simplesmente: não se foge da cela, da comida da prisão, dos guardas, do diretor, dos regulamentos do cárcere. O amor não criaria uma realidade paradisíaca, dentro das cadeias. Essa é uma realidade aceita e transformada em bandeira de uma campanha pelo Partido Radical: "Por que o amor deve ser proibido ou racionado para o marginal? Será que o amor só pode ser feito pelo bonito, pelo jovem, pelo bem-comportado? É preciso que todos se convençam de que o preso, o marginal, o homem condenado pela sociedade não é perigoso quando faz o amor."

Não faltam ainda os que citam outras situações européias, para demonstrar que a Itália esta atrasada e injusta, que a lei da ordenação carcerária na Itália (prevendo e admitindo apenas em casos excepcionais, julgados e autorizados pelos magistrados, visitas-familiares em casos de doenças graves ou morte de parentes) é uma das mais obsoletas do mundo.

Os exemplos mais invocados são os da França, da Alemanha Federal, da Suécia e da Dinamarca. Na França, há mais de oito anos, já se concedem licenças de saídas regulares para os prisioneiros que tenham cumprido metade das penas a que foram condenados. Na Alemanha Federal, o Parlamento está discutindo vários projetos de humanização dos seus cárceres: entre eles, um que autoriza a construção dos chamados cárceres especiais para as relações humanas ao lado ou nas proximidades daqueles de reclusão, autênticas casas para os encontros amorosos. Na Dinamarca, há muito tempo, existem e funcionam os cárceres abertos e fechados. Os primeiros, concedendo permissões de saídas regulares e semanais para os seus presos exemplares. Os fechados, admitindo a possibilidade de encontros em salas com sofás. Na Suécia, as soluções encontradas e adotadas são ainda mais variadas e sofisticadas: existem autênticas colônias de férias para prisioneiros e suas famílias. Como existem também os hotéis para fins de semana, que podem ser freqüentados, com pagamento de uma diária, pelos homens condenados e excluídos da convivência social.

Zózimo

Mais consórcios

• Está na reta final o estudo do Ministério da Fazenda que estabelece as regras para a implantação no país — a exemplo do que já existe com automóveis e motos — de consórcios de eletrodomésticos.
• A idéia, nascida de uma sugestão conjunta da indústria e do comércio, visa ao aumento das vendas numa época em que o poder aquisitivo do mercado está atravessando um período de vacas magras.
• Só ainda não se chegou a uma fórmula em função dos juros que teriam que ser obrigatoriamente cobrados — e que elevariam os preços finais dos produtos a níveis astronômicos.

* * *

• A idéia, embora em estado adiantado de gestação, conta com fortes opositores no primeiro escalão do Governo.
• O que significa que seu parto ainda não é tão certo assim.

■ ■ ■

Dólares à vista

• *Amanhece hoje no Rio um dos mais importantes Príncipes da Arábia Saudita, Abdulazziz Al Saud, para seis dias de* businessno Brasil.
• Vem negociar a compra de armamentos, aviões e cereais — estes em troca de petróleo.

• Na comitiva vem também o presidente do Banco Árabe de Investimento, arrastando atrás um baú cheio de dólares.

■ ■ ■

Quem casa

• *O rico herdeiro grego Alexander Andreadis, ex-marido de Christina Onassis, com quem, aliás, vinha sendo visto ultimamente, casou-se semana passada em Londres.*

• *Para não quebrar a tradição de fortunas, escolheu uma noiva quase tão rica quanto Christina — Marella Oppenheimer, herdeira de uma das maiores fortunas da Alemanha.*

O mais caro

• Diane von Furstenberg está lançando com sua **griffe** o mais caro perfume feminino no mercado internacional — o Volcan d'Amour.
• Custa 130 dólares a onça e só será vendido em 24 lojas nos Estados Unidos e em 25 na Europa.
• Às primeiras compradoras em cada uma dessas lojas, Diane promete fornecer um novo vidro por ano durante toda a vida das clientes.

■ ■ ■

Primeiro passo

• A Brahma já decidiu: começa a brigar com os concorrentes no terreno da cola em meados do ano que vem.
• Antes, lança seu refrigerante sabor cola na Nigéria e em outros países onde funciona em regime de **franchise**.
• No Brasil, só quando o produto estiver testado, provado e aprovado.

Rubens Monteiro

Em recente e movimentado *cocktail*, Maria José Magalhães Pinto e Marcus Vinicius Pratini de Morais

NEBULOSO

• Continua mergulhado em denso mistério o motivo pelo qual o IBDF liberou para loteamento uma área de 5 milhões de metros quadrados em Teresópolis, pertencente à Fazenda Jacarandá.

• Os ecologistas da região não entendem o porquê da decisão, principalmente quando se sabe que a área abriga os principais mananciais da Baixada Fluminense, é a última reserva de fauna da região, além de reunir riquíssima floresta de cedro, peroba, vinhático, jacarandá e jequitibá.

• E **last but not least** não se justifica a concessão de alvará para um loteamento precisamente num local por onde passará, de acordo com projeto já aprovado, a futura duplicação da serra de Teresópolis.

• Haja indenização.

Cabelos brancos

• O **US News & World Report** saiu do sério em uma de suas últimas edições para noticiar a velocidade com que os cabelos do Presidente Reagan tornaram-se grisalhos durante as férias de um mês passadas no rancho da família, na Califórnia.
• É que Reagan tomou a decisão de parar de pintar as melenas e assumir os cabelos brancos com que a idade o premiou.
• Em uma semana a fisionomia do Presidente mudou bastante, mas nem assim ele confessou seu hábito de tingir os cabelos. Explicou à imprensa que estava diferente devido ao sol da Califórnia.

■ ■ ■

Revelação

• O Salão Ferroviário bienal de artes plásticas, que será inaugurado dia 28 na sede da Rede Ferroviária Nacional, revela pelo menos um novo pintor, cujos três quadros colocados em competição mereceram do júri uma referência especial.
• O ex-Ministro da Educação, Euro Brandão.

MÓVEIS DEMAIS

• *Custa a crer que todas as ambulâncias que cortam diariamente a cidade de pé embaixo e sirene aberta, fechando os carros, fazendo barulho e tumultuando o trânsito, transportem sempre algum doente a bordo.*
• *Se fossem realmente casos de urgência, é pouco provável que as vítimas conseguissem resistir às loucuras cometidas. Morreriam certamente de susto ou enfarte.*
• *O melhor é acreditar, pelo que mostra a retrospectiva dos acidentes de ambulâncias, que em muitos casos elas têm em seus volantes motoristas irresponsáveis a usar de privilégios para chegar mais cedo aos lugares onde vão.*

• *Já se soube de ambulâncias que, acidentadas, revelaram estar carregando roupa suja, funcionários para casa, havendo até o caso de um cujo motorista foi surpreendido transportando barris de chope para um casamento.*

• *Se nem sempre são usadas para as funções a que se destinam — salvar vidas — as ambulâncias, quando utilizadas para outros fins, devem pelo menos comportar-se como veículos comuns.*
• *Sem assustar ninguém nem promover a desordem.*

■ ■ ■

Burocracia

• Pena que o Ministro Hélio Beltrão não integrasse a comitiva do Presidente Figueiredo, sexta-feira, na inauguração do novo trecho do metrô carioca.
• Pelo menos ficaria conhecendo de perto a burocracia e o desentrosamento que já tomaram conta da venda de passagens integradas metrô-ônibus. Se compradas no metrô, têm validade por três dias; se compradas nos ônibus, valem sete. Apesar de serem exatamente a mesma coisa.
• E mais: numa época em que já circulam à larga notas de Cr$ 5 mil, o troco máximo permitido é de Cr$ 100.

Lua-de-mel

• As negociações do Governo com os banqueiros sobre a redução dos lucros bancários estão-se desenvolvendo em clima ameno.

• Quando se esperava uma briga de foice, cada um defendendo seus interesses com intransigência e obstinação, aconteceu exatamente o oposto — diálogos sensatos, bom senso a farta e cabeça fria. Enfim, um clima próximo à confraternização.

• Os tempos mudaram — só ainda não se sabe se para melhor.

■ ■ ■

FALTA POUCO

• *No começo, eram apenas os carros dos espectadores do Teatro Villa-Lobos que ocupavam parte do Túnel Novo, do lado do Leme, aproveitando uma das pistas para estacionar sem a menor cerimônia.*
• *Agora, o outro extremo, do lado de Botafogo, também está sendo ocupado à noite pelos motoristas de táxi que se enfileiram diante das portas do* shopping-center *à espera de passageiros, entrando túnel a dentro, igualmente sem a menor cerimônia.*
• *Mais dia menos dia, já que ninguém toma uma providência, a Coderte manda colocar umas placas no local e transforma o túnel de vez num grande estacionamento — coberto, bem iluminado e bastante espaçoso.*

■ ■ ■

RODA-VIVA

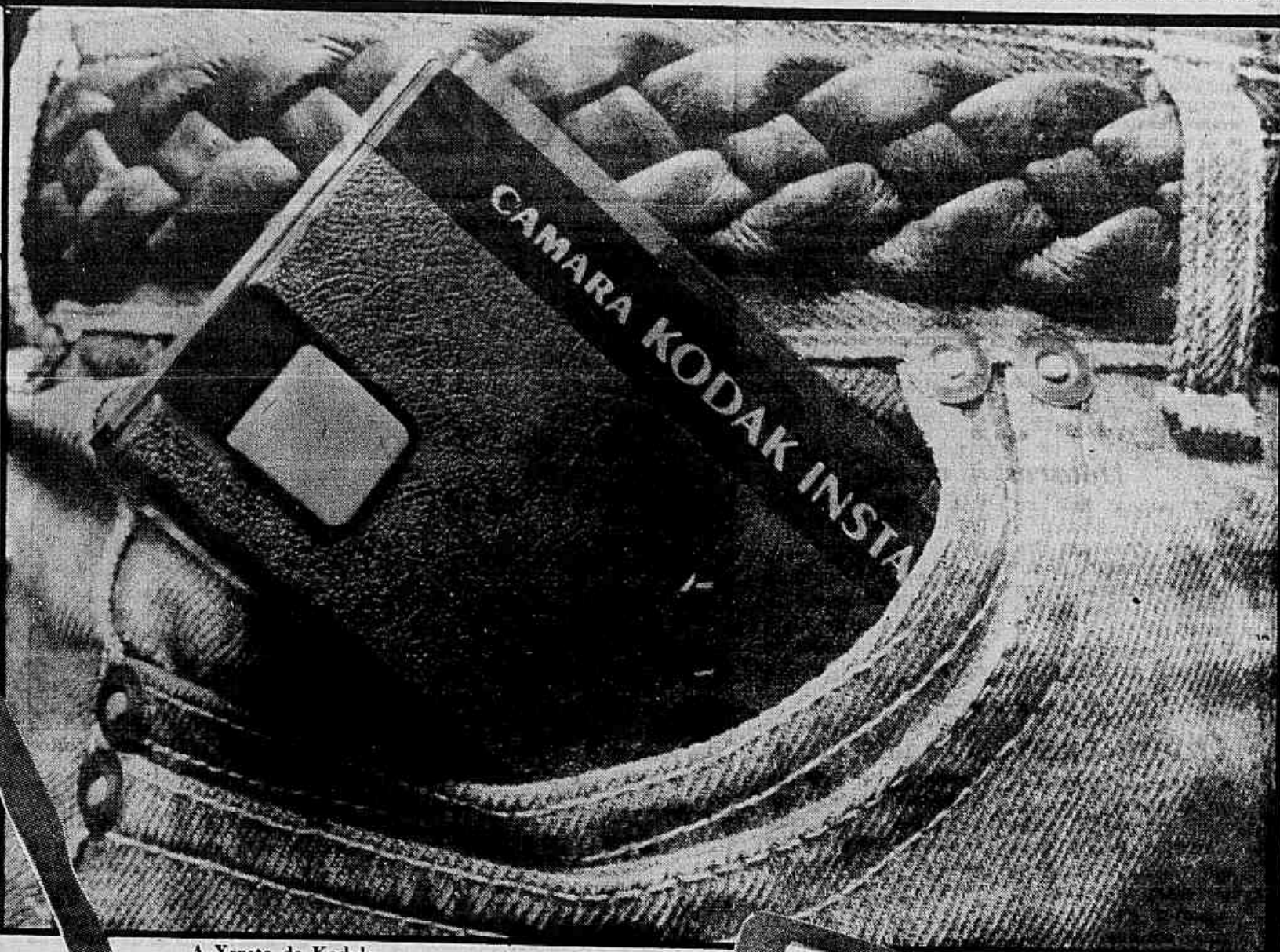
• O presidente do Banerj, Israel Klabin, aniversaria hoje e comemora a data em família.
• **No encerramento da temporada de Maria d'Apparecida no Seis e Meia do Teatro João Caetano, a presença de D Zoé Chagas Freitas.**
• Rosamaria Murtinho e Mauro Mendonça produzem e estrelam **A Corrente**, que estréia no Teatro Senac no fim do mês assinada a seis mãos por três detentores do Prêmio Molière — Consuelo de Castro, Lauro César Muniz e Jorge Andrade.
• **É o coiffeur Mario, do Renault, quem está assinando os penteados de Gisela Amaral.**
• Quando o Presidente do Equador, Belaúnde Therry, visitar o Brasil a partir de 15 de outubro, será recebido na Academia Brasileira de Letras, com saudação do acadêmico Pedro Calmon. O visitante apresenta seu livro, **O Poder Político no Equador**, e recebe em troca a medalha Machado de Assis.
• **Voaram para Roma de férias o arquiteto e Sra Guilherme Nunes. Ele aproveita e dá uma olhada nas obras da nova loja da Varig na Capital italiana, por ele assinada.**
• Grande movimentação na platéia do show de Agildo Ribeiro, na quinta-feira. Entre muitos outros, estavam Ionita e Luís Eduardo Guinle, Maria Alice e José Hugo Celidônio, Ana Luiza Collor de Melo, Erik Waechter e Julio Rego.
• **A Universidade Federal do Maranhão inaugura dia 21 de outubro na galeria dos reitores um retrato do acadêmico Josué Montello.**
• O arquiteto Maurício Roberto abre amanhã às 16h o ciclo de debates promovido pelo Museu de Arte Moderna falando sobre Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

Zózimo Barrozo do Amaral

FOTOGRAFIA

AS PEQUENAS MÁQUINAS QUE FAZEM DA FOTOGRAFIA UM SIMPLES APERTAR DE BOTÃO

Rogério Reis

A Beirette e a Yashica MF-1 (esta com disparador) fazem parte do variado estoque da Lutz Ferrando de máquinas fotográficas para amadores (Cr$ 6 mil 980, Cr$ 10 mil 740 e Cr$ 30 mil 900), respectivamente

A Xereta da Kodak, no alto, é leve, simples e cabe no bolso. Custa apenas Cr$ 1 mil 800. Ao lado, "flashes" eletrônicos. Seus preços vão de Cr$ 3 mil 200 a Cr$ 12 mil 800 (linha Eva Blitz) aos Frata 20-F que custam Cr$ 4 mil 500

Deborah Dumar

LEVES, práticas e pequenas, as máquinas fotográficas para amadores se multiplicam em marcas e modelos. Cada vez mais simples, exigem, praticamente, que só se aperte o botão. Os tamanhos vêm-se reduzindo a tal ponto que algumas delas cabem dentro de um bolso, como a Ektra 10 ou a Ektra 20 ou a Xereta da Kodak. De tal modo estão ao alcance dos amadores que uma criança pode lidar com elas, sem complicações (como a Tira-Teima, que não fotografa à noite por não usar **flash**).

As industrias fotográficas simplificam muito a vida do fotógrafo amador que não quer perder tempo em regular sua máquina para tirar fotos da família e dos amigos ou dos melhores momentos de sua viagem (estas câmaras são muito úteis para quem viaja por não serem caras e assim não dar preocupação quanto aos ladrões).

Já lançaram no Brasil a máquina fotográfica descartável, a Love. Pelo correio é feito o pedido ao Sistema Sonora (Estrada do Japiim, 500, Caixa Postal 822, Zona Franca de Manaus). A encomenda será recebida em casa, com um filme colorido de 20 poses e flash, e não se paga nada além dos Cr$ 895,00. Não é preciso colocar ou tirar o filme e nem regular nada pois a Love é automática. Depois de fotografar, devolve-se a máquina para revelar o filme e, com as fotos coloridas, recebe-se outra Love nova pagando-se apenas a revelação.

Há uma boa variedade de máquinas instamatics no mercado. A maioria delas é fabricada pela Kodak. Entre elas, a Psiu é a mais vendida, segundo informação da Lutz Ferrando. Mas encontra-se, em qualquer ótica, a Xereta, a Tira-Teima e as Ektras. Dos dois modelos desta última, cujas tampas servem de ponto de apoio e vêm acompanhadas de correntes, a Ektra 20 tem regulagem de luz (sol/nublado) e um visor para correção do enquadramento. A Psiu não tem regulagem de luz. Na Óptica Lux (Av. Rio Branco, 173) encontram-se as Ektras 10 e 20 (Cr$ 2 mil 900 e Cr$ 3 mil 400, respectivamente), a Psiu (Cr$ 2 mil 300), a Xereta (Cr$ 1 mil 800) e a Tira-Teima (Cr$ 1 mil 200), além da Repeteco (Cr$ 2 mil 600).

A diferença entre a Repeteco e a Psiu é que a primeira tem regulagem de lux, sol e tempo nublado. Na Óptica Rei (Rio Branco, 120 loja 22 — na galeria dos empregados do comércio), as Ektras custam Cr$ 3 mil 200 e Cr$ 3 mil 500 enquanto o **flash** apropriado, o Flip Flash II, que bate 10 fotos, custa Cr$ 950. A Ektra vem acompanhada por filme colorido de 24 poses, alça e garantia de um ano. A Photo Cópia (Rua Gonçalves Dias, 40 loja 25) é uma das lojas que coloca à venda o **flash** eletrônico para a Ektra, o Frata que usa uma pilha e custa Cr$ 4 mil 500. Nesta casa, o Flip Flash está por Cr$ 1 mil 200, enquanto as máquinas Ektras estão por Cr$ 3 mil 600 e Cr$ 4 mil 350 e a Xereta (que vem acompanhada de um filme colorido de 12 poses e um cubo de flash para quatro fotos) por Cr$ 2 mil 750. Com **flash** embutido (eletrônico), encontra-se a Miragem, da Sosecal, que na Photo Cópia custa Cr$ 10 mil 800.

Um dos lugares em que há maior variedade de máquinas e **flashes** é a Lutz Ferrando, no Largo de São Francisco, 34. Além da linha Kodak-Xereta (Cr$ 2 mil 450), Tira-Teima (Cr$ 1 mil 260), Psiu (Cr$ 2 mil 450), Ektra 10 (Cr$ 3 mil 900) e Ektra 20 (Cr$ 3 mil 250) há à disposição do consumidor a alemã Beirette (Cr$ 10 mil 740), a Smena 8M (Cr$ 6 mil 980) e a Yashica MF-1 (Cr$ 30 mil 900). A Beirette não usa **flash** eletrônico e não é automática, isto é, o controle de luz e foco são manuais. As três vêm com estojo e, como as nacionais, são basicamente feitas em plástico. A da Yashica tem **flash** embutido e regulagens de luz e distância automáticas, com censor (célula foto-elétrica que dá a luz exata, independente da distância do objeto em relação à máquina) e disparador (ajusta-se tudo e corre-se para também sair na foto).

Entre as máquinas 110, a Mirage (Cr$ 11 mil 800, na Lutz Ferrando) é a mais simples de todas e, entre as outras, a Yashica MF-1 é a que pode dar melhores resultados. Basicamente, as possibilidades são as mesmas. É bom lembrar que só as máquinas 110 (Tira-Teima, Xereta, etc.) impossibilitam que o filme vele sem ser rebobinado, depois de sua utilização. As outras têm uma manivela pequena, que se gira para que o filme volte à posição anterior. Mas a primeira preocupação do fotógrafo da família é ajustar a velocidade e o número de asas, que vêm impressos na caixa, na bula e na bobina de cada filme. Não há mistério: é só levar o indicador até os números indicados pelo filme. As máquinas deste tipo não necessitam de um controle muito rígido de ajustes pois, normalmente a partir de um metro e meio de distância, elas fotografam direito.

FILMES E FLASHES

A Lutz Ferrando além do Magiclub (três cubos de **flashes**, para 12 poses: Cr$ 350,00, ideal para Xereta e Psiu) e do Flip Flash II (Cr$ 480), trabalha com exclusividade com a linha de **flashes** da Eva Blitz, japonesa: o DM-18 usa duas pilhas e tem alcance de quatro metros (Cr$ 3 mil 200), o DM-24 usa pilha ou corrente elétrica e alcança até 6 metros (Cr$ 5 mil 300), o DM-24 é automático, usa quatro pilhas, tem alcance de seis metros e custa Cr$ 4 mil 500. Com seis pilhas ou corrente elétrica e alcance de dez metros, o DM 40 GA está por Cr$ 12 mil 800.

Automático, com censor fotoelétrico, o DM 34 S usa seis pilhas e alcança aquela mesma distância. Pouco maior que um isqueiro, o **flash** Frata (apropriada para a máquina Psiu) tem alcance de cinco metros e custa Cr$ 5 mil 120 na Lutz Ferrando enquanto o Frata 20 F (para as Ektras) custa Cr$ 4 mil 300.

Há três tipos de filmes para estas máquinas: o 110, o 126 ou o 135. Com 110, operam a Xereta, as Ektras e a Mirage. Com 126, a Tira-Teima e a Psiu e com filme 135, a Beirette, a Smena e a Yashica. Os filmes 110 para fotos coloridas custam Cr$ 420 (12 fotos) e Cr$ 580 (24 fotos) na Óptica Rei, que trabalha com filmes Kodak. Na Photo Cópia, estes custam Cr$ 335 e Cr$ 430, os da Fujicolor, Cr$ 290 e Cr$ 430. Na Lutz, há filmes da Fujicolor, também coloridos, de 12 (Cr$ 280) ou 24 poses (Cr$ 360). O da Kodak, de 24 poses, custa Cr$ 450.

Quanto aos filmes 126, são encontrados pelos seguintes preços: os de 12 poses estão por Cr$ 280 (Fujicolor) e Cr$ 345 (Kodak) na Lutz Ferrando enquanto a Photo Cópia vende os da Curt, Fujicolor e Kodak de 12 poses por Cr$ 270, Cr$ 285 e Cr$ 335, respectivamente, e os de 24 por Cr$ 360 (Fujicolor) ou Cr$ 450 (Kodak).

Os filmes 135 de 12 poses estão por Cr$ 320 (Fujicolor) e Cr$ 345 (Kodak) na Lutz Ferrando.

ATORES BRASILEIROS, O CHARME DO CINEMA ARGENTINO

Rosental Calmon Alves

BUENOS Aires — Impedidos por uma rigorosa censura de ver a maioria dos filmes brasileiros mais novos ou tendo que se contentar com alguns submetidos a drásticas mutilações, os argentinos estão podendo assistir à atuação de atores brasileiros nos filmes mais importantes produzidos aqui. Jofre Soares, por exemplo, tem papel destacado em **Tiempo de Revancha**, que está em cartaz há várias semanas, e é apontado como um dos melhores filmes argentinos dos últimos tempos.

O mesmo Jofre Soares desempenha um papel importante em **La Conquista del Paraiso**, lançado esta semana nos cinemas de Buenos Aires, com a presença da atriz principal, também brasileira, katia D'Angelo. Esse filme, primeiro longa-metragem do diretor argentino Eliseo Subiela, procura alcançar o mesmo êxito de outras produções locais que também tiveram a participação de artistas brasileiros, como **Los Crápulas**, com José Wilker, e **El Hombre del Subsuelo**, com Regina Duarte.

Aproveitando uma licença especial de 10 dias dada pela Rede Globo, Katia D'Angelo abandonou as gravações da novela **O Amor é Nosso** para trabalhar intensamente em Buenos Aires no lançamento de **La Conquista del Paraiso**. Mas, ao ser apresentada nos jornais, ou ao aparecer nos programas de televisão e rádio, ela era sempre citada como estrela do **Caso Cláudia**, produção brasileira que, apesar de sua discutível qualidade, acaba de voltar ao cartaz em Buenos Aires, depois de fazer sucesso em muitos cinemas daqui durante nada menos que 14 semanas.

Katia e Jofre Soares, ao lado de um elenco local, ajudaram o diretor Eliseo Subiela a mostrar aos argentinos uma belíssima região deste país que sempre esteve abandonada e desconhecida apesar de suas deslumbrantes paisagens selváticas: a província de Missiones, às margens do rio Uruguai, na fronteira com o Brasil. O próprio diretor, de 36 anos, que se dedicava a produzir filmes publicitários e tinha feito apenas dois curta-metragens, confessa que se surpreendeu durante sua viagem de lua-de-mel com as maravilhosas paisagens de Missiones e resolveu procurar um argumento para um filme rodado ali.

Acabou produzindo, ele mesmo, uma história simples, mas interessante, e que consegue prender a atenção do espectador. **La Conquista del Paraiso** conta a história de um jovem publicitário argentino que de repente fica sabendo que seu pai está vivo e muito doente, embora o julgasse morto há anos, desde que ele partira dizendo às crianças que ia buscar um tesouro em Missiones. O filho vai para a região e continua a busca de um suposto tesouro da época dos jesuítas espanhóis.

Katia D'Angelo aparece como uma prostituta brasileira, que vive às margens do Rio Uruguai e conhece misteriosos segredos de ervas que produzem efeitos sexuais ou psicológicos, apenas insinuados levemente. Jofre Soares, por sua vez, encarna um dos mais fortes personagens da história: o típico habitante da fronteira, filho de mãe brasileira e pai argentino, que fala **portunhol** e não sabe direito se é brasileiro ou argentino, porque para ele não existe nenhuma fronteira.

O bom trabalho de Jofre Soares e Katia D'Angelo chegam a ofuscar um pouco a "dura" atuação do protagonista, o galã de teleteatro argentino Arturo Puig. Os brasileiros poderão notar no filme, entretanto, uma sutileza que passa despercebida para os argentinos: embora encarne a figura de um morador do Sul do Brasil, ao lançar o seu portunhol para narrar a história, Jofre Soares não consegue evitar o seu indelével sotaque nordestino.

A música de **La Conquista del Paraiso** é de outro brasileiro: Milton Nascimento. São usados, basicamente, dois temas: **Chamada**, do **LP Milton**, e **Caldera**, com Milton e o Grupo Água, do **LP Geraes**. Os efeitos ficam muito bonitos, combinando bem com a paisagem mostrada.

Katia D'Angelo tem uma boa participação no faturamento deste filme e por causa desse tipo de contrato está sendo discutido se se trata ou não de uma co-produção brasileiro-argentina. O filme, na realidade, está financiado pelo Instituto Nacional do Cinema da Argentina, que teve de ampliar duas vezes o financiamento, porque a produção ia encarecendo mais do que o previsto.

Katia espera lançar no Brasil brevemente esse filme, embora saiba que seguramente não alcançará no Rio, o êxito que pode ter, sobretudo no Sul do país, e no interior em geral. Ela conta que os argentinos sentem uma "espécie de sedução" pelas co-produções com brasileiros, atraídos principalmente pelo grande mercado exibidor do Brasil. Mas, apesar de haver até acordos governamentais entre os dois países prevendo essas associações, praticamente não tem havido co-produções.

Apesar de não ser tão grande quanto o brasileiro, o mercado argentino é também bastante atrativo para os produtores do Brasil. O problema aqui é o rigor da censura. Na quinta-feira, o importante jornal **Clarín** dedicava a primeira página do seu suplemento de espetáculos ao filme **Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia**, seguindo uma série intitulada "O cinema que não podemos ver". O jornal recordava que a película do argentino Hector Babenco chegou a ser exibida em 1978, em Buenos Aires, durante a Segunda Mostra do Novo Cinema Brasileiro, mas apesar do êxito não pôde entrar em cartaz regularmente por causa da censura.

Dona Flor e Seus Dois Maridos, **Xica da Silva**, **Tenda dos Milagres**, **Bye, Bye Brasil**, **Tudo Bem**, **Caso Claudia** são alguns dos filmes brasileiros que alcançaram grande sucesso em Buenos Aires nos últimos tempos, mas nunca escaparam dos cortes indisfarçáveis. Na televisão, a novela **Pecado Capital** estreiou e misteriosamente desapareceu depois dos primeiros capítulos, atribuindo-se o sumiço à ação da censura, representada num programa humorístico da TV local por uma grande tesoura que de repente aparece no cenário e provoca alvoroço entre os atores e vedetes que saem de cena gritando. Atualmente, a novela **Escrava Isaura** está tendo sucesso às 20h, no Canal 11 de Buenos Aires, mas a mesma Lucélia Santos seguramente não poderá ser vista pelos argentinos quando estiver pronto o filme sobre Luz Del Fuego.

Regina Duarte, Jofre Soares e José Wilker, presentes nas telas de cinema de Buenos Aires, mas sempre em filmes argentinos

SOM

A ALTA FIDELIDADE FINALMENTE HUMANIZADA

José Emilio Rondeau

É típico e inevitável, quase, que os constantes lançamentos de equipamentos de alta fidelidade queiram passar para seus compradores potenciais a imagem de suprema conquista tecnológica — a expressão cunhada para definir esse pico de sofisticação ultraprofissional é nada menos que **state-of-the-art**, ou seja: não existe, supõe-se, nada acima.

A coisa chegou a tal ponto que essa competição pela manutenção do **status de state-of-the-art** atingiu extremos em que o comprador levava para casa um produto preciso, maciço, construído dentro dos mais altos e revolucionários padrões de engenharia eletrônica e, coitado, descobria logo que: (a) Tudo aquilo não era tão necessário assim; (b) seria difícil utilizar isso dentro de um ambiente caseiro corriqueiro, que não foi feito necessariamente para abrigar concertos bem reproduzidos.

Com isso em mente, a Pioneer norte-americana lançou uma nova linha de produtos cuja maior atribuição é unir as especificações **state-of-the-art** a outras tantas qualidades que tornam seus aparelhos de operação bastante facilitada. Todas as inovações estão lá, mas devidamente traduzidas para que qualquer leigo tire delas o máximo proveito, sem necessariamente ter que recorrer a gordos dicionários de expressões de áudio. Não é por nada que essa nova linha foi batizada **Alta Fidelidade Para Humanos**.

O novo toca-fitas cassete CT-9R, por exemplo, além de oferecer tração direta em três motores, vem equipado com um mecanismo — o **Time Remaining Counter** — digital que permite à pessoa que está gravando saber quanto de fita (em minutos) ainda lhe resta. Dessa forma, ninguém mais será obrigado a cortar frases musicais ao meio. O mesmo aparelho ainda inclui outra atração, o **Index Scan**. Através do IS, é possível ter-se uma prévia de toda a fita, sem necessariamente ouvi-la por inteiro. O IS toca os primeiros cinco segundos de cada música gravada, facilitando a localização do trecho desejado.

Quanto ao **hardware** habitual, o CT-9R vem equipado com cabeças **ribbon sendust**, com laminações quatro ou cinco vezes mais finas do que as cabeças **sendust** normais.

Já o sintonizador F-9 traz um **multipath indicator** que diz ao ouvinte se o sinal fraco está sendo refletido para longe do aparelho por objetos bem próximos ou por edifícios vizinhos. Dessa maneira é possível ajustar a antena do sintonizador na posição mais correta possível para uma melhor recepção. O mesmo aparelho também é capaz de memorizar seis estações FM e seis estações AM e seus transitores ID Mosfet não deixam que os sinais de estações cuja transmissão seja mais potente interfiram naqueles de estações mais fracas, ou causem distorções na recepção destas. E, por fim, o mecanismo de "tranca" das estações a quartzo praticamente impossibilita qualquer flutuação na recepção.

O **receiver SX-7**, por sua vez, dá controle quase absoluto ao ouvinte de todas as funções do aparelho. O mecanismo de **auto station scan**, por exemplo, faz uma prévia de todas as estações no **dial**, sem que o ouvinte precise interferir no processo e a engenharia do **receiver** é tal que são praticamente eliminadas as distorções **naturais** causadas pelo barulho dos próprios transistores.

O toca-discos PL-L800, por fim, opera com um motor que faz o braço deslizar linearmente, atingindo, assim, todos os sulcos do disco com a mesma angulação (leia-se reprodução igualmente boa do início ao fim do disco, sem as nefandas distorções que habitam os acordes finais de qualquer LP). Até mesmo o braço foi construído com um material anti-ressonante para reduzir a quase nada os ruídos indesejáveis e, como se isso não bastasse, o toca-discos vem com um mecanismo coaxial de suspensão que isola totalmente o corpo do braço.

Se essa tendência de humanização dos aparelhos de alta fidelidade vingar, não é difícil estimar que muita gente procurará trazer para sua sala melhor qualidade de som. Pois agora, pelo menos, saberá para que serve cada botão, cada chavinha. E não se sentirá perdido numa selva de **hertz, ohms e watts**.

Já comercializado no Japão, o sistema de som, no teto do carro, une a qualidade à economia de espaço

UM ESTÚDIO DE VERDADE NO INTERIOR DE SEU CARRO

COMEÇOU timidamente, com um pequeno e quase rudimentar aparelho de rádio embutido no console do carro. Depois, foi evoluindo, como tudo mais, até chegar aos modernos sistemas hoje fabricados pelas indústrias de som. Em outras palavras, o rádio, o toca-fitas e os alto-falantes deixaram de ser simples acessórios para transformarem o automóvel num sofisticado estúdio de som.

Até bem pouco, os tipos existentes de **car audio sets**, como são conhecidos, eram apenas dois. Um deles tinha em mente a qualidade do som, procurando utilizar o rádio e o gravador mais fiéis, os alto-falantes e o amplificador de maior potência permitida pelas reduzidas dimensões do ambiente. O outro preocupava-se mais com a economia de espaço, reunindo num só componente todos os elementos do sistema de som.

Agora, porém, os japoneses começam a pôr no mercado um terceiro tipo, que combina os dois primeiros e pode ser considerado a última palavra em matéria de sistema de som para automóveis.

Naturalmente, tudo depende das dimensões do carro. Mas desde que seja de porte médio, com pelo menos um, ou um metro e meio de teto, ficando este a 30 ou 35 centímetros da cabeça do motorista e dos demais passageiros, é possível equipá-lo com o novo sistema.

Têm sido cada vez maiores os progressos alcançados pela indústria de som para automóveis. Já vai longe o tempo em que tudo se resumia a uma potência máxima de 5 ou 6 watts. Nos últimos anos, a amplificação subiu para 20 watts e, em alguns casos, já chega a 70 ou mesmo 100. Alguém pode perguntar: "Para que tanta potência, num espaço tão reduzido". A resposta está no próprio tipo de estúdio que um carro é, sujeito a barulhos de toda sorte, tais como do seu motor, de seus pneus sobre o asfalto, dos ruídos que vêm da rua. Sons puros, como é sabido, dependem de boa amplificação, capaz de superar o barulho indesejado. É uma questão de qualidade e não de altura, como pode parecer.

Os alto-falantes acompanharam a evolução, de modo que hoje, distribuídos por todo o carro (console, portas, teto, painel traseiro), emitam um som claro e agradável. Mais uma vez, nada de barulho. Os alto-falantes hoje disponíveis já passaram dos 16 para os 20 centímetros. E podem limitar-se aos graves e agudos convencionais ou empregar o sistema **three-way**, que inclui os médios. Como num estúdio, enfim.

Mas o que há de novo e valioso nesse terceiro tipo que começa a ser vendido no Japão é a localização do componente único que reúne o amplificador, o rádio FM, um ou dois gravadores (e não apenas os toca-fitas comuns) e alto-falantes. No teto do carro, esse novo sistema não só permite ao motorista — ou ao passageiro do lado ou do banco de trás — fácil manipulação, como também situa os alto-falantes estrategicamente dentro do pequeno estúdio ambulante, evitando reverberações, ruídos, qualquer tipo de coisa que possa ferir os ouvidos. Afinal, num sistema de som para carros, não se pode evitar que o ouvinte fique muito próximo do alto-falante.

DISCOS

THE CLASH-SANDINISTA(CBS-144451 2/3). Álbum triplo do grupo inglês, formado por: Mick Jones(guitarra), Joe Strummer(vocais), Paul Simenon(baixo) e Topper Headon(bateria).
****The Clash *é considerado o melhor grupo de rock inglês do momento. Sandinista é uma homenagem à revolução da Nicarágua, citada na faixa* Washington Bullets. *O disco é um autêntico raio X do Clash e mostra todas as nuances e tendências do grupo. Obrigatório nas discotecas de rock — (luiz Antonio Mello).*

MISTAKEN **Identity**, Kim Carnes (EMI/Odeon — 31 C/064 400008) — Produção de Val Garay, que trabalhou com James Taylor e Linda Ronstadt. Inclui o **hit Betty Davis Eyes**.
★★ *O sexto LP da cantora e compositora alcançou o primeiro lugar na parada da Bilboard. A faixa-título é a segunda melhor música e uma das cinco de autoria de Kim. Realmente, um caso de identidade trocada como o título avisa: Carnes canta igual a Rod Stewart e os arranjos são muito semelhantes aos das músicas gravadas por ele, que por sua vez não é a pessoa mais apropriada para falar em imitações. Para quem gosta de Rod Stewart, Carnes é prato feito. (Deborah Dumar)*

B. B. KING—THERE MUST BE A WORLD SOMEWHERE (MCA/ARIOLA 203.438) — Além do grupo de base, King tem como convidados os **jazzmen** Waymon Reed (trompete), Hank Crawford (**sax** alto), David Newman (**sax** tenor) e Ronnie Cuber (**sax** barítono).
★★★ *O conhecido* bluesman *tem outra atuação segura e convincente, embora sem chegar a níveis excepcionais, mas* The Victim, *no qual emula Joe Turner, é notável. Exceto pela presença da guitarra, algumas faixas lembram o clima dos discos de Ray Charles com pequenos conjuntos, o que não surpreende, pois os arranjos para os sopros são de Hank, ex-músico de Charles. (José Domingos Raffaelli).*

CHAMA, Joanna (RCA-1030420) — Produção de Arthur Laranjeira e Durval Ferreira. Arranjos e regência de Perna Fróes, Wagner Tiso e Eduardo Souto Neto. Coordenação de repertório de Lúcio Varela. Part. esp. de Rosinha de Valença.
★★★ *À exceção das composições de autoria de Joanna, em parceria com Sarah Benchimol, Toni e Guaracy, o disco é muito bom. A cantora ousou gravar* Eu Te Amo *(Tom e Chico)* e Doce de Coco *(Jacob do Bandolim e Hermínio B. de Carvalho) depois de Chico e Elizeth. Fez bem: o resultado é satisfatório. Gravou Sueli Costa e Abel Silva* (Mulher Marcada)*, Gonzaguinha* (Uma Canção de Amor)*, Milton Nascimento e Fernando Brant* (Nos Bailes da Vida)*, Joubert de Carvalho* (Minha Casa)*. O contraste com as suas músicas, apenas regulares, era inevitável. O lado A é o melhor. (DD)*

O SOM NOSSO DE CADA DIA

NA PONTA DA AGULHA

Tárik de Souza

APENAS um piano e um violão constituem o elenco do Lp "Samambaia", que sai no fim do mês. Mas, que piano e qual violão? Nada menos de um camerístico encontro entre o tecladista, arranjador e compositor Cesar Camargo Mariano (Sambalanço Trio, Som 3, Elis Regina) e o violonista, guitarrista, compositor e produtor Hélio Delmiro (Fórmula 7, Luis Eça, Sarah Vaughan). No repertório, fora as inéditas de Cesar ("Samambaia", "Choratta", "Curumim") e Hélio ("Emotiva nº 4", "Das Cordas"), novas leituras, pela dupla de temas conhecidos como "Carinhoso", "No Rancho Fundo" e "Milagre dos Peixes".

• Também no fim do mês, pelo mesmo selo EMI/Odeon, agora conjugado a WEA, mais uma tentativa de Odair José dar a volta por cima. Iniciando-se na CBS há dez anos como uma espécie de sub-Roberto Carlos, na cola da Jovem Guarda elástica e espaçosa, Odair firmou-se como um jornal de manchetes sangrentas, com assuntos considerados "fortes" como os de seus maiores êxitos, "Eu Vou Tirar Você desse Lugar" e "Pare de Tomar a Pílula" (esta censurada no governo Médici). Empolgado por um dueto com Caetano Veloso na Phono 73, pensou que podia mudar de gênero como quem troca a camisa e bandeou-se para uma pretensiosa ópera rock recontando a história de Cristo/ ("O Filho de José e Maria"). Não se recuperou do fracasso e esta já é sua quinta gravadora, na tentativa de "voltar a música bem popular, carregada de emoções". O Lp "Viva e Deixa Viver", portanto, não quer deixar dúvidas: "é como se fosse uma reportagem de sentimentos que me envolve e também as multidões. É sobretudo amor de uma forma bem simples". Leia-se, comercial.

• Outro encontro que na época causou **frisson** nos admiradores do rigor qualitativo de Caetano Veloso já está nas lojas. Dentro da série "A Voz de...", o Lp dedicado ao "Petit Prince" Ronie Von reproduz o diálogo de ambos na marchinha tatibitati **Pra Chatear**, de Caetano. Um tatibitati de talento, ressalte-se.

• A mesma série concede amplo espaço a outros grandes vendedores do passado recente, como Silvinho (**Esta Noite eu Queria que o Mundo Acabasse**), Francisco José (**Olhos Castanhos**), e Evaldo Braga (**Sorria, Sorria**). Mas "A Voz de..." também premia bons repertórios de Ataulfo Alves, Gilberto Gil, Lucio Alves, Dick Farney e Agostinho dos Santos.

• O mérito maior no capítulo das reedições (ideal aos tempos de crise, pois custa apenas o preço de uma nova capa e respectiva prensagem) cabe também a Polygram, ao retirar do baú a preciosa coleção da Festa, o primeiro sêlo independente e cultural do país, editado por Irineu Garcia ainda na década de 50. Este selo, aliás, deveria servir de exemplo as mais afoitas gravadoras: quase 30 anos depois, ele continua rendendo dividendos, através de títulos historicos como **Canção de Amor Demais** (Elizeth Cardoso canta Tom, Vinicius e lança João Gilberto ao violão), **Modinhas fora de Moda** (Lenita Bruno, orquestração de Léo Perachi) e mais Radamés Gnatalli, (**Concertos para Harpa e Violino**), Villa Lobos (**A Missa de São Sebastião e Bachianas Brasileiras**), Alberto Nepomuceno, Pablo Neruda, Mario de Andrade e o **Pequeno Principe**, musicado por Tom Jobim.

• Mais uma adesão ao "new disc", de oito faixas, que nem todos os lojistas vendem com o devido desconto em relação ao Lp comum de 12 músicas: a cantriz Beth Goulart. "Sementes no Ar", faz debutar a defensora de "O Balão", injustamente massacrado no MPB-81. Beth lança o "new disc" no bar Caribe, de São Conrado, amanhã, segunda, às 21 horas.

Ângela Rô Rô: notícia policial

• A faixa título do novo Lp de Angela Rô Rô remete inevitavelmente ao noticiário policial em que a cantora andou envolvida. O autor de "Escândalo", Caetano Veloso, funcionou como um repórter setorista: "Não quero quebrar os bares como um vândalo/ você que traz o escândalo, irmã luz/ eu marquei demais, tô sabendo/ aprontei demais, só vendo/ mas agora faz um frio aqui/ me responda, tô sofrendo".

• Um antigo choro de Pixinguinha, "Naquele Tempo" recebeu letra de Reginaldo Bessa, que está de Lp novo pela etiqueta Mac, de Manaus. Junto com o conjunto Galo Preto, Reginaldo lança entre 22 e 25 de setembro, sete da noite, o disco "Outro Tempo, outro lugar", no Teatro do BNH.

ROCK NO PRATO, NO PALCO E NA TELA

OS Rolling Stones, por fim, revelam orgulhosos: o saxofonista que sublinha os climas roqueiros de seu novo Lp, "Tatoo You" é ninguém menos que o medalhão do jazz Sonny Rollins. Pete Townshend, ideólogo do The Who toca humilde guitarrinha e faz backing vovais na faixa "Slave". Por enquanto, George Thorogood e seu grupo Destroyers estarão encarregados de abrir os shows na temporada dos Stones nos EUA.

Até a crítica, recentemente implacável com o grupo, abrandou a ira diante do "good old rock'n roll" do novo Lp. Patrick Humphries escreveu no influente Malody Maker: "O disco parece uma tentativa de voltar ao clima roqueiro de "Some Girls", "Exile on Mais Street", com petardos como "Slave" e "Little T & A". "Ainda assim", conclue Humphries, "esta revisita ao passado parece mais uma questão de comodidade que inspiração".

• Também o rebelde Neil Young (que um dia formou o quarteto Folk com Crosby, Stills e Nash) entrou para a galeria dos superstars do rock transplantados para o cinema. "Rust Never Sleeps" documenta uma turbulenta excursão de dois anos atrás, já transformada em disco, "Live Rust".

PÍLULAS CONTRA A CRISE

NESSA época de bolsos magros, o importante é não cortar o acesso do produtor ao consumidor, mesmo que seja necessário financiar esta ponte. Na semana passada, por exemplo, o cantor e compositor Biafra (**Helena, Leão Ferido**) logrou reunir uma platéia acima de suas posses musicais, em São João de Meriti. Graças ao patrocinio de uma rede de supermercados, Biafra levou ao espetáculo gratuito 12 mil pessoas, segundo calcula sua gravadora.

• **Multidões maiores deverão ser arrebanhadas pelo Projeto Ginga Brasil, que iniciou seu ciclo de apresentações dia 28 de agosto em Florianópolis com um público estimado em 30 mil cabeças. Patrocinado por uma firma de roupas e dirigido pela empresa Editevê (a mesma dos festivais de Jazz de SP e Rio, da excursão de Gilberto Gil e Jimmy Cliff), o Ginga Brasil será apresentado sempre grátis em grandes praças e ao livre. As próximas paradas do projeto serão: dia 26 de setembro, na Praça do Papa, em Belo Horizonte, às 18 horas, com Joyce, Dori Caymmi, Paulinho Boca de Cantor, Oswaldinho e o Trio Elétrico de Dodô e Osmar. Dia 1º de outubro, em Brasília, às 19 horas, na praça Torre de TV, com os conjuntos Mel da Terra (local), Ponte Aérea, Sá & Guarabira e Paulinho Boca de Cantor. Em local ainda a ser definido no Rio, o Ginga Brasil reúne Joyce, Jean Garfunkel, 14 Bis, Teca Calazans e Ricardo Vilas, mais a participação especial de Clementina de Jesus.**

O projeto encerra seu ciclo, depois de percorrer outras capitais, dia 6 de dezembro, em São Paulo, com Teca e Ricardo, Jean Garfunkel, 14 Bis e a participação especial de Adoniram Barbosa.

• A despeito da maré baixa, o disco "Brasil", regido pela voz de João Gilberto, com Caetano, Gil e Bethania, já atingiu 40 mil compradores. Um recorde de instantaneidade para a música lentamente assimilável de João. Um idolo que deve ser encarado sempre como investimento a longo prazo: até hoje vendem suas gravações de 1959, 60 e 61, numa época em que o produtor Aloisio de Oliveira era considerado louco por registrar um cantor tão "desafinado". A pergunta é: nesses vinte anos quantas vezes tais loucuras já se pagaram, com fabuloso lucro?

• **Poucos sabem: a cor natural de um disco seria o branco incolor — o cloreto de polivinilha, na verdade, é tingido de preto por uma tradição que vai para cem anos. Mas além do novo Lp de Egberto Gismonti (dedicado ao filho, apelidado "Branquinho"), "Em Familia", também é incolor o Lp de reestréia da cantora Martinha. Por sua vez, a segunda edição da "Arca de Noé" encaixa-se num hábito do gênero infantil, tem a cor vermelha. Já o Lp do sofisticado disc-jockey Amandio, que seleciona material estrangeiro (Grace Jones, Amanda Lear, Debra de Jean, Iggy Pop, Bram Tchaikovsky) e assina embaixo, também foi prensado em vinil vermelho. Assim, o (a) ouvinte pode fazê-lo combinar com a cor dos brincos ou seu batom preferido, quem sabe?**

VÍDEO

AQUELAS VELHAS FOTOS AGORA NAS NOSSAS TVS

A transformação de **slides** em fita para ser projetada num vídeo-cassete — permitindo assim que se elimine os incômodos do projetor convencional na hora de se recordar viagens, casamentos, aniversários, toda sorte de festas e grandes momentos devidamente registrados em fotos — é cada vez mais comum. A Embravídeo possui um serviço especializado em converter velhos **slides** em novas fitas de vídeo.

O processo que torna isso possível é muito simples, empregando um telecine, isto é, um equipamento que consiste numa caixa preta com entradas tanto para projetores de **slides** como projetores de filme. Esse equipamento possibilita, inclusive, a utilização de dois projetores de **slides** e recursos de **fade** (gravação com esmaecimento de imagem e crescimento da seguinte, de modo que não haja corte brusco entre um **slide** e outro). O **fade** pode ser regulável, assim como a permanência do **slide** no ar. O tempo médio é de 10 segundos para cada **slide**, mas o cliente pode determinar cinco segundos ou mesmo fornecer a trilha de **bip** (fitas cassetes com sinais eletrônicos que determinam o momento exato da transferência de cada **slide**). Basta indicar a ordem de gravação e o tempo de permanência que deseja para cada **slide**.

Eis os preços cobrados pela Embravídeo: PAL-M (sistema brasileiro de cor): Slide 35 mm para U-Matic — 10 min. — Cr$ 6000; cada 10 min. adicionais — Cr$ 550; 1 hora Cr$ 8750

Slide 35 mm para VHS — 10 min. — Cr$ 4000; cada 10 min. adicionais — cr$ 300; 1 hora Cr$ 5500

NTSC (sistema americano de cor): Slide 35 mm para U-Matic — 10 min. — Cr$ 5500; cada 10 min. adicionais — Cr$ 500; 1 hora Cr$ 8000

Slide 35 mm para VHS ou Betamax — 10 min. — Cr$ 3500; cada 10 min. adicionais — Cr$ 250; 1 hora Cr$ 4750

A Embravídeo fica na Rua Jardim Botânico, 635 conj. 703, Telefone: 294-5544.

SUPER VÍDEO CLUBE JÁ TEM PLANOS PARA A COPA

O **Show Deve Continuar (All That Jazz), Amarcord, Chinatown, Laranja Mecânica (Clockwork Orange), Z, Mr Magoo**, espetáculos como **Elvis Come Back Especial, Rod Stewart**, aulas de tênis, são algns dos 160 titulos do mais novo clube do vídeo-cassete: o Super Video Clube do Brasil.

Inaugurado com um coquetel em sua loja do Leblon, na sexta-feira, o clube exige para a entrada do sócio dois filmes cassetes e uma taxa mensal de manutenção no valor atual de Cr$ 3 mil 515, reajustáveis de seis em seis meses, segundo as ORTNs.

Um dos fundadores, o advogado Sergio Pettezzoni, afirma que esta nova associação "é uma espécie do Clube do Livro onde o ingresso são dois filmes originais". O associado, ao se increver, recebe um número de registro com a doação do seu filme que pode ser retirada quando ele não mais pertencer ao clube, a partir da inscrição, tem direito a uma retirada semanal de quatro fitas, duas por vez.

O acervo inicial do Clube do Vídeo é formado por 84 longa-metragens de gostos variáveis como **Ben-Hur, Z, Uma Mulher Descasada (A Unmarried Woman), Sindrome da China (The China Syndrome)**, em alternativas bastante ecléticas. Os filmes infantis também não foram esquecidos e assim o cliente poderá escolher entre os 18 títulos do acervo atual, filmes de **Tom e Jerry, A História de Elza, a Leoa (Born Free)**.

As pessoas ligadas em esportes e documentários também têm sua vez pois o Clube já oferece séries como os grandes nomes do basquetebol, aulas de tênis, documentários sobre esqui e beisebol. Na parte dos documentários podem ser retiradas as fitas como **Produção de Guerra nas Estrelas (The Making of Stars Wars) e Arte por Computador (Tunnel Vision)**. O Clube funciona no Leblon, na Rua Conde Bernadote, 26, loja 119, e não atende a domicílio.

Existem atualmente no Rio, segundo cálculo de Sergio Pettezzoni, de 4 a 5 mil aparelhos de vídeo-cassete, número que cresce para os 10 mil em São Paulo. Como cada cassete não custa menos de 60 dólares, é mais vantagem o proprietário de um destes aparelhos ficar sócio de um clube deste tipo. Além do fornecimento das fitas, a firma também está aparelhada para dar assistência técnica a preços especiais aos associados, que ainda contam com outra vantagem: os filmes dublados em português como **Alice não Mora mais Aqui, Aeroporto, Eldorado, O Desejo**, gravados de emissoras que exibem filmes de longa metragem:

— Mas a maioria dos sócios pesquisados prefere o filme original — acrescenta.

Para o próximo ano, o da Copa do Mundo, o Clube tem idéia de arrendar um cinema e comprar três telões para passar os jogos, depois de um acordo com a Rede Globo, detentora exclusiva dos direitos desta transmissão.

CINEMA

COTAÇÕES ★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

ESTRÉIAS

★★★★★
O MAESTRO (Dyrygent), de Andrzej Wajda. Com John Gielgud, Andrzej Seweryn, Krystina Janda, Jan Ciecierski e Tadeusz Czechowski. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 275-4546). **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (16 anos).

O filme propõe uma discussão sobre o poder a nível interpessoal. Marta, jovem violinista da orquestra de uma pequena cidade da Polônia, vai estudar nos Estados Unidos e conhece Jan Lasocki, um dos grandes maestros da atualidade. Ele também é polonês, veio da mesma cidade e, no passado, fora amante da mãe de Marta. O conflito tem início quando ele retorna à cidade natal, onde há uma orquestra conduzida pelo marido de Marta. Produção polonesa de 1979.

★★★★
A DAMA DAS CAMÉLIAS (La Vera Storia Della Donna Delle Camelie), de Mauro Bolognini. Com Isabelle Huppert, Bruno Ganz, Gian Maria Volonté, Fabrizio Bentivoglio, Fernando Rey, Clio Goldsmith e Clara Fracci. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349). **Comodoro** (Rua Hadock Lobo, 145 — 264-2025): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (16 anos).

A vida de Alphonsine Plessis, famosa cortesã da vida parisiense da primeira metade do século XIX, morta prematuramente de tuberculose aos 23 anos. O filme apresenta sua trajetória desde a adolescência na aldeia natal até a conquista dos salões aristocratas de Paris. Favorita dos nobres, também desperta a atenção de um jovem dramaturgo, Alexandre Dumas Filho. Produção franco-italiana.

★★
LA CICALA (La Cicala), de Alberto Lattuada. Com Anthony Franciosa, Virna Lisi, Clio Goldsmith, Renato Salvatore, Barbara Rossi e Michael Coby. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541); **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

A caminho da Lombardia, ao Norte da Itália, há um posto de gasolina com hotel, restaurante e casa de diversões, onde vivem e trabalham três mulheres: Wilma, uma quarentona casada com o dono do posto; La Cicala, uma camponesa alegre e independente, e Saveria, filha de Wilma, que termina os estudos num colégio e vem visitar a mãe e o padrasto. Produção italiana.

★
A INCRÍVEL SARAH (The Incredible Sarah), de Richard Fleischer. Com Glenda Jackson, Daniel Massey, Douglas Wilmer, David Langton e Simon Williams. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 15h, 17h20m, 19h40m, 22h. (18 anos).

Biografia da atriz Sarah Bernhardt, explorando sua vida particular e suas atividades profissionais. Produção americana.

★
FELIZ ANIVERSÁRIO PARA MIM (Happy Birthday to Me), de J. Lee Thompson. Com Melissa Sue Anderson, Glenn Ford, Lawrence Dane, Sharon Acker e Frances Hyland. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 12h10m, 14h20m, 16h30m, 18h40m, 20h50m. Sábado e domingo, a partir das 14h20m. **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira): 13h30m, 16h, 18h30m, 21h. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

Virginia, uma alegre estudante, sofre um acidente, no qual sua mãe acaba morrendo e é conduzida a um hospital onde é salva após uma delicada operação no cérebro. Ela tenta levar uma vida normal com seus colegas de escola, mas fatos estranhos começam a acontecer com o grupo, que vai desaparecendo misteriosamente. A jovem pressente que os incidentes têm ligação com seu próprio passado. Produção americana.

QUANDO OS ANJOS PERTURBAM O CÉU (The Class of Miss Mac Michael), de Silvio Narizzano. Com Glenda Jackson, Oliver Reed, Michael Murphi e Rosalind Cash. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898). **Rio-Sul** (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

COLEÇÕES PRIVADAS (Colections Privées), de Valerian Borowczyk, Shuji Terayama e Just Jaeckin. Com Laura Gemser, Robert Blanche, Hiroshi Nikami, Marie Catherine Conti e Ives Marre. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908). **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 288-6898): 14h30m, 16h20m, 18h10m, 20h, 21h50m. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h10m, 22h. **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 591-2746): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

Produção franco-japonesa dividida em três episódios de histórias eróticas.

AMÉRICA NA ERA DO SEXO — De Romano Vanderbes. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo — 20 — 249-4544): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (18 anos).

Filme em estilo documentário, com uma visão gênero Mundo Cão da sexualidade americana.

CONTINUAÇÕES

★★★★★
JOHNNY VAI À GUERRA (Johnny Got His Gun), de Dalton Trumbo. Com Timothy Bottoms, Kathy Fields, Marsha Hunt, Jason Robards, Donald Sutherland e Diane Varsi. **Caruso** (Av. Copacabana, 1 326 — 227-3544): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (18 anos).

No último dia da Primeira Guerra Mundial, Joe Bonham é ferido pela explosão de uma granada, perde as duas pernas e dois braços e fica com o rosto inteiramente desfigurado. Cego, surdo e mudo, no leito do hospital, Joe recorre à sua possível realidade: a memória e a fantasia. Único filme dirigido por Trumbo, roteirista famoso e uma das vítimas do maccarthismo, falecido em 1973. Melhor Filme do Festival de Atlanta, Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes e Melhor Filme do Festival de Belgrado. Produção americana de 1971.

★★★★★
KAGEMUSHA, A SOMBRA DO SAMURAI (Kagemusha, the Shadow Warrior), de Akira Kurosawa. Com Tatsuya Nakadai, Tsutomu Yamazaki, Kenichi Hagiwara, Jinpachi Nezu, Shuji Otaki e Daisuke Ryu. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705): 15h, 18h, 21h. (Livre).

Quando Shingen Takeda, um poderoso guerreiro do século XVI, está para morrer em conseqüência de ferimentos recebidos em combate, ele ordena a sua gente que guarde o segredo de sua morte durante três anos. Temia que a notícia animasse os inimigos. Para substituí-lo só resta um ladrão condenado à morte, que lentamente assume a personalidade e a postura marcial de Shingen. Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1980. Produção japonesa.

O *Cineclube Cantareira* apresenta hoje o filme *São Bernardo*, de Leon Hirszman, cineasta premiado no último Festival de Veneza.

★★★★★
OS CONTOS DE CANTERBURY (I Racconti di Canterbury), de Pier Paolo Pasolini. Com Pier Paolo Pasolini, Hugh Griffith, Franco Citti, Elizabetta Genovese, Ninetto Davoli e Laura Betti. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (18 anos).

Segundo filme da Trilogia da Vida, de Pasolini (1922-1975), posterior a Decameron (1971) e anterior a As Flores das Mil e Uma Noites (1974). São oito contos retirados da obra homônima do escritor britânico medieval Geoffrey Chaucer (1340-1400). O filme mescla atores profissionais (italianos e ingleses) com anônimos figurantes recolhidos nos arredores de Londres, onde estão ambientadas suas histórias, num estilo de representação herdado do neo-realismo. Produção italiana vencedora do Festival de Berlim de 1973.

★★★★
O HOMEM ELEFANTE (The Elephant Man), de David Lynch. Com Anthony Hopkins, John Hurt, Anne Bancroft, Sir John Gielgude Dame Wendy Hiller. **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. **Santa Alice** (Rua Barão do Bom Retiro, 1.995 — 201-1299): de 2ª a sábado, às 17h30m, 20h. Domingo, às 15h, 17h30m, 20h. **Palácio** (Campo Grande): 15h, 17h30m, 20h. (14 anos.)

Em Londres, no final do século XIX, John Menick, um jovem horrivelmente deformado, atração de um circo, é levado por um médico famoso para um hospital de prestígio. Internado, educado e apresentado à sociedade Londrina, o Menick, conhecido como homem-elefante, se transforma de objeto pitoresco em favorito de pessoas influentes. Grande Prêmio do Festival Internacional de Cinema Fantástico de Avoriaz (França). Produção britânica.

★★★
VESTIDA PARA MATAR (Dressed to Kill), de Brian de Palma. Com Michael Caine, Angie Dickinson, Nancy Allen, Keith Gordon, Dennis Franz e David Margulies. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): 12h50m, 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Rian** (Av. Atlântica, 2.964 — 236-6114). **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236 — 390-2036): 14h30m, 16h40m, 18h50m, 21h. (18 anos).

Uma mulher é assassinada a golpes de navalha, mas o criminoso é visto por uma jovem call-girl *que passa a ser ameaçada de morte. Produção americana.*

★★
EM ALGUM LUGAR DO PASSADO (Somewhere in Time), de Jeannot Szwarc. Com Christopher Reeve, Jane Seymour, Christopher Plummer, Teresa Wright e Bill Erwin. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1291). **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610). **Largo do Machado 1** (Largo do Machado, 29 — 245-7374): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982). **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-4998): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (Livre).

Produção americana baseada no romance Bid Time Return, *de Richard Matheson. História romântica sobre um homem que, apaixonado pela fotografia de uma mulher, encontra um meio de viajar ao passado para encontrá-la.*

★★
007 — SOMENTE PARA SEUS OLHOS (For Your Eyes Only), de John Glen. Com Roger Moore, Carole Bouquet, Topol, Lynn-Holly Johnson, Julian Glover e Cassandra Harris. **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245). **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705). **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 268-0790): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835). **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 13h30m, 16h, 18h30m, 21h (14 anos).

Um navio espião britânico é acidentalmente afundado na costa da Grécia e Sir Havelock, famoso arqueologista, e sua esposa, são contratados para salvar um engenho secreto. Ambos são assassinados e James Bond é chamado para prender o criminoso, envolvendo-se numa série de situações perigosas. 12ª aventura cinematográfica do agente secreto criado pelo escritor Ian Fleming e a 5ª interpretada por Roger Moore. Produção britânica.

O JOGO FAVORITO DOS HOMENS (Danish Blue), de Gabriel Axel. Com Gurli Taschener, Birgit Bruel, Henrik Wiehe, Age Fonns, Edith Karmel e Susanne Jagh. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m. (18 anos).

Filme pornográfico sobre o comércio das livrarias e pornoshops *de Copenhague, com sua freguesia disfarçada. Produção dinamarquesa.*

REAPRESENTAÇÕES

★★★★★
O OVO DA SERPENTE (The Serpent's Egg), de Ingmar Bergman. Com Liv Ullmann, David Carradine, Gert Froebe, Heinz Bennent e James Whitmore. **Jacarepaguá Auto-Cine** (Rua Cândido Benício, 2.973 — 392-6186): de 4ª a domingo, às 20h, 22h. 2ª e 3ª, às 20h30m. Até terça-feira. (18 anos).

O primeiro filme de Bergman realizado fora da Suécia — na Alemanha Ocidental. Na Berlim de 1923, assolada pela inflação e pela miséria, o espectro do nazismo é como um réptil cujos contornos podem ser entrevistos "através da tênue casca do ovo". A história é marcada pelo terror que, uma década depois, o hitlerismo instalará na Alemanha e envolve misteriosas experiências com a vulnerabilidade física e psicológica dos indivíduos. O suicídio do irmão de um trapezista americano, judeu, deflagra investigações policiais e, paralelamente, propicia dramática relação amorosa deste com a cunhada.

★★★★★
RETROSPECTIVA AKIRA KUROSAWA — Hoje: **Dersu Uzala (Dersu Uzala)**, de Akira Kurosawa. Com Youli Solomine e Maxime Mounzouk. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 18h, 20h50m. (Livre).

Baseado no livro de Vladimir Klavdievitch Arseniev e ganhador do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 1976. O filme, com fotografia de Takao Satto (o mesmo fotógrafo de Dodeskaden*), conta a história de um explorador e um guia em missão de reconhecimento na Rússia no início do século, mostrando o confronto entre a comunhão com a natureza (Dersu, o caçador) e a civilização (Arseniev, o cartógrafo).*

★★★★
PIXOTE — A LEI DO MAIS FRACO (Brasileiro), de Hector Babenco. Com Marília Pera, Jardel Filho, Rubens de Falco, Beatriz Segall, Elke Maravilha, Tony Tornado e Fernando Ramos da Silva. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 14h20m, 16h40m, 19h, 21h20m (18 anos).

Um grupo de menores é recolhido a um reformatório de São Paulo: Dito, Lilica, Chico, Fumaça e Pixote. Os dois últimos descobrem num porão um policial interrogando alguns garotos a respeito da morte de um desembargador. Num clima de terror e violência constantes, a fuga se tornará uma obsessão. Nas ruas, na luta pela sobrevivência, Pixote e seus comparsas foram uma espécie de família, mantendo-se de pequenos assaltos.

★★★★
O SHOW DEVE CONTINUAR (All That Jazz), de Bob Fosse. Com Roy Scheider, Jessica Lange, Ann Reinking, Leland Palmer e Cliff Gorman. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7897): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m (16 anos).

Joe Gideon é um famoso diretor de teatro e está montando mais um dos seus shows na Broadway. O tema gira em torno da morte mas, antes que ele possa terminar o trabalho, sofre um ataque cardíaco que o deixa hospitalizado. Durante a cirurgia, ele coreógrafa a sua própria morte numa alucinatória extravagância, deitado num leito de hospital, cercado por dançarinas deslumbrantes. Oscar nas categorias de melhor direção artística, de desenho e vestuário, montagem e melhor trilha sorona. Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1980. Produção americana.

★★★★
BYE BYE BRASIL (Brasileiro), de Carlos Diegues. Com Betty Faria, José Wilker, Fábio Júnior, e Zaira Zambelli. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 245-7374): 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. (16 anos).

Um grupo de artistas ambulantes, a Caravana Rolidei, cruza de caminhão todo o sertão nordestino em direção à floresta amazônica, saindo de Piranhas, em Alagoas, até Altamira, daí se deslocando para Belém e em seguida para Brasília. Diegues, o realizador de Xica da Silva *e de* Chuvas de Verão, *segue a viagem ao mesmo tempo interessado em retratar o que se passa com os artistas ambulantes (que encontram público cada vez menor nas cidades que contam com televisão) e o que se passa com as pessoas que eles encontram ao acaso no meio da viagem.*

★★★★
FESTIVAL GLAUBER ROCHA — Hoje: **Terra em Transe** (Brasileiro), de Glauber Rocha. Com Jardel Filho, Paulo Gracindo, José Lewgoy e Glauce Rocha. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72): 15h30m, 17h40m, 19h50m, 22h. (18 anos).

Num país imaginário — Eldorado — formado pela reunião de três raças — o branco, o negro e o índio — um jornalista e poeta (Jardel Filho) se reúne a um líder político (José Lewgoy) para tentar mudar a ordem política e social.

★★★
CABARET MINEIRO (brasileiro), de Carlos Alberto Prates Correia. Com Nelson Dantas, Tamara Taxman, Tânia Alves, Louise Cardoso, Eliane Narduchi e Helber Rangel. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 16h, 17h30m, 19h, 20h30m, 22h. (18 anos).

A trajetória de Paixão, um elegante aventureiro, no interior de Minas. Entre a realidade, o sonho e a imaginação, ele se envolve com três mulheres: Salinas, uma ruiva que viaja de trem; Evangelina, adolescente sedutora e praticante de ioga, e Avana, dançarina espanhola de um cabaré de Montes Claros. Prêmios de Melhor Fotografia (Murilo Salles) e Melhor Trilha Sonora do Festival de Brasília de 1980. Melhor filme, diretor, ator, fotografia, trilha sonora, montagem e atriz coadjuvante no Festival de Gramado.

★★
BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA RESENDE (Brasileiro), de Braz Chediak. Com Lucélia Santos, José Wilker, Vera Fischer, Carlos Kroeber, Milton Moraes, Rubens Correa e Madame Morineau. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72): 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

A história tem seu ponto de partida quando Edgar, um rapaz de Minas, é procurado por Peixoto, genro de Werneck, um milionário, que lhe faz uma proposta: o casamento com Ritinha, jovem com apenas 17 anos, filha de Werneck. Mais tarde, descobrirá que fora envolvido numa trama e que Peixoto é amante da mulher com quem se casaria. Baseada na peça homônima de Nelson Rodrigues.

★★
O PRIMEIRO PECADO MORTAL (The First Deadly Sin), de Brian Hutton. Com Frank Sinatra, Faye Dunaway, James Withmore, David Dukes e Brenda Vaccaro. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h, 22h30m. **Último dia.** (16 anos).

Franka Sinatra no papel de um detetive que persegue um perigoso assassino psicopata, ao mesmo tempo em que encara uma grave crise familiar provocada pelo internamento de sua mulher em um hospital de Nova Iorque. Policial. Produção americana.

★
A MÚSICA NÃO PODE PARAR (Can't Stop the Music), de Nancy Walker. Com Valerie Perrine, Bruce Jenner, Steve Guttenberg, Paul Sand, Tammy Grimes, Barbara Rush e The Ritchie Family. **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1 747 — 390-5745): de 2ª a 6ª, às 16h, 18h25m, 20h50m. Sábado e domingo, às 14h, 16h25m, 18h50m, 21h15m (14 anos).

Samantha Simpson, modelo de Nova Iorque, acaba de aposentar-se no auge de sua carreira, e passa a viver em Greenwich Village. O seu amigo mais íntimo é Jack, compositor em início de carreira que resolveu trabalhar como disc-jockey *numa discoteca do bairro. Produção americana.*

★
CABO BLANCO (Cabo Blanco), de J. Lee Thompson. Com Charles Bronson, Jason Robards, Fernando Rey e Dominique Sanda. **Ilha Auto-Cine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador — 392-3211): de 2ª a 6ª, às 20h30m, 22h30m. Sábado e domingo, às 18h30m, 20h30m, 22h30m. (14 anos). Até terça.

Em 1948, numa pequena cidade costeira do Peru, um americano, uma francesa e um refugiado nazista envolvem-se na busca de milhões de dólares em pedras preciosas que se encontram num navio submerso. Produção americana.

★
SERÁ QUE ELA AGÜENTA? (Brasileiro), de Roberto Mauro. Com Zélia Martins, Sônia Vieira, Wilza Carla e Renato Bruno. **Jacarepaguá Auto-Cine 2** (Rua Cândido Benício, 2.973 — 392-6186): de 4ª a domingo, às 20h, 22h. 2ª e 3ª, às 20h30m. Até terça. (18 anos).

Pornochanchada. A cidadezinha de Não Me Toques é tomada de furor sexual por influência de um fugitivo do hospício, Dr Froid, que, a convite do prefeito, trata de uma recém-casada que faz questão de defender sua virgindade.

★
AS NINFAS INSACIÁVEIS (Brasileiro), de John Doo. Com Zilda Mayo, Flávio Portho e Alvamar Taddei. Programa complementar: **Diabólico Renegado. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 2ª a 6ª, às 12h, 15h, 18h, 19h40m. Sábado e domingo, às 13h40m, 16h40m, 19h40m. (18 anos).

Pornochanchada envolvendo quatro universitárias que acampam numa praia perto de uma cabana de pescador envolvido com contrabandistas.

NOS VELHOS TEMPOS DO GORDO E O MAGRO (Laurel & Hardy's Laughing 20's), de Robert Youngson. Com Stan Laurel (o magro), Oliver Hardy (o gordo), Vivian Oakland e Glen Tryon. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 2ª, às 15h. De 3ª a 5ª, às 15h, 17h. 6ª e sábado, às 14h30m, 16h30m. Domingo, às 14h, 16h. (Livre).

MATINÊS

MEU AMIGO O DRAGÃO — Jacarepaguá Auto-Cine 1: às 18h30m. (Livre).

EXTRAS

★★★★★
MURNAU (III) — Exibição de **A Última Gargalhada (Der Letzte Mann)**, de F. W. Murnau. Com Emil Jannings e Maly Delschaft. Às, 19h, no **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 2º andar. Legendas em francês.

Produção alemã de 1924, também conhecida por sua tradução literal, O Último Homem. *Drama amargo refletindo o clima depressivo da Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial e freqüentemente votado em referendos da crítica entre os maiores filmes da história do cinema.*

★★★★
ESTA NOITE É MINHA (Les Belles de Nuit), de René Clair. Com Gérard Philippe, Martine Carol e Gina Lollobrigida. Às, 19h, no **Cineclube Godard**, Rua Andrade Neves, 315. Com legendas em Português. (18 anos).

Sátira. Um jovem romântico vive aventuras amorosas extremamente agradáveis e, às vezes, perigosas no mundo dos sonhos em que se refugia. Produção francesa de 1952, em preto e branco.

★★★★
SÃO BERNARDO (Brasileiro), de Leon Hirszman. Com Othon Bastos, Isabel Ribeiro, Nildo Parente, Vanda Lacerda e Jofre Soares. No **Cineclube Cantareira**: às 20h, no **Studio 78**, Rua São Lourenço, 78. (14 anos).

Baseado na obra de Graciliano Ramos. A história gira em torno da fazenda São Bernardo cobiçada obsessivamente por Paulo Honório (Othon Bastos).

★★
MATOU A FAMÍLIA E FOI AO CINEMA (Brasileiro), de Júlio Bressane. Com Márcia Rodrigues, Renata Sorrah, Antero de Oliveira e Vanda Lacerda. Às, 20h, no **Cineclube Santa Teresa**, Praça do Curvelo. (18 anos).

Uma série de longas cerimônias de violência filmadas por uma câmara que observa distante e fria, sem participar da ação. Uma proposta de narração diversa do estilo criado com o cinema novo e uma alegoria sobre a impossibilidade de ação.

★★★★
EU, PIERRE RIVIÈRE... (Moi, Pierre Rivière, Ayant Égorgé Ma Mére, Ma Souer et Mon Frére...), de René Allio. Com Claude Hébert e Jacqueline Milliere. Às 20h, no Cineclube do Leme, Rua General Ribeiro da Costa, 164.

★★★
WIN WENDERS (III) — Exibição de **Ao Passar do Tempo (Im Lauf der Zeit)**, de Win Wenders. Com Rudiger Vogler e Hans Zischler. Às 20h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº. Legendas em espanhol.

Um técnico de cinema viaja no seu velho caminhão por províncias com poucos habitantes, situadas perto da fronteira com a República Democrática Alemã. Em determinado momento ele faz amizade com outro ser solitário, chamado Kamikaze.

PERSONAGENS DO DESENHO ANIMADO AMERICANO NOS ANOS 50 — Exibição de **Woody Woodpecker**, **Little Gaspar**, **Popeye** e **Little Lulu**.. Às 16h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº.

CURTAS PREMIADOS NO FESTIVAL DE LILLE (II) — Exibição de **Satiemania (Satiemanie)**, de Zdenko Gasparovic, **Castelo de Areia (Chateau de Sable)**, de Co Hoedeman, **Corpo Quebrado (Cuerpo Roto)**, de Raul Contel Ferreres e **O Caso Bronswik (L'Affaire Bronswick)**, de Robert Awad e André Leduc. Às, 18h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº.

MOSTRA DO CINEMA LATINO-AMERICANO (XVII) — Exibição de **Agarrando Gente (Agarrando Pueblo)**, de Luis Ospina e Carlos Mayolo e **Poeira Vencedora do Sol (Polvo Vencedor del Sol)**, de Juan Antonio de la Riva. Às 21h, no **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 2º andar.

80 ANOS DE HISTÓRIA DO BRASIL: 1900-1980 (VIII) — Exibição de **Nada Será Como Antes**, de Maria Helena Saldanha, **Morto no Exílio**, de Daniel Caetano e **Pinto Vem Aí**, de Olney São Paulo. Às 19h, no **Cineclube Barravento**, Rua Senador Muniz Freire, 60 — Tijuca. Após a sessão haverá debates com José Herbert de Souza.

QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL — Exibição de **Nós e Eles**, **Ó Xente, Pois Não!**, **Quilombo** e **Aqui e Acolá**. Às 18h30m, no **Cineclube Jean Renoir**, Rua Jacinto, 7. Após a sessão haverá debates.

FILMES INFANTIS — Exibição de **Criança e Argila** e **Descobrindo a Escultura**. Às 15h, no **Cineclube Tio Maneco da Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Após a sessão haverá atividades criativas de acordo com o tema dos filmes.

CURTAS INFANTIS— Exibição de **Era Uma Vez Duas Crianças**, **O Lobo se Estrepa**, de Still e **O Mistério de Chu Man Fu**, de Still. Às 16h, no **Cineclube Carioca**, Rua Pereira da Silva, 86.

GRANDE-RIO

NITERÓI

ALAMEDA (718-6866) — **Delírios Eróticos**, com fábio Villalonga. Às 16h, 17h30m, 19h20m, 21h. (18 anos).

BRASIL — **Delírios eróticos**, com Fábio Villalonga. Às 16h, 17h40m, 19h20m, 21h. (18 anos).

CENTER (711-6909) — **Em Algum Lugar do Passado**, com Christopher Reeve. Às 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (Livre).

CENTRAL (718-3807) — **O Homem Elefante**, com John Hurt. Às 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. (14 anos).

CINEMA-1 (711-1450) — **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, com Othon Bastos. Às 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

ICARAÍ (717-0120) — **Vestida Para Matar**, com Angie Dickinson. Às 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (18 anos).

NITERÓI (719-9322) — **007 — somente Para Seus olhos**, com Roger More. Às 14h, 16h30m, 19h, 21h30m. (14 anos).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO (42-2659) — **Amélia... Mulher de Verdade**, com Solange Theodoro, às 14h20m, 16h, 17h40m, 19h20m, 21h. (18 anos).

PETRÓPOLIS (42-2296) — **O Exorcista**, com Max Von Sydow. Às 14h30m, 17h30m, 20h30m. (18 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA-1 (742-2131) — **Império das Taras**, com Francinette. Às 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. (18 anos). Matinê: **Jubileu de Ouro de Mickey Mouse**, desenho animado. Às 14h. (Livre).

ALVORADA-2 (742-2131) — **Motel, o Império do Sexo**. Às 15h20m, 17h, 18h40m, 20h20m, 22h. (18 anos).

CURTA-METRAGEM

NO CAMINHO DAS ESTRELAS — De Victor Santos. Cinema: **Ricamar** (matinê).

POROROCA — De Carlos Tourinho. Cinema **Ricamar** (dias 14 e 15.

RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO DO ÓRFÃO — De Quim Negro. **Ricamar**: (dias 16 e 17).

PRIMEIRA PÁGINA — De Marcos Farias. Cinema: **Ricamar** (dias 18, 19 e 20).

MAL INCURÁVEL — De Denise Bandeira. Cinema: **Cândido Mendes.**

"JOHNNY", SÓ ATÉ HOJE

SAI de cartaz hoje um dos mais expressivos lançamentos deste ano, **Johnny vai à guerra** de Dalton Trumbo, filme que propõe, a partir de uma história ambientada na primeira guerra mundial, uma das mais amargas imagens do homem contemporâneo: um indivíduo impossibilitado de agir e de se comunicar com os outros, cérebro que pensa, sonha e imagina mas não pode transformar em ação nada do que lhe passa pela cabeça. O resumo do argumento pode sugerir uma história de violência insuportável: um soldado, ferido na explosão de uma granada, perde as duas pernas, os dois braços, o rosto e os ouvidos, sobrevivendo como um tronco imóvel sobre a cama. Mas o filme de Trumbo, na realidade, é uma narração de extrema delicadeza, mais interessado em levar o espectador a sentir a condição de seu personagem do que em sofrer com a visão de sua tragédia. **J.C.A.**

DANÇA

BALÉ DO TEATRO MUNICIPAL — Programas nº 1: **Romeu e Julieta**. Balé em três atos segundo William Shakespeare. Coreografia de John Cranko. Cenários e figurinos de Elisabeth Dalton. Com a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, sob a regência de Mário Tavares. Solistas: Ana Botafogo, Áurea Hammerli, Márcia Haydée, Natalia Makarova, Fernando Bujones, Richard Cragun, Stephen Jefferies e Fernando Mendes e Desmond Doyle. Programa nº 2: **Diversions**, música de Britten, coreografia de Jean Paul Comelin. **Opus I**, música de Webern, coreografia de John Cranko; **Pas de Deux, Something Special**, música de Ernesto Nazareth, coreografia de Dalal Achcar; **Cantábile**, música de Barber e coreografia de Oscar Araiz; **Nosso Tempo**, música de Piazzolla e coreografia de Dalal Achcar. **Teatro Municipal**, Pça Mal. Floriano (262-6322). Récitas avulsas de **Romeu e Julieta**: amanhã e dias, 23, 28, 29 e 30 de setembro, e 2 e 3 de outubro, às 21h. Hoje, às 17h. Dias 24 de setembro e 1º de outubro, às 18h30m. Dias 27 de setembro e 4 de outubro, às 10h30m. Assinaturas para os dois programas: assinatura azul, dia 26, às 21h; assinatura amarela, amanhã e dia 22, às 21h.

CLARA CROCODILO — Espetáculo baseado na música de Arrigo Barnabé. Dir. e coreografia de Lala Deheinzelin. Preparação corporal de Klauss Vianna. Preparação teatral de Míriam Muniz. Com um elenco de 20 dançarinos. **Teatro Tereza Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). De 3ª a domingo, às 21h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudante. Até dia 27.

VACILOU, DANÇOU — Espetáculo de balé moderno e **jazz**, coreografado por Carlotta Portella e Zdenek Hampl. Com Zdenek Hampl, Monica Brant, Renato Luciano Vieira, Patricia Geyer, Ana Luisa Martin e outros. **Teatro do BNH**, Av. Chile, 230 (262-4477). De 4ª a dom., às 21h; sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 500 e Cr$ 300, estudantes. Até dia 27 (livre).

MÚSICA

FONTEGARA — Recital de música antiga vocal e instrumental com o conjunto formado por: Bebel Werneck, Fernando Ligneul, Lena Verani, Sandra Lobato e Theresia Oliveira. No programa, obras de Josquin, Praetorius, Jannequin, Lassus e outros. **Petit Studio**, Rua Barão da Torre, 220. Hoje, às 18h30m. Ingresso a Cr$ 200.

CONCERTO DA JUVENTUDE — Apresentação de Karina Schumer (piano), Maurício Schumer (violino), Elza Marins (oboé), Lúcia Marelembaum. Rua (clarinete), Ricardo Rapaport (fagote) e Philip Michael (trompa). No programa, obras de Milhaud, Dubois, Ibert, Bach, Haendel, José Siqueira e outros. **Sala Cecília Meireles**, Lgo da Lapa, 47. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 300. Promoção da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas.

RÁDIO

Rádio Jornal do Brasil AM — 940KHz

7h30m — O Jornal do Brasil Informa, primeira edição — Noticiário.

8h30m — Hoje no JB — Resumo das notícias mais importantes publicadas pelo JORNAL DO BRASIL.

9h — Debate. O Instituto Benjamin Constant aniversaria amanhã e os deficientes visuais acabam de alcançar uma vitória em sua luta contra a discriminação, com a aprovação da Lei 202. A situação dos cegos, o mercado de trabalho e o Ano do Deficiente Físico serão, por isso, mais uma vez assunto do debate de hoje. Os convidados são representantes dos deficientes visuais, Luiz Mileco e Marcos Dutra. Eliakim Araújo apresenta o programa e os ouvintes podem participar, fazendo perguntas pelo telefone 234-7566.

12h30m — O Jornal do Brasil Informa, segunda edição — Noticiário, com tudo o que aconteceu pela manhã no Rio, no Brasil e no mundo.

18h30m — O Jornal do Brasil Informa, terceira edição — Resumo das primeiras notícias do dia.

23h — Noturno — Programa de músicas, entrevistas e atendimento aos ouvintes. Apresentação de Luis Carlos Saroldi.

0h30m — O Jornal do Brasil Informa, edição final — Tudo o que aconteceu e as entrevistas mais importantes do dia que passou.

FM Estéreo 99,7MHz

HOJE

10h — **Abertura da ópera Italiana in Algeri**, de Rossini (Solti — 7:10); **Concerto em Ré Menor, para Harpa e Orquestra, op. 7/4**, de Haendel (Zabaleta — 15:38); **Sinfonia nº 3, em Mi Bemol — Eroica, op. 55**, de Beethoven (Filarmônica de Berlim e Karajan — 48:40); **3 Romances, op. 28**, de Schumann (Arrau — 14:53); **Capricho Espanhol**, de Rimsky-Korsakoff (Ivanov — 15:47); **Concerto Tríplice, em Lá Menor, para Flauta, Violino, Cravo, Cordas e Contínuo**, de Bach (Nicolet, Kirkpatrick, Baumgarther e Orquestra de Lucerna — 22:24); **Sinfonia nº 104, em Ré Maior**, de Haydn (Klemperer — 31:22); **Concerto em Dó Maior, para Flautim e Cordas, P. 79**, de Vivaldi (Linde — 10:22).

20h — **Sinfonia Hamburgo, em Lá Maior**, de C. Ph. E. Bach (Colegium Aureum — 11:00); **Hughe Ashton's Ground**, de William Byrd (Gould — 9:52); **A Pomba de Madeira, Op. 110**, de Dvorak (Kubelik — 18:55); **Concerto nº 4, em Lá Maior, para Cravo e Cordas**, de Bach (Leppard — 12:53); **Salmo 42**, de Mendelssohn (Corboz — 25:30); **Cinco Peças para Piano, op. 23**, de Schoenberg (Gould — 14:50); **Sinfonia Concertante, em Mi Bemol, para Violino, Viola e Orquestra, K 364**, de Mozart (Grumiaux, Pelliccia e Colin Davis — 30:37); **Sonata nº 7, em Dó Menor, para Violino e Piano, op. 30/2**, de Beethoven (Grumiaux e Arrau — 25:00); **Suite da Ópera Amadis**, de Lully (Collegium Aureum — 18:06).

AMANHÃ

20h — **Sinfonia nº 2, em Lá Menor**, de Saint-Saens (Martinon — 22:54); **Concerto em Si Bemol, para Bandolim, Cordas e Cravo**, de Pergolesi (Anedda — 18:19); **Sinfonia nº 96, em Ré Maior**, de Haydn (Bernstein — 23:14); **Sonata nº 2, em Fá Sustenido Menor**, de Brahms (Arrau — 28:12); **Sinfonia nº 2, em Si Bemol Maior, op. 4**, de Dvorak (Rowitzki — 52:00); **Concertino para Marimba e Orquestra**, de Paul Creston (Panitz — 5:20); **Concerto em Mi Menor, para Flauta e Cordas**, de Saverio Mercadante (Rampal — 19:41).

A Feira de Utilidades Domésticas, que se está realizando no Riocentro, funciona hoje, das 15h às 23h

TELEVISÃO

CANAL 7

8.15 Momentos de Paz. Religioso.
8.45 Rex Humbard. Religioso.
9.15 Caravela da Saudade. Musical português.
10.15 Futebol. VT completo de Fluminense x América.
11.45 Kart. Segunda etapa do campeonato estadual do Rio de Janeiro, entrevista com Dudu da Loteca, agora kartista.
12.00 Gol, o Grande Momento do Futebol. Esportivo. Seleção de gols marcados por Palhinha, Nunes e Roberto Dinamite.
13.00 Cadê Você. Reportagem com Walmir Marques, ex-campeão mundial de basquete.
13.15 Stock Car. Ao vivo. Oitava etapa do campeonato brasileiro, direto do autódromo de Tarumã, em Porto Alegre.
14.45 Vôleibol Masculino ao Vivo. Pirelli x Boemios (Uruguai). Campeonato Sul-Americano de Clubes Campeões. Direto de Santo André, São Paulo.
16.00 Futebol de Salão Compacto. Final do campeonato brasileiro, direto de Brasília.
16.30 Basquete Masculino. Compacto da final do primeiro turno do campeonato carioca. Vasco da Gama x Fluminense.
16.50 O Limite do Homem. Reportagem sobre a quebra do recorde mundial dos 5 mil metros (Henry Rono) e do sul-americano de salto em altura (José Arcanjo, Brasil).
17.00 Programa do Chacrinha. Discoteca. Musical variado. Apresentação de Abelardo Barbosa. Participação de Martinha, Cláudia Barroso, Karla, Exporta Samba, Guilherme Arantes, Teca e Ricardo, Biafra, Marcos Moran, Gang 90 e as Absurdetes, Dee D. Jackson e George Harrinson.
20.00 Domingo às Oito. Noticiário e gols da rodada. Edição nacional.
20.15 Programa do Chacrinha. Buzina. Musical de calouros. Apresentação de Abelardo Barbosa. Participação de Jorginho do Império, Accyolli Neto, Alternar Dutra, Kim Carnes. Júri: Elke Maravilha, Edson Santana, Ligia Goulart, Dee D. Jackson, Cláudia Barroso e Washington Rodrigues. Pesquisa popular: Você é contra ou a favor do homem engravidar?
22.30 Canal Livre. Jornalístico de entrevistas. Direção de Fernando Barbosa Lima. Apresentação de Roberto D'Avila. Entrevistado: **Senador Magalhães Pinto.** Entrevistadores: Tarcísio de Holanda, Carlos Castelo Branco, Luiz Gutemberg e Ruy Castro.
23.45 Bola na Mesa. Esportivo de debates. VT compacto de Vasco da Gama x Flamengo. Apresentação de Paulo Stein. Participação de Sandro Moreira, Marcelo Resende, José Roberto Tedesco, Márcio Guedes e outros.

O cantor Guilherme Arantes participa hoje do programa do Chacrinha.
(CANAL 7 — 17H)

CANAL 11

7.30 Escala. Programa educativo.
8.30 Programa Pare e Pense.
9.00 Speed Racer. Desenho.
9.30 Superman. Desenho.
10.00 Piu-Piu. Desenho.
10.30 Gaguinho e seus Amigos. Desenho.
11.00 Popeye. Desenho.
11.30 Programa Silvio Santos. Variedades.
20.00 Chips. Filme com Larry Wilcox, Erick Estrada e Robert Pine.
21.00 Cinema Nacional. Filme: **Gente que Transa.**
23.00 Barnaby Jones. Filme com Mark Sherer.
0.00 Câmara Onze. Jornalístico.

CANAL 2

9.45 Telecurso Rural. Feijão.
10.00 Palavras de Vida. Mensagens do Cardeal D Eugênio Sales.
10.30 Telecurso 2º Grau. Aula de Geografia nº 24.
10.45 Telecurso 2º Grau. Recapitulação das aulas de Língua Portuguesa nº 12, Literatura nº 12, História nº 23, 24, Geografia nº 23 e 24.
12.00 Futebol Compacto. Vasco x Bangu. Narração de Januário de Oliveira. Comentários de José Inácio Werneck.
13.00 Futebol. Flamengo x Olaria. Narração de Januário de Oliveira.
14.00 Aquarela do Brasil. Painel sobre a cultura brasileira. Participação de Maria Bethânia, Gal Costa, Caetano Veloso, Maria Lúcia Godoy, Dina Sfat, Grande Otelo, Zacarias, Mussum, entre outros.
15.00 Música no Ar. Com Fátima Guedes, A Cor do Som e Zizi Possi.
16.00 Feira Livre da MPB. Com Newton Siqueira Campos, Maíra Odete Batista de Souza, Lé Santa e Cordeiro, Maria Georgina, Paschoal Lupo, entre outros.
17.00 Som Pop. Com o grupo Abba, Queen, Grace Jones, Dobie Gray, Rita Coolidge e outros.
18.00 Saltimbanco. O banco de notícias. Saltimbanco Goiabada. Criação de Humberto Borges. Produção de Chiquinho da Silva Júnior.
18.30 Os Astros. Focaliza Zezé Motta. Apresentação de Grande Otelo.
19.30 Cinemaluco. Filmes. Batutinhas e Velhos Tempos.
20.00 Jornal de Domingo. Noticiário nacional e internacional.
21.00 Esporte Total. Futebol Compacto. Flamengo x Vasco. Narração de José Cunha.
22.00 Esporte Total. Mesa-Redonda. Apresentação de Luís Orlando. Analistas: Sérgio Noronha, José Inácio Werneck, Achilles Chirol, Luiz Mendes.
23.00 Futebol. Madureira x Botafogo. Narração de Januário de Oliveira.

CANAL 4

7.30 Santa Missa em seu Lar.
8.00 Globo Rural.
10.00 Som Brasil.
11.00 Festival de Desenhos.
13.00 Scooby Doo & Scooby Loo.
13.30 Fred & Barney Show.
14.00 O Incrível Hulk.
15.00 Buck Rogers.
16.00 O Homem-Aranha.
17.00 Geração 80.
18.00 Planeta dos Homens.
19.00 Os Trapalhões.
20.00 Fantástico.
22.00 Os Gols do Fantástico.
22.15 Taça Davis (Simples).
0.15 Coruja Colorida. Filme: **Sonho de Reis.**

Renato Consorte e Elke Maravilha em *Gente Que Transa*
(CANAL 11, 21H)

OS FILMES DE HOJE

Hugo Gomez

A tentativa de recriar em Sonho de Reis *o heleno hedonista interpretado pelo mesmo Anthony Quinn em* Zorba, o Grego *não consegue levantar vôo, antes de mais nada, pela falta de um bom diretor, mas também pela impressão de déjà vue. O ator não tem as mesmas oportunidades que naquela esplêndida versão do livro de Nikos Kazantzakis, mas quem está lamentavelmente desperdiçada é Irene Papas, aqui reunida pela quarta vez com o ex-genro de Cecil B. de Mille. A atriz Inger Stevens se suicidaria no ano seguinte.*

*Com curso de aperfeiçoamento no Actor's Studio, Sílvio de Abreu trabalhou em novelas e no cinema (*A Superfêmea*) e foi assistente de direção de Carlos Manga em* O Marginal. *Sua estréia na direção se deu com* Gente Que Transa, *uma crítica à ambição desmedida, mas posteriormente o diretor paulista se dedicaria à pornochanchada. O filme não desperta muito interesse, mas podem conferir.*

GENTE QUE TRANSA
TV Studios — 21h

Produção brasileira de 1974, dirigida por Sílvio de Abreu. Elenco: José Lewgoy, Tânia Caldas, Carlos Eduardo Dolabella, Márcia Maria, Adriano Reis, Elke Maravilha, Eugênio Kusnet. **Colorido.**

Tendo herdado do pai um jornal de cunho popular, homem dinâmico (Dolabella) resolve aumentar sua tiragem e para isso não hesita em recorrer à imprensa marrom. Luta, depois, pela concessão de um canal de televisão, que perde para um concorrente considerado fraco, mas não se deixa abater. Inédito na TV.

SONHO DE REIS
TV Globo — 0h15m

(A Dream of Kings) — Produção norte-americana de 1969, dirigida por Daniel Mann. Elenco: Anthony Quinn, Irena Papas, Inger Stevens, Sam Levene, Val Avery, Radames Pera, Tamara Daykarhanova. **Colorido.**
★★ *Sem dar ouvidos à mulher (Papas), que lhe diz que o filho (Pera) está com os dias contados, grego hedonista (Quinn) continua com suas jogatinas e bebedeiras, chegando inclusive a seduzir uma vizinha (Stevens). Quando afinal se rende à evidência, leva o garoto numa viagem à Grécia.*

A PRÓXIMA SEMANA

A programação melhorou ligeiramente. Semana sem estréias a destacar, mas pelo menos com cinco boas reprises.

Segunda-feira: O Escândalo do Século *(no 7, às 24h) apresenta a belíssima Joan Collins como pivô de um crime que abalou a sociedade nova-iorquina. Boa reconstituição, mas Ray Milland não se esforça muito.*

Quinta-feira: O Gênio da Ribalta *(no 7, às 13h15m) é recomendado aos apreciadores de Shakespeare, mas infelizmente não podem ouvir a excelente dicção do ex-marido de Liz Taylor. A veterana Eva La Galienne, que contracena com Burton, voltou à Broadway com êxito este ano.*

Sexta-feira: 1) Os Rapazes da Banda *(no 4, às 23h20m) é peça filmada, abordando com discrição uma reunião de homossexuais. O elenco foi quase todo importado da Via Láctea.*

2) A Nau dos Insensatos *(no 7, às 24h) foi o último filme de Vivien Leigh, que tem ótima cena dramática com Lee Marvin. Expressivos desempenhos de Simone Signoret, Oskar Werner e James Dunn.*

Segunda-feira, 21:
13h15m — Canal 7 — **Lacy e a Rainha do Mississipi (Lacy and the Queen of Mississipi).** Americano (78) de Robert Butler, com Kathleen Lloyd. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **Entre o Ideal e a Fama (The Comeback Kid).** Americano (80) de Peter Levin, com John Ritter, Susan Dey, Doug McKeon. (Cor)
21h — Canal 11 — **Obsessão Macabra (The Premature Burial).** Americano (62) de Roger Corman, com Ray Milland, Hazel Court, Richard Ney. (Cor)
21h05m — Canal 7 — **Loucuras da Mamãe (Crazy Mama).** Americano, de Jonathan Dehme, com Cloris Leachman, Stuart Whitman, Ann Sothern. (Cor)
24h — Canal 7 — **O Escandâlo do Século (The Girl in the Red Velvet Swing).** Americano (55) de Richard Fleischer, com Joan Collins. (Cor)
0h20m — Canal 4 — **O Barco do Desespero (Ensign Pulver).** Americano (63) de Joshua Logan, com Robert Walker, Walter Matthau. (Cor)

Terça-feira, 22:
13h15m — Canal 7 — **O Último dos Mohicanos (Last of the Mohicans).** Americano (77) de James L. Conway, com Steve Forrest, Ned Romero. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **O Milagre da Rua 34 (Miracle on 34th Street).** Americano (73) de Fielder Cook, com Sebastian Cabot, Jane Alexander. (Cor)
21h — Canal 11 — **O Colt é Minha Lei (The Gun is My Law).** Italiano, de Al Bradley, com Antony Clark, Lucy Gilly, Michael Martin. (Cor)
21h05m — Canal 7 — **A Hora do Diabo (The Devil at Four O'Clock).** Americano (61) de Mervyn Le Roy, com Spencer Tracy, Frank Sinatra. (Cor)
24h — Canal 7 — **Duelo de Paixões (Untamed).** Americano (55) de Henry King, com Tyrone Power, Susan Hayward, Richard Egan. (Cor)

Quarta-feira, 23:
13h15m — Canal 7 — **África Express (Africa Express).** Ítalo-alemão (75) de Michele Lupo, com Giuliano Gemma, Ursula Andress, Jack Palance. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **A Marca do Zorro (The Mark of Zorro).** Americano (74) de Don McDougall, com Frank Langella, Ricardo Montalban. (Cor)
24h — Canal 7 — **O Bandido de Kandahar (The Brigand of Kandahar).** Britânico (66) de John Gilling, com Ronald Lewis, Oliver Reed. (Cor)

Quinta-feira, 24:
13h15m — Canal 7 — **o Gênio da Ribalta (The Prince of Players).** Americano (55) de Phillip Dunne, com Richard Burton, Maggie McNamara. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **As Diabruras dos Anjos Rebeldes (Where Angels Go... Trouble Follows).** Americano (67) de James Nielson, com Stella Stevens. (Cor)
21h05m — Canal 7 — **Os Gritos de Blácula (Scream, Blacula, Scream).** Americano (73) de Bob Kelljan, com William Marshall, Don Mitchell. (Cor)
24h — Canal 7 — **Espinhos na Carne (The Bramble Bush).** Americano (60) de Daniel Petrie, com Richard Burton, Barbara Rush, Jack Carson. (Cor)

Sexta-feira, 25:
13h15m — Canal 7 — **A Última Caça (The Last Lion).** Sul-africano (72) de Elmo De Witt, com Jack Hawkins, Davi Van Der Walt. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **Sortilégios de Amor (Bell, Book and Candle).** Americano (58) de Richard Quine, com James Stewart, Kim Novak, Jack Lemmon. (Cor)
21h — Canal 11 — **Buffalo Bill, o Herói do Oeste (Buffalo Bill, el Heroi del Oeste).** Hispano-italiano, de J. W. Fordson, com Gordon Scott. (Cor)
21h05m — Canal 7 — **Destino Violento (The Parson and the Outlaw).** Americano (57) de Oliver Drake, com Anthony Dexter, Sonny Tufts. (Cor)
23h — Canal 11 — **A Filha do Padre.** Brasileiro, de Iragildo Mariano, com Tony Vieira, Claude Jaubert, Tereza Sodré. (Cor)
23h20m — Canal 4 — **Os Rapazes da Banda (The Boys in the Band).** Americano (70) de William Friedkin, com Kenneth Nelson, Leonard Frey. (Cor)
24h — Canal 7 — **A Nau dos Insensatos (Ship of Fools).** Americano (65) de Stanley Kramer, com Vivien Leigh, Simone Signoret, Lee Marvin. (P&B)
1h20m — Canal 4 — **A Dama da Máscara de Ferro (Lady in the Iron Mask).** Americano (52) de Ralph Murphy, com Louis Hayward, Patricia Medina. (Cor)

Vivien Leigh e Lee Marvin em *A Nau dos Insensatos*
(CANAL 7, 24H)

MAIS UM JORNAL

ANTES não havia telejornal aos domingos: Agora já existem notícias no **Fantástico**, na Bandeirantes e na Educativa. Até a TVS entrou nessa. E, à meia-noite, apresenta **Câmara Onze**, seu antigo informativo diário que agora, devido à apresentação do programa Ferreira Neto, encolheu e é apenas servido aos sábados e domingos. Continua o mesmo. Um locutor lendo noticiário, quase sempre requentado, pois tudo é gravado cedo, e sem o apoio de filme, **slide** ou mesmo uma mísera foto. Quebram a monotonia Washington Rodrigues e Léa Penteado, que agitam entrevistas e comentários sobre esporte e espetáculos, respectivamente.

Baby Consuelo

DEVERAS DESANIMADO

O que salva o **Fantástico** (Rede Globo, 20 horas), é o noticiário do dia e a recapitulação da semana. O resto deveria ser silêncio mas, normalmente, é muito barulho por nada. Para hoje anunciam **show de Baby Consuelo**, naturalmente com imagens distorcidas, médicos dando receitas para emagrecer de regime só com vegetais (o retrospecto do programa faz prever que este tipo de assunto nunca é tratado seriamente), John Denver cantando, evidentemente o já absolutamente insuportável **Sunshine**, e um "incrível" caso no Nordeste de um homem que se casou com sete irmãs. Naturalmente, com enfoque moralista e sem uma palavra sobre a pobreza do lugar.

POR SEUS MAIORES ARTISTAS

PELA terceira vez, hoje, às 14h, a Educativa exibe **Aquarela do Brasil.** No que faz muito bem, pois é um dos melhores programas que já produziu na vida. Para comemorar mais um aniversário da Independência do Brasil, saiu da rotina e do lugar-comum para fazer colagem de frases, quadros, peças, filmes e canções dos maiores artistas deste país. Com resultado esplêndido e nível profissional de realização raramente conseguido na esforçada estação. Os autores da façanha, roteiro e direção foram Maria Gessy Camargo, Sônia Garcia e Érico de Freitas. Assistir a este programa é, portanto, imprescindível.

CONTRA A TRADIÇÃO

MAIS um político mineiro se insurge contra a tradição, abandona o silêncio e dá entrevista para o **Canal Livre**, Bandeirantes, 22h30m. Agora é a vez de Magalhães Pinto, que prometeu três vezes aos responsáveis pelo programa e não cumpriu. Só agora se dispôs a responder perguntas sobre o intrincado momento nacional e a mais complicada ainda situação de sua paróquia, na qual já existe quase uma dezena de candidatos a governador. Só que o presidente de honra do PP, mesmo se recusando a aumentar a lista, é o segundo da preferência popular e um dos mais importantes fazedores de reis por lá. Deve ser, portanto, entrevista interessante.

SHOW

NOITE PELO AVESSO — Espetáculo de humor e música com a cantora Waleska acompanhada de Celso Mendes (guitarra e viola), Marcos Esteves (flauta e sax), Fred da Costa (baixo), Celso Guima (bateria), Paul de Castro (piano) e Durval (percussão). Texto de Jesus Rocha. Direção de Mauro Gonçalves. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). De 4ª a dom., às 21h30m. Ingressos de 4ª a 6ª e dom., a Cr$ 500 e Cr$ 350 e sáb., a Cr$ 500. **Último dia.**

ZÉ DO NORTE E ANASTÁCIA — **Show** dos cantores e compositores acompanhados de Marco Rozilla (guitarra), Durval (zabumba), Canário Belga (percussão) João Jorge (acordeon), Gegê (contrabaixo) e Manoel Sarafim (pandeiro). Direção de Célia Azevedo. **Sala Sidney Miller**, Rua Araújo Porto Alegre, 80. De 3ª a sáb, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 100. Até dia 26.

FANTASIA — **Show** com a cantora Gal Costa acompanhada pela banda de Lincoln Olivetti. Criação e direção de Guilherme Araújo. dir. musical de Guto Graça Melo. Cen. de Mário e Mauro Monteiro. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044 e 295-9796). 4ª e 5ª, às 21h30m; 6ª e sáb., às 22h30m e dom., às 20h30m. Ingressos a Cr$ 1 mil.

ESTRANHA FORMA DE VIDA — **Show** da cantora Maria Bethânia acompanhada de Perinho Albuquerque (guitarra), Moacir Albuquerque (baixo), Zé Maria (piano), Tulio Mourão (teclados), Eneas Costa (bateria), Bira da Silva (percussão), Juarez Araujo e Bijou (sopros). Direção de Fauzi Arap. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (287-7794). De 4ª a dom., às 21h30m. Ingressos a Cr$ 1200.

O NOVO HUMOR DE SERGIO RABELLO — **Show** de humor. **Teatro IBAM**, Rua Visc. Silva, 157. (266-6622). De 5ª a sáb., às 21h30m e dom., às 20h30m. Ingressos 5ª, 6ª e dom., a Cr$ 500 e sáb., a Cr$ 600 (16 anos).

LONA COLORIDA — Com Marcos Sabino e O Circo, além das participações de Tunai, Beth Goulart e Elza Maria. **Teatro Leopoldo Fróes**, Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200.

BONS MOMENTOS — Com Serginho Meriti acompanhado pela Banda do Neguinho Poeta. **Cine-Show Madureira**, Rua Carolina Machado, 542 (359-8266). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 300.

CÁTIA DE FRANÇA — **Show** com a cantora e compositora. **Escola de Artes Visuais**, Parque Laje. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200.

AGILDO RIBEIRO — **Show** do humorista. Participação da cantora Doris Monteiro. Música para dançar com a orquestra do maestro Zanoni. Direção de Wolff Maia. **Golden Room do Copacabana Palace**, Av. Copacabana, 327 (256-8590 e 257-1818). 5ª e dom., às 22h; 6ª e sáb., às 23h. **Couvert** artístico 5ª e 6ª, a Cr$ 1 mil; sáb., a Cr$ 1 200 e dom., a Cr$ 800. Sem consumação mínima. O salão abre às 21h, para serviço e jantar.

ESTO ES MI CHILE — Apresentação do grupo folclórico chileno Alichile. **Hotel Sheraton**, Av. Niemeyer, 121. Diariamente, a partir das 22h, dentro do Festival de Comida Chilena. **Último dia.**

A cantora Walesca apresenta hoje, no *Teatro da Galeria*, o último dia de seu *show Noite Pelo Avesso*.

REVISTAS

GAY FANTASY — Dir. Bibi Ferreira. Com Rogéria, Veruska, Cláudia Celeste, Marlene Casanova, Sergio Mox, Samantha e Jane. Cenários de Marco Antônio Palmeira, com concepção de Joãozinho Trinta. **Teatro Alaska**, Av. Copacabana, 1 241 (247-9842). De 3ª a 5ª, às 21h45m; 6ª, 22h; sab, 20h e 22h e dom., às 19h30m e 21h30m. Ingressos 3ª e domingo na 1ª sessão a Cr$ 500 e Cr$ 300 estudantes; de 4ª a 6ª e domingo na 2ª sessão a Cr$ 500. Sáb. a Cr$ 600.

ALL THAT GAY/MIMOSAS DEVEM CONTINUAR Nº 3 — **Show** com os travestis Camile, Gessica, Monique Lamarque e outros. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51-A (521-2955). De 3ª a sáb, às 21h15m e dom, às 20h. Ingressos de 3ª a 6ª a Cr$ 350; de sáb. a dom, a Cr$ 400. (18 anos).

TEATRO

À MODA DA CASA — Texto de Flávio Márcio. Dir. de Nelson Xavier. Com Yara Amaral, Nelson Dantas, Anselmo Vasconcellos, Henriqueta Brieba, Elza de Andrade, Lina do Carmo, Saraka Barreto. **Teatro Gláucio Gill**, Praça Card. Arcoverde, s/nº (237-7003). De 3ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h30m; dom., às 18 e 21h. Ingressos de 3ª a 6ª e dom. Cr$ 500 e Cr$ 250, estudante; sáb., Cr$ 500.

Análise alegórica da desagregação da família pequeno-burguesa no Brasil dos anos 70.

O PERCEVEJO — Comédia feérica de Vladimir Maiakovski. Dir. de Luís Antônio Martinez Corrêa. Mús. de Caetano Veloso. Realização cinematográfica de Guel Arraes e Ney Costa Santos. Com Cacá Rosset, Dedé Veloso, Telma Reston, João Carlos Motta, Marga Abi Ramia, Catalina Bonaki, Luís Antônio M. Corrêa e outros. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17 (220-6997). De 3ª a 6ª, às 21h; sáb., às 21h15m e dom. às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 150. Até dia 27.

Após ficar congelado durante 50 anos, um cidadão soviético é ressuscitado em 1979, e fica perplexo diante da sociedade que encontra, e que vê nele um mero objeto de curiosidade.

HAMLET — Texto de Shakespeare. Adapt. e dir. de Paulo Afonso de Lima. Com Cláudio Gonzaga, Isolda Cresta, Almir Telles, Angela Valério, Ivo Fernandes, José de Freitas, Angelo de Mattos e outros. **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes (221-0305). De 3ª a sáb., às 21h; dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 100. **Último dia**.

Montagem camerística da imortal história do príncipe dinamarquês atormentado por dúvidas existenciais. Até domingo.

DOCE DELEITE — Ato variado em 12 quadros de Alcione Araújo, Mauro Rasi e Vicente Pereira. Dir. de Alcione Araújo. Mús. e dir. musical de John Neschling. Com Marília Pêra e Marco Nanini. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-7246). 5ª e 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h30m; dom., às 18h30m e 21h30m. Ingressos 5ª e 2ª sessão de dom., a Cr$ 700 e Cr$ 400, estudantes e 6ª e sáb., e 1ª sessão de dom., a Cr$ 700.

Através dos 12 quadros, interligados por músicas e danças, aparecem diversas formas de humor e diversos assuntos do cotidiano carioca.

POLEIRO DOS ANJOS — Texto e dir. de Buza Ferraz. Com Antônio Grassi, Caique Ferreira, Felipe Pinheiro, Gilda Guilhon, Guida Vianna, Juliana Prado. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. De 4ª a sáb., às 21h30m; dom., às 19h e 21h30m. Ingressos de 4ª a 6ª, Cr$ 500 a Cr$ 250, estudante e sábado a Cr$ 500.

O jovem grupo Pessoal do Cabaré faz uma auto-análise da sua vivência humana e artística.

MÃOS AO ALTO, RIO — Comédia de Paulo Goulart. Dir. de Aderbal Júnior. Com Ary Fontoura, Nicette Bruno, Haroldo Botta, Sueli Franco, Paulo Guarnieri, Ivan de Almeida, Marta Pietro. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42/56 (240-6141). De 3ª a 6ª, às 21h15m, sáb. às 20h e 22h e dom. às 18h e 21h15m. Ingressos de 3ª a 6ª e dom. a Cr$ 500 e Cr$ 400 (estudantes) e sáb. a Cr$ 600.

Assaltar e ser assaltado pode ser motivo de bom humor?

TEATRO DE FATO — Criação coletiva com Mauro Rosth, Edgar Bandeira, Ricardo Brasil, José de Barros, Lyllian Coelho, Luiz Carlos Carvalho. Roteiro e dir. de Mauro Rosth. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). De 4ª a dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 100.

Dramatização e discussão de alguns acontecimentos do dia, divulgados pelos meios de comunicação de massa. Até 4 de outubro.

VILLAGE — Comédia musical de Ira Evans. Dir. de Wolf Maia. Com Louise Cardoso, Alexandre Marques, Sérgio Fonta, Cláudio Savetto, Guilherme Karan, entre outros. **Papagaio Café Cabaré**, Av. Borges de Medeiros, 1 426. De 4ª a dom., às 21h30m. Ingressos 4ª, 5ª e dom., a Cr$ 600 e Cr$ 300 (estudantes); 6ª e sáb., a Cr$ 600.

Um jovem nova-iorquino aprende a assumir-se como homossexual.

AS TIAS — Texto de Aguinaldo Silva e Doc Comparato. Dir. de Luís de Lima. Com Ítalo Rossi, Susana Vieira, Paulo César Pereio, Ednei Giovenazzi, Nildo Parente, Roberto Lopes. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999). De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h30m e 22h30m e dom., às 19h. e 21h. Ingressos, 4ª, 5ª e dom, Cr$ 800 e Cr$ 400 (estudantes); 6ª e sab., Cr$ 800.

Numa casa de Petrópolis, um inesperado jogo da verdade, que esclarece o passado e os problemas de quatro homossexuais e da mulher que os sustenta.

O BEIJO DA MULHER ARANHA — Texto de Manuel Puig, adaptado da sua novela. Dir. de Ivan de Albuquerque. Com Rubens Corrêa e José de Abreu. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 3ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h30m; dom., às 18h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 700 e Cr$ 350, estudante

Reunidos na cela de uma prisão, um homossexual e um guerrilheiro resistem ao desespero, fazendo surgir entre si uma complexa relação humana.

JÁ ESCUTEI ESSAS PALAVRAS NÃO SEI ONDE — Texto e dir. de Angela Bocchetti. Com Dal Ribeiro, Geovaldo Pereira, Gil Miranda, Helena Bastos, José Mauro Carvalho, Laerti Gullini, Samir Murad. **Escola de Artes Visuais**, Parque Laje, Rua Jardim Botânico, 418. Sáb. e dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27.

A difícil luta do artista jovem em busca do acesso ao mercado de trabalho.

VIVA SAPATA — Texto de Newton Goldman. Dir. de Gracindo Júnior. Com Sônia Clara, Olney Cazarré, Carmen Figueira, Renata Fronzi, Oswaldo Louzada, Agnes Fontoura, Martin Francisco e Farneto. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 3ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20 e 22h; dom., às 18 e 21h. Ingressos: 3ª, 4ª, 5ª, a Cr$ 300; 6ª e dom., a Cr$ 500 e Cr$ 300 e sab., Cr$ 500.

Duas jovens que moram juntas recebem a visita dos pais e tentam esconder a sua condição de amantes.

NA TERRA DO PAU-BRASIL NEM TUDO CAMINHA VIU — Revista musical de Ari Fontoura. Dir. do autor. Com Miriam Muller, Ricardo Schnetzer, Richard Riguetti, Bia Montez, Suzana Abranches e outros. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42 (240-6141). De 2ª a 6ª, às 18h30m; sáb., às 17h. ingressos a Cr$ 300.

Passeio turístico-musical por diversos recantos do Rio, no qual personagens do presente e do passado se confundem.

IN CERTOS CASOS — Textos de Luís Fernando Veríssimo, Mauro Rasi, Vicente Pereira, Luís Carlos Góes, Wilson Sayão, João Brandão. Dir. de Isabella Secchin. Com Antônio Breves, Catarina Abdalla, Clélia Guerreiro, Isabella Secchin, João Brandão, Ney Leontsinis. **Teatro Experimental Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). De 4ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 4 de outubro.

Seis textos curtos, seis abordagens cômicas do relacionamento amoroso.

BENT — Texto de Martin Sherman. Dir. de Roberto Vignati. Com Ricardo Petraglia, Ricardo Blat, José Mayer, Josmar Martins, Sérgio Miletto, Carlos Capeletti, Chico Martins. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a 6ª e 2ª sessão de dom, às 21h15m; sáb., às 20h e 22h30m; Vesp. 5ª, às 17h e dom., às 18h. Ingressos: 4ª, 5ª e dom., a Cr$ 700 e Cr$ 400; 6ª e sáb., Cr$ 700 e 5ª (vesp.) Cr$ 500.

Num campo de concentração da Alemanha nazista, o sentimento de amor entre dois homens dá-lhes forças para resistir ao inferno e tentar sobreviver.

Anselmo Vasconcelos e Yara Amaral estão no elenco de *A Moda da Casa*, texto de Flávio Márcio em cartaz no Teatro Gláucio Gill.

VEJO UM VULTO NA JANELA, ME ACUDAM QUE EU SOU DONZELA — Texto de Leilah Assumpção. Direção de Emiliano Queiroz. Com Ana Maria Magalhães, Dilma Lóes, Monah Delacy, Maria Letícia, Melise Maia, Aline Molinari, Ciça Guimarães e Ana de Fátima. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). De 5ª e 6ª, às 21h; sáb e dom, às 19h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 500; Cr$ 300, estudantes e Cr$ 100, sócios.

Como os acontecimentos políticos do início dos anos 60 repercutem sobre a vida das inquilinas de um pensionato para moças, em São Paulo.

A TRAGÉDIA DO REI CHRISTOPHE — Texto de Aimé Césaire. Dire. de Bernard Seignoux. Com Lene Nunes, Antônio Pompeu, Paulão, Marcus Vinícius, Zózimo Bulbul, Edilson Reis, entre outros. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2356). De 3ª a 6ª, as 21h; sáb às 20h e 22h e dom, às 18h30m e 21h. Ingressos a Cr$ 400 e Cr$ 200, estudantes.

Com um elenco de atores negros, a trajetória, por vezes cômica, de um antigo escravo que se tornou rei do Haiti no início do século XIX.

O MELHOR DOS PECADOS — Comédia de Sérgio Viotti. Dir. de Bibi Ferreira. Com Dulcina de Moraes, Hélio Souto, Heloísa Helena, Tessy Callado, Reinaldo Gonzaga, Margarida Moreira. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º (274-9696). De 3ª a 6ª, às 21h30m; sáb, às 20h e 22h30m, dom., as 18h; 5ª, às 17h. Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 300, estudantes.

Uma atriz, que havia abandonado o teatro indo morar em Brasília, volta ao Rio para estrelar uma peça.

O PECADO CAPITALISTA — Comédia musical de Gugu Olimecha. Mús. e dir. musical de Zé Zuca. Dir. de Luiz Mendonça. Com Gugu Olimecha, Ilva Niño, Graça Czyz, Julita Sampaio, Marcos Garcia, Naldo Alves, Pedro Paulo, Vânia Alexandre. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 3ª a 6ª, às 21h15m; sáb. às 20h e 22h30m; dom., às 18h15m e 21h15m. Ingressos 3ª a Cr$ 300; 4ª, 5ª a Cr$ 400 e Cr$ 300, estudantes; 6ª e dom, a Cr$ 500 e Cr$ 300, estudantes, e sáb. a Cr$ 500.

Sátira sobre o cotidiano de uma família de subúrbio carioca dá margem a uma tentativa de reabilitação da tradição da chanchada.

O *Percevejo*, de Maiakovski, em últimas semanas no Teatro Dulcina

JARI — O PAÍS DE MR LUDWIG — Texto de Fernando P. Roza. Dir. de Miguel Pastor. Com Cao Constantino, Celso Luiz, Fernando Roza, Jorge Luís Riscado e outros. **Centro Cultural Laurinda S. Lobo**, Rua Monte Alegre, 306 (242-9741). De 5ª a dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150, estudantes.

Abordagem fictício-realista dos problemas ligados ao Projeto Jari. Até domingo.

HONÓRIO DOS ANJOS E DOS DIABOS — Texto de João Siqueira. Direção de Manoel Kobachuk. Direção musical de Ronaldo Mota. Com Maria Goretti, Lucy Montebello, jorge Itaboray, Celestino Sobral e outros. **Teatro do Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. De 4ª a dom., às 21h30m. Ingressos a Cr$ 400 e Cr$ 250.

Espetáculo de marionetes para adultos, contando a trajetória de um homem do povo, desde o nascimento até a luta que conduz como líder sindical.

SWING — A TROCA DE CASAIS — Texto de Luiz Carlos Cardoso. Dir. de Oswaldo Loureiro. Com Jórgia Dória, Osmar Prado, Arlete Sales, Iris Bruzzi. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 3ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h30m; dom., às 18h e 21h30m. Ingressos de 3ª a 5ª e dom, a Cr$ 700 e Cr$ 400, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 700.

Glórias e misérias dos assalariados da classe média no Brasil de hoje.

O PÁSSARO — Texto de Eloy de Araújo. Direção de Vilma Dulcetti. Com Eloy de Araújo, Loly Nunes e participação de Denny Perrier. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52. Todas as 3as. e 4as., às 21h. Ingressos a Cr$ 500.

DUAS VEZES TEATRO — Reunindo dois textos: **Tarde Chuvosa**, adaptação de história de Willian Inge, e **Muito Natural**, adaptação de história de A.A. Milne. Com o grupo Luz de Serviço: Eduardo Andrade, Sonarira Dávila, Cícero Santos, Adriana Grechi, Carlos Eduardo Menezes e outros. **Teatro Isa Prates**, Rua Francisco Otaviano, 131. 6ª e sáb. às 21h e dom. às 18h. Preço único Cr$ 200. Censura 10 anos.

O CORONEL E O MATADOR — Texto e dir. de Gilson Moura. Com Vanede Nobre, Carlos Murtinho, Gilson Moura, Sílvia Heller. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315 (268-5798). De 5ª a sáb., às 21h, dom. às 21h30m. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 150, estudantes. Temporada suspensa. volta 5ª feira.

Em Olinda, às vésperas da Invasão Holandesa, um confronto entre um poderoso coronel, *um poeta popular, e as suas respectivas mulheres.*

GODOFREDO MANDA BRASA — Direção de Nobel Medeiros. Com Wanda Moreno, Leila Cravo, Carlos Nobre e Paulo Alencar. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. De 5ª a dom, às 20h30m. Ingressos a Cr$ 250, Cr$ 150 e Cr$ 100. Até dia 2 de novembro.

ALÔ, ALÔ, BRAZIL. TEM COISA NA MAXAMBOMBA — Direção de Charles Serdeira. Com Jean Boechat, Rozzana Aguillora, Iris Nardini, Ricardo Andrini e Raquel Inglês. **Teatro Arcádia**, Travessa Alberto Cocozza, 38. 6ª, sáb. e dom., às 21h. Ingressos: 6ª, Cr$ 100; sáb. e dom., Cr$ 300. Até dia 27.

AINDA NÃO ACONTECEU — Criação coletiva do Pessoal do Território Livre. Direção de Reginaldo Saddi. **Teatro do Bennett** (Rua Marquês de Abrantes, 55). Sáb. e dom. às 20h30m. Ingressos a Cr$ 150.

QUEM GOSTA DEMAIS DE SEXO MORRE FAZENDO AMOR — Comédia de Pierre Chesnot. Adapt. e dir. de João Bethencourt. Com Francisco Milani, Carvalhinho, José Santa Cruz, Cesar Montenegro, Arthur Costa Filho, Marta Anderson. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana,327 (257-1818 R. Teatro). Disputa em torno da herança de um escritor de literatura erótica. De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h30m, dom., às 18h e 21h30m, vesperal na 5ª, às 17h. Ingressos 4ª, 5ª e dom., Cr$ 600 e Cr$ 400; 5ª vesp. Cr$ 300, 6ª, Cr$ 600 (preço único), sáb., Cr$ 700 (preço único). Hoje, preço especial de lançamento: Cr$ 300.

FI-LO PORQUE QUI-LO, OU VOTANDO NO ESCRUTÍNIO DELA — Revista com texto e música de Gugu Olimecha, Aldir Blanc e Maurício Tapajós. Dir. de Luiz Alberto Sanz. Dir. musical de Melão. Com Alice Viveiros de Castro, Antônio de Bonis, Mara Baraúna, Mário Maia, Michelle Naili, Renato Castelo. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). 2ª, às 21h; de 2ª a 6ª., às 19h; sáb., às 18h. Ingressos a Cr$ 400 e Cr$ 250, estudantes.

Visão satírica de diversos aspectos da atualidade política brasileira. Até o dia 30

LABIRINTO — A QUE CAUSA DEDICAR A VIDA? — Criação coletiva da Tribo Trupe Cooperativa de Palhaços. Dir. de Mário Telles Filho. Com Antônio Gonzalez, Carmen Luz, Fabiene Garcia, Gilson Antônio, Izaura Gomes, Leila Cardia e outros. **Casa do Estudante Universitário**, Av. Rui Barbosa, 762 (551-3347). Sessões contínuas com bilheteria funcionando às 6ªs das 22h30m às 24h, aos sábs., das 17h às 19h e das 21h às 24h, aos doms., das 18h às 21h. Preço único Cr$ 300.

Num espaço cênico anticonvencional, um teatro jogado e brincado por atores e espectadores.

LOUCURA AQUI, ABUNDA — Texto, direção e música de Tutuca. Com Tutuca, Elias Soares, José Sarmento, Coelho Lima, Pedro Paulo e outros. **Teatro Café Concerto Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 5ª a sáb., às 24h. Ingressos 5ª a Cr$ 300 e 6ª e sáb., a Cr$ 400.

VIVA SEM MEDO AS SUAS FANTASIAS SEXUAIS — Comédia de John Tobias. Adapt. de João Bethencourt. Dir. de José Renato. Com Pepita Rodrigues, Cláudio Corrêa e Castro, Felipe Carone, Carlos Eduardo Dolabella. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). De 3ª a 6ª, às 21h15m; sáb., às 20h e 22h30m; dom., às 18h e 21h15m. Ingressos de 3ª a 5ª e dom., a Cr$ 600 e Cr$ 400, estudantes e 6ª e sáb., a Cr$ 700.

Casais cansados da rotina assumem identidades diferentes para liberar a fantasia e o desejo.

AS CRIADAS — Texto de Jean Genet. Dir. de Gilles Gwizdek. Com Dina Sfat, Jacqueline Laurence, Susana Faini. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antônio Carlos, 58 (220-4779). De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb., às 20h e 22h30m; dom., às 18h e 20h30m. Ingressos de 4ª a 6ª e dom., a Cr$ 600 e Cr$ 400, estudantes; sáb., a Cr$ 600.

Num cruel e grotesco ritual de vida e morte, o insólito relacionamento entre duas criadas e a sua patroa.

TEATRO MODESTO NUM BELO PRÉDIO

TERMINA hoje a carreira de um espetáculo — **Jari — No País de Mr. Ludwig** — que teve pelo menos o mérito de lançar um novo e curioso espaço: o auditório do Centro Cultural Laurinda S. Lobo, em Santa Teresa. A extrema precariedade do auditório é compensada pela beleza arquitetônica e paisagística do local, vestígio dos bons velhos tempos do bairro e da cidade. Valeria a pena as autoridades investirem algum dinheiro no aperfeiçoamento da sala, que poderia vir a tornar-se uma opção atraente para um determinado tipo de espetáculos, apesar da dificuldade de acesso.

A PRAGA DOS RETARDATÁRIOS

EM boa hora o Teatro Municipal resolveu proibir a entrada de retardatários nos seus espetáculos. Este bom exemplo bem que poderia ser imitado pelas outras salas, onde apesar do sistemático atraso no início das sessões os espectadores têm a sua comunicação com o palco freqüentemente interrompida pela chegada dos retardatários, às vezes até 20 minutos ou meia hora após o começo da sessão.

Maria Fernanda: "As Tias"

UMA MEXIDA NAS "TIAS"

QUEM fizer questão de ver **As Tias** com o seu elenco original tem hoje provavelmente a última oportunidade para fazê-lo. Na semana que vem Maria Fernanda entrará no lugar de Susana Vieira e André Valli no de Ednei Giovenazzi. Dois competentes substitutos para dois excelentes titulares.

COMO LOCALIZAR-SE NO MAPA

Entre tantas outras, uma operação difícil que o paciente freqüentador dos teatros cariocas precisa enfrentar: a de achar, na platéia, o lugar numerado que consta no seu bilhete. Em várias salas, como por exemplo no Teatro Princesa Isabel, as plaquetas que identificam os lugares foram, em grande parte, arrancadas ou tornadas invisíveis pela ação do tempo. Por outro lado, nem todos os nossos teatros observam a convenção universal dos números pares localizados à direita e ímpares à esquerda, com a numeração começando a partir do meio: em alguns, essa localização está invertida, em outros, a numeração é contígua, sem separação entre pares e ímpares. Os donos dos teatros bem que poderiam, com modesto investimento de dinheiro e trabalho, dar ao espectador este pequeno conforto.

CRIANÇAS

Advinhe o Que É comemora hoje, com distribuição de flores a todas as crianças que forem ao Canecão, a chegada da primavera.

ADVINHE O QUE É — Musical com roteiro e direção de Benjamin Santos. Com o grupo vocal MPB-4 acompanhado pela Banda Areia. Cenários e figurinos de Maria Carmem. Bonecos de Marilda Kobachuk. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044 e 295-1047). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 400, crianças. Até o final de outubro.

AS TRÊS LUAS DE JUNHO E UMA DE JULHO — Ópera caipira de Tonio Carvalho. Direção de Tonio Carvalho e Sônia Piccinin. Com o grupo Teatro Feliz Meu Bem. Direção musical de Ronaldo Mota. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338. Sáb. e dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 150. Ingressos à venda na Livraria Muro, Rua Visc. Pirajá, 82

O PALHAÇO E A BRUXINHA — Criação do grupo Tapume. Direção de Limachem Cherem. Com Ana Magdala, Antônio Vianna, Mônica Nicola e outros. **Teatro Tapume**, Rua Voluntários da Pátria, 24. Sáb. e dom., às 17h30m. Ingressos a Cr$ 200.

AZUL LATA QUE VERDE MATA — Musical infantil com texto de Ediney Azancoth. Música de Alfredo Karan. Direção de Zezé Polessa. Com o grupo Trem Azul e o Sol na Cabeça: Norma montezuma, Luís Carlos Persegani, joão Brandão, Ricardo Pereira e outros. **Parque Lage**, Rua Jardim Botânico, 414. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200. Até fins de setembro.

O CAMPEONATO DOS POMBOS — Texto e direção de Raimundo Alberto. Sandra Emília, Ricardo Carneiro, Hvian Costa e outros. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200, levando dois amigos você recebe uma camiseta. Até dia 27.

CIRANDAS E PALHAÇOS — Texto e direção de Sallo Tchê. Com Sallo Tchê Betty Navarro e Ernst Oswald. **Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 120. Até dia 27.

O MENINO MALUQUINHO — Texto de Ziraldo e Demétrio Nicolau. Direção de Demétrio Nicolau. Com Alby Ramos, e o grupo Motin. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/ 3º. Sáb., às 16h e 17h. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

OS SALTIMBANCOS — Adaptação de Chico Buarque para uma história dos Irmãos Grimm. Direção de Thanah Correa. Com Heloisa Raso, Cesar Pezzuoli, Izabel Maria e João Vasques. **Teatro do America**, Rua Campos Sales, 118. Sáb e dom., às 17h.

SUPER-HERÓIS CONTRA A MULHER GATO E CIA. — Musical de William Guimarães. Com Jorge Eliano e Kátia Regina. **Teatro Rio-Show**, Rua Ibiapina, 41, Olaria (260-0592). Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

UMA FADA MUITO LOUCA — Texto e direção de Mário das Neves. Com Ismaelina Silva, Sinal Boncompanhe, Kátia Regina e outros. **Teatro Arcádia**, Travessa Alberto Cocozza, 38, Nova Iguaçu. Sáb e dom, as 15h. Ingressos a Cr$ 150.

A CIGARRA E A FORMIGA — Texto de Ismaelina Silva. Direção de Mario das Neves. Com Rosana Carvalho, Josineide Souza. Jussara Ribeiro e outros. **Teatro Arcádia**, Travessa Alberto Cocozza, 38, Nova Iguaçu. Sáb e dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 150.

MARIA TRAPALHONA — Texto de Thais Bianchi. Direção de Manassés. Com Olenka Dimas, João Grilo, Lourdes Feitosa, Beto Quintella e outros. **Teatro do Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240. Sáb e dom, às 17h30m. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27.

CASAMENTO NA FLORESTA — Texto e direção de Manessés. Com Carlos de Lima, Tery Martins, América Bueno, Arthur José e Tânia Mara. **Teatro do Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240. Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27.

POPEYE, O MARINHEIRO EM BUSCA DO TESOURO — Produção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Clube olímpico**, Rua pompeu Loureiro, 116. Sáb. e dom., às 17h. ingressos a Cr$ 200.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU — Produção de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Clube Olímpico**, rua pompeu loureiro, 116. Sáb. e dom. às 16h. ingressos a Cr$ 200.

O ANEL E A ROSA — Comédia infanto-juvenil adaptada do romance de W. M. Thackeray. Direção de Eduardo Tolentino de Araújo. Com o grupo TAPA. **Teatro Glaucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 250.

A CIDADE DA ALEGRIA — Musical de Jorge Correa. Direção de Gilvan Javarini. Com o grupo Salamê Minguê: Fátima Queiroz, Arnaldo Guimarães e Aldemir Bruzaka. **Sala Monteiro Lobato**, anexo ao **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb. e dom. às 17h. Ingressos a Cr$ 200. Até o dia 27.

TRÊS PERALTAS NA PRAÇA — Texto de José Vallusi. Dir. de Leonardo de Castro. **Teatro do Colégio de Arte e Instrução**, Av. Ernani Cardoso, 225, Cascadura. Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 120.

A LENDA DO VALE DA LUA — Texto de João das Neves. Direção de Luzia Mariana. Música de rosinha de Valença. Com Débora dias, Hélio Macumba, Luzia Mariana e Marcos borges. **Escola de Artes Visuais**, Rua Jardim Botânico, 414. Sáb. e dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27 de dezembro.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU... — Dir. de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Clube Gurilândia**, Rua São Clemente, 408. Sáb. às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

LULU E BOLINHA CONTRA O CAPITÃO GANCHO — Dir. de Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. **Teatro do Clube Gurilândia**, Rua São Clemente, 408. Sáb., às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

VOVÔ CLEMENTINO CONTRA O PLANETA COR DE PRATA — Texto e direção de Jorge Nascimento. Com Rogério Blum, Jorge Nascimento, Jorge Liemart, Jorge Edison e outros. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Haddock Lobo, 359 (228-0169). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

A BUSCA DO COMETA — Texto de João das Neves. Direção de Jorginho de Carvalho Cenários e figurinos de Claudio Tovar. Preparação de corpo de Wolf Maia. Direção musical de Fernando Wellington. Com o grupo Mixirico. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/ 265. Sáb. e dom., às 15h30m e 17h. Ingressos a Cr$ 250.

A MÁGICA DA PRAÇA — Texto e direção de Zé Zuca. Direção musical de Ronaldo Florentino. Com Rossana Ghessa, Marco Miranda, Kinha Costha e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5232). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 50, comerciários.

OS TRÊS PORQUINHOS — Musical com texto e direção de Brigitte Blair. Com Luci Costa, Jorge Rosas, Walter Soares. Patricia Blair. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200.

A BOMBINHA E O SONHO — Musical de Pernambuco de Oliveira. Direção de Luiz Oliveira. Com Elizângela, Aderbal Ferreira, Cidinha Carvalho, Dias José, Elson Oliveira e outros. **Teatro do Grajau Tênis clube**, Av. Engenheiro Richard, 83. (238-2388). Sáb. às 17h. Dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

CINDERELA, A GATA BORRALHEIRA — Produção de Roberto de Castro. Com o Grupo Carrossel. **Teatro do Clube Olímpico**, Rua Pompeu Loureiro, 116. Sáb., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 150.

ZULK NO PLANETA DOS MACACOS — Texto e direção de William Guimarães. Com Fabiana Gouveia, Miro Freitas, Anelize Farias, Alexandre de Oliveira e Paulo Guimarães. **Cineshow Madureira**, Rua Carolina Machado, 542 (359-8266). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Chamarelli. Com o grupo de Teatro Crismaran, **Sala Crismaran**, Rua Ferreira Pontes, 285, Andaraí. (238-3237). Dom., às 17h30m. Ingressos a Cr$ 150.

CAMALEÃO E AS BATATAS MÁGICAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Chamarelli. **Sala Crismaran**, Rua Ferreira Pontes, 285, Andaraí. (238-3237). Dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 150.

PINÓQUIO, A FADA E O PALHAÇO — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Teresa Raquel**. Rua Siqueira Campos, 143. (235-1113) Sáb. e dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 200.

... NO REINO DO FAZ NADA — Comédia musical dirigida por William Gonzalez. Com Getulio Barbosa, Lim Luiz, Tito Paranhos e outros. **Cine-Show de Madureira**, Rua Carolina Machado, 542. Sáb. e dom., às 18h30m. Ingressos a Cr$ 100.

ZUM OU ZOIS — Texto de Carlos Meceni e Mauro Padovani. Direção de João Gômes Rego. Com o grupo Três na Lona: Fátima Rezende e Emanuel Santos. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27.

A GEMA DO OVO DA EMA — Texto e direção de Sylvia Orthoff. Com Fábio Rocha, Fátima Malheiros, Flor Duarte, Everardo Senna, Robson Quintanilha e outros. Direção musical de Paulinho Guimarães. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Sáb. e dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 100 e Cr$ 50, sócios.

AS TRAVESSURAS DE GALÁPAGO — Musical infanto-juvenil de Fernando Palitot. Direção de Haroldo de Oliveira. Com Carlos Felipe, Regina Lucia, Pedro Eugênio, Berto Dias e outros. **Teatro do Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45. (256-2641). Sáb., às 16h30m; dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

CHAPEUZINHO VERMELHO E O LOBO MAU — Texto de Jair Pinheiro. Direção de Darlam Silva. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb., e dom, às 15h30m. Ingressos a Cr$ 200.

BRINCANDO COM FOGO — Espetáculo criado, pelo grupo Manhas e Manias. Direção de José Lavigne. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824. Sáb., às 17h e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

CHAPEUZINHO AMARELO — Texto de Chico Buarque de Holanda. Adaptação e direção de Zeca Ligiero. Com Jana Castanheira, Juliana Prado, Zezé Polessa e outros. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27.

PINÓQUIO, A FADA E O PALHAÇO — Texto e direção de Jair Pinheiro. **Teatro Teresa Raquel**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb e dom, às 17h30m. Ingressos a Cr$ 200.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — Adaptação de Eliseu Miranda. Direção de Álvaro Emílio. Com Aniliza Leoni, Maleka Morais, Alexandre Plubins e outros. **Teatro Leolpoldo Froes**, Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100.

CAIAPÓ, A DANÇA DA RESSUREIÇÃO — Espetáculo de bonecos de Mauro Menezes e Lu Maia. Direção e cenários de Alexandre Vieira e Walter Costa. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 120. Até dia 25 de outubro.

BLOCO DA PALHOÇA EM CANTO DE TRABALHO — Texto e direção de Maria de Lourdes Martini. Com: Beatriz Bedran, Victor Larica, Paulo Menezes e Guilherme Bedran. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb. às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 250

FORA DE SÉRIE

Luis Morier

Andar na areia sem atolar, uma das vantagens do carro

BAJA-BUG, UM EXÓTICO CARRO PARA TODOS OS CHÃOS

Edson Afonso

DECIDIDAMENTE não é um carro bonito. Sem dúvida, as linhas apresentam total desequilíbrio. Afinal, se o Volkswagen já não prima pela elegância e beleza, o que dizer então de um Volks adaptado para andar em terrenos acidentados.

Entretanto, o Baja-Bug, nome dado por seu construtor, o estudande de administração Átila Rache, pode ser considerado um veículo muito prático e econômico para ser utilizado em todos os tipos de solo, com performances comparáveis, guardando as devidas proporções, a um trator.

Átila trouxe a idéia da Califórnia, o desenho foi executado por seu pai Pedro e logo depois o carro, que não chega a ser revolucionário (diríamos que no máximo é diferente e exótico), transformava-se em realidade.

Muitas noites sem dormir, muita dor de cabeça e trabalho, até que o carro fez suas primeiras incursões pelas ruas do Rio. O impacto, segundo Átila, foi incrível. Todo mundo queria saber do que se tratava. Afinal, ali estava algo diferente e, como não se tratava de uma adaptação visando à plasticidade, a pergunta inicial era quase sempre a mesma: "Para que serve"?

E, muitas vezes, quando se preparava para responder, Átila era interrogado novamente: "O que é que você pretende com isto?"

Assim, o jovem construtor, que para chegar ao produto final em fibra de vidro fabrigou quatro protótipos em chapas de ferro, começou a despertar o interesse de algumas pessoas e a pequena oficina transformou-se em uma minifábrica, com capacidade para construir dois carros por mês.

Átila demonstra muita empolgação ao falar das vantagens do Baja-Bug, dizendo que o veículo enfrenta qualquer tipo de solo, com excelente desempenho em terrenos arenosos, garantindo que ele não atola, além de subir dunas sem dificuldade e saltar sobre barrancos. Água também não é problema, devido a altura do motor, da suspensão e da posição do cano de descarga voltado para cima.

O kit completo é composto de quatro pára-lamas, dois capôs e um berço dianteiro, tudo em fibra de vidro. Dois pára-choques especiais, super-reforçados, duas baterias (uma de reserva), dois faróis de milha sobre a capota, para melhor iluminação em dunas e amortecedores de dupla ação para reduzir a trepidação completam e esquema.

O motor é protegido por uma grade integrada ao pára-choque e as rodas traseiras são do tipo 11-L, aro 15, que acompanham o aumento da altura da suspensão original em 15 centímetros. O interior não apresenta grandes modificações.

Segundo o construtor, o modelo é econômico, principalmente porque pesa menos 180 quilos que um Volkswagen comum, produzido em série, além do fato das rodas serem de diâmetro maior. Átila acrescenta que as adaptações podem ser feitas nos modelos 1.300 e 1.600 e que a diferença de perfomance em terrenos rústicos não é muito grande.

A adaptação pode ser realizada em carros de qualquer ano, já está autorizada pelo Detran e ele faz questão de frisar que se o cliente desejar, o carro volta ao modelo original, sem nenhum prejuízo para a carroçaria e componentes mecânicos, em poucas horas.

A oficina já produziu 12 carros, está trabalhando em mais três, o prazo de entrega é de 20 dias e a transformação completa custa Cr$ 120 mil. As encomendas podem ser feitas pelo telefone 237-3275, diretamente com Átila Rache, entusiasta do automobilismo, praticamente criado nos pátios de uma empresa de terraplenagem, onde seu pai trabalhava, e em diversas oficinas mecânicas.

Um erro de cálculo no salto do barranco acabou ferindo o piloto

O PERIGOSO VÔO DE UM CARRO DE BRINQUEDO

APRESENTADO o carro, comentadas suas vantagens, desafiamos Átila a comprovar na prática, tudo que disse.

Partimos para o grande e inexplorado areal localizado ao lado do Play Center da Barra e começamos a procurar o local ideal para a demonstração, ou melhor, comprovação das qualidades do Baja-Bug.

Como o construtor falava maravilhas a respeito dos saltos que o carro era capaz de dar — vez por outra ele dizia que o Baja voava — partimos logo para o exagero, ou seja, pedimos a Átila para imprimir o máximo de velocidade e saltar um considerável desnível do terreno arenoso.

Acontece que a altura era demasiada e o desnível, abrupto. Como o carro saiu da inércia com pequena distância para desenvolver a velocidade ideal, o acidente foi inevitável. O Baja realmente decolou, mas caiu de bico, só não capotando de frente por verdadeiro milagre.

Como estava sem capacete e não colocou o cinto de segurança, Átila foi projetado para a frente, bateu com o rosto na direção e sofreu um corte profundo no nariz. Ficamos assustados, porque ele permaneceu imóvel. Corremos para ajudá-lo, mas ele logo tranqüilizou a todos: "Não foi nada, só estou um pouco tonto."

Em seguida o piloto apressou-se em explicar que o acidente ocorrera porque ele impromiu pouca velocidade ao carro, além do tanque de gasolina estar cheio e ter mudado o centro de gravidade nas condições excepcionais em que foi executado o teste.

Para nós, devido ao susto, já estávamos satisfeitos. Afinal, a idéia da decolagem naquele local era nossa e chegou a ser constrangedora, porque não havia necessidade de tamanha exigência. No entanto, Átila fez questão de provar que o erro tinha sido dele e não do carro.

Sangrando muito e ainda tonto, ele entrou no carro e iniciou novas manobras, agora visivelmente mais cautelosas. Cavalo-de-pau, derrapagens controladas, enfim um verdadeiro show de pilotagem, mas o vôo de verdade, prometido, ainda não tinha acontecido.

Forçamos, procuramos novo local, mas Átila à esta altura já não demonstrava grande empolgação em termos de decolagens com seu Baja-Bug. Neste momento, seu amigo Roberto Nogueira Moore, piloto de avião e de Asa Delta, decidiu tentar a proeza.

Falou para o fotógrafo, pediu que não ficássemos muito próximo, marcou as distâncias com latas de cerveja, acelerou forte — Átila não parava de gritar para ele ter cuidado, enquanto nós davamos a maior força, como quem quer ver o circo pegar fogo — e finalmente o carro deu um vôo caindo a mais de 10 metros de distância.

Alegria geral, o fotógrafo conseguiu registrar e Átila ficou orgulhoso. Mas o novo piloto se empolgou e quiz bater o próprio recorde. Nova tentativa e um salto ainda maior. Mas quando ele ia partir para outra decolagem decidimos encerrar o teste, antes que algo acontecesse.

No final, apenas uma pequena avaria na parte elétrica, um mau contato exigiu a atuação de Átila como mecânico e ele se saiu muito bem. Logo depois o carro funcionava, saia do areal e trafegava normalmente pelas ruas do Leblon, sempre chamando a atenção e nos sinais a eterna pergunta: "O que é isso?"

Para nós, o Baja-Bug, aparentemente um carro de brinquedo, pode ser de grande utilidade se utilizado como veículo de serviço em terrenos difíceis, devido as adaptações, aliado, é claro, a tradicional e comprovada resistência dos componentes mecânicos Volkswagen. Mas também pode ser recomendado como um carro de lazer, para quem não está preocupado com estética e linhas aerodinâmicas.

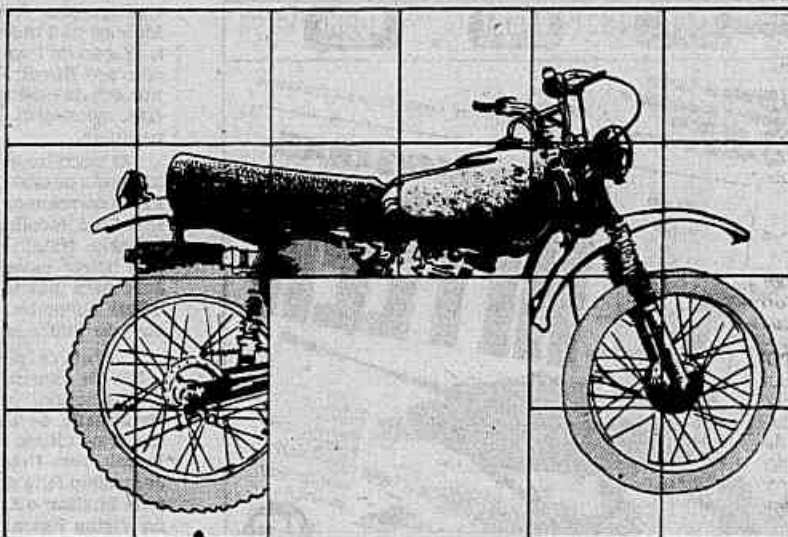
MOTO

ECONOMIA E SEGURANÇA DEPENDEM SÓ DO PILOTO

NÃO é segredo para ninguém que a motocicleta, meio de condução comum em qualquer parte do mundo, ainda é considerado objeto de luxo no Brasil. Por isso, as revendas e oficinas cobram caro, e não raras vezes executam serviços sem qualquer critério.

Como se não bastasse, muitas vezes são trocadas peças ainda em perfeito estado. Além disso, o proprietário tem de se sujeitar a longas esperas e normalmente é obrigado a voltar à oficina, simplesmente porque um parafuso, uma peça, ou um componente foi esquecido.

Portanto, diante deste quadro o piloto deve conscientizar-se de que a melhor solução é cuidar da máquina o máximo possível, efetuando, ele mesmo, inspeções diárias, a cada três dias e semanais. Agindo assim, economizará bastante, terá sempre a sua moto em perfeito estado, além de aumentar a segurança.

Segundo o manual de instrutores da Honda, os itens que devem ser verificados em cada inspeção são os seguintes:

INSPEÇÃO DIÁRIA

FREIOS — Verificar a folga (dianteiro, 15 mm a 20 mm), (traseiro, 20 mm), (dianteiro a disco, 5 mm a 7 mm).

EMBREAGEM — Verificar a folga, ideal entre 15 mm e 20 mm. Caso as folgas estejam fora de especificações os ajustes devem ser feitos imediatamente. Utilize os mecanismos de ajuste localizados nos pontos onde os cabos se encaixam nos controles. Não se esqueça de verificar periodicamente o estado das lonas através dos braços de acionamento. A regulagem do freio a disco deve ser realizada de acordo com o manual do proprietário.

AUSÊNCIA DE FOLGA —Os problemas que costumam ocorrer devido a má regulagem dos comandos são: **Freios** — Super-aquecimento dos componentes, desgaste prematuro das sapatas, ineficiência do sistema e avalização do tambor. No caso da embreagem, a ausência das folgas ideais resulta em acoplamento ineficiente e desgaste prematuro do disco.

EXCESSO DE FOLGA —Ocorrendo excesso de folga, os freios terão pouca eficiência, haverá um aumento do tempo de reação e o que é pior, aumento do espaço de frenagem. No caso da embreagem, poderá ocorrer um desacoplamento ineficiente, dificuldade no engate das marchas e desgaste prematuro das engrenagens.

COMBUSTÍVEL —O piloto deve conservar o tanque sempre cheio, manter o registro fechado ao estacionar a moto e abri-lo somente na hora em que der a partida, e evitar deixar o registro na posição de reserva.

PARTE ELÉTRICA —Antes de sair devem ser ajustados os espelhos retrovisores e logo após ligar a chave de ignição verificar: buzina, piscas, lâmpadas do painel, luz e freio. No caso de nenhuma lâmpada funcionar, retire a tampa que cobre a bateria e examine o fusível principal. Se houver necessidade troque-o imediatamente. Aliás, o piloto deve ter sempre à mão, pelo menos dois fusíveis para casos de emergência. Afinal, eles não são caros e evitam que você fique na rua sem nenhuma possibilidade de resolver o problema.

Acionado o motor, ligue o interruptor do farol e verifique o funcionamento do alto e baixo e a lanterna traseira.

INSPEÇÃO A CADA TRÊS DIAS

CORRENTE DE TRANSMISSÃO — O piloto deve verificar a folga, sendo a ideal entre 10 e 20 mm. Examinar o estado da corrente e se necessário lubrificá-la.

O ajuste da folga deve ser feito do seguinte modo: retire a cupilha, solte a porca que prende o eixo traseiro, regule a folga através dos tensores localizados em cada extremidade do eixo, verifique o alinhamento através das referências em cada tensor, observe a folga, reaperte a porca e finalmente recoloque a cupilha.

ÓLEO DO MOTOR — A verificação do nível do óleo é feita desta maneira: coloque a motocicleta em local plano, retire a vareta e limpe-a, recoloque sem rosquear, retire-a e observe o nível, que deve estar entre as marcas de máximo e mínimo.

É importante destacar que o óleo deve ser trocado a cada 1 mil 500 quilômetros e que, com o uso contínuo, perde suas propriedades de lubrificação, comprometendo seriamente a durabilidade do motor. A importância da troca de óleo deve-se ao fato dos resíduos da combustão, tais como partículas metálicas, ficam em suspensão.

PRESSÃO DOS PNEUS — Além de contribuir para a durabilidade, a perfeita calibragem dos pneus, influi diretamente na estabilidade da motocicleta e na segurança do piloto. Os principais itens a observar são: verifique a cada três dias a pressão dos pneus, seguindo as instruções do manual do proprietário. Toda calibragem deve ser feita com os pneus frios, observe atentamente se não há objetos estranhos presos a borracha. Ao rodar sobre superfícies escorregadias reduza a calibragem em duas libras. Finalmente, verifique se há desgaste excessivo. Se os sulcos estiverem com menos de 2mm, está na hora de trocar urgentemente.

INSPEÇÃO SEMANAL

RAIOS —O piloto deve se limitar somente a inspecioná-los e nunca tentar realizar os ajustes. Apenas as oficinas estão aptas a realizar este serviço.

Um bom método para examinar o estado dos raios consiste em pegar uma chave na caixa de ferramentas e bater levemente sobre cada raio. Se o som de algum deles for muito grave, leve a moto a uma oficina.

BATERIA — Para verificar a bateria, retire a tampa e observe os terminais — se necessário limpe-os com uma solução de água e bicarbonato de sódio. Utilizando um pouco de graxa ou óleo em spray, você pode evitar a corrosão dos terminais.

O nível de solução da bateria deve estar sempre entre as marcas de máxiço e mínimo. Se estiver abaixo do mínimo, complete imediatamente com água destilada.

Finalmente, a inspeção semanal deve terminar com a verificação de porcas e parafusos.

Evidentemente, nem todos os pilotos terão tempo e paciência para observar todos os itens, mas uma coisa é certa: aqueles que levarem a sério as recomendações citadas com certeza evitarão uma série de aborrecimentos, visitas a hospitais, economizarão dinheiro e terão suas máquinas sempre em perfeito estado. (E.A.)

Tel Aviv/AP

BERGMAN/GOLDA MEIR

ROSTO marcado, cansado, rugas profundas, a atriz sueca Ingrid Bergman descansa no seu quarto de hotel em Tel Aviv. Depois de muito tempo sem filmar, ela encarnou a ex-Primeira-Ministra de Israel, Golda Meier, num documentário feito especialmente para televisão

DE MÚSICAS E POEMAS, FAZ-SE UM "VAGO ENREDO DA VIDA"

OS 30 anos de formação gregoriana de D. João Evangelista todo ele tranqüilidade e gestos comedidos, somados a um certo violão aprendido com Macalé e reunidos à impecável dicção de Rogério Froes, ator e apóstolo leigo, estarão no palco do Auditório do Colégio São Bento, hoje, às 19 h. O programa, uma espécie de seqüência ao espetáculo que ambos, monge e ator, apresentaram há dois anos, por ocasião do Natal, fala do homem, da moradia, da morte — um tema constante nas reflexões de D. João e na ressurreição. **Vago Enredo da Vida** com seus contrastes e conseqüências — intitulou D. João. Um enredo que de vago só tem o título, já que os poemas escolhidos sucedem-se em seqüência mais que perfeita, e terminam com uma intervenção do coral **a capella** da Associação de Canto Coral, comemorando seus 40 anos de existência e a atual presidência, a cargo do mesmo D. João,

— De tempos em tempos eles elegem um presidente. Mas todo o mundo sabe que quem faz tudo lá é dona Cleofe.

Dezessete dos poemas foram musicados por D. João. Cultor, como todo beneditino, do canto gregoriano, "música que brotou da palavra e é presa a ela", do convívio com essa íntima relação-entre as duas formas de expressão, nasceu a necessidade de tentar fazer brotar das palavras de um poema, a música. Os poemas que sabia de cor, D. João ia no ônibus, numa caminhada, trauteando, de repente descobria que tinham virado canção.

Leigamente, o **Vago Enredo** começa com **Olê, Olá**, de Chico Buarque, passa para reflexões de Pico de La Mirandola, Cecília Meireles, insere o gregoriano **Attende Domine. Cantiguinha, Assovio** o poema aniversário de José Paulo Moreira da Fonseca, extratos de **A Rocha** de T. S. Elliot, na tradução de Ivan Junqueira. Carlos Drummond de Andrade com seu **Rio de Janeiro em flor, Fatalidade**, forma um dos núcleos do espetáculo. Amadorístico — D. João garante. Mas com mensagem. E renda revertendo em favor de obras de caridade.

O primeiro espetáculo desse tipo surgiu em conversa no intervalo de um encontro de jovens, atividade de que Rogério Fróes normalmente participa, ajudando. Da conversa partiu-se para a escolha de poemas que sintetizassem juventude, infância, Natal. Familiarmente (com alunos, monges, amigos) houve sucesso. O suficiente para animar Rogério e D João para uma segunda investida, calcada em temas ligeiramente diferentes, desdobrados em cerca de 1h20m e "pescados" de fontes cômo o **Evangelho** ou cantigas populares.

— Falo de Ipê e IPM no poema de Drummond, passo para o Rio de Janeiro em flor, o Rogério revela o contraste da cidade florida, com o desfavelado. Volto a Drummond e à sua **Fatalidade**, de lá para o lirismo de Cecília Meireles que quer morar no último andar, porque lá é bonito, custa-se a chegar. Depois vem **Urbs Jerusalem**, elogio da Igreja à cidade de Jerusalém feita de pedras, que são pessoas, e na progressão, para finalizar o **Exsultet** a luz que volta das trevas, que se diz na Vigília Pascal.

Talvez os 700 lugares do Auditório do São Bento não estejam cheios no domingo à noite. Mas se depender da vontade de D João de falar aos homens e de cantar, certamente estará. Nada de admirar para alguém que, mestre de coro, vive há anos no seio de uma Ordem em que cantar é rotina. Ao amanhecer, nas missas no último ofício quando se entoa a **Salve Regina**.

— Cantar para mim é uma segunda natureza — resume D João.

TURISMO
QUARTA-FEIRA
CADERNO B
JORNAL DO BRASIL

CASA
QUINTA-FEIRA
CADERNO B
JORNAL DO BRASIL

Carlos Eduardo Novaes

A GREVE DOS VELHINHOS

ERAM cerca de 50 velhinhos reunidos num galpão à procura de uma saída. Estavam todos revoltados diante do tratamento que a nova lei da previdência dava aos aposentados. O Governo provou mais uma vez, bradava o velho Bula, avô de Alvinho, que nessa selva capitalista, os homens ao deixarem de participar da produção valem tanto quanto uma seringa descartável depois de uma injeção! Os velhinhos aplaudiam, os que podiam aplaudir: uns dois ou três, tremendo muito, não conseguiam acertar uma palma da mão na outra. Todos concordavam que era preciso fazer alguma coisa para protestar contra o ato desse Governo que no Poder há 17 anos resiste em se aposentar (aposentadoria para Governos e depois de seis anos de Poder). Mas o que fazer, perguntava o velho Bula à assembléia dos velhinhos?

— Proponho, nham, nham... que façamos uma manifestação pública na nham, nham... Praça Onze!

— Não tem mais Praça Onze, Serafim.

— Então, vamos nos reunir na Cinelândia, nham, nham... e marchar unidos até o Senado.

— O Senado foi pra Brasília, Serafim.

— E a Cinelândia? Tá aqui ainda? Tá? Então, nham, nham... vamos do Senado pro Tabuleiro da Baiana.

— Acho a idéia da pontinha — disse outro velhinho segurando o lóbulo da orelha — podemos inclusive fazer um quebra-quebra nos bondes.

— Acabaram com o Tabuleiro da Baiana, Serafim... não tem mais bondes, Raimundo...

— Sendo assim, nham,nham... só vejo uma solução, nham: vamos pedir uma audiência ao Presidente Washington Luís.

— O Presidente é o General Figueiredo, Serafim.

— Mas... mas, nham, nham... o General Figueiredo não tá exilado em Buenos Aires?

— O filho dele, Serafim... o filho dele.

Serafim levou um susto que quase engoliu a dentadura.

— Qual? o Euclides?

— O João, Serafim.

— Quem? Aquele menino, nham, nham... aquele que vive se balançando num cavalinho de pau? Outro dia ele passou por mim no Derby Clube com o uniforme do Pedro II, nham... nham...

— Pois é, Serafim, agora ele é Presidente.

— Não pode ser, nham, nham... com essa idade ele deve ser príncipe regente... deixa eu ver aí o que diz a gazeta!

A assembléia dos velhinhos, como vocês podem perceber, prosseguia um tanto confusa. A idéia de se fazer uma passeata pela Rio Branco não encontrou muitos adeptos. A maioria achou que o coração iria pifar diante de tamanho esforço. Serafim propôs uma rua menor, a Rua Direita (hoje Primeiro de Março). Alguém propôs a Rua das Marrecas. Mas quem vai nos ver lá? perguntou o velho Bula, ninguém mais vai à Rua das Marrecas. As sugestões prosseguiam sem encontrar grande aceitação por parte dos velhinhos que ainda permaneciam acordados. Serafim fez uma ameaça. Disse que se assembléia não encontrasse uma saída ele iria se atirar do "caes Pharoux". Uma luz porém iluminou o velho Bula.

— Já sei! Nós vamos fazer uma greve!

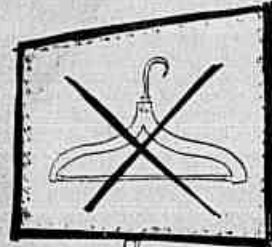
Os velhinhos botaram os óculos e se entreolharam.

— Greve, Bula? Como greve? Greve é a paralisação do trabalho. Se o aposentado não trabalha, como fazer greve?

— Faremos uma greve ao contrário — disse Bula — Vamos invadir uma repartição pública e ficar trabalhando sem parar até o Governo ouvir nossas reivindicações. Que vocês acham?

— Supimpa! — gritaram os velhinhos.

— Sugiro que invadamos a Casa de Amortização ou a Diretoria de Arquivo, nham, nham...

Os velhinhos optaram por uma repartição do ministério do Trabalho. Dia seguinte, pela manhã, avançavam, unidos e determinados mas não tão firmes quanto gostariam, pelos corredores do ministério. À frente seguia o velho Bula com seus bigodes de general prussiano. O grupo dobrou o corredor, caminhou mais alguns metros e a um gesto de Bula parou ofegante diante da repartição. "É aqui, vamos entrar" ordenou Bula. Serafim arregalou os olhos e soltou uma de suas expressões favoritas:

— Agora é que a cobra vai fumar!

O grupo entrou e se espalhou pelo balcão. Do lado de dentro, os funcionários assustados com a invasão continuaram sem trabalhar. Funcionários de um lado, velhinhos do outro se olharam alguns segundos em silêncio. O chefe da repartição levantou-se e caminhou lentamente até o balcão.

— Os senhores certamente se enganaram... pedido de internamento em asilo é no segundo andar.

Serafim deixou escapar uma exclamação:

— Eu hein, Rosa!

— Esse aí deve ser o chefe — comentou Bula com o cotovelo apoiado no balcão, numa atitude desafiadora — olha só a pinta dele... tá com tudo e não tá prosa!

Os velhinhos riram. Riram propositadamente alto. O chefe sorriu sem graça e antes que pudesse dizer qualquer coisa Bula deu a ordem de atacar! Os velhinhos ultrapassaram a portinhola e imediatamente entraram em ação, uns batendo à máquina, outros varrendo o chão, carimbando papéis, empilhando processos. Os funcionários se juntaram num canto, assustados mas felizes porque agora fariam menos do que já faziam antes.

— Mas... mas o que está acontecendo? perguntou o chefe, perplexo.

— Estamos iniciando uma greve. A única forma que o aposentado tem para fazer greve é trabalhando.

— Mas... mas essa greve é ilegal.

— Não há nada na legislação proibindo que se faça greve trabalhando.

O chefe coçou a cabeça. Realmente não havia nada a esse respeito. Bula afirmou que a disposição dos velhinhos era de continuar trabalhando até o Governo ouvir suas reivindicações. O chefe não sabia o que fazer. Sabia apenas que não podia deixar os velhinhos trabalhando com aquele entusiasmo ou seu superior saberia que antes não se fazia nada naquela repartição. Telefonou para a PM.

— O que o senhor está me dizendo? — perguntou o tenente sem entender — eles estão fazendo greve ou estão trabalhando? As duas coisas? Bem, não sei se posso mandar um choque da PM pra mandar alguém parar de trabalhar. Vou consultar meu superior.

O tenente consultou seu superior que consultou seu superior que consultou seu superior que pediu uma reunião de emergência com as autoridades do país. Ninguém sabia o que fazer, principalmente porque os velhinhos com sua experiência melhoraram muito o rendimento da repartição.

— Chama o Delfim! — gritou alguém na reunião — chama o Delfim! Ele tem sempre uma solução.

Quinze minutos depois Delfim entrava na sala. O Ministro do Trabalho lhe expôs o problema.

— Os velhinhos estão em greve — concluiu — dizem que só saem de lá depois que o Governo ouvir suas reivindicações.

— Mas eles estão trabalhando?

— Estão.

— Então qual é o problema? É só mandar descontar 75% do valor de suas aposentadorias.

O Governo tem sempre sua solução. O Ministro do Trabalho mandou um emissário à repartição avisar aos velhinhos que se eles não parassem de trabalhar iriam receber apenas 25% dos seus salários. Os velhinhos, que jeito?, terminaram a greve. Na volta para casa, cabisbaixo, Bula comentou com Serafim.

— Isso foi coisa do Delfim!

— E eu não sei? Conheço esse bigodudo de outros carnavais, nham, nham... me admira é que o Rodrigues Alves tenha concordado!

José Carlos Oliveira

CORPO RECHEADO DE MISTÉRIOS

— Este é o primeiro capítulo do romance que estou escrevendo desde julho, e que deve ficar pronto, ai de mim, apenas dentro de dois anos. Para evitar que considerem este texto uma crônica, iguais às que escrevo no **Caderno B**, e a incluam sem minha permissão nalguma antologia criminosa, mas que a Justiça não punirá, afronto o ridículo e faço a advertência: **Copyright by José Carlos Oliveira, 1981.**

UM aviãozinho amarelo sobrevoava o local da ocorrência. Seu ronco sorumbático vibrava por cima dos estampidos do mar. Era um objeto fosco, de contornos nítidos no oco descolorido da manhã. Puxava um rabicho branco onde estava escrito em letras azuis:

A PALAVRA PURIFICA OS RINS

A ocorrência era um cadáver estirado na areia, quase debaixo das marretadas surdas da espuma branca. Um homem do tamanho dele mesmo, com calça e blusão azuis. Qualquer indivíduo, e esse não era exceção, morto no chão, ao ar livre, tem sempre um sapato de tênis branco num pé e no outro não. O outro sapato lá e vinha no torvelinho, martelado pela onda e sugado em sua esteira para dentro do mar. Súbito, o Delegado viu o revólver puxado pela água que outra vez retrocedia — aquela água cristalina, rendada sob a onda que quebrou, aquela rendilhada água que se espraia e se arrepende de espraiar-se, e volta rapidinho para o debaixo acolhedor da onda, como a língua voltando lasciva à boca da jararaca — e arrojou-se a ele, gadunhando-o junto com um punhado de areia, ajoelhado na poça dágua, vendo agora o aviãozinho desintegrar-se em mil pedaços nas lentes dos seus óculos estilhaçados de borrifos. E vinha vindo outra onda e ele se afastou depressa, enfiando o revólver, com areia e tudo, entre a camisa e a calça.

O Inspetor se levantava do cadáver com uma caderneta na mão. Já havia tirado outras coisas do defunto e as empilhara no areal seco onde a água não chegava por ser aquele, se assim fosse, um dia de mar indolente. Abriu e o Delegado olhou. Uma caderneta de capa preta, e dentro dividida por duas gavetinhas transparentes de matéria plástica. Uma única fotografia, retangular, estava enfiada nas duas gavetas, cabendo direitinho nelas. Decerto mandaram ampliar a foto no comprimento e largura adequados à caderneta. Do lado esquerdo aparecia um homem com chapéu e capa de chuva tipo Humphrey Bogart no filme Casablanca. No lado direito, uma mulher de casaco e gorro de astracã. Eles dois em primeiro plano e entre eles, no fundo da cena, o Arco do Triunfo.

— Calibre 38 — disse o Delegado, limpando os óculos com o lenço e mesmo assim, míope como estava, o aviãozinho seguia nítido e fosco, embora miniaturado. — Se não me jogo naquele vértice, adeus arma do crime. Se bem que foi na têmpora e o jeitão aliviado do cadáver me leve a pensar em suicídio.

— Esta aqui eu sei bem quem é — disse o Inspetor. — Não tem outra igual a ela.

— Mas está me parecendo muito jovem, muito jovem mesmo. Tire a fotografia daí e vamos examinar mais de perto.

— Ora essa. Você exige que as pessoas só se deixem fotografar com a cara que terão na hora em que você for examinar o retrato delas?

Quando botou os óculos, a foto já estava esticada nas mãos do Inspetor.

— E isso mesmo. E ela com menos uns trinta anos. No tempo em que trabalhava com Anselmo Duarte e Oscarito e Grande Otelo. E ele, o homem que a acompanha, não lhe recorda alguém?

— Batata. Ele me recorda alguém que estivesse neste exato local, neste justo momento, a dois dedos do bico do meu sapato.

O Delegado estirou a mão à fotografia, para desamassar o meio da cena, esmigalhado na dobra da caderneta.

— E o Arco do Triunfo, não lhe diz nada?

— O Arco do Triunfo sugere que esses dois estiveram algum dia em Paris.

— Dedução típica de detetive brasileiro — desdenhou o Delegado. — É por isso que nunca desvendamos crime nenhum, e também por isso que os nossos literatos se queixam de que não é possível escrever romance policial no Brasil. Não temos a menor credibilidade. Quando vemos um casal diante do Arco do Triunfo, acreditamos que a cena foi fixada na Avenue des Champs Elysées. Por que nunca procuramos aquilo que não salta aos olhos? Por exemplo: esses dois bem poderiam estar do deserto do Saara, morrendo de sede debaixo daquele sol inclemente, e quando passou a miragem do Arco do Triunfo, eles pediram ao camelo que batesse a foto, como recordação. Por que não poderia ter sido assim?

Virou a imagem. Na banda branca da fotografia, viu um pedaço de papel recortado e colado ali, e leu o poema nele datilografado:

Getúlio Vargas não morreu: sou eu.
Sob o arco triunfal da sobrancelha
De Dolores Grimm, vibra eterna a centelha
em que a miniatura de mim se incendeia
como o pássaro queimado que se alteia
das cinzas de seu anonimato, e soldado
recuperado, nunca mais se guerreia
com armas de ferir, só de fruir-te
— A ti, sol dado a mim para aquecer-te.

— Interessante. Getúlio Vargas renasce das próprias cinzas e se faz poeta bissexto em Paris. Acontece cada uma! Já li toda a literatura brasileira e nunca ouvi falar num vate chamado Getúlio Vargas. Mas é esse o nome do nosso "presunto", não há como duvidar. Ele se identifica no primeiro verso.

— Pode ser um brasileiro que só veio ao Brasil para nascer — disse o Inspetor. — Nasceu, foi batizado Getúlio Vargas e se mandou para a Europa, de onde nunca mais voltou. Ele pode ter conhecido Dolores lá mesmo, em Paris.

— Em todo caso, a cara dele não me é estranha. Já vi essa "peça" em algum lugar, talvez até em Paris trinta anos atrás, por que não? Fui apresentado a Dolores Grimm em Oxford, quando lá estive comprando uns livros, e me lembro de termos tomado umas e outras num pub que tinha na parede uma gravura mostrando aquele cavalo pornográfico, o famoso F. da P., escrito assim mesmo em português brabo. Nessa época ela era parecida com Ava Gardner, só que mais bonita, se é que você ousa acreditar. E eu era um candidato à glória literária. Aliás, ainda sou. Mas foi apenas um fim de tarde, nem me lembro mais o que ela estava fazendo em Oxford. Talvez... é. Talvez estivesse visitando Murilo Moreno, que estudava lá. Deste garotinha que ela dá preferência aos artistas em geral e aos poetas em particular. Há um gênero de pessoa que entra pelos ouvidos e vai fazer cocetirinhas na genitália da musa. Murilo Moreno é um craque nessa arte de lubrificar suas fãs românticas. Ah, mas hoje sou apenas um policial empedernido; ainda não me sinto preparado para cair de boca na ficção. Mas chego lá; eu chego lá. É chega de lá-lá-lá. Encontrou outros documentos no bolso dele?

— Uma pilha de quinquilharias. Venha ver.

O Inspetor foi tirando os objetos do montículo formado na areia e fazendo outro montículo com os mesmos objetos, a um palmo de distância do primeiro. Parecia despetalar e repetalar um mal-me-quer incongruente.

— Lenço de cambraia dobrado e aparentemente limpo. Uma carteira de couro estofando de tanto dinheiro. Um maço de cigarros meio fumado. Uma latinha de vaselina com as bocas presas por fita adesiva. Uma caixa de fósforo de papelão do restaurante Otávio's. Um caderninho escolar com rabo-de-arame: estava no bolso interno do blusão. Dei uma folheada e me pareceram versos eróticos a julgar pela caligrafia ardente e quase indecifrável. Duas canetas esferográficas. Um cordão de pescoço, de ouro, com três míseras chaves de um metal qualquer. Não estava no pescoço, e sim num bolso da calça. Uma nota de venda da Sapataria Leblon-Chic: está dobrada, e nas costas do papelucho alguém escreveu em letras de imprensa: PEDIR SOCORRO AO SALOMÃO.

— Deixa ver. O papelucho e o caderninho.

O Delegado olhou primeiro o papel da sapataria.

— Ele comprou, dias atrás, quatro pares de sapatos de tênis. Deve ter três guardados em casa, pois estava usando um deles quando morreu aqui. E o caderninho... deixa ver. São poemetos, quadrinhas, epigramas, epitáfios. O homem do Arco do Triunfo era um poeta itinerante. Desconfio que, se ele publicasse seus versalhada, não entraria de maneira nenhuma na Academia. Em todo caso, a Academia adora receber pessoas que não deveriam estar lá. Um poeta itinerante, fazendo brincadeirinhas às vezes metrificadas, às vezes rimadas... Um homem que entra numa loja e compra quatro pares de sapatos de tênis... Vá gostar de calçar tênis assim no inferno. Um indivíduo que usa um colar de ouro, uma jóia de fabricação semi-artesanal, para pendurar nele três miseráveis chaves Yale. Essa não. Ele está pensando que trabalha na Scotland Yard?

— Tem ainda um cartão do Régine's identificando como sócio um tal Jacinto Jabaquara. Um tubo descongestionador de nariz entupido. É só.

— Você acha pouco? Um homem carregado de objetos desconexos e sem nenhum documento de identidade? Um sujeito que se chama Getúlio Vargas em Paris, 30 anos atrás, e hoje no Rio vai ao Régine's disfarçado em Jacinto Jabaquara? Um sujeito que pretende pedir socorro a Salomão, mas bruscamente muda de idéia e enfia uma bala na têmpora? Ou será que Salomão fugiu da raia, como fazem os falsos amigos quando entramos numa complicação sem saída? E quem me garante que ele não seja o próprio Salomão? Como é que esse patife tem a ousadia de me meter num problema tão misterioso? Já pensou nas semanas e meses que se aproximam? Você nem precisando abrir o jornal, pois está na primeira página: — O delegado Lúcio Natal se confessa desorientado no "caso do cadáver das três chaves"... Ou no "caso do amante de Lady Dolores Grimm"... Ou no "mistério dos quatro pares de sapatos de tênis"... Deus que te perdoe, meu caro Pederneiras, mas você está a fim de ficar querendo nos fazer de palhaços...

TÊNIS

APRENDA A JOGAR COM BORG

London Express Service

London Express Service.

London Express Service.

London Express Service

London Express Service.

Iesa Rodrigues

Estilo

Listas que vão do rosa ao preto, entremeadas de metalizado ouro-velho, dão o novo estilo da sapatilha com salto anabela coberto de juta dourada (Varese)

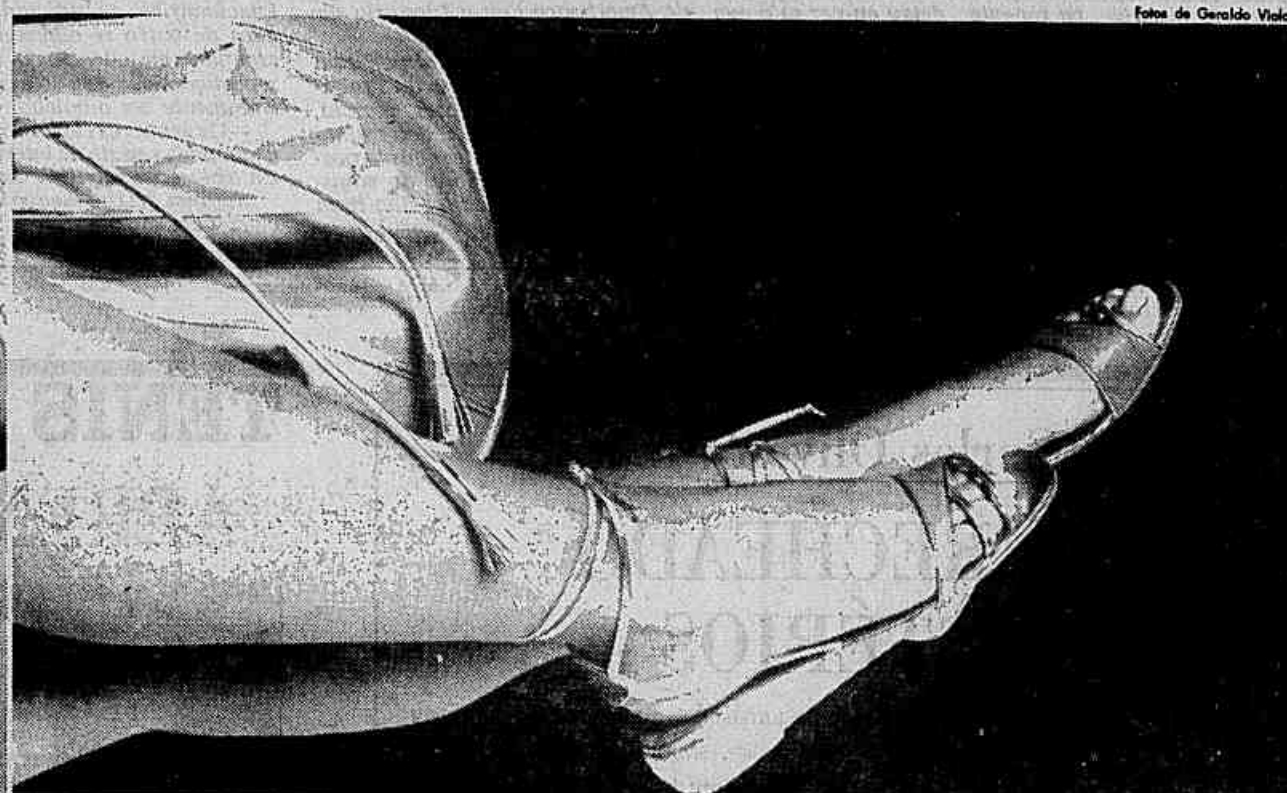
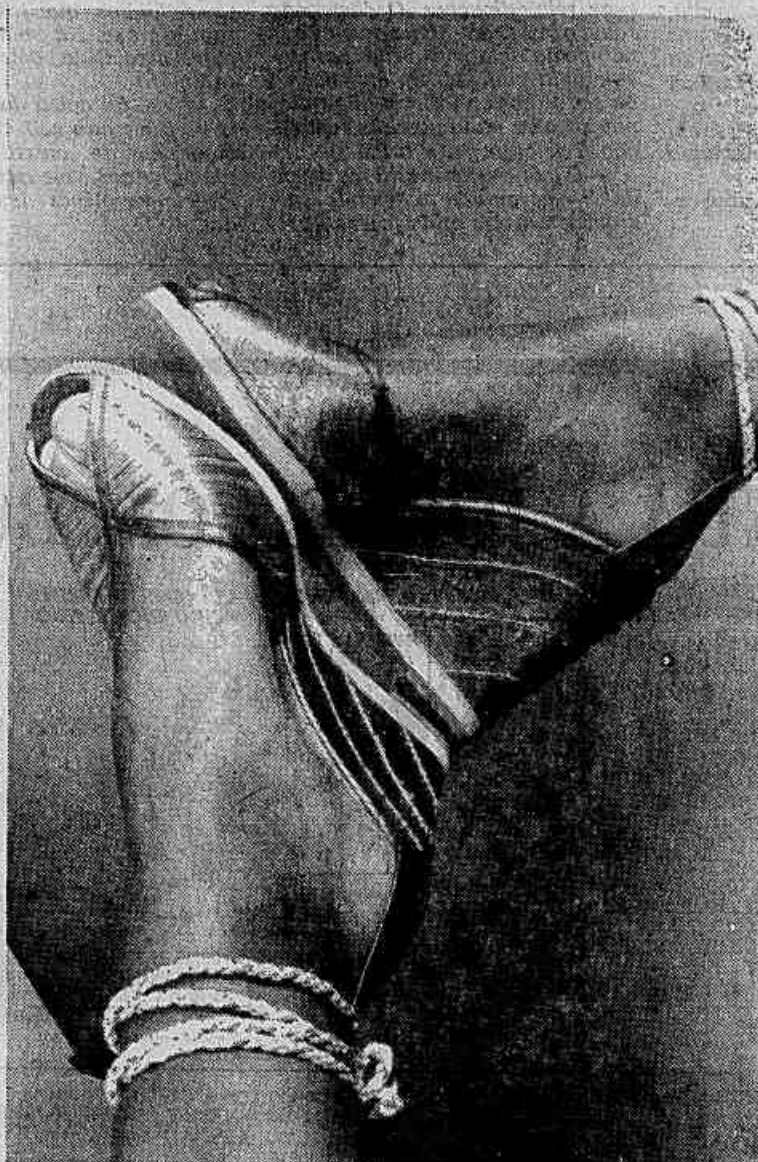
Se a roupa é na linha marinheira, fica perfeito o sapato bicolor, com recortes no calcanhar e no bico, e salto-sola (Altemio Spinelli)

Ilhoses e amarrado em tom de cobre realçam o tom natural do sapato de antílope, e a tradicional gáspea franjada garante a permanência do mocassim de sola francesa, toda pespontada (Altemio Spinelli)

LANÇAMENTOS

O DOURADO E O FOSCO DOS SAPATOS DE VERÃO

Fotos de Geraldo Viola

Toda coberta de tecido metalizado, a *espadrille* de salto anabela pode acompanhar a moda rústica ou os *eternos jeans*, quando for preciso um salto alto (Varese)

Em couro natural e tiras douradas, esta sandália promete ser sucesso nas noites de verão. Para uso esportivo, acompanha a sacola de couro, também com frisos dourados (Altemio Spinelli)

As estações da moda brasileira dividem-se em verão, alto-verão e outono. Inverno é raridade, primavera passa despercebida. Em compensação, o alto-verão traz as grandes novidades, que repercutem pelo resto do ano. São os meses das férias, das praias e das festas, três bons motivos para renovação de guarda-roupa, e merecem especial atenção dos lançadores de idéias. E nada agrada mais à consumidora brasileira do que um sapato novo. No Rio, a Varese, de produção na faixa econômica e atualizada, escolheu a linha cintilante para marcar seus modelos de verão, enquanto a linha mais conservadora de Altemio Spinelli faz concessões às belas sandálias com frisos dourados, mas conserva os modelos práticos, os mocassins e escarpins de saltos baixos, típicos da etiqueta.

Na ala dos tamancos, calçados favoritos das cariocas, definem-se estilos mais femininos, de saltos altíssimos e formas que lembram modelos usados pelas **pin-ups** americanas. Ainda que não façam a linha discreta, dão o toque engraçado aos **jeans** de verão. Quanto aos metalizados, é preciso ter cuidado para não sair pelas ruas, brilhando como um farol: se o vestido tem brilho, o sapato pode ser, no máximo, todo dourado, em tom ouro-velho, nunca um arco-íris metalizado. Nos contrastes da roupa atual, as sapatilhas brilhantes combinam com calças e saias esportivas, de algodão, brim ou malha rústicos.

IRAQUE DIVULGA CULTURA ATRAVÉS DA ROUPA

Há onze anos uma equipe de manequins, secretárias e diretores viaja pelo mundo, divulgando a cultura do Iraque, através de desfiles de moda. Não são roupas de coleção para vendas, não seguem nenhuma das tendências da moda internacional (apesar das senhoras iraquianas serem consumidoras da melhor moda francesa): trata-se de uma série de modelos, a maioria longas túnicas em tecidos transparentes, que evocam, através dos bordados ou aplicações, idéias da História da Mesopotâmia, dos caracteres da escrita iraquiana, imagens de obras de arte antigas das civilizações sumerianas, babilônicas, assírias.

Em resumo, o Iraque promove, por intermédio da Casa Dar Al-Azia, ligada ao seu Ministério de Informação e Cultura de Bagdá, a divulgação do país, utilizando um veículo quase irresistível: a moda. Durante esta semana, os desfiles estarão pelo Brasil, mostrando como um painel de azulejos ou um afresco antigo podem transformar-se em peças vestíveis, que demoram até um ano em sua confecção e bordado, e servirão para dar uma imagem simpática da cultura iraquiana.

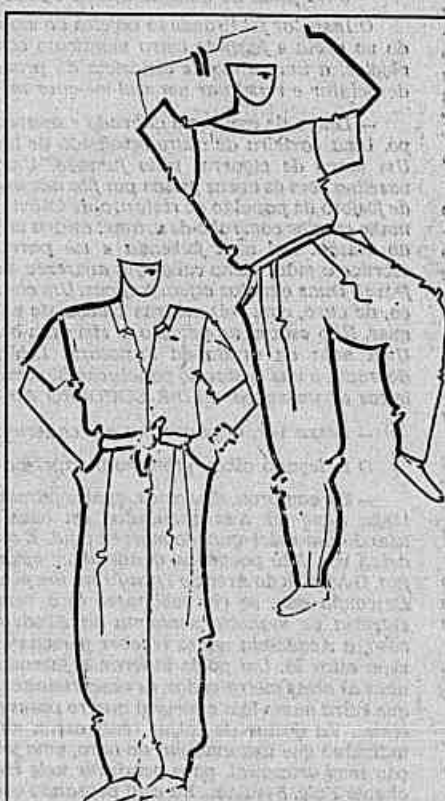
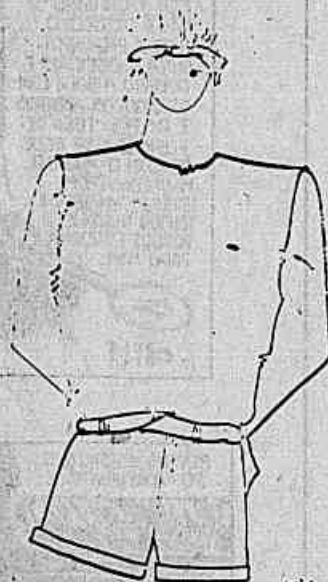
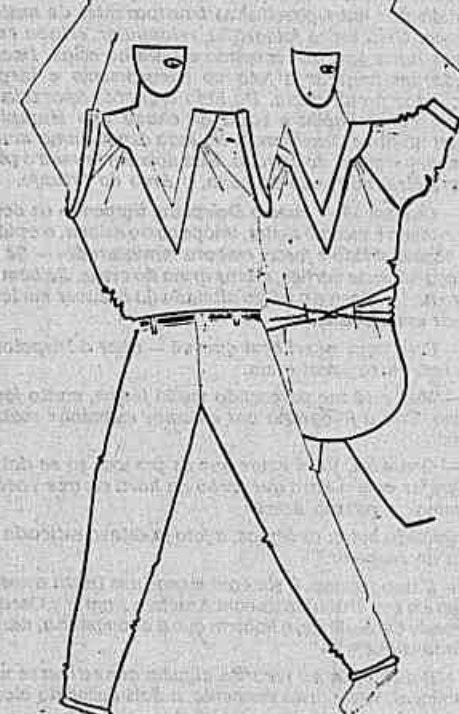
Foto: Evandro Teixeira

Caracteres da antiga escrita do Iraque são transformados em bordados sobre tecido de seda, e representam uma maneira de divulgar a cultura iraquiana

OS TRUQUES DA MODA-82

Como diferenciar uma camiseta deste verão, dos outros anos? Qual o pequeno detalhe que renova uma calça antiga? Estas perguntas preocupam Milton de Sousa Carvalho, empresário responsável pela etiqueta Dimpus, a cada temporada de lançamentos. Tendo simplificado a variação de modelos nas últimas duas coleções, a Dimpus precisa ter toques especiais, que fazem variar roupas de cortes com um mínimo de detalhes. E já que a confecção tem suas próprias lojas, espalhadas pela Zona Sul carioca, nada mais lógico do que instruir as equipes de vendedores e prepará-las para ensinar às consumidoras os novos truques de atualização da moda.

Com toda seriedade, estas instruções são reunidas em apostila, com todas as explicações práticas. É um verdadeiro laboratório de moda, que pode resultar em mania nas ruas. Deste **manual**, saem as variantes, que não só completam as novidades da etiqueta, como ajudam até a renovar nossas velhas camisetas favoritas e ajudam a dar novos ares ao guarda-roupa de verões passados.

Tanto as camisetas novinhas em folha, como as velhas e rasgadas, ganham o ar-82, depois de devidamente recortadas com tesouras, esfarrapadas nas mangas e na barra. O longo corte nas costas é muito bonito e ousado

A calça *jodhpur* é usada com camisa tradicional, a amarrada na cintura, ou com grande camiseta de decote reto, por dentro de cós. Sapatos sempre baixos

Um *camisão* de algodão tem três versões: completa calça comprida, com as mangas bem enroladas; serve como míni-saia, ajustada por cinto largo, ou quase esconde um *shorts*, com faixas de pano colorido

Segundo as normas da equipe Dimpus de criação, estes são alguns toques típicos da moda deste verão:

In

- Cortar os cabelos
- Maquilagem suave
- Sandálias baixas
- Cor de verão
- acessórios criativos

Out

- Grandes penteados
- Maquilagem pesada, com grandes **produções**
- saltos altíssimos
- cor amarelo-vestibular
- jóias demais

JORNAL DO BRASIL
ESPECIAL
Rio de Janeiro — Domingo, 20 de setembro de 1981

Carta Encíclica
Laborem Exercens
Do Sumo Pontífice João Paulo II

Veneráveis Irmãos
e Diletos Filhos e Filhas:
Saúde e Bênção Apostólica!

Mediante o trabalho o homem deve procurar-se o pão quotidiano[1] e contribuir para o progresso contínuo das ciências e da técnica, e sobretudo para a incessante elevação cultural e moral da sociedade, na qual vive em comunidade com os próprios irmãos. E com a palavra trabalho é indicada toda a atividade realizada pelo mesmo homem, tanto manual como intelectual, independentemente das suas características e das circunstâncias, quer dizer toda a atividade humana que se pode e deve reconhecer como trabalho, no meio de toda aquela riqueza de atividades para as quais o homem tem capacidade e está predisposto pela própria natureza, em virtude da sua humanidade. Feito à imagem e semelhança do mesmo Deus[2] no universo visível e nele estabelecido para que dominasse a terra,[3] o homem, por isso mesmo, desde o princípio é *chamado ao trabalho*. *O trabalho é uma das características que distinguem* o homem do resto das criaturas, cuja atividade, relacionada com a manutenção da própria vida, não se pode chamar trabalho; somente o homem tem capacidade para o trabalho e somente o homem o realiza preenchendo ao mesmo tempo com ele a sua existência sobre a terra. Assim, o trabalho comporta em si uma marca particular do homem e da humanidade, a marca de uma pessoa que opera numa comunidade de pessoas; e uma tal marca determina a qualificação interior do mesmo trabalho e, em certo sentido, constitui a sua própria natureza.

I
INTRODUÇÃO

1. O trabalho humano a noventa anos da "Rerum Novarum"

Dado que a 15 de maio do corrente ano se completaram *noventa anos* da data da publicação — que se ficou a dever ao grande Sumo Pontífice da "questão social", Leão XIII — daquela Encíclica de importância decisiva, que começa com as palavras *Rerum Novarum*, eu desejo dedicar o presente documento exatamente ao *trabalho humano*; e desejo mais ainda dedicá-lo *ao homem*, visto no amplo contexto dessa realidade que é o trabalho. Efetivamente, conforme tive ocasião de dizer na Encíclica *Redemptor Hominis*, publicada nos inícios da minha missão de serviço na Sede Romana de São Pedro, se o homem "é a primeira e fundamental via da Igreja",[4] e isso precisamente sobre a base do imperscrutável mistério da Redenção de Cristo, então é necessário retornar incessantemente a esta via e prosseguí-la sempre de novo, segundo os diversos aspectos, nos quais ela nos vai desvelando toda a riqueza e, ao mesmo tempo, tudo o que de árduo há na existência humana sobre a terra.

O trabalho é um desses aspectos, perene e fundamental e sempre com atualidade, de tal sorte que exige constantemente renovada atenção e decidido testemunho. Com efeito, surgem sempre novas *interrogações* e novos *problemas*, nascem novas esperanças, como também motivos de temor e ameaças, ligados com esta dimensão fundamental da existência humana, pela qual é construída cada dia a vida do homem, da qual esta recebe a própria dignidade específica, mas na qual está contido, ao mesmo tempo, o parâmetro constante dos esforços humanos, do sofrimento, bem como dos danos e das injustiças que podem impregnar profundamente a vida social no interior de cada uma das nações e no plano internacional. Se é verdade que o homem se sustenta com o pão granjeado pelo trabalho das suas mãos[5] — e isto equivale a dizer, não apenas com aquele pão quotidiano mediante o qual se mantém vivo o seu corpo, mas também com o pão da ciência e do progresso, da civilização e da cultura — então é igualmente verdade que ele se alimenta deste pão com *o suor do rosto*,[6] isto é, não só com os esforços e canseiras pessoais, mas também no meio de muitas tensões, conflitos e crises que, em relação com a realidade do trabalho, perturbam a vida de cada uma das sociedades e mesmo da inteira humanidade.

Celebramos o nonagésimo aniversário da Encíclica *Rerum Novarum* em vésperas de novos adiantamentos nas condições tecnológicas, econômicas e políticas, o que — na opinião de muitos peritos — irá influir no mundo do trabalho e da produção, em não menor escala do que o fez a revolução industrial do século passado. São vários os fatores que se revestem de alcance geral, como sejam: a introdução generalizada da automação em muitos campos da produção; o aumento do custo da energia e das matérias de base; a crescente tomada de consciência de que é limitado o patrimônio natural e do seu insuportável inquinamento; e o vir à ribalta, no cenário político, povos que, depois de séculos de sujeição, reclamam o seu legítimo lugar no concerto das nações e nas decisões internacionais. Estas novas condições e exigências irão requerer uma reordenação e um novo ajustamento das estruturas da economia hodierna, bem como da distribuição do trabalho. E tais mudanças poderão talvez vir a significar, infelizmente, para milhões de trabalhadores qualificados, o desemprego, pelo menos temporário, ou a necessidade de um novo período de adestramento; irão comportar, com muita probabilidade, uma diminuição ou um crescimento menos rápido do bem-estar material para os países mais desenvolvidos; mas poderão também vir a proporcionar alívio e esperança para milhões de homens que hoje vivem em condições de vergonhosa e indigna miséria.

Não compete à Igreja analisar cientificamente as possíveis conseqüências de tais mutações para a convivência humana. A Igreja, porém, considera sua tarefa fazer com que sejam sempre tidos presentes a dignidade e os direitos dos homens do trabalho, estigmatizar as situações em que são violados e contribuir para orientar as aludidas mutações, para que se torne realidade um progresso autêntico do homem e da sociedade.

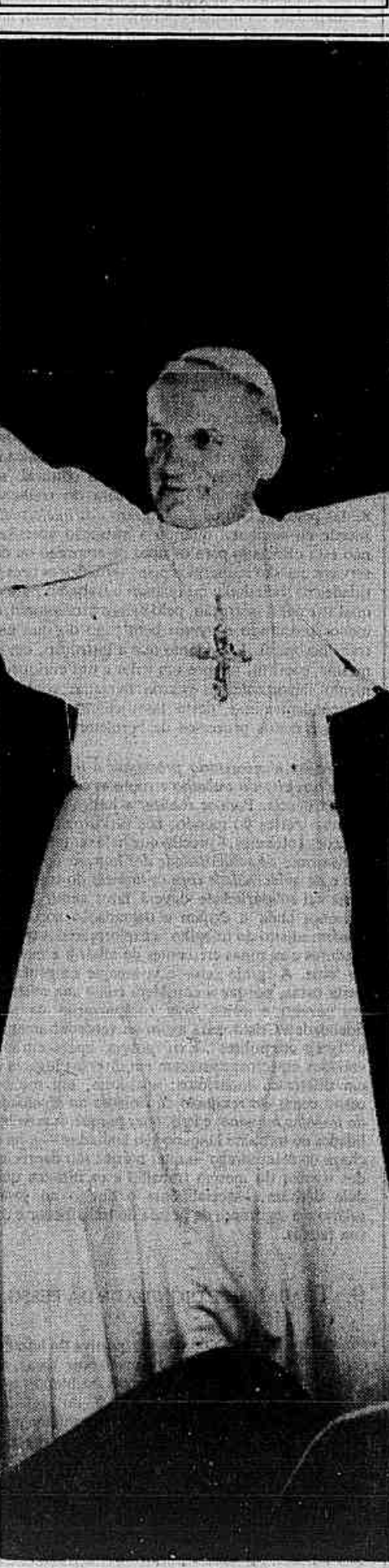
2. Na linha do desenvolvimento orgânico da acção e do ensino social da Igreja

É fora de dúvida que o trabalho, como problema do homem, se encontra mesmo ao centro naquela "questão social", para a qual se têm voltado de modo especial, durante os quase cem anos decorridos desde a publicação da mencionada Encíclica, o ensino da Igreja e as múltiplas iniciativas tomadas em continuidade com a sua missão apostólica. Dado que é meu desejo concentrar as reflexões que se seguem no trabalho, quero fazê-lo não de maneira deforme, mas sim em conexão orgânica com toda a tradição deste ensino e destas iniciativas. Ao mesmo tempo, porém, quero fazê-lo segundo a orientação do Evangelho, para extrair do *patrimônio do mesmo Evangelho "coisas novas e coisas velhas"*.[7] O trabalho, certamente, é uma coisa "velha", tão antiga quanto o homem e sua vida sobre a face da terra. A situação geral do homem no mundo contemporâneo, diagnosticada e analisada nos vários aspectos geográficos, de cultura e de civilização, exige todavia que se descubram os *novos significados do trabalho* humano e, além disso, que se formulem *as novas tarefas* que neste setor se deparam indeclinavelmente a todos os homens, à família, a cada uma das nações e a todo o gênero humano e, por fim, à própria Igreja.

Neste espaço dos 90 anos que passaram desde a publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, a questão social não cessou de ocupar a atenção da Igreja. São testemunho disso os numerosos documentos do Magistério, emanados quer dos Sumos Pontífices, quer do II Concílio do Vaticano; são testemunho disso, igualmente, as enunciações dos diversos Episcopados; e é testemunho disso, ainda, a atividade dos vários centros de pensamento e de iniciativas concretas de apostolado, quer a nível internacional, quer a nível das Igrejas locais. É difícil enumerar aqui, de forma pormenorizada, todas as manifestações da viva aplicação da Igreja e dos cristãos no que se refere à questão social, porque elas são muito numerosas. Como resultado do Concílio, tornou-se o principal centro de coordenação neste campo a Pontifícia Comissão *Justitia et Pax*. A mesma Comissão encontra Organismos seus correspondentes no âmbito das Conferências Episcopais singularmente consideradas. O nome desta instituição é muito significativo. Ele indica que a questão social deverá ser tratada no seu aspecto integral e complexo. O empenhamento em favor da justiça deve andar intimamente unido à aplicação em prol da paz no mundo contemporâneo. Constituí, certamente, um pronunciamento a favor deste dúplice empenhamento a dolorosa experiência das duas grandes guerras mundiais que, ao longo dos últimos 90 anos, abalaram muitos países, tanto do continente europeu, quanto, ao menos parcialmente, dos outros continentes. E pronuncia-se a seu favor, especialmente desde o fim da segunda guerra mundial para cá, a ameaça permanente de uma guerra nuclear e, a emergir por detrás dela, a perspectiva de uma terrível autodestruição.

Se seguirmos a linha principal de desenvolvimento dos documentos do supremo Magistério da Igreja, encontramos neles a confirmação explícita precisamente de um tal modo de enquadrar o problema. Pelo que diz respeito à questão da paz no mundo, a posição-chave é a da Encíclica *Pacem in Terris* do Papa João XXIII. Por outro lado, se se considera o evoluir da questão da justiça social, deve notar-se o seguinte: enquanto no período que vai desde a *Rerum Novarum* até a *Quadragesimo Anno* de Pio XI, o ensino da Igreja se concentra sobretudo em torno da justa solução da chamada questão operária no âmbito de cada uma das nações, na fase sucessiva o mesmo ensino alarga o horizonte às dimensões do mundo inteiro. A distribuição desproporcionada de riqueza e de miséria e a existência de países e continentes desenvolvidos e de outros não desenvolvidos exigem uma perequação e que se procurem as vias para um justo desenvolvimento de todos. Nesta direção procede o ensino contido na Encíclica Mater et Magistra do Papa João XXIII, bem como na Constituição pastoral *Gaudium et Spes* do II Concílio do Vaticano e na Encíclica *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI.

Esta direção seguida no desenvolvimento do ensino e também da aplicação da Igreja, quanto à questão social, corresponde exatamente ao reconhecimento objetivo do estado das coisas. Com efeito, se em tempos passados se punha em relevo no centro de tal questão sobretudo *o problema da "classe"*, em época mais recente é posto em primeiro plano *o problema do "mundo"*. Por isso, deve ser tomado em consideração não apenas o âmbito da classe, mas o âmbito mundial das desigualdades e das injustiças; e, como conseqüência, não apenas a dimensão da classe, mas sim a dimensão mundial das tarefas a assumir na caminhada que há-de levar à realização da justiça no mundo contemporâneo. A análise completa da situação do mesmo mundo dos dias de hoje manifestou de maneira ainda mais profunda e mais cabal o significado da anterior análise das injustiças sociais; e é o significado que hoje em dia se deve atribuir aos esforços que tendem a construir a justiça na Terra, não encobrindo com isso as estruturas injustas, mas demandando a revisão e a transformação das mesmas numa dimensão mais universal.

DIRIGIDA AOS VENERÁVEIS IRMÃOS NO EPISCOPADO, AOS SACERDOTES, ÀS FAMÍLIAS RELIGIOSAS, AOS FILHOS E FILHAS DA IGREJA E A TODOS OS HOMENS DE BOA VONTADE SOBRE O TRABALHO HUMANO NO 90º ANIVERSÁRIO DA "RERUM NOVARUM"

3. O problema do trabalho, chave da questão social

No meio de todos estes processos — quer da diagnose da realidade social objetiva, quer paralelamente do ensino da Igreja no âmbito da complexa e multíplice questão social — *o problema do trabalho humano*, como é natural, aparece muitas vezes. Ele é, de certo modo, uma *componente fixa*, tanto da vida social como do ensino da Igreja. Neste ensino da Igreja, aliás, o dedicar atenção ao problema remonta a tempos muito para além dos últimos noventa anos. A doutrina social da Igreja, efetivamente, tem a sua fonte na Sagrada Escritura, efetivamente, tem a sua fonte na Sagrada Escritura, a começar do Livro do Gênesis e, em particular no Evangelho e nos escritos dos tempos apostólicos. Dedicar atenção aos problemas sociais faz parte desde os inícios do ensino da Igreja e da sua concepção do homem e da vida social e, especialmente, da moral social que foi sendo elaborada segundo as necessidades das diversas épocas. Um tal patrimônio tradicional foi depois herdado e desenvolvido pelo ensino dos Sumos Pontífices sobre a moderna "questão social", a partir da Encíclica "Rerum Novarum". E no contexto de tal "questão", o problema do trabalho foi objeto de uma contínua atualização, mantendo sempre a base cristã daquela verdade que podemos chamar perene.

Ao voltarmos no presente documento uma vez mais a este problema — sem ter a intenção, aliás, de tocar todos os temas que lhe dizem respeito — não é tanto para coligir e repetir o que já se encontra contido nos ensinamentos da Igreja, mas sobretudo para pôr em relevo — possivelmente mais do que foi feito até agora — o fato de que o trabalho humano *é uma chave*, provavelmente *a chave essencial*, de toda a questão social, se nós procurarmos vê-la verdadeiramente sob o ponto de vista do bem do homem. E se a solução — ou melhor, a gradual solução — da questão social, que continuamente se reapresenta e se vai tornando cada vez mais complexa, deve ser buscada no sentido de "tornar a vida humana mais humana"[8], então por isso mesmo a chave, que é o trabalho humano, assume uma importância fundamental e decisiva.

II
O TRABALHO E O HOMEM

4. No Livro do Gênesis

A Igreja está convencida de que o trabalho constitui uma dimensão fundamental da existência do homem sobre a terra. E ela radica-se nesta convicção também ao considerar todo o patrimônio das múltiplas ciências centralizadas no homem: a antropologia, a paleontologia, a história, a sociologia, a psicologia, etc.: todas elas parecem testemunhar de modo irrefutável essa realidade. A Igreja, porém, vai haurir esta sua convicção sobretudo na fonte da Palavra de Deus revelada e, por conseguinte, aquilo que para ela *é uma convicção da inteligência* adquire ao mesmo tempo o caráter de *uma convicção de fé*. A razão está em que a Igreja — vale a pena acentuá-lo desde já — acredita no homem. Ela pensa no homem e encara-o *não apenas* à luz da experiência histórica, não apenas com os subsídios dos múltiplices métodos do conhecimento científico, mas sim e em primeiro lugar à luz da Palavra revelada de Deus vivo. Ao referir-se ao homem ela procura *exprimir* aqueles desígnios eternos e aqueles *destinos* transcendentes que *Deus vivo*, Criador e Redentor, ligou ao homem.

A Igreja vai encontrar logo *nas primeiras páginas do Livro do Gênesis* a fonte dessa sua convicção, de que o trabalho constitui uma dimensão fundamental da existência humana sobre a terra. A análise desses textos torna-nos cônscios deste fato: de neles — por vezes mediante um modo arcaico de manifestar o pensamento — terem sido expressas as verdades fundamentais pelo que diz respeito ao homem, já no contexto do mistério da Criação. Estas verdades são as que decidem do homem, desde o princípio, e que, ao mesmo tempo, traçam as grandes linhas da sua existência sobre a terra, que no estado de justiça original, quer mesmo depois da ruptura, determinada pelo pecado, da aliança original do Criador com a criação do homem. Quando este, criado "à imagem de Deus... varão e mulher"[9], ouve as palavras "Prolificai e multiplicai-vos enchei a terra e submetei-a"[10], mesmo que estas palavras não se refiram direta e explicitamente ao trabalho, indiretamente já lho indicam, e isso fora de quaisquer dúvidas, como uma actividade a desempenhar no mundo. Mais ainda, elas panteteiam a mesma essência mais profunda do trabalho. O homem é imagem de Deus, além do mais, pelo mandato recebido do seu Criador de submeter, de dominar a terra. No desempenho de tal mandato, o homem, todo e qualquer ser humano, reflete a própria ação do Criador do universo.

O trabalho entendido como uma atividade "transitiva", quer dizer, uma atividade de modo tal que, iniciando-se no sujeito humano, se endereça para um objeto exterior, pressupõe um específico domínio do homem sobre a "terra"; e, por sua vez, confirma e desenvolve um tal domínio. É claro que sob a designação "terra", de que fala o texto bíblico, deve entender-se primeiro que tudo aquela parcela do universo visível em que o homem habita; por extensão, porém, pode entender-se todo o mundo visível, na medida em que este se encontra dentro do raio de influência do homem e da sua procura de prover às próprias necessidades. A expressão "submeter a terra" tem um alcance imenso. Ela indica todos os recursos que a mesma terra (e indiretamente o mundo visível) tem escondidos em si e que, mediante a atividade consciente do homem, podem ser descobertas e oportunamente utilizadas por ele. Assim, tais palavras, postas logo ao princípio da Bíblia, *jamais cessam de ter atualidade*. Elas abarcam igualmente todas as épocas passadas da civilização e da economia, bem como toda a realidade contemporânea, e mesmo as futuras fases do progresso, as quais, em certa medida, talvez se estejam já a delinear, mas em grande parte permanecem ainda para o homem algo quase desconhecido e recôndito.

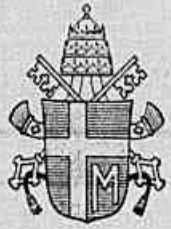
Se por vezes se fala de períodos de "aceleração" na vida econômica e na civilização da humanidade ou de alguma nação em particular, coligando tais "acelerações" ao progresso da ciência e da técnica e, especialmente, às descobertas decisivas para a vida sócio-econômica, pode ao mesmo tempo dizer-se que nenhuma dessas "acelerações" faz com que fique superado o conteúdo essencial daquilo que foi dito naquele antiqüíssimo texto bíblico. O homem, ao tornar-se — mediante o seu trabalho — cada vez mais senhor da terra, e ao consolidar — ainda mediante o trabalho — o seu domínio sobre o mundo visível, em qualquer hipótese e em todas as fases deste processo, permanece na linha daquela disposição original do Criador, a qual se mantém necessária e indissoluvelmente ligada ao fato de o homem ter sido criado, como varão e mulher, "à imagem de Deus". E, ao mesmo tempo, tal processo é *universal*: abrange todos os homens, todas as gerações, todas as fases do progresso econômico e cultural e, *simultaneamente*, é um processo que se actua *em todos e cada um dos homens*, em todos os sujeitos humanos conscientes. Todos e cada um são contemporaneamente por ele abarcados. Todos e cada um, em medida adequada e num número incalculável de modos, tomam parte em tal processo gigantesco, mediante o qual o homem "submete a terra" com o seu trabalho.

5. O trabalho em sentido objetivo: a técnica

Esta universalidade e, ao mesmo tempo, esta multiplicidade de tal processo de "submeter a terra", projetam luz sobre o trabalho humano, uma vez que o domínio do homem sobre a terra se realiza no trabalho e mediante o trabalho. Assim, vem ao de cima significado do mesmo *trabalho em sentido objetivo*, o qual tem depois a sua expressão nas várias épocas da cultura e da civilização. O homem domina a terra quer pelo fato de domesticar os animais e tratar deles, granjeando assim o alimento e o vestuário de que precisa, quer pelo fato de poder extrair da terra e dos mares diversos recursos naturais. Mas o homem, além disso, "submete a terra" muito mais quando começa por cultivá-la e, sucessivamente, reelabora os produtos da mesma, adaptando-os às suas próprias necessidades. A agricultura constitui assim um campo primário da atividade econômica e, mediante o trabalho humano, um fator indispensável da produção. A indústria, por sua vez, consistirá sempre no conjugar as riquezas da terra — quer se trate dos recursos vivos da natureza, quer dos produtos minerais ou químicos — com o trabalho do homem, tanto o trabalho físico como o intelectual. Isto é válido, num certo sentido, também no campo da chamada indústria dos serviços e no campo da investigação pura ou aplicada.

Hoje em dia na indústria e na agricultura a atividade do homem, em muitos casos, deixou de ser um trabalho prevalentemente manual, uma vez que os esforços das mãos e dos músculos passaram a ser ajudados pela ação de *máquinas e de mecanismos cada vez mais aperfeiçoados*. Não somente na indústria, mas também na agricultura, nós somos testemunhas das transformações que foram possibilitadas pelo gradual e contínuo progresso da ciência e da técnica. E isto, no seu conjunto, tornou-se historicamente causa também de grandes viragens da civilização, a partir das origens da "era industrial", passando pelas sucessivas fases de desenvolvimento graças às novas técnicas, até se chegar às da eletrônica ou dos "microprocessores" nos últimos anos.

Se pode parecer que no processo industrial é a máquina que "trabalha", enquanto o homem só cuida nela, tornando possível e mantendo de diversas maneiras o seu funcionamento, também é verdade que, precisamente por isso, o desenvolvimento industrial serve de base para se repropor de um modo novo o problema do trabalho humano. Tanto a primeira industrialização, que fez com que surgisse a chamada questão operária, como as sucessivas mudanças industriais e pós-industriais demonstram claramente que, mesmo na época do "trabalho" cada dia mais mecanizado, o *sujeito próprio do trabalho continua a ser o homem*.

O desenvolvimento da indústria e dos diversos setores com ela ligados, até se chegar às mais modernas tecnologias da eletrônica, especialmente no campo da miniaturização, da informática, da telemática e outros, indica o papel imenso que, na interação do sujeito e do objeto do trabalho (no sentido mais amplo desta palavra), assume precisamente aquela aliada do mesmo trabalho gerada pelo pensamento humano, que é a técnica. Neste caso, entendida não como uma capacidade ou aptidão para o trabalho, mas sim como *um conjunto de meios* de que o homem se serve no próprio trabalho, a técnica é indubitavelmente uma aliada do homem. Ela facilita-lhe o trabalho, aperfeiçoa-o, acelera-o e multiplica-o; favorece o progresso em função de um aumento da quantidade dos produtos do trabalho e aperfeiçoa mesmo a qualidade de muitos deles. Mas é um fato, por outro lado, que nalguns casos a técnica de aliada pode também transformar-se quase em adversária do homem, como sucede: quando a mecanização do trabalho

→

"O trabalho tem como sua característica, antes de mais nada, unir os homens entre si; e nisto consiste a sua força social: a força para construir uma comunidade. E no fim de contas, nessa comunidade devem unir-se tanto aqueles que trabalham como aqueles que dispõem dos meios de produção ou que dos mesmos são proprietários."

"suplanta" o mesmo homem, tirando-lhe todo o gosto pessoal e o estímulo para a criatividade e para a responsabilidade; igualmente, quando tira o emprego a muitos trabalhadores que antes estavam empregados; ou ainda quando, mediante a exaltação da máquina, reduz o homem a ser escravo da mesma.

Assim, se as palavras bíblicas "submetei a terra", dirigidas ao homem desde o princípio, forem entendidas no contexto de toda a época moderna, industrial e pós-industrial, elas encerram em si indubitavelmente também uma relação com a técnica, com aquele mundo de mecanismos e de máquinas, que é fruto de um trabalho da inteligência humana e a confirmação histórica do domínio do homem sobre a natureza.

A época recente da história da humanidade, e especialmente a de algumas sociedades, trouxe consigo uma justa afirmação da técnica como um coeficiente fundamental de progresso econômico; ao mesmo tempo, porém, juntamente com tal afirmação surgiram e continuamente estão a surgir as interrogações essenciais respeitantes ao trabalho humano em relação com o seu sujeito, que é precisamente o homem. Tais interrogações contêm em si uma carga particular de *conteúdos e de tensões de carácter ético e ético-social*. E por isso elas constituem um desafio contínuo para muitas e diversas instituições, para os Estados e os Governos, bem como para os sistemas e as organizações internacionais; e constituem um desafio também para a Igreja.

6. O trabalho no sentido subjetivo: o homem-sujeito do trabalho

Para continuar a nossa análise do trabalho em aderência às palavras da Bíblia, em virtude das quais o homem tem o dever de submeter a terra, é preciso concentrarmos agora a nossa atenção *no trabalho no sentido subjetivo*; e isto muito mais do que fizemos pelo que se refere ao significado objetivo do trabalho, porquanto tocámos só com brevidade aquela vasta problemática, que é perfeita e pormenorizadamente conhecida dos estudiosos nos vários campos e também dos mesmos homens do trabalho, segundo as suas especializações. As palavras do Livro do Gênesis, a que nos referimos nesta nossa análise, falam de maneira indireta do trabalho no sentido objetivo; e de modo análogo falam também do sujeito do trabalho; no entanto, aquilo que elas dizem é assaz eloquente e carregado de um grande significado.

O homem deve submeter a terra, deve dominá-la, porque, como "imagem de Deus", é uma pessoa; isto é, um ser dotado de subjetividade, capaz de agir de maneira programada e racional, capaz de decidir de si mesmo e tendente a realizar-se a si mesmo. *É como pessoa, pois, que o homem é sujeito do trabalho*. É como pessoa que ele trabalha e realiza diversas ações que fazem parte do processo do trabalho; estas, independentemente do seu conteúdo objetivo, devem servir todas para a realização da sua humanidade e para o cumprimento da vocação a ser pessoa, que lhe é própria em razão da sua mesma humanidade. As principais verdades sobre este tema foram recordadas ultimamente pelo II Concílio do Vaticano, na Constituição *Gaudium et Spes*, especialmente no capítulo primeiro dedicado à vocação do homem.

E assim aquele "domínio" de que fala o texto bíblico, sobre o qual estamos a meditar agora, não se refere só à dimensão objetiva do trabalho, mas introduz-nos ao mesmo tempo na compreensão da sua dimensão subjetiva. O trabalho, entendido como processo, mediante o qual o homem e o gênero humano submetem a terra, não corresponderá a este conceito fundamental da Bíblia senão enquanto, em todo esse processo, o homem ao mesmo tempo se manifestar e se confirmar *como aquele que "domina"*. Este domínio, num certo sentido, refere-se à dimensão subjetiva ainda mais do que à objetiva: esta dimensão condiciona *a mesma natureza* 'etica do trabalho. Não há dúvida nenhuma, realmente, de que o trabalho humano tem um seu valor ético, o qual sem meios termos, permanece diretamente ligado ao fato de aquele que o realiza ser uma pessoa, um sujeito consciente e livre, isto é, um sujeito que decide de si mesmo.

Esta verdade, que constitui num certo sentido a medula fundamental e perene da doutrina cristã sobre o trabalho humano, teve e continua a ter um significado primordial para a formulação dos importantes problemas sociais ao longo de épocas inteiras.

A *Idade Antiga* introduziu entre os homens uma própria diferenciação típica em categorias, segundo o tipo de trabalho que realizavam. O trabalho que requeria do trabalhador o emprego das forças físicas, o trabalho dos músculos e das mãos, era considerado indigno dos homens livres, e por isso eram destinados à sua execução os escravos. O Cristianismo, ampliando alguns aspectos já próprios do Antigo Testamento, neste ponto operou uma transformação fundamental de conceitos, partindo do conteúdo global da mensagem evangélica, e sobretudo do fato de Aquele *que, sendo Deus*, se tornou semelhante a nós em tudo,[11] ter passado a maior parte dos anos da vida sobre a terra junto de um banco de carpinteiro, dedicando-se *ao trabalho manual*. Esta circunstância constitui por si mesma o mais eloqüente "evangelho do trabalho"; aí se torna patente que o fundamento para determinar o valor do trabalho humano não é em primeiro lugar o gênero de trabalho que se realiza, mas o fato de aquele que o executa ser uma pessoa. As fontes da dignidade do trabalho devem ser procuradas sobretudo não na sua dimensão objetiva, mas sim na sua dimensão subjetiva.

Em tal concepção quase desaparece o próprio fundamento da antiga diferenciação dos homens em grupos, segundo o gênero de trabalho que eles faziam. Isto não quer dizer que o trabalho humano não possa e não deva ser de algum modo valorizado e qualificado de um ponto de vista objetivo. Isto quer dizer somente que *o primeiro fundamento do valor do trabalho é o mesmo homem*, o seu sujeito. E relaciona-se com isto imediatamente uma conclusão muito importante de natureza ética: embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada o trabalho é "para o homem" e não o homem "para o trabalho". E por esta conclusão se chega a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o seu significado objetivo. Partindo deste modo de entender as coisas e supondo que diversos trabalhos realizados pelos homens podem ter um maior ou menor valor objetivo, procuramos todavia pôr em evidência que cada um deles se mede sobretudo *pelo padrão da dignidade* do mesmo sujeito do trabalho, isto é, da pessoa, *do homem que o executa*. Por outro lado, independentemente do trabalho que faz cada um dos homens e supondo que ele constitui uma finalidade — por vezes muito absorvente — do seu agir, tal finalidade não possui por si mesma um significado definitivo. De fato, em última análise, *a finalidade do trabalho*, de todo e qualquer trabalho realizado pelo homem — ainda que seja o trabalho mais humilde de um "serviço" e o mais monótono na escala do modo comum de apreciação e até o mais marginalizador — permanece sempre o mesmo homem.

7. Uma ameaça à hierarquia dos valores

Estas afirmações basilares sobre o trabalho, precisamente, resultaram sempre das riquezas da verdade cristã, em particular da mesma mensagem do "evangelho do trabalho", criando o fundamento do novo modo de pensar, de julgar e de agir dos homens. Na época moderna, desde os inícios da era industrial, a verdade cristã sobre o trabalho teve de se contrapor às várias correntes do pensamento *materialista e economicista*.

Para alguns fautores de tais idéias, o trabalho era entendido e tratado como uma espécie de "mercadoria", que o trabalhador — especialmente o operário da indústria — vendia ao dador de trabalho, que era ao mesmo tempo possessor do capital, isto é, do conjunto dos instrumentos de trabalho e dos meios que tornam possível a produção. Este modo de conceber o trabalho encontrava-se especialmente difundido na primeira metade do século XIX. Em seguida, as formulações explícitas deste gênero quase desapareceram, cedendo o lugar a um modo mais humano de pensar e de avaliar o trabalho. A interação do homem do trabalho e do conjunto dos instrumentos e dos meios de produção deu azo a desenvolverem-se diversas formas de capitalismo — paralelamente a diversas formas de coletivismo — nas quais se inseriram outros elementos, na sequência de novas circunstâncias concretas, da ação das associações de trabalhadores e dos poderes públicos, e da aparição de grandes empresas transnacionais. Apesar disso, o *perigo* de tratar o trabalho como uma "mercadoria sui generis" ou como uma "força" anônima necessária para a produção (fala-se mesmo de " força-trabalho ") *continua a existir ainda nos dias de hoje*, especialmente quando a maneira de encarar a problemática econômica é caracterizada pela adesão às premissas do " economismo " materialista.

Para este modo de pensar e de julgar há uma ocasião sistemática e, num certo sentido, até mesmo um estímulo, que são constituídos pelo acelerado processo de desenvolvimento da civilização unilateralmente materialista, na qual se dá importância primeiro que tudo à dimensão objetiva do trabalho, enquanto a dimensão subjetiva — tudo aquilo que está em relação indireta ou direta com o próprio sujeito do trabalho — fica num plano secundário. Em todos os casos deste gênero, em todas as situações sociais deste tipo, gera-se uma confusão, ou até mesmo uma inversão, daquela ordem estabelecida desde o princípio pelas palavras do Livro do Gênesis: *o homem passa então a ser tratado como instrumento de produção*;[12] enquanto que ele — ele só por si, independentemente do trabalho que realiza — deveria ser tratado como seu sujeito eficiente, como seu verdadeiro artífice e criador. É precisamente esta inversão da ordem, prescindindo do programa ou da denominação sob cujos auspícios ela se gera, que mereceria — no sentido indicado mais amplamente em seguida — o nome de "capitalismo". Como é sabido, o capitalismo tem o seu significado histórico bem definido, enquanto sistema, e sistema econômico-social, em contraposição ao "socialismo" ou "comunismo". No entanto, à luz da análise da realidade fundamental de todo o processo econômico e, primeiro que tudo, das estruturas de produção — qual é, justamente, o trabalho — importa reconhecer que o erro do primitivo capitalismo pode repetir-se onde quer que o homem seja tratado, de alguma forma, da mesma maneira que todo o conjunto dos meios materiais de produção, como um instrumento e não segundo a verdadeira dignidade do seu trabalho — ou seja, como sujeito e autor e, por isso mesmo, como verdadeira finalidade de todo o processo de produção.

Sendo assim, compreende-se que a análise do trabalho humano feita à luz daquelas palavras que dizem respeito ao "domínio" do homem sobre a terra, se insira mesmo ao centro da problemática ético-social. Uma tal concepção deveria também ter *um lugar central em toda a esfera da política social e econômica*, quer à escala dos diversos países, quer a uma escala mais ampla, das relações internacionais e intercontinentais, com referência em particular às tensões que se esboçam no mundo, não só centradas no eixo Oriente-Ocidente, mas também no outro eixo Norte-Sul. O Papa João XXIII, num primeiro momento, com a sua Encíclica *Mater et Magistra*, e o Papa Paulo VI, depois, com a Encíclica *Populorum Progressio*, dedicaram uma decidida atenção a tais dimensões dos problemas éticos e sociais contemporâneos.

8. Solidariedade dos homens do trabalho

Ao tratar-se do trabalho humano, encarado pela dimensão fundamental do seu sujeito, isto é, do homem-pessoa que executa esse trabalho, partindo deste ponto de vista deve fazer-se uma apreciação pelo menos sumária dos processos que se verificaram, ao longo dos 90 anos transcorridos após a Encíclica *Rerum Novarum*, em relação com a dimensão subjetiva do trabalho. Com efeito, embora o sujeito do trabalho seja sempre o mesmo, isto é, o homem, deram-se todavia notáveis modificações quanto ao aspecto objetivo do mesmo trabalho. E embora se possa dizer que o *trabalho*, em razão do seu sujeito, é um (um e, de cada vez que é feito, irrepetível) todavia, considerando os seus sentidos objetivos, tem de se reconhecer que *existem muitos trabalhos:* um grande número de trabalhos diversos. O desenvolvimento da civilização humana proporciona neste campo um enriquecimento contínuo. Ao mesmo tempo, porém, não se pode deixar de notar que, no processar-se de um tal desenvolvimento, não somente aparecem novas formas de trabalho humano, mas há também outras que desaparecem. Admitindo muito embora, em princípio, que isto é um fenômeno normal, importa, no entanto, ver bem se nele se não intrometem, e em que medida, certas irregularidades que podem ser perigosas, por motivos ético-sociais.

Foi precisamente *por causa de uma dessas anomalias com grande alcance* que nasceu, no século passado, a chamada questão operária, definida por vezes como "questão proletária". Tal questão — bem como os problemas com ela ligados — deram origem a uma justa reação social e fizeram com que surgisse e, poder-se-ia mesmo dizer, com que irrompesse um grande movimento de solidariedade entre os homens do trabalho e, em primeiro lugar, entre os trabalhadores da indústria. O apelo à solidariedade e à ação comum lançado aos homens do trabalho — sobretudo aos do trabalho setorial, monótono e despersonalizante nas grandes instalações industriais, quando a máquina tende a dominar sobre o homem — tinha um seu valor importante e uma eloquência própria, sob o ponto-de-vista da ética social. Era a reação *contra a degradação do homem como sujeito do trabalho* e contra a exploração inaudita que a acompanhava, no campo dos lucros, das condições de trabalho e de previdência para a pessoa do trabalhador. Uma tal reação uniu o mundo operário numa convergência comunitária, caracterizada por uma grande solidariedade.

Na esteira da Encíclica *Rerum Novarum* e dos numerosos documentos do Magistério da Igreja que se lhe seguiram, francamente tem de se reconhecer que se justificava, *sob o ponto-de-vista da moral social*, a reação contra o sistema de injustiça e de danos que bradava ao Céu vingança[13] e que pesava sobre o homem do trabalho nesse período de rápida industrialização. Este estado de coisas era favorecido pelo sistema sócio-político liberal que, segundo as suas premissas de "economismo", reforçava e assegurava a iniciativa econômica somente dos possuidores do capital, mas não se preocupava suficientemente com os direitos do homem do trabalho, afirmando que o trabalho humano é apenas um instrumento de produção, e que o capital é o fundamento, coeficiente e a finalidade da produção.

Desde então, a solidariedade dos homens do trabalho e, simultaneamente, uma tomada de consciência mais clara e mais compromissória pelo que respeita aos direitos dos trabalhadores da parte dos outros produziu, em muitos casos mudanças profundas. Foram excogitados diversos sistemas novos. Desenvolveram-se diversas formas de neo-capitalismo ou de coletivismo. E, não raro, os homens do trabalho passam a ter a possibilidade de participar e participam efetivamente na gestão e no controle da produtividade das empresas. Por meio de associações apropriadas, eles passam a ter influência no que respeita às condições de trabalho e de remuneração, bem como quanto à legislação social. Mas, ao mesmo tempo, diversos sistemas fundados em ideologias ou no poder, como também novas relações que foram surgindo nos vários níveis da convivência humana, *deixaram persistir injustiças flagrantes ou criaram outras novas*. A nível mundial, o desenvolvimento da civilização e das comunicações tornou possível uma diagnose mais completa das condições de vida e de trabalho do homem no mundo inteiro, mas tornou também patentes outras formas de injustiça, bem mais amplas ainda do que aquelas que no século passado haviam estimulado a união dos homens do trabalho para uma particular solidariedade no mundo operário. E isto assim, nos países em que já se realizou um certo processo de revolução industrial; e assim igualmente nos países onde o local de trabalho a predominar continua a ser o *da cultura da terra* ou doutras ocupações congêneres.

Movimentos de solidariedade no campo do trabalho — de uma solidariedade que não há-de nunca ser fechamento para o diálogo e para a colaboração com os demais — podem ser necessários, mesmo pelo que se refere às condições de grupos sociais que anteriormente não se achavam compreendidos entre estes movimentos, mas que vão sofrendo no meio dos sistemas sociais e das condições de vida que mudam *uma efetiva "proletarização"*, ou mesmo que se encontram realmente já numa condição de proletariado que, embora não seja chamada ainda com este nome, de fato é tal que o merece. Podem encontrar-se nesta situação algumas categorias ou grupos da *intelligentzia* do trabalho, sobretudo quando, simultaneamente com um acesso cada vez mais ampliado à instrução e com o número sempre crescente das pessoas que alcançaram diplomas pela sua preparação cultural, se verifica uma diminuição de procura do trabalho destas pessoas. Um tal *desemprego dos intelectuais* sucede ou aumenta: quando a instrução acessível não está orientada para os tipos de emprego ou de serviços que são requeridos pelas verdadeiras necessidades da sociedade; ou quando o trabalho para o qual se exige a instrução, pelo menos profissional, é menos procurado e menos bem pago do que um trabalho braçal. É evidente que a instrução, em si mesma, constitui sempre um valor e um enriquecimento importante da pessoa humana; contudo, independentemente deste fato, continuam a ser possíveis certos processos de "proletarização".

Assim, *é necessário prosseguir a interrogar-se sobre o sujeito do trabalho* e sobre as condições da sua existência. Para se realizar a justiça social nas diversas partes do mundo, nos vários países e nas relações entre eles, é preciso que haja sempre *novos movimentos de solidariedade dos homens* do trabalho e *de solidariedade com os homens* do trabalho. Uma tal solidariedade deverá fazer sentir a sua presença onde a exijam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a "Igreja dos pobres". E os "*pobres*" aparecem sob variados aspectos; aparecem em diversos lugares e em diferentes momentos; aparecem, em muitos casos, como *um resultado da violação da dignidade do trabalho humano*: e isso, quer porque as possibilidades do trabalho humano são limitadas — e há a chaga do desemprego — quer porque são depreciados o valor do mesmo trabalho e os direitos que dele derivam, especialmente o direito ao justo salário e à segurança da pessoa do trabalhador e da sua família.

9. Trabalho e dignidade da pessoa

Permanecendo ainda na perspectiva do homem como sujeito do trabalho, é conveniente tocar, ao menos de maneira sintética, alguns problemas que *definem mais de perto a dignidade do trabalho humano*, porque isso irá permitir caracterizar mais plenamente o seu valor moral específico. E importa fazê-lo tendo sempre diante dos olhos a sobredita vocação bíblica para "submeter a terra",[14] na qual se expressou a vontade do Criador, querendo que o trabalho tornasse possível ao homem alcançar um tal "domínio" que lhe é próprio no mundo visível.

A intenção fundamental e primordial de Deus quanto ao homem, que Ele "criou... à Sua semelhança, à Sua imagem",[15] não foi retratada nem cancelada, mesmo quando o homem, depois de ter infringido a aliança original com Deus, ouviu estas palavras: "Comerás o pão com o suor da tua fronte".[16] Tais palavras referem-se àquela *fadiga, por vezes pesada*, que a partir de então passou a acompanhar o trabalho humano; no entanto, elas não mudam o fato de o mesmo trabalho ser a via pela qual o homem chegará a *realizar "domínio"* que lhe é próprio no mundo visível, "*submetendo*" a terra. Esta fadiga é um fato universalmente conhecido, porque universalmente experimentado. Sabem-no os homens que fazem um trabalho braçal, executado por vezes em condições excepcionalmente difíceis; sabem-no os que labutam na agricultura, os quais empregam longas jornadas no cultivar a terra, que por vezes apenas "produz espinhos e abrolhos";[17] como o sabem também aqueles que trabalham nas minas e nas pedreiras, e igualmente os operários siderúrgicos junto dos seus altos-fornos, e os homens que exercem a atividade no sector da construção civil e em obras de construção em geral, freqüentemente em perigo de vida ou de invalidez. Sabem-no bem, ainda, os homens que trabalham agarrados ao "banco" do trabalho intelectual, sabem-no os cientistas, sabem-no os homens sobre cujos ombros pesa a grave responsabilidade de decisões destinadas a ter vasta ressonância no plano social. Sabem-no os médicos e os enfermeiros que velam de dia e de noite junto dos doentes. Sabem-no as mulheres que, por vezes sem um devido reconhecimento por parte da sociedade e até mesmo nalguns casos dos próprios familiares, suportam dia-a-dia as canseiras e a responsabilidade do arranjo da casa e da educação dos filhos. Sim, *sabem-no bem todos os homens do trabalho* e, uma vez que o trabalho é verdadeiramente uma vocação universal, sabem-nos todos os homens sem excepção.

E no entanto, com toda esta fadiga — e talvez, num certo sentido, por causa dela — o trabalho é um bem do homem. E se este bem traz em si a marca de um *bonum arduum* — "bem árduo" — para usar a terminologia de Santo Tomás de Aquino,[18] isso não impede que, como tal ele seja um bem do homem. E mais, é não só um bem "útil" ou de que se pode usufruir, mas é um bem "digno", ou seja, que corresponde à dignidade do homem, um bem que exprime esta dignidade e que a aumenta. Querendo determinar melhor o sentido ético do trabalho, é indispensável ter diante dos olhos antes de mais nada esta verdade. O trabalho é um bem do homem — é um bem da sua humanidade — porque, mediante o trabalho, o homem *não somente transforma a natureza*, adaptando-a às suas próprias necessidades, mas também *se realiza a si mesmo* como homem e até, num certo sentido, "se torna mais homem".

Sem esta consideração, não se pode compreender o significado da virtude da laboriosidade, mais exatamente não se pode compreender por que é que a laboriosidade haveria de ser uma virtude; efetivamente, a virtude, como aptidão moral, é algo que faculta ao homem tornar-se bom como homem.[19] Este fato não muda em nada a nossa justa preocupação por evitar que no trabalho, mediante o qual a *matéria é nobilitada, o próprio homem* não venha a sofrer uma *diminuição* da sua dignidade.[20] É sabido, ainda, que é possível usar de muitas maneiras do trabalho *contra o homem*, que se pode mesmo punir o homem com o recurso ao sistema dos trabalhos forçados nos *lager* (campos de concentração), que se pode fazer do trabalho um meio para a opressão do homem e que, enfim, se pode explorar, de diferentes maneiras, o trabalho humano, ou seja o homem do trabalho. Tudo isto depõe a favor da obrigação moral de unir a laboriosidade como virtude com a ordem social do trabalho, o que há de permitir ao homem "tornar-se mais homem" no trabalho, e não já degradar-se por causa do trabalho, desgastando não apenas as forças físicas (o que, pelo menos até certo ponto, é inevitável), mas sobretudo menoscabando a dignidade e subjetividade que lhe são próprias.

10. Trabalho e sociedade: família, nação

Confirmada deste modo a dimensão pessoal do trabalho humano, deve-se passar depois para a segunda esfera de valores, que com ele anda necessariamente unida. O trabalho constitui o fundamento sobre o qual se edifica a vida familiar, que é um direito fundamental e uma vocação do homem. Estas duas esferas de valores — uma conjunta ao trabalho e a outra derivante do caráter familiar da vida humana — devem unir-se entre si e compenetrar-se de um modo correto. O trabalho, de alguma maneira, é a condição que torna possível a fundação de uma família, que vez que a família exige os meios de subsistência que o homem obtém normalmente mediante o trabalho. Assim, trabalho e laboriosidade condicionam também o processar-se da educação na família, precisamente pela razão de que cada um "se torna homem" mediante o trabalho, entre outras coisas, e que o fato de se tornar homem exprime exatamente a finalidade principal de todo o processo educativo. Como é evidente, entram aqui em jogo, num certo sentido, dois aspectos do trabalho: o que faz dele algo que permite a vida e a manutenção da família, e aquele outro mediante o qual se realizam as finalidades da mesma família, especialmente a educação. Não obstante a distinção, estes dois aspectos do trabalho estão ligados entre si e completam-se em vários pontos.

Deve-se recordar e afirmar que, numa visão global, a família constitui um dos mais importantes termos de referência, segundo os quais tem de ser formada a ordem sócio-ética do trabalho humano. A doutrina da Igreja dedicou sempre especial atenção a este problema e será necessário voltar ainda a ele no presente documento. Com efeito, a família é, ao mesmo tempo, uma *comunidade tornada possível pelo trabalho* e a primeira *escola interna de trabalho* para todos e cada um dos homens.

A terceira esfera de valores que se apresenta, na perspectiva aqui mantida — a perspectiva do sujeito do trabalho — abarca aquela *grande sociedade* de que o homem faz parte, em virtude de laços culturais e históricos particulares. Tal sociedade — mesmo quando não tenha ainda assumido a forma completa de uma nação — é não só a grande "educadora" de cada um dos homens, se bem que indiretamente (pois cada pessoa recebe na família os conteúdos e os valores que constituem, no seu conjunto, a cultura de uma determinada nação), mas é também uma grande encarnação histórica e social do trabalho de todas as gerações. Tudo isto faz com que o homem ligue a sua identidade humana mais profunda ao fato de pertencer a uma nação, e encare o seu trabalho também como algo que irá aumentar o bem comum procurado juntamente com os seus compatriotas, dando-se conta assim de que, por este meio, o trabalho serve para multiplicar o patrimônio da interira família humana, de todos os homens que vivem no mundo.

Estas três esferas conservam de modo permanente a sua *importância para o trabalho humano* visto na sua dimensão subjetiva. E esta dimensão, ou seja, a concreta realidade do homem do trabalho, tem precedência sobre a dimensão objetiva. Na dimensão subjetiva é que se realiza, antes de mais nada, aquele "domínio" sobre o mundo da natureza, que o homem é sempre chamado a exercer, desde o princípio, segundo as palavras do Livro do Gênesis. O próprio processo de "submeter a terra", quer dizer, o trabalho sob o aspecto da técnica, é caracterizado no decorrer da história, e especialmente nestes últimos séculos, por um imenso desenvolvimento dos meios produtivos à disposição; e isso é um fenômeno vantajoso e positivo, contanto que a dimensão objetiva do trabalho não tome o predomínio sobre a dimensão subjetiva, tirando ao homem ou diminuindo a sua dignidade e os seus direitos inalienáveis.

III
O conflito entre trabalho e capital na fase atual da história

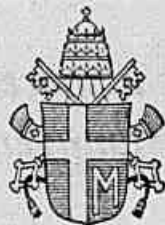
11. Dimensões de tal conflito

O esboço da problemática fundamental do trabalho, conforme foi delineado acima, do modo que se refere aos primeiros textos bíblicos, assim constitui, num certo sentido, a estrutura basilar do ensino da Igreja, que se mantém inalterado através dos séculos, no contexto das diversas experiências da história. Todavia, sobre o pano de fundo das experiências que precederam a publicação da Encíclica *Rerum Novarum* e daquelas que a seguiram, este ensino adquire uma particular possibilidade de expressão e um caráter de viva atualidade. O trabalho aparece em tal análise como uma grande realidade, que exerce uma influência fundamental sobre a formação, no sentido humano, do mundo confiado ao homem pelo Criador e sobre a sua humanização; ele é também uma realidade intimamente ligada ao homem, como ao seu sujeito próprio, e à sua maneira racional de agir. Esta realidade, no curso normal das coisas, preenche a vida humana e tem uma forte incidência sobre o seu valor e sobre o seu sentido. Muito embora unido com a fadiga e o esforço, o trabalho não cessa de ser um bem, de tal sorte que o homem se desenvolve mediante o amor pelo trabalho. Este caráter do *trabalho humano*, totalmente *positivo e criador, educativo e meritório*, deve constituir o fundamento das avaliações e das decisões que nos dias de hoje se tomam a seu respeito, mesmo as que têm referência aos *direitos subjetivos do homem*, como o atestam as *Declarações* internacionais e igualmente os múltiplos *Códigos do trabalho*, elaborados tanto pelas competentes instituições legislativas dos diversos países, como pelas organizações que consagram a sua atividade social ou científico-social à problemática do trabalho. Há um organismo que promove a nível internacional tais iniciativas: é a *Organização Internacional do Trabalho*, a mais antiga das Instituições especializadas da Organização das Nações Unidas.

Mais adiante, no seguimento das presentes considerações, tenho intenção de voltar de maneira mais pormenorizada a estes problemas importantes, recordando então ao menos os elementos fundamentais da doutrina da Igreja sobre este tema. Antes, porém, é conveniente tratar com brevidade de um círculo muito importante de problemas, rodeado pelos quais se foi formando tal ensino da Igreja na última fase, isto é, naquele período cujos inícios se podem situar, num certo sentido simbólico, no ano de que data a publicação da Encíclica *Rerum Novarum*.

É sabido que, durante todo este período, o qual aliás ainda não terminou, o problema do trabalho foi sendo posto no clima do grande *conflito* que, na época do desenvolvimento industrial e em ligação com ele, se manifestou *entre o "mundo do capital" e o "mundo do trabalho"*; ou seja, entre o grupo restrito, mas muito influente, dos padrões e empresários, dos proprietários ou detentores dos meios de produção, e a multidão mais numerosa da gente que se achava privada de tais meios e que participava no processo de produção, mas isso exclusivamente mediante o seu trabalho. Tal conflito foi originado pelo fato de que os operários punham as suas forças à disposição do grupo dos patrões e empresários, e de que este, guiado pelo princípio do maior lucro da produção, procurava manter o mais baixo possível o salário para o trabalho executado pelos operários. A isto há que juntar ainda outros elementos de exploração, ligados com a falta de segurança no trabalho e também com a ausência de garantias quanto às condições de saúde e de vida dos mesmos operários e das suas famílias.

Este conflito, interpretado por alguns como *conflito* sócio-econômico como *caráter de classe*, encontrou a sua expressão no *conflito ideológico* entre o liberalismo, entendido como ideologia do capitalismo, e o marxismo, entendido como ideologia do socialismo científico e do comunismo, que pretende intervir na qualidade de porta-voz da classe operária, de todo o proletariado mundial. Deste modo, o conflito real que existia entre o mundo do trabalho e o mundo do capital, transformou-se *na luta de classe programada*, conduzida com métodos não apenas ideológicos, mas também e sobretudo políticos. É conhecida a história deste conflito, como são conhecidas as exigências de uma e de outra parte. O programa marxista, baseado na filosofia de Marx e de Engels, vê na luta de classe o único meio para eliminar as injustiças de classe existentes na sociedade, e eliminar as mesmas classes. A realização deste programa propõe-se começar pela *coletivização dos meios de produção*, a fim de que, pela transferência deste meios das mãos dos privados para a colectividade, o trabalho humano seja preservado da exploração.

É para isto, pois, que tende a luta, conduzida com métodos não só ideológicos, mas também

> ***"O papel dos sindicatos não é o de "fazer política" no sentido que hoje comumente se vai dando a essa expressão. Os sindicatos não têm o caráter de "Partidos políticos" que lutam pelo Poder e também não deveriam nunca estar submetidos às decisões dos Partidos políticos, nem manter com eles ligações muito estreitas."***

políticos. Os agrupamentos inspirados pela ideologia marxista como partidos políticos, em conformidade com o princípio da "ditadura do proletariado" e exercitando influências de diversos tipos, incluindo a pressão revolucionária, tendem para o *monopólio do poder em cada uma das sociedades*, a fim de introduzir nelas, mediante a eliminação da propriedade privada dos meios de produção, o sistema coletivista. Segundo os principais ideólogos e chefes deste vasto movimento internacional, a finalidade de tal programa de ação é a de levar a cabo a revolução social e introduzir no mundo inteiro o socialismo e, por fim, o sistema comunista.

Ao entrar rapidamente neste importantíssimo círculo de problemas, que constituem não apenas uma teoria, mas sim o tecido da vida sócio-econômica, política e internacional da nossa época, *não se pode* e nem sequer é necessário *entrar em pormenores*, porque tais problemas são conhecidos, quer graças a uma abundante literatura, quer a partir das experiências práticas. Em lugar disso, deve-se remontar do seu contexto até ao problema fundamental do trabalho humano, ao qual são especialmente dedicadas as considerações contidas no presente documento. Com efeito, é evidente que este problema capital, encarado sempre do ponto de vista do homem — problema que constitui uma das dimensões fundamentais da sua existência terrena e da sua vocação — não pode ser explicado se não for tido em conta o contexto global da realidade contemporânea.

12. Prioridade do trabalho

Diante da realidade dos dias de hoje, em cuja estrutura se encontram marcas bem profundas de tantos conflitos, causados pelo homem, e na qual os meios técnicos — fruto do trabalho humano — desempenham um papel de primeira importância (pense-se ainda, aqui neste ponto, na perspectiva de um cataclismo mundial na eventualidade de uma guerra nuclear, cujas possibilidades de destruição seriam quase inimagináveis), deve recordar-se, antes de mais nada, um princípio ensinado sempre pela Igreja. É o *princípio da prioridade do "trabalho" em confronto com o "capital"*. Este princípio diz respeito diretamente ao próprio processo de produção, relativamente ao qual o trabalho é sempre *uma causa eficiente* primária, enquanto que o "capital", sendo o conjunto dos meios de produção, permanece apenas um *instrumento*, ou causa instrumental. Este princípio é uma verdade evidente, que resulta de toda a experiência histórica do homem.

Quando lemos no primeiro capítulo da Bíblia que o homem tem o dever de "submeter a terra", nós ficamos a saber que estas palavras se referem a todos os recursos que o mundo visível encerra em si e que estão postos à disposição do homem. Tais recursos, no entanto, não podem *servir ao homem senão mediante o trabalho*. E com o trabalho permanece igualmente ligado, desde o princípio, o problema da propriedade. Com efeito, para fazer com que sirvam para si e para os demais os recursos escondidos na natureza, o homem tem como único meio o seu trabalho; e para fazer com que frutifiquem tais recursos, mediante o seu trabalho, o homem apossa-se de pequenas porções das variadas riquezas da natureza: do subsolo, do mar, da terra e do espaço. De tudo isso ele se apropria para aí assentar o seu "banco" de trabalho. E apropria-se disso mediante o trabalho e para poder ulteriormente ter trabalho.

O mesmo princípio se aplica, ainda, às fases sucessivas deste processo, no qual *a primeira fase* continua a ser sempre a *relação* do homem *com os recursos e as riquezas da natureza*. Todo o esforço do conhecimento com que se tende a descobrir tais riquezas e a determinar as diversas possibilidades de utilização das mesmas por parte do homem e para o homem, leva-nos a tomar consciência do seguinte: que tudo aquilo que no complexo da atividade econômica provém do homem — tanto o trabalho, como o conjunto dos meios de produção e a técnica a eles ligada (isto é, a capacidade de utilizar tais meios no trabalho) — pressupõe estas riquezas e estes recursos do mundo visível, *que o homem encontra*, mas não cria. Ele encontra-os, em certo sentido, já prontos e preparados para serem descobertos pelo seu conhecimento e para serem utilizados corretamente no processo de produção. Em qualquer fase do desenvolvimento do seu trabalho, o homem depara com o fato da principal *doação* da parte da "natureza", o que equivale a dizer, em última análise, da parte *do Criador*. No princípio do trabalho humano está o mistério da Criação. Esta afirmação, já indicada como ponto de partida, constitui o fio condutor do presente documento e será mais desenvolvida ainda, na parte final das presentes reflexões.

A consideração do mesmo problema, que se fará em seguida, há-de confirmar-nos na convicção quanto *à prioridade do trabalho humano no confronto com aquilo* que, com o tempo, passou a ser habitual chamar-se " capital ". Com efeito, se no âmbito deste último conceito entram, além dos recursos da natureza postos à disposição do homem, também aquele conjunto de meios pelos quais o homem se apropria dos recursos da natureza, transformando-os à medida das suas necessidades (e deste modo, nalgum sentido, " humanizando-os"), então há que fixar desde já a certeza de que *tal conjunto de meios é o fruto do patrimônio histórico do trabalho humano*. Todos os meios de produção, desde os mais primitivos até os mais modernos, foi o homem que os elaborou: a experiência e a inteligência do homem. Deste modo foram aparecendo não só os instrumentos mais simples que servem para o cultivo da terra, mas também — graças a um adequado progresso da ciência e da técnica — os mais modernos e os mais complexos: as máquinas, as fábricas, os laboratórios e os computadores. Assim *tudo aquilo que serve para o trabalho*, tudo aquilo que, no estado atual da técnica, constitui dele " instrumento " cada dia mais aperfeiçoado, *é fruto do mesmo trabalho*.

Esse instrumento gigantesco e poderoso — qual é o conjunto dos meios de produção, considerados, até certo ponto, como sinônimo do "capital" — nasceu do trabalho e é portador das marcas do trabalho humano. No presente estádio do avanço da técnica, o homem, que é o sujeito do trabalho, quando quer servir-se deste conjunto de instrumentos modernos, ou seja, dos meios de produção, deve começar por assimilar, no plano do conhecimento, o fruto do trabalho dos homens que descobriram tais instrumentos, que os projetaram, os contruíram e aperfeiçoaram, e que continuam a fazê-lo. A *capacidade de trabalho* — quer dizer, de participar eficazmente no processo moderno de produção — exige uma *preparação* cada vez maior e, primeiro que tudo, uma *instrução* adequada. Obviamente, permanece fora de dúvidas que todos os homens que participam no processo de produção, mesmo no caso de executarem só aquele tipo de trabalho para o qual não são necessárias uma instrução particular e qualificações especiais, todos e cada um deles continuam a ser o verdadeiro sujeito eficiente, enquanto que o conjunto dos instrumentos, ainda os mais perfeitos, são única e exclusivamente instrumentos subordinados ao trabalho do homem.

Esta verdade, que pertence ao patrimônio estável da doutrina da Igreja, deve ser sempre sublinhada, em relação com o problema do sistema de trabalho e igualmente de todo o sistema sócio-econômico. É preciso acentuar e pôr em relevo o primado do homem no processo de produção, *o primado do homem em relação às coisas*. E tudo aquilo que está contido no conceito de "capital", num sentido restrito do termo, é somente um conjunto de coisas. Ao passo que o homem, como sujeito do trabalho, independentemente do trabalho que faz, o homem, e só ele, é uma pessoa. Esta verdade contém em si conseqüências importantes e decisivas.

13. "Economismo" e materialismo

À luz de tal verdade vê-se claramente, antes de mais nada, que não se pode separar o "capital" do trabalho e que de maneira nenhuma se pode contrapor o trabalho ao capital e o capital ao trabalho, e, menos ainda — como adiante se verá — se podem contrapor uns aos outros os homens concretos, que estão por detrás destes conceitos. Pode ser reto, quer dizer, em conformidade com a própria essência do problema, e reto ainda, porque intrinsecamente verdadeiro e ao mesmo tempo moralmente legítimo, aquele sistema de trabalho que, nos seus fundamentos, *supera a antinomia entre trabalho e capital*, procurando estruturar-se de acordo com o princípio em precedência enunciado: o princípio da prioridade substancial e efetiva do trabalho, da subjetividade do mesmo trabalho humano e da sua participação eficiente em todo o processo de produção, e isto independentemente da natureza dos serviços prestados pelo trabalhador.

A antinomia entre trabalho e capital não tem a sua fonte na estrutura do processo de produção, nem na estrutura do processo econômico em geral. Este processo, de fato, manifesta a recíproca compenetração existente entre o trabalho e aquilo que se tornou habitual denominar o capital; mostra mesmo o ligame indissolúvel entre as duas coisas. O homem, ao trabalhar em qualquer tarefa no seu "banco" de trabalho, seja este relativamente primitivo ou ultramoderno, pode facilmente cair na conta de que, *pelo seu trabalho, entra na posse de um duplo patrimônio*; ou seja, do patrimônio daquilo que é dado a todos os homens, sob a forma dos recursos da natureza, e do patrimônio daquilo que os outros que o precederam já elaboraram, a partir da base de tais recursos, em primeiro lugar desenvolvendo a técnica, isto é, tornando realidade um conjunto de instrumentos de trabalho, cada vez mais aperfeiçoados. Assim, o homem, ao trabalhar, "aproveita do trabalho de outrem" [21]. Nós aceitamos sem dificuldade esta visão assim do campo e do processo do trabalho humano, guiados tanto pela inteligência quanto pela fé, que vai haurir a luz na Palavra de Deus. Trata-se de *uma visão coerente, teológica e, ao mesmo tempo, humanista*. Nela, o homem aparece-nos como o "senhor" das criaturas, postas à sua disposição no mundo visível. E se no processo do trabalho alguma dependência se descobre, esta é a dependência do homem do Doador de todos os recursos da criação e, por outro lado, a dependência de outros homens, daqueles a cujo trabalho e a cujas iniciativas se devem as já aperfeiçoadas e ampliadas possibilidades existentes para o nosso trabalho. De tudo isto, que no processo de produção constitui um conjunto de "coisas", de instrumentos, do capital, podemos afirmar somente que "*condiciona*" o trabalho do homem; não podemos afirmar, porém, que isto constitua como que o "sujeito" anônimo que *coloca em posição de dependência* o homem e o seu trabalho.

A *ruptura desta visão coerente*, na qual se acha estritamente salvaguardado o princípio do primado da pessoa sobre as coisas, *verificou-se no pensamento humano*, algumas vezes depois de um longo período de incubação na vida prática. E operou-se de tal maneira que o trabalho foi separado do capital e contraposto mesmo ao capital, e por sua vez o capital contraposto ao trabalho, quase como se fossem duas forças anônimas, dois fatores de produção, postos um juntamente com o outro na mesma perspectiva "economista". Em tal maneira de ver o problema, existiu o erro fundamental a que se pode chamar *erro do "economismo"*, que se dá quando o trabalho humano é considerado exclusivamente segundo a sua finalidade econômica. Também se pode e se deve chamar a este erro fundamental do pensamento um *erro do materialismo*, no sentido de que o "economismo" comporta, direta e indiretamente, a convicção do primado e da superioridade daquilo que é material; ao passo que coloca, direta ou indiretamente, numa posição subordinada à realidade material, aquilo que é espiritual e pessoal (o agir do homem, os valores morais e semelhantes). Isso não é ainda o *materialismo teórico*, no sentido pleno da palavra; mas, certamente, é já um *materialismo prático*, o qual — não tanto em virtude das premissas derivantes da teoria materialista, mas sim em virtude de um modo determinado de avaliar as realidades, e portanto em virtude de uma certa hierarquia de bens, fundada na atração imediata e mais forte daquilo que é material — é julgado capaz de satisfazer as necessidades do homem.

O erro de pensar segundo as categorias do *economismo* caminhou a *pari passu* com o formar-se da filosofia materialista e com o desenvolvimento de tal filosofia, desde a fase mais elementar e mais comum (também chamada materialismo vulgar, porque pretende reduzir a realidade espiritual a um fenômeno supérfluo), até a fase do que se denominou materialismo dialético. Parece, no entanto, que — no âmbito das presentes considerações — para o problema fundamental do trabalho humano e, em particular, para aquela separação e contraposição entre "trabalho" e "capital", como entre dois fatores da produção considerados naquela mesma perspectiva "economista", acima referida, o "*economismo*" *teve uma importância decisiva* e influiu exatamente sobre este modo não-humanista de pôr o problema, antes do sistema filosófico materialista. Contudo, é evidente que o materialismo, mesmo sob a sua forma dialética, não está em condições de proporcionar à reflexão sobre o trabalho humano bases suficientes e definitivas, para que o primado do homem sobre o instrumento-capital aí possa encontrar uma adequada e irrefutável *verificação* e um *apoio*. Mesmo no materialismo dialético não é o homem que, antes de tudo o mais, é o sujeito do trabalho humano e a causa eficiente do processo de produção; mas continua a ser compreendido e tratado na dependência daquilo que é material, como uma espécie de "resultante" das relações econômicas e das relações de produção, predominantes numa época determinada.

Evidentemente, a antinomia, que estamos a considerar, entre o trabalho e o capital — a *antinomia* em cujo âmbito o *trabalho foi separado do capital e contraposto a ele*, num certo sentido ônticamente, como se fosse um elemento qualquer do processo econômico — tem a sua origem não apenas na filosofia e nas teorias econômicas do século XVIII, mas também e muito mais em toda a prática econômico-social desses tempos, que coincidem com a época em que nascia e se desenvolvia de modo impetuoso a industrialização, na qual se divisava, em primeiro lugar, a possibilidade de multiplicar abundantemente as riquezas materiais, isto é os meios, perdendo de vista o fim, quer dizer o homem, a quem tais meios devem servir. Foi exatamente este *erro* de ordem prática que atingiu, antes de mais nada, o trabalho humano, *o homem do trabalho*, e que causou a reação social eticamente justa, da qual se falou mais acima. O mesmo erro, que agora já tem uma fisionomia histórica definida, ligada ao período do capitalismo e do liberalismo primitivos, pode voltar a repetir-se ainda, noutras circunstâncias de tempo e de lugar, se no modo de raciocinar se partir das mesmas premissas tanto teóricas como práticas. Não se vêem outras possibilidades de uma superação radical deste erro, a não ser que intervenham mudanças adequadas, quer no campo da teoria quer no da prática, mudanças *que se atenham a uma linha de firme convicção do primado da pessoa sobre as coisas e do trabalho do homem sobre o capital*, entendido como conjunto dos meios de produção.

14. Trabalho e propriedade

O processo histórico — aqui apresentado com brevidade — que indubiamente já saiu da sua fase inicial, mas continua ainda e tende mesmo para se tornar extensivo às relações entre nações e continentes, exige um esclarecimento também sob um outro ponto de vista. Quando se fala da antinomia entre trabalho e capital não se trata, como é evidente, apenas de conceitos abstratos e de "forças anônimas" que agem na produção econômica. Por detrás de um e de outro dos dois conceitos há

> ***"A doutrina social católica não pensa que os sindicatos sejam somente o reflexo de uma estrutura "de classe" da sociedade, como não pensa que eles sejam o expoente de uma luta de classe, que inevitavelmente governe a vida social. Eles são, sim, um expoente da luta pela justiça social, pelos justos direitos dos homens do trabalho segundo as suas diversas profissões."***

homens, os homens vivos e concretos. De um lado, aqueles que executam o trabalho sem serem proprietários dos meios de produção; e do outro lado, aqueles que desempenham a função de patrões e empresários e que são os proprietários. E assim, portanto, vem inserir-se no conjunto deste difícil processo histórico, desde o início, o *problema da propriedade*. A Encíclica *Rerum Novarum*, que tem por tema a questão social, põe em realce também este problema, recordando e confirmando a doutrina da Igreja sobre a propriedade e sobre o direito de propriedade privada, mesmo quando se trata dos meios de produção. E a Encíclica *Mater et Magistra* fez a mesma coisa.

O princípio a que se alude, conforme foi então recordado e como continua a ser ensinado pela Igreja, diverge radicalmente do programa do *coletivismo*, proclamado pelo marxismo e realizado em vários países do mundo, nos decênios que se seguiram à publicação da Encíclica de Leão XIII. E, ao mesmo tempo, ele difere também do programa do *capitalismo*, tal como foi posto em prática pelo liberalismo e pelos sistema políticos que se inspiram no mesmo liberalismo. Neste segundo caso, a diferença está na maneira de compreender o direito de propriedade, precisamente. A tradição cristã nunca defendeu tal direito como algo absoluto e intocável; pelo contrário, sempre o entendeu no contexto mais vasto do direito comum de todos a utilizarem os bens da criação inteira: *o direito à propriedade privada está subordinado ao direito ao uso comum*, subordinado à destinação universal dos bens.

Por outras palavras, a propriedade, segundo o ensino da Igreja, nunca foi entendida de maneira a poder constituir um motivo de contraste social no trabalho. Conforme já foi recordado acima, a propriedade adquire-se primeiro que tudo pelo trabalho e para servir ao trabalho. E isto diz respeito de modo particular à propriedade dos meios de produção. Considerá-los isoladamente, como um conjunto à parte de propriedades, com o fim de os contrapor, sob a forma do "capital", ao "trabalho" e, mais ainda, com o fim de explorar o trabalho, é contrário à própria natureza de tais meios e à da sua posse. Estes não podem ser *possuídos contra o trabalho*, como não podem ser *possuídos para possuir*, porque o único título legítimo para a sua posse — e isto tanto sob a forma da propriedade privada como sob a forma da propriedade pública ou coletiva — *é que eles sirvam ao trabalho*; e que, consequentemente, servindo ao trabalho, tornem possível a realização do primeiro princípio desta ordem, que é a destinação universal dos bens e o direito ao seu uso comum. Sob este ponto de vista, em consideração do trabalho humano e do acesso comum aos bens destinados ao homem, é também para não excluir a *socialização*, dando-se as condições oportunas, de certos meios de produção. No espaço dos decênios que nos separam da publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, o ensino da Igreja tem vindo sempre a recordar todos estes princípios, remontando aos argumentos formulados numa tradição bem mais antiga, por exemplo aos conhecidos argumentos da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino.[22]

No presente documento, que tem por tema principal o trabalho humano, convém confirmar todo o esforço com o qual o ensino da Igreja sobre a propriedade sempre procurou e procura assegurar o primado do trabalho e, por isso mesmo, a *subjetividade* do homem na vida social e, especialmente, na *estrutura dinâmica de todo o processo econômico*. Deste ponto de vista, continua a ser inaceitável a posição do capitalismo "rígido", que defende o direito exclusivo da propriedade privada dos meios de produção, como um "dogma" intocável na vida econômica. O princípio do respeito do trabalho exige que tal direito seja submetido a uma revisão construtiva, tanto em teoria como na prática. Com efeito, se é verdade que o capital — entendido como o conjunto dos meios de produção — é ao mesmo tempo o produto do trabalho de gerações, também é verdade que ele se cria incessantemente graças ao trabalho efetuado com a ajuda do mesmo conjunto dos meios de produção, que aparecem então como um grande "banco" de trabalho, junto do qual, dia-a-dia, a presente geração dos trabalhadores desenvolve a própria atividade. Trata-se aqui, como é óbvio, das diversas espécies de trabalho, não somente do trabalho chamado manual mas também das várias espécies de trabalho intelectual, desde o trabalho de concepção até ao de direção.

Sob esta luz, as numerosas proposições enunciadas pelos peritos da doutrina social católica e também pelo supremo Magistério da Igreja[23] adquirem um significado de particular relevo. Trata-se de *proposições* que dizem respeito à *compropriedade dos meios de trabalho*, à participação dos trabalhadores na gestão e/ou nos lucros das empresas, o chamado "acionariado" do trabalho, e coisas semelhantes. Independentemente da aplicabilidade concreta destas diversas proposições, permanece algo evidente que o reconhecimento da posição justa do trabalho e do homem do trabalho no processo de produção exige várias adaptações, mesmo no âmbito do direito da propriedade dos meios de produção. Ao dizer isto, tomam-se em consideração, não só as situações mais antigas, mas também e antes de mais nada a realidade e a problemática que se criaram na segunda metade deste século, pelo que se refere ao Terceiro Mundo e aos diversos novos países independentes que foram aparecendo — especialmente na África, mas também noutras latitudes — no lugar dos territórios coloniais de outrora.

Se, por conseguinte, a posição do capitalismo "rígido" tem de ser continuamente submetida a uma revisão, no intuito de uma reforma sob o aspecto dos direitos do homem, entendidos no seu sentido mais amplo e nas suas relações com o trabalho, então, sob o mesmo ponto de vista, deve afirmar-se que estas reformas múltiplas e tão desejadas não podem ser realizadas *com a eliminação apriorística da propriedade privada dos meios de produção*. Convém, efectivamente, observar que o simples fato de subtrair esses meios de produção (o capital) das mãos dos seus proprietários privados não basta para os socializar de maneira satisfatória. Assim, eles deixam de ser a propriedade de um determinado grupo social, os proprietários privados, para se tornarem propriedade da sociedade organizada, passando a estar sob a administração e a fiscalização diretas de um outro grupo de pessoas que, embora não tendo a propriedade, em virtude do poder que exercem na sociedade, *dispõem* deles a nível da inteira economia nacional, ou então a nível da economia local.

Este grupo dirigente e responsável pode desempenhar-se das suas funções de maneira satisfatória, do ponto de vista do primado do trabalho; mas pode também cumpri-las mal, reivindicando ao mesmo tempo para si o *monopólio da administração e da disposição* dos meios de produção, sem se deter quanto a isso nem sequer diante da ofensa aos direitos fundamentais do homem. Desde modo, pois, o simples fato de os meios de produção passarem para a propriedade do Estado, no sistema coletivista, não significa só por si, certamente, a "socialização" desta propriedade. Poder-se-á falar de socialização somente quando ficar assegurada a subjetividade da sociedade, quer dizer, quando cada um dos que a compõem, com base no próprio trabalho, tiver garantido o pleno direito a considerar-se coproprietário do grande "banco" de trabalho em que se empenha juntamente com todos os demais. E uma das vias para alcançar tal objectivo poderia ser a de associar o trabalho, na medida do possível, à propriedade do capital e dar possibilidades de vida a uma série de corpos intermediários com finalidades econômicas, sociais e culturais: corpos estes que hão-de usufruir de uma efetiva autonomia em relação aos poderes públicos e que hão-de procurar conseguir os seus objetivos específicos mantendo entre si relações de leal colaboração recíproca, subordinadamente às exigências do bem comum, e que hão-de, ainda, apresentar-se sob a forma e com a substância de uma comunidade viva; quer dizer, de molde a que neles os respectivos membros sejam considerados e tratados como pessoas e estimulados a tomar parte ativa na sua vida.[24]

15. Argumento personalista

Assim, o princípio da prioridade do trabalho em relação ao capital, é um postulado que pertence à ordem da moral social. Este postulado tem uma importância-chave, tanto no sistema fundado sobre o princípio da propriedade privada dos meios de produção, como no sistema em que a propriedade privada de tais meios foi limitada mesmo radicalmente. O trabalho, num certo sentido, é inseparável do capital e não tolera, sob nenhuma forma, aquela antinomia — quer dizer, a separação e contraposição relativamente aos meios de produção — que, resultando de premissas unicamente econômicas, tem pesado sobre a vida humana nos últimos séculos. Quando o homem trabalha, utilizando-se do conjunto dos meios de produção, deseja ao mesmo tempo: que os frutos desse trabalho sejam úteis para si e para outrem; e ainda, no mesmo processar-se do trabalho, poder figurar como corresponsável e co-artífice da atividade no "banco" de trabalho, junto do qual se aplica.

Disto promanam alguns direitos específicos dos trabalhadores, direitos que correspondem à obrigação de trabalhar. Falar-se-á deles em seguida. Entretanto, é necessário frisar bem, desde já, que em geral o homem que trabalha deseja não só receber a remuneração devida pelo seu trabalho, mas deseja também que seja tomada em consideração, no mesmo processo de produção, a possibilidade de que ele, ao trabalhar, ainda que seja numa propriedade comum, esteja cônscio de trabalhar "por sua conta". Esta consciência fica nele abafada, ao encontrar-se num sistema de centralização burocrática excessiva, na qual o trabalhador se vê sobretudo como peça duma engrenagem num grande mecanismo movido de cima; e ainda — por várias razões — mais como um simples instrumento de produção do que como um verdadeiro sujeito do trabalho, dotado de iniciativa própria. O ensino da Igreja exprimiu sempre a firme e profunda convicção de que o trabalho humano não diz respeito simplesmente à economia, mas implica também e sobretudo valores pessoais. O próprio sistema econômico e o processo de produção auferem vantagens precisamente do fato de tais valores pessoais serem respeitados. No pensamento de Santo Tomás de Aquino,[25] é sobretudo esta razão que depõe a favor da propriedade privada dos meios de produção. Se aceitamos que, por motivos certos e fundados, podem ser feitas exceções ao princípio da propriedade privada — e nos nossos tempos estamos mesmo a ser testemunhas de que, na vida, foi introduzido o sistema da propriedade "socializada" — o argumento personalista, contudo, não perde a sua força, nem ao nível dos princípios, nem no campo prático. Toda e qualquer socialização dos meios de produção, para ser racional e frutuosa, deve ter este argumento em consideração. Deve fazer-se todo o possível para que o homem, mesmo num tal sistema, possa conservar a consciência de trabalhar "por sua própria conta". Caso contrário, verificam-se necessariamente danos incalculáveis em todo o processo econômico, danos que não são apenas de ordem econômica, mas que atingem em primeiro lugar o homem.

IV

DIREITOS DOS HOMENS DO TRABALHO

16. No vasto contexto dos direitos do homem

Se o trabalho — nos diversos sentidos da palavra — é uma obrigação, isto é um dever, ele é ao mesmo tempo fonte também de direitos para *o trabalhador*. Tais direitos hão-de ser examinados no vasto *contexto do conjunto dos direitos do homem*, direitos que lhe são conaturais, tendo sido muitos deles proclamados pelas várias instituições internacionais e estão a ser cada vez mais garantidos pelos diversos Estados para os respectivos cidadãos. O respeito deste vasto conjunto de direitos do homem constitui a condição fundamental para a paz no mundo contemporâneo: quer para a paz no interior de cada país e sociedade, quer para a paz no âmbito das relações internacionais, conforme já muitas vezes foi posto em evidência pelo Magistério da Igreja, especialmente após o aparecimento da Encíclica *Pacem in Terris*. *Os direitos humanos que promanam do trabalho* inserem-se, também eles, precisamente no conjunto mais vasto dos direitos fundamentais da pessoa.

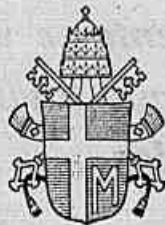
Dentro de um tal conjunto, porém, eles têm um caráter específico, que corresponde à natureza específica do trabalho humano delineada em precedência; e é precisamente em função desse caráter que é necessário considerá-los. O trabalho, como já foi dito, é uma *obrigação*, ou seja, um *dever do homem e isto nos diversos sentidos da palavra*. O homem; deve trabalhar, quer pelo fato de o Criador lh'o haver ordenado, quer pelo fato da sua mesma humanidade, cuja subsistência e desenvolvimento exigem o trabalho. O homem deve trabalhar por um motivo de consideração pelo próximo, especialmente consideração pela própria família, mas também pela sociedade de que faz parte, pela nação de que é filho ou filha, e pela inteira família humana de que é membro, sendo como é herdeiro do trabalho de gerações e, ao mesmo tempo, co-artífice do futuro daqueles que virão depois dele no suceder-se da história. Tudo isto, pois, constitui a obrigação moral do trabalho, entendido na sua acepção mais ampla. Quando for preciso considerar os direitos morais de cada um dos homens pelo que se refere ao trabalho, direitos correspondentes à dita obrigação, impõe-se ter sempre diante dos olhos este amplo círculo de pontos de referência, em cujo centro se situa o trabalho de todos e cada um dos sujeitos que trabalham.

Com efeito, ao falarmos da obrigação do trabalho e dos direitos do trabalhador correspondentes a esta obrigação, nós temos no pensamento, antes de mais nada, a relação entre o *dador de trabalho — direto ou indireto — e o mesmo trabalhador*.

A distinção entre dador de trabalho direto e indireto parece ser muito importante, tendo em consideração tanto a organização real do trabalho, como a possibilidade de se instaurarem relações justas ou injustas no domínio do trabalho.

Se o *dador de trabalho direto* é aquela pessoa ou aquela instituição com as quais o trabalhador estipulam diretamente o contrato de trabalho segundo condições determinadas, então sob a designação de *dador de trabalho indireto* devem ser entendidos numerosos factores diferenciados que, além do dador de trabalho direto, exercem uma influência detérminada sobre a maneira segundo a qual se estabelecem quer o contrato de trabalho quer, como conseqüência, as relações mais ou menos justas no domínio do trabalho humano.

17. Dador de trabalho: "indireto" e "direto"

No conceito de dador de trabalho indireto entram as pessoas, as instituições de diversos tipos, bem como os contratos colectivos de trabalho e *os princípios* de comportamento, que, estabelecidos por essas pessoas ou instituições, determinam todo o *sistema* sócio-econômico ou dele resultam. O conceito de "dador de trabalho indireto", deste modo, refere-se a elementos numerosos e variados. E a responsabilidade do dador de trabalho indireto é diferente da responsabilidade do dador de trabalho direto, como indicam os próprios termos: a responsabilidade é menos direta; mas permanece uma verdadeira responsabilidade, porquanto o dador de trabalho indireto determina substancialmente um e outro aspecto da relação de trabalho, e condiciona assim o comportamento do dador de trabalho direto, quando este último determina concretamente o contrato e as relações de trabalho. Uma verificação deste gênero não tem como finalidade o eximir este último da responsabilidade que lhe cabe, mas simplesmente chamar a atenção para todo o entrelaçado de condicionamentos que influem no seu comportamento. Quando se tratar de instaurar uma *política de trabalho correta sob o ponto de vista ético*, é necessário ter presentes todos esses condicionamentos. E essa política será correta quando forem plenamente respeitados os direitos objetivos do homem do trabalho.

→

> ***"O ensino da Igreja exprimiu sempre a firme e profunda convicção de que o trabalho humano não diz respeito simplesmente à economia, mas implica também e sobretudo valores pessoais. O próprio sistema econômico e o processo de produção auferem vantagens precisamente do fato de tais valores pessoais serem respeitados."***

O conceito de dador de trabalho indireto pode aplicar-se a todas e a cada uma das sociedades e, primeiro que tudo, ao Estado. É o Estado, efetivamente, que deve conduzir uma justa política do trabalho. É sabido, porém, que, no sistema atual das relações econômicas no mundo, se verificam *múltiplas ligações entre os diversos Estados*, ligações que se exprimem por exemplo no processar-se da importação e da exportação, isto é, na permuta recíproca dos bens econômicos, quer se trate de matérias-primas ou de produtos semi-elaborados, quer de produtos industriais já acabados. Tais processos criam também *dependências* recíprocas e, por conseguinte, seria difícil falar de plena auto-suficiência, quer dizer, de autarquia, seja para que Estado for, ainda que se tratasse do mais potente no sentido econômico.

Um tal sistema de dependências recíprocas é em si mesmo normal; todavia, pode facilmente dar azo a diversas formas de exploração ou de injustiça e, por conseguinte, ter influência na política do trabalho dos Estados tomados singularmente e, em última análise, no trabalhador individual que é o sujeito próprio do trabalho. Por exemplo, *os países altamente industrializados* e, mais ainda, as empresas que em vasta escala superintendem nos meios de produção industrial (as chamadas sociedades multinacionais ou transnacionais), ditando os preços o mais alto possível para os seus produtos, procuram ao mesmo tempo fixar os custos mais baixos possível para as matérias-primas ou para os produtos semi-elaborados. Ora isto, juntamente com outras causas, dá como resultado criar uma desproporção sempre crescente entre as rendas nacionais dos respectivos países. A distância entre a maior parte dos países ricos e os países mais pobres não diminui e não se dá a tendência para o nivelamento, mas aumenta cada vez mais, em detrimento, como é óbvio, destes últimos. Evidentemente que isto não deixa de ter os seus efeitos na política local do trabalho e na situação dos trabalhadores nas sociedades economicamente desfavorecidas. O dador direto de trabalho que se encontra num sistema semelhante de condicionamentos fixa as condições de trabalho abaixo das objetivas exigências dos trabalhadores, especialmente se ele próprio quer tirar os lucros mais elevados possível da empresa que dirige (ou das empresas que dirige, quando se trata de uma situação de propriedade "socializada" dos meios de produção).

Este quadro das dependências em relação com o conceito de dador indireto de trabalho, como é fácil deduzir, é muitíssimo amplo e complexo. Para o determinar deve tomar-se em consideração, num certo sentido, o *conjunto* dos elementos decisivos para a vida econômica *no contexto de uma dada sociedade ou Estado*; ao mesmo tempo, porém, devem ter-se em conta ligações e dependências muito mais vastas. O fazer com que se tornem realidade os direitos do homem do trabalho, todavia, não pode ser condenado a constituir somente um elemento derivado dos sistemas econômicos, os quais, em maior ou em menor escala, sejam guiados principalmente pelo critério do lucro máximo. E, pelo contrário, é precisamente a consideração dos direitos objetivos do homem do trabalho — de todo o tipo de trabalhador, braçal, intelectual, industrial, agrícola, etc. — que deve constituir *o critério adequado e fundamental* para a formação de toda a economia, na dimensão tanto da economia de cada uma das sociedades e de cada um dos Estados, como no conjunto da política econômica mundial e dos sistemas e das relações internacionais que derivam da mesma política.

É neste sentido que deveria exercitar-se a influência de todas as *Organizações Internacionais* que a isso são chamadas, a começar pela Organização das Nações Unidas (O.N.U.). Parece terem a proporcionar novas contribuições particularmente quanto a isto a Organização Mundial do Trabalho (O.I.T.), como também a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (F.A.O.) e outras ainda. E na contextura dos diferentes Estados existem ministérios e *órgãos do poder público* e também diversos organismos sociais, instituídos com esta finalidade. Tudo isto indica eficazmente a grande importância que tem — como foi dito acima — o dador de trabalho indireto, para se tornar realidade o pleno respeito dos direitos do homem do trabalho, porque os direitos da pessoa humana constituem o elemento-chave de toda a ordem moral social.

18. O PROBLEMA DO EMPREGO

Ao considerar os direitos do homem do trabalho em relação com este "dador de trabalho indirecto", quer dizer, em relação com o conjunto de instituições que, a nível nacional e a nível internacional, são responsáveis por toda a orientação da política do trabalho, deve voltar-se a atenção antes de mais nada para um *problema fundamental*. Trata-se do problema de ter trabalho ou, por outras palavras, do problema de encontrar *um emprego adaptado para todos aqueles sujeitos que são capazes de o ter*. O contrário de uma situação justa e correcta neste campo é o desemprego, isto é, a falta de lugares de trabalho para as pessoas que são capazes de trabalhar. E pode tratar-se de falta de trabalho em geral, ou então de falta de emprego em determinados sectores do trabalho. O papel das aludidas instituições, que aqui são compreendidas sob a denominação de dador de trabalho indirecto, é o de *actuar contra o desemprego*, que é sempre um mal e, quando chega a atingir determinadas dimensões, pode tornar-se uma verdadeira calamidade social. E o desemprego torna-se um problema particularmente doloroso quando são atingidos sobretudo os jovens que, depois de se terem preparado por meio de uma formação cultural, técnica e profissional apropriada, não conseguem um emprego e, com mágoa, vêem frustradas a sua vontade sincera de trabalhar e a sua disponibilidade para assumir a própria responsabilidade no desenvolvimento económico e social da comunidade. A obrigação de conceder fundos em favor dos empregados, quer dizer, o dever de assegurar as subvenções indispensáveis para a subsistência dos desempregados e das suas famílias, é um dever que deriva do princípio fundamental da ordem moral neste campo, isto é, do princípio do uso comum dos bens ou, para exprimir o mesmo de maneira ainda mais simples, do direito à vida e à subsistência.

Para fazer face ao perigo do desemprego e para garantir trabalho a todos, as instituições que acima foram definidas como dador de trabalho indireto devem prover a uma *planificação global*, que esteja em função daquele "banco" de trabalho diferenciado, junto do qual se plasma a vida, não apenas econômica, mas também cultural, de uma dada sociedade; elas devem dispensar atenção, ainda, à organização correta e racional do trabalho que se desenvolve em tal "banco". Esta solicitude global, em última análise, pesará sobre os ombros do Estado, mas ela não pode significar uma centralização operada unilateralmente pelos poderes públicos. Trata-se, ao contrário, de uma *coordenação* justa e racional, no quadro da qual deve ficar *garantida a iniciativa* das pessoas, dos grupos livres, dos centros e dos complexos de trabalho locais, tendo em conta aquilo que foi dito acima a respeito do carácter subjetivo do trabalho humano.

O fato da dependência recíproca das diversas sociedades e dos diversos Estados, bem como a necessidade de colaboração em diversos domínios exigem que, embora mantendo os direitos soberanos de cada um deles no campo da planificação e da organização do trabalho a nível da própria sociedade, se aja ao mesmo tempo, neste setor importante, no quadro da *colaboração internacional*, mediante os tratados e os acordos necessários. Também aqui, é indispensável que o critério de tais tratados e acordos se torne cada vez mais o trabalho humano, entendido como um direito fundamental de todos os homens, trabalho que dá a todos aqueles que trabalham direitos análogos, de tal maneira que o nível de vida dos homens do trabalho nas diversas sociedades seja *cada vez menos marcado por aquelas diferenças chocantes* que, com a sua injustiça, são susceptíveis de provocar violentas reações. As Organizações Internacionais têm tarefas imensas a desempenhar neste setor. E é necessário que elas se deixem guiar por uma diagnose exata da complexidade das situações, assim como dos condicionamentos naturais, históricos, sociais, etc.; é necessário, ainda, que elas, pelo que se refere aos planos de ação estabelecidos em comum, procurem ter a maior efetividade, isto é, eficácia na realização.

É em tal direção que se pode pôr em prática o plano de um progresso universal e harmonioso de todos, segundo o fio condutor da Encíclica *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI. É necessário acentuar bem que o elemento constitutivo e ao mesmo tempo a *verificação* mais adequada de tal *progresso* no espírito de justiça e de paz, que a Igreja proclama e pelo qual não cessa de orar ao Pai de todos os homens e de todos os povos, é exatamente a *revalorização contínua do trabalho humano*, quer sob o aspecto da sua finalidade objetiva, quer sob o aspecto da dignidade do sujeito de todo o trabalho, que é o homem. O progresso de que se está a falar aqui deve ser atuado pelo homem e para o homem e deve produzir frutos no homem. Uma verificação do mesmo progresso será o reconhecimento cada vez mais maturado da finalidade do trabalho e o respeito cada vez mais universal dos direitos a ele inerentes, em conformidade com a dignidade do homem, sujeito do trabalho.

Uma planificação racional e uma organização adequada do trabalho humano, à medida das diversas sociedades e dos diversos Estados, deveriam facilitar também a descoberta das justas proporções entre os vários tipos de atividades: o trabalho nos campos, o da indústria, o dos multiformes serviços, o trabalho de concepção intelectual e mesmo o científico ou artístico, segundo as capacidades de cada um dos homens e para o bem comum de todas as sociedades e de toda a humanidade. À organização da vida humana segundo as múltiplas possibilidades do trabalho deveria corresponder um *sistema de instrução* e de educação adaptado, que tivesse como finalidade, antes de mais nada, o desenvolvimento da humanidade e a sua maturidade, e também a formação específica necessária para ocupar de maneira rendosa um justo lugar no amplo e socialmente diferenciado "banco" de trabalho.

Lançando o olhar para a inteira família humana espalhada por toda a terra, não é possível ficar sem ser impressionado por *um fato desconcertante* de imensas proporções; ou seja, enquanto que por um lado importantes recursos da natureza permanecem inutilizados, há por outro lado massas imensas de desempregados e subempregados e multidões ingentes de famintos. É um fato que está a demonstrar, sem dúvida alguma, que, tanto no interior de cada comunidade política como nas relações entre elas a nível continental e mundial — pelo que diz respeito à organização do trabalho e do emprego — existe alguma coisa que não está bem, e isso precisamente nos pontos mais críticos e mais importantes sob o aspecto social.

19. SALÁRIO E OUTRAS SUBVENÇÕES SOCIAIS

Depois de ter delineado a traços largos o papel importante que reveste a solicitude por dar possibilidades de trabalho a todos os trabalhadores, a fim de garantir o respeito dos direitos inalienáveis do homem em relação com o seu trabalho, convém tratar mais de perto, ainda que brevemente, de tais direitos que, no fim de contas, se formam na *relação entre o trabalhador e o dador direto de trabalho*. Tudo o que foi dito até agora sobre o tema do dador indireto de trabalho tem por fim precisar mais acuradamente estas relações, mediante a apresentação daqueles múltiplos condicionamentos, no meio dos quais indiretamente se formam as mesmas relações. Esta consideração, contudo, não tem um intento puramente descritivo; por outro lado, também não é um breve tratado de economia ou de política. Trata-se apenas de pôr em evidência o *aspecto deontológico e moral*. E o problema-chave da ética social, neste caso, é o problema da *justa remuneração* do trabalho que é executado. No contexto actual, não há maneira mais importante para realizar a justiça nas relações entre trabalhadores e dadores de trabalho, do que exatamente aquela que se concretiza na remuneração do mesmo trabalho. Independentemente do fato de o trabalho ser efectuado no sistema da propriedade privada dos meios de produção ou num sistema em que a propriedade sofreu uma espécie de "socialização" entre o dador de trabalho (em primeiro lugar o dador direto) e o trabalhador resolve-se à base do salário, quer dizer, mediante a justa remuneração do trabalho que foi feito.

Importa salientar também que a justiça de um sistema sócio-econômico e, em qualquer hipótese, o seu justo funcionamento, devem ser apreciados, no fim de contas, segundo a maneira como é equitativamente remunerado o trabalho nesse sistema. Quanto a este ponto, nós chegamos de novo ao primeiro princípio de toda a ordem ético-social, ou seja, *ao princípio do uso comum dos bens*. Em todo e qualquer sistema, independentemente das relações fundamentais existentes entre o capital e o trabalho, *o salário*, isto é, a *remuneração do trabalho*, permanece um *meio concreto* pelo qual a grande maioria dos homens pode ter acesso àqueles bens que estão destinados ao uso comum, quer se trate dos bens da natureza, quer dos bens que são fruto da produção. Uns e outros tornam-se acessíveis ao homem do trabalho graças ao salário, que ele recebe como remuneração do seu trabalho. Daqui vem que o justo salário se torna em todos os casos a *verificação concreta da justiça* de cada sistema sócio-econômico e, em qualquer hipótese, do seu justo funcionamento. Não é o único meio de verificação, mas é particularmente importante, ele é mesmo, num certo sentido, a verificação-chave.

Esta verificação diz respeito sobretudo à família. Uma justa remuneração do trabalho das pessoas adultas, que tenham responsabilidades de família, é aquela que for suficiente para fundar e manter dignamente uma família e para assegurar o seu futuro. Tal remuneração poderá efectuar-se ou por meio do chamado *salário familiar*, isto é, um salário único atribuído ao chefe da família pelo seu trabalho, e que seja suficiente para as necessidades da sua família, sem que a sua esposa seja obrigada a assumir um trabalho retribuído fora do lar; ou então por meio de outras medidas sociais, como sejam abonos familiares ou os subsídios para as mães que se dedicam exclusivamente à família, subsídios estes que devem corresponder às necessidades efetivas, quer dizer, ao número de pessoas a seu cargo e durante todo o tempo em que elas não estejam em condições de assumir dignamente a responsabilidade da sua própria vida.

A experiência confirma que é necessário aplicar-se *em prol da revalorização social das funções maternas*, dos trabalhos que a elas andam ligados e da necessidade de cuidados, de amor e de carinho que têm os filhos, para se poderem desenvolver como pessoas responsáveis, moral e religiosamente amadurecidas e psicologicamente equilibradas. Reverterá em honra para a sociedade o tornar possível à mãe — sem pôr obstáculos à sua liberdade, sem discriminação psicológica ou prática e sem que ela fique numa situação de desdouro em relação às outras mulheres — cuidar dos seus filhos e dedicar-se à educação deles, segundo as diferentes necessidades da sua idade. O *abandono forçoso* de tais tarefas, por ter de arranjar um trabalho retribuído fora da casa, é algo não correto sob o ponto de vista do bem da sociedade e da família, se isso estiver em contradição ou tornar difíceis tais objetivos primários da missão materna[26]

Nesta ordem de idéias, deve realçar-se que, numa visão mais geral, é necessário organizar e adaptar todo o processo do trabalho, de tal sorte que sejam respeitadas as exigências da pessoa e as suas formas de vida, antes de mais nada da sua vida doméstica, tendo em conta a idade e o sexo de cada uma delas. É um fato que, em muitas sociedades, as mulheres trabalham em quase todos os setores da vida. Convém, no entanto, que elas possam desempenhar plenamente as suas funções, *segundo a índole que lhes é própria*, sem discriminações e sem exclusão dos empregos para que tenham capacidade, como também sem faltar ao respeito pelas suas aspirações familiares e pelo papel específico que lhes cabe no contribuir para o bem comum da sociedade juntamente com o homem. A *verdadeira promoção da mulher* exige que o trabalho seja

> ***"A verdadeira promoção da mulher exige que o trabalho seja estruturado de tal maneira que ela não se veja obrigada a pagar a própria promoção com o ter de abandonar a sua especificidade e com detrimento da sua família, na qual ela, como mãe, tem um papel insubstituível."***

estruturado de tal maneira que ela não se veja obrigada a pagar a própria promoção com o ter de abandonar a sua especificidade e com detrimento da sua família, na qual ela, como mãe, tem um papel insubstituível.

Ao lado do salário, entram em jogo aqui neste ponto ainda outras *subvenções sociais* que têm como finalidade assegurar a vida e a saúde dos trabalhadores e a das suas famílias. As despesas relacionadas com as necessidades de cuidar da saúde, especialmente em caso de acidentes no trabalho, exigem que o trabalhador tenha facilmente acesso à assistência sanitária; e isto, na medida do possível, a preços reduzidos ou mesmo gratuitamente. Um outro setor respeitante às subvenções é o daquilo que anda ligado ao *direito ao repouso*; trata-se aqui, antes de mais nada, do repouso semanal regular, compreendendo pelo menos o domingo, e além disso de um repouso mais longo, as chamadas férias, uma vez por ano ou, eventualmente, algumas vezes durante o ano, divididas por períodos mais breves. E trata-se, ainda, do direito à pensão de aposentadoria ou reforma, ao seguro para a velhice e ao seguro para a velhice e ao seguro para os casos de acidentes de trabalho. E no âmbito destes direitos principais desdobra-se todo um sistema de direitos particulares: juntamente com a remuneração do trabalho, eles são o índice de uma correta ordenação das relações entre o trabalhador e o dador de trabalho. Entre estes direitos, há que ter sempre presente o direito a dispor de ambientes de trabalho e de processos de laboração que não causem dano à saúde física dos trabalhadores nem lesem a sua integridade moral.

20. A IMPORTÂNCIA DOS SINDICATOS

Com base em todos estes direitos, juntamente com a necessidade de os garantir por parte dos mesmos trabalhadores, surge ainda um outro direito: *o direito de se associar*, quer dizer, o direito de formar associações ou uniões, com a finalidade de defender os interesses vitais dos homens empregados nas diferentes profissões. Estas uniões têm o nome de *sindicatos*. Os interesses vitais dos homens do trabalho são até certo ponto comuns a todos; ao mesmo tempo, porém, cada espécie de trabalho, cada profissão, possui uma sua especificidade, que deveria encontrar nestas organizações de maneira particular o seu reflexo próprio.

Os sindicatos têm os seus ascendentes, num certo sentido, já nas corporações artesanais da Idade Média, na medida em que tais organizações uniam entre si os homens que pertenciam ao mesmo ofício, isto é, agremiavam-nos *em base ao trabalho que eles faziam*. No entanto, os sindicatos também diferem dessas corporações neste ponto essencial: os modernos sindicatos cresceram a partir da luta dos trabalhadores, do mundo do trabalho e, sobretudo, dos trabalhadores da indústria, pela tutela dos seus *justos direitos*, em confronto com os empresários e os proprietários dos meios de produção. Constitui sua tarefa a defesa dos interesses existenciais dos trabalhadores em todos os setores em que entram em causa os seus direitos. A experiência histórica ensina que as organizações deste tipo são um *elemento indispensável da vida social*, especialmente nas modernas sociedades industrializadas. Isto, evidentemente, não significa que somente os trabalhadores da indústria possam constituir associações deste gênero. Os representantes de todas as profissões podem servir-se delas para garantir os seus respectivos direitos. Existem, com efeito, os sindicatos dos agricultores e dos trabalhadores intelectuais; como existem também as organizações dos dadores de trabalho. Todos, como já foi dito acima, se subdividem em grupos e subgrupos segundo as particulares especializações profissionais.

A doutrina social católica não pensa que os sindicatos sejam somente o reflexo de uma estrutura "de classe" da sociedade, como não pensa que eles sejam o expoente de uma luta de classe, que inevitavelmente governe a vida social. Eles são, sim, *um expoente da luta pela justiça social*, pelos justos direitos dos homens do trabalho segundo as suas diversas profissões. No entanto, esta "luta" deve ser compreendida como um empenhamento normal das pessoas "em prol" do justo bem: no caso, em prol do bem que corresponde às necessidades e aos méritos dos homens do trabalho, associados segundo as suas profissões; mas *não é uma luta "contra" os outros*. Se ela assume um caráter de oposição aos outros, nas questões controvertidas, isso sucede por se ter em consideração o bem que é a justiça social, e não por se visar a "luta" pela luta, ou então para eliminar o antagonista. O trabalho tem como sua característica, antes de mais nada, unir os homens entre si; e nisto consiste a sua força social: a força para construir uma comunidade. E no fim de contas, nessa comunidade devem unir-se tanto aqueles que trabalham como aqueles que dispõem dos meios de produção ou que dos mesmos são proprietários. À *luz desta estrutura fundamental* de todo o trabalho — à luz do fato de que, afinal, o "trabalho" e o "capital" são as componentes indispensáveis do processo de produção em todo e qualquer sistema social — a união dos homens para se assegurarem os direitos que lhes cabem, nascida das exigências do trabalho, permanece um fator construtivo de *ordem social* e de *solidariedade*, fator do qual não é possível prescindir.

Os justos esforços para garantir os direitos dos trabalhadores, que se acham unidos pela mesma profissão, devem ter sempre em conta limitações que impõe a situação econômica geral do país. As exigências sindicais não podem transformar-se numa espécie de *"egoísmo" de grupo ou de classe*, embora possam e devam também tender para corrigir — no que respeita ao bem comum da inteira sociedade — tudo aquilo que é defeituoso no sistema de propriedade dos meios de produção, ou no modo de os gerir e de dispor deles. A vida social e econômico-social é certamente como um sistema de "vasos comunicantes", e todas e cada uma das atividades sociais, que tenham como finalidade salvaguardar os direitos dos grupos particulares, devem adaptar-se a tal sistema.

Neste sentido, a atividade dos sindicatos entra indubitavelmente no campo da *"política"*, entendida como *uma prudente solicitude pelo bem comum*. Ao mesmo tempo, porém, o papel dos sindicatos não é o de "fazer política" no sentido que hoje comumente se vai dando a esta expressão. Os sindicatos não têm o caráter de "Partidos políticos" que lutam pelo Poder e também não deveriam nunca estar submetidos às decisões dos Partidos políticos, nem manter com eles ligações muito estreitas. Com efeito, se for esta a situação, eles perdem facilmente o contato com aquilo que é o seu papel específico, que é o de garantirem os justos direitos dos homens do trabalho no quadro do bem comum de toda a sociedade, e, ao contrário, tornam-se *um instrumento da luta para outros fins*.

Ao falar da tutela dos justos direitos dos homens do trabalho segundo as suas diversas profissões, é preciso naturalmente ter sempre diante dos olhos aquilo de que depende o caráter subjetivo do trabalho em cada profissão; mas, ao mesmo tempo, ou primeiro de tudo, aquilo que condiciona a dignidade própria do sujeito do trabalho. E aqui apresentam-se múltiplas possibilidades para a ação das organizações sindicais, inclusive também para um seu *empenhamento por coisas de caráter instrutivo, educativo e de promoção da auto-educação*. A ação das escolas, das chamadas "universidades operárias" e "populares", dos programas e dos cursos de formação, que desenvolveram e continuam ainda a desenvolver atividades neste campo, é uma ação benemérita. Deve sempre desejar-se que, graças à ação dos seus sindicatos, o trabalhador não só possa "ter" mais, mas também e sobretudo possa "ser" mais; o que equivale a dizer, possa realizar mais plenamente a sua humanidade sob todos os aspectos.

Ao agirem em prol dos justos direitos dos seus membros, os sindicatos lançam mão *também do método da "greve"*, ou seja, da suspensão do trabalho, como de uma espécie de *ultimatum* dirigido aos órgãos competentes e, sobretudo, aos dadores de trabalho. É um modo de proceder que a doutrina social católica reconhece como legítimo, observadas as devidas condições e nos justos limites. Em relação a isto os trabalhadores deveriam ter assegurado o *direito à greve*, sem terem de sofrer sanções penais pessoais por nela participarem. Admitindo que se trata de um meio legítimo, deve simultaneamente relevar-se que a greve continua a ser, num certo sentido, um meio extremo. *Não se pode abusar dele;* e não se pode abusar dele especialmente para fazer o jogo da política. Além disso, não se pode esquecer nunca que, quando se trata de serviços essenciais para a vida da sociedade, estes devem ficar sempre assegurados, inclusive, se isso for necessário, mediante apropriadas medidas legais. O abuso da greve pode conduzir à paralisação da vida sócio-econômica; ora isto é contrário às exigências do bem comum da sociedade, o qual também corresponde à natureza, entendida retamente, do mesmo trabalho.

21. DIGNIDADE DO TRABALHO AGRÍCOLA

Tudo o que foi dito em precedência sobre a dignidade do trabalho e sobre a dimensão objetiva e subjetiva do trabalho do homem, tem aplicação direta ao problema do trabalho agrícola e à situação do homem que cultiva a terra no duro trabalho dos campos. Trata-se, efetivamente, de um setor muito vasto do âmbito do trabalho do nosso planeta, não circunscrito a um ou a outro dos continentes e não limitado àquelas sociedades que já atingiram um certo nível de desenvolvimento e de progresso. O mundo agrícola, que proporciona à sociedade os bens necessários para a sua sustentação quotidiana, reveste-se de *uma importância fundamental*. As condições do mundo rural e do trabalho agrícola não são iguais em toda a parte e as situações sociais dos trabalhadores agrícolas são diferentes nos diversos países . E isso não depende somente do grau de desenvolvimento da técnica agrícola, mas também, e talvez mais ainda, do reconhecimento dos justos direitos dos trabalhadores agrícolas e, enfim, do nível de consciência daquilo que concerne a toda a ética social do trabalho.

O trabalho dos campos reveste-se de não leves dificuldades, como sejam o esforço físico contínuo e por vezes extenuante, o pouco apreço em que é tido socialmente, a ponto de criar nos homens que se dedicam à agricultura a sensação de serem socialmente marginalizados e de incentivar no seu meio o fenômeno da fuga em massa do campo para as cidades e, infelizmente, para condições de vida ainda mais desumanizantes. A isto acrescente-se a falta de formação profissional adequada, a falta de utensílios apropriados, um certo individualismo rastejante e, ainda *situações objetivamente injustas*. Em certos países em vias de desenvolvimento, há milhões de homens que se vêem obrigados a cultivar as terras de outros e que são explorados pelos latifundiários, sem esperança de alguma vez poderem chegar à posse nem sequer de um pedaço mínimo de terra "como sua propriedade". Não existem formas de proteção legal para a pessoa do trabalhador agrícola e para a sua família, no caso de velhice, de doença ou de falta de trabalho. Longas jornadas de duro trabalho físico são pagas miseramente. Terras cultiváveis são deixadas ao abandono pelos proprietários; títulos legais para a posse de um pequeno pedaço de terra, cultivado por conta própria de há a anos, são preteridos ou ficam sem defesa diante da "fome da terra" de indivíduos ou de grupos mais potentes. E mesmo nos países economicamente desenvolvidos, onde a investigação científica, as conquistas tecnológicas ou a política do Estado levaram a agricultura a atingir um nível muito avançado, o direito ao trabalho pode ser lesado quando se nega ao camponês a faculdade de participar nas opções decisionais respeitantes ao trabalho em que presta os seus serviços, ou quando é negado o direito à livre associação visando à justa promoção social, cultural e econômica do trabalhador agrícola.

Em muitas situações, portanto, são necessárias mudanças radicais e urgentes, para restituir à agricultura — e aos homens dos campos — o seu justo valor *como base de uma sã economia*, no conjunto do desenvolvimento da comunidade social. É por isso que se impõe proclamar e promover a dignidade do trabalho, de todo o trabalho, especialmente do trabalho agrícola, no qual o homem de maneira tão expressiva "submete a terra", recebida de Deus como dom, e afirma o seu "domínio" no mundo visível.

22. A PESSOA DEFICIENTE E O TRABALHO

Em tempos recentes, as comunidades nacionais e as organizações internacionais têm voltado a sua atenção para um outro problema relacionado com o trabalho e que é bem denso de reflexos: o problema das pessoas deficientes. Também elas são sujeitos plenamente humanos, dotados dos correspondentes direitos inatos, sagrados e invioláveis, que, apesar das limitações e dos sofrimentos inscritos no seu corpo e nas suas faculdades, põem mais em relevo a dignidade e a grandeza do homem. E uma vez que a pessoa que tem quaisquer "deficiências" é um sujeito dotado de todos os seus direitos, deve facilitar-se-lhe a participação na vida da sociedade em todas as dimensões e a todos os níveis que sejam acessíveis para as suas possibilidades. A pessoa deficiente é um de nós e participa plenamente da mesma humanidade que nós. Seria algo radicalmente indigno do homem e seria uma negação da humanidade comum admitir à vida da sociedade, e portanto ao trabalho, só os membros na plena posse das funções do seu ser, porque, procedendo desse modo, recair-se-ia numa forma grave de discriminação, a dos fortes e sãos contra os fracos e doentes. O trabalho no sentido objectivo deve ser subordinado, também neste caso, à dignidade do homem, ao sujeito do trabalho e não às vantagens econômicas.

Compete, pois, às diversas entidades implicadas no mundo do trabalho, ao dador direto bem como ao dador indireto de trabalho, promover com medidas eficazes e apropriadas o direito da pessoa deficiente à preparação profissional e ao trabalho, de modo que ela possa ser inserida numa atividade produtiva para a qual seja idônea. Aqui apresentam-se muitos problemas de ordem prática, legal e também econômica; mas cabe à comunidade, quer dizer, às autoridades públicas, às associações e aos grupos intermédios, às empresas e aos mesmos deficientes pôr em comum ideias e recursos para se alcançar esta finalidade inabdicável: *que seja proporcionado um trabalho às pessoas deficientes, segundo as suas possibilidades*, porque o requer a sua dignidade de homens e de sujeitos do trabalho. Cada comunidade há-de procurar munir-se das estruturas adaptadas para se encontrarem ou para se criarem lugares de trabalho para tais pessoas, quer nas comuns empresas públicas ou privadas — que lhes proporcionem um lugar de trabalho ordinário ou então adaptado para o seu caso — quer nas empresas e nos meios de trabalho chamados "de proteção".

Uma grande atenção deverá ser dedicada, como para todos os outros trabalhadores, às condições físicas e psicológicas de trabalho dos deficientes, à sua justa remuneração, à sua possibilidade de promoção e à eliminação dos diversos obstáculos. Sem querer esconder que se trata de uma tarefa complexa e não fácil, é para desejar que *uma concepção exata do trabalho no sentido subjetivo* permita chega-se a uma situação que dê à pessoa deficiente a possibilidade de sentir-se não já à margem do mundo e do trabalho ou a viver na dependência da sociedade, mas sim como um sujeito do trabalho de pleno direito, útil, respeitado na sua dignidade humana e chamado a contribuir para o progresso e para o bem da sua família e da comunidade, segundo as próprias capacidades.

23. O TRABALHO E O PROBLEMA DA EMIGRAÇÃO

É necessário, por fim, dedicar uma palavra, ao menos de maneira sumária, ao *problema da emigração por motivos de trabalho*. Trata-se de um fenô-

"Suportando o que há de penoso no trabalho em união com Cristo crucificado por nós, o homem colabora, de algum modo, com o Filho de Deus na redenção da humanidade. Mostrar-se-á como verdadeiro discípulo de Jesus, levando também ele a cruz de cada dia nas atividades que é chamado a realizar."

meno antigo, mas que se repete continuamente e que nos dias de hoje assume mesmo dimensões tão grandes que são de molde a complicar a vida contemporânea. O homem tem sempre o direito de deixar o próprio país de origem por diversos motivos — como também de a ele voltar — e de procurar melhores condições de vida num outro país. Este facto, certamente, não anda disjunto de dificuldades de natureza diversa; primeiro que tudo, ele constitui, em geral, uma perda para o país do qual se emigra. É o afastamento de um homem, que é ao mesmo tempo um membro de uma grande comunidade, unificada pela sua história, pela sua tradição e pela sua cultura, o qual parte para ir recomeçar uma vida no seio de outra sociedade, unificada por uma outra cultura e, muitas vezes, também por uma outra língua. Neste caso, vem a faltar *um sujeito de trabalho* que, com o esforço do próprio pensamento ou dos seus braços poderia contribuir para o aumento do bem comum no seu país; e eis que tal esforço e tal contribuição vão ser dados a outra sociedade, a qual, num certo sentido, tem a isso menos direito do que a pátria de origem.

E no entanto, apesar de a emigração ser sob certos aspectos um mal, em determinadas circunstâncias é, como se costuma dizer, um mal necessário. Devem envidar-se todos os esforços — e certamente muito se faz com tal finalidade — para que este mal no sentido material não comporte *danos de maior no sentido moral*, e até mesmo para que, na medida em que é possível, ele traga uma melhoria na vida pessoal, familiar e social do emigrado; e isto diz respeito quer ao país de chegada quer à pátria de onde partiu. Neste domínio, muitíssimas coisas dependem de uma justa legislação, em particular quando se trata dos direitos do homem e do trabalho. Compreende-se, pois, que tal problema, sobretudo se focado deste ponto de vista, tenha cabimento no contexto das presentes considerações.

A coisa mais importante é que o homem que trabalha fora do seu país natal, como emigrado permanente ou como trabalhador ocasional, não venha a encontrar-se *desfavorecido* pelo que se refere aos direitos relativos ao trabalho, em confronto com os trabalhadores dessa sociedade determinada. A emigração por motivo de trabalho não pode de maneira nenhuma tornar-se uma ocasião de exploração financeira ou social. No que diz respeito à relação de trabalho com o trabalhador imigrado devem ser válidos os mesmos critérios seguidos para todos os outros trabalhadores da mesma sociedade. O valor do trabalho deve ser medido com a mesma medida e não tendo em linha de conta a diferença de nacionalidade, de religião ou de raça. Com mais razão ainda, *não pode ser explorada a situação de constragimento* em que se encontre o imigrado. Todas estas circunstâncias devem absolutamente ceder — naturalmente depois de terem sido tomadas em considerações as qualificações específicas — diante do valor fundamental do trabalho, valor que anda ligado com a dignidade da pessoa humana. E uma vez mais vem ao caso repetir o princípio fundamental: a hierarquia dos valores, o sentido profundo do trabalho exigem que o capital esteja em função do trabalho e não o trabalho em função do capital.

V

ELEMENTOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE DO TRABALHO

24. PAPEL PARTICULAR DA IGREJA

A última parte das presentes reflexões sobre o tema de trabalho humano, a propósito do 90º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, convém dedicá-la à espiritualidade do trabalho no sentido cristão da expressão. Dado que o trabalho na sua dimensão subjetiva é sempre uma ação pessoal, *actus personae*, daí se segue que *é o homem todo que nele participa, com seu corpo e o seu espírito*, independente do facto de ser um trabalho manual ou intelectual. E é também ao homem todo que é dirigida a Palavra de Deus vivo, a mensagem evangélica da Salvação, na qual se encontram muitos ensinamentos — como que luzes particulares — concernentes ao trabalho humano. Ora, é necessária uma assimilação adequada de tais ensinamentos; é preciso o esforço interior do espírito humano, guiado pela fé, pela esperança e pela caridade, para *dar ao trabalho* do homem concreto, com a ajuda desses ensinamentos, *aquele sentido que ele tem aos olhos de Deus* e mediante o qual o mesmo trabalho entra na obra da salvação conjuntamente com as suas tramas e componentes ordinárias e, ao mesmo tempo, muito importantes.

Se a Igreja considera como seu dever pronunciar-se a respeito do trabalho, do ponto de vista do seu valor humano e da ordem moral em que ele está abrangido, e se ela reconhece nisso uma sua tarefa importante incluída no serviço que presta à inteira mensagem evangélica, a mesma Igreja vê simultâneamente um seu dever particular *na promoção de uma espiritualidade do trabalho*, susceptível de ajudar todos os homens a aproximarem-se através dele de Deus, Criador e Redentor, e a participarem nos seus desígnios salvíficos quanto ao homem e ao mundo, e a aprofundarem na sua vida a amizade com Cristo, assumindo mediante a fé uma participação viva na sua tríplice missão: de Sacerdote, de Profeta e de Rei, como ensina, usando expressões admiráveis, o II Concílio do Vaticano.

25. TRABALHO COMO PARTICIPAÇÃO NA OBRA DO CRIADOR

Como diz o II Concílio do Vaticano, "uma coisa é certa para os crentes: a atividade humana individual e coletiva, aquele imenso esforço com que os homens, no decurso dos séculos, tentaram melhorar as condições de vida, considerado em si mesmo, corresponde ao desígnio de Deus. Efetivamente, o homem, criado à imagem de Deus, recebeu a missão de submeter a si a terra e tudo o que ela contém, de governar o mundo na justiça e na santidade e, reconhecendo Deus como o Criador de todas as coisas, de se orientar a si e ao universo todo para Ele, de maneira que, estando tudo subordinado ao homem, o nome de Deus seja glorificado em toda a terra".[27]

Na Palavra da Revelação divina acha-se muito profundamente inscrita esta verdade fundamental: que o *homem*, criado à imagem de Deus, *participa mediante o seu trabalho na obra do Criador* e, num certo sentido, continua, na medida das suas possibilidades, a desenvolvê-la e a completá-la, progredindo cada vez mais na descoberta dos recursos e dos valores contidos em tudo aquilo que foi criado. Esta verdade encontramo-la logo no início da Sagrada Escritura, no Livro do Gênesis, onde a mesma obra da criação é apresentada sob a forma de um "trabalho" realizado durante seis dias por Deus,[28] que se mostra "a repousar" no sétimo dia.[29] Por outro lado, o último Livro da Sagrada Escritura repercute ainda o mesmo tom de respeito pela obra que Deus realizou mediante o seu "trabalho" criador, quando proclama: "Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor, Deus Todo-Poderoso!";[30] proclamação esta, bem análoga à do Livro do Génesis, quando encerra a descrição de cada dia da criação afirmando: "E Deus viu que isso era bom".[31]

Esta descrição da criação, que nós encontramos já no primeiro capítulo do Livro do *Gênesis*, é ao mesmo tempo, *num certo sentido, o primeiro "evangelho do trabalho"*. Ela mostra, de fato, em que é que consiste a sua dignidade: ensina que o homem, ao fazer o trabalho, deve imitar Deus, seu Criador, porque traz em si — e ele somente — este singular elemento de semelhança com Ele. O homem deve imitar Deus quando trabalha, assim como quando repousa, dado que o mesmo Deus quis apresentar-lhe a própria obra criadora sob a *forma do trabalho* e sob a *forma do repouso*. E esta obra de Deus no mundo continua sempre, como o atestam as palavras de Cristo: "Meu Pai opera continuamente...";[32] opera com a força criadora, sustentando na existência o mundo que chamou do nada ao ser; e opera com a força salvífica nos corações dos homens, que desde o princípio destinou para o "repouso"[33] em união consigo mesmo, na "casa do Pai".[34] Por isso, também o trabalho humano não só exige o repouso cada "sétimo dia",[35] mas além disso não pode consistir apenas no exercício das forças humanas na ação exterior: ele tem de deixar um espaço interior, no qual o homem, tornando-se cada vez mais aquilo que deve ser segundo a vontade de Deus, se prepara para aquele *"repouso" que o Senhor reserva para os seus servos e amigos*.[36]

A consciência de que o trabalho humano é uma participação na obra de Deus, deve impregnar — como ensina o recente Concílio — *"também as atividades de todos os dias*. Assim, os homens e as mulheres que, ao ganharem o sustento para si e para as suas famílias, exercem as suas atividades de maneira a bem servir a sociedade, têm razão para considerar o seu trabalho um prolongamento da obra do Criador, um serviço dos seus irmãos e uma contribuição pessoal para a realização do plano providencial de Deus na história".[37]

É necessário, pois, que esta espiritualidade cristã do trabalho se torne patrimônio comum de todos. É necessário, sobretudo na época atual, que a *espiritualidade* do trabalho manifeste aquela maturidade que exigem as tensões e as inquietudes dos espíritos e dos corações: "Longe de pensar que as obras do engenho e do poder humano se opõem ao poder de Deus e de considerar a criatura racional como rival do Criador, os cristãos, ao contrário, estão bem persuadidos de que as vitórias do gênero humano são um sinal da grandeza de Deus e são fruto do seu desígnio inefável. Mas, quanto mais aumenta o poder dos homens, tanto mais se alarga o campo das suas responsabilidades, pessoais e comunitárias... A *mensagem cristã* não afasta os homens da tarefa de construir o mundo, nem os leva a desinteressar-se do bem dos seus semelhantes, mas, pelo contrário, obriga-os a aplicar-se a tudo isto por um dever ainda mais exigente".[38]

A consciência de participar, mediante o trabalho, na obra da criação constitui *motivação* bem profunda para empreendê-lo em diversos setores: "Os fiéis, portanto — lemos na Constituição *Lumen Gentium* — devem reconhecer a natureza íntima de todas as criaturas, o seu valor e a sua ordenação para a glória de Deus, e devem ajudar-se mutuamente, mesmo através das atividades propriamente seculares, a procurar levar uma vida mais santa, para que assim o mundo seja impregnado do espírito de Cristo e atinja mais eficazmente o seu fim, na justiça, na caridade e na paz... Por conseguinte, com a sua competência nas matérias profanas e pela sua atividade intrinsecamente elevada pela graça de Cristo, contribuam com todas as suas forças para que os bens criados sejam valorizados pelo trabalho humano, pela técnica e pela cultura... de harmonia com os fins que lhes deu o Criador e segundo a iluminação do Seu Verbo".[39]

26. CRISTO, O HOMEM DO TRABALHO

Esta verdade, segundo a qual o homem mediante o trabalho participa na obra do próprio Deus, seu Criador, foi particularmente *posta em relevo por Jesus Cristo*, aquele Jesus de quem muitos dos seus primeiros ouvintes em Nazaré "ficavam admirados e exclamavam: "Donde lhe veio tudo isso? E que sabedoria é essa que lhe foi dada?... Porventura não é este o carpinteiro"...?".[40] Com efeito, Jesus não só proclamava, mas sobretudo punha em prática com as obras o "Evangelho" que lhe tinha sido confiado, a Palavra da Sabedoria eterna. Por esta razão, tratava-se verdadeiramente do "evangelho do trabalho", pois *Aquele que o proclamava era Ele próprio homem do trabalho*, do trabalho artesanal como José de Nazaré.[41] E ainda que não encontremos nas suas palavras o preceito especial de trabalhar — até mesmo, uma vez, a proibição de se preocupar de uma maneira excessiva com o trabalho e com os meios para viver[42] — contudo, ao mesmo tempo, a eloquência da vida de Cristo é inequívoca: Ele pertence ao "mundo do trabalho" e tem apreço e respeito pelo trabalho humano; pode-se mesmo dizer mais: *Ele encara com amor este trabalho*, bem como as suas diversas expressões, vendo em cada uma delas uma linha particular da semelhança do homem com Deus, Criador e Pai. Não foi Ele, porventura, que disse "Meu Pai é o agricultor...",[43] transpondo de diversas maneiras para o *seu ensino* aquela verdade fundamental sobre o trabalho que já se encontra expressa em toda a tradição do Antigo Testamento, a começar pelo Livro do *Gênesis*?

Nos Livros do Antigo Testamento não faltam frequentes referências ao trabalho humano, assim como às diversas profissões exercidas pelo homem; assim, por exemplo: ao médico,[44] ao farmacêutico,[45], ao artesão-artista,[46] ao artífice do ferro[47] — esta expressão poder-se-ia referir ao trabalho do operário siderúrgico de hoje — ao oleiro,[48] ao agricultor,[49] ao estudioso,[50] ao navegador,[51] ao trabalhador da construção,[52] ao músico,[53] ao pastor[54] e ao pescador.[55] E são conhecidas as belas palavras dedicadas ao trabalho das mulheres.[56] O próprio Jesus, *nas suas parábolas* sobre o Reino de Deus, refere-se constantemente ao trabalho humano: ao trabalho do pastor,[57], do agricultor,[58] do médico,[59] do semeador,[60] do amo,[61] do servo,[62] do feitor,[63] do pescador,[64] do comerciante [65] e do operário.[66] E fala também das diversas atividades das mulheres.[67] Apresenta o apostolado sob a imagem do trabalho braçal dos ceifeiros[68] ou dos pescadores.[69] E, enfim, refere-se também ao trabalho dos estudiosos.[70]

Este ensino de Cristo sobre o trabalho, baseado no exemplo da própria vida vivida durante os anos de Nazaré, encontra um eco bem forte *no ensino do Apostolo São Paulo*. Dedicando-se provavelmente à confecção de tendas,[71] São Paulo sentia-se ufano de trabalhar no seu ofício, graças ao qual podia, muito embora sendo apóstolo, ganhar por si mesmo o seu pão de cada dia:[72] "Trabalhamos noite e dia, entre fadigas e privações, para não sermos pesados a nenhum de vós"[73]. Daqui derivam as suas instruções a respeito do trabalho, que têm um *caráter de exortação e de preceito*: "A esses tais ordenamos e incitamos, no Senhor Jesus Cristo, que trabalhem em paz, para poderem assim comer o pão ganho por eles próprios", são palavras suas, escritas aos Tessalonicenses.[74] Com efeito, notando que alguns "levam uma vida preguiçosa, em lugar de trabalharem",[75] o Apóstolo, no mesmo contexto, não hesita em dizer: "Se alguém não quer trabalhar, abstenha-se também de comer".[76] E numa outra passagem, ao contrário, ele estimula: "Qualquer coisa que fizerdes, fazei-a com todo o coração, como se fora para o Senhor, e não para os homens, sabendo que do Senhor recebereis como recompensa a herança".[77]

Os ensinamentos do Apóstolo das Gentes, como se vê, têm uma importância-chave para a moral e para a espiritualidade do trabalho humano. Eles são complemento importante para aquele grande, se bem que discreto, "evangelho do trabalho" que nós encontramos na vida de Cristo, nas suas parábolas e em "tudo quanto Jesus foi fazendo e ensinando".[78]

Com base nestas luzes, que emanam da própria Fonte, a Igreja proclamou sempre o que segue e cuja *expressão contemporânea* encontramos no ensino do II Concílio do Vaticano: "A atividade humana, do mesmo modo que procede do homem, assim também para ele se ordena. De fato, quando trabalha o homem não transforma apenas as coisas materiais e a sociedade, mas realiza-se a si mesmo. Aprende muitas coisas, desenvolve as próprias faculdades, sai de si e supera-se a si mesmo. Este desenvolvimento, se for bem compreendido, vale mais do que os bens exteriores que se possam acumular... É a seguinte, pois, a norma para a atividade humana: segundo o plano e a vontade de Deus, ser conforme com o verdadeiro bem da humanidade e tornar possível ao homem, individualmente considerado ou como membro da sociedade, cultivar e realizar a sua vocação integral".[79]

No contexto de tal *visão dos valores do trabalho humano*, ou seja, de uma tal espiritualidade do trabalho, explica-se perfeitamente aquilo que no mesmo ponto da Constituição pastoral do Concílio se lê sobre o justo *significado do progresso*: "O homem vale mais por aquilo que é do que por aquilo que tem. Do mesmo modo tudo o que o homem faz para conseguir mais justiça, uma fraternidade mais difundida e uma ordem mais humana nas relações sociais, excede em valor os progressos técnicos. Com efeito, tais progressos podem proporcionar a base material para a promoção humana, mas, por si sós, de modo nenhum são capazes de a realizar".[80]

Esta doutrina sobre o problema do progresso e do desenvolvimento — tema tão dominante na mentalidade contemporânea — poderá ser entendida somente como fruto de uma espiritualidade do trabalho já provada, e *somente sobre a base de uma tal espiritualidade* é que ela pode ser realizada e posta em prática. Esta é a doutrina e ao mesmo tempo o programa que lançam as raízes no "evangelho do trabalho".

27. O TRABALHO HUMANO À LUZ DA CRUZ E DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Há ainda um outro aspecto do trabalho humano, uma sua dimensão essencial, em que a espiritualidade fundada no Evangelho penetra profundamente. *Todo o trabalho*, seja ele manual ou intelectual, anda inevitavelmente conjunto *à fadiga*. O Livro do *Gênesis* exprime isto mesmo de maneira verdadeiramente penetrante, ao contrapor àquela *bênção* original do trabalho, contida no próprio mistério da Criação e ligada à elevação do homem como imagem de Deus, a *maldição* que o *pecado* trouxe consigo: "Maldita seja a terra por tua causa! Com trabalho penoso tirarás dela o alimento todos os dias da tua vida".[81] Esta pena ligada ao trabalho indica o caminho da vida do homem sobre a terra e constitui o *anúncio da morte*: "Comerás o pão com o suor da fronte, até que voltes à terra da qual foste tirado...".[82] Como que fazendo-se eco destas palavras, assim se exprime o autor de um dos Livros sapienciais: "Refleti em todas as obras realizadas por minhas mãos e em todas as fadigas a que me submeti...".[83] Não há homem algum sobre a terra que não possa fazer suas estas palavras.

O Evangelho profere, em certo sentido, a sua última palavra a propósito disto ainda, no mistério pascal de Jesus Cristo. E é aqui que é preciso ir procurar a resposta para estes problemas tão importantes para a espiritualidade do trabalho humano. No *mistério pascal* está contida a *Cruz* de Cristo, a sua obediência até à morte, que o Apóstolo contrapõe àquela desobediência que pesou desde o princípio na história do homem sobre a terra.[84] Aí está contida também a elevação de Cristo que, passando pela morte de cruz, retorna para junto dos seus discípulos com a potência do Espírito Santo pela Ressurreição.

O suor e a fadiga, que o trabalho comporta necessariamente na presente condição da humanidade, proporcionam aos cristãos e a todo o homem, dado que todos são chamados para seguir a Cristo, a possibilidade de participar no amor à obra que o mesmo Cristo veio realizar.[85] Esta obra de salvação foi realizada por meio do sofrimento e da morte de cruz. Suportando o que há de penoso no trabalho em união com Cristo crucificado por nós, o homem colabora, de algum modo, com o Filho de Deus na redenção da humanidade. Mostrar-se-á como verdadeiro discípulo de Jesus, levando também ele a cruz de cada dia[86] nas atividades que é chamado a realizar.

Cristo, "suportando a morte por todos nós, pecadores, ensina-nos com o seu exemplo ser necessário que também nós levemos a cruz que a carne e o mundo fazem pesar sobre os ombros daqueles que buscam a paz e a justiça"; ao mesmo tempo, porém, "constituído Senhor *pela sua Ressurreição*, Ele, Cristo, a quem foi dado todo o poder no céu e no terra, opera já pela virtude do Espírito Santo, nos corações dos homens... purificando e robustecendo aquelas generosas aspirações que levam a família dos homens a tentar tornar a sua vida mais humana e a submeter para esse fim toda a terra".[87]

No trabalho humano, o cristão encontra uma pequena parcela da cruz de Cristo e aceita-a com o mesmo espírito de redenção com que Cristo aceitou por nós a sua Cruz. E, graças à luz que, emanando da Ressurreição do mesmo Cristo, penetra dentro de nós, descobrimos sempre no trabalho um *vislumbre* da vida nova, *do novo bem*, um como que anúncio dos "céus novos e da nova terra"[88] os quais são participados pelo homem e pelo mundo precisamente mediante o que há de penoso no trabalho. Mediante a fadiga e nunca sem ela. Ora tudo isto, por um lado, confirma ser indispensável a cruz numa espiritualidade do trabalho humano; por outro lado, porém, patenteia-se nesta cruz, no que nele há de penoso, um bem novo, o qual tem o seu princípio no mesmo trabalho: no trabalho entendido em profundidade e sob todos os aspectos, e jamais sem ele.

E será já este *novo bem* — fruto do trabalho humano — uma pequena parcela daquela "nova terra" onde habita a justiça?[89] E em que relação permanecerá ele com a *Ressurreição de Cristo*, se é verdade ser aquilo que multiformemente é penoso no trabalho do homem uma pequena parcela da Cruz de Cristo? O Concílio procura responder também a esta pergunta, indo haurir luz nas mesmas fontes da Palavra relevada: "É certo que nos é lembrado que nada aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se se perde a si mesmo (cf. *Lc*. 9, 25). A expectativa da nova terra, porém, não deve enfraquecer, mas antes estimular a solicitude por cultivar esta terra, onde cresce aquele corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração em que se vislumbra o mundo novo. Por conseguinte, embora se deva distinguir cuidadosamente o progresso terreno do crescimento do reino de Cristo, todavia, na medida em que tal progresso pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, tem muita importância para o reino de Deus".[90]

Procuramos, ao longo das presentes reflexões dedicadas ao trabalho humano, pôr em realce tudo aquilo que parecia indispensável, dado que é mediante ele que devem multiplicar-se sobre a face da terra não só "os frutos da nossa actividade", mas também "a dignidade do homem, a comunhão fraterna e a liberdade".[91] O cristão que está atento em ouvir a Palavra de Deus vivo, unindo o trabalho à oração, procure saber que lugar ocupa o trabalho à oração, procure saber que lugar ocupa o seu trabalho não somente no *progresso terreno*, mas também no *desenvolvimento do Reino de Deus*, para o qual todos somos chamados pela potência do Espírito Santo e pela palavra do Evangelho.

Ao concluir estas minhas reflexões, é-me grato dar-vos, a todos vós, veneráveis Irmãos e caríssimos Filhos e Filhas, de todo o coração, uma propiciadora Bênção Apostólica.

Este documento, que eu havia preparado para que fosse publicado a 15 de Maio passado, no 90º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, só pôde ser revisto definitivamente por mim depois da minha permanência por enfermidade no hospital.

Dado em Castel Gandolfo, no dia 14 de Setembro, Festa da Exaltação da Santa Cruz, do ano de 1981, terceiro do meu Pontificado.

Joannes Paulus, PP. II

João Paulo II assinou sua terceira Encíclica, a "Laborem Exercens", na segunda-feira passada, sob as vistas do Arcebispo Eduardo Martinez

[1] Cf. *Sl.*. 127 (128), 2: cf. também *Gén.*. 3, 17 ss.; *Prov.*. 10, 22; *Ex.*. 1, 8-14; *Jer.*. 22, 13.
[2] *Cf. Gén.*. 1, 26.
[3] Cf. *Ibid.*. 1, 28.
[4] Carta Enc. *Redemptor Hominis*. 14: AAS 71 (1979), p. 284.
[5] Cf. *Sl.* 127 (128), 2.
[6] *Gén.* 3, 19.
[7] Cf. *Mt.* 13, 52.
[8] II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, 38: AAS 58 (1966), p. 1055.
[9] Cf. *Gén.* 1, 27.
[10] Cf. *Gén.* 1, 28.
[11] Cf. *Hebr.* 2, 17; *Flp.* 2, 5-8.
[12] Cf. Pio XI, Carta Enc. *Quadragesimo Anno*: AAS 23 (1931), p. 221.
[13] Cf. *Dt.* 24, 15; *Tg.* 5, 4; e também *Gén.* 4, 10.
[14] Cf. *Gén.* 1, 28.
[15] Cf. *Gén.* 1, 26 s.
[16] Cf. *Gén.* 3, 19.
[17] *Hebr.* 6, 8; cf. *Gén.* 3, 18.
[18] Cf. *Summa Theol.*, I-II, q. 40, a. 1, c; I-II, q. 34, a. 2, ad 1.
[19] Cf. *Summa Theol.*, I-II, q. 40, a. 1, c; I-II, q. 34, a. 2, ad 1.
[20] Cf. Pio XI, Carta Enc. *Quadragesimo Anno*: AAS 23 (1931), pp. 221-222.
[21] Cf. *Jo.* 4, 38.
[22] Pelo que respeita ao direito à propriedade cf.: *Summa Theol.*, II-II, q. 66, aa. 2, 6; *De Regimine Principum*, L. 1, cc. 15, 17. Pelo que se refere à função social da propriedade, cf. *Summa Theol.*, *II-II, q. 134, a. 1, ad 3.*
[23] *Cf. Pio PP. XI, Carta Enc.* Quadragesimo Anno: AAS 23 (1931), *p. 199; II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo* Gaudium et Spes, 68: AAS 58 *(1966), pp. 1089 s.*
[24] *Cf. João PP. XXIII, Carta Enc.* Mater et Magistra: AAS *53 (1961), p. 419.*
[25] *Cf.* Summa Theol., *II-II, q. 65, a. 2.*
[26] *Cf. II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo* Gaudium et Spes, 67: AAS *58 (1966), p. 1089.*
[27] Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, 34: AAS 58 (1966) pp. 1052s.
[28] *Gén.* 2, 2; *Ex.* 20, 8. 11; *Dt.* 5, 12-14.
[29] *Gén.* 2, 3.
[30] *Apoc.* 15, 3.
[31] *Gén.* 1, 4. 10. 12. 18. 21. 25. 31.
[32] *Jo.* 5, 17.
[33] *Hebr.* 4, 1. 9s.
[34] *Jo.* 14, 2.
[35] *Dt.* 5, 12-14; Ex. 20, 8-12.
[36] Cf. Mt. 25, 21.
[37] II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo conteporâneo *Gaudium et Spes*, 34: AAS 58 (1966), pp. 1052s.
[38] *Ibid.* 34: AAS 58 (1966), pp. 1052s.
[39] II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, 36: AAS 57 (1965), p. 41.
[40] *Mc.* 6, 2s.
[41] Cf. *Mt.* 13, 55.
[42] Cf. *Mt.* 6, 25-34.
[43] *Jo.* 15, 1.
[44] Cf. *Eclo.* (Sir.) 38, 1 ss.
[45] Cf. *Eclo.* (Sir.) 38, 4-8.
[46] Cf. *Ex.* 31, 1-5; Eclo. (Sir.) 38, 27.
[47] Cf. *Gén.* 4, 22; Is. 44, 12.
[48] Cf. *Jer.* 18, 3s; Eclo. (Sir.) 38, 29s.
[49] Cf. *Gén.* 9, 20; Is. 5, 1s.
[50] Cf. *Ecl.* (Co.) 12, 9-12; Eclo. (Sir.) 39, 1-8.
[51] Cf. *Sl.* 107 (108), 23-30; Sab. 14, 2-3a.
[52] Cf. *Gén.* 11, 3; 2 Rs. 12, 12s; 22, 5s.
[53] Cf. *Gén.* 4, 21.
[54] Cf. *Gén.* 4, 2; 37, 3; Ex. 3, 1; Sam. 16, 11; e "passim".
[55] Cf. *Ex.* 47, 10.
[56] Cf. *Prov.* 31, 15-27.
[57] Por ex. *Jo.* 10, 1-16.
[58] Cf. *Mc.* 12, 1-12.
[59] Cf. *Lc.* 1, 23.
[60] Cf. *Mc.* 4, 1-9.
[61] Cf. *Mt.* 13, 52.
[62] Cf. *Mt.* 24, 45; Lc. 12, 42-48.
[63] Cf. *Lc.* 16, 1-8.
[64] Cf. *Mt.* 13, 47-50.
[65] Cf. *Mt.* 13, 45s.
[66] Cf. *Mt.* 20, 1-16.
[67] Cf. *Mt.* 13, 33; Lc. 15, 8s.
[68] Cf. *Mt.* 9, 37; Jo. 4, 35-38.
[69] Cf. *Mt.* 4, 19.
[70] Cf. *Mt.* 13, 52.
[71] Cf. *Act.* 18, 3.
[72] Cf. *Act.* 20, 34s.
[73] 2 *Tess.* 3, 8. São Paulo reconhece aos missionários o direito aos meios de subsistência: 1 Cor. 9, 6-14; Gál. 6, 6; 2 Tess. 3, 9; cf. Lc. 10, 7.
[74] 2 *Tess.* 3, 12.
[75] 2 *Tess.* 3, 11.
[76] 2 *Tess.* 3, 10.
[77] *Col.* 3, 23s.
[78] *Act.* 1, 1.
[79] II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, 35: AAS 58 (1966), p. 1053.
[80] *Ibid.*
[81] *Gén.* 3, 17.
[82] *Gén.* 3, 19.
[83] *Ecl. (Co.)* 2, 11.
[84] Cf. *Rom.* 5, 19.
[85] Cf. *Jo.* 17, 4.
[86] Cf. *Lc.* 9, 23.
[87] II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, 38: AAS 58 (1966), p. 1055s.
[88] Cf. *2 Pdr.* 3, 13; *Apoc.* 21, 1.
[89] Cf. *2 Pdr.* 3, 13.
[90] II Conc. Ecum. do Vaticano, Const. pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*, 39: AAS 58 (1966), p. 1057.

Justiça para todos

O princípio da igualdade e o vilão econômico

Luiz Carlos Bonfim

NO Estado de Direito a personagem principal é uma altiva dama de porte helênico, trajando imaculada manta branca. De olhos vendados, sustenta na mão esquerda a balança de dois pratos e empunha a espada com o braço direito erguido. Ela permanece, assim, impassível, no centro da cena, indiferente ao turbilhão de tramas que se tecem à sua volta e à ruidosa azáfama dos cidadãos.

Seu papel moderador consiste em evitar que os embates entre os personagens descambem do drama à tragédia.

É cega para não distinguir entre o poderoso e o humilde; com a balança pondera, de acordo com a metrologia jurídica, as razões de cada contendor e pela espada impõe, se necessário, o direito daquele em cuja direção a balança se tenha inclinado.

Não toma iniciativa alguma.

Quando entretanto se move por solicitação de qualquer personagem — e nesse drama a platéia é a parte maior do elenco — todos os demais se calam e se sujeitam.

Pena que o preço do ingresso torne essa maravilhosa personagem inacessível a grande parte do respeitável público.

O princípio da igualdade e o vilão econômico

Singela e alegórica, a trama liberal sustenta, firmemente, o ideal da igualdade entre os cidadãos: todos são iguais perante a lei e a todo direito corresponde uma ação que o assegure.

Personagem sem autor, como outros seis de **Pirandello**, exsurge da realidade social o vilão econômico e irrompe em cena, pela porta dos fundos, para estorvar a parábola.

Como não pagou ingresso, não pode participar do espetáculo.

O farisaísmo da proposição abstrata de igualdade, em confronto com a onerosidade concreta da Justiça é insuspeitamente denunciada por Hélio Tornaghi:

"O princípio da igualdade das partes" — diz ele — "torna-se proclamação balofa se uma delas não tem os meios financeiros de enfrentar a outra. Não adianta fechar os olhos; não há paridade e, ao contrário, existe impressionante desnível entre a parte que se faz representar por advogados competentes e caros e a que tem por mandatário um procurador bisonho; entre a que pode pagar perícias custosas e a que não pode arcar com o ônus de perícia alguma; em uma palavra: entre o rico e o pobre. A instituição da **justiça gratuita** é passo para diminuir a distância entre eles. Não é ainda a solução total; por vezes nem é solução alguma e se traduz em puro farisaísmo com que os homens de bem procuram anestesiar a própria consciência. Tinha razão Zola quando dizia:

— Não sei o que é a consciência do canalha, porque nunca fui canalha; mas a dos homens de bem é, às vezes, tenebrosa!"

Todos são iguais perante a lei e a todo direito corresponde uma ação que o assegure.

Como entretanto a Justiça é cara não resta senão reescrever o princípio liberal, como fizeram os bichos de Orwell, ao final de sua revolução: — todos são iguais, mas alguns são mais iguais do que os outros...

O Estado e a Justiça

Atribuindo-se embora o monopólio da Justiça, o Estado não se dispõe, entretanto — e convenhamos que não poderia e nem sempre deveria dispor-se — a administrá-la de modo gratuito, nem muito menos se obriga a remunerar aqueles que se vêem na contingência de convocar — advogados, peritos, tradutores — para colaborarem na atividade judiciária. Daí resultam duas espécies de **despesas processuais** com que as partes são obrigadas a arcar, seja para impulsionar a ação, seja para defender-se: umas devidas ao próprio Estado (taxa judiciária, custas e emolumentos); outras àqueles convocados para o auxiliarem no curso do processo (honorários de advogado, de perito, de tradutores, diárias de testemunhas, etc.).

Sempre que necessárias, tais despesas devem ser adiantadas pela parte a que incumbam de acordo com a lei, ressarcindo-se entretando o vencedor dos dispêndios que houver efetuado, ao final do processo, diretamente da parte vencida.

Como ônus, "imperativos do próprio interesse", na definição de **Couture**, as despesas processuais colocam as partes diante de um dilema: ou as satisfazem, ou sujeitam-se aos prejuízos processuais resultantes de sua omissão. Novamente, o vilão econômico a conspurcar o ideal de Justiça.

Aquém dos jardins do paraíso

Aquém dos jardins do paraíso ou dos remotos domínios da utopia, a Justiça continuará onerosa até o horizonte do futuro previsível.

Nem se justifica — sendo o Estado, como é, mero repassador de recursos sociais — que a sociedade, como um todo, pague integralmente o preço das pendengas entre alguns de seus membros, Menos ainda que absorva qualquer fração das despesas a que deu causa o vencido por seu comportamento contrário ao direito, como tal reconhecido na decisão judicial definitiva.

Ao Estado incumbe — e já não é pouco! — organizar e aparelhar adequadamente o Poder Judiciário, de modo que possa atender à demanda contemporânea de Justiça em escala de massa, assim como a implementação de instrumentos que assegurem ao necessitado a efetiva possibilidade de fazer valer os seus direitos. Os custos operacionais desse aparato, entretanto, devem ser imputados àqueles que, colocando-se em desacordo com a Ordem Jurídica, obrigam o lesado a socorrer-se da Justiça, ou, quando menos, compartidos entre estes e o Estado.

Segue-se, como conclusão, que as **despesas processuais devem ser antecipadas pelo abastado, franqueadas ao necessitado e gravosas para o vencido.**

Como as despesas processuais já são antecipadas pelo abastado e gravosas — talvez devessem sê-lo um pouco mais — para o vencido, o problema consiste em encontrar, com muito engenho e poucos meios, instrumentos que possibilitem aos necessitados a itineração processual de seus pleitos, de modo que não fiquem tolhidos de agir — como autores ou réus —, nem diminuídos, em suas possibilidades de êxito, diante de adversários economicamente mais fortes.

Uma justiça pioneira

Medularmente voltada, desde as origens, "**et pour cause**", à igualação processual dos desiguais, trouxe a Justiça do Trabalho duas importantes contribuições à concretização do princípio da igualdade.

A primeira, estrutural, consistiu na criação de cartórios oficializados (**Secretarias**) junto aos juízos de primeiro grau, contituídos, como qualquer repartição administrativa, por funcionários públicos remunerados pelo Estado, aparelhadas para itineração automática dos processos, substituindo-se às anacrônicas "serventias" da **Justiça comum**, onde cada ato depende, em qualquer circunstância, de iniciativa do interessado e do pagamento antecipado das respectivas custas.

Simultaneamente, o Estado se dispôs a "bancar" as **custas** para recebê-las, ao final, diretamente do vencido.

Procurou-se, desse modo, desonerar o **empregado**, em geral carente, e quase sempre autor na ação trabalhista, da antecipação das custas.

Manteve-se o regime tradicional apenas no caso do impropriamente denominado inquérito, onde o empregador figura como autor e o empregado como réu.

Decorridas quase quatro décadas, não há como minimizar as conquistas, nem como esconder os vícios do sistema.

A implantação das Secretarias Administrativas tornou a Justiça do Trabalho infinitivamente mais ágil e menos onerosa. Teve ainda o mérito de desalojar grande parte dos vendilhões do templo... Todos os advogados que militam nos foros sabem que os processos do trabalho tramitam com maior ou menor velocidade, de acordo com suas próprias vicissitudes, sem depender da dispendiosa boa vontade dos amanuenses.

Os vícios, entretanto, começam a emprerrá-la.

Ao dispor-se a "bancar" as lides trabalhistas esqueceu-se o Estado de distinguir entre a taxa judiciária e as custas e omitiu-se, por inteiro, quanto às demais despesas processuais.

Ora, se é razoável que o Estado "banque" a **taxa judiciária**, tributo de que se faz credor pela atividade jurisdicional, desenvolvida por seus próprios meios, para recebê-la, ao final, diretamente do vencido, não é absolutamente razoável que se disponha a adiantar para todos — ricos e pobres — indistintamente, as despesas necessárias ao andamento do processo.

No entanto, deixou de distinguir entre a grande massa de trabalhadores necessitados e aqueles outros — hoje em número considerável — que se encontram em condições de custear os atos processuais necessários ao encaminhamento de seus pleitos. Como se não bastasse, esqueceu-se de que os empregadores podem ser parte autora não apenas na ação de **inquérito**, mas num sem-número de outras ações, atribuindo-lhes, seja como autores, seja como réus, privilégios idênticos àqueles deferidos aos empregados carentes.

Ora, nenhum motivo de eqüidade justifica que o Estado "financie" os pleitos dos abastados — empregados ou empregadores.

As desastrosas conseqüências aí estão.

Basta referir, de passagem, aos milhares de processos ajuizados, sem qualquer fundamento e, por vezes, até mesmo sem qualquer genuíno interesse do suposto interessado, com considerável e inútil dispêndio para o erário público e irreparável prejuízo para a parte temerariamente demandada.

De outra parte, como o processo, a seu termo, custará ao vencido uma importância fixa, relacionada ao valor da causa, independentemente dos atos que se requeira e pratique, surge o flagelo das diligências requeridas — porque gratuitas! — com propósito exclusivamente procrastinatório. A gratuidade indiscriminada estimulou a chicana.

Correto teria sido — esperemos que o novo Código de Processo do Trabalho venha a fazê-lo — distinguir entre a **taxa judiciária**, a ser sempre devida pelo vencido ao final, e as custas e emolumentos, a serem antecipados pela parte a que incumbam, conforme a lei, **salvo quando beneficiária da assistência judiciária**.

Assim se alcançaria não apenas substancial redução dos custos operacionais da Justiça do Trabalho, mas ainda algum aporte adicional de Receita à União.

Inaceitável, por irracional, é que se pague "**x**" cruzeiros de custas num processo instruído apenas com meia dúzia de documentos e a mesma importância noutro processo, instruído com centenas de documentos e cartas rogatórias à Austrália, Paquistão e República do Togo, apenas porque as pretensões dos contendores tenham num e noutro o mesmo valor, quando custaram ao Estado valores exponencialmente distintos.

De todos, entretanto, o erro mais grave foi o de haver permitido à parte o acesso direto à Justiça, sem a assistência de advogado, através da chamada "**reclamação verbal**".

Sem nenhum esforço, compreenderá o leitor a posição de inferioridade em que se encontrará a parte desassistida, diante do Juiz imparcial em face da outra, assistida por advogado competente.

Em muitos casos, tal anomalia anula as vantagens que o sistema pudesse proporcionar ao necessitado, exasperando a desigualdade que se procurava eliminar.

Como, entretanto, proporcionar assistência profissional idônea aos necessitados?

Na assistência judiciária, o caminho

Seja na Justiça do Trabalho, seja na Justiça Comum — estadual ou federal — o caminho para a igualdade está no aperfeiçoamento dos incipientes mecanismos de assistência judiciária gratuita em vigor.

Em primeiro lugar, pela institucionalização e ampliação dos chamados **honorários de êxito**, assegurando-se remuneração mínima aos advogados nas causas de pequeno ou inestimável valor, quando vencedores, sem prejuízo dos honorários normais nas demais causas. Em segundo lugar, instituindo-se o sistema de livre escolha do patrono pelo necessitado, sujeita, entretanto à aprovação da Ordem dos Advogados do Brasil.

Tal expediente, além de propiciar condições ótimas para a assistência aos necessitados, contribuiria para depurar o mercado de trabalho dos agenciadores inescrupulosos que o vão tomando de assalto e reforçaria o poder ético-disciplinar da Ordem. Não seriam admitidos à assistência judiciária, por exemplo, aqueles profissionais apenados ou contra os quais pendessem processos ou representações disciplinares.

Mais que isso.

A lei poderia autorizar a Ordem a constituir, por concurso ou exame de ordem, entre os interessados, um quadro de advogados para livre escolha dos necessitados, impondo em contrapartida, aos demais, uma oota mínima de assistência gratuita.

Deferindo o Juiz a assistência do advogado escolhido pelo necessitado, com aprovação da Ordem, passaria este a beneficiar-se de todas as isenções já previstas em Lei (nº 1.060/50, Art. 3º), sujeitando-se os demais profissionais (contadores, engenheiros, arquitetos, médicos, odontólogos, veterinários, etc.), quando convocados para funcionarem como peritos em processo de Justiça Gratuita, por indicação dos respectivos Conselhos, ao regime da "remuneração eventual", na hipótese de êxito do necessitado, em situação de certo modo análoga à do advogado.

Já é tempo de que a União, valendo-se da competência que se atribuiu através da emenda constitucional nº 07 de 13 de abril de 1977 (Constituição, Art. 8º, nº XVII, alíneas "c" e "e"), promova, com amplo debate público e participação dos setores sociais interessados — Magistratura, Igrejas, Ordem e Instituto dos Advogados, Sindicatos profissionais e Associações comunitárias — a articulação de uma **Lei Orgânica de Assistência Judiciária**, em plano nacional, consolidando, sistematizando e aperfeiçoando a colcha de retalhos legais que hoje tratam tumultuariamente da matéria (Leis nº 1.060/50 de 05 de fevereiro de 1950, 4.215 de 27 de abril de 1963 — Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil; 5.584 de 26 de junho de 1970 — só aplicável aos processos trabalhistas e 6.465 de 14 de novembro de 1977 — para só mencionar algumas, excluídas, de caso pensado, as incontáveis leis estaduais que interferem com a matéria).

Compreende-se que, em meio a tamanho emaranhado, termine o necessitado por quedar-se inteiramente à míngua de Justiça...

Aí ficam lançadas, de público, ao debate, algumas despretensiosas sugestões, como modesta contribuição ao encaminhamento de soluções ao problema da administração de Justiça ao necessitado.

E com elas, de certo modo, a "tenebrosa consciência" do cumprimento do dever.

Se a perfeita igualdade entre as partes estará sempre confinada aos domínios da utopia, o aperfeiçoamento da assistência judiciária aos necessitados ao menos ampliará as perspectivas, para que todos possam contemplar a majestosa face da Justiça.

Luiz Carlos Bonfim é Juiz do Trabalho, presidente da 12ª Junta de Conciliação e Julgamento do Rio de Janeiro e professor de Processo do Trabalho no curso de Pós-graduação da SUAM.

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O aumento da produção de alimentos na Ásia

Richard Critchfield

The New York Times

QUEM deseja saber o que está se passando nos pobres dois terços deste mundo se vê bombardeado por sombrias profecias. Há os maltusianos ("todos esses milhões de famintos estão tendo mais bebês do que nós podemos manter"), e os marxistas ("eles permanecerão famintos até que destruam o capitalismo"), e alguns acadêmicos ("os ricos estão ficando mais ricos e os pobres cada vez mais pobres"). Isso se converteu num freqüente coro grego entoando uma sentença final.

Às vezes, vocês podem até pensar, nos é dito para parar de levar nossa tecnologia para 2 milhões de cidades de camponeses porque afinal de contas é algo inútil, e para que fiquemos em casa, no ambiente ao qual pertencemos, prosseguindo num estado de permamente e despreocupada orgia.

Tal sentença refinada e hipotética é fundamentalmente insensível. Ela embota nossa capacidade de ter uma visão realmente boa no mundo tal como ele é.

Mal foi noticiado o fato de que a China aumentou sua produção de trigo em mais do que 50% entre 1977 e 79. Cientistas dos Estados Unidos que viajaram extensamente pela China predizem taxativamente que, uma vez recuperada da devastação causada tanto pela seca como pelas enchentes este ano, a China irá alcançar os EUA como o produtor de trigo nº 2 do mundo. E pode até, bem depressa, tornar-se o número um na produção de cereais mundial.

A Índia pode ser tida como uma "mixórdia e sujeita à corrupção" e um formigueiro gigantesco de pessoas famintas e vacas mais famintas ainda, mas ela dispõe de uma grande quantidade de gás natural para produzir fertilizantes. Mais de 80% dos rios Ganges e Brahmaputra agora despejam resíduos na baía de Bengala. A cordilheira do Himalaia no Nepal tem seis vezes mais o petencial reunido dos EUA e do Canadá — a maior parte ainda não usado. Os problemas da Índia decorrem da administração inadequada e de um sistema de castas inadequado. Mesmo, assim, os indianos tem mais do que triplicado a produção de trigo desde 1967 e conseguiram enfrentar bem a sua pior estiagem deste século, em 1979/80, em razão de 22 milhões de toneladas de cereal estocado.

A ciência biológica está sendo especialmente generosa com a Índia e a China. A Índia irriga 135 milhões de acres e poderia irrigar até 275 milhões. A China irriga 115 milhões de acres. A América irriga apenas algo menos que 40 milhões e está ficando sem água. Tanto a China como a Índia estão apenas principiando a usar fertilizantes químicos — quase o mesmo que ocorre com o Egito (6 milhões, 7 milhões e 5 milhões de toneladas, respectivamente). Tanto a Índia como a China têm mais de 50 vezes tantas terras de cultivo como o Egito.

Os proveitos maiores no setor agrícola dos EUA têm derivado da tecnologia mecânica (tratores, ceifadeiras), isto é, de progressos para o rendimento-por-trabalhador que depende do combustível. Os maiores lucros na Ásia estão resultando da tecnologia biológica — melhores sementes, o uso de fertilizantes, aumentando as colheitas (duas ou três por ano na mesma terra de cultivo) — e dos progressos na produção por unidade de terra cultivada, que dependem do sol e da água. Os Estados Unidos conseguiram alimentar 2% da população mundial em 1950 e podem alimentar 15% no próximo ano. Para fazer face à anunciada procura de alimento, comestíveis e combustível (álcool), este mesmo país teria que produzir 50% mais por volta de 1990. Com os preços do petróleo subindo e o fornecimento dágua escasseando, isso irá ser difícil.

Eu tenho relatado as novidades sobre o Terceiro Mundo durante 22 anos, sendo que os 12 últimos eu os passei nas pequenas cidades convivendo com seus problemas. Começa-se a entender que a tecnologia agrícola tem estado em funcionamento com firmeza, começando com o crescente Fértil há 6 mil ou 7 mil anos (a invenção da irrigação), deslocando-se para a Europa, há 1 mil anos (a invenção do arado moldado em madeira pesada), a seguir para a Inglaterra, e então para os EUA por volta de 80 anos atrás, com máquinas e fertilizantes levando a uma produção expandida vastamente há cerca de 45 anos. Exatamente nos últimos 10 a 15 anos, essa tecnologia tem-se deslocado dos Estados Unidos para as sociedades rurais do mundo, especialmente as da Ásia. Os Estados Unidos teve um início vanguardista ao aproveitar primeiro a tecnologia, e isso conduziu ao domínio global do Ocidente. No Leste da Ásia, a antiga supremacia americana está desaparecendo como o gato Cheshire de **Alice no País das Maravilhas**: logo nada mais restará senão nosso sorriso benevolente.

A tecnologia não é toda a história, pois ela é apenas o poder do homem sobre a natureza, mas não seu próprio comportamento. Uma ética de trabalho, tanto como a maquinaria, fez da agricultura americana o que ela é. Nas pequenas cidades do Terceiro-Mundo, leva tempo para que éticas antigas se ajustem ao modo científico novo de fazer as coisas. Aldeãos confuncianos, malaios e indianos, estão se revelando melhores nisso do que os católicos romanos latinos, membros de tribos africanas e muçulmanos. Mas eu aposto que, após visitar as aldeias, até mesmo os mais ardentes e acadêmicos que crêem em profecias de catástrofes converter-se-ão ao otimismo.

Certo, como o diz Archy, a barata farta do mundo, da fábula do escritor Don Marquis, "um otimista é um cara que nunca teve muita experiência." Pois bem, assim que o aumento da produção de alimentos na Ásia começar a impressionar a todos, nós iremos provar que Archy se enganou.

Richard Critchfield, autor de Villages, é um consultor acerca do desenvolvimento rural a serviço da Fundação Rockfeller e escreve sobre aldeias para The Economist, de Londres. Este artigo foi adaptado do The Asian Wall Street Journal

Revista do
JORNAL DO BRASIL • Não pode ser vendido separadamente — Ano 6 — nº 283

Domingo

LUZ SOBRE O CORPO

Os ritos da beleza ao sol

JORNAL DO BRASIL
Domingo
Rio, 20 — 09 — 81, ano 6 — nº 283

quem

Suavidades no tom e no som

Coco Chanel, a festejada criadora de moda cuja vida Marie-France Pisier interpretou na tela, não aprovaria suas roupas neste fim de verão europeu. De fato, se Chanel tornou-se imortal graças às linhas rigorosas — nem por isso menos encantadoras — de seus *tailleurs*, Pisier prefere em férias o *look* romântico de um duas-peças de algodão, com rendas, babados e preguinhas, uma pala rendada, em branco, sobre a pele queimada. Uma simplicidade exagerada, é verdade, e não se poderá dizer que não se veja este mesmo estilo em ruas de Ipanema, nos rigores do verão — pelo menos uma adaptação dele, uma vez que o linho e o algodão continuam a predominar em todos os lançamentos.

De resto, ela é uma verdadeira *star* e pode-se dar a tais liberdades. Embora não tenha conseguido conquistar Hollywood — e nisso não foi diferente de outras estrelas francesas — mantém com solidez na França a posição de primeira atriz intelectual do cinema, seja lá o que isso possa significar. De qualquer forma, depois de trabalhar durante um ano inteiro, fazendo filme atrás de filme — o último foi *A Montanha Mágica*, adaptação do romance de Thomas Mann — Marie-France tem direito a postar-se à beira de sua piscina na Riviera Francesa e usar o que bem lhe dá na cabeça.

É um talento múltiplo, de qualquer forma. Muito a propósito, as noites de sua bela mansão da Côte D'Azur iluminam-se freqüentemente com suaves baladas medievais que ela executa ao piano com a segurança de quem passou por nove anos de estudo musical. ■

KEYSTONE

Marie-France Pisier, "baladas medievais e babados"

CAPA — O bronzeado natural no Taiti, foto de Evandro Teixeira

Impresso na JBIG

quem

A marca na televisão

Atualmente Tessy Callado é a filha de Dulcina de Moraes em *O Melhor dos Pecados*, comédia que está marcando a volta da velha atriz ao palco. Mas ela considera mais importante hoje fazer televisão: "É um desafio a gente conseguir, através da TV, deixar uma marca." Seu último trabalho televisivo foi em *Pai Herói*. Na expectativa, a estréia de *Pequenas Taras*, de Maria do Rosário Nascimento Silva, em que faz um rato de praia, meio pivete, como no filme da mesma cineasta *Marcados para Viver*, "só que mais feminina": "Há mais de um ano esperamos o filme ser programado pela Embrafilme e nada", diz Tessy no seu jeito resoluto, de atriz com experiências diversas, estréia aos quatro anos em *Chapeuzinho Vermelho*, no colégio, continuação na adolescência com Maria Clara Machado e curso de arte dramática em Londres. Na realidade até os 18 anos — hoje está com 31 — ela cultivou muito mais Shakespeare do que autores nacionais. Até o idioma, falado em casa era o inglês. Poucos brasileiros dizem tão bem, no original, o autor de *Romeu e Julieta*: "Se há alguém que deveria fazer Shakespeare no Brasil sou eu", ela admite, "mas é necessário tempo e dinheiro, pois para montar qualquer de suas peças é preciso de, no mínimo, 10 atores." A mãe, Jean, inglesa, fez questão que os filhos aprendessem com perfeição sua língua. O pai, Antônio Callado, concordou com a mulher. Hoje, cultiva a vocação da filha: "Pela primeira vez me mandou rosas depois da estréia.", diz Tessy. Não é à toa. Ela fez parte do Teatro Oficina (*Rei da Vela, Galileu Galilei, Na Selva das Cidades*), foi assistente de direção em *Pippin*, dirigiu duas peças, passou pelo cinema (*O Grande Desbum, Rei da Vela*, nunca exibido, e espera voltar breve às novelas. (MLR) ■

EVANDRO TEIXEIRA

Tessy Callado e o filho, "Shakespeare em família"

A falta de sua metade

São precisos pelo menos 14 anos de dança e muito estudo para se alcançar um dia a glória de viver uma Julieta com a música de Prokofiev. Se este objetivo compreende a coreografia que John Ceanko criou para Marcia Haydée e Richard Cragun há mais de 20 anos, a glória, para uma carioca de 25, será ainda maior. É com uma espécie de unção excitada, entre séria e entusiasmada, que Ana Botafogo, profissional há seis anos e bailarina desde criança, testa hoje sua graça e sua técnica diante do público do Municipal, ao lado de Stephen Jefferies.

Sobre Julieta, Ana tem idéias precisas. Vê o personagem, na concepção de Cranko-Prokofiev, num rápido crescendo de maturidade. "Ela começa criança, brincando com a ama, porta-se na festa como uma mocinha, entende logo a capacidade de amar, vive rapidamente o amor e acaba uma mulher liberada, que sofre as pressões e angústias de sua época mas passa por cima delas, sentindo a falta de sua metade", explica Ana, devagar, procurando as palavras, imersa no problema que vai resolver hoje — o de interpretar Julieta com todas as nuanças que o personagem requer.

ARQUIVO

Ana Botafogo, "aperfeiçoar, só diante do público"

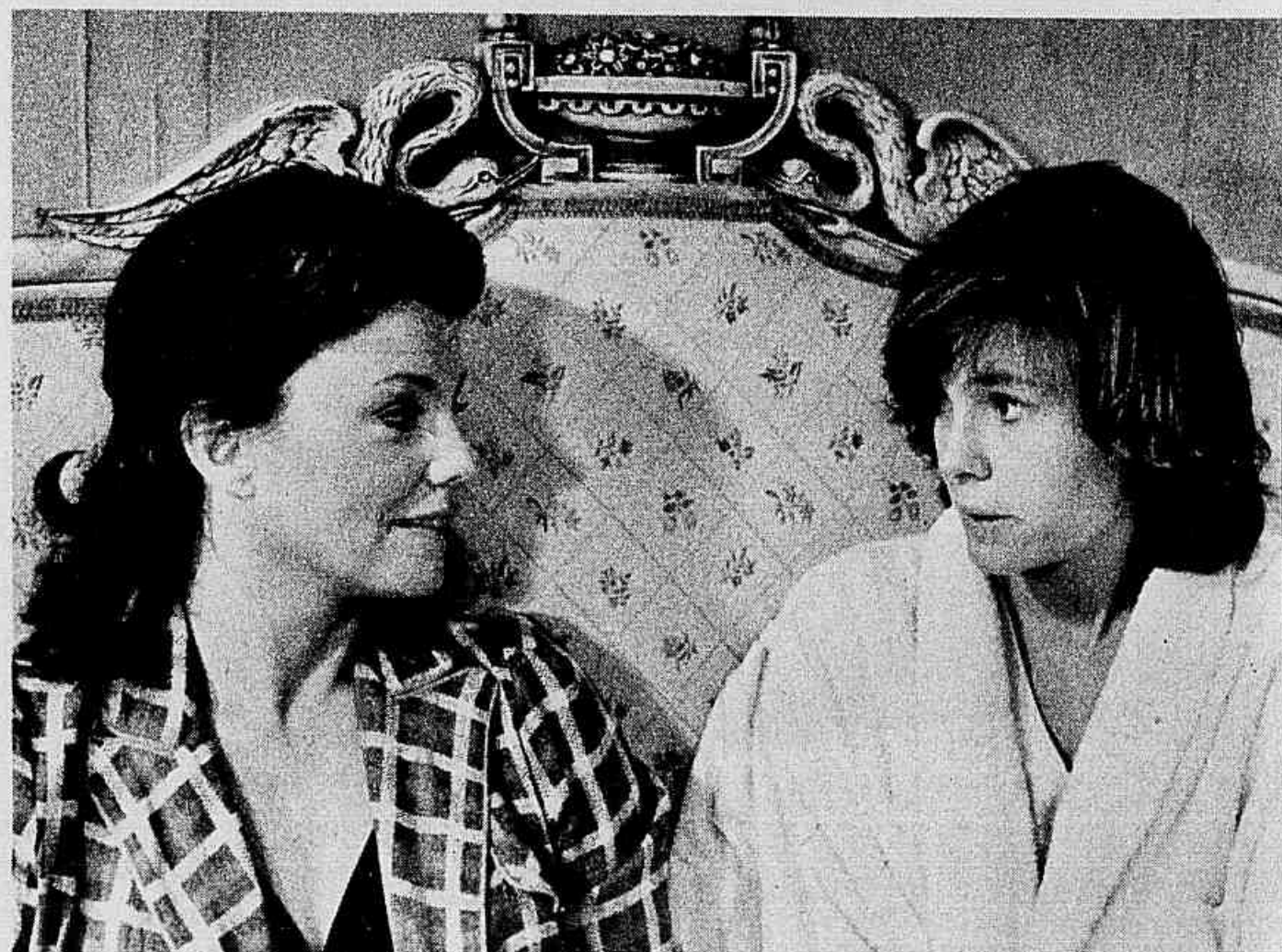
Para esta interpretação, Ana Botafogo toma um cuidado. Na memória do público de balé está fixada, para os que a conhecem, a desenvoltura encantada de sua Coppelia, dançada recentemente na produção de Dalal Achcar. E Ana, enfaticamente, afirma que é preciso nesta Julieta fazer esquecer tudo o que criou para Coppelia. A preparação exigiu um mês de ensaio, tempo suficiente, segundo ela, mas não o ideal. "Seria preciso muito mais", garante, "mas agora acho que só posso desenvolver mais, mesmo, é quando o pano abrir e eu começar a dançar diante da platéia". Só aí é que Julieta pode aparecer na sua totalidade. E os baletômanos vão conhecê-la hoje à noite. (RENATO MACHADO) ■

Em cena a anti-Brooke

Brooke Shields e Tatum O'Neal já perderam a coroa de primeiras ninfetas do cinema americano. Simplesmente porque o *glamour* que lhes impuseram as arremessou a outro terreno, o das gatinhas sedutoras, as meninas-mulheres que tanto fascínio exercem nos Estados Unidos de hoje. Shields está no centro de um império econômico-comercial. O'Neal não está em centro algum, porque engordou. A namoradinha americana passou a ser Kristy McNichol, 18 anos, atriz de cinema desde os sete, maior de idade há três meses e frágil nos seus 1,57m de altura.

Na Europa, o rosto de Kristy já se tornou conhecido — e de certa forma ela é anti-Brooke Shields, solta, esportiva, irreverente. Mas mantinha até há pouco com sua rival de estrelismo uma semelhança marcante: sempre se fazia acompanhar da mãe nos *sets* de filmagem. Agora comparece ao lado de Joey, cabeleireiro, maquilador, secretário e *factotum*, quando não aparece, para entrevistas, seguida de um bando de 10 amigos, todos de *short* e camiseta, rindo de tudo e desafiando o sisudo profissionalismo americano que impera no *show business*.

Kristy McNichol, "namoradinha bem

Kristy veio a Nova Iorque lançar seu filme mais recente — *Only When I Laugh*, ou *Só Dói Quando Eu Rio*, mais uma invenção cômica do inesgotá-

Com Marsha Mason em mais um drama familiar

FOTOS, BEATRIZ SCHILLER

inha bem comportada"

vel Neil Simon, dirigida por Glenn Jordan e interpretada por Marsha Mason e James Coco. O tema, apesar de batido em algumas das novelas filmadas mais em voga no país, pretende despertar catadupas de emoções: o que acontece quando o casamento se dissolve e um dos pais — no caso, a mãe — perde a guarda da criança e vai viver sua vida, ausentando-se da vida da menina?

Como filha de pais separados — condição que partilha com suas rivais Shields e O'Neal — Kristy acha que entende do assunto. Diz que o filme, em que a menina se esforça para recuperar o amor esquecido da mãe, "trouxe o melhor de mim à tona". E, com segurança, garante que as cenas em que aparece bêbada se devem exclusivamente ao seu talento: "Nunca me embebedei, sempre fui a menina bem comportada que aparece na tela, mas sei como se comporta uma pessoa de porre".

Kristy só fala em gíria — e gíria complicada, de rua, que desnorteia qualquer pessoa não familiarizada com o jargão mais pesado e arrevezado dos *teenagers* americanos. A carreira é *fart out* (uma *curtição*), quando ganha uma *load* de dinheiro (uma bolada) nem sabe como gastar, não recomenda a ninguém drogas ou "bobagens": "Nunca fiz nada disso, porque me mantiveram ocupadíssima quando era jovem, mas tenho amigos que fizeram muita loucura por mim". Como se compara com as duas rivais, O'Neal e Shields? "Acho bom que sejamos três personalidades diferentes. Só uma vez competi com Tatum O'Neal, que ganhou um roteiro que estava quase na minha mão. Mas eu era jovem, então, tinha 15 anos". (BEATRIZ SCHILLER, Nova Iorque) ■

Cor

O MAPA DA LUZ E

Águas transparentes, sol o ano todo, criam o encanto de uma região que apesar da invasão civilizada ainda é considerada um paraíso

E DO CORPO

No Taiti misturam-se preguiça, beleza, languidez e muito amor à natureza

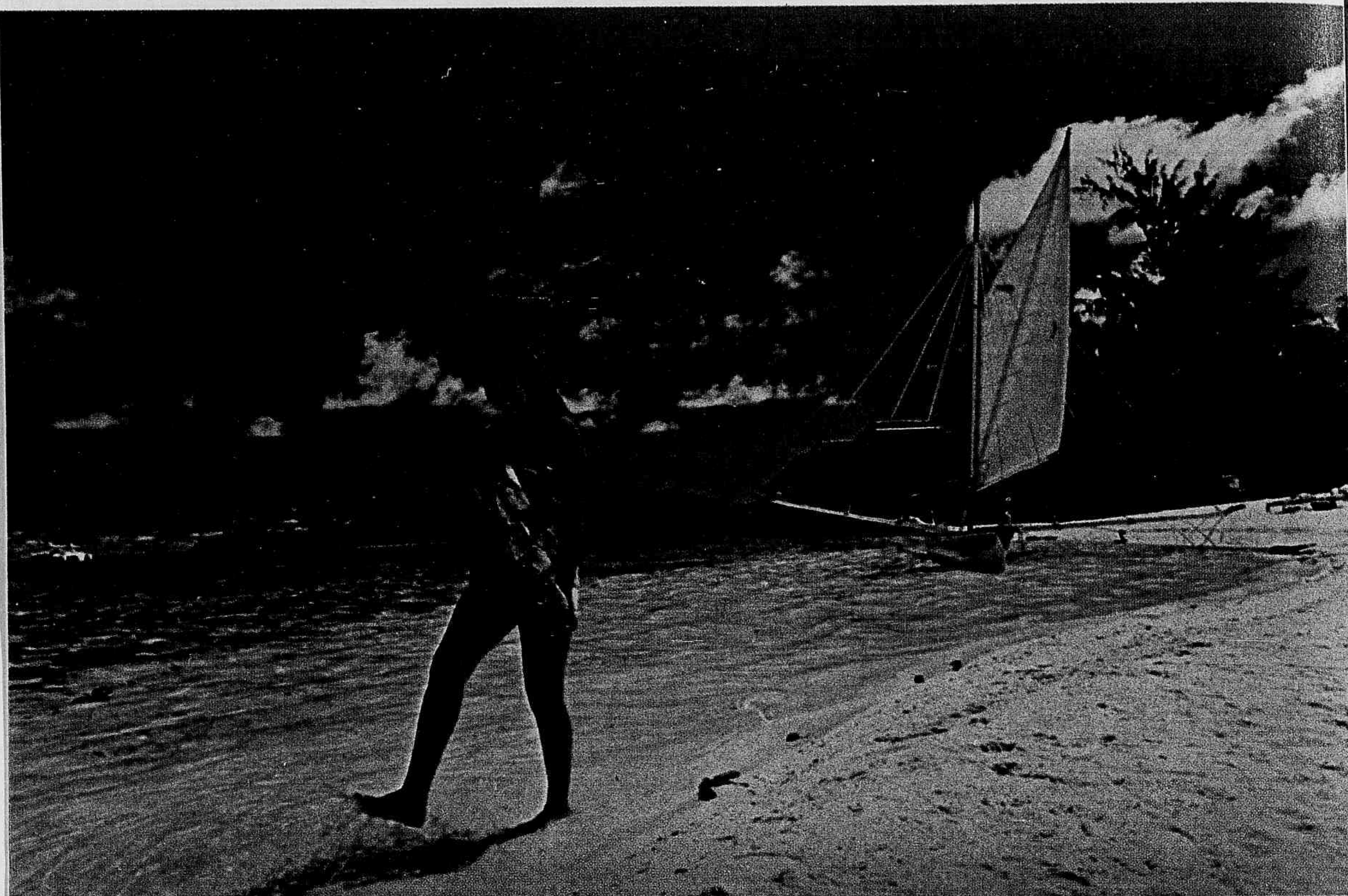
HERALDO DIAS ■ FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

De repente, a mulher que pára lembra uma pintura de Gauguin. Está vazada de luz — é a primeira impressão. Somem os relevos do seu corpo, ao mesmo tempo em que a luminosidade, de uma intensidade não percebida, acentua seus contornos — como uma linha negra. Aqui e ali, a pele, ao menor movimento dos olhos do observador, vai revelando tons, brilhos insuspeitados. Como nas pinturas dele.

Gauguin elegeu o Taiti, no final do século passado, na busca de candura e autenticidade. Mudou muito sua forma de expressão e morreu — lá mesmo — sem conhecer a consagração. Os biógrafos registram que, ele agradava mais aos poetas do que aos pintores. Ninguém melhor que ele, porém, para ensinar a ver o Taiti, um mundo novo de cores e luzes; ou somente de luz, como pode ocorrer num atol.

Poetas e pintores à parte, o Taiti (a Polinésia Francesa) toca fundo o mais comum dos homens, chamando cada pessoa para um reaprendizado do mar. Brasileiros, em especial. Aqui, os apelos mais fortes estão na areia, na conversa, na roupa da moda; modismos na faixa que separa o mar da calçada. Lá, é o mar que se impõe e clama, impositivamente, por um relacionamento mais profundo.

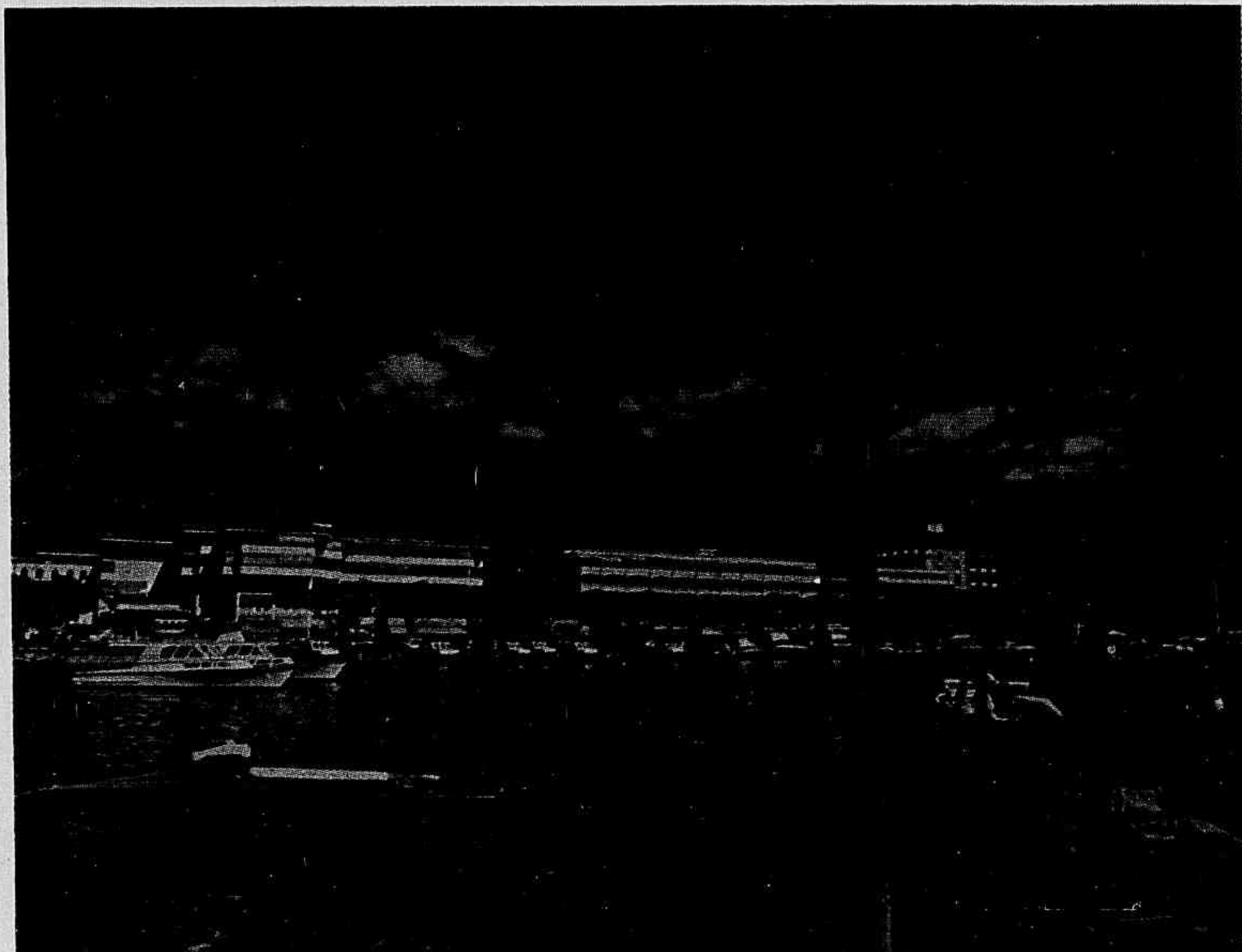
Até o turista mais sisudo (e eles chegam aos montes dos Estados Unidos e Europa) não consegue disfarçar momentos de total deslumbramento ou de criancice pura. Barreiras de coral, ao longe, cercam as ilhas com lagoas de água limpa e transparente. Piscinas, imensos aquários naturais, com todas as manifestações de vida que só o mar sabe produzir, em quantidade e beleza.

Resistir não é possível. Para um brasi- ▶

Cores de Gauguin na taitiana que percorre preguiçosamente as praias de Bora Bora, com sabor de Bahia

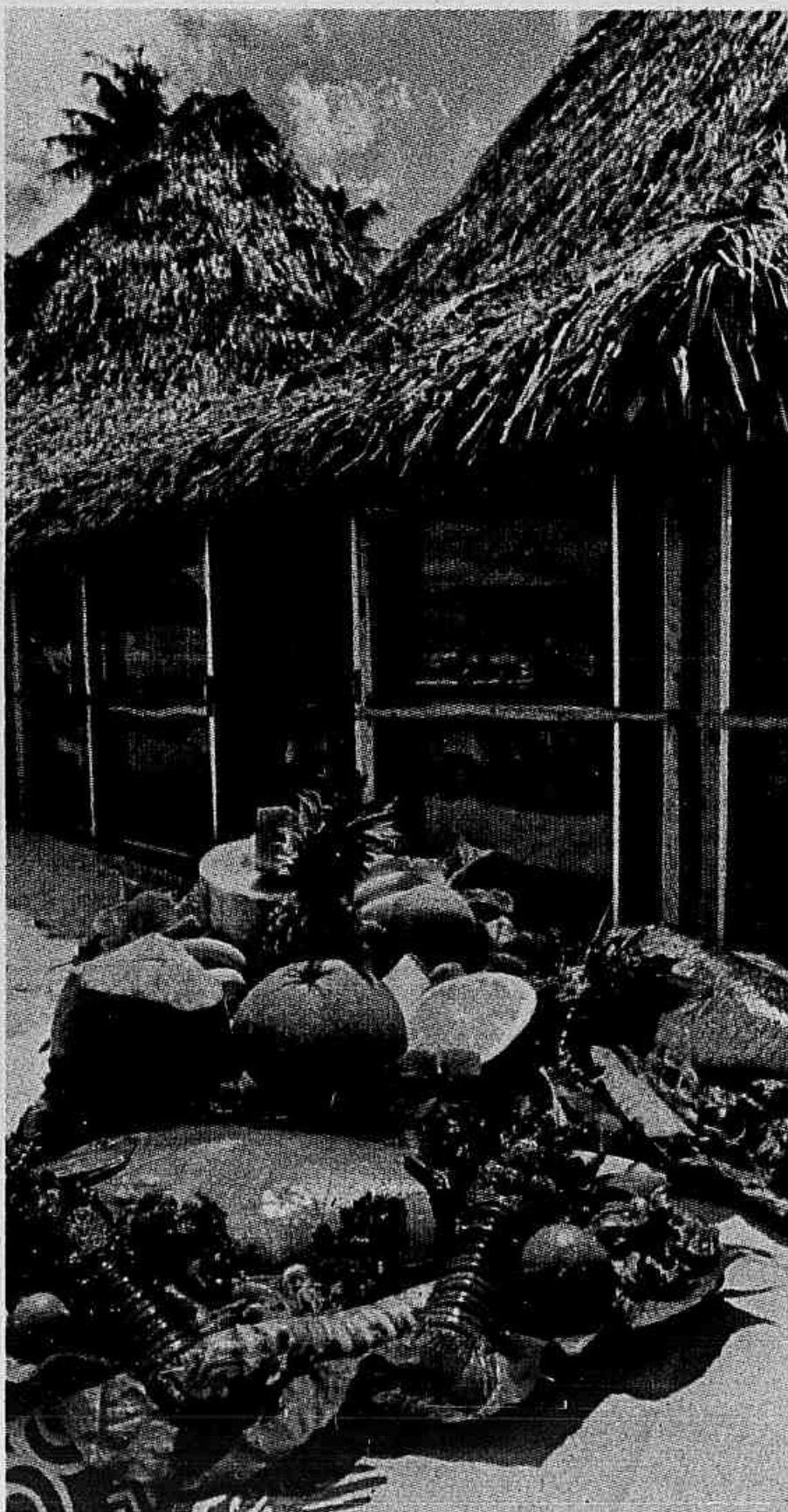
leiro, desaparece logo a enorme decepção inicial de encontrar estreitas faixas de areia branca. Isto em alguns lugares, uma vez que predomina a areia preta, registro indelével da ordem vulcânica de todas as ilhas. Sem sustos, claro, pois os vulcões estão extintos. As crateras milenares abrigam agora uma vegetação típica dos trópicos.

Somadas, as ilhas da Polinésia Francesa equivalem, mais ou menos, à decima parte do território fluminense. São 4 mil quilômetros quadrados. Só que achá-las num Mapa Mundi não é tão fácil. Exige alguns conhecimentos, no mínimo de coordenadas geográficas — são 130 ilhas, grupadas em cinco arquipélagos, espalhadas numa área do Oceano Pacífico que corresponde ao Brasil. Quando é meio-dia, no Rio, está amanhecendo no Taiti — sete horas a menos, em outro fuso horário.

Está ao Sul do Equador. Até o paralelo 20 e entre os meridianos 140 e 160, longitude Oeste, vai-se encontrar a maioria das ilhas. Todas, mesmo, apenas nos mapas locais, em escala reduzida. Taiti, a principal, onde está a Capital (Papeete), tem mil quilômetros quadrados de território. Nos mapas, está numa posição geográfica cuja latitude coincide com o Sul da Bahia.

Taiti e Bahia têm muitas outras coisas em comum. Inicialmente, os preços para

Para os turistas e residentes abonados, as marinas que colorem Papeete

Não há pressa para nada no Taiti e um cartaz no aeroporto avisa em quatro línguas: aqui não se aceitam gorjetas

O milagre dos peixes, que se repete diariamente no cais

turistas. Só é mais barato chegar a Salvador. Do Rio a Papeete, cada pessoa gasta hoje cerca de 1 mil 550 dólares (em torno de Cr$ 160 mil) de passagens aéreas. Mais 200 dólares (cerca de Cr$ 20 mil) para os vôos entre as ilhas. Isto não é, certamente, muito convidativo. Programar uma viagem apenas ao Taiti, portanto, não seria inteligente (ou, melhor, inteligente apenas para quem tem dólares sobrando); melhor incluir as ilhas num roteiro mais amplo.

As coincidências com a Bahia continuam na vida pachorrenta. Lá, como aqui, as coisas acontecem devagar. Pressa, para quê? Nos hotéis, este é o primeiro conselho para o turista que chega (atenção, os vôos domésticos partem sempre no horário). As frutas são semelhantes, só que no Taiti com um sabor especialíssimo — em particular as mangas (lá, *mangos*, como se fosse masculino). As flores também, com hibiscos e buganvílias por toda a parte.

Há diferenças, algumas radicais. No Aeroporto Faaa (não quer dizer nada, é apenas um nome), cartazes, em quatro línguas, alertam que o *pourboire* não existe no Taiti. É verdade. Ninguém aceita gorjeta e quem deixar dinheiro será chamado, polidamente, para apanhar o que esqueceu. Só não há serviços gratuitos — estão incluídos nas passagens aéreas ou diárias de hotel; caso contrário, são pagos na hora e tudo é tabelado.

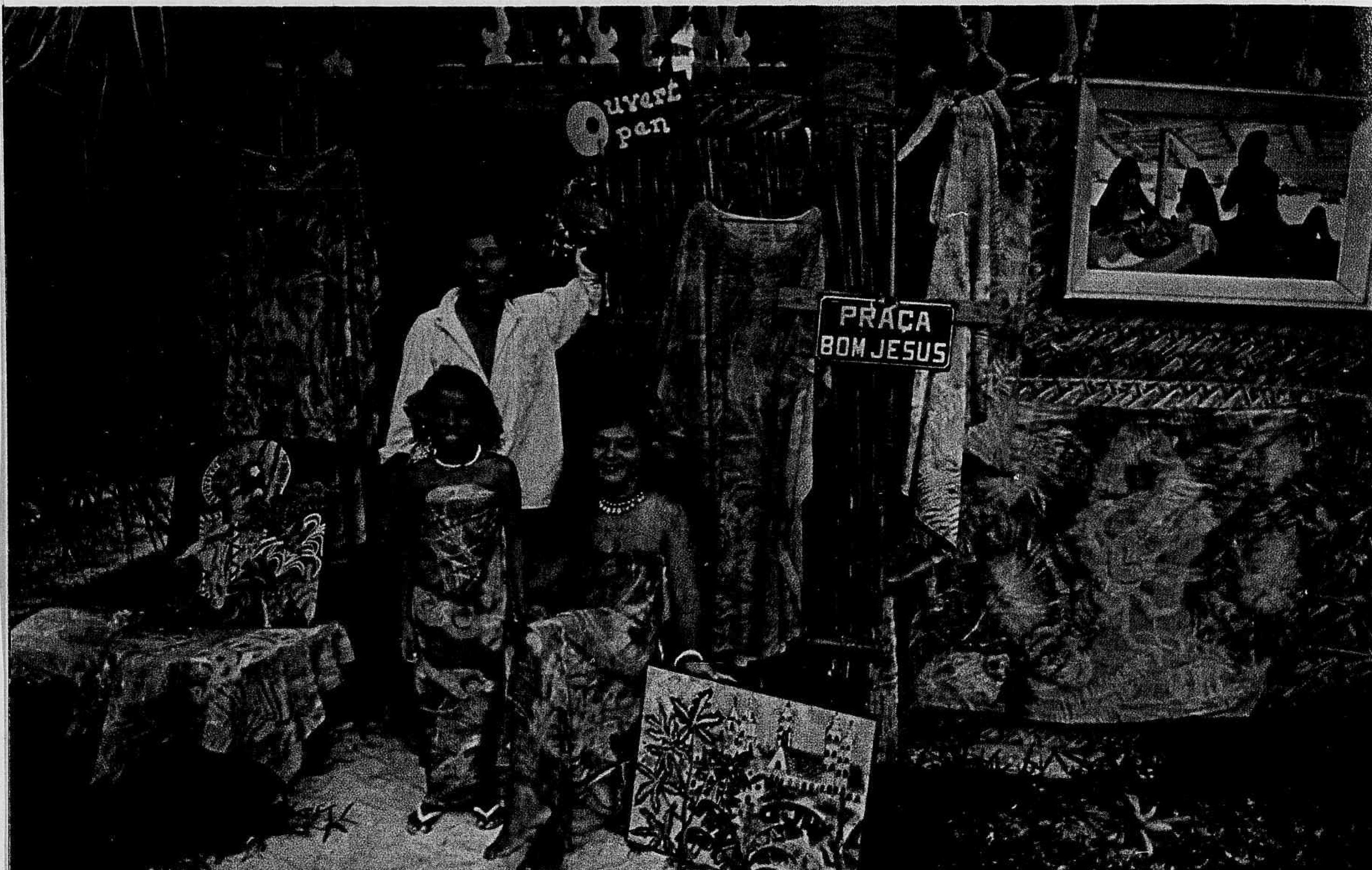
Frutas da terra e frutos do mar no hotel Bali Hai, em Huahine

Os nativos da Polinésia Francesa, *maoris*, oficialmente 77% da população de 140 mil pessoas, chegam a considerar a gorjeta uma ofensa à hospitalidade. Nas ilhas, vivem ainda 13% de europeus e 10% de asiáticos, muitos chineses, com amplo domínio do comércio. A língua oficial é o francês (fala-se também o taitiano), pois aquilo é um território francês de ultramar, com Assembléia própria, só para assuntos locais, e uma representação proporcional em Paris.

Outra diferença: o conceito de hotel. Na Capital, há hotéis como em qualquer parte do mundo; nas ilhas (as outras), o esquema é outro e é de todo aconselhável apurar o funcionamento do que foi escolhido, uma vez que a ligação será quase umbilical. Tudo será feito em função do hotel; daí ser bom acertar logo o plano de hospedagem, com refeições, sem, café da manhã, etc. E tudo com horários rígidos — em Bora Bora o jantar acabava às 21h30m e o bar fechava às 23 horas.

Um pouco do pragmatismo europeu ou norte-americano pode ser bom. Eles chegam lá com um programa definido às vezes com meses de antecedência. É curioso observá-los. Parece que têm até hora certa para uma expressão de espanto ou até para rir. Para o latino-americano, que julga imprescindível nas suas férias ou *vacaciones*, um mínimo de improviso, isto pode ser desastroso.

No momento, estão associados os grupos hoteleiros do Taiti, o serviço de turismo de lá e a companhia aérea Lan Chile (única com vôos de Papeete para a América Latina, via Santiago) para estimular o turismo para o Taiti. Mas os hotéis não vão mudar, por mais turistas que cheguem lá, falando espanhol ou português.

Dependendo do ponto-de-vista, há muito de paraíso, a começar pelo fato de que no Taiti não existe Imposto de Renda (as outras taxações são suficientemente altas, dizem os moradores). Quanto a uma ilha, nem todos podem se decidir como Marlon Brando, que comprou a sua, Tetiaroa, a poucos minutos de vôo de Papeete; ▶

Rosine, pintora primitiva, esteve com a família no Brasil e fixou uma memória da Bahia

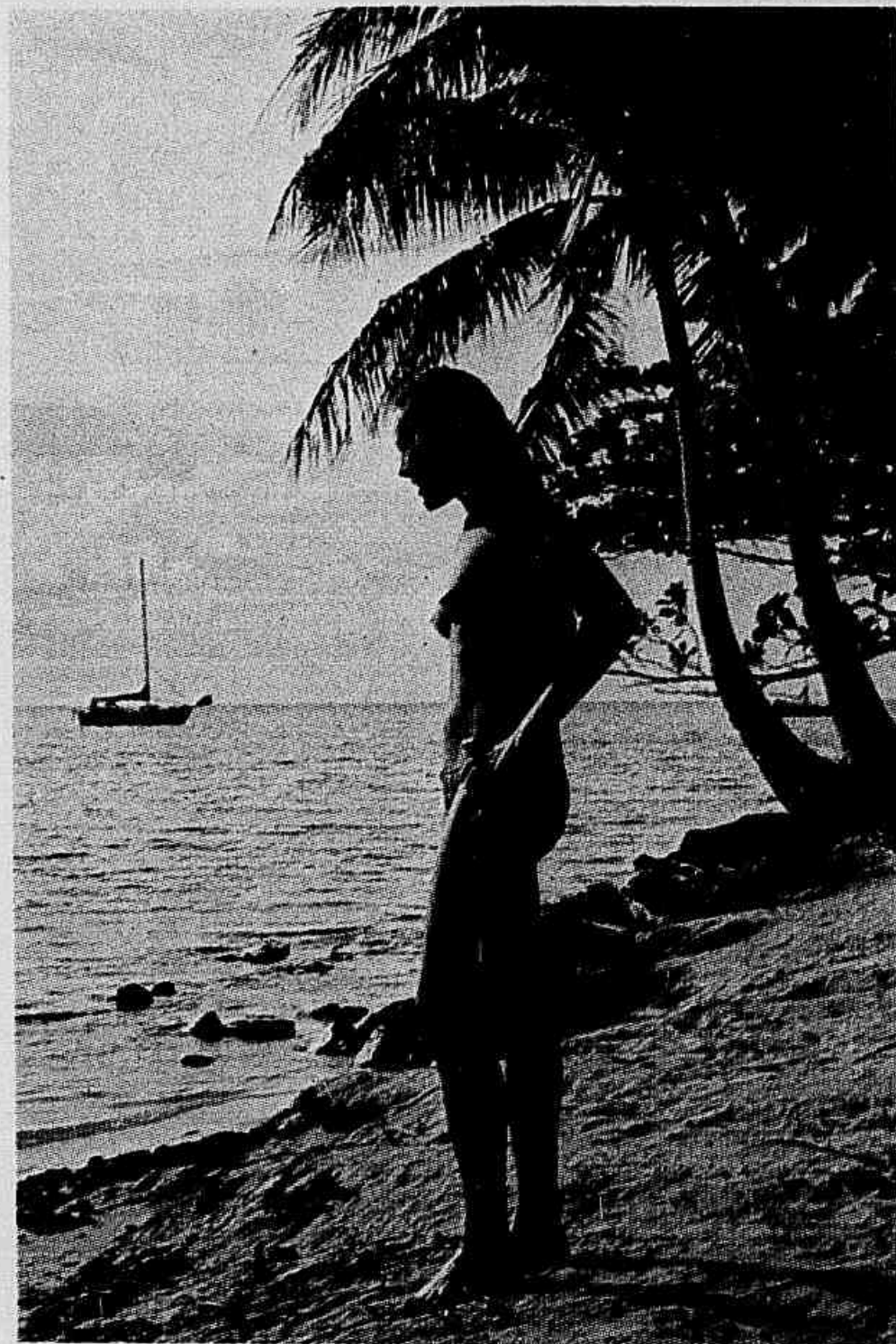
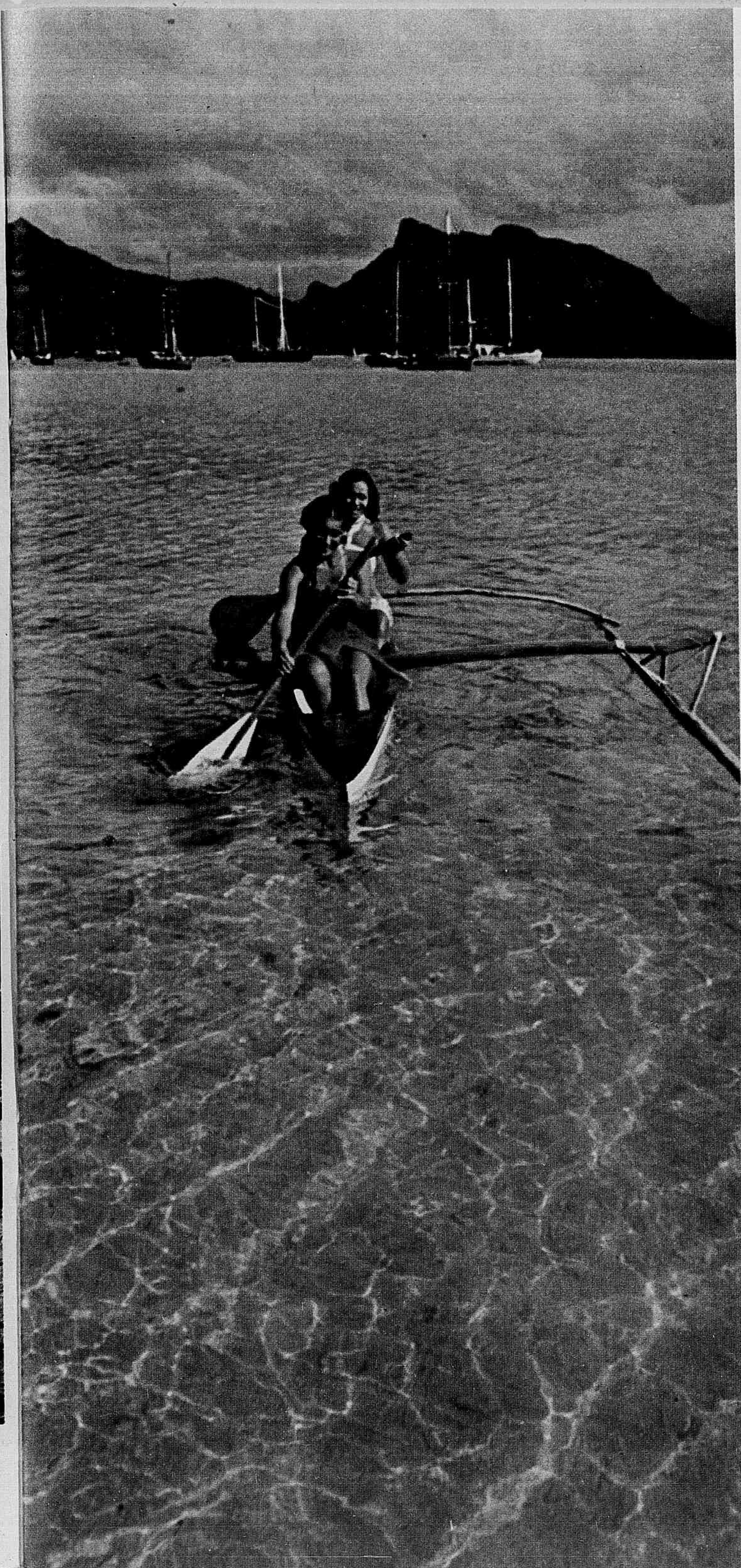
Uma gente alegre no vestir, porque chega a criar duas dezenas de roupas diferentes a partir de um pedaço de pano

existe até uma linha regular de aviões pequenos para Tetiaroa, uma vez que há turistas para tudo, até para ver a ilha do Marlon Brando.

No *marketing* do turismo, os agentes de viagem consideram muito importante o que chamam de três esses — *Sun, Sea, Sex*. É bom, porém, não alimentar esperanças de loucos idílios, como podem sugerir os promotores de viagem. A oportunidade de que isto venha a ocorrer é a mesma que tem uma turista do Hemisfério Norte que corre para a América do Sul sonhando com o *latin lover*. Pode até achar, mas lá, como aqui, é melhor deixar que as coisas aconteçam naturalmente.

O modo de viver, no Taiti (isto vale para as maiores ilhas, por isto mesmo, mais voltadas para o turismo) está bastante ocidentalizado. A liberdade e a permissividade (não na nossa interpretação já gasta, mas apenas no sentido, mais primitivo, de viver com ampla liberdade) são coisas do passado. É mais seguro, enfim, programar uma viagem com companhia.

Aí, sim, as conotações são atuais. Embora o termo paraíso tenha um significado geral, consensual, as interpretações pessoais, mesmo muito criativas, são encaradas com naturalidade. É comum ver-se famílias completas se divertindo à sua maneira — o *topless*, em verdade, é muito mais comum entre as turistas do que entre as nativas, embora fosse esta a regra, no passado.

Uma tradição local, que vale para homens e mulheres: a flor no cabelo. Dizem os nativos que mulher ou homem com uma flor do lado direito procuram companhia — flor do lado esquerdo quer dizer *stop*, palavra simples que a nativa diz, em meio a sorrisos, para um desavisado. No mais, um povo alegre — alegre até no vestir, na medida que pode criar quase duas dezenas de roupas diferentes a partir de um pedaço

As nativas relacionam-se bem com o próprio corpo, e com o mar que as envolve, manejando as canoas primitivas

de pano colorido. Atenção: há pareôs de vários tamanhos, os maiores com 2,40m. Em todos os hotéis, diariamente são feitas demonstrações de como tirar melhor partido de um pareô — e nisto as cariocas, com suas cangas (o equivalente nacional do pareô), têm muito que aprender.

Seguramente, muitas pessoas irão surpreender-se com a quantidade de igrejas das ilhas. São protestantes, católicos romanos e mórmons (nesta ordem, segundo as estatísticas oficiais) e a procura dos templos pode dar a medida da alteração dos costumes primitivos. Nos domingos, as ruas e estradas ganham um colorido especial — com as pessoas enfeitadas de flores para os cultos.

E o taitiano sabe, como ninguém, fazer um adorno para o corpo, a partir de arranjos de flores. Não há distinção entre homens e mulheres. Curiosamente, a flor mais usada — o hibisco — não aparece muito nos folhetos. E não há um jeito estudadamente displicente de colocar uma flor (como a carioca faz com os óculos de sol no alto da cabeça) no cabelo. O toque é de absoluta naturalidade.

A música, quase sempre, é extremamente agradável de ouvir, embora não tenha variações tonais acentuadas (o comentário é de um músico brasileiro, durante um *show*). Dançar é difícil, se o ritmo fica acelerado, secamente marcado por tambores de madeira (troncos escavados).

É preciso não fazer confusão com o Havaí — é muito diferente. As mulheres requebram numa cadência alucinante, conjugando harmoniosos movimentos com os braços. Os homens, com as pernas ligeiramente fletidas, movimentam coxas e joelhos num ritmo agitado. Quem assistir ao *show*, corre o risco de ser chamado para dançar e não se pode furtar. Ganhará um prêmio: um colar de flores.

A alta temporada coincide, aproximadamente, com os períodos de férias escolares no Brasil. As grandes festas locais ocorrem no mês de julho — justamente as maiores comemorações da França. No resto do ano, os *shows* dos hotéis que podem desencantar um pouco: as mulheres não aparecem de seios nus — há, agora, uma cobertura de casca de coco.

Bom, mesmo, é circular pelas ilhas, a pé, de bicicleta ou no transporte público local — semelhantes às nacionais jardineiras, marinetes ou *sopas* (caminhões pequenos, com carroçaria adaptada para passageiros que não podem viajar de pé sem esbarrar no teto). Falar com as pessoas, sempre hospitaleiras e amigas. Em Hauhine, por exemplo, a receptividade é total.

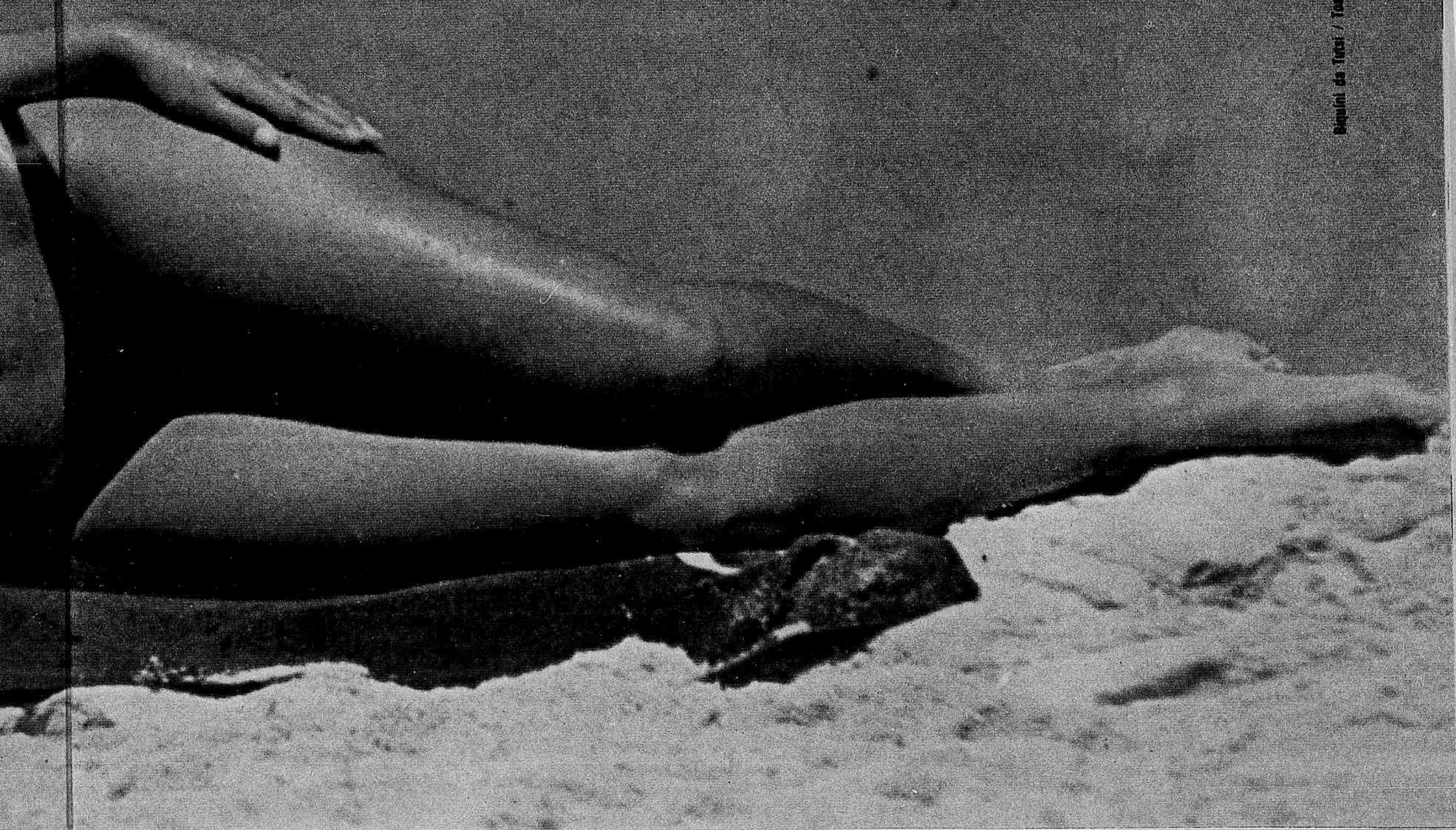
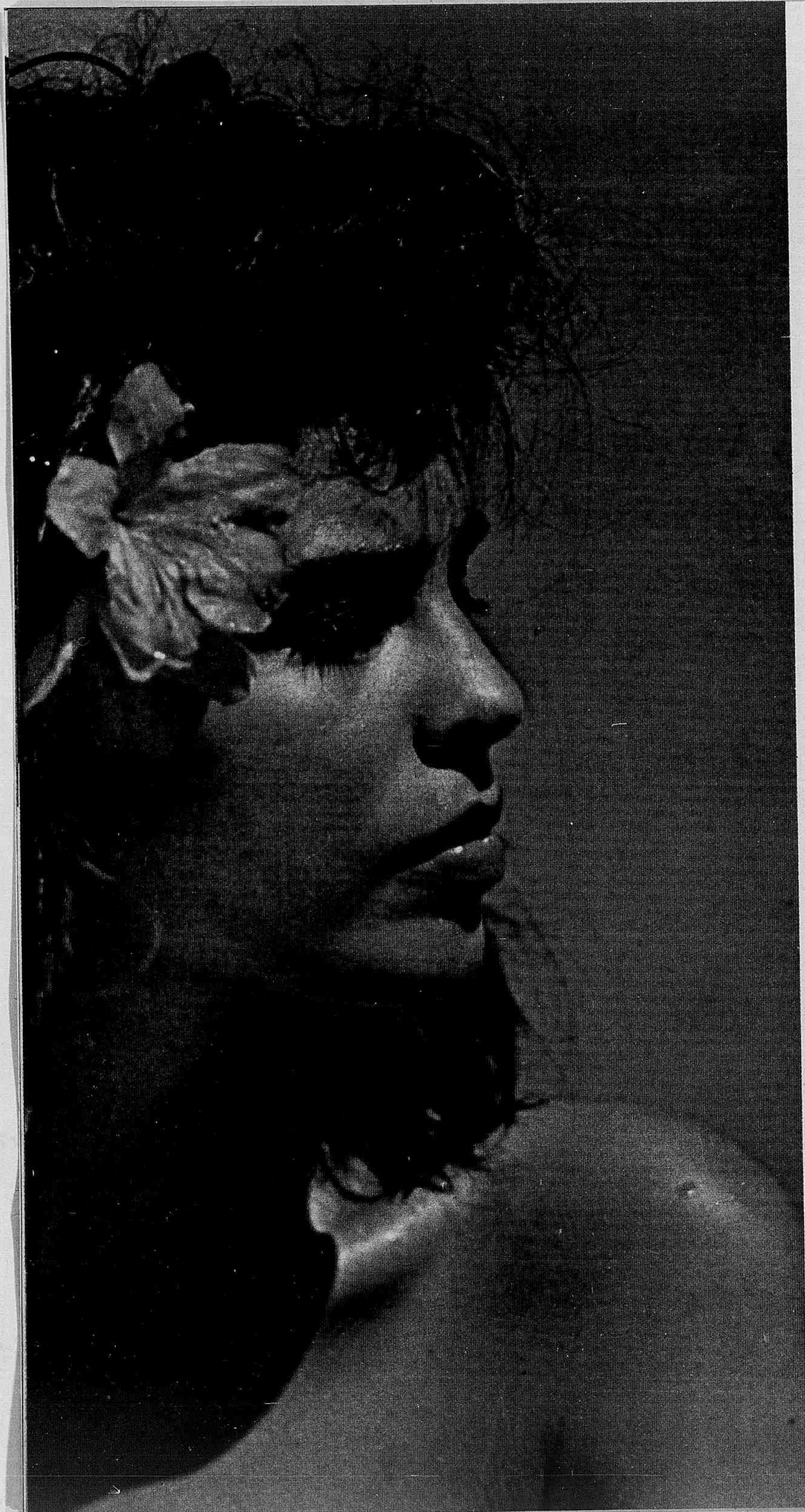
Descobrir lugares onde a luminosidade, refletida nas árvores, nas flores e no mar — de um verde claríssimo a um azul muito escuro, denunciando águas mais profundas — sugere novas formas de ver as coisas. Sem compromissos, sem pressa, em paz, deixar-se deslumbrar. Um conselho final: não procurar originais de Gauguin, na Polinésia; a lenda local é que ainda existem dois, em coleções particulares. Onde, difícil saber. ■

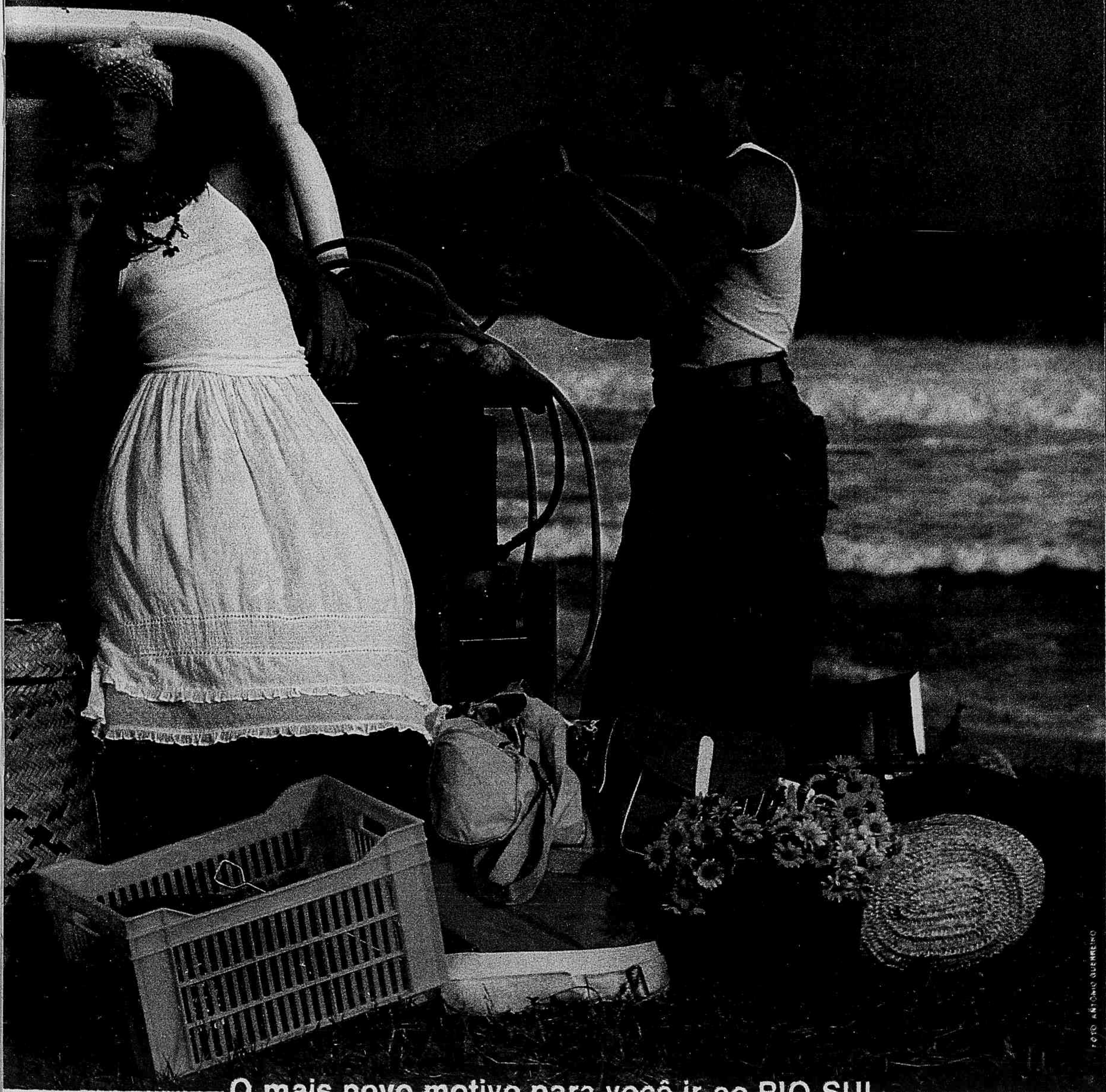
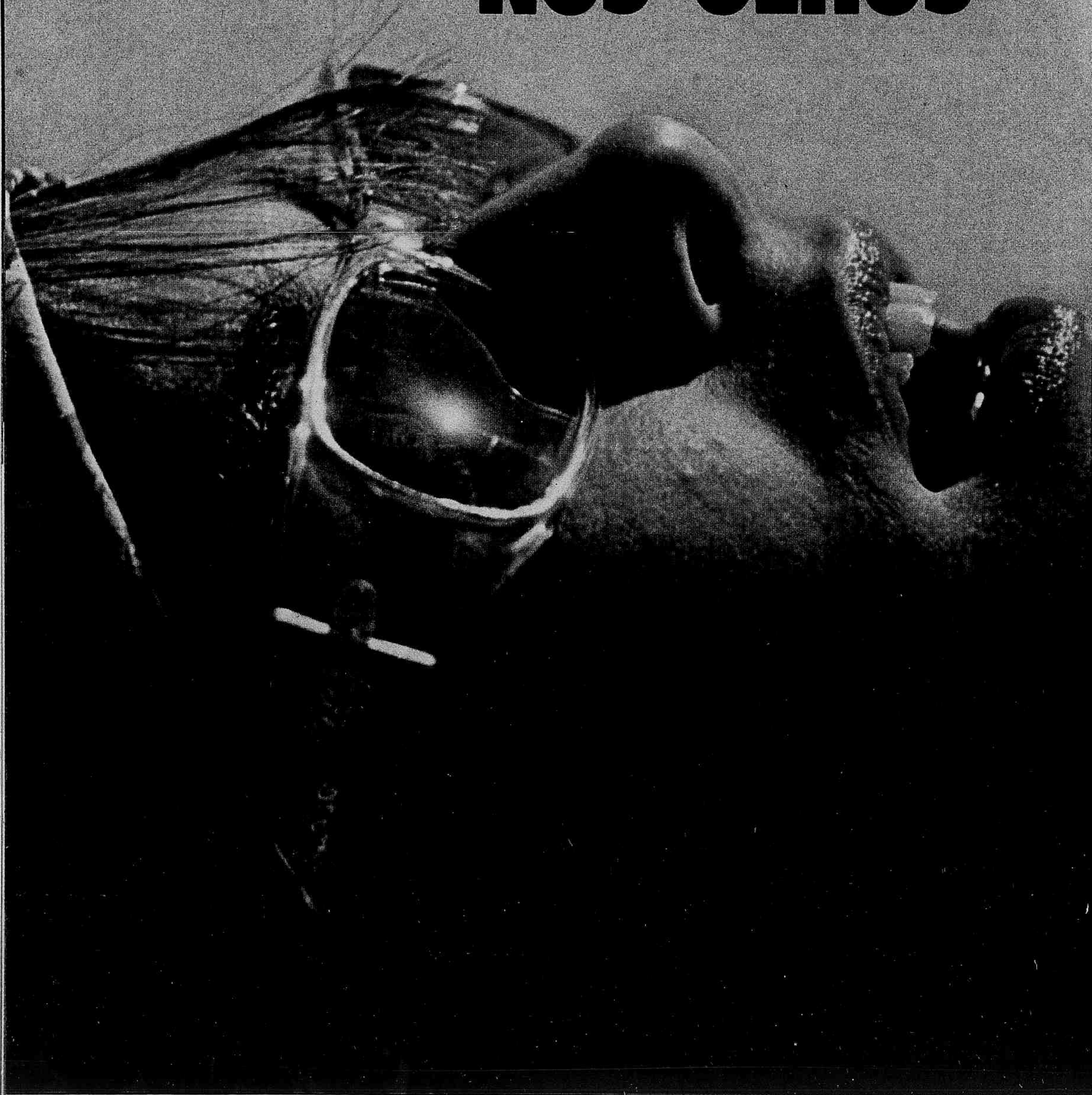
Beleza

GUIA DA COR SOBRE A PELE

IESA RODRIGUES • FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

Com óleos, loções, cremes, os resultados da exposição ao sol podem variar de tonalidade, mas a intenção sempre será o escurecimento da pele. A grande sabedoria está em saber dosar o tempo de sol, o horário da ida à praia, os cuidados depois do banho, em volta para casa. Perfumes e fórmulas existem de todos os tipos nos produtos à venda nos grandes magazines, e as promessas de bronzeados havaianos, taitianos ou mesmo californianos acompanham as tendências da moda. A praia de Ipanema já conheceu verões, em que o *quente* era um ligeiro tom avermelhado, com brilho; enquanto que em outros anos, era abominável qualquer outra pele que não fosse a mais autenticamente marrom-café, com nariz sem qualquer brilho, em tonalidade homogênea. Atualmente, admitem-se rostos levemente vermelhos, conseqüência da onda esportiva, que deixa faces rosadas pelo esforço das corridas e jogos; mas é fundamental conseguir o dourado típico da juventude surfista. Que pode estar *out* em termos de esporte, mas está no auge do sucesso em matéria de cor. ▶

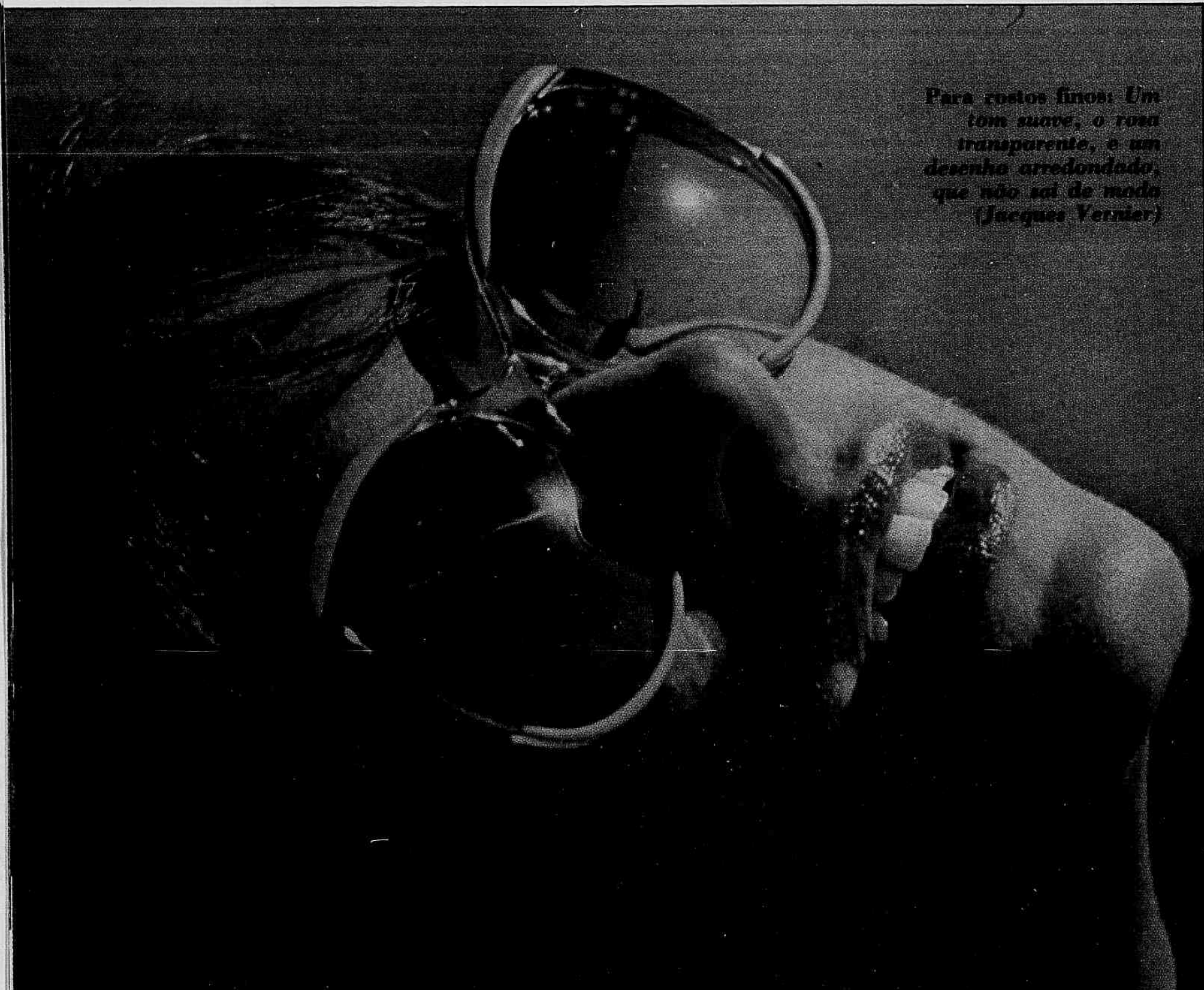
Biquíni da Tetei / Toalha Company

Nada mais prático do que comprar seu bronzeador nas prateleiras dos supermercados ou nos *magazins* da cidade. Entre os favoritos estão os cremes e loções da Coppertone, marca que dá resultado duradouro; os óleos da linha Waikiki Tan, com perfumes de frutas e flores tropicais, de efeitos brilhantes sobre a pele, e tons variando do marrom-escuro ao dourado, conforme a intensidade dos filtros, especificados nos rótulos. Mais sofisticados são os produtos com nomes de cosméticos de maquilagem, como Max Factor, Germaine Monteil e Helena Rubinstein, encontrados também em formas diferentes, como os *sprays* de espuma branca — uma delícia o efeito suavizador — ou um pequeno estojo amarelo, com creme, da Revlon.

As linhas de fórmulas naturais Companhia da Terra e a Boticário, do Paraná, oferecem seus bronzeadores à base de cenoura. E as cariocas continuam gostando de óleo Johnson, para amaciar a pele e evitar o ressecamento, enquanto algumas ousadas criaturas preferem confeccionar suas receitas caseiras, à base de beterrabas, sucos de cenoura e óleos de cozinha. Pode ser que queimem bem, evitem as rugas, etc. Só o perfume é que poderia ser melhor. Em todo caso, estas fórmulas são perigosas, porque em vez do tom moreno, podem resultar manchas difíceis de serem eliminadas. Neste setor naturalista, a grande moda é passar urucum desmanchado com óleo no corpo, tintura usada pelas índias brasileiras, e que dá como resultado um forte vermelho na pele. E quem prestar atenção à bagagem de praia das cariocas, vai observar que a atual mania não são exatamente os bronzeadores. O grande toque-82 é clarear pernas e braços com água oxigenada cremosa, que deixa pelinhos louros e pele dourada. Este é o bronzeado deste ano: natural, como o tom das nativas do Taiti. ■

A LUZ SUAVE NOS OLHOS

Proteger-se do sol compreende uma escolha que moldará o seu rosto

Dourados, para entrar nos brilhos da moda: *Acentuando os cantos e o alto da armação clássica, em tom rosado (Camargue). Ou francamente moderno, no gênero motociclista, com o friso metálico como ponto forte do modelo (Di Paolo). Bijuteria Zau*

Modernamente ingênua — *lembrando os óculos da década de 60, para compor o estilo* [illegible]

Fazendo o tipo selvagem: *As lentes acompanham o tom âmbar da armação que imita o manchado da pele de onça, ou da tartaruga, (Jacques Vernier; blusa Complot)*

Com o crescimento da indústria dos óculos, com marcas internacionais e nomes que, apesar de soarem estrangeiros, são criações *made in Brazil*, a moda de verão carioca passou a exigir atualizações pelo menos semestrais de modelos, cores e tipos de armações. Para adaptar lentes de grau, os óculos são mais clássicos, ou menos extravagantes, em tons neutros que combinam com o dia-a-dia. Mas quando se fala em lentes escuras, *degradées*, coloridas, para suavizar a luz do sol, a escolha é muito vasta. Entre as principais tendências desta temporada, poderemos escolher entre óculos de madeira; ou materiais transparentes em cores cristalinas ou jogando com frisos opacos, em tons rosados e avermelhados; contamos com os insuperáveis *ray-bans* e similares, de frisos dourados metalizados e podemos aderir totalmente ao tipo selvagem, usando armações ma-

Para rostos finos: *Um tom suave, o rosa transparente, e um desenho arredondado, que não sai de moda (Jacques Vernier)*

Em rosa-pastel: *Contrastando com o bronzeado primaveril, o tom delicado que combina com formas mais clássicas e armações maiores do que as estreitas ou redondinhas; joviais demais para quem tem gosto discreto (modelos Jacques Vernier)*

Pretos, para quem quer aderir ao tipo punk/new wave: *Armação preta, reta sobre as sobrancelhas, com hastes largas (Di Paolo e Jolie Beatrice)*

Para clarear o dia: *Este tom amarelo, incluindo as lentes, faz a luz do sol parecer ainda mais brilhante ([illegible])*

Pretos, para quem quer aderir ao tipo punk/new wave: *Armação preta, reta sobre as sobrancelhas, com hastes largas (Di Paolo e Jolie Beatrice)*

Jovem, na linha gatinho: *Com hastes laterais pretas e lentes marrons claras, (Jolie Beatrice, da Focal)*

lhadas, zebradas ou em imitações ousadas da tartaruga, em tom mais claro.

De todas as linhas, os *best-sellers* na ala jovem serão os óculos de motociclistas, ou os que lembram modelos usados na década de 60, retos na linha das sobrancelhas, de hastes laterais largas, lentes escuras. Variações existem, dentro desse estilo, suavizando o desenho para formas mais arredondadas, ou passando do preto para tons de marfim, dourado ou cristalino. ■

Onde encontrar

Os melhores modelos deste verão estão à venda nas Óticas Brasil; Fluminense; Lux; Lunetterie (R. Visconde de Pirajá, 550, sobreloja); Di Occhialli (R. Visconde de Pirajá, 330 e Shopping Rio-Sul); Camarim (R. Visconde de Pirajá, 330, sobreloja) e nos grandes magazines, como a Sears e Mesbla.

A DOUTORA TEM UM BEBÊ

Confrontos ricos entre a teoria e a prática da maternidade

ANA MARIA BAHIANA

Quando o trabalho de parto de Vera Lucia Acar — clínica geral homeopata, partidária do parto natural, sem anestesia, de cócoras — entrou em sua fase crítica, três horas de contrações violentas e excruciantes, ela olhou aflita para seu marido, também médido homeopata, e para a colega que a assistia:"Eu não sabia que era assim, gente! Juro que não sabia."

Quando Fernanda, a filha da pediatra Teresinha Wermelinger Caetano, tinha três meses, uma febre misteriosa e alta começou a roer-lhe a tranqüilidade. Sua mãe olhava as radiografias de seu pulmão durante horas: "Este pulmão está limpo ou eu é que não estou querendo ver nada?", ela pensava, angustiada.

A ética profissional não permite que um médico seja seu próprio doutor ou que trate de seus familiares. Mas a tensão indissolúvel entre teoria e prática é poucas vezes mais intensa que nesta situação de vida: a mulher que se dedica a orientar outras no momento crítico da gestação e criação de filhos vivendo na própria carne o que ensina e defende. Gestar, parir, amamentar, criar, são atos cruciais: transformam o corpo e a mente, alteram o compasso do dia-a-dia, abalam as relações com o outro e com o mundo. Um médico, homem, conhece a teoria dessas transmutações e age em coerência com ela. Mas a médica, mulher, atravessa a teoria e, no momento em que vive o que aprendeu, freqüentemente descobre uma perspectiva inteiramente nova de sua profissão.

Teresinha Wermelinger Caetano, por exemplo, aprendeu pequenos truques que só o trato diário com uma criança podem ensinar: a boa prática médica pede um exame pediátrico em fases bem distintas, com a criança despida e sobre a mesa de exames. "Mas hoje eu examino em qualquer lugar", ela ri, "Se a criança está sentada quietinha ao lado da mãe enquanto eu converso, vou auscultando, examinando os ouvidinhos e a garganta. Se a criança prefere ficar sentada numa cadeirinha de brinquedo, eu examino ali mesmo. Criança não respeita teoria mesmo, tem um tempo próprio."

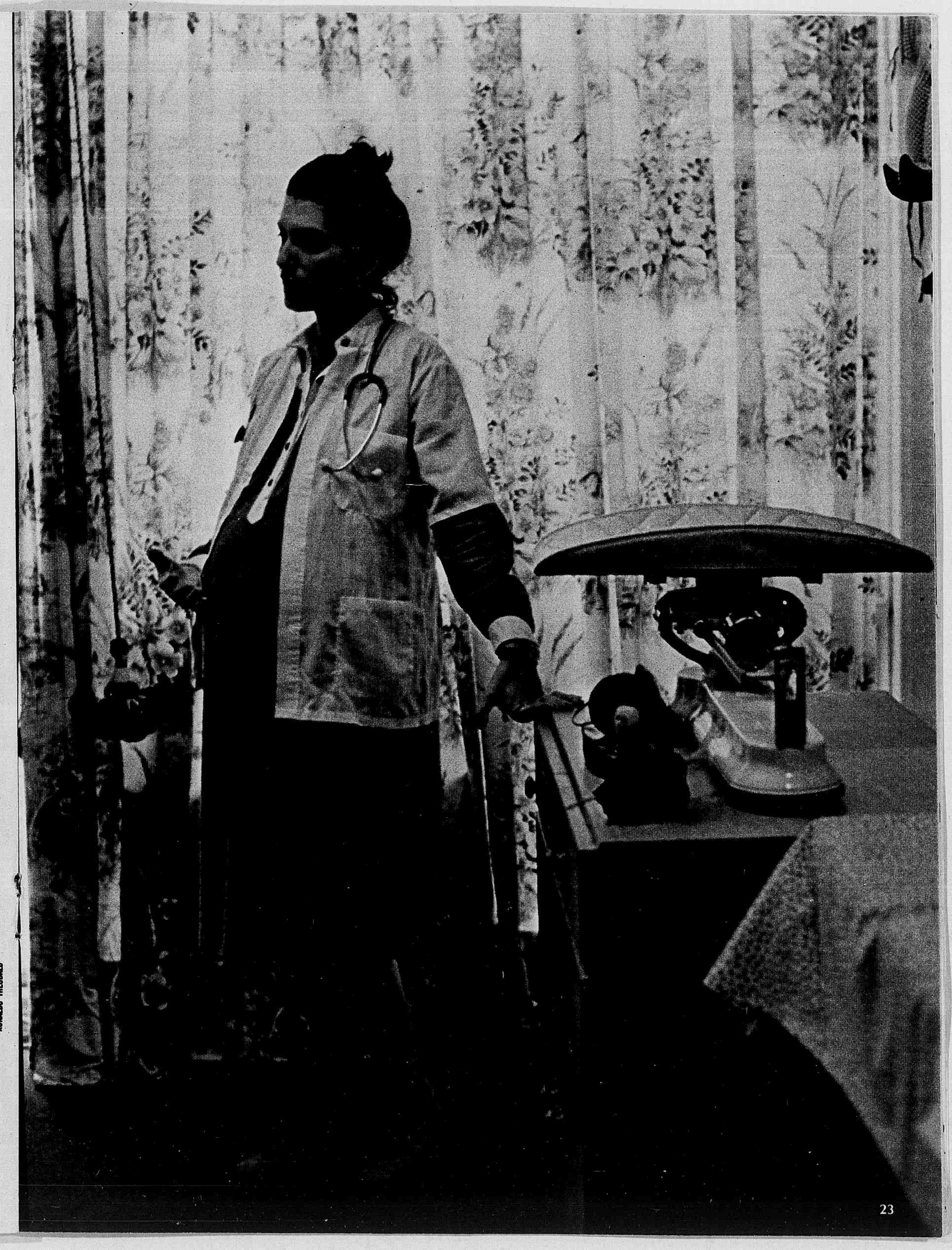
Regina Coeli Alonso, obstetra e ginecologista, só foi se convencer plenamente da importância do parto normal — que hoje ela recomenda a suas pacientes, orientando-as com a ajuda de uma ginasta e uma psicóloga — depois de uma cesárea angustiante, embora absolutamente necessária. "Tanto eu como meus irmãos nascemos muito grandes, e por cesárea. Talvez por causa disso mesmo eu, quando engravidei, já estava condicionada para esse tipo de parto. À medida em que a gestação prosseguia, fui me convencendo que um parto normal era melhor, mas cheguei no oitavo mês com a pressão alta demais, cheia de edemas, e minha médica me disse que o bebê estava sofrendo, e o melhor era apressar o nascimento com uma cesárea."

Anestesiada da cintura para baixo, Regina monitorava o nascimento de Luciana com ansiedade: queria saber o estado da bolsa, o estado do feto, tamanho, peso, coloração, reflexos, se já tinha aspirado, se tinha volta de cordão umbilical. "Acabaram me sedando para eu acabar com aquele questionamento", ela recorda. "Mas antes disso me mostraram a Luciana de longe e minha primeira reação não foi nada médica. Ela tem o nariz da minha sogra!, eu disse." Por causa disso, Regina mantém hoje um gravador ligado nas salas de parto: até o nascimento, toca música suave ou alegre, ao gosto da parturiente; depois, grava as primeiras impressões da mãe e o choro do bebê. "E depois que minhas filhas nasceram, cada vez mais eu me emociono quando faço um parto."

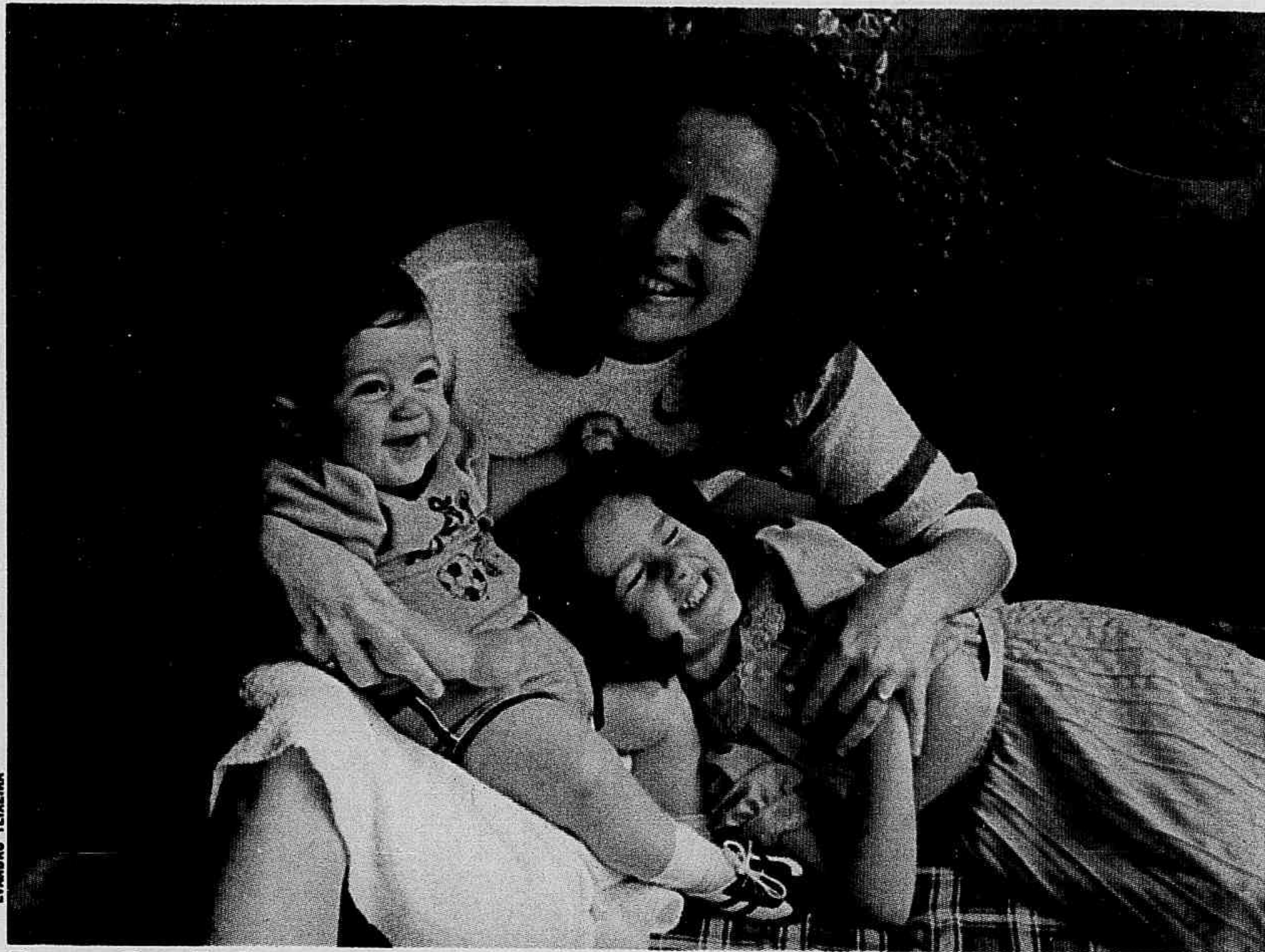
A prática muitas vezes fere a teoria, mas esse confronto é sempre enriquecedor. Teresinha tem uma formação pediátrica que dá ênfase à alimentação correta, vigiando com rigor o peso do bebê mas sua própria filha, Fernanda, está bem acima da tabela para sua idade, 14 meses, o que não perturba sua beleza rosada nem a tranqüilidade de sua mãe. "Eu que sou mãe e trabalho sei que é quase impossível vigiar o que as crianças comem. Fiz uma dieta para a Fernanda cortando os doces, diminuindo as farinhas, as batatas, mas não tem jeito. Ela fica em casa com a babá e a avó, que são uns amores, mas não conseguem fazer a dieta. Já cheguei em casa do consultório e encontrei a Fernanda comendo uma barra de chocolate, toda satisfeita. E o que eu ia dizer?" Por isso, ela hoje entremeia suas *broncas* com as mães que deixam seus filhos estourarem as tabelas com votos de solidariedade e compreensão: "A maior ansiedade da mãe é mesmo comida, não tem jeito. Eu, por exemplo, sei que não se deve insistir para que a criança coma, nem oferecer outra coisa se a criança não comeu. Mas tem jeito? Se a Fernanda não almoça direito eu digo e repito que está tudo bem, que ela está bem alimentada e tudo. E uma hora depois já estou fazendo papinha de banana pra ela."

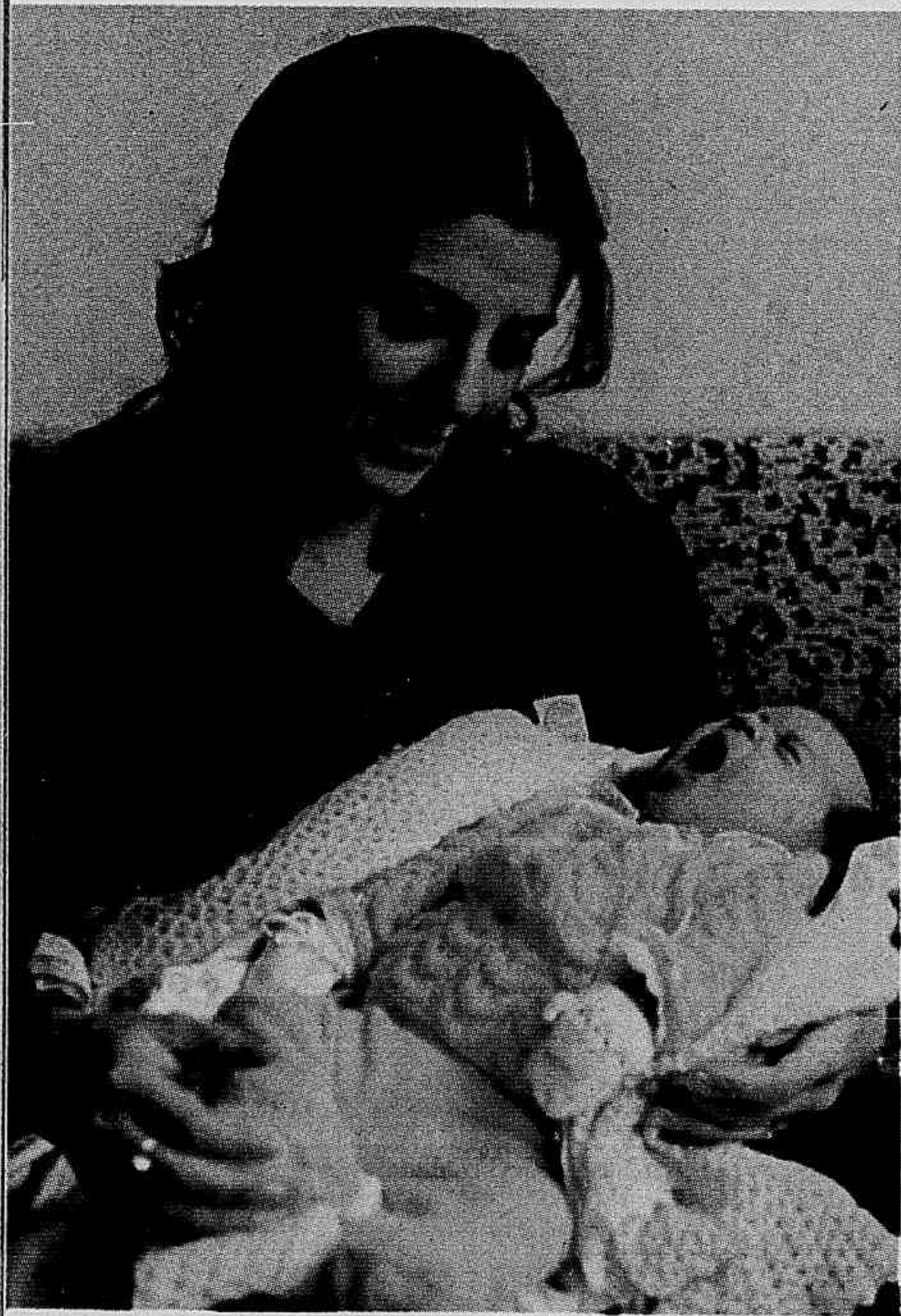
Evelyn Eisentein, clínica especializada em adolescentes — uma extensão da pediatria, ou melhor, "uma espremeção entre a pediatria e a clínica geral, para atender aqueles pacientes de 11, 12, 13 anos que o pediatra não quer mais e não têm a ver com a clientela bem mais velha do clínico" — sabe a importância do desenvolvimento sadio e harmonioso dos primeiros anos da criança "porque o adolescente repete, na verdade, seus três primeiros anos de vida: descoberta, independência, por ques, afirmação do eu". Está criando seus dois filhos, Domenica, de quatro anos e meio, e Mateus, de sete meses, como sabe ser o melhor: como diálogo e respeito à individualidade da criança. Mas já contrariou sua teoria pelo menos uma vez: "Domenica se acostumou a só dormir comigo, quando ideal seria ela dormir sozinha. Mas é que ela nasceu num período ▶

RONALDO THEOBALD

Teresinha Caetano, médica e mãe, descobre com a gestação uma perspectiva inteiramente nova de sua profissão

muito agitado da minha vida, quando eu estava estudando nos Estados Unidos, e eu me compensava muito de ficar longe dela o dia todo, fazendo ela dormir no colo, à noite." (Vera Lucia Acar também está deixando que Joana, sua filha de um mês, durma a seu lado no quarto, contrariando o que dizia a suas clientes. "Mas eu já questionava muito nisso. É uma questão de privacidade nossa: se a Joana chora de noite eu não vou até lá acordar a babá. Eu mesma atendo.")

A prática da maternidade também deu outro contorno — mais suave, até — à teoria de Evelyn: "Falar que a teoria é um apoio enorme *pra* gente pode parecer uma diminuição a todas as outras mães que não têm acesso a esse conhecimento e são verdadeiras heroínas. E, na verdade, a mãe que se guia pelo senso comum acaba tendo tantas chances de sucesso quanto quem tem acesso à teoria. Eu nunca dei uma palmada, mas não censuraria quem dá, ou dá uma disciplina mais severa. Muitas vezes, esse é um método tão eficiente quanto outro, para estabelecer limites."

EVANDRO TEIXEIRA

Para a Dra Evelyn, a mãe que se guia pelo senso comum sempre acerta

LUIZ MORIER

Vera Acar, homeopata, sempre pensou num parto sem anestesia, de cócoras

ROGÉRIO REIS

A Dra Regina Coeli Alonso só se convenceu da importância do parto normal após uma cesárea

Abrandada pelo bom senso, a ciência médica pura ainda é um apoio para essa especial categoria de mães. Às vezes, é uma angústia: Regina Alonso sabia exatamente os sérios riscos que um nascimento prematuro traz a uma criança, e esperava com ansiedade os sinais — que felizmente nunca vieram — de anomalias motoras e sensórias em Luciana.

Às vezes, é uma tensão, principalmente porque, como qualquer mãe, estas também têm obstetras e pediatras a quem consultam: "E eu, como acredito no aleitamento materno e acho que os pediatras brasileiros entram muito cedo com comidas, nunca obedeci o que o médico do Mateus mandou", Evelyn conta com orgulho. "Até a semana passada ele mamou só no peito."

Na maior parte das vezes é um alicerce extra para auxiliar nessa passagem rica mas tensa de mulher, profissional, para mulher, profissional, mãe. Como sabe que a saúde do bebê depende da gestação sadia, a médica tende a ser duplamente cuidadosa com o que faz e come durante os nove meses — "engordei só 12 quilos, perdi nove depois do parto", Vera Lucia se

orgulha — embora todas se queixem da falta de tempo para uma prática essencial, o exercício, as caminhadas. "Eu acho que descuidei um pouco na primeira gravidez", Regina Alonso admite. "Não fiz ginástica, e me automediquei demais". "Eu não tinha tempo nem *pra* pensar", Vera Acar conta. "Entrava às 8 no consultório e não tinha hora para sair. Fazia exercícios de ioga específicos para a gravidez, mas muito pouco. Caminhar, não tinha tempo. Por causa disso, por ficar tanto tempo sentada, tive contrações durante todo o nono mês. E não conseguia me desligar da tensão da consulta, da carga toda de problemas que as pessoas te passam naturalmente. Trabalharia menos na gravidez, se tivesse outro filho, mas nunca deixaria de trabalhar".

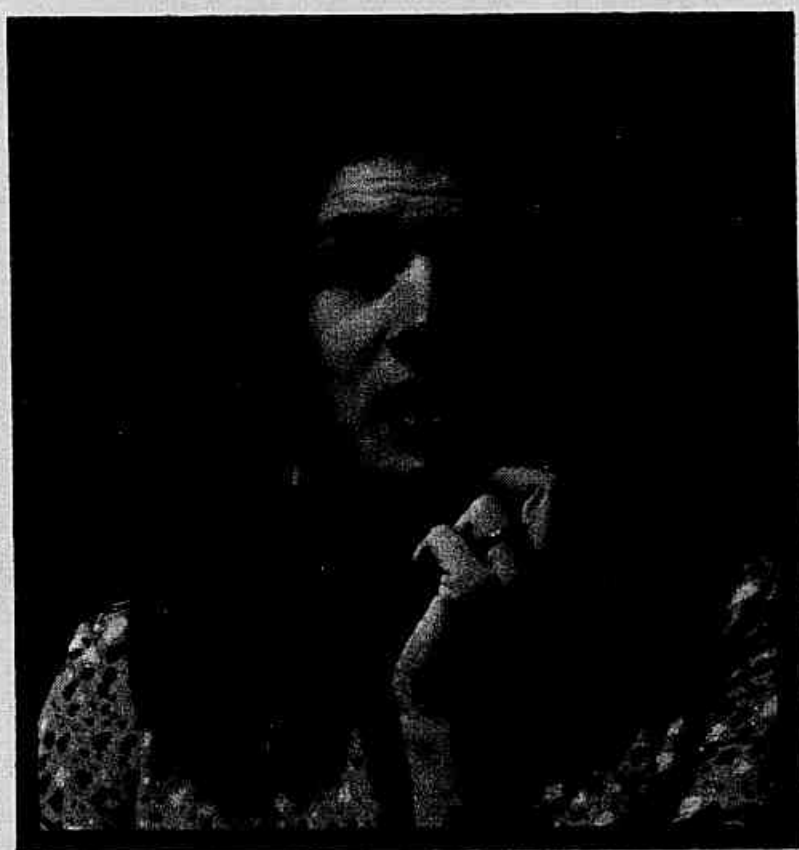
Nenhuma deixaria, aliás. Amam seu ofício como amam seus filhos, e os dois se completam. Confiam tranqüilamente em babás e avós — "embora eu ache que a creche é o ideal, pelo aspecto de socialização da criança, mas com essa falta de horários da gente, é impossível". Vera diz. Amamentam o mais que podem mas voltam

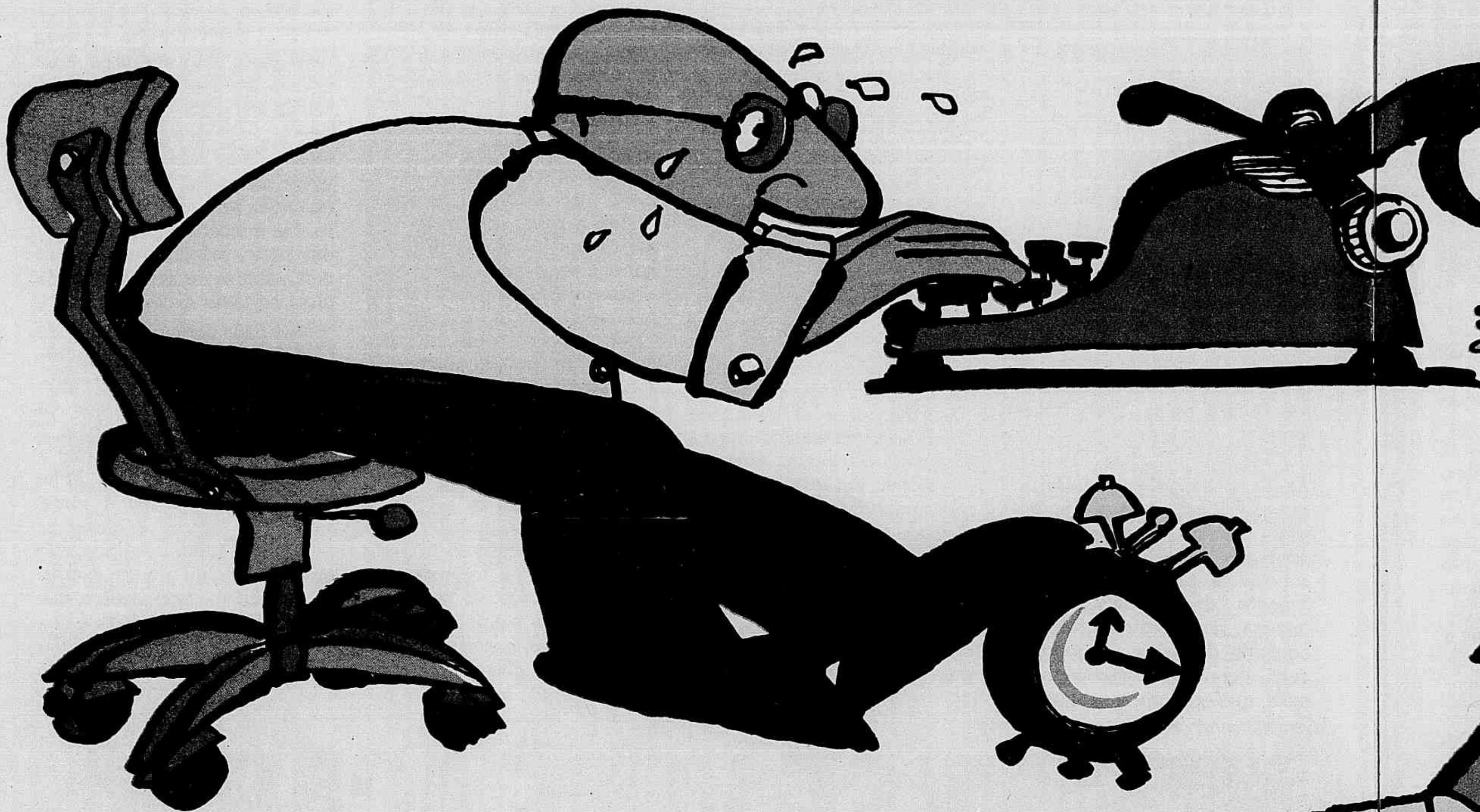
Abrandada pelo bom senso, a ciência médica pura ainda é um apoio para esta especial categoria de mães, as doutoras

cedo a hospitais e consultórios, muitas vezes com um bercinho a tiracolo, para as mamadas. "Das duas vezes eu voltei logo a trabalhar", diz Regina Alonso." No caso da Luciana, então, foi uma ajuda muito grande para mim, *pra* eu superar a angústia que me dava o estado dela. Além de prematura, ela tinha uma alergia raríssima a todo tipo de leite, a alimentação dela era supercomplicada, com um mingau de carne, só comia proteína. Acho que foi aí que eu vi que ser mãe é muito mais que brincar de boneca com um bebê no colo. Se ela morresse, era um pedaço de mim que morreria. Com a Maura, a segunda, já foi mais fácil eu me desgrudar do berço, não ficar ali obsessivamente olhando para ela."

E porque seu trabalho é tão vital, tão intimamente entrelaçado com a própria continuidade da vida, ele acaba tornando-se um código próprio de valores — que elas, como pessoas e mães, não se furtam a seguir. Evelyn acreditava que seus filhos deveriam nascer de parto normal, sem anestesia, e serem amamentados pelo mais largo período de tempo, e assim foi. "Tive partos ótimos, é uma questão de vontade, de apoio." Teresinha acredita em vacinas e nutrição sadia, e assim Fernanda está sendo criada, apesar dos doces ocasionais da vovó. "Mas eu tive medo na hora da anestesia. Foi uma peridural porque ela nasceu de cesárea, depois de doze horas de trabalho de parto — a bolsa tinha rompido mas ela não passava. Na faculdade você só aprende patologias, e eu via muitas pessoas que não andaram mais depois da peridural. Não conseguia me desligar disso." Regina Alonso, apesar e por causa de suas duas cesáreas, postula o parto normal como soberano, e orienta suas clientes para superar o medo da dor e do desconhecido, "que todo mundo tem, e eu tive, e muito."

Vera Acar sempre pensou num parto sem anestesia e de cócoras para seu filho, de preferência em casa — e foi assim que Joana nasceu, embora um quarto numa casa de saúde estivesse reservado, "porque você não pode ser radical a esse ponto. Há indicações precisas para um parto induzido e até para uma cesárea, e eu não fugiria disso se fosse necessário."

Mas nada aconteceu além de contrações intensas durante três horas — "eu mesma me mediquei com Chamomila, que eu sabia que era o meu remédio. E me ajudou muito a suportar a dor" — e um bebê de 3,200 kg no final. "Eu peguei a Joana assim que nasceu e passei as mãos nela todinha. Ainda não era um carinho: era um exame. Só quando vi, como médica, que ela era normal e perfeita é que me permiti abraçar e acariciar como mãe. E aí chorei feito louca." ■

Desgaste

FICCIONISTAS DE E

ALBERTO BEUTTENMULLER (São Paulo)
e AIMÉE LOUCHARD

É um duro ofício o de manter presos aos receptores 50 milhões de telespectadores todas as noites. E se úlceras, enfartes, situações extremas de *stress* provocam quase tantas baixas entre os que ficam por detrás das máquinas de escrever quanto nos personagens fictícios que embalam os sonhos daqueles que se postam religiosamente frente a seus aparelhos de TV, é porque escrever novelas representa uma escravidão anual de pelo menos seis meses de trabalho destruidor.

São cerca de 30 laudas por dia — em alguns casos mais de 40 — a renúncia a qualquer prazer corriqueiro desfrutado pelas pessoas *comuns*, o desencontro com os amigos, a falta de convívio com a família, tensão, desânimo, pressões por parte de censura, público e diretores de emissoras, pavor do Ibope, sofrimento, dor. Massacre. Não terá sido por outras razões que ao acabar de escrever as 4 mil laudas da novela *Cabocla*, Benedito Ruy Barbosa, o sofrido autor, entrou a chorar como criança enquanto seus dedos batucavam sobre o teclado da máquina, obsessivamente, uma palavra de três letras: *Fim, Fim, Fim, Fim, Fim, Fim, Fim, Fim, Fim.*

FOTOS DE JOSÉ CARLOS BRASIL

Lauro César Muniz se confessa desiludido com toda a engrenagem

Benedito Ruy Barbosa chegou a ter uma ameaça de enfarte

E há o *merchandising*. É uma palavra extraída do jargão publicitário, de difícil definição exata — existem controvérsias mesmo entre os especialistas — mas que representa na realidade a arte de *vender* mercadorias de forma quase subliminar sem que fique clara a intenção de fazê-lo. A maioria dos autores de novela reluta em falar sobre o assunto — atitude compreensível, uma vez que se trata de imposição das emissoras que, afinal, os pagam. Mas é difícil imaginar que Gilberto Braga, festejado autor de *Água Viva, Dancing Days* e muitas outras, há alguns anos o severo e intelectualizado crítico de teatro Gilberto Tumcitz, contemple com tranqüilidade o fato de ter de adequar uma situação dramática para que determinado personagem refresque-se com o refrigerante *X*, cujo fabricante pagou — e caro — para tê-lo em cena. Ou que o respeitado dramaturgo Jorge Andrade, de inegáveis glórias teatrais, tenha de pontilhar seus textos com

DE ENCOMENDA

O duro ofício de inventar melodramas custa a saúde dos autores de telenovelas

rubricas de indisfarçável interesse comercial.

Há, contudo, entre os autores, os que não evitam o assunto. Lauro Cesar Muniz (um enfarte, 200 capítulos de *Escalada*, 160 de *O Casarão*, 170 de *Carinhoso*, 150 de *Espelho Mágico*, casos especiais, metade de *O Bofe* quando Bráulio Pedroso tombou com hepatite), é decididamente contra o *merchandising*. "Começou em 1970, com a novela *Carinhoso*", conta. "Depois, com *Dancing Days*, houve uma verdadeira corrida ao *merchandising*. Na novela *Os Gigantes* neguei-me a fazer *merchandising* de multinacionais, já que o texto condenava esse tipo de enfoque. Sempre tive a ilusão de fazer um trabalho artístico, e isso é incompatível com o *merchandising*".

Jorge Andrade (23 laudas por dia, 10 horas diárias em cima da máquina de escrever), é mais condescendente com a propaganda através de novela: "Não tenho queixas", diz, "nem contra a censura nem contra o *merchandising*. Não ponho neles a culpa de minhas falhas." Ele garante que o *merchandising*, quando houve em suas novelas já estava praticamente no texto: "Se havia necessidade de alguém usar uma motocicleta, é lógico que a emissora ia procurar uma firma para dar-lhe apoio. Mas nunca coloquei uma motocicleta no texto para fazer *merchandising*".

Não é, aparentemente, sua maior preocupação. Estas devem-se principalmente ao trabalho intelectual, "massacrante, esgotante" que durante seis meses o mantém afastado de praticamente tudo."Não é possível ir a um cinema, ao teatro, exercer qualquer espécie de lazer. O tema da novela e suas personagens acompanham o autor para onde ele for", lamenta-se. Mesmo assim, enquanto termina os textos para um seriado de Dercy Gonçalves para a TV Record — *A Indomável Mariana*, um capítulo semanal de uma hora — revela-se em lua-de-mel com a televisão: "Sinto-me realizado na TV. Não conheço novelas muito melhores do que *Ossos do Barão* ou *O Grito*. Vocês conhecem?" — pergunta, enquanto retira o toco de cigarro da piteira, gesto que repete o dia inteiro. "A TV é um grande veículo", garante, "ela está mudando o mundo. O cidadão vê uma criança nascendo pelo vídeo. Se isso não vai mudar o mundo, então não sei o que vai mudar." ▶

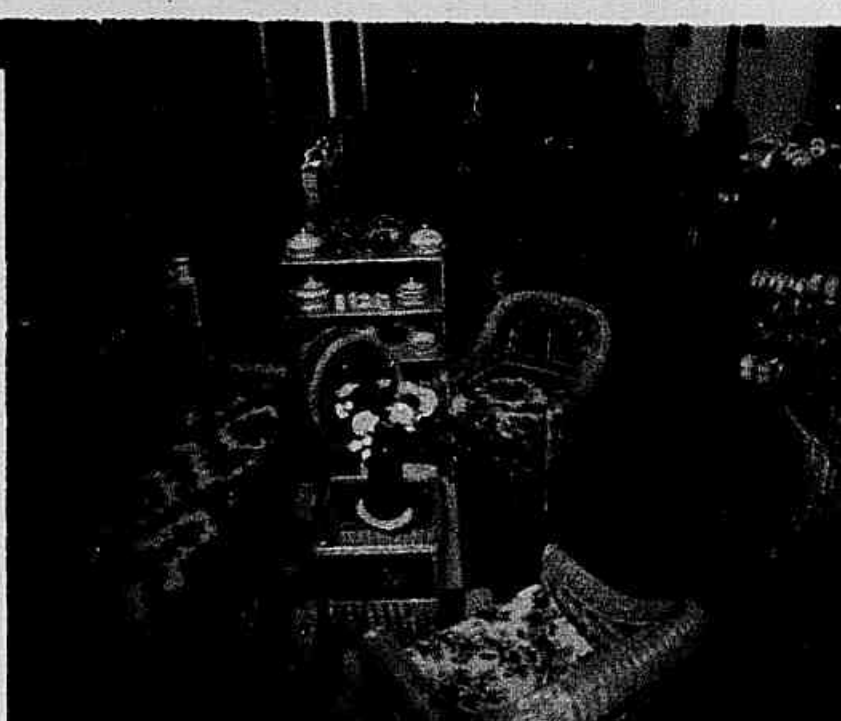
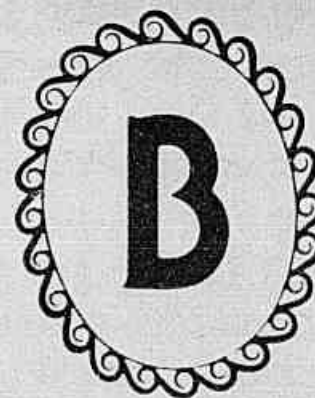
Menos interessado na função transformadora da televisão no mundo e mais preocupado com os efeitos que o ofício de escritor de novela produz em sua vida, Gilberto Braga desabafa: "É uma vida cheia de sacrifícios". Há dois meses trancado em seu apartamento no Flamengo, para escrever *Brilhante*, a nova novela da Globo, ele permanecerá na mesma situação por mais cinco meses, até terminá-la. "Durante mais da metade do ano escrevo sem parar e na outra metade esvazio a cabeça para voltar a escrever. Até a estréia devo ter no mínimo 30 capítulos escritos, como margem de segurança. E enquanto a novela fica no ar, não saio de casa, não vejo amigos, nem atendo telefone. Acordo, durmo, escrevo. É muito desgastante".

Não é só desgaste físico. Durante o desenrolar da novela muita coisa pode acontecer e o autor precisa, além da imaginação, de razoável dose de *jogo-de-cintura* para contornar os problemas que fatalmente surgem. É ainda Braga quem explica: "Um ator que fica doente nos obriga a dar uma virada na história para justificar sua ausência. Outras vezes, um ator escalado para fazer uma *ponta* dá tanto vigor ao papel que precisamos ampliá-lo. Foi assim com Renato Pedrosa, o mordomo de *Dancing Days* que cresceu a cada cena, até fazer *solos* inesquecíveis".

Ex-jornalista, 50 anos de idade, 20 novelas nas costas, Benedito Ruy Barbosa, autor de *Os Imigrantes*, aponta para um ponto a cerca de metro e meio do chão: "Está vendo esta pilha de capítulos?" Pois só quando ela chegar àquela altura na parede estarei livre". Resignado, comenta: "Sou um escravo. Acordo às seis da manhã, leio os jornais até 7h30 e começo a trabalhar. Só paro às 12h30 para um uísque. Durmo um pouco e volto a trabalhar às 14h30, quando vou até as 18h10. Assisto à minha novela e pelo menos duas vezes por semana volto à máquina e vou até uma da madrugada". Até agora, Ruy Barbosa já escreveu 4 mil laudas de *Os Imigrantes*. Segundo seus cálculos, ainda faltam mais 8 mil.

É uma perspectiva desalentadora, sem dúvida, mas que ele encara com o estoicismo de quem já passou por outras. Em *Cabocla*, quando se iniciaram as gravações, tinha apenas quatro capítulos prontos. Quando terminou de escrever, estava com 60 capítulos à frente das gravações, que ainda continuariam por dois meses. Foi quando começou a sentir uma forte dor no peito e a chorar sem parar. Era tensão, mas ele pensou ser ameaço de infarte. No fundo, uma estafa provocada não só pelo tremendo esforço físico e intelectual, como por alguns percalços da profissão que o fazem sofrer: "É desgastante quando preciso *matar* uma personagem, principalmen-

Jorge Andrade acha que massacrante mesmo é o trabalho intelectual

pass

Lauro Cesar Muniz, veterano escritor de novelas: "Hércules não faria este trabalho, preferiria limpar estábulos"

te com o desemprego que anda por aí. A gente sofre pressões de todos os lados, até dos amigos que querem ver a novela à maneira deles."

Enquanto Ruy Barbosa fala, o telefone toca. É um ator pedindo ajuda. Seu personagem havia *morrido* na novela e ele perdia, desse modo, o emprego. Como sua mulher também estava desempregada, a situação tornava-se difícil. Pensativo, Ruy Barbosa sentencia: "Este drama o autor da novela também vive. E é tão ou mais real do que a própria novela."

"Escrever novelas é uma pedreira", confessa Janete Emmer Dias, a popularíssima Janete Clair, garantia de altíssimos índices de audiência toda vez que senta à máquina para iniciar uma série. Veterana das lacrimosas novelas da Rádio Nacional, teve sua entrada na TV Globo, em 1967, marcada por uma história que já virou folclore. Chamada para resolver o inextrincável cipoal em que mergulhara a novela *Anastácia*, estrelada por Leila Diniz e àquela altura com mais de 100 personagens, imaginou um providencial terremoto que matou 96, reduzindo-os ao confortável número de quatro. Atualmente ela descança, até o início do próximo ano. Mas é apenas descanso físico, "não ter de ficar em cima de máquina de escrever todos os dias, horas a fio". Mesmo de férias, pensa no próximo tema, busca novos personagens que surgem das histórias que lhe contam os amigos, do que vê na rua ou lê nos jornais. "Mesmo quando não estou escrevendo", diz ela, "fico de antenas ligadas."

Há, também, a censura. Seu marido, Dias Gomes — no momento afastado das novelas — teve um trabalho, *Roque Santeiro*, totalmente interditado em 1975. A própria Janete se considera muito visada: "Meus diálogos são fortes", confessa. Para ela, a censura "abre e fecha". "Não sei em que pé estamos agora", conta, "numa novela sexo é tabu, mas nas revistas pode, no cinema também. Fico muito insegura quando escrevo, porque o público é muito conservador". Como Dias Gomes, ela sublinha a pressão do público sobre a censura sempre que um tema mais forte é colocado no ar. Seu marido aponta outro problema: "O brasileiro tem um senso de corporação muito exacerbado. Notei isso no tempo em que escrevia novelas. Se o autor coloca, por exemplo, um jornalista mau-caráter ou um médico desonesto como personagens, toda a classe se sente atingida. Na realidade, existem bons e maus profissionais em todas as áreas e se me deixar levar por isso me castro e não escrevo."

Há muito folclore em torno do autor de novela, assegura Manoel Carlos, 30 anos no ramo e autor de *Baila Comigo*. Sob um imenso gráfico quadriculado onde estão identificados os personagens que aparecem em cada capítulo, ele dedilha com rapidez sua IBM elétrica. Carlos não tem horário rígido para escrever. Quase sempre vara a madrugada e não tem domingo de folga: "Às vezes me deito às 11, acordo às três da madrugada, escrevo até as oito, nove. Durmo outra vez, acordo às duas, escrevo. É um trabalho de estivador." Semana passada, mais um pequeno imprevisto tirou o já conturbado sono do autor: Fernanda Montenegro, que faz um dos personagens principais, teve de viajar repentinamente para representar o Brasil no Festival de Cinema de Veneza. E Manoel Carlos foi obrigado a *escrever no escuro*, isto é, antecipar-lhe as cenas antes de os capítulos serem gravados.

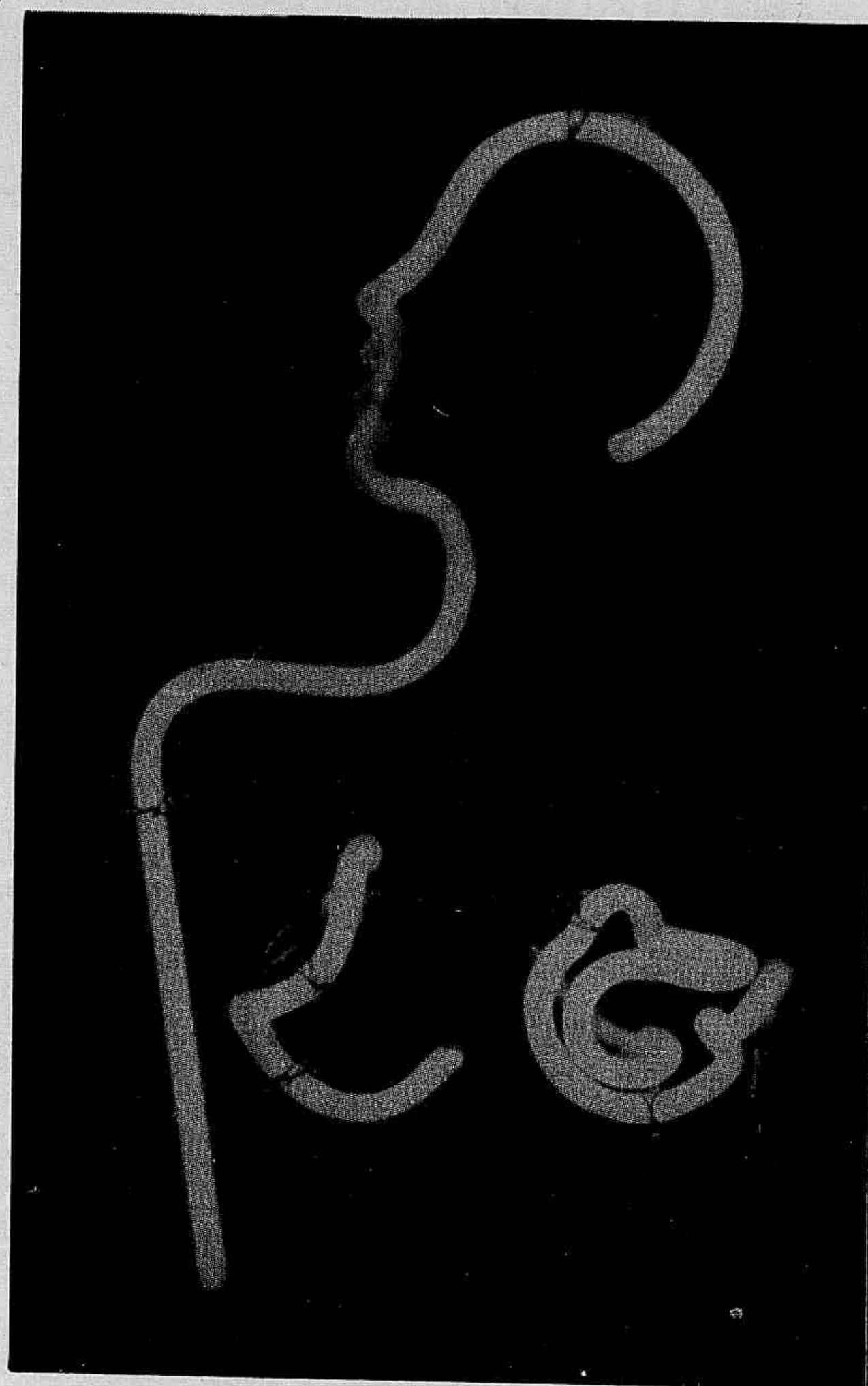
Sem nunca ter conhecido fracasso em quatro anos de TV Globo, Carlos pode cultivar certa inflexibilidade em relação às imposições externas:"Nunca *matei* ninguém, nunca afastei ninguém por não estar agradando ao público. Se fosse me guiar pelas imposições dos outros teria matado Mira Maia (Lídia Brondi) que até a semana passada me pediam para tirar da novela. Mas aguentei a mão. Ela também. A novela vai terminar com 163 capítulos, nos quais em 140 elas foi execrada por todos".

Alvos preferidos dos críticos que acusam as novelas de fantasiosas, alienantes e deturpadoras da cultura popular, os escritores de televisão são vistos pelo público como um mito — alguém que ganha régios salários, tem fama e prestígio. Para Benedito Ruy Barbosa, os salpicos dessa suposta glória só o atingem praticamente quando é cercado pelos telespectadores que indagam sobre os personagens e a história. Atualmente, com a novela *Os Imigrantes*, também nas cantinas italianas de São Paulo onde a comunidade peninsular abre-lhe garrafas de Chianti e oferece-lhe queijos. Não recebe grandes salários para seduzir os milhões de espectadores que tem a seu crédito todas as noites nas pesquisas de audiência. "Jamais um autor de novelas será pago como merece", diz seu colega Manoel Carlos. "Só quando receber percentagens dos lucros que dá a estação. Aí sim, será justo. Mas quando aceito fazer uma novela já sei de tudo, não há o que reclamar."

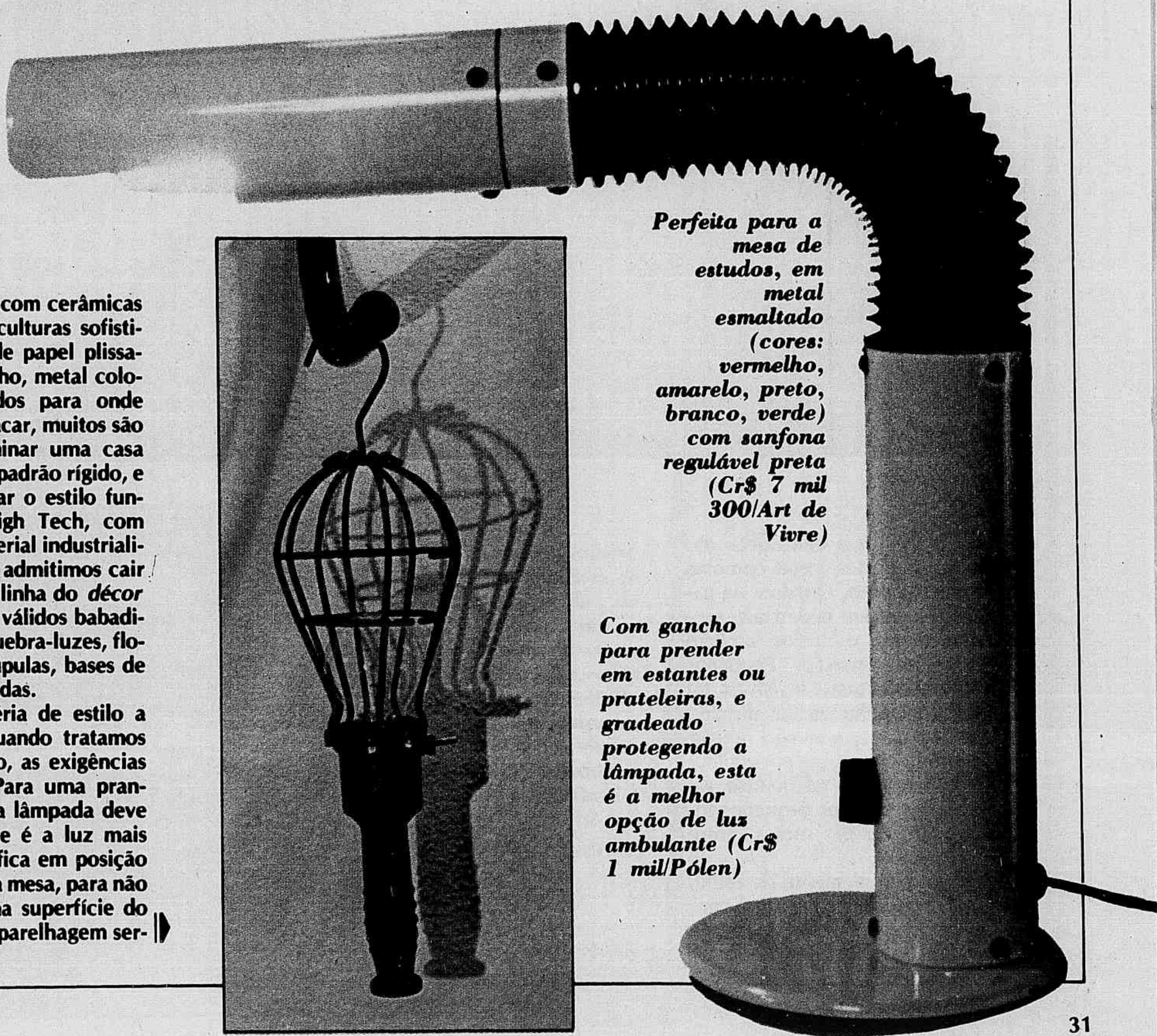
Exaustos, sofridos, *stressados* fazedores de sonhos? "Porque não", diz Janete Clair, "se o povo não tem ao menos o direito de sonhar, que povo infeliz". Irônico, Lauro Cesar Muniz completa: "Hércules não faria esse trabalho. Preferiria limpar estábulos.". ■

A LUZ FEITA EM CASA

IESA RODRIGUES
FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

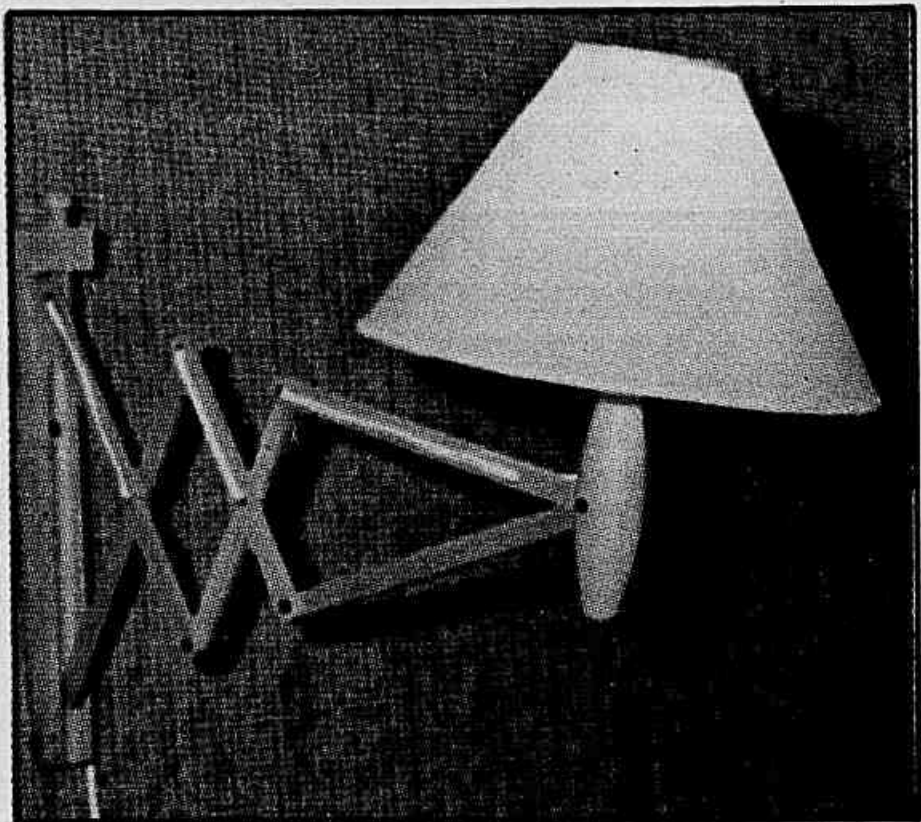
O modelo Girafa (em metal preto ou laranja) é ideal para mesas de estudo de quartos de criança. Usa lâmpada comum, incandescente (Cr$ 5 mil 750/Calandra)

Uma figura, um nome, uma forma abstrata, tudo pode ser feito em néon, por encomenda, em qualquer cor (este modelo, por Cr$ 43 mil/Pólen)

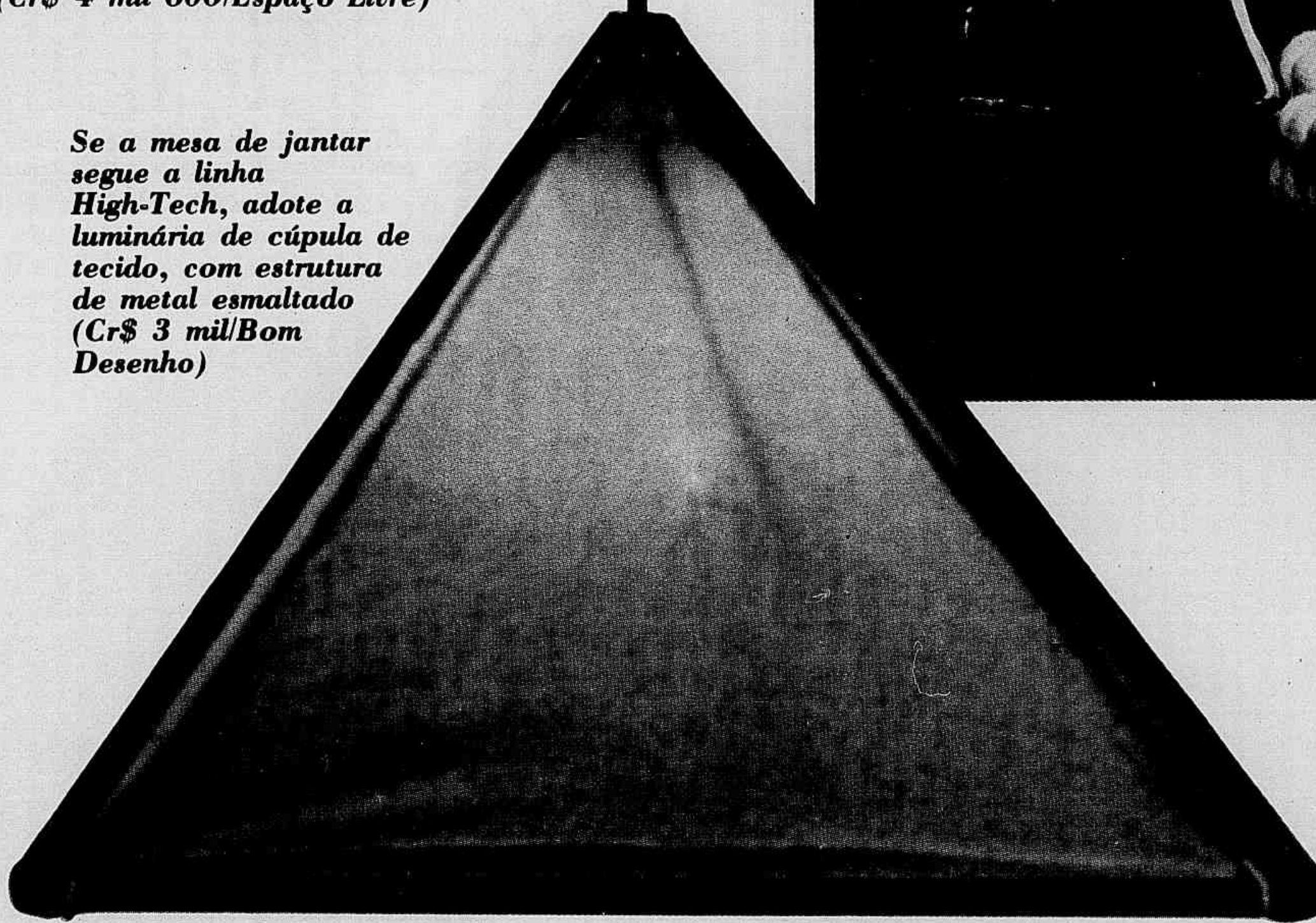
Spot versátil, preso a pregador de acrílico cristal, para circular pela casa toda (Cr$ 2 mil 400/Pólen)

Na linha artesanal, o grande abajur com base de cerâmica e cúpula de corda trançada (Cr$ 4 mil 950/Casaredo)

Perfeita para a mesa de estudos, em metal esmaltado (cores: vermelho, amarelo, preto, branco, verde) com sanfona regulável preta (Cr$ 7 mil 300/Art de Vivre)

Entre bases feitas com cerâmicas artesanais ou esculturas sofisticadas, cúpulas de papel plissado, tecido, pergaminho, metal colorido e focos dirigidos para onde existam peças a destacar, muitos são os métodos de iluminar uma casa atual. Não existe um padrão rígido, e tanto podemos adotar o estilo funcional e frio do High Tech, com objetos feitos de material industrializado, como também admitimos cair por inteiro na suave linha do *décor* romântico, onde são válidos babadinhos em pequenos quebra-luzes, flores miudinhas em cúpulas, bases de porcelana ou laqueadas.

Mas se em matéria de estilo a liberdade é total, quando tratamos de locais de trabalho, as exigências são mais técnicas. Para uma prancheta de arquiteto, a lâmpada deve ser halógena, porque é a luz mais forte e fiel. O foco fica em posição horizontal, paralelo à mesa, para não provocar manchas na superfície do trabalho. A mesma aparelhagem ser-

Com gancho para prender em estantes ou prateleiras, e gradeado protegendo a lâmpada, esta é a melhor opção de luz ambulante (Cr$ 1 mil/Pólen)

Em estilo rústico, mas com a tática funcional do gênero High Tech, o modelo com sanfona para prender na parede (Cr$ 4 mil 600/Espaço Livre)

Se a mesa de jantar segue a linha High-Tech, adote a luminária de cúpula de tecido, com estrutura de metal esmaltado (Cr$ 3 mil/Bom Desenho)

Uma estrutura em corda completa o grande abajur, que ilumina objetos e ambientação, com efeitos teatrais (Cr$ 45 mil/AMC)

ve para pianos, e a delicadeza das luminárias de hastes pretas combina com o instrumento. Quadros na parede, esculturas em pedestrais, santos barrocos em oratórios também pedem maior atenção. Pequenos *spots* de teto são quase invisíveis, tal é a força do facho de luz dirigido para os destaques; e se não houver lugar no teto, ou poucas possibilidades de rebaixamento adequados, escondem-se os mesmos pequenos focos no chão, ou em mesas, entre vasos de plantas.

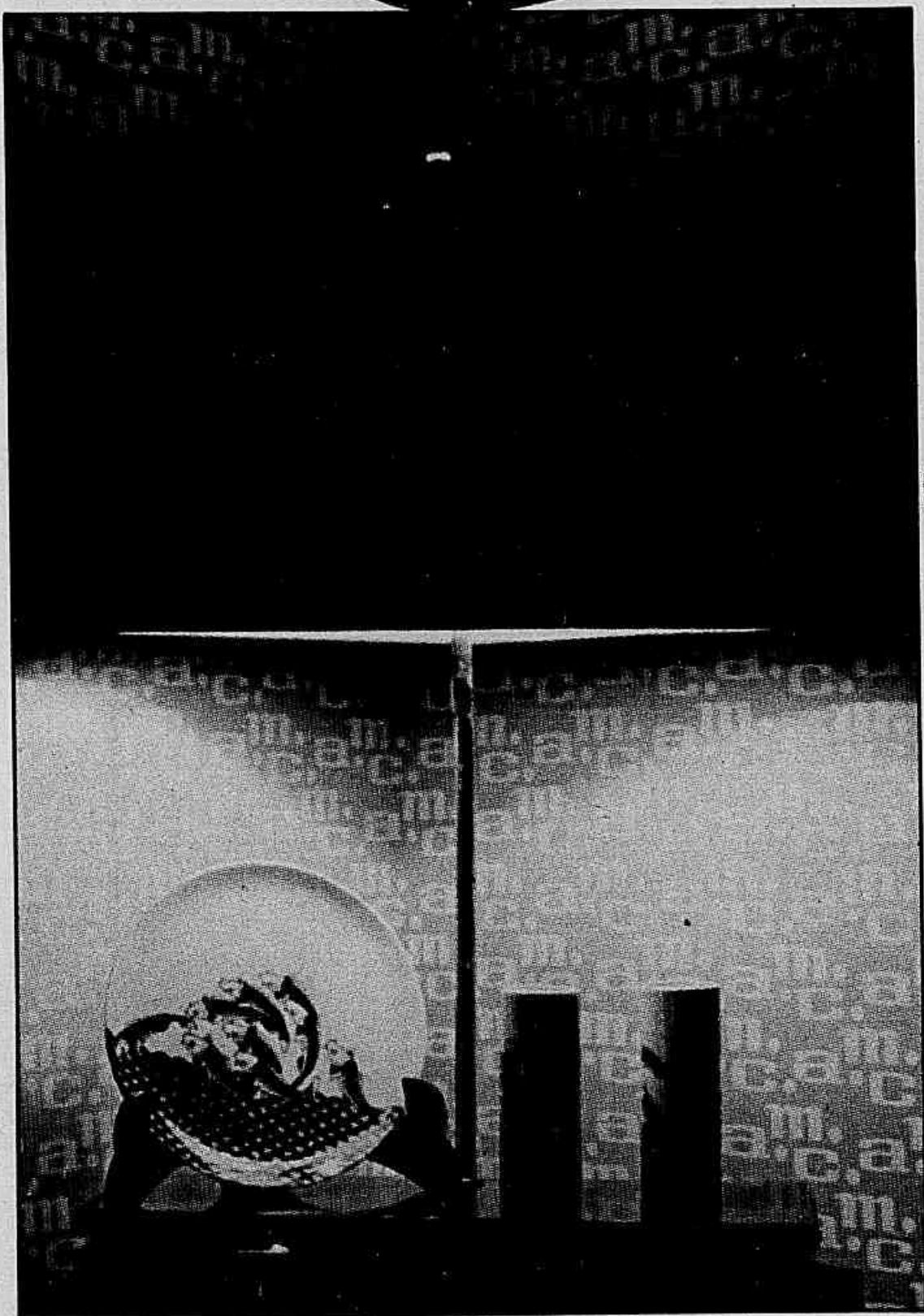
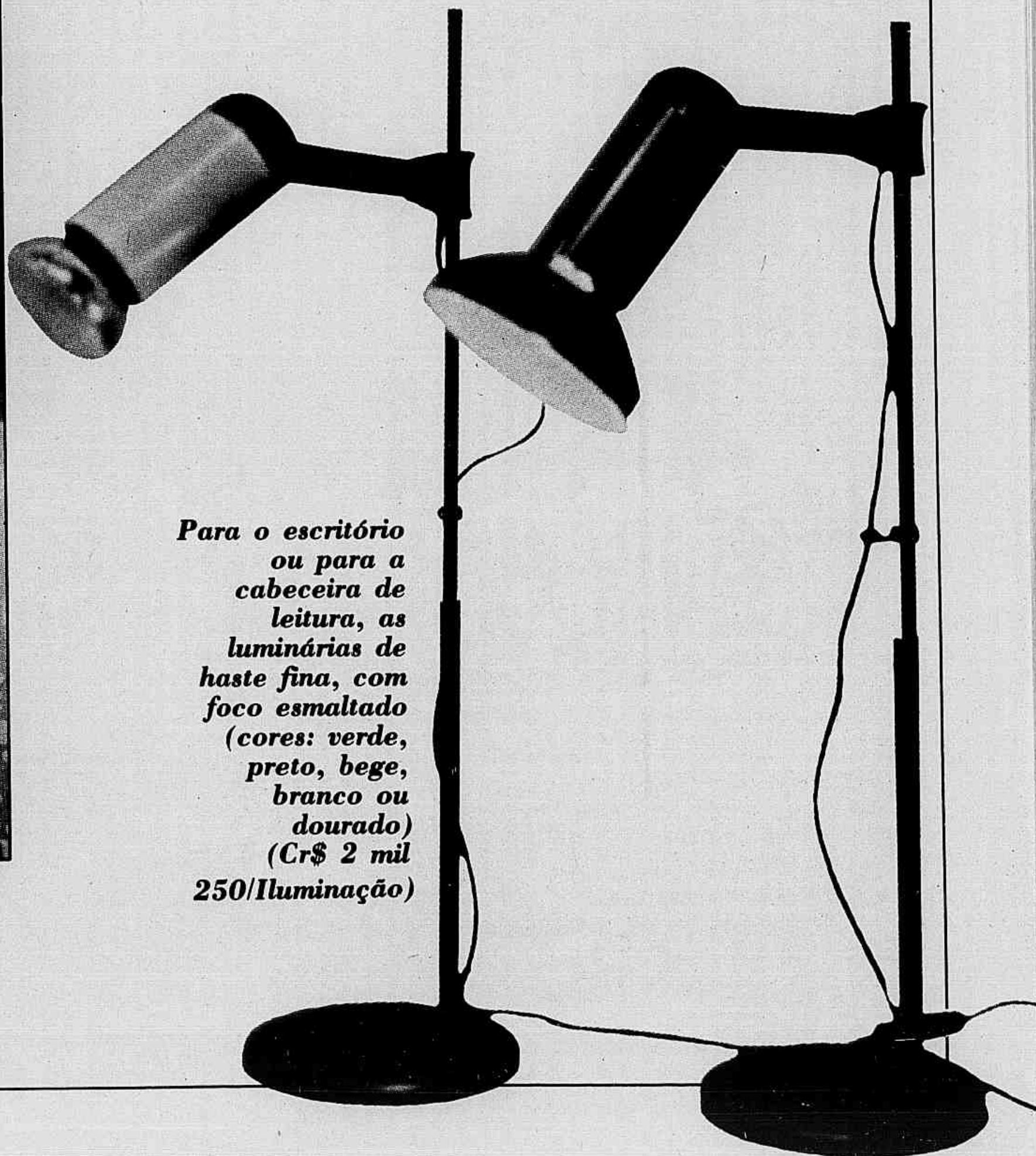
Além do complemento de estilo, e da funcionalidade, a luz atual também pode ser um ponto importante

Para os ambientes simples, a valorização certa, com o abajur de cúpula estampadinha, e base de cerâmica branca (Cr$ 4 mil 350, na Art de Vivre)

na casa. A própria base do abajur é trabalhada como obra de arte, integrando uma criação única à iluminação. Neste ponto, a escolha é tão vasta quanto grande é a criatividade dos artistas, indo desde o aproveitamento de antigos bustos de mármore, até o toque de vanguarda dos coloridos *néons*. ■

Onde encontrar

No Shopping Center da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 52) ficam as lojas Calandra, Espaço Livre, A.M.C. e Pólen. Em Ipanema está a Iluminação (Rua Visconde de Pirajá, 276). A Art de Vivre tem vários endereços: Rua Visconde de Pirajá, 580, sobreloja; no quarto andar do Shopping Rio-Sul; R. Barão de Ipanema, 32, e em São Paulo, na Alameda Franca, 1168 e na Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.234. A Casaredo também tem muitas lojas: na Barra, na Av. Armando Lombardi, 583, em Ipanema, na esquina das Ruas Teixeira de Melo com R. Prudente de Morais, R. Barata Ribeiro, 797 em Copacabana e R. Hadock Lobo, 373-B, na Tijuca.

A lâmpada halógena dá a luz certa para trabalhos em pranchetas, escrivaninhas, ou mesmo para iluminar as partituras de piano. A luminária Stilo é sempre preta, e vem com dimmer, *para graduar a intensidade da luz. (Cr$ 19 mil/Calandra)*

Para combinar com todos os tipos de ambiente, do mais moderno aos móveis e objetos de estilo, o abajur com base laqueada preta ou em tom sang-de-boeuf *(vinho) pode ter uma ou duas cúpulas (Cr$ 21 mil/AMC)*

Para o escritório ou para a cabeceira de leitura, as luminárias de haste fina, com foco esmaltado (cores: verde, preto, bege, branco ou dourado) (Cr$ 2 mil 250/Iluminação)

DOCE AO GOSTO E AOS OLHOS

A arte da *patisserie* ou confeitaria, já disse uma celebridade culinária, correspondeu à arquitetura; hoje este conceito se modificou, e, tanto gulosos como moderados preferem a qualidade da textura — que dependerá dos ingredientes — ao fogo de artifício visual. Mas uma sutil combinação das duas idéias pode render sobremesas deliciosas e ao mesmo tempo belas. A feitura de doces e tortas será talvez a atividade culinária que mais requer atenção às medidas. Este segredo de confeiteiro pode ser testado a partir das receitas de Severino Henrique de Matos, que no hotel Caesar Park do Rio trabalha sob a direção do *chef* Fred Meyer — e cria tentações como a Torta Floresta Negra e a Torta de Morango, fotografadas por Geraldo Viola, produção de Iesa Rodrigues.

TORTA FLORESTA NEGRA

Ingredientes: 100g de manteiga, 100g de açúcar, 2 colheres (chá) de Pó Royal, 2 colheres de açúcar *vanilla*, 4 ovos, 70g de amêndoas, 180g de chocolate amargo fatiado, 60g de chocolate em pó, 50g de farinha de trigo, 50g de maizena, 7 colheres (sopa) de kirsch, 500g de cerejas, meio litro de creme chantilly, 20g de glaçúcar, meio copo de leite.

Preparo: Bata a manteiga com açúcar, junte os ovos, acrescente aos poucos a farinha, a maisena, chocolate em pó, o fermento e o leite. Bata até obter massa cremosa. Unte uma forma redonda, polvilhe com farinha de trigo, coloque a massa e leve ao forno por 30 minutos, em temperatura média. Depois de assada, retire e deixe esfriar. Para o recheio: bata o creme com 100g de açúcar, corte as cerejas em pedaços, molhe-as no kirsch e junte-as ao creme. Para a montagem: Corte a massa em duas partes, regue-a com kirsch, recheie com o creme. Junte a outra parte da massa e cubra-a com molho de chocolate e de forma decorativa vá envolvendo com fatias de chocolate até cobri-la toda. Polvilhe com glaçúcar e sirva gelado.

TORTA DE MORANGO

Ingredientes: 150g de farinha de trigo, 150g de açúcar, 7 gemas, 7 claras em neve, 1 colher de manteiga derretida, 1 colher de chá de pó Royal, 100g de avelãs raladas, 100g de manteiga, 100g de glaçúcar, 2 colheres de maraschino, 1 caixa de morangos, 1 copo de molho de morango, 2 folhas de gelatina, 70g de amêndoas fatiadas.

Preparo: Bata o açúcar com as gemas, acrescente lentamente a farinha, o fermento e a avelã; vá batendo de modo que a massa não fique em ponto de liga, mexendo sempre acrescente a manteiga derretida; feito o que, não mexa mais. Acrescente as claras em neve. Unte uma forma, polvilhe, leve ao forno por 30 minutos em temperatura mínima. Creme: bater em batedeira a manteiga, juntar o glacúcar e o maraschino. Molho: junte o molho de morangos com a gelatina derretida, dê uma fervida e deixe esfriar. Montagem: corte a massa em duas partes, molho com o molho, recheie com o creme, alternando com os morangos já limpos. Junte a outra parte da massa e cubra toda a torta com o creme restante. Em cima, arme os morangos de forma decorativa, regue com o molho, polvilhe com as amêndoas fatiadas e sirva gelado.

Guia de Serviço

ADMINISTRADORA DE IMÓVEIS 005

AQUI NA "SUIÇA"
— Você encontra moradia digna por um preço justo. ALUGUEL/ ADMIN/ VENDA **Rua Visc. Pirajá, 580/ 321, 2394646.**

A SÉRGIO CASTRO — HÁ 32 ANOS
de Tradição, Experiência e Segurança. Administra seu imóvel, reajusta aluguéis, paga encargos. Assist. Jurídica especial. Cuida bem dos seus bens. **R. Assembléia, 40/ 12º — 224-8022 ABADI 32**

ADVOGADOS 015

A. RODRIGUES/ DORA GONÇALVES
Familia - Imobiliario - Contratos - Asses. Jurídica Inter. **R. Stª Luzia, 405 Gr. 22 - Tel. 220-7091.**

ESCRITÓRIO CLEMIR RAMOS —
Advogados especializados. Família, Civil e Tributário. **Av. Beira Mar, 406 gr. 1006. T. 220-7931.**

BUFFET-FESTAS 075

CARRETA TEATRO DE BONECOS
— Um Teatro diferente: Festas, Escolas, Clubs e fora do Rio. **Tels.: 268-3128 e 258-1501.**

DECORADORES 135

ABA FÁBRICA RÔLO PAINÉIS
— Painéis em estrutura de alumínio **273-9606/ 273-6250 A. Lobo, 100.**

CONSULTORIA DE DECORAÇÃO
— Sugestões, orientações, materiais, o que mudar, desenhos, etc. EQUIPE DE DECORAÇÃO, **tel. 226-1489, 295-8656 e 226-3395.**

TECIDOS - CORTINAS - TAPETES
— Vulcapiso/ Vulcatex. Financio. (Orçamento s/ compromisso). **273-0963.**

ELETRODOMÉSTICOS CONSERTOS 165

A ASSISTÊNCIA TÉCNICA ELNA (MÁQS COSTURA)
Conserta e reforma todos modelos c/ tudo orig de fábrica e garantia. **R. Fig Magalhães 219/ 305. Tel.: 236-1982**

A DOMICÍLIO CONSERTOS
— Fogões Geladeiras Máquinas de lavar Secar Brastemp Z/ Sul mesmo dia c/ garantia **Pr. Botafogo, 340 Loja 8 - T. 266-4390/ 266-3190/ 246-9145.**

MÁQUINA COSTURA CONSERTA-SE
— A domicílio, não cobramos visita **Tel: 229-1411**

TWEENY - TRITURADOR DE LIXO
— Assist. técnica **230-7396 (Rio) 011-549-4613 (SP)** e Fábrica **B. Hte. 031-335-0930.**

EMPREGADOS DOMÉSTICOS 168

ACERTE AQUELA EMPREGADA, BABÁ, ETC.
— Psicólogos selecionam sua empregada c/ segurança. **255-8802 — 236-3340 — 257-9784.**

IMÓVEIS CORRETORES 210

BATUIRA DE SOUZA / CRECI 190
— Há 24 anos especializado na venda de CASAS DE LUXO. **R. Visc. Pirajá, 595 Gr. 703. Tel.: 239-7196**

JARDINAGEM AGRICULTURA 220

GRAMA/ JARDINS/ TERRA
— Tapetes e placas. Fornecemos, plantamos e conserv. em todo RJ. Jardins e Gramados. Orç. **331-8477/ 331-1876. PAN-GRAMA.**

PERSIANAS CONSERTOS 275

A BADARÓ PERSIANAS
— Consertos, pinturas e novas **281-3533/ 2013237/ 281-4509.**

PISCINAS/SAUNAS PROJETO INSTALAÇÕES 277

AQUAFLOR — PISCINAS/ SAUNAS
— Carrefour 399-2249/ 399-7775, Show-Room-Recreio 327-8188, Jacarepaguá 392-7930, Ilha 393-8450.

CMG ENGENHARIA REP. JACUZZI
— Completo showroom de piscinas, banheiras de hidromassagem no Leblon à **Rua Conde Bernadote 26 lj. 112. T. 294-9595.**

SAUNASHOP
— Saunas e Hidromassagem. Instalações — Projetos — Shoping da Gávea. **R. Marquês São Vicente, 52 Lj. 343. Tel: 294-2043.**

SEGUROS 283

ARVEL CORRETORA DE SEGUROS
Opera todos os ramos Dir. Amon Velmovitsky **R. Carmo, 9/7º T. 232-6363, 224-4866.**

SOM-VIDEO SERVIÇOS 290

VHS — VIDEO CLUBE
— Filmes Aluguel/ Inst./ Assist. Téc. **Av. Copa, 978 S/L 212 — T.: 257-7599.**

Guia Médico

CIRURGIA PLÁSTICA 430

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Marco Aurélio - CRM 11.295 estetica. Reparadora. Queimaduras **Rua Santa Clara, 50 Sala 905. Te.: 257-0543.**

DR. FRANKLIN C. CARNEIRO
— Cirurgia estética e reparadora. **Copa, 257-7785 / Madureira 350-5499.**

INFORMAÇÕES E VENDAS:
Agências de Classificados do JORNAL DO BRASIL ou pelos Telefones **284-3737 e 234-4539**

FONOAUDIOLOGIA 455

FONOAUDIOLOGIA - IONA STROUGO
— Psicomotricidade, probls. fala, escrita, perceptivos e coord. motora. **Av. das Américas, 2.300 Bl. A Sl. 101. T: 399-3632/ 255-1953.**

ULTRA SONOGRAFIA 580

CLÍNICA ULTRA SONOGRÁFICA TIJUCA
— Rua Conde de Bonfim, 232 s/910. Marcar hora p/**tel.: 248-2597.**

DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 417/70 DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA E AS NORMAS EMANADAS DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA

A venda dos anúncios para o GUIA DE SERVIÇOS e para o GUIA MÉDICO só poderá ser feita pelas nossas Agências de Classificados ou pelos Tels. 284-3737, 234-4539 e 264-4422 ramais 350, 356, 383 e 354.
A nenhuma outra pessoa ou agência de publicidade foi autorizado, mesmo se utilizando do nome do JORNAL DO BRASIL, a fazer esta comercialização.

Horóscopo

Semana de 20 a 26 de setembro

MAX KLIM

Áries

(21/3 a 20/4)

Semana de indicações positivas. Notáveis possibilidades para o ariano. Vivência tranqüila, acerto nas decisões financeiras no princípio do período, com a Lua em sua casa astrológica. Na quinta-feira, cautela no trato pessoal. Sinais de insegurança e inconstância. Momento neutro para o relacionamento doméstico. Indicações positivas no campo amoroso. Saúde em fase de alguma melhora.

Touro

(21/4 a 20/5)

Dias de positividade marcante em termos profissionais. Boas indicações no campo financeiro, principalmente entre quarta e sexta-feiras. Apoio e ajuda de colega ou superior no trabalho. No setor doméstico, contudo, sua vivência poderá tornar-se difícil com a ocorrência de problemas com pessoas próximas. Trato sentimental neutro. Motive-se e aja com positividade. Saúde neutra.

Gêmeos

(21/5 a 20/6)

De maneira geral, os próximos dias se revelarão neutros para o geminiano. Procure atividades que lhe agradam e dedique a elas sua capacidade criativa. Um encontro casual, no início da semana, pode apresentar novo centro de interesse. Atividades de caráter pessoal com altos e baixos. Presença de parentes com alguma influência positiva. Com exceção de segunda e terça-feiras, clima negativo para o amor. Saúde boa.

Câncer

(21/6 a 21/7)

Dias de grande favorabilidade para o canceriano, que poderá durante a semana buscar novas ocupações, planejar e pleitear alterações em seu trabalho e arriscar-se em concursos e provas com boas possibilidades de êxito. Acontecimentos auspiciosos ligados a ganhos inesperados. Melhora financeira. Controle seu gênio, evitando posições irredutíveis e irrefletidas. Campo sentimental difícil. Saúde ligeiramente debilitada.

Leão

(22/7 a 22/8)

Com uma terça-feira adversa, em momento de fragilidade pessoal, principalmente na tomada de decisões importantes, o leonino viverá uma semana que, no final, lhe reservará indicações positivas. Trato neutro no campo de trabalho e nas finanças. Nestes dias, você poderá mostrar-se insatisfeito e altamente exigente em relação às suas condições de vivência diária. Procure o contato com a natureza. Saúde regular.

Virgem

(23/8 a 22/9)

Para o virginiano a semana poderá ser marcada por acontecimentos de pequena importância mas que representarão, em termos íntimos, momentos de particular significação. Cautela no trato com colegas e superiores. Evite, de terça-feira até o final do período, o trato com objetos de metal, fogo, assuntos militares ou intervenções cirúrgicas. Marte produz influências negativas. Saúde melhorando progressivamente.

Balança

(23/9 a 22/10)

Nesta semana, você deverá rever posições e alterar conceitos que têm dificultado seu relacionamento com pessoas próximas. Procure manter o equilíbrio natural do nativo de Libra. Aspectos benéficos no setor comercial e negócios com terra depois da quarta-feira. Clima de entendimento que envolverá positivamente parentes e pessoas de grande significação sentimental. Cautela com a saúde entre quarta-feira e sábado.

Escorpião

(23/10 a 21/11)

Uma disposição benéfica de Marte trará nesta semana aspectos favoráveis em quase todos os dias. Acerto em decisões profissionais. Lucratividade em investimentos e clima de aceitação pessoal. Cautela na quinta-feira em relação a pessoa próxima. Risco de atritos e aborrecimentos no contato com parentes e amigos. Saúde em fase positiva com exceção do domingo. Grande vitalidade e energia.

Sagitário

(22/11 a 21/12)

Período com indicações contraditórias para o sagitariano. Segunda-feira positiva em todos os aspectos. Mudança de clima de terça a quinta-feira, com desfavorabilidade em relação ao trabalho, finanças e trato pessoal. Intranqüilidade e insatisfação. Bons indícios no final do período. Contatos positivos com a família e no relacionamento amoroso. Conquistas e sucesso com o sexo oposto. Saúde em período benéfico.

Capricórnio

(22/12 a 20/1)

Fase de indicações astrológicas positivas em relação à sua vivência diária. Segunda-feira neutra, antecedendo período de boas realizações em termos profissionais e financeiros. Final de semana com lucros, alegria e sucesso pessoal. Resultado positivo em pendência ligada à Justiça. Bons aspectos quanto ao relacionamento íntimo e em família. Saúde em dias positivos quanto às suas condições gerais.

Aquário

(21/1 a 19/2)

Período astrológico em que o aquariano será diretamente influenciado por aspectos de favorabilidade para a condução e a solução de problemas profissionais, com grande valorização material. Debilidade financeira em todos os dias da semana. Clima de boa convivência com amigos e parentes. Aspectos contraditórios no campo amoroso. Procure ser mais constante. Saúde em fase de debilidade.

Peixes

(20/2 a 20/3)

Semana iniciada sob influência negativa de Mercúrio e Urano, posicionados de forma adversa em relação ao seu mapa astrológico. Procure agir com redobrada cautela em todos os assuntos neste período. Alterações benéficas de quinta-feira em diante, gerando clima propício. Aspectos muito positivos em relação ao trato doméstico e na vivência amorosa. Saúde que permanece com as boas indicações de período anterior.

PRA RECORTAR E GANHAR.

CUPOM DA COPA.

JB — INDÚSTRIAS GRÁFICAS LTDA. — AV. SUBURBANA Nº 301
RIO DE JANEIRO — RJ — CGC 42.125.484/0001-45

ESPANHA 82 OS GOLS DA COPA

VÁLIDO EXCLUSIVAMENTE PARA O SORTEIO DO DIA 23/09/81
QUEM MARCOU O 2º GOL DO BRASIL NO JOGO CONTRA O PERU NA COPA DE 70?

RESPOSTA: ....

NOME: ....

ENDEREÇO: ....

BAIRRO: .... CIDADE: .... ESTADO: ....

CEP: .... (CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO DA S.R.F. DO M.F. Nº 01/00/191/81)

Regulamento:
Responda a pergunta, preencha os claros ao lado, recorte este cupom e coloque em uma das urnas instaladas nas Agências de Classificados do Jornal do Brasil ou remeta para a Rede Bandeirantes, Canal 7, Rio de Janeiro, à Rua Álvaro Ramos, 492, e concorra ao sorteio de um carro Chevrolet Chevette Hatch - 68 HP, zero quilômetro, a ser realizado no próximo dia 23.09.81, às 21:00h, na Bandeirantes, Canal 7, Rio. Os cupons poderão ser enviados, manuscritos (em letra de forma) ou datilografados, sem implicar obrigação de aquisição de qualquer bem, direito ou serviço. O prêmio pode ser retirado até 180 dias após o sorteio.

82

Rede Bandeirantes Canal 7

JORNAL DO BRASIL

"Quem marcou o 2º gol do Brasil no jogo contra o Peru na Copa de 70?"

Responda esta pergunta neste cupom, preencha com o seu nome e endereço e coloque na urna em qualquer agência de classificados do Jornal do Brasil.

E concorra a um Chevette Hatch por semana.

Um Chevette Hatch por semana, inteiramente grátis.

E para você responder esta pergunta com segurança, fique de olho nas dicas do programa Espanha 82 - Gols da Copa, que vai ao ar de segunda à sexta-feira às 21:00h e sábado às 21:30h, na Bandeirantes Canal 7 - Rio e nas páginas de Esporte do Jornal do Brasil, diariamente.

Neste mesmo programa, às quartas-feiras, você vai assistir ao grande sorteio.

Um sorteio que pode dar a você um Chevette Hatch zerinho, zerinho. Estalando de novo. Mas para ganhar é preciso recortar. Então recorte, preencha, coloque na urna e torça. Porque nesta copa quem ganha é você.

Fora do Rio, envie o cupom para a Bandeirantes Canal 7 - Rio - Caixa Postal 700. E veja o resultado do sorteio nas páginas de esporte do Jornal do Brasil de quinta-feira.

Rede Bandeirantes Canal 7

JORNAL DO BRASIL

MM&C/Rego Monteiro

FOUR DE ASES. DESCULPEM

MIGUEL PAIVA

PÔQUER

Cinco jogadores em volta de uma mesa. Muita fumaça. Soa a campainha da porta. Um dos jogadores começa a se levantar.

— Aonde é que você vai? Ninguém sai.

Todos juntos:

— Ninguém sai. Ninguém sai.

— Bateram na porta. Eu vou abrir.

— A sua mulher não pode abrir?

— A minha mulher saiu de casa. Disse que era o pôquer ou ela.

— Só porque nós estamos jogando há duas semanas?

— Ela disse: ou os seus amigos saem ou eu saio.

— Ninguém sai. Ninguém sai.

A campainha soa outra vez. O dono da casa vai abrir, sob o olhar de suspeita de todos — É um garoto que se dirige a um dos jogadores.

— A mamãe mandou perguntar se o senhor vai voltar pra casa.

— Quem é a sua mãe?

— Ué. A minha mãe é a sua mulher.

— Ah, aquela. Diz que agora eu não posso sair.

— Eu trouxe uma merenda para o senhor.

— Epa. O golpe do sanduíche. Mostra!

— Vê se não tem uma seqüencia dentro.

— Não tem nada. Só mortadela.

— Examina a mortadela. Pode ser um ás.

— A mamãe também mandou pedir dinheiro.

Todos cobrem as suas fichas.

— Ninguém dá. Ninguém dá.

— Diz pra sua mãe que eu estou com um *four* de ases na mão. Como ninguém vai ser louco de querer ver meu jogo, a mesa é minha e nós estamos ricos.

— Se você tem four de ases na mão então tem sete ases no baralho porque eu tenho trinca.

— Diz pra sua mãe que o cachorrão falhou.

Toca o telefone. O dono da casa se levanta para atender.

— Mas o quê? Não se joga mais? Ninguém sai.

— Ninguém sai. Ninguém sai.

Apesar dos protestos, o dono da casa vai atender o telefone. Volta.

— Era a mulher do Ramiro dizendo que o nenê já vai nascer.

— Meu filho vai nascer. Tenho que ir lá.

— Ninguém sai.

— Ninguém sai. Ninguém sai.

— Mas é o meu filho...

— Você vai pro batizado. Joga.

• • •

Batem na porta. É uma senhora que se dirige a um dos jogadores.

— Vitinho...

— Mamãe...

— Há três semanas que você não sai dessa mesa, Vitinho.

— Ninguém sai. Ninguém sai.

— Eu trouxe uma camisa pra você trocar.

— Epa. O golpe da mãe. Já vi mãe trazer camisa com um fulhand na manga. Examina a camisa.

— Vitinho, eu também trouxe um bolo.

— Epa.

— Já vi muito bolo de mãe com recheio de três reis!

Abrem o bolo pra examinar.

— Quando é que você vai sair desse jogo, Vitinho?

— Ninguém sai. Sai a senhora.

— Espera aí. Na minha mãe mando eu. Quer sair no braço?

— Ninguém sai. Ninguém sai.

— Vamos jogar. De quanto é o bolo?

— Não dá pra ver. Tem pedaço de bolo em cima.

— Agora essa. Tem bolo no bolo. Vocês estão me saindo...

— Ninguém sai. Ninguém sai.

• • •

— Cadê meu sanduíche?

— Você não tinha jogado o sanduíche?

— E sanduíche é ficha?

— Estava no meio da mesa, eu peguei.

— Espera. Quem ganhou a última mesa fui eu. O sanduíche é meu.

— Desse jeito nós vamos ficar aqui a vida inteira.

— A vida inteira eu não posso.

— Só porque você está ganhando?

— Em 82 vai ter a Copa do Mundo na televisão e eu vou ver.

— Ninguém vai.

— Ninguém vai. Ninguém vai.

Toca o telefone. Um dos jogadores vai atender. Volta.

— O que era?

— Minha casa está pegando fogo. Quem é que joga?

Entra uma mulher.

— Preciso de dinheiro.

Todos tapam as fichas.

— Ninguém dá. Ninguém dá.

— Quem é que deixou essa mulher entrar?

— Como, quem é que deixou entrar? A casa é minha. Se alguém tem que sair, são vocês.

— Ninguém sai. Ninguém sai.

— O que é isso?

— É a porta. Vou abrir.

— Epa.

— Eu conheço o golpe da porta. Vai abrir com um par de noves e volta com um *four* de damas. Deixa as cartas.

O jogador que vai abrir a porta volta cercado por três homens.

— É a polícia.

— Bota o seis no baralho que vão entrar mais três.

— Não é melhor sair alguém?

— Ninguém sai.

— Ninguém sai. Ninguém sai.

• • •

— Acho melhor a gente marcar um dia para terminar...

— Novembro, 82. O dia das eleições.

— Se houver eleições.

— Se não...

— Ninguém sai. Ninguém sai.

CADERNO DE
QUADRINHOS

Nº287 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 20 de Setembro de 1981 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS
Charlie Brown e sua patota

por SCHULZ

A GENTE NÃO TEM ASAS, ENTENDE ?

AÍ, QUANDO ESSES CARAS MORAM EM PRÉDIOS ALTOS, O JEITO É USAR O QUE SE CHAMA DE "ELEVADOR"!

SÃO UNS CAIXOTES ENORMES CHEIOS DE BOTÕES...

VOCÊ APERTA UM BOTÃO E... SOBE !

UUPE!

APERTA OUTRO E DESCE...

UUPE!

6-28

MAS HÁ TAMBÉM UMAS TAIS "ESCADAS ROLANTES". BASTA VOCÊ FICAR DE PÉ E...

CLANC!

SABE DE UMA COISA ? É MUITO MELHOR A GENTE TER ASAS !

SCHULZ

ARCA dos BICHOS de Addison

SERIA UMA FESTA MARAVILHOSA...

... SE NÃO TIVESSEM EXAGERADO.

QUE E' ISTO? "SURPRESA AMERICANA"?...

UM PRATO VARIADO.

OS FEIJÕES VÊM DE BOSTON.

O MILHO VEM DE IOWA.

AS BATATAS VÊM DO MAINE.

FRANK JOHNSON 7-5

CAMARÕES DA LOUISIANA... CERVEJA DE MILWAUKEE...

Menu

E A SOBREMESA?

SORVETE E TORTA DE MAÇÃ...

... E DUM-DUM TOCANDO "GOD BLESS AMÉRICA".

CEBOLINHA

MAURICIO

MUITO BEM!

QUEM FOI QUE DEU NÓ NAS ORELHAS DO MEU COELHINHO?

FOI O CASCÃO!

FOI O CEBOLINHA!

SEU MENTILOSO! FOI VOCÊ!

VOCÊ!

GRRRRRR!

TUM

POW

POF

PAF

441

DESSA VEZ BANCAMOS OS *ESPELTOS*, HEIM, AMIGÃO?

DEMOS UM NÓ NAS ORELHAS DO COELHINHO E NÃO APANHAMOS DA MÔNICA!

FIM

WALT DISNEY MICKEY

NADA PARA FAZER!

VAMOS JOGAR, ALVINHO?

CERTO!

VOU JOGAR BOLA COM O ALVINHO.

NÃO VOLTE TARDE!

Distributed by King Features Syndicate.

SLAM!

ISSO E' MODO DE FECHAR A PORTA?

VOU CHAMÁ-LO DE VOLTA PARA UMA CONVERSINHA.

6-28

BAM!

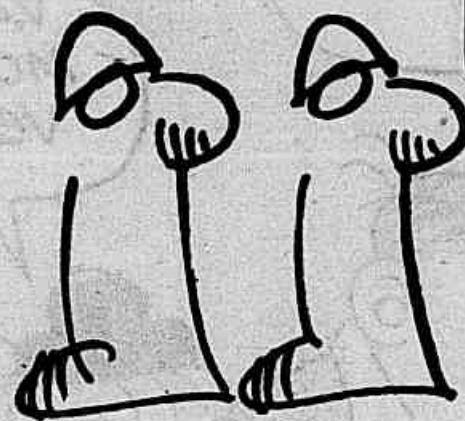
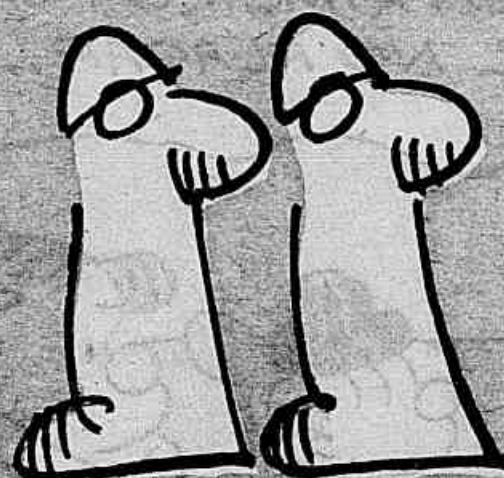
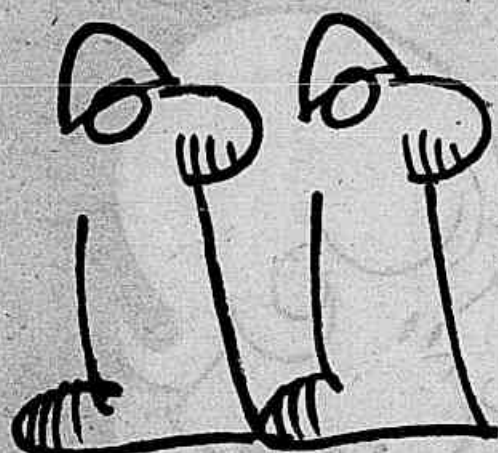
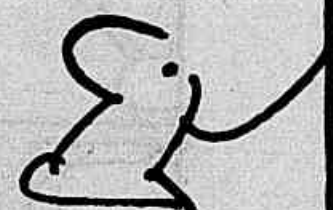
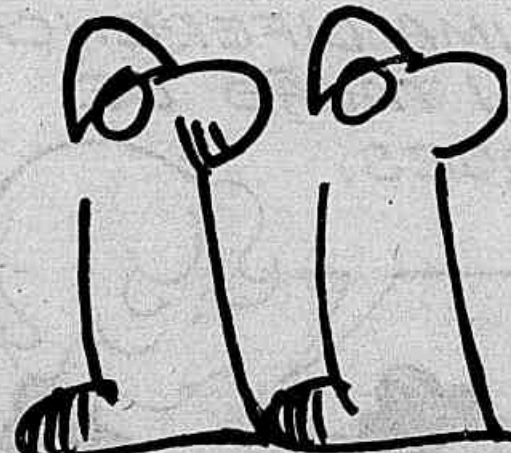
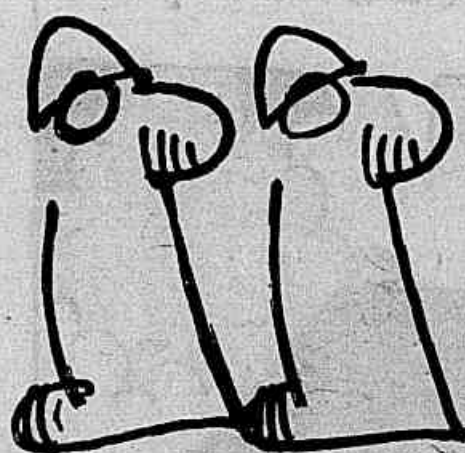
SINTO MUITO.

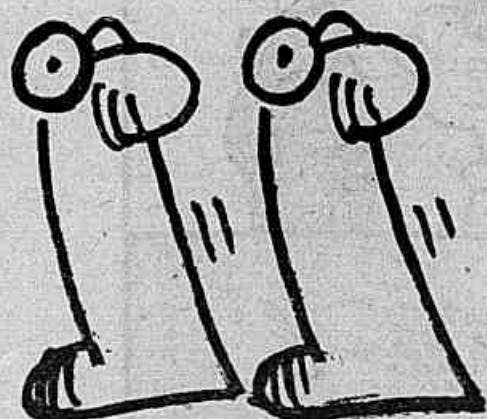
VOLTEI PARA ME DESCULPAR POR TER BATIDO A PORTA.

AS COBRAS

VERISSIMO

81-38

QUERO ME RECONCILIAR COM O SEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO.

ELE NÃO É TÃO HORROROSO ASSIM!

É ATÉ SIMPÁTICO

GRRRR

ACHOU QUE ERA IRONIA!

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

SERÁ QUE JÁ COMEÇOU O JOGO?
VAMOS VER.

A PARTIDA ESTÁ DURA, AMIGOS!
OBA... BEM NA HORA!

DEZ MINUTOS DO PRIMEIRO TEMPO... TUDO IGUAL NO PLACAR...

POSSO FALAR COM VOCÊS?

CLARO. QUE HOUVE?
ESTOU FAZENDO CONTAS E NÃO CONSIGO ENCONTRAR UMA DIFERENÇA NO MEU TALÃO DE CHEQUES.

E POR FALAR EM DINHEIRO, CHIP, QUANDO VAI DEVOLVER AQUELES 500,00 QUE LHE EMPRESTEI?

HÃ...
BEM, SE PUDER, GOSTARIA QUE DEVOLVESSE AGORA.

VOLTAREMOS APÓS ESTE INTERVALO COMERCIAL.

DIK BROWNE

7-5

Walt Disney

Winnie

VIU WINNIE, SIR BRIAN?.
NÃO SEI...
ESQUECI DE COLOCAR MEUS ÓCULOS!
NOSSA! O QUE ESTÁ FAZENDO?!
ESTOU APRENDENDO MÚSICA, PORQUINHO.
NÃO SABIA QUE VOCÊ GOSTAVA TANTO DE CONTRA-BAIXO...
OH, ESTÁ ENGANADO!
ESTOU APREN-DENDO PIANO!
ISTO É MEU LANCHE!

8-10

GARFIELD

Jim Davis

PAT
PAT
PAT

JIM DAVIS

PUNT!

6-7

FRANK e ERNEST

TRIM!
TRIM!

ALÔ?!

A SENHORA DISCOU O NÚMERO ERRADO!

HEM?! JÁ LHE MENTI ANTES? JÁ?!

THAVES 5-24

HORÁCIO

MAURICIO

PARECE QUE NEM OS "GUARDAS DE BLOCOS" ESTÃO CONCORDANDO EM "GUARDAR" OS NAPÕES NOS MONSTRUOSOS EDIFÍCIOS, POR VINTE ANOS!
O RESTO DA PATRULHA JÁ FUGIU, FAZ TEMPO, PARA AS MONTANHAS! E EU VOU ATRÁS!
CANSEI DE SER GUARDA DE BLOCO!
MAS... MAS...
!
...MAS ISSO É UMA TRAIÇÃO! E O CONTRATO QUE TODOS ASSINARAM? QUEM VAI CUIDAR PARA QUE SEJA CUMPRIDO?
EU RESPONDO POR ELE! EU MOREI NOS BLOCOS!
E NO CONTRATO, DIZIAM QUE TERÍAMOS TUDO QUE PRECISÁSSEMOS LÁ DENTRO!
E NÃO TINHAM?
TÍNHAMOS ÁGUA, COMIDA, LUZ, CALOR, MAS E A LIBERDADE?
SEM PORTAS DE SAÍDA, APENAS PODÍAMOS SONHAR COM A RELVA, OS LAGOS, AS MATAS DISTANTES!
DEPOIS DE DOIS DIAS, JÁ CONHECÍAMOS TODOS NOSSOS VIZINHOS... E DURANTE VINTE ANOS NÃO CONHECERÍAMOS MAIS NINGUÉM!
ENTÃO ACHAMOS QUE O CONTRATO QUE NOS PROMETIA TUDO TAMBÉM NÃO ESTAVA SENDO CUMPRIDO DO OUTRO LADO!
NÃO NOS ESTAVAM DANDO A LIBERDADE PARA NOVAS SENSAÇÕES, NOVOS CONHECIMENTOS!
566

POR ISSO RESOLVEMOS FUGIR!
O CONTRATO ESTÁ NULO!
VAMOS SEGUIR EM FRENTE! NÃO QUEREMOS ANDAR EM CÍRCULOS!
ACHO QUE NINGUÉM CONSEGUIRÁ SEGURÁ-LOS MAIS, AQUI!
E ALI VAI OUTRO GRUPO!
TODOS PARA AS MONTANHAS... PARA A AVENTURA DA VIDA!
OS BLOCOS VÃO FICAR VAZIOS!
NÃO! SEMPRE FICARÃO ALGUNS ACOMODADOS E MEDROSOS!
MAS EU NÃO SOU ASSIM! VAMOS ATRÁS DELES!
MAURICIO

CONTINUA

BELINDA

de YOUNG e RAYMOND

PA-PAI?

HMMM?

NÃO CONSIGO DORMIR... HÁ UM MOSQUITO NO MEU QUARTO!

TENTEI PEGÁ-LO, MAS NÃO CONSEGUI. O SR. ME AJUDA?

BZZZ-ZZZ

AÍ ESTÁ ELE.

BZZZZZZ

ESTÁ INDO PARA LÁ! ATRÁS DELE!

WHAP

O SENHOR ERROU DE NOVO!

WHAP

WHAP

BZZZ

FUGIU NOVAMENTE!

BZZZZZZZ

WHAP

TOME CUIDADO!

BZZZ

WHAP

VIVA! ELE ESTÁ FUGINDO!

OBRIGADO, PAPAI... AGORA CONSEGUIREI DORMIR.

KISS

BZZZ-ZZ

YOUNG RAYMOND 6-28

O MAGO DE ID
ESMAAAQUE
PARKER E HART
PLANC
PUXA, ZECA! VOCÊ DERRETEU MINHA ALIANÇA!
ALTEZA, ENCONTREI ESTA PEPITA DE OURO EM MEIO À MINHA PLANTAÇÃO DE BATATAS!
DEIXE-ME DAR UMA OLHADA!
OBRIGADO! ESTÁ LIBERADO!
RODNEY
ENTÃO, JÁ TERMINOU DE ARAR A TERRA?
CLARO!

RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
É ISSO AÍ, COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?

Daniel Azulay

O CIRCO LAMBE-LAMBE

MÁGICAS

VEJA COMO É SIMPLES COM UM PENTE ATRAIR PEDACINHOS DE PAPEL!...

TRUQUE:

É SÓ PASSAR O PENTE NO CABELO E DEPOIS SOBRE OS PEDACINHOS DE PAPEL!...

O QUE É O QUE É?

EM QUE LADO ESTÁ A ASA DA XÍCARA?

R: DO LADO DE FORA

CHIPANZÉ – É O MAIS ESPERTO E INTELIGENTE DOS MACACOS E, POR TER HÁBITOS PARECIDOS COM OS DOS HOMENS, É OBJETO DE MUITAS PESQUISAS.

TESTE: A MAIOR IDADE REGISTRADA ENTRE OS MACACOS É DE... a) 20 ANOS – b) 50 ANOS – c) 100 ANOS

JOGO DOS 5 ERROS

RESP: 1) LÂMPADA; 2) BICICLETA; 3) BOLINHA DO ROSTO; 4) POMPOM; 5) BRILHO DA CABEÇA.

SENHORAS E SENHORES! VAI COMEÇAR O ESPETÁCULO!

NA VIDA DO PALCO EU SINTO O PALCO DA VIDA!

SE REPRESENTAR É VIVER, EU SOU O MAIS VIVO DOS ARTISTAS!

É CLARO QUE DE VEZ EM QUANDO A GENTE CAI NA REALIDADE!

Daniel Azulay